



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROFESSOR
MARIANO DA SILVA NETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



MAYARA SOUSA FERREIRA

**BLOCO, CANETA E DIPLOMA NA MÃO:
história dos cursos de jornalismo no Piauí**

Volume 1

TERESINA-PI

2022

F383b Ferreira, Mayara Sousa
 BLOCO, CANETA E DIPLOMA NA MÃO: história dos
 cursos de jornalismo no Piauí Volume 1 / Mayara Sousa Ferreira.
 – 2022.
 570 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de
Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Teresina, 2022.

“Orientadora: Dra. Maria do Amparo Borges Ferro.”

1. Formação de professores. 2. Jornalismo – Piauí – História.
3. Prática educativa. I. Ferro, Maria do Amparo Borges. II. Título.
CDD 370.71

MAYARA SOUSA FERREIRA

BLOCO, CANETA E DIPLOMA NA MÃO:
história dos cursos de jornalismo no Piauí
Volume 1

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação. Linha de pesquisa: Formação Docente e Prática Educativa.
Orientadora: Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro

TERESINA-PI

2022

MAYARA SOUSA FERREIRA

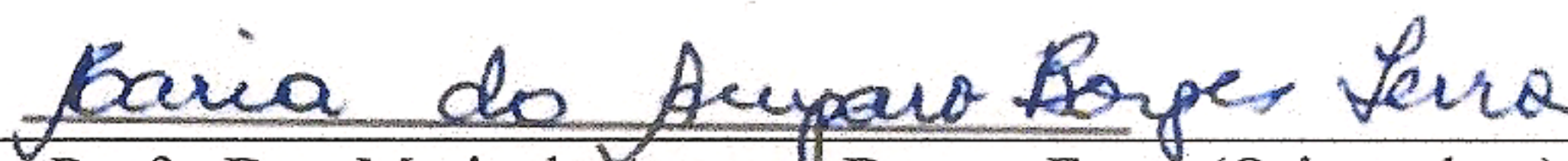
BLOCO, CANETA E DIPLOMA NA MÃO:

história dos cursos de jornalismo no Piauí

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação. Linha de pesquisa: Formação Docente e Prática Educativa.

Aprovada em 24/08/2022

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro (Orientadora)



Documento assinado digitalmente

MARIA DA GLORIA CARVALHO MOURA

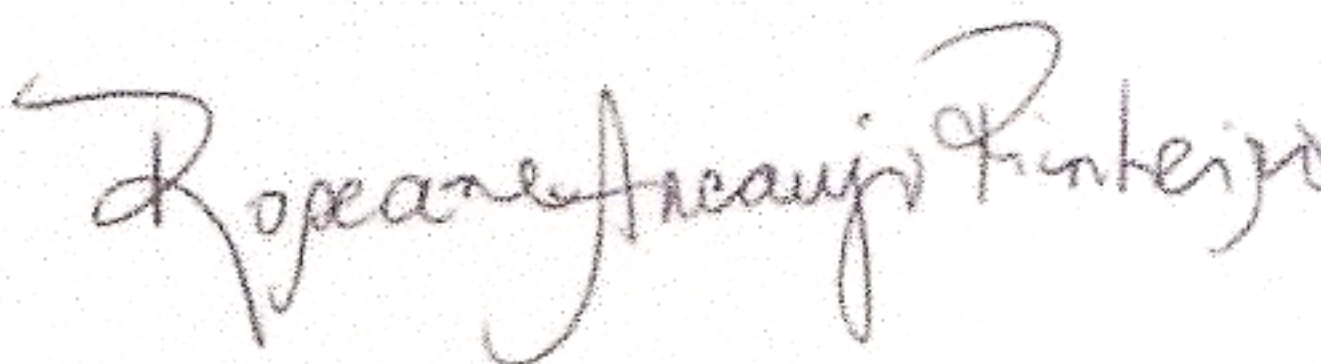
Data: 14/09/2022 08:38:53-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

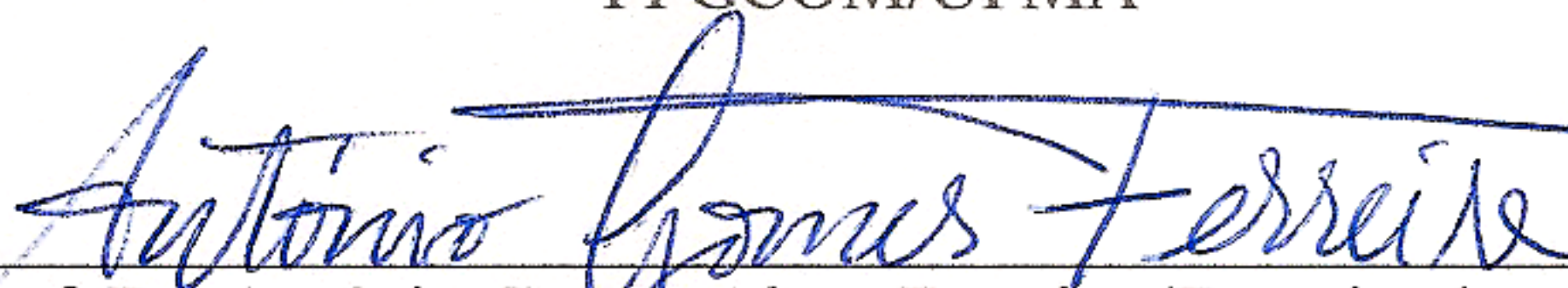
Profa. Dra. Maria da Glória Carvalho Moura (Examinadora interna)
PPGED/UFPI



Prof. Dr. Ednardo Monteiro Gonzaga do Monti (Examinador interno)
PPGED/UFPI



Profa. Dra. Roseane Arcanjo Pinheiro (Examinadora externa)
PPGCOM/UFMA



Prof. Dr. António Gomes Alves Ferreira (Examinador externo)
Universidade de Coimbra

À minha mãe, Marily Pacheco de Sousa Ferreira,
principal inspiração e influência para eu ser
estudante corajosa e professora feliz.

AGRADECIMENTOS

Na tentativa de marcar afetivamente um professor que nos marcou academicamente lá no início do doutorado, fomos instigados à tarefa de “musicar” a nossa fase. Escolhi “Dois cafés”, de Tulipa Ruiz, focada no “tem que correr, correr, tem que se adaptar...” – minha vida estava tipo isso mesmo, entre cansadas idas e vindas para estudar e trabalhar em cidades diferentes.

Mas aí, depois daquela aula, eu percebi que o melhor desse corre-corre era “ter algum motivo para se convencer que o tempo vai levar, que o tempo pode te trazer, que as coisas vão mudar, que as coisas podem se mexer. Vai ter que se virar para ficar bem mais normal. Vai ter que se virar para fazer o que já é bem melhor, menos mal, menos mal, mais normal”. Meu hoje, naquele dia, já era bem melhor mesmo. E muito! Meu hoje, agora, é ainda mais.

Sou grata pelos meus dias na Universidade Federal do Piauí, em Teresina, minha casa nas minhas pós-graduações *stricto sensu*. Seis anos, não consecutivos, bastante intensos, comumente doídos e cansativos, mas também imensamente felizes, leves e fluidos, especialmente os anos do doutorado, fase mais calma, madura e serena da minha vida, pelo menos em relação aos meus sentimentos. Estive mais disposta em focar na parte boa da jornada, ao invés de superestimar as aflições, os medos e as crises, como foi a maior parte do mestrado. Vivi dias lindos nesse espaço. A cada jornada de 10 horas corridas na UFPI, eu me sentia mais inteligente, mais realizada, mais plena. Até nos momentos solitários, o colorido das árvores do CCE me alegrou e me estimulou a perceber a fase boa que estava vivendo. Só posso ser grata!

Obrigada, comunidade acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação, entre colegas estudantes, professores e técnicos, por me fazer olhar para as coisas por novos ângulos, trocar as lentes, como na tarefa de musicar. Eu quero ser essa profa. que marca as pessoas como já fui e estou sendo marcada nesse programa. Foi uma excelente caminhada com esse grupo, desde o início!

É claro que os afetos que vivenciei na UFPI foram essenciais para que esse tempo fosse tão bom para mim. Minha querida profa. Amparo Ferro foi mais que orientadora. Foi calma, segurança e compassividade – suas características predominantes, na minha visão – sempre me oferecendo compreensão, além do que eu precisava na jornada de estudante e profissional em atuação na comunicação e na educação.

Através dela, vivi o NEHME. Nosso Núcleo de Pesquisa em Educação, História e Memória é amoroso e tranquilo. Viver o NEHME é oferecer e ganhar com as trocas semanais, é dividir pesos e acalmar a ansiedade, é acreditar no que fazemos e compartilhar isso. Em nome

de Marcelo Santos e Jamylle Alencar, minha gratidão ao grupo. Marcelo me ajudou com as definições e indefinições da pesquisa, no comecinho, auxiliando-me com os trâmites junto ao Comitê de Ética e Pesquisa e me dando dicas preciosas à investigação em história da educação. Jamylle foi minha companheira em dois estágios docentes e minha facilitadora na coleta de assinaturas nos documentos de pesquisa. Sempre dedicada e extremamente confiável. Ao dividirmos estágios e responsabilidades no grupo, aprendemos uma com a outra.

Minha turma deixou saudades no meu percurso de doutoramento, antes mesmo de ele acabar. Pessoas inteligentes e leves, com quem foi bom me encontrar quase diariamente nas aulas daquele primeiro ano, depois de viajar para estudar, e ao estudar para viajar de novo. Cada um de nós foi seguindo sua jornada, e que bom. Camila Siqueira, Caio Veloso e Telma Franco estarão sempre em meu coração, por suas sutilezas.

Meus agradecimentos às pessoas colaboradoras desta pesquisa: Jota Pereira, Ruthy Costa, Evandro Alberto, Edilene Ramos, Jaqueline Cardoso, Orlando Berti, Sônia Maria, Daniel Solon, Iury Campêlo, Jônathas Nunes, Laerte Magalhães, Eliezer Menda, Jacqueline Dourado, Cláudia Brandão e Genival Oliveira, por compartilharem seu tempo, sua atenção e suas lembranças comigo, ajudando-me a acessar memórias do presente sobre o passado, e a operar a história pelo ângulo que só as memórias orais permitem.

De forma especial, entre essas pessoas, obrigada aos professores que me permitiram conhecer suas histórias de vida para aprender com elas, dedicando mais tempo às conversas comigo e com o grupo, e à escrita no diário para partilha do que sabem, permitindo-se pensar e aprender mais sobre e com o próprio percurso.

Quero agradecer à professora Adriana Ferro Moura, que gentilmente me atendeu, respondendo a muitas de minhas dúvidas sobre a logística de organização das rodas de conversa, ajudando-me a pensar desde o convite aos professores participantes até o encontro virtual. Às minhas alunas, que me ampararam no processo de transcrição de 19 horas de material audível, entre entrevistas e rodas: Maria Aparecida Castro, com uma, Sheron Weide Ferreira, com muitas, e Mikaelly Nagyla da Silva Santos, com outras.

Agradeço também às pessoas que me facilitaram contatos e acesso a documentos essenciais à pesquisa: aos queridos professores Luís Carlos Sales e Eliana Marques, enquanto estiveram na direção do CCE/UFPI; ao amigo que o Mestrado em Comunicação me deu, Renan Marques, da CoordCom/UFPI; às professoras e, cada uma a seu tempo, coordenadoras do Curso de Jornalismo da Uespi/CPTN, Daiane Rufino e Samária Andrade; às professoras da Uespi/CPBA, Janaína Alvarenga, Lana Krisna e Thamyres Oliveira, diretora de campus, ex-coordenadora e coordenadora de curso em Picos; ao ex-professor da Uespi Marx Rodrigues; ao

egresso Otávio Veloso e à egressa da mesma IES, Maria Santana, por me cederem fotografias documentais que compõem seus acervos próprios.

Gratidão à Prefeitura de Picos, meu antigo local de trabalho, desde que estava no mestrado, e, com certeza, meu maior desafio profissional da vida, especialmente concomitante aos primeiros dois anos de doutoramento. Fez-me crescer como jornalista e como pessoa, impulsionou-me a aproveitar cada minuto de meus dias como estudante, em Teresina, aumentando a sede e a fome de aprender e de melhorar, mesmo que fosse com a atenção dividida. O prefeito Pe. Walmir Lima, meu chefe naqueles anos, oportunizou-me acreditar que eu não precisava escolher entre viver a maior oportunidade de trabalho como profissional da comunicação e me dedicar à meta de me tornar pesquisadora em constante crescimento. Confiou-me a gestão da comunicação e me compreendeu nos trabalhos a distância, facilitando minhas ausências físicas, quando das minhas constantes viagens para assistir às aulas. Minha equipe naqueles dois anos foi incrível, a quem agradeço nos nomes de Pedro Neto e Mateus Silva, meus braços e pernas na prefs, como eu costumava brincar.

Gratidão à comunidade que compõe meu Curso de Jornalismo, na Uespi/CPBA, por me compreender nesse tempo de professora-estudante em formação e atuação: com carinho especial, à afetuosa Liga Acadêmica de Jornalismo, Educação e Memória, que nasceu e cresceu junto com a minha caminhada no doutorado; e à minha amiga, companheira de trabalho e chefe imediata, Thamyres Oliveira, com quem sonho e vivo as branduras e agruras da docência em jornalismo, desde antes de sermos professoras. Aquém e além do trabalho, Thamyres faz da sua casa minha casa, desde o mestrado e no doutorado, firmando um ponto de apoio em Teresina, por isso, por extensão, agradeço também à sua querida família, nos nomes da sua mãe, minha tia Isabel, e do seu esposo, Fábio, que me deram abraços em forma de bons cafés com boas conversas.

Aos amigos Ruthy Costa e Íkaro Pinheiro pelas caronas, da minha casa, em Picos, à UFPI, em Teresina, com conforto e boa conversa. Aos meus amigos amados Marcos Valério e Clebson Lustosa, por me darem mais que hospedagem em meus dias em Teresina, mas também carinho e aconchego familiares, além de me ajudarem com toda a logística de pegar e levar coisas da pesquisa, como os convites aos profs para o café virtual, facilitando o toque afetivo da roda de conversa empregada como técnica nesta empreitada, documentos de pesquisa e outras tantas coisas. Toda vez que eu chegava em casa, depois de horas de aula e estudos, e era recebida com café ou chá à mesa, sentia-me reconfortada e acolhida. Acho que nunca encontrei palavras para descrever a minha gratidão.

Entre choros solitários e partilhados, minhas preocupações sempre foram repartidas com os que convivem comigo, na intenção quase insana de diminuir o peso, ao dividi-lo: minha amada família, meus pais, Alcides Ferreira e Marily Pacheco; meus irmãos; cunhadas; sobrinha; minhas queridas amigas Jaqueline Figueredo, Katsu Brandão e Eduarda Oliveira. Palavras de encorajamento e intercessões inestimáveis.

Ao meu marido, Sávio Magalhães, que sempre me estimulou a caminhar pelo universo que me faz feliz, o da academia, com muitos cafés para espantar o sono e animar as tardes de estudo e com uma inabalável crença em mim, especialmente quando eu temia arriar nos confrontos dos estudos com o(s) trabalho(s). Além do apoio afetivo, efetivo, pois me ajudou com suas habilidades de produção audiovisual, gravando em áudio e vídeo as primeiras entrevistas, e empregou tempo em garimpar minha lista de documentos no grandioso mundo da *internet*. Apoio e ação.

Acima de todos, agradeço ao meu Senhor Jesus Cristo, ao Espírito Santo e ao meu Deus Pai, por me guardarem, guiarem, conduzirem e encorajarem. Se a orientação é de que “tudo o que fizerem, seja em palavra ou em ação, façam-no em nome do Senhor Jesus, dando por meio dele graças a Deus Pai” (Colossenses 3.17), assim seja. Do ordinário ao extraordinário, Deus, a quem eu entrego a honra de concluir esse curso e de me tornar doutora.

Durante esse processo, esforcei-me para não deixar de perceber, em momento algum, o quão importante foram a jornada, as fases, as memórias construídas dia a dia, as pessoas partilhadas, muito mais que a linha de chegada. Foi isso que me fez forte e determinada o suficiente para estar em um lugar, antes, intransponível para mim, mas ousadamente alcançado. Com este trabalho, finalizo uma etapa importante e alcanço um grande objetivo. E não o faço sozinha, jamais faria. Muito obrigada, especialmente, aos meus.

Quero que me trajetória inspire outras pessoas. Desejo até mais. Pretendo encorajar jovens que vêm de contextos e realidades semelhantes às minhas, aparentemente, de poucas oportunidades. Caminho devagar, perdendo-me e me encontrando em ousadias que parecem demais para mim, e que, de fato, são. Em nome desse propósito, encorajei-me a fazer esse percurso transformador.

Por tudo isso, a “Dois cafés” ganhou novo significado para mim. Desde aquela aula, em 2019, funciona como gatilho de memórias sobre o doutorado. Agora, minhas lembranças sobre o que já é passado puxam um futuro possível. Nessa batida, meu foco vai para as possibilidades: “Daqui pra frente o tempo vai poder dizer, se é na cidade que você tem que viver pra inventar família, inventar um lar, ter ou não ter, ter ou não ter, ter ou não o tempo todo livre pra você”. Tenho escolha. Um dia, meu sonho se tornou meta, agora, transforma-se em realidade.

Meu sonho é, um dia, libertar essa gente. Libertar porque, embora não saibam, são prisioneiros. Estão aprisionados em seu medo, silenciados em seu protesto, achando que a vida que têm não pode ser melhorada. Quero libertá-los para dar-lhes direito ao sonho, mas não o sonho que só se sonha, mas aquele outro que é meta e que, buscado com sofreguidão e luta, transforma-se em realidade. Sou um caçador de palavras porque são elas com certeza que poderão cortar as grades que aprisionam essa gente em seu mundo.

Paulo Freire

FERREIRA, Mayara Sousa. **Bloco, caneta e diploma na mão: história dos cursos de jornalismo no Piauí.** 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, 2022.

RESUMO

A presente pesquisa situa-se no campo da história da educação e aborda a especificidade dos cursos de jornalismo no Piauí. O ponto de partida é a questão-problema: como as práticas educativas e os processos de formação docente articulam-se na história e memória dos cursos de jornalismo do Piauí? Tem por objetivo geral historiar os cursos de jornalismo do Piauí, a partir de narrativas memorialísticas sobre práticas educativas e processos de formação docente. De forma específica, propõe-se: **1.** descrever as práticas educativas na história e memória dos cursos públicos de jornalismo nesse estado (1984-2021); **2.** verificar como se deram os processos formativos nas trajetórias de vida de professores de jornalismo que atuam ou atuaram no território piauiense de 1984 a 2021; **3.** compreender as implicações da formação docente nas suas práticas educativas para o processo de consolidação dos cursos; **4.** relacionar as trajetórias formativas de professores jornalistas com as práticas educativas na história e memória dos cursos. A tese levantada é de que as práticas educativas e a formação docente se articularam na história e memória dos bacharelados em jornalismo do Piauí, na medida em que as trajetórias desses cursos se relacionam às trajetórias formativas dos professores, dos investimentos e construções pessoais e profissionais ao processo de consolidação do campo científico pela cotransformação das pessoas e das práticas. Para o desenvolvimento do trabalho, as categorias teóricas estão centradas, principalmente, na história cultural, pautada em Burke (1992, 2008), Chartier (2002, 2017), Le Goff (2013) e Certeau (2017); nas práticas educativas, pelas contribuições de Kosik (2002), Vásquez (2007), Macário (2013), Saviani (2015), Freire (2005, 2013, 2015, 2016, 2019), Antunes (2014), Libâneo (2011, 2012); e na formação docente, a partir de Ibernón (2016), Pacheco e Flores (1999), Tardif (2014) e Nóvoa (1995). Já as categorias metodológicas são: história oral, com Benjamim (1987), Thompson (2002), Meihy (2013) e Alberti (2013, 2019), principalmente; e história de vida, com Nóvoa (1995), Huberman (1995), Moita (1995) e Abrahão (2004). Trata-se de uma pesquisa narrativa, de campo e documental, em níveis descritivo e explicativo, com abordagem qualitativa. O processo de produção de dados está dividido em: história oral temática, com 12 entrevistas semiestruturadas; e história oral de vida de seis professores de jornalismo, a partir de entrevistas biográficas, roda e registro (WARSCHAUER, 2017a, 2017b, 2017c). Para interpretação e tratamento dos dados, utiliza-se a análise cruzada (THOMPSON, 2002), e a análise de conteúdo categorial (BARDIN, 2016). Através das narrativas orais pode-se caracterizar a história dos cursos de jornalismo no Piauí, entendendo suas fases e transmutações como correlacionadas à formação docente e às suas práticas educativas, desde a criação do primeiro curso até a contemporaneidade. Assim, a análise de vestígios de memórias aponta a confirmação da tese. A formação continuada em programas de pós-graduação, após o ingresso na docência, transforma os professores e, conseqüentemente, suas práticas. Além do ensino, os cursos passam a desenvolver pesquisas, dando uma nova feição à formação em jornalismo, com desenvolvimento do caráter científico. O crescimento da produção intelectual sobre a comunicação e o jornalismo está relacionado ao desenvolvimento dos intelectuais, especialmente como resultado do processo de formação continuada em cursos de mestrado e doutorado.

Palavras-chave: Formação de Professores Jornalistas; História do Jornalismo no Piauí. Memórias dos Bacharéis Jornalistas. Prática Educativa no Curso de Jornalismo.

FERREIRA, Mayara Sousa. **Notepad, Pen and Graduate diploma in hand: History of Journalism courses in Piauí**. 2022. Thesis (Doctorate in Education) –Federal University of Piauí, Teresina-PI, 2022.

ABSTRACT

The present research lies in the field of History of Education and it approaches the specificity of Journalism courses in the state of Piauí. The starting point is the question-problem: how are the educational practices and the processes of teacher-training articulated in the history and memory of the Journalism courses in Piauí? Its general goal is to operate history regarding the Journalism courses in Piauí, based on memorial narratives about educational practices and teacher-training processes. Specifically, it proposes to: 1. describe the educational practices in the history and memory of the Journalism public courses in this state (1984-2021); 2. verify how the formative processes took place in the life trajectories of Journalism Professors who work or have worked in the territory of the state of Piauí from 1984 to 2021; 3. understand the implications of teacher training in their educational practices for the process of consolidation of the courses; 4. relate the formative trajectories of Journalism Professors with the educational practices in the history and memory of the courses. The thesis that rises from this research is that the educational practices and the teacher-training are articulated in the history and memory of the baccalaureate courses in Journalism in Piauí as far as the trajectories of these courses are related to the teachers' educational trajectories, from the investments and personal and professional constructions to the consolidation process of the scientific field through the co-transformation of people and practices. For the development of this work, the theoretical categories are mainly centered on cultural history, based on Burke (1992, 2008), Chartier (2002, 2017), Le Goff (2013) and Certeau (2017); in educational practices, by the contributions of Kosik (2002), Vásquez (2007), Macário (2013), Saviani (2015), Freire (2005, 2013, 2015, 2016, 2019), Antunes (2014), Libâneo (2011, 2012); and in teacher education, of Ibernón (2016), Pacheco and Flores (1999), Tardif (2014) and Nóvoa (1995). The methodological categories are: oral history, with Benjamim (1987), Thompson (2002), Meihy (2013) and Alberti (2013, 2019), mainly; and life history, with Nóvoa (1995), Huberman (1995), Moita (1995) and Abrahão (2004). This is a narrative, field and documentary research, at descriptive and explanatory levels, with a qualitative approach. The data production process is divided into: thematic oral history, with 12 semi-structured interviews; and oral life history of six Journalism Professors, from biographical interviews, conversation wheel and record (WARSCHAUER, 2017a; 2017b; 2017c). For the interpretation and treatment of the data, cross-analysis (THOMPSON, 2002), and categorical content analysis (BARDIN, 2016), are used. Through the oral narratives, it was possible to characterize the history of Journalism courses in Piauí, and understand their phases and transmutations correlated to teacher training and their educational practices, from the creation of the first course to contemporaneity. Thus, the analysis of traces of memories points to the confirmation of the thesis. The continuing education in graduate programs, after entering the teaching profession, transforms the teachers and, consequently, their practices. Besides teaching, the courses begin to develop research, giving a new feature to the formation in Journalism, with the development of the scientific character. The growth of intellectual production on communication and Journalism is related to the development of intellectuals, especially as a result of the process of continuing education in master's and doctorate courses.

Keywords: Training of Journalists Teacher; History of Journalism of Piauí; Memories of Bachelors Journalists; Educational Practices of Journalism.

FERREIRA, Mayara Sousa. **Bloc de notas, bolígrafo y diploma en mano: historia de los cursos de periodismo en Piauí.** 2022. Tesis (Doctorado em Educación) – Universidad Federal do Piauí, Teresina-PI, 2022.

RESUMEN

La presente investigación se sitúa en el ámbito de la historia de la educación y aborda la especificidad de los cursos de periodismo en Piauí. El punto de partida es la pregunta: ¿cómo se articulan las prácticas educativas y los procesos de formación de profesores en la historia y la memoria de los cursos de periodismo en Piauí? Su objetivo general es historiar los cursos de periodismo en Piauí, a partir de narrativas memorialistas sobre las prácticas educativas y los procesos de formación de los profesores. En concreto, se propone 1. describir las prácticas educativas en la historia y memoria de los cursos públicos de periodismo en este estado (1984-2021); 2. verificar cómo se dieron los procesos formativos en las trayectorias de vida de los profesores de periodismo que actúan o actuaron en el territorio piauiense de 1984 a 2021; 3. comprender las implicaciones de la formación del profesorado en sus prácticas educativas para el proceso de consolidación de los cursos; 4. relacionar las trayectorias formativas de los profesores de periodismo con las prácticas educativas en la historia y memoria de los cursos. La tesis planteada es que las prácticas educativas y la formación de profesores se articulan en la historia y la memoria de los cursos de licenciatura en periodismo en Piauí en la medida en que las trayectorias de estos cursos se relacionan con las trayectorias formativas de los profesores, con las inversiones y construcciones personales y profesionales al proceso de consolidación del campo científico por la cotransformación de personas y prácticas. Para el desarrollo del trabajo, las categorías teóricas se centran principalmente en la historia cultural, a partir de Burke (1992, 2008), Chartier (2002, 2017), Le Goff (2013) y Certeau (2017); en las prácticas educativas, a través de las aportaciones de Kosik (2002), Vásquez (2007), Macário (2013), Saviani (2015), Freire (2005, 2013, 2015, 2016, 2019), Antunes (2014), Libâneo (2011, 2012) y en la formación del profesorado, a partir de Ibernón (2016), Pacheco y Flores (1999), Tardif (2014) y Nóvoa (1995). Las categorías metodológicas son: historia oral, con Benjamin (1987), Thompson (2002), Meihy (2013) y Alberti (2013, 2019), principalmente; y la historia de vida, con Nóvoa (1995), Huberman (1995), Moita (1995) y Abrahão (2004). Se trata de una investigación narrativa, de campo y documental, a nivel descriptivo y explicativo, con un enfoque cualitativo. El proceso de producción de datos se divide en: historia oral temática, a 12 entrevistas semiestructuradas; e historia oral de vida de seis profesores de periodismo, a partir de entrevistabiográficas, rueda y registro (WARSCHAUER, 2017a; 2017b; 2017c). Para la interpretación y el tratamiento de los datos se utiliza el análisis cruzado (THOMPSON, 2002), y el análisis de contenido categórico (BARDIN, 2016). A través de las narrativas orales fue posible caracterizar la historia de los cursos de periodismo en Piauí, comprendiendo sus fases y transmutaciones correlacionadas con la formación de los profesores y sus prácticas educativas, desde la creación del primer curso hasta la contemporaneidad. Así, el análisis de las huellas de los recuerdos apunta a la confirmación de la tesis. La formación continuada en programas de postgrado, tras el acceso a la profesión docente, transforma a los profesores y, en consecuencia, sus prácticas. Además de la enseñanza, los cursos comienzan a desarrollar investigaciones, dando una nueva forma a la formación en periodismo, con el desarrollo del carácter científico. El crecimiento de la producción intelectual sobre comunicación y periodismo está relacionado con el desarrollo de los intelectuales, especialmente como resultado del proceso de formación continuada en cursos de maestría y doctorado.

Palabras clave: Formación de Professores de Periodistas; Historia del Periodismo em Piauí; Memórias de Periodistas Licenciados; Práticas Educativas em Curso de Periodismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Infográfico 1 –	Mapa da metodologia da pesquisa.....	47
Infográfico 2 –	Usos da história oral na pesquisa.....	62
Infográfico 3 –	Eixos temáticos das rodas e registros.....	69
Fotografia 4 –	Convite aos professores para o café virtual.....	70
Fotografia 5 –	Kit-convite aos professores para o café virtual.....	70
Fotografia 6 –	Professor Francisco Laerte Juvêncio Magalhães.....	87
Fotografia 7 –	Professor Francisco Laerte Juvêncio Magalhães.....	87
Fotografia 8 –	Professor Francisco Laerte Juvêncio Magalhães.....	87
Fotografia 9 –	Professor Laerte Magalhães em recepção aos calouros.....	92
Fotografia 10 –	Professores apresentam grupos de pesquisa aos estudantes.....	92
Fotografia 11 –	Homenagem do grupo de pesquisa ao professor Laerte Magalhães.....	93
Fotografia 12 –	Homenagem do grupo de pesquisa ao professor Laerte Magalhães.....	93
Fotografia 13 –	Professora Jacqueline Lima Dourado.....	95
Fotografia 14 –	Professora Jacqueline Dourado em atividades do PPGCOM/UFPI.....	104
Fotografia 15 –	Professora Jacqueline Lima Dourado em palestra a calouros.....	105
Fotografia 16 –	Lançamento de revista produzida com estudantes.....	105
Fotografia 17 –	Lançamento de livro no SALIPI 2017.....	105
Fotografia 18 –	Professor e reitor Evandro Alberto de Sousa.....	107
Fotografia 19 –	Estudante Evandro Alberto.....	109
Fotografia 20 –	Estudante Evandro Alberto.....	109
Fotografia 21 –	Evandro em práticas de rádio, em Campina Grande.....	110
Fotografia 22 –	Professor Evandro com estudantes de jornalismo, em 2003.....	112
Fotografia 23 –	Professores e coordenadores de cursos e diretora de campus, em 2007.....	112
Fotografia 24 –	Evandro Alberto de Sousa em atuação como diretor de <i>campus</i>	115
Fotografia 25 –	Evandro Alberto de Sousa em atuação como diretor de <i>campus</i>	115
Fotografia 26 –	Professor Daniel Vasconcelos Solon.....	116
Fotografia 27 –	Daniel (centro) com o pai, Luís, e o irmão, Fernando, na década de 1980.....	117
Fotografia 28 –	Daniel com o pai.....	117
Fotografia 29 –	Daniel Solón em sarau do movimento SOS Uespi na Uespi/CPBA...	124

Fotografia 30 –	Daniel Solón em sarau do movimento SOS Uespi na Uespi/CPBA...	124
Fotografia 31 –	Daniel Solon participando de manifestações, em 2019.....	125
Fotografia 32 –	Daniel Solon participando de manifestações, em 2019.....	125
Fotografia 33 –	Daniel em aula de campo em uma ocupação de famílias sem-teto, em Teresina.....	126
Fotografia 34 –	Professora Sônia Maria dos Santos Carvalho.....	128
Fotografia 35 –	Sônia Maria na infância.....	129
Fotografia 36 –	Sônia Maria na juventude.....	129
Fotografia 37 –	Colação de grau de Sônia.....	134
Fotografia 38 –	Aulas da professora Sônia Carvalho.....	139
Fotografia 39 –	Aulas da professora Sônia Carvalho.....	139
Fotografia 40 –	Sônia Carvalho em trabalhos da vice-reitoria e chefia de gabinete da Reitoria.....	141
Fotografia 41 –	Sônia Carvalho em trabalhos da vice-reitoria e chefia de gabinete da Reitoria.....	141
Fotografia 42 –	Professora Jaqueline Torres da Silva Cardoso.....	143
Fotografia 43 –	Jaqueline como diretora de <i>Campus</i> em colação de grau.....	147
Fotografia 44 –	UFPI, Campus Ministro Petrônio Portela, em Teresina.....	169
Figura 45 –	Reprodução da justificativa do projeto do primeiro curso de jornalismo.....	171
Figura 46 –	Capa do jornal Calandragem.....	179
Fotografia 47 –	Departamento de Comunicação Social UFPI.....	180
Fotografia 48 –	Palácio Pirajá, Uespi, em Teresina.....	187
Fotografia 49 –	Reunião do COMUNS com outros centros acadêmicos e ADCESP.....	200
Fotografia 50 –	Ato do movimento SOS Uespi, na reitoria da Uespi.....	200
Figura 51 –	Capa do jornal-laboratório O Gancho, de novembro de 2018.....	204
Figura 52 –	Capa do jornal-laboratório O Gancho, de dezembro de 2018.....	204
Fotografia 53 –	Primeira turma de Comunicação Social da Uespi/Picos.....	215
Figura 54 –	Capa do jornal laboratório Antenando de 2005.....	219
Fotografia 55 –	Inauguração dos laboratórios da Uespi.....	220
Fotografia 56 –	Manifestação do SOS Uespi no Centro de Picos-PI.....	222
Fotografia 57 –	Manifestação do SOS Uespi no Centro de Picos-PI.....	222
Fotografia 58 –	Aula pública do movimento estudantil SOS Uespi.....	223
Fotografia 59 –	Interdição das rodovias federais, no bairro Junco, outubro de 2011.....	223
Figura 60 –	Reprodução de notícia no portal de notícias nacional G1.....	223

Fotografia 61 –	Prédio próprio da Uespi/CPBA, no bairro Altamira, em Picos.....	224
Fotografia 62 –	Reprodução do documento-proposta de criação do curso através da UFPI.....	228
Fotografia 63 –	Roberto Cabrini e J. Pereira de Sousa Filho no I SEJOPI.....	272
Fotografia 64 –	3ª Semana Audiovisual da Uespi, Campus Poeta Torquato Neto.....	274
Fotografia 65 –	Abertura do II ENDIS, UFPI.....	275
Infográfico 66 –	Docentes em atuação nos cursos públicos de jornalismo no Piauí.....	278
Infográfico 67 –	Linha do tempo do desenvolvimento do ensino de jornalismo no Piauí.....	288

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Categorias de pesquisa.....	35
Quadro 2 –	Colaboradores da pesquisa em história oral temática.....	53
Quadro 3 –	Colaboradores da pesquisa em história oral de vida.....	56
Quadro 4 –	Formação continuada de professores de jornalismo do Piauí.....	261
Quadro 5 –	Cursos na área de comunicação ofertados no Piauí.....	287
Quadro 6 –	Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil por região.....	290
Quadro 7 –	Mapa da pesquisa em comunicação no Piauí.....	294
Quadro 8 –	Etapas de consolidação do campo científico e profissional do jornalismo no Piauí.....	299

LISTA DE SIGLAS

ABI	Associação Brasileira de Imprensa
Aespi	Associação de Ensino Superior do Piauí
APL	Academia Piauiense de Letras
APPM	Associação dos Municípios
Ascom	Assessoria de Comunicação
BR	Rodovia Federal Brasileira
CA	Centro Acadêmico
CE	Ceará
Cacos	Centro Acadêmico de Comunicação Social
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCECA	Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes
CCE	Centro de Ciências da Educação
CEE	Conselho Estadual de Educação
Cefet	Centro Federal de Educação Tecnológica
Ceut	Centro de Ensino Unificado de Teresina
CMPP	Campus Ministro Petrônio Portela
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Compós	Associação Nacional dos Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Comuns	Centro Acadêmico de Comunicação Social
Consun	Conselho Universitário
CPBA	Campus Professor Barros Araújo
CPTN	Campus Poeta Torquato Neto
CSHNB	Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
DCS	Departamento de Comunicação Social
DGP	Diretório de Grupos de Pesquisa
DINTER	Doutorado Interinstitucional
Endis	Encontro Nacional Discurso, Identidade e Subjetividade
Fadep	Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Educação do Estado do Piauí
Fapepi	Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Piauí
Fenaj	Federação Nacional dos Jornalistas
FJP	Federação dos Jornalistas Profissionais
Fuespi	Fundação Universidade Estadual do Piauí

Fufpi	Fundação Universidade Federal do Piauí
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
IFPI	Instituto Federal do Piauí
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LABJOR	Laboratório de Jornalismo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MINTER	Mestrado Interinstitucional
NDE	Núcleo Docente Estruturante
Nehme	Núcleo de Educação, História e Memória
Nepec	Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estratégias de Comunicação
Nujoc	Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação
PI	Piauí
Pibic	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PPG	Programa de Pós-Graduação
PPGCOM	Programa de Pós-Graduação em Comunicação
PPGHB	Programa de Pós-Graduação em História do Brasil
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RP	Relações Públicas
RU	Restaurante Universitário
Sejopi	Seminário de Jornalismo de Picos
SG	Serviços Gerais
SINDJOR	Sindicato dos Jornalistas
Sisu	Sistema de Seleção Unificado
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TREP	Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa
TV	Televisão
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
Uespi	Universidade Estadual do Piauí
UF	Universidade Federal
UFBA	Universidade Federal da Bahia

UFC	Universidade Federal do Ceará
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Unesco	Organização das Nações Unidas
Unicamp	Universidade de Campinas
Unicap	Universidade Católica de Pernambuco
Unisinos	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1 DA MINHA HISTÓRIA À HISTÓRIA DA PESQUISA: confira como tudo começou	21
2 ENTENDA OS CAMINHOS E OS ENQUADRAMENTOS DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA	39
2.1 Pesquisa-formação: veja quem são os colaboradores	52
2.2 Entre lembranças e relatos: história oral transita entre a escuta e a colaboração	58
2.3 Diário da pesquisa e diário na pesquisa: a escrita como forma de reflexão	78
2.4 Análise cruzada e análise de conteúdo categorial: entenda o que são e como usar	81
3 CONHEÇA A HISTÓRIA DE PROFESSORES DE JORNALISMO DO PIAUÍ	84
3.1 Laerte Magalhães conta como se tornou professor	87
3.2 Liberdade para estudar e ser quem é: a vida de Jacqueline Lima Dourado	95
3.3 De professor a reitor: veja a caminhada de Evandro Alberto	107
3.4 Daniel Solon reflete sobre sua formação política e humanística	116
3.5 “Questionadora de si”: a história de Sônia Maria dos Santos de Carvalho	127
3.6 Jaqueline Cardoso: uma professora além da universidade	142
4 HISTÓRIA E MEMÓRIA DO ENSINO PÚBLICO DE JORNALISMO NO PIAUÍ COMO NUNCA CONTADAS ANTES	154
4.1 Universidade Federal oferece primeiro curso superior de jornalismo do Piauí	167
4.2 Expansão universitária inclui cursos de Comunicação em dois <i>campi</i> da Uespi	185
4.2.1 Conheça como o Curso de Comunicação Social começou no <i>Campus</i> Poeta Torquato Neto	193
4.2.2 “Jornalismo, já!”: reitor atende solicitação e cria primeiro curso para jornalistas em Picos	207
5 VONTADE, UNIÃO E SUPERAÇÃO: estudantes e professores lembram práticas educativas na trajetória dos cursos de comunicação	230
6 DO JORNALISMO PARA A DOCÊNCIA: a formação de professores e as implicações para os cursos	340
7 JORNALISMO ASSUME CARÁTER CIENTÍFICO NO ESTADO DO PIAUÍ	268
7.1 Três fases marcam processo de profissionalização e consolidação científica da comunicação no Piauí	296
8 PRÁTICAS EDUCATIVAS E FORMAÇÃO DOCENTE APONTAM PARA CONSOLIDAÇÃO DO JORNALISMO, SEGUNDO PESQUISA	454
REFERÊNCIAS	309

1 DA MINHA HISTÓRIA À HISTÓRIA DA PESQUISA: confira como tudo começou

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. Essa marca é indelével. No discurso em que enceno as questões globais, ela terá a forma do idiotismo: meu patoá representa minha relação com um lugar.

Michel de Certeau

Meu lugar social enquanto pesquisadora se apresenta no meu discurso. Minha forma de escrever representa claramente a maneira como me relaciono com meu lugar de fala, assim como Certeau (2017, p. 45) diz acerca da operação historiográfica, “essa marca é indelével”, pois em todo discurso há vestígios ideológicos que denotam aquele que o produz. A constituição da pessoa que fala passa pela maneira como ela se relaciona com o lugar social no qual está situada. Logo, minha maneira de escrever, no intento de fazer história¹, denota muitas marcas da minha história.

O fazer historiográfico implica um lugar social, um conjunto de práticas e uma escrita (CERTEAU, 2017). Sendo assim, é justo que apresente ao leitor, antes de mais nada, o lugar que fabrica este trabalho de pesquisa, pois ele se origina de reflexões e de inquietações que perpassam minha trajetória de formação. Ao revisitar as memórias individuais acerca disso, mais que submeter a pesquisa a particularidades e individualidades, reforço um lugar social em que esta investigação se circunda.

Para início de conversa, considero válido um adendo. Embora conheça a posição de Certeau (2017) acerca do lugar do “morto” na pesquisa historiográfica, bem como sobre suas críticas aos objetos ainda “vivos”, por assim dizer, o que contrasta com minha proposta de pesquisa, opto pela não exclusão totalitária de suas ideias, por reconhecer a relevância da sua

¹ Como Certeau (2017), na obra *A escrita da história*, refiro-me à historiografia quando falo no fazer história. Trata-se do processo da operação historiográfica.

operação historiográfica para a pesquisa nesse campo. Prefiro discernir suas colocações e tomar posição pelo uso, neste trabalho, daquilo que vejo como conveniente e apropriado.

Então, retomando a fala sobre meu lugar social, asseguro-lhe que minhas memórias pessoais não dizem respeito só a mim, elas se articulam às memórias coletivas, pois se apoiam nas de outros, como já dizia Halbwachs (2006), e como reiteram inúmeros outros estudiosos que se apoiam nessa posição, a exemplo de Ricœur (2007), Le Goff (2013), Rioux (1998), Catroga (2001), Bosi (1979, 2003).

À vista disso, escolho começar a escrita desta tese justificando a apresentação do meu lugar social enquanto operadora da história, como pessoa que está se apropriando do fazer historiográfico a partir de sua posição enquanto jornalista e professora. Entendo que ao tempo em que minhas escolhas de tema, objeto, métodos e teorias me ajudam na formação, reverberam quem estou me constituindo como pesquisadora.

Ao considerar meu lugar social, penso na minha pesquisa como pesquisa-formadora. Esta é uma pesquisa sobre história dos cursos de graduação em jornalismo, sobre histórias de vida de professores, sobre percursos formativos, sobre práticas educativas, sobre o Piauí-Brasil, porque tem a ver com quem sou, com onde estou. Sempre me imaginei como uma pessoa cuja força e determinação levariam a lugares aparentemente intransponíveis para uma menina do sertão brasileiro, sob o contexto histórico, cultural e econômico da maioria das famílias nordestinas, sem acesso ao que Bourdieu (2004) denominou de “capital cultural”, ou seja, bens sociais e culturais que estão disponíveis, de forma desigual, a uma parte da população, especialmente àqueles que moram nos grandes centros urbanos e que dispõem de mais recursos financeiros.

No percurso formativo, cada micropasso soa como uma conquista, por pequena e, aparentemente, insignificante que seja. Revisitando as memórias do que está se construindo em minha trajetória como jornalista, professora e pesquisadora e, nesse movimento, minha relação com a produção de conhecimento científico, percebo o quão importantes são a jornada, as fases, as dúvidas-dificuldades-angústias e as pessoas partilhadas nesse percurso, uma vez que muitas pessoas me abriram caminhos.

Minhas escolhas denotam a influência de minha mãe, hoje professora aposentada da rede de ensino público estadual piauiense. A ousadia de uma mulher com visão à frente de seu espaço e tempo, fez história que marcou minha história, mesmo antes de eu ser. Uma mulher que, em busca do sonho de ser professora, de ter uma opção além da que o contexto lhe oferecia (de se tornar esposa, mãe e dona de casa), ousou sair da pequena São José do Piauí(PI) para buscar a formação fora de casa. Inspiração a seguir, claro!

Naquela época, o ginásio era o último acesso à educação formal possível aos sertanejos rurais. Nos anos 80 do século XX, a continuidade da formação para minha mãe só estava disponível a 30 quilômetros de sua cidade natal, em Picos(PI), pela Escola Normal, que havia sido implantada em 1967 (CARVALHO, 2014). Ela teve que sair de casa, com muito custo e dificuldades, para estudar, formar-se, depois retornar, trabalhar, casar, seguir com o todo formado pela soma de suas escolhas.

Alguns anos depois, foi a minha vez. Basicamente a mesma história, em outro contexto. Sou natural de Picos, e cresci em São José do Piauí, onde tive acesso à educação formal bem cedo. Vez por outra, na minha infância e adolescência, acompanhava minha mãe à escola onde ela trabalhava, e já tinha em mim aguçado o desejo de fazer parte do mundo acadêmico. Aos três anos de idade, quando íamos deixar meu irmão mais velho na escola, eu, literalmente, chorava para ficar, mas as regras de iniciação escolar não me permitiram, por conta da pouca idade. Aos quatro anos, quando o outro irmão mais velho apenas 13 meses iniciou a vida na escola, eu pude, com a permissão dos conhecidos professores, acompanhar como “ouvinte”, já que eu era muito nova para ser matriculada na turma e adentrar oficialmente na vida estudantil.

Então, fui, e não mais parei. Do ensino infantil ao ensino médio, percorri escolas públicas estaduais da minha cidade: a Unidade Escolar Helvídio Nunes de Barros, onde tive acesso ao ensino infantil e fundamental I (à época, alfabetização e primário), nos idos dos anos de 1990; depois, ao ensino médio, entre 2004 e 2006, na mesma escola; e a Unidade Escolar João José de Alencar, onde cursei o ensino fundamental II (chamado ginásio), de 2000 a 2003.

Até os anos 1990, e na primeira década dos anos 2000, era pouco comum ter professores com formação em nível superior atuando no ensino básico no Brasil, imagine no Piauí e, principalmente, no interior do estado. Como articula Carvalho (2014), em uma pesquisa sobre a formação de professores na região de Picos, a Escola Normal Oficial de Picos e, depois, o primeiro campus universitário nessa cidade, o Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), foram implantados cerca de três a cinco décadas depois de serem criados na capital, Teresina.

Como a articulação de políticas para universalização e qualificação da educação pública pela formação docente ganhou força nos anos 1980 e nas décadas seguintes, no País, nesse mesmo sentido, só a partir de 1996, a Lei nº 9.394/1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornou obrigatória a formação em nível superior dos profissionais que atuam em qualquer nível da educação brasileira (BRASIL, 1996). Contudo, na prática, isso custou a se efetivar.

A partir de então, surgiram políticas públicas nacionais de formação docente, através da modalidade de Educação a Distância (EaD), regulada também pela referida lei, da oferta de cursos-férias, como ocorreu no Piauí, além, é claro, do aumento na oferta de cursos de licenciaturas em instituições privadas. Mesmo após a expansão das políticas de formação de professores, pesquisadores como Barreto (2015) consideram que a nova titulação dos docentes não significou, exatamente, melhorias na educação básica. Imagina antes disso!

Por conta desses aspectos, minha escolarização se deu em condições um tanto quanto precárias, em instituições com condições estruturais mínimas, e muitos professores com formação que pairava entre o ensino médio e a Escola Normal, especialmente durante meus ensinos infantil e fundamental I, de 1993 a 1999. Passei a ter docentes com formação em nível superior a partir do ensino fundamental II e médio, de 2000 a 2006, após o marco regulatório para formação docente no Brasil (LDB-1996) e a implementação de políticas públicas que viabilizaram essa profissionalização, como a expansão da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 (NOGUEIRA, 2006). Todavia, era comum ter professores com atuação em disciplinas que contrastavam com a área de formação, como, em geral, era a realidade do País.

Não obstante, alguns docentes foram marcantes na minha trajetória, sempre me incentivando a dar continuidade ao meu percurso formativo, mesmo que as condições não fossem as mais propícias. Era bastante natural que os jovens da minha cidade parassem o processo de escolarização após o ensino médio, pois ao final dessa etapa, era bem complicado o acesso ao ensino superior, uma vez que as universidades mais próximas estavam localizadas em Picos, cidade situada a 30 quilômetros de São José do Piauí, no Centro-sul piauiense. Assim sendo, era necessário dar um passo para fora de casa, como fez minha mãe.

Dos anos 80 do século XX aos 2000 do século XXI, o acesso à educação se modificou consideravelmente, no Piauí e no Brasil. Contudo, mesmo em situação e condições diferentes entre minha mãe e eu, caminhar fora de casa foi igualmente necessário e dispendioso. Na minha história, a formação pela Escola Normal Oficial de Picos, após o ginásio, último nível possível aos sertanejos rurais do início da década de 1980, entre os quais a minha mãe, deu lugar à graduação e à pós-graduação, ao mestrado e ao doutorado, nas mesmas condições. Ou seja, para seguir e ir além da formação acessível, era preciso sair também.

Nesse ínterim, a história da educação no Piauí teve crescimento no que se refere ao acesso às escolas que ofertavam ensino básico público, incluindo o ensino médio, inclusive em São José do Piauí. Não mais era necessário sair dessa pequena cidade para continuar estudando após o curso ginásial. Mas depois do ensino médio sim, e isso permanece até hoje.

As principais Instituições de Ensino Superior (IES) públicas do Piauí, Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Estadual do Piauí (Uespi) e Instituto Federal do Piauí (IFPI) foram criadas primeiramente (e obviamente também) em Teresina. Primeiro, a UFPI, em 1971, pela junção das faculdades de medicina, odontologia, direito, filosofia (da capital) e administração (de Parnaíba) (BRASIL, 1968)². Em 1986, a UESPI, a partir da transformação do Centro de Ensino Superior da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Educação no Piauí – Fadep (PIAÚÍ, 1988)³. E, somente em 2008, o Instituto Federal do Piauí (IFPI), pela transformação do Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí – Cefet-PI (BRASIL, 2008).

Afora a capital, Picos também registrou desenvolvimento educacional na virada do século XX para o XXI. As primeiras unidades de educação superior surgiram nas décadas de 1980 e 1990. Primeiro, a UFPI, em 1982, com a oferta de cinco cursos de licenciatura curta (de dois anos), fechando em 1987 e reabrindo em 1991, com dois cursos de licenciatura plena no magistério, sendo eles: Letras Português e Pedagogia (UFPI, 2017). Depois, a Uespi, em 1993 (PIAÚÍ, 1993), no período de expansão da instituição⁴. E mais tarde, o IFPI, em 2008, depois da conversão da unidade do Cefet em campus universitário (IFPI, 2017).

Assim, a chegada dessas instituições de ensino possibilitou a formação superior no sertão piauiense. No entanto, até o início dos anos 2000, a oportunidade era para poucas pessoas. Somente aquelas preparadas por boas escolas (geralmente, privadas) conseguiam se sobressair nos acirrados vestibulares. Era necessário compensar a necessidade formativa das escolas públicas por onde passei, por meio de cursinhos pré-vestibulares, afinal, muita gente disputava as poucas vagas disponíveis.

Em 2007, na vontade de continuar estudando, como minha mãe, na década de 1980, saí de São José do Piauí. Com muito custo, vendas de gado pelos meus pais para pagar a escola preparatória, muita feira compartilhada e moradia de favor, consegui a terceira, entre 30 vagas, na 6ª turma de Comunicação Social da Uespi, em Picos, em um vestibular cuja concorrência alcançava 11 candidatos para uma vaga (UESPI, 2008), entre os cursos mais pleiteados do Campus Professor Barros Araújo (CPBA).

Numa época em que a universidade pública ainda era para uma minoria de brasileiros – apenas 6,8% da população com 25 anos ou mais de idade (85,4 milhões) concluíram ensino

² O documento de 1968 se refere à autorização da instituição da UFPI, mas a instalação ocorreu, de fato, em 1971.

³ O documento de criação da Uespi data de 1988, mas a aula inaugural, que marca, na prática, o início da instituição, ocorreu antes, em 1986.

⁴ Segundo Nogueira e Ferro (2013), com as políticas de expansão da Uespi, a universidade passou a funcionar, simultaneamente, em Picos, Parnaíba, Floriano e Corrente, além de Teresina.

superior, segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000) – eu cheguei à graduação. Foi então que tive o primeiro contato com a produção científica, primeiro, de outros pesquisadores, depois, no penúltimo ano do curso de bacharelado, iniciando a minha produção de conhecimento.

As dificuldades em fazer pesquisa na graduação se manifestavam nas carências estruturais e profissionais da Uespi, em Picos. Do quadro de professores que passaram por mim, entre 2008 e 2011, a maioria era especialista e tinha contrato temporário com a instituição. Sendo assim, não tinha características de pesquisador, conforme orientam as Leis de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (BRASIL, 2017) para a educação superior, tampouco desenvolvia atividades extensionistas.

Lutei por condições melhores na nossa universidade durante toda a minha jornada de graduação. Nessa fase, todos os *campi* se mobilizaram e, nas relações que constituímos no movimento estudantil, tomei contato com o professor Daniel Vasconcelos Solon⁵, que participava ativamente da militância no campus de Teresina.

Desse modo, meu contato com a pesquisa demorou a acontecer. Somente no 6º, de oito períodos do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, comecei a produzir o primeiro artigo científico, em um momento em que uma das minhas duas únicas professoras efetivas, Jaqueline da Silva Torres Cardoso⁶, retornava do mestrado, estimulada a pesquisar e a formar novos pesquisadores.

Nessa época, o curso de Picos já tinha recebido dois outros professores efetivos, mas, por opção e aprovação em novo certame, migraram para a capital. Um deles foi Sônia Maria dos Santos Carvalho⁷, nome conhecido na nossa ambiência acadêmica desde sempre, por seus vínculos afetivos com a nossa cidade interiorana e por sua atuação como professora.

Ainda na graduação, eu manifestava o interesse em me tornar professora. As influências familiares, presentes na constituição do docente, das quais fala Tardif (2014), também estão nos passos de minha história. Vi a monitoria como uma forma de iniciar minha preparação à docência. Com o incentivo de professores, como a minha primeira orientadora, Jaqueline Cardoso, eu sabia também que precisava fazer, pelo menos, mestrado para me tornar professora universitária. Então, segui rumo a esse projeto, dando um passo adiante.

O mestrado, então, foi a segunda fase mais difícil da minha educação formal até ali. Para continuar estudando, eu precisava trabalhar e caminhar para um pouco mais longe. Picos

⁵ Daniel Solon é um dos colaboradores da investigação em história oral temática e história oral de vida.

⁶ Jaqueline Cardoso participou desta pesquisa-formação na etapa das histórias de vida de professores.

⁷ Sônia Carvalho também colaborou com esta pesquisa, compartilhando comigo sua história de vida.

não dispõe de programas de pós-graduação até hoje, apesar de contar com cursos de graduação consolidados. Então, tão logo concluí a graduação, em dezembro de 2011, tentei uma seleção para a primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da UFPI, na capital. A experiência não foi bem-sucedida. Entendi que seria necessário dedicação e preparação, semelhante ao que empreendi para o ingresso na universidade.

Em 2012, mudei-me para Teresina para trabalhar e estar fisicamente mais próxima da possibilidade de continuidade formativa. O único Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Piauí está na Universidade Federal, desde 2011, apenas com mestrado. Os outros 52 estão localizados principalmente na região Sudeste do País, desde os anos 1990 (COMPÓS, 2021).

Passado um ano e já adaptada à nova cidade, iniciei minha jornada no mestrado, como aluna especial, fase em que fui aluna de Jacqueline Lima Dourado⁸ e conheci o professor Francisco Laerte Juvêncio Magalhães⁹, do quadro docente do PPGCOM. Essa experiência me oportunizou conhecer de perto o programa, as linhas de pesquisa, os professores, favorecendo melhor direcionamento da minha proposta de pesquisa aos interesses do curso. Fui aprovada na seleção daquele ano de 2013. Enfim, mestranda! Grande passo para me tornar professora e pesquisadora.

A formação no mestrado acadêmico em Comunicação, de 2014 a 2016, foi densa, reflexiva e crítica. Nesse momento, decidi continuar com os estudos acerca do jornalismo cultural, iniciados no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mas, agora, tomando por objeto o jornalismo local. Propus desdobrar a investigação sob a perspectiva histórica, observando o papel da produção jornalística no contexto de construção das memórias do campo cultural piauiense.

Certamente, o primeiro ponto que me conduziu à escolha desse tema foi a afinidade. Interesse-me em discutir sobre cultura, primeiro, por prazer; segundo, por entender sua relevância nas comunidades. No anseio por contribuir com a melhor compreensão e, quiçá, com as práticas jornalísticas mais próximas, escolhi como objeto um periódico estadual, a revista *Revestrés*. Tal decisão se deu por entender que as nossas produções também precisam ser compreendidas em suas particularidades, articulando-as de um modo que tenham valor para além do âmbito local.

⁸ Jacqueline Dourado participou desta pesquisa, com narrativas de sua história de vida.

⁹ Laerte Magalhães também é um dos colaboradores desta investigação, participando tanto da história oral temática quanto da pesquisa-formação, com a história oral de vida.

Assim, a continuidade dos estudos sobre o jornalismo cultural me ampliou a visão e compreensão sobre o assunto, ofertando-me condições de empreender um olhar mais problematizador. Considero ser necessário pensar sobre as interações entre o pesquisador e a própria investigação. Não partimos do nada, há motivações pessoais, além das sociais e profissionais. Isso não implica perder o rigor científico.

Foi no mestrado que comecei, de fato, a me construir pesquisadora. Publiquei trabalhos, participei de congressos que reuniram a comunidade científica do campo da comunicação, passei por bancas avaliadoras necessárias para a validação da pesquisa através do reconhecimento dos pares. O percurso para a busca do “crédito científico”, segundo a visão de Bourdieu (2004).

Dessa forma, conduzi minha investigação ao espaço público, lugar de busca pela legitimidade do campo da ciência. Como diz Bourdieu (2004), é assim que as pesquisas recebem validação, pelo julgamento de potenciais contribuições por aquelas pessoas que formam o campo científico. “Capital simbólico”, assim chamado.

Adiante, algo que vi como grata oportunidade de aprendizado foi o estágio de docência na graduação de Comunicação Social – Jornalismo, da UFPI, durante o mestrado. A atividade obrigatória para bolsistas, acompanhada da disciplina de Ensino Orientado, contribuiu, certamente, com a minha preparação para a atividade professoral, no que tange ao manejo pedagógico.

Notadamente, cursos de bacharelado não têm foco na preparação de estudantes para, quando profissionais, atuarem na formação de outros, isto é, para a atuação como professor. Então, os cursos oferecem pouca, ou nenhuma, oportunidade de construção para iniciação à docência. Por isso, vi o mestrado acadêmico como forma de, não só me construir pesquisadora, mas também professora para atuação na educação superior. Em meio a atrasos de bolsas e, por conta dessa inconstância, ao necessário trabalho informal para me manter fora de casa, bem como às pressões e frustrações, segui. E daí, voltei.

A carência de professores com mestrado e doutorado nos cursos de jornalismo das instituições piauienses, especialmente no interior do Piauí, conduziu-me ao exercício docente precocemente. Assim que retornei a Picos, ingressei como docente na Faculdade R. Sá, em 2015, por ocasião da saída do conhecido professor fundador do curso de jornalismo nessa instituição e um dos mobilizadores do curso da Uespi, Evandro Alberto de Sousa¹⁰, para

¹⁰ Evandro Sousa foi um dos colaboradores desta pesquisa sobre o curso de Picos.

assumir a exclusividade da docência nesta Casa. Por um tempo, fui a única mestranda e, um ano depois, a única mestra do quadro de professores da referida graduação.

Minha convivência nessa instituição ajudou a me construir como docente pela prática, efetivamente. Além disso, a experiência no campo profissional jornalístico – até aqui eu já tinha passado por assessorias de comunicação, portais de notícia, rádio e TV¹¹ – favoreceu esse caminhar. Essa realidade não é particular a mim. Na verdade, Moura (2014) ressalta que bacharéis, quando se tornam docentes, têm na experiência uma das principais fontes de conhecimento.

Não obstante a construção do ser professor se realizar diariamente nas situações imprevistas, as oportunidades de aprendizado oficialmente constituídas e estimuladas pela Faculdade R. Sá, pelo menos duas vezes ao ano, ajudaram-me com as trocas entre os pares. Contudo, as dificuldades e angústias também integram o fazer docente. A carência da didática e da preparação formal têm peso nesse contexto. Talvez, as preocupações que perpassaram minha carreira, enquanto professora iniciante, não poderiam ser sanadas por manuais.

Muitas vezes, a docência é um saber construído na experiência, ao tempo em que se constitui também como saber curricular, pedagógico, didático, dentre outros. Concordo com Pacheco e Flores (1999), quando dizem que o ser/fazer professor se faz na prática, pelo conhecimento do conteúdo, mas também se trata de um conhecimento técnico que passa pela profissionalização, chamada por eles de “saber-fazer”.

Em meio a esse processo de prática docente e de geminação como professora, afastei-me do campo de trabalho jornalístico para me dedicar à docência e à pesquisa de mestrado, por um tempo. Foi então, que consegui aprovação no meu primeiro concurso público, em 2017, retornando ao mercado de trabalho da minha profissão inicial, jornalista. Tornei-me a primeira jornalista efetiva da Prefeitura Municipal de Picos (PMP), função que desempenhei até o último dia de 2020 e que me proporcionou experiências imensuráveis que, certamente, contribuem para minha atuação como professora de jornalismo.

Embora o jornalismo me conduza em um emaranhado de emoções prazerosas (e tensas), é a docência que me faz vibrar. Desde 2008, ano em que entrei na Uespi como graduanda, almejava retornar como professora. Foram 10 anos de espera e de preparação. Fiz-me professora do quadro efetivo desta Universidade, e atuo em Picos, interior do Estado, região

¹¹ Tive experiência na TV Picos (2011-2012), como estagiária e, depois, produtora de telejornal; na Coordenadoria de Comunicação Social do Governo do Estado (2013-2014) e na Prefeitura de Picos (2015-2016; 2017-2020), ambas como assessora de comunicação, em condição de contrato temporário, na primeira, e efetivo, na segunda.

com a qual mantenho relações afetivas e onde desejo dar retorno com meu trabalho de educadora e pesquisadora, pela gratidão e identidade que carrego.

Hoje, sou colega de trabalho da minha ex-professora, Jaqueline Cardoso, e de Evandro Alberto de Sousa. Na mesma instituição, mas em outro *campus*, na capital, estão os professores Daniel Vasconcelos Solon e Sônia Maria dos Santos Carvalho. Todos eles colaboraram com esta investigação, com seus testemunhos sobre a história dos cursos de jornalismo.

Assim, decidi que meu processo de doutoramento dar-se-ia nesse lugar, onde noto mais carências formativas e de conhecimento em mim. Além da necessidade, perpassa a vontade de aprender, de pensar de um novo modo e, pouco a pouco, tornar-me uma educadora melhor. Como professora de jornalismo que sou, intento problematizar a formação docente e as práticas educativas, por interconexões, inter-relações, intersaberes.

Encorajei-me a transformar a rotina numa corrida contra as limitações de tempo e as imposições de espaço. Na estrada para fazer doutorado em Teresina, mas morando e trabalhando em Picos, a companhia foram os livros e o *smartphone*, dividida entre os estudos e o trabalho a distância. Fui desafiada a otimizar as aproximadas 12 horas percorridas semanalmente na BR-316, aprendendo a ler sem enjoar, a trabalhar sem esperar o escasso sinal 4G de *internet*, entre malabarismos para equilibrar a rotina de jornalista, de professora e de pesquisadora em formação.

Em nome de um propósito, meu compromisso me movimentou. E me transformou. Na fase de doutoramento, entre idas e vindas da cidade onde moro à cidade na qual busco a formação continuada, o interesse em investigar as memórias docentes daqueles que, como eu, têm formação inicial e atuação nos cursos de Bacharelado em Jornalismo foi se ampliando e se concretizando. Pelo meu lugar de fala, intento-me a pensar nessas narrativas para entender a história dos cursos de jornalismo no Piauí.

A investigação toma a perspectiva da pesquisa histórica sobre o surgimento e desenvolvimento desses bacharelados ofertados por universidades públicas neste estado da federação: a UFPI, no Campus Ministro Petrônio Portela (CMPP), localizado na capital, e a Uespi, em dois *campi*, Campus Poeta Torquato Neto (CPTN), em Teresina, e Campus Professor Barros Araújo (CPBA), em Picos. Assim, a educação e o jornalismo se interconectam a outro campo deste trabalho, o da história.

Para situar esta produção historiográfica interdisciplinar, faço referência às ideias de Barros (2004) sobre dimensões (enfoques), abordagens (métodos) e domínios (temas) do campo da história, na minha pesquisa. A história cultural (dimensão) dá o prisma ao estudo, a partir dos modos de fazer da história oral (abordagem), nas áreas da história da educação e do

jornalismo (domínios). O próprio autor coloca a educação e a comunicação no rol de objetos da história cultural.

A escolha de universidades públicas do Piauí como ambientes de investigação se trata de um “esforço de autoconhecimento”, como fala Barros (2004, p. 17), no sentido de decisão sobre o lugar onde a investigação principiará e se concentrará, mas não significa isolamento. O fato de a pesquisa dar-se a partir desse local, não a torna de interesse restrito.

Mesmo trabalhando no domínio da história dos cursos de jornalismo e em seguimento do jornalismo, procuro pensar através das conexões da comunicação e da educação com a sociedade em cenários mais amplos, até nacionais. Assim, esse estudo não contribui apenas com o regional, mas parte dele, e cresce.

No trabalho com memórias, estou ciente de que é possível que ocorram flutuações nas construções sociais sobre aquilo que pode, ou não, ficar conservado como vestígio mnemônico e, quiçá, historiográfico de uma coletividade, como disse Le Goff (2013). Talvez em razão disso, esse autor perceba um interesse manifesto nas nossas sociedades, em produzir e discutir sobre história e memória. Tal preocupação me leva a considerar a necessidade de realizar estudos sob a perspectiva histórica e, por sua vez, memorialística, sobretudo no campo educacional, por possibilitar reconhecer os processos e práticas educativas de determinadas sociedades, ponderando sobre suas contribuições em tempo e espaço.

A carência de estudos sobre formação e práticas de professores jornalistas é notória, especialmente no Piauí, mas também no Brasil. Entre as principais investigações sobre o ensino de comunicação no País, menciono Melo (2006, 2007, 2008a, 2008b, 2008c), na sua trajetória de vida até 2018, e Lopes (2012, 2013a, 2013b), que se empenhou em estudar a formação de jornalistas e sua identidade profissional. Uso essas obras para cruzar o que trago sobre o desenvolvimento do ensino no estado em relação ao cenário descrito pelos autores no País, para uma análise social mais ampla.

Afora esses pesquisadores, encontrei poucas investigações em nível de pós-graduação¹² sobre histórias de vida de jornalistas, formação de professores jornalistas, cursos de jornalismo,

¹² Desde o primeiro ano de doutorado, detenho-me em pesquisar, nos bancos de dados *on-line*, dissertações e teses sobre o tema, a fim de construir uma fundamentação que me ajudasse nas problematizações e reflexões aqui propostas. Sistemáticamente, mapeei, no catálogo digital de teses e dissertações da CAPES, utilizando as seguintes palavras-chave: “professor de jornalismo”; “formação de professores em/de jornalismo”; “prática docente em/de jornalismo”; “docência superior em jornalismo”; “formação profissional do professor/docente de jornalismo”; “trabalho docente em/de jornalismo”; “docente de jornalismo”; “docente do ensino de jornalismo”. Apenas quatro trabalhos foram encontrados; destes, somente um tratou sobre histórias de vida de docentes da área, em São Paulo, há 20 anos.

mas não a respeito de histórias de vida de professores na história do ensino de jornalismo. Minha pesquisa está entre as pioneiras, portanto.

Nesse sentido, as abordagens em histórias de vida de professores avançam no contexto da historiografia em geral, no ímpeto de entender não apenas relatos (auto)biográficos, mas suas relações sociais nos grupos de referência. Como pondera Nóvoa (1995), são ferramentas para compreensão em diferentes planos, tanto pessoal quanto profissional, em diferentes dimensões: pessoal, práticas e profissão.

Então, as histórias de vida estão circunscritas na história da educação, e são importantes para pensar a docência por essa relação passado e presente, individual e coletivo. A pesquisa (auto)biográfica faz uso da memória, de forma interdependente, ainda que se utilize de outras fontes, como documentos diversos.

Os educadores evocam lembranças para retomarem suas trajetórias formativas e, fazendo isso, falam de um contexto social e circunstancial maior que sua vida pessoal. Afinal, nunca estamos sós, somos seres coletivos, entre memórias individuais e coletivas, como bem disse Halbwachs (2006). Sendo assim, com esta pesquisa, interligo a formação de professores e suas práticas educativas à história do ensino.

Convém ressaltar que o estudo da história se refere à reconstrução social dentro de um espaço e de um tempo limitados. Por outro lado, as memórias coletiva e histórica abarcam acontecimentos vivenciados por uma coletividade, como lugar de recorrência ao passado (HALBWACHS, 2006). Ambas, história e memórias, constituem-se através de construções contínuas, dinâmicas e seletivas.

O que quero realçar, portanto, são as memórias individuais dos docentes, a fim de entender como o processo formativo interferiu nas suas práticas profissionais nas trajetórias dos cursos. De toda forma, trabalho com memórias da educação, ligando à historiografia das instituições de educação onde esses professores atuam e se constroem.

Assim, proponho pesquisar sobre como as memórias ajudam a produzir história na perspectiva educacional, especialmente da educação superior, e como ao longo da trajetória formativa de cada docente, as práticas podem ser articuladas ao fazer histórico das instituições. A partir de testemunhos, textos e ações de um certo período histórico, ciente de que revelam problemáticas inquietadoras, busco o significado das atividades, atentando para as mudanças e refletindo sobre as contribuições de tais práticas e processos ao longo do tempo.

Procuró, então, pesquisar acerca das histórias de vida de professores que atuam ou atuaram nos cursos de jornalismo de instituições públicas do Piauí, a partir das memórias individuais constituídas nas suas formações, com consequências às suas práticas profissionais.

Relaciono, reiteradamente, às memórias coletivas, refletindo sobre contextos, causas, circunstâncias, consequências para compreensão do nosso tempo.

Sendo assim, a pesquisa não se restringe apenas a elencar fatos e datas, mas possibilita uma visão sobre a dimensão histórico-social dos caminhos e das práticas desses educadores, cruzando com a história do jornalismo como atividade, profissão e ciência. Por esses motivos, é uma investigação que se faz necessária, tendo em vista os impactos que pode gerar.

A partir do lugar onde estou, a educação, porém, estabelecendo conexões com outros campos, como o jornalismo, a partir da história, levanto o seguinte **problema de pesquisa**: como as práticas educativas e os processos de formação docentes se articulam na história e memória dos cursos de jornalismo do Piauí?

Para nortear a investigação, delinheio-o em outras inquietações:

- Como se caracterizaram as práticas educativas de professores e estudantes na história do curso de jornalismo das universidades públicas piauienses?
- Como se deu a formação dos docentes de jornalismo para desenvolvimento de suas práticas educativas, no decorrer de suas trajetórias e nas trajetórias dos cursos?
- De que maneira a formação dos professores jornalistas implicou em práticas educativas para o processo de consolidação desses cursos no Piauí?
- Como as trajetórias formativas de professores jornalistas se constituem ferramentas para compreensão de práticas educativas na história dos cursos de jornalismo do Piauí?

Intento relacionar o debate entre a educação, campo onde estou hoje, e jornalismo, meu primeiro campo de produção científica, a partir do olhar historiográfico, em passos de interconexões e interfaces. As epistemologias que me norteiam, nessa fase, estão no campo científico da educação, que tem característica interdisciplinar e, quiçá, multidisciplinar e transdisciplinar.

Tenho em mente a percepção de que a educação tem se desenvolvido como ciência, mas que também se encontra em constante transformação. No primeiro estágio, procurei desconstruir a ideia investigativa, para reconstruí-la. Assim, tracei como **objetivo principal** deste trabalho historiar os cursos de jornalismo do Piauí, a partir de narrativas memorialísticas sobre práticas educativas e processos de formação docente. Para alcançá-lo, busquei, de forma específica:

- descrever as práticas educativas na história e memória dos cursos públicos de jornalismo no Piauí (1984-2021);
- verificar como se deram os processos formativos nas trajetórias de vida de professores de jornalismo que atuam ou atuaram no território piauiense de 1984 a 2021;
- compreender as implicações da formação docente nas suas práticas educativas para o processo de consolidação dos cursos;
- relacionar as trajetórias formativas de professores jornalistas com as práticas educativas na história e memória dos cursos públicos de jornalismo no Piauí.

Frente a essa proposta investigativa, a **tese** delineada a passos lentos é de que os processos de formação docente e as práticas educativas se articularam na história e memória dos cursos de jornalismo do Piauí, na medida em que as trajetórias desses cursos públicos se relacionam às trajetórias formativas dos professores, dos investimentos e construções pessoais e profissionais ao processo de consolidação do campo científico pela cotransformação das pessoas e das práticas pela formação.

Esse direcionamento é fruto da trajetória construída socialmente, não sendo apenas o cumprimento de normativas que norteiam o fazer da pesquisa científica. Além do mais, é preciso ponderar sobre o fato de eu ser produtora e produto da minha investigação. No doutoramento, além de pesquisadora, considero-me interlocutora da pesquisa. E sou interlocutora, porque faço parte desse lugar, dessa história, dessa construção. Desta forma, pergunto-me: como meu olhar não refletiria isso?

É importante, portanto, assumir com clareza as escolhas, as correntes teórico-metodológicas, os modos de produção do conhecimento para romper com as crenças e lidar com os pontos cegos. Depois dos esclarecimentos sobre campo, dimensão, abordagem e domínios, feitos com Barros (2004), aponto, no quadro 1 logo adiante, as categorias teóricas e metodológicas que dão fundamentação ao meu objeto de estudo, assim como os principais autores, sob a ressalva de que não são os únicos. As obras desses produtores de conhecimento são delineadas ao longo das discussões.

São muitas as influências no trajeto da pesquisa social. Os limites fronteiriços dos campos da educação e da história me condicionam em relação às metodologias que utilizo. Trabalho com história da educação, pesquisa narrativa e documental, história oral, método biográfico, entrevistas e rodas de conversa. São metodologias próprias das pesquisas nos

campos educacional e historiográfico no Brasil. A abordagem que prevalece é a qualitativa, em níveis descritivo e explicativo

Quadro 1 – Categorias de pesquisa

Categorias teóricas	Principais autores
História cultural	Peter Burke; Roger Chartier; Jacques Le Goff; Michel de Certeau; Antoine Prost.
Formação docente	Francisco Ibernón; José Augusto Pacheco e Maria Assunção Flores; Maurice Tardif; António Nóvoa.
Práticas educativas	Karel Kosik; Alexis Leontiev; Adolfo Sánchez Vásquez; Eritácio Macário; Álvaro Vieira Pinto; Demerval Saviani; Paulo Freire; Celso Antunes; José Carlos Libâneo.
Categorias metodológicas	Principais autores
História oral	Walter Benjamim; Paul Thompson; José Carlos Sebe B. Meihy; Verena Alberti; Marieta Ferreira; Luciane Sgarbi S. Grazziotin e Dóris Bittencourt Almeida.
Histórias de vida	António Nóvoa; Michael Huberman; Maria da Conceição Moita; Pierre Dominicé; Maria Helena Menna Barreto Abrahão.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Meu caminhar recente pelo campo científico da educação me parece desafiador. Embora seja educadora, não tenho formação profissional para tal, o que se constitui em dificuldade de compreensão e articulação do conhecimento nessa área. Ao mesmo tempo, exigiu de mim maior dedicação, muita leitura e constante reflexão para preenchimento desse aspecto que considero lacunar.

Nesse andar como pesquisadora, percebo que os desafios vêm em grande número e que, muitas vezes, eles se somam às muitas carências evidenciadas nessa jornada formativa. Concomitantemente, noto conquistas imensuráveis. A cada passo, a trajetória educativa institucionalizada e não-institucionalizada me direciona a ganhos, trabalhando minha necessidade de formação docente para melhoria nas práticas na educação superior, onde estou inserida.

A percepção entre pessoas e contextos oferece subsídios para a construção, a partilha, a troca de experiências, em um momento em que vivenciamos novas tecnologias e novas demandas no ambiente acadêmico. É certo que tenho muito a caminhar, e que este é apenas um passo de quem segue longos andarilhos da educação por toda a vida.

Entre esses passos, apresento o percurso do trabalho para nortear sua leitura. Dividi-o em oito seções. A primeira, **Da minha história à história da pesquisa: confira como tudo começou**, trata-se da apresentação da minha trajetória até o percurso da tese, essa que faço agora. Expliquei como cheguei a esse tema e como me construí para construí-lo, uma vez que acredito que o meu lugar de fala aponta para minhas escolhas, desde as perspectivas epistemológicas, passando pelas categorias teóricas e metodológicas, que guiam meus modos de fazer no meu modo de ser para a construção de conhecimento até meu estilo de escrita.

Seguindo, a segunda seção é chamada **Entenda os caminhos e os enquadramentos da investigação científica**, sobre a abordagem, os enfoques e ângulos escolhidos para o percurso investigativo realizado em sua complexidade. Explico os caminhos metodológicos e as bases teóricas, numa costura que dimensiona o trajeto da pesquisa de campo nos domínios escolhidos.

A partir das minúcias das histórias de vida de professores, narro suas trajetórias formativas para compreensão do processo da história da educação nos cursos de jornalismo das universidades públicas piauienses. Em **Conheça histórias de vida de professores de jornalismo**, apresento cada docente, na terceira seção, analisando suas etapas de vida, ao final.

Após isso, abordo a história e as memórias dos cursos de jornalismo no Piauí, na quarta seção, **História e memória do ensino público de jornalismo no Piauí como nunca contadas antes**. Divido-a em subseções que versam, inicialmente, a respeito das particularidades da trajetória de cada um dos três cursos existentes, do mais antigo ao mais novo. Em cada subseção dessa seção, procuro responder sobre como o curso surgiu, e a partir de quais demandas; relacionar ao contexto social, educacional e comunicacional piauiense e brasileiro; ponderar sobre como cada graduação foi implantada; falar do que caracteriza o percurso; apontar dificuldades e crises, avanços e melhorias ao longo da trajetória; além de descrever atualidades que demonstram como se encontra estruturado no tempo presente.

Por entender a importância das experiências, procuro fazer um cruzamento entre a história cultural do ensino e as particularidades das histórias de vidas docentes, reconhecendo a presença de cada professor nos itinerários dos cursos. Faço isso para compreensão das narrativas (auto)biográficas na narrativa historiográfica.

Na seção cinco, denominada **Vontade, união e superação: estudantes e professores lembram práticas educativas na trajetória dos cursos de comunicação**, reflito e escrevo

sobre as atividades de docentes e discentes nas universidades, sobretudo na primeira fase desses bacharelados, pelo testemunho daquilo que essas pessoas vivenciaram na formação universitária. Narrativas sobre práticas educativas do ensino como um todo, do surgimento à consolidação.

Em seguida, na sexta seção, **Do jornalismo para a docência: a formação de professores e as implicações para os cursos**, adentro os investimentos de formação no quadro da atuação profissional e das práticas educativas dos professores. Escrevo, em análise mais horizontal, sobre as histórias orais de vida.

Como consequência dos processos formativos dos docentes, ocorreram mudanças nas práticas educativas. A seção sete, **Jornalismo assume caráter científico no Estado do Piauí**, foi organizada a partir de interpretações acerca das implicações de tais práticas acadêmicas para a consolidação e o reconhecimento no processo de profissionalização do jornalismo pelo crescimento da influência do universo educacional e científico do campo.

A última seção considerará a tese levantada: **Formação de professores e práticas educativas apontam para a consolidação do jornalismo nas universidades, segundo pesquisa**. Aqui, estabeleço ponderações sobre o que foi encontrado, respondo, de forma direta, a cada objetivo traçado, argumento a tese e considero os impactos da minha pesquisa em diferentes âmbitos.

Como liberdade de escrita criativa na tese, você deve ter notado que construí os títulos das seções no formato de manchetes jornalísticas. Intencionalmente, uma ferramenta de referência ao meu lugar de fala, como jornalista que sou, num estilo de redação que brinca com o tema, o próprio jornalismo, de forma leve, fazendo-o ser reconhecido nesse estilo noticioso.

Ao ajustar as lentes e o foco da minha câmera de pesquisa, questiono a liberdade da escrita e da leitura. A escrita acadêmica precisa ser densa, engessada e normativa para ser credível? Ou podemos inovar e nos entregar, autora e leitor, à satisfação? O contato com Barthes (1987) me deu segurança nas escolhas inovadoras dos formatos e estilos textuais. Com ele, entendi que um texto lido com deleite foi, antes, um texto escrito com entusiasmo. Ainda, o prazer do texto parte de movimentos e de rupturas.

Opto, então, por certos enquadramentos e ângulos que me possibilitam ser criativa na redação. Meu jeito de escrever é fruto da minha jornada como jornalista e professora, permeada por questionamentos e reflexões como essas. E é também resultado do contato e das influências de autores, como Barthes (1987), que tenciona, critica e coloca o prazer como essencial, porque é assim que gera transformação em quem escreve, e em você que lê; ambos somos personagens ativos que imergimos e emergimos no texto.

Espero que o leitor aprecie o texto que segue!

2 ENTENDA OS CAMINHOS E OS ENQUADRAMENTOS DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Sem dúvida, é demasiado afirmar que o historiador tem “o tempo” como “material de análise” ou como “objeto específico”. Trabalha de acordo com os seus métodos, os objetos físicos (papéis, pedras, imagens, sons etc.) que distinguem, no continuum do percebido, a organização de uma sociedade e o sistema de pertinências próprias de uma “ciência”.

Michel de Certeau

A construção da historiografia opera de um lugar, mas até que se chegue ao texto, é necessária a prática. Certeau (2017) se refere a essa como sendo um conjunto de procedimentos investigativos que articulam o fazer. É o que apresento nesta seção, meus modos de fazer historiografia, da coleta de dados ao tratamento e à interpretação.

À vista disso, sublinho, com o mesmo pesquisador, que a historiografia realiza sua operação com base na interpretação, mas obedecendo a regras, desde as técnicas de produção que medeiam o fazer historiográfico. Assim, além de estar sujeita ao lugar e ao tempo em que se situa, a organização da história é relativa a tais procedimentos.

No decorrer da investigação, a fundamentação na história cultural foi ganhando corpo. Através de Certeau (2017), ao explicar que a pesquisa ocorre exatamente na fronteira entre a natureza e a cultura, entendi que a articulação entre uma e outra é considerada ponto estratégico, pois a operação faz da organização o lugar e a condição de transformação do material pesquisado em história, a partir de uma manipulação, que segue regras. Para ele, a técnica deve ser considerada como um momento que organiza o lugar em que circula a pesquisa. E "em história, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira" (CERTEAU, 2017, p. 69, grifo do autor).

Por certo, a reunião de fontes e materiais se dá por ações combinadas que recortam o universo de pesquisa. Com a história cultural e a legitimação de novas fontes e tratamentos, pude reunir dados em documentos diversificados, encontrados ou produzidos nesta operação historiográfica sobre os cursos de jornalismo piauienses. Procurei, contudo, não perder de vista

os aspectos relacionais mais amplos, que englobam o tema, quais sejam, as características do contexto nacional.

Como pesquisadora da história, posso fazer aparecer novos desvios a partir dos modelos já postos. Uma vez superadas as buscas por generalização ou totalização dos fatos por meio da interpretação, interessa mais o que faz diferença na situação estudada. O exame particulariza a mudança da produção de sentido sobre o real, e essa posição do particular pode ser vista como o limite da operação.

Além das proposições de Certeau (2017) na história cultural, Burke (2002, 2008), Le Goff (2013), Chartier (2002, 2017) e Prost (1998, 2008) foram importantes para a compreensão do lugar da minha pesquisa e para a articulação do percurso teórico-metodológico. Com esses pesquisadores, ficaram claras, a mim, as permissibilidades que a teoria da história cultural concede à pesquisa histórica, pela ampliação dos temas e das abordagens em relação ao passado e pelo uso de uma riqueza maior de fontes. Certamente, deu abertura e autoridade à investigação em história da educação e, especificamente, dos cursos de jornalismo.

Então, com esses autores, entendi o que é a história e deixo clara essa percepção aqui. Com Certeau (2017), ressalto que a história é uma prática, mas também é um discurso que se assenta sobre modos de fazer próprios do campo científico. Nada disso está fora de sintonia com o contexto, tanto do tempo sobre o qual estudo quanto no tempo de estudo.

Por essa razão, entendo como *história* essa prática (uma “disciplina”), o seu resultado (o discurso) ou a relação de ambos sob a forma de “produção”. Certamente, em seu uso corrente, o termo *história* conota, sucessivamente, a ciência e seu objeto – a explicação que se *diz* e a realidade *daquilo que se passou* ou se passa (CERTEAU, 2017, p. 5).

Como prática social discursiva, a história é cultural, pois trabalha com realidades sociais do objeto, a partir de realidades sociais do pesquisador. História é, então, cultura e fala sobre culturas. Cultura é sociedade. Sociedade é convivência por agrupamento de pessoas. Assim sendo, à história cultural interessa pessoas, sociedades, culturas. As inclinações são interdisciplinares, transdisciplinares e colaborativas.

Segundo Burke (2002), alguns deslocamentos de interesses são perceptíveis, da história tradicional para a cultural, quanto: 1) aos temas, da política para tudo o que diz respeito à humanidade; 2) à escrita da história, das narrativas para a estrutura dos acontecimentos; 3) ao ângulo imposto ao passado, da “história vista de cima” para a “história vista de baixo”; 4) às fontes, dos documentos oficiais para uma variedade de documentos, entre textuais, orais,

visuais, audiovisuais; 5) à avaliação de pesquisadores; e 6) à compreensão dos fatos, da objetividade ao relativismo cultural.

Desde o movimento da *Escola dos Annales*, a historiografia se expandiu para além dos grandes acontecimentos nacionais e internacionais vinculados à política, pela análise de suas estruturas, com possibilidades de realização de estudos em todas as esferas das atividades desenvolvidas pelas pessoas (BURKE, 2002).

Noutro texto, Burke (2008) fala de uma espécie de atualização da história cultural, redescoberta nos anos 1970 e que, desde então, vem passando por uma renovação. Nesse processo, historiadores que se concentravam em política e economia passaram a dar mais ênfase às questões culturais.

Hoje a história cultural se encontra legitimada. A história social possibilita que acontecimentos do cotidiano e atividades humanas, que estejam mais próximas da realidade cultural do pesquisador, sejam estudadas sob a perspectiva histórica. É isso que atesta minha pesquisa, ao considerar que as vivências dos professores nas suas trajetórias individuais formativas se relacionam a aspectos sociais. Assim nasce outra história, pois o que a educação superior de jornalismo viveu no tempo passado intervém na atualidade.

Também são importantes as contribuições de Le Goff (2013) nesse mesmo sentido. Pelo diálogo de diferentes temporalidades, passado e presente, estudamos, em história, pessoas em sociedades, diz ele. Também ressalta que a ampliação das possibilidades de ângulos, documentos e tratamentos promoveu enriquecimento notável, com representações a sociedades e realidades não percebidas pela história tradicional e positivista.

Assim é que “toda história deve ser uma história social” (LE GOFF, 2013, p. 13). Esse é um campo dinâmico, capaz de reconhecer as significações das construções e transformações tão presentes nas relações sociais. Por isso, “quanto à história, ela só pode ser uma ciência da mutação e da explicação da mudança” (LE GOFF, 2013, p. 16), que tem de explicar a, pelo menos, uma parte das interrogações que fazemos em nossa época.

Na construção da narrativa, a história se organiza com base na ideia de objetividade e de imparcialidade para chegar à “verdade” dos discursos sobre o tempo e garantir a credibilidade das narrativas. Faz isso através de revisões, verificações e verdades parciais, e por meio de certo distanciamento entre autor e objeto. Contudo, Le Goff (2013) enfatiza que esses objetivos são inalcançáveis.

Existem muitas versões, às vezes até divergentes, sobre o passado. Este é sempre acessado do presente. Aquele que pesquisa o tempo não está imune a seu tempo.

Consequentemente, as manipulações são inevitáveis, ditas ou não ditas. São os chamados abusos da história, que, todavia, devem ser evitados em fuga.

É necessário, então, compreender e ratificar que a história se constitui e se fermenta a partir das memórias coletivas, vivas, diversas e plurais. Pela ampliação dos espaços e tempos de estudo, a partir de leituras e revisões de diferentes documentos e de novas fontes de pesquisa, trabalhamos tentando esclarecer os desvios para conter os tais abusos.

A educação é como um processo que se constrói historicamente, com probabilidades de reconhecimento de suas realidades dinâmicas e com diversas inter-relações sociais. De tal modo, pesquisar a história da educação requer uma visão ampla das constantes transformações culturais que ocorrem nas muitas sociedades. É desafiadora a necessidade de se manter o equilíbrio entre as intencionalidades e as casualidades, afinal, é preciso tomar consciência sobre as adulterações que podem incorrer nos jogos de poder.

De modo semelhante a Burke (2002, 2008) e Le Goff (2013), Chartier (2002) refuta a vinculação da história tão somente ao estudo de estruturas, ao passo em que defende a abordagem mais social e integradora pelo diálogo com campos fronteiriços. Para ele, além da ampliação documental, a história abraçou métodos de interpretação de áreas afins. Isso porque “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa desse tipo supõe vários caminhos” (CHARTIER, 2002, p. 16-17).

Desse modo, o autor supracitado realça o enfoque nas representações sociais. Quanto mais diversifico os ângulos e os enquadramentos sobre o objeto, a partir de diferentes áreas, mas é possível obter uma vista mais ampliada sobre ele. Assim como Le Goff (2013), Chartier (2002) rejeita os embates entre as ideias de objetividade e subjetividade, os quais, ressalto, não são exclusivos da história, mas de diferentes ciências.

A história se escreve por narrativas sobre o tempo. Em outra obra, Chartier afirma que “a história como escritura desdobrada tem, então, a tripla tarefa de convocar o passado, que já não está num discurso no presente; mostrar as competências do historiador, dono das fontes; convencer o leitor” (CHARTIER, 2017, p. 15). A narrativa histórica se escreve sob normas e condições próprias. Nessa conjunção, há uma vontade de verdade no discurso histórico, que se assenta em métodos e técnicas que compõem sua operação.

Suas proposições também se relacionam às de Certeau (2017) quanto ao entendimento do campo como prático, que opera lugares sociais, a partir de técnicas que dirigem o discurso. São esses aspectos, da produção à organização do saber, que ajudam a legitimar as narrativas construídas e a reconhecer as práticas que constroem o conhecimento historiográfico.

Em convergência com a perspectiva desses autores, trago a de Prost (1998), que apresenta três problemas relacionados à história cultural. Para ele, 1) a cultura é sempre coletiva, social; 2) a cultura é resultado da mediação, da convivência, da comunicação, está na relação pessoa-grupo, bem como pessoa-experiências; 3) mudanças e evoluções interessam à história cultural, uma vez que as sociedades se transformam, mudam, logo, isso se torna também objeto da história cultural.

Assim sendo, a história dá conta do social, por isso, o mesmo pesquisador a entende como “história social das representações”, com utilidade para a sociedade. Seu objeto se refere aos discursos, textos, enunciados, palavras tratadas por métodos. Em consequência, se interpretam representações das sociedades no tempo.

Com esses autores, pude compreender o lugar maior em que se situa esta investigação em história da educação. A leitura e a apropriação dos seus conceitos e recomendações foram necessárias e adequadas para arrancar, em mim, ideias inteligíveis para organização, prática e escrita metodológicas adaptadas aos meus objetivos de pesquisa. Depois deles, mas de forma mais específica, dialoguei Lopes e Galvão (2010), Félix (1998), Souza (2000) e Ferro (2010), historiadoras da educação brasileira, sobre esse nicho da historiografia.

De maneira esclarecedora, entendi os ganhos do caráter interdisciplinar dos meus estudos, delineado pelo meu lugar de fala, como profissional e estudiosa da educação e do jornalismo, que escolhe olhar para esses campos pelo enquadramento da história. Devo te contar, leitor, que tenho encontrado resistências, que vêm se transformando em gatilhos para minha reflexão e problematização. Desde o início do meu processo de doutoramento, penso sobre meu tri-lugar: educação-jornalismo-história, sobre os ganhos e perdas das minhas escolhas de formação. Aqui, te descrevo um pouco acerca dessas relações, porque molda a escolha dos meus procedimentos e da minha redação e explica meus modos de fazer história da educação.

Ao iniciar o Doutorado em Educação, percebi uma turma mista cuja formação inicial ia das licenciaturas aos bacharelados em comunicação, psicologia, arqueologia. Na educação, encontrei pessoas, como eu, expandindo seus braços para os lados, ao invés de para cima, contrariando a verticalização do saber de forma hiperespecializada, situação esta, que Barros (2004) acredita ser tendência nas sociedades modernas e pós-modernas. Claro que esse autor parte do campo da história para fazer essas colocações, mas elas são bem propícias para descrever nossa sociedade. É pertinente pensar em como as conexões de diferentes conhecimentos ajudam a superar as triturações dos saberes para compreensão das realidades sociais.

Morin (2000) também aponta a inadequação da fragmentação do conhecimento e entende que a articulação precisa ser global e plural, porque falamos de sociedades complexas, que não podem ser explicadas de um só lado. Se tais construções devem estar centradas na condição humana, a educação precisa corresponder a essa complexidade.

Embora tenha me deparado com diversidades se encontrando na educação, foi comum também certa desaceitação, a princípio. Era como se o doutorado em Educação fosse somente para pedagogos. No entanto, a cada encontro desse grupo tão mesclado, percebi facilmente os ganhos da mistura de lugares. Eu, como jornalista, imprimi esse olhar da comunicação sobre a educação, da mesma forma que a psicóloga e o arqueólogo fizeram a partir de seus campos; todos nós, professores práticos, e outros, também teóricos.

Compreendo também que essas disputas são comuns na construção do saber e, pelo que vejo, empreendem ganhos. Passei a estudar separadamente meus três campos e a refletir sobre suas interfaces, inter-relações, interconexões¹³. O que é a educação? O que é o jornalismo? O que é a história? Como esses diferentes lugares enquadram minha visão sobre a história da educação em jornalismo? Como decido tecer essas teias?

Sou defensora da interdisciplinaridade, por entender que a construção de saberes parte sempre das necessidades evidenciadas nas nossas vivências para atender às nossas vivências e suprir as nossas necessidades. Um fenômeno não se explica por um único olhar. A articulação criativa sensível de diferentes ângulos nos concede uma visão mais panorâmica, tal como ocorre na produção de uma fotografia. Escolho ângulo, enfoque, enquadramento, luz, que geram sombras. Opto por ver complementaridade da educação na comunicação, sob a luz de histórias e memórias. A própria história experimentou renovação, como vi com os autores da teoria da história cultural. Com isso, os estudos interdisciplinares, como em história da educação, ganharam legitimidade. Parto desse ponto.

“Território plural”. É assim que Lopes e Galvão (2010) denominam o campo de pesquisa em história da educação, caracterizado pela heterogeneidade de formação dos pesquisadores, como é o meu caso, o que demonstra suas qualidades interdisciplinares e sua pluralidade, de fato. A constituição do campo como disciplina também passa pela renovação dos objetos, que hoje vai do ensino, alfabetização, materiais didáticos às personagens da história. Portanto, o alargamento dos estudos de história da educação, no que tange aos tempos

¹³ Publiquei algumas dessas reflexões do início da caminhada no doutoramento, em conjunto com minha orientadora, na Infinitum: Revista Multidisciplinar: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/infinitum/article/view/16336>.

e aos lugares, conduz a releituras de documentos e à qualificação de uma variedade de fontes e possibilidades.

As mesmas autoras mencionadas consideram que a diversificação e a multiplicação de abordagens são apropriadas, pois ajudam a legitimar a operação em torno de micro-histórias, como a do ensino, a de professores, dentre outras. Da mesma forma, entendem como enriquecedor o estudo sobre fontes alternativas e fora do lugar comum, tanto de cunho pessoal, a exemplo de diários e de cartas, quanto de caráter público, como é o caso das publicações jornalísticas.

Não somente documentos escritos oficiais podem ser considerados lugares de memória. Há que se perceber outros locais onde os vestígios do passado repousam, porque podem ajudar na composição interpretativa sobre o período investigado. Em soma, temos outras tendências, cuja influência da história cultural, social e da micro-história é notória sobre o campo, com a renovação de metodologias e de objetos, assim como de abordagens e de pessoas, para além das tradições das primeiras pesquisas em história.

Neste estudo, escolho trabalhar a história dos cursos de jornalismo por histórias de professores, propondo a articulação entre a produção de: documentos orais, por meio de entrevistas e rodas de conversa, os quais, depois, foram transformados em documentos escritos pela colaboração entre mim e os participantes, da transcrição à transcrição; documentos escritos criados em dois tipos de diários, o meu e o da pesquisa, e o outro dos pesquisados e para a pesquisa. Os documentos criados nesta investigação se conectam com documentos escritos institucionais e pessoais, iconográficos e noticiosos, encontrados no percurso investigativo.

A partir de sua jornada como professora e historiadora da educação, Félix (1998) compartilha experiências e reflexões sobre a produção de conhecimento em história-memória na sociedade pós-moderna, apontando para os sentidos práticos das investigações que fazemos. É esta a importância: “[...] quem tiver memória e consciência histórica, com mais segurança, será dono do seu presente e do seu futuro” (FÉLIX, 1998, p. 10).

Entre idas e vindas, decisões e dúvidas, vejo que a pesquisa em história da educação não se refere apenas à aplicação de técnicas sobre fontes. As maneiras de olharmos para os dados obtidos no âmbito da investigação, numa relação que vai da pergunta à resposta, ajudam a gerar uma compreensão de mundo sobre o tempo. Assim sendo, considero pertinente o questionamento de Souza (2000) acerca das relações da educação com o passado das sociedades. Ela critica, ao tempo em que problematiza: por que a pedagogia moderna não considera ou valoriza o passado? Segundo ela, a educação apela para as novidades como se

fossem mais relevantes do que as experiências, enaltecimento do futuro em detrimento das memórias.

Contudo, há que se valorizar a análise histórica sob diversos pontos de vista. As vivências de professores, alunos e instituições educativas se constituem na memória. Portanto, não pode haver dissociação entre escola e memória, sob o peso do risco de se perder a consciência sobre o tempo, consciência do passado e do presente para condições de futuro.

De forma harmônica, Ferro (2010) compreende a necessidade de percorrermos estudos em história da educação brasileira por diversos caminhos e pontos de vista. As investigações podem ocorrer pelas relações entre campos para melhor compreensão de aspectos sociais. Assim, a leitura e a análise históricas nos ajudam a conhecer nossas memórias e, mais que isso, nossas representações, a fim de nos entender.

Para o percurso desse processo de registro e interpretação da história da educação em jornalismo, meu mapa metodológico (infográfico 1) se articula entre a pesquisa narrativa, documental e de campo, por meio da história oral, dividida em duas: história oral temática e histórias orais de vidas. A organização sistemática da pesquisa científica se concentra na abordagem qualitativa, em nível explicativo.

A pesquisa narrativa se ocupa da experiência. Segundo Clandinin e Connelly (2011), as investigações nesse âmbito combinam três dimensões: a primeira, refere-se à interação entre o eu e o social; a segunda, é temporal, da relação entre passado, presente e futuro; a terceira, situacional, portanto, diz respeito ao lugar. Pesquisas narrativas se circunscrevem numa relação autobiográfica com os próprios pesquisadores. “Pesquisadores narrativos são sempre fortemente autobiográficos. Nossos interesses de pesquisa provêm de nossas próprias histórias e dão forma ao nosso enredo de investigação narrativa” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 165).

Para mim, foi a minha trajetória no ensino de jornalismo, como aluna, depois, hoje, como professora, que me despertou para o interesse em estudar narrativas de outros docentes e de outras pessoas que outrora foram estudantes. Da mesma forma, minhas experiências como professora bacharela de jornalismo, implicadas e implicadoras por minha formação e práticas educativas, levaram-me a estudar histórias de formação de outros.

Assim sendo, a escolha dos procedimentos de instrumentalização envolve abordagens, métodos e técnicas em busca de respostas acerca de questionamentos levantados. Diante disso, realizei a pesquisa de campo (SEVERINO, 2007) usando o método da história oral e o método (auto)biográfico, conforme demonstrado no infográfico a seguir.

Infográfico 4 - Mapa da metodologia da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quanto à história oral, trabalho com dois tipos: a história oral temática e a história oral de vida, fundamentando-me em Alberti (2013) e Meihy (2019). Na primeira, entrevistei 12 pessoas, usando a técnica da entrevista semiestruturada para levantamento de memórias acerca do tema e a construção do processo historiográfico. Na segunda, realizei entrevistas biográficas, uma roda de conversa com o grupo, e minirrodas individuais, evocando memórias sobre suas vidas, formações, suas práticas e experiências. Os colaboradores autorizaram sua identificação como testemunhas oculares da história.

Na investigação das histórias de vida de professores de jornalismo do Piauí, enfoquei no método (auto)biográfico e nas técnicas das entrevistas biográficas, rodas e registros. A utilização do método (auto)biográfico na pesquisa narrativa, assim como da história oral, valoriza o ser humano como objeto de estudo. Ambos trabalham com relatos memorialísticos.

Muñoz (1992) coloca o método biográfico e a história oral como correntes metodológicas inovadoras, interdisciplinares. Assim, transforma fontes memorialísticas marginalizadas em protagonistas, ao dar voz ao que seria silenciado por outros métodos e correntes epistemológicas.

Seu interesse reside em permitir que os investigadores sociais se posicionem nesse ponto crucial de convergência entre: 1) o testemunho subjetivo de um indivíduo à luz de sua trajetória de vida, de suas experiências, de sua visão particular, e 2) a expressão de uma vida que é o reflexo de uma época, das normas sociais e de valores essencialmente compartilhados com a comunidade da qual o sujeito faz parte” (MUÑOZ, 1992, p. 44, tradução nossa).

Segundo ele, o método biográfico não se trata apenas do uso de relatos biográficos, mas procura entendê-los em suas relações sociais nos grupos de referência; no caso dos meus colaboradores, os próprios pares, assim como os alunos, a comunidade acadêmica em geral, ou seja, sua realidade social. Daí a importância de contextualizar cada trajetória individual com o social, dentro das relações que cada colaborador está imbricado. É o que procuro fazer ao longo da tese.

Como o método principal desta investigação se concentra na história oral temática e de vida, assim como no método biográfico, para realizar a coleta de dados e a pesquisa-formação, as técnicas utilizadas para evocação de memórias foram entrevistas semiestruturadas, biográficas e rodas de conversa, além de registros em dois diários (de pesquisa e da roda). Por conseguinte, para tratamento desses dados, resumo as interpretações para explicações por meio da análise cruzada (THOMPSON, 2002) e da análise de conteúdo categorial (BARDIN, 2016). Esses aspectos estão mais bem delineados nas subseções que se seguem.

A memória, segundo Halbwachs (2006), diz respeito a um fenômeno de reconstrução do passado, a partir de um trabalho de enquadramento sobre um conjunto de lembranças que temos sobre episódios, personagens e lugares. Portanto, ela é seletiva e está constantemente subordinada a flutuações impostas por contextos sociais diversos. Não podemos pensar o passado como imutável, pois as memórias se configuram discursivamente no presente.

Desse modo, as memórias coletivas fazem parte e, ao mesmo tempo, provocam uma continuidade provavelmente natural, pois o que fica nela, do passado, é somente aquilo que permanece na consciência das pessoas e do grupo que as mantêm e as conservam. Por serem elementos coletivos e individuais, as memórias não vêm puras e limpas, mas carregadas de ideologia, pois são frutos de construções feitas a partir de angulações.

Por essa relação com a história, é necessário salientar que as memórias são consideradas fenômenos construídos e sua organização pode ser tanto consciente quanto inconsciente, por serem constituídas de acontecimentos do grupo ou vividos pessoalmente. Sobre as memórias construídas no tempo presente é que a história atua.

Segundo Abrahão (2003), os estudos das histórias de vida passam pela compreensão dos fenômenos um tanto quanto subjetivos. A partir daí, o pesquisador pode fazer generalizações na análise – “generalizações analíticas”, como ela chama. “As narrativas permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, universalizar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes” (ABRAHÃO, 2003, p. 81).

Portanto, a pesquisa (auto)biográfica precisa fazer uso da memória, de forma dependente, ainda que se utilize de outras fontes, como documentos diversos, segundo a autora. No caso, os educadores fazem uso de suas lembranças para retomarem suas trajetórias formativas. Ao trabalhar com memória, precisamos reiterar que ela é seletiva, de forma intencional ou não. Então, nas lembranças evidenciadas por educadores, os fatos vêm seletivamente. É uma memória reconstruída nas falas delas, na investigação científica.

Durante o processo, a pesquisa documental (GIL, 2014) também ajudou, dando suporte à pesquisa de campo. Realizei a análise histórica sobre os documentos oficiais e não-oficiais dos cursos de jornalismo das instituições públicas do Piauí, tais como resoluções, atas, projetos pedagógicos de curso, memorandos, relatórios, selecionando material de diferentes períodos ao longo de suas trajetórias enquanto cursos de educação superior, desde a implantação até o presente momento. Também usei documentos pessoais que se relacionem às histórias de vida dos educadores, tais como fotografias e relatos escritos.

Os documentos institucionais foram obtidos por seção das universidades, instigadas por minha pesquisa, e por pesquisas em *sites* de domínio público, como as plataformas das duas

IES, plataformas governamentais, que dispõem as leis nacionais e estaduais. Já o material biográfico foi adquirido por seção dos professores e através de publicações em suas redes sociais.

Assim, fui dos monumentos aos documentos. Segundo Le Goff (2013), a pesquisa em história, sobre memórias, portanto, trabalha com monumentos e documentos. Os primeiros são resquícios sobreviventes ao trabalho do tempo, os quais carregam ou evocam reminiscências. Os segundos são as fontes que a historiadora reúne na e para a investigação, por critérios objetivos ou não.

Assim, os documentos desta pesquisa foram encontrados ou construídos por mim em parceria com os colaboradores. Graças à ampliação dos documentos para além do texto, com a história cultural, fabriquei documentos e o fiz transformando memórias orais em documentos escritos, depois do processo de evocação por meio das entrevistas e rodas de conversa.

Registro aqui minhas dificuldades em acessar documentos-monumentos institucionais e o apelo majoritário às memórias orais para operação da história dos cursos públicos de jornalismo piauienses. Mesmo assim, notei, na minha pesquisa, uma supervalorização dos documentos-monumentos escritos.

Muitas vezes, procurei validar aspectos evidenciados nas memórias orais dos meus entrevistados por meio de textos escritos. Não que o cruzamento de dados não seja importante, porque o é, como coloca Thompson (2002). Mas quando eu não conseguia fazer essa verificação, questionava a veracidade da informação, até quando ela aparecia repetidamente nas lembranças de mais de um colaborador.

Da mesma forma que as memórias orais são questionáveis, porque são seletivas, enquadradas, subjetivas, documentos-monumentos escritos também o são, por serem seletivos, enquadrados e terem caráter de subjetividade. Então, frente ao meu comportamento diante dos monumentos sendo transformados em documentos, questionei-me: “será que há mesmo necessidade de comprovação de absolutamente tudo o que foi falado por meio de registros escritos?” (DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

Se existem outros documentos-monumentos escritos, eles não estiveram acessíveis a mim na operação historiográfica. Procurei pessoalmente as coordenações de curso, direções de *campus* e de centro, e chefia de departamento, arquivo, e consegui alguma coisa, mas pouco, diante do que eu procurava. Protocolei formalmente pedido de acesso às pró-reitorias, mas o processo não teve efetividade.

Por esse motivo, alguns fatos evidenciados no trabalho, com base tão somente nos documentos construídos a partir das memórias orais (monumentos), perderiam o caráter de

evidência? Em toda a construção da pesquisa é preciso autocrítica, quando trabalhamos com rastros de memória. Da memória para a história, o que estou valorizando na e com a pesquisa?

Como diz Ricœur (2007), o esquecimento faz parte da memória, porque não é possível guardar tudo, e o presente, quando passado, não pode ser revivido. “[...] muitos esquecimentos se devem ao impedimento de ter acesso aos tesouros enterrados na memória” (RICŒUR, 2007, p. 452).

Acessamos rastros que nos ajudam a representar o passado. Nesse sentido, é preciso realçar e sobressaltar que a memória não é confiável e que é condição para o esquecimento, e vice-versa. Então, qual a fidelidade da memória? Falamos em dever de memória, dever de não esquecer, e Ricœur (2007) questiona o dever do esquecimento.

Assim como existem usos e abusos da memória, existem usos e abusos do esquecimento. Trata-se de manipulações ou impedimentos. “De fato, antes do abuso, há o uso, a saber, o caráter inelutavelmente seletivo da narrativa. Assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo” (RICŒUR, 2007, p. 455).

Esta tese é uma narrativa histórica sobre os cursos de jornalismo nas instituições públicas piauienses, seletiva e incompleta. Ao caráter seletivo da memória, destaco o caráter seletivo da narrativa. A narrativa tem o papel de mediar memórias e esquecimentos. Todavia, ao selecionar, esquecemos. Mas, da mesma forma, nem tudo é esquecido, há memória no esquecimento.

Há uma conexão entre memória, história e esquecimento, segundo Ricœur (2007). Estabeleço diálogo acerca disso com Pollak (1992). Memória e esquecimento andam juntos, nem tudo é lembrado, nem tudo é esquecido. Pollak (1992) fala em memórias subterrâneas, que conservam aspectos sociais que não foram registrados ou conservados pela memória coletiva. São memórias sobreviventes que resistem. Elas também aparecem nesta pesquisa, percebidas no cruzamento de memórias orais, da memória para a história.

Observo, então, que é imperativa a necessidade de confrontação de memórias na investigação científica, sejam elas orais ou escritas. Há que se dizer também que a história trabalha com memórias, ou melhor, com rastros, vestígios, indícios, restos. Embora a primeira use a segunda, a diferença entre ambas deve ser destacada.

Nora (1993) é enfático quanto a isso. A memória é presente, viva, dinâmica, aberta, vulnerável, manipulável, flutuante, ligação, afetiva, múltipla, atual, porque é acessada e reconstruída no tempo presente, embora trate sobre o tempo passado. Por não existir memória, o autor fala que reconhecemos lugares de memória. Assim, esses lugares depositam trilhas que, quando acessadas, já não são mais memórias, mas rastros, vestígios e história. “Desde que haja

rastró, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” (NORA, 1993, p. 9).

Se, por um lado, a memória é sempre viva e mutante, porque se estabelece e se apoia no grupo que a alimenta, a mantém e a carrega, por outro, a história é reconstrução por reflexão e problematização, é representação daquilo que se passou, e é incompletude. A história opera sob normas e regras científicas, modos de fazer próprios da pesquisa historiográfica, no campo das ciências sociais e humanas.

Corroborar na mesma direção o pensamento de Rioux (1998). Para este pesquisador, história e memória se opõem. A memória busca no passado sua herança. Já a história dedica-se ao tempo para construir representações, com seus próprios métodos e sua maneira categórica de articular os tempos, decifrar, compreender, criticar por meio da narrativa.

Logo, ao estudar história de vida de professores para chegar à história dos cursos, pondero sobre as inter-relações existentes entre o campo memorialístico e historiográfico, a partir da história cultural, uma vez que o segundo está dentro do primeiro. Da mesma forma, considerando a interdisciplinaridade, a educação se refere à história e às memórias, por se constituir exatamente nesses espaços ao longo do tempo. Daí a importância de tratar sobre como elas se correspondem.

2.1 Pesquisa-formação: veja quem são os colaboradores

Os colaboradores da pesquisa são pessoas envolvidas com a história e a memória dos cursos estudados, entre professores, coordenadores e/ou outros gestores, além de egressos que vivenciaram esse contexto. Eles foram divididos em dois grupos: o da pesquisa em história oral temática (quadro 2); e o da pesquisa-formação em história oral de vida (quadro 3).

Anterior ao processo de construção da narrativa, é imperativo questionar sobre a autoridade da pessoa que narra. Thompson (2002) levanta questões práticas em torno do que ele chama de problema da evidência: que autoridade essa ou aquela fonte tem sobre o tema para representar uma “voz do passado”? A partir disso, pensei sobre quem deveria ouvir; por que escolher essas fontes; sobre qual a autoridade de cada uma; e para quem a narrativa seria construída. Até chegar aos dois grupos.

Quadro 2 – Colaboradores da pesquisa em história oral temática

Entrevistada	Relação com o curso da UFPI	Período	Relação com o curso da Uespi/CPTN	Período	Relação com o curso da Uespi/CPBA	Período
Cláudia Brandão de Oliveira (entrevista <i>on-line</i>)	Estudante	1984-1988				
	Professora efetiva	1989-1995				
Daniel Vasconcelos Solon (entrevista <i>on-line</i>)	Estudante	1994-1998	Professor efetivo	2004-atual		
			Coordenador de curso	2005-2006 2013-2017		
Eliezer Castiel Menda (entrevista presencial)	Estudante	1986-1990				
	Professor efetivo	1992-atual				
	Chefe de Departamento	1992-1995				
		1996-1998				
Evandro Alberto de Sousa (entrevista <i>on-line</i>)	Coordenador de curso	2001-2003 2003-2006				
			Vice-reitor	2018-2020	Prof. substituto	2002-2007
			Reitor	2020-atual	Professor efetivo	2012-atual
					Coordenador de curso	2002-2007
					Diretor de <i>campus</i>	2014-2018
					Vice-reitor	2018-2020
Francisco Laerte Juvêncio Magalhães (entrevista <i>on-line</i>)					Reitor	2020-atual
	Professor efetivo	1986-2020				
	Chefe de Departamento	2003- 2005				

	Diretor de Centro	2007-200?				
Genival Oliveira Lima (entrevista <i>on-line</i>)	Estudante	1984-1988				
Iury Kilson Moura Campêlo (entrevista presencial)			Estudante	2001-2005		
Jônathas de Barros Nunes (entrevista <i>on-line</i>)			Reitor	1995-2001	Reitor	1995-2001
José Pereira de Sousa Filho (entrevista presencial)					Estudante	2002-2005
Maria Edilene Ramos da Luz (entrevista <i>on-line</i>)					Professora	2003-2005
Orlando Maurício de Carvalho Berti (entrevista presencial)	Estudante	1997-2001	Estudante	2001	Prof. efetivo	2003-2006
			Professor efetivo	2006-atual	Prof. colaborador, pesquisador e extensionista	2014-atual
	Prof. substituto	2003-2004 2008-2010	Coordenador de curso	2017-2018		
Ruthy Manuella de Brito Costa (entrevista presencial)					Estudante	2003-2007
					Profa. substituta	2009-2011 2014-2018
					Professora efetiva	2021-atual
					Coordenadora de curso	2010-2011

Fonte: Elaborado pela autora (2022)¹⁴.

¹⁴ Quadro elaborado a partir de cada entrevista e de consulta ao currículo de cada colaborador(a) na plataforma Lattes. Data da última conferência na plataforma: 28 set. 2021.

Para compor esse primeiro grupo, trabalhei da seguinte forma: inicialmente, conversei com professores de cada universidade, com pessoas conhecedoras da história da educação superior e conhecedoras da história de implantação dos cursos, na tentativa de levantar as possíveis fontes.

Ajudaram-me com indicação de nomes e fornecimento de contatos, os professores Ana Regina Rêgo e Fenelon Rocha, da UFPI; a ex-professora da referida instituição, Graça Targino; a professora da Uespi/CPTN, Daiane Rufino; a professora aposentada da UFPI e ex-reitora da Uespi, Oneide Rocha; o jornalista Odorico Carvalho; além das pessoas que se tornaram meus entrevistados e mencionaram outras que poderiam contribuir.

E, assim, fui listando possíveis nomes. Em seguida, coloquei filtros. Eu optei por compor um quadro misto de pessoas que tiveram papéis diferentes na memória dos cursos, algumas, como primeiros alunos; outras, como professores, outras como pessoas que ocuparam cargos de gestão. Então, quando já tinha entrevistado uma egressa, eu partia em busca de uma professora, a fim de obter impressões de diferentes lugares de fala. Entre sins e não-sins como respostas aos meus convites para participação da pesquisa, formatei o grupo descrito no quadro 2.

Na história oral temática, trabalhei com pessoas que, além do citado, tiveram disponibilidade em colaborar com meu estudo. Compus o quadro de 12 pessoas, sendo quatro do curso da UFPI, quatro da Uespi/CPTN, e mais quatro da Uespi/CPBA, entre professores, que também já ocuparam ou ocupam funções gestores, egressos das primeiras turmas dos cursos, e reitor. Cada entrevista temática foi realizada individualmente, segundo data e local melhor adaptável ao entrevistado. Algumas presenciais, antes da pandemia, e outras virtuais, durante a pandemia, em razão da necessidade de distanciamento social.

Especificamente, na UFPI, entrevistei três ex-alunos, dois deles também vivenciaram a docência no mesmo curso do qual são egressos: Cláudia Brandão de Oliveira, Genival Oliveira Lima e Eliezer Castiel Menda, docente até os dias atuais; e um professor desde os primeiros anos de implantação até a contemporaneidade, Francisco Laerte Juvêncio Magalhães.

Já na Uespi/CPTN, em Teresina, os colaboradores foram dois professores; Daniel Vasconcelos Solon e Orlando Mauricio de Carvalho Berti; o ex-aluno Iury Kilson Moura Campêlo; e o reitor à época, Jônathas de Barros Nunes, pelo fato de os cursos da Uespi terem sido criados, no período de sua expansão, por decisão do então reitor e do Governo do Estado do Piauí no final da década de 1990 e início de 2000. Pela perspectiva do gestor, entendi também sobre o processo de criação do curso de Picos, na mesma instituição.

Na Uespi/CPBA, em Picos, as fontes escolhidas para as entrevistas foram: dois ex-alunos: José Pereira de Sousa Filho participou ativamente da mobilização para implantação do curso e ingressou na primeira turma, Ruthy Manuella de Brito Costa foi estudante da segunda turma e se tornou docente posteriormente; e mais dois professores atuantes nos primeiros anos, Maria Edilene Ramos da Luz e Evandro Alberto de Sousa, professor do curso até a atualidade.

Com o consentimento de cada pessoa, os nomes estão sendo divulgados como fonte histórica oral neste trabalho, uma vez que entendo que elas são testemunhas oculares da história, portanto, é importante dar visibilidade a quem vivenciou o período em estudo, já que se trata de uma pesquisa cuja abordagem se refere à história cultural. Isso também foi previsto no projeto submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Na história oral de vida, para facilitar a seleção dos professores (quadro 3) que contribuiriam com o estudo a partir da pesquisa-formação sobre suas trajetórias formativas, listei os seguintes critérios: a) ser professor de um Curso de Jornalismo em instituição pública superior do Piauí; b) ter efetividade no cargo; c) ter formação em Comunicação Social, independente da habilitação; d) serem docentes com mais tempo de experiência e de envolvimento com a história do curso; e) ter liberdade e vontade de participar.

Quadro 3 – Colaboradores da pesquisa em história oral de vida

Entrevistas de história de vida

	UFPI		Uespi/CPTN		Uespi/CPBA	
	Entrevistado					
Período de vinculação ao curso	Francisco Laerte Juvêncio Magalhães	Jacqueline Lima Dourado	Daniel Vasconcelos Solon	Sônia Maria dos Santos Carvalho	Evandro Alberto de Sousa	Jaqueline Torres da Silva Cardoso
	1986-2020	1991-atual	2004-atual	2003-2006 (CPBA) 2006-atual (CPTN)	2002-2006 2012-atual	2006-atual

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Participaram da pesquisa-formação: Francisco Laerte Juvêncio Magalhães e Jacqueline Lima Dourado, da UFPI; Daniel Vasconcelos Solon e Sônia Maria dos Santos Carvalho, da Uespi/CPTN; e Evandro Alberto de Sousa e Jaqueline Torres da Silva Cardoso, da Uespi/CPBA.

A intencionalidade de fazer um grupo misto, formado por homens e mulheres, também foi considerada por mim durante a formatação. Alguns desses docentes, por terem muito tempo de envolvimento com o curso, também me ajudaram na primeira etapa da pesquisa, quando das entrevistas de história oral temática. Foi o caso de Laerte Magalhães, Daniel Solon e Evandro Sousa. Antes de escolher convidá-los para participar da pesquisa-formação, cheguei a eles como fontes indicadas por outras pessoas, por terem conhecimento de como os cursos teriam se formado e se organizado ao longo do tempo.

Assim, convidei seis docentes, sendo dois de cada curso (UFPI, Uespi/CPTN, Uespi/CPBA), três homens e três mulheres. O contato se deu, inicialmente, por e-mail, com carta-convite (apêndice A) e síntese da proposta de pesquisa-formação (apêndice B), seguido de mensagem pelo aplicativo *WhatsApp* para agendar conversa prévia, por telefone, a fim de explicar os objetivos da pesquisa, as formas de participação e esclarecer eventuais dúvidas.

Vale ressaltar que o estudo não trouxe riscos à vida dos colaboradores em nenhuma das etapas. Além de constar no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (apêndice C), avisei cada uma das chances mínimas de desconforto e/ou constrangimento em relação a algumas perguntas que seriam feitas para coleta dos dados, e os deixei confortáveis para não responder, caso assim entendessem. As entrevistas temáticas, biográficas e as rodas foram conduzidas de forma dialógica e ética, de modo a deixar os participantes seguros para responder ou se abster.

Cada entrevista foi gravada para registro da coleta de dados e análise. Os depoimentos orais das entrevistas de história oral temática e de história oral de vida foram transformados em documentos escritos e devolvidos a cada pessoa para apreciação, validação e autorização sobre o que poderia ser analisado e divulgado. Alguns deles, me ajudaram a deixar o texto mais inteligível à leitura; outros optaram por não mexer. Conto como foi esse processo mais à frente.

Ressalto que a investigação foi isenta de custos aos participantes, do mesmo modo em que não implicou em remuneração a essas pessoas. Todas essas informações constaram no TCLE (apêndice C) e passaram por validação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, *Campus* Ministro Petrônio Portela (CMPP), conforme parecer consubstanciado anexado a este trabalho (anexo A).

As memórias orais transformadas em documentos escritos estão disponibilizadas, na íntegra, no volume 2 desta tese, com acesso aos áudios ou vídeos referentes a cada entrevista. Além disso, pretendo entregar o material em arquivo escrito e em áudio aos cursos das duas instituições para que, além de integrarem o meu acervo particular de pesquisa, estejam

disponíveis como um acervo público de memória dos cursos de jornalismo no Piauí, nas universidades públicas.

2.2 Entre lembranças e relatos: história oral transita entre a escuta e a colaboração¹⁵

Os cursos de jornalismo têm uma história que só pode ser contada por quem vivenciou. Daí a importância da história oral como método para a pesquisa narrativa. Produzimos, eu e os colaboradores, narrativas orais transformadas, posteriormente, em documentos escritos. Tive participação em todas elas. Ajudei a selecionar registros no processo, a evocar lembranças por meio de perguntas, a reescrever as narrativas escritas pela textualização e pela transcrição, até chegar às interpretações deste trabalho.

Por um lado, a pessoa que narra descreve também suas experiências a partir de sua visão e de sua maneira de contar. Por outro, a pessoa que ajuda a narrar, que seleciona, que interpreta, na operação historiográfica, tensiona registros de memória, silenciamentos e esquecimentos. É por isso que Bosi (2003, p. 18) nos diz que tão necessário quanto interpretar as lembranças é também perceber e investigar os esquecimentos: “Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou sensibilidade popular daquela época”.

Outro aspecto que considero, ao estudar as memórias orais, diz respeito à atenção a como trabalhamos e como pomos em confronto memórias oficiais/institucionais *versus* memórias orais. Pelos testemunhos orais e através deles, multiplicamos os ângulos pelos quais vemos determinado acontecimento e isso é demasiado importante. Contudo, há que se pensar que as memórias orais também podem trazer limitações pelos enquadramentos e seleções de quem as preservou, da mesma forma que ocorre com os relatos institucionais. Assim como vemos criticamente as ditas oficiais, devemos perceber as não oficiais em seus recortes e pelo caráter de seletividade, especialmente em se tratando de seu uso para uma escrita da história.

Bosi (2003) acredita que ocorre, por vezes, um enaltecimento das versões orais em pesquisas contemporâneas pelo fato de nos apresentarem aspectos, muitas vezes, não enquadrados nas versões oficiais. Para a autora, pode existir uma tendência equivocada, em

¹⁵ Escrevi sobre minha experiência com a história oral durante o doutorado, apresentei e publiquei no XV Encontro Nacional de História Oral, realizado em 2020 (FERREIRA; FERRO, 2020). Aqui, trago o texto de minhas reflexões iniciais sobre o processo, aumentado e reformado a partir das discussões iniciadas no próprio evento, as quais funcionaram como geradoras de modificações na minha investigação, por exemplo, quanto à mudança da transcrição para a transcrição.

nossas pesquisas, de problematizar, questionar e avaliar as memórias oficiais, mas não os testemunhos orais.

Entre lembranças, silêncios e esquecimentos, a seletividade da memória se dá com base nos tempos em que vivemos. Bosi (2003) fala em tempos vivos e tempos mortos, os quais integram nosso cotidiano. Os tempos vivos são aqueles dos quais lembramos. Os tempos mortos se referem a tempos vazios, tempos usados e multiplicados em circunstâncias sem significação, expressividade, substância, sobre os quais nem lembraremos, passam despercebidos.

Bosi (2003) não é a única a reconhecer o caráter de escolha e descarte da memória, seja ela oficial ou não. Com ela convergem, de alguma forma, as ideias de Halbwachs (2006) e Pollak (1992). Considero as contribuições de ambos os autores importantes nesta investigação, pois o primeiro traz percepções clássicas acerca do caráter coletivo da memória, realçando a vinculação inevitável da individual à coletiva. De outra forma, o segundo aborda aspectos que precisam ser reconhecidos nos estudos de memória, os quais se referem à existência de memórias subterrâneas, para além das coletivas/oficiais, bem como a coexistência de silêncios e esquecimentos e, por conseguinte, de disputas de memórias.

Para reconstituir a história de um objeto de pesquisa, precisamos de um conjunto de lembranças, memórias coletivas evidenciadas não somente naquilo que a instituição escolheu guardar nos documentos escritos oficiais, mas em impressões que diferentes pessoas guardaram, lembranças pessoais que podem ser evocadas durante as entrevistas.

Assim sendo, os usos da história oral se dão no âmbito da história cultural. Foram as transformações impelidas ao campo da história que ajudaram a garantir a compreensão dos benefícios da história oral e sua validação como método da historiografia. Hoje se encontra consolidada no campo das ciências sociais e humanas.

Segundo Ferreira (1998), os documentos orais ganharam notoriedade como potenciais fontes no estudo historiográfico, com reconhecimento de seus ganhos à investigação. Para a mesma autora, as memórias orais beneficiam a pesquisa, ao tempo que ajudam a preencher lacunas que documentos escritos não conseguem. Assim como Ferreira (1998) e Bosi (2003), ajudaram-me a compreender e a recriar a história oral nesta pesquisa, Thompson (2002), Benjamim (1987), Alberti (2013, 2019), Meihy (2005), Meihy e Holanda (2019); Meihy e Seawright (2020), Grazziotin e Bittencourt Almeida (2012).

Primeiro, compreendi o caráter interdisciplinar da história oral, com Thompson (2002) e Alberti (2019), reconhecendo que é um método da antropologia, da sociologia, da história, da psicologia, da literatura e de tantos outros campos. Assim, convém ser aplicada nesta pesquisa que se situa na educação, na história, na comunicação e no jornalismo. Por esse motivo,

Thompson (2002, p. 9) considera que não é possível conceituar a história oral em sentido estrito, e prefere a definição mais geral: “Entendo por “história oral” a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”.

Em seguida, entendi que a interpretação de períodos e temas mais amplos é tão importante quanto a compreensão de histórias de vida de pessoas, individualmente. As narrativas de vida de professores retratam características de seu tempo. Sua formação implica no desenvolvimento de suas práticas educativas. Práticas educativas são sociais. A educação e a sociedade andam juntas. Daí a importância de estudar memórias individuais, seja sobre a própria trajetória de vida, seja sobre determinado tema, acontecimento, episódio, período. Como ressalta Halbwachs (2006), as lembranças pessoais estão sujeitas às coletivas, pois nunca estamos sós. O relato pessoal não é só de quem narra e nem exclusivo sobre quem narra, é social, é coletivo.

Ao considerar esse ponto, trabalho com as duas formas de abordagem de que fala Thompson (2002): 1) histórias de vida de professores com larga experiência e envolvimento nos cursos de jornalismo, seja na condição de docente, seja na condição de formando e, depois, docente; 2) análise social ampla do surgimento e desenvolvimento das graduações no Piauí.

Parte deste estudo tem na abordagem 2 o papel principal, mesmo assim, insiro aspectos (auto)biográficos como cruzamento. De igual modo, parte tem nas histórias de vida, abordagem 1, esse tom, mas cruzo com aspectos sociais. Assim, individual e coletivo estão sempre se encontrando ao longo deste trabalho, ora em primeiro plano, ora em segundo.

Na história oral, produzimos o documento com que vamos trabalhar. Essa produção se dá em coparticipação com as pessoas que aceitam contribuir com a conservação de lembranças sobre o tema em questão. Assim, pela colaboração entre interlocutores e pesquisadora, construímos narrativas orais, depois, transformadas em narrativas escritas.

Falando em narrativas, saliento as considerações de Benjamin (1987). Basear minhas proposições nele significa considerar que a história oral se constrói a partir de narrativas de memórias sobre experiências. Ao ponderar sobre as características da pessoa narradora e dos elementos constitutivos da narração, o autor ressalta a importância da experiência, ao tempo que considera que existem dificuldades de narração causadas pela falta de ações da experiência.

Então, Benjamin (1987) fala de dois grupos de narradores, utilizando-se de metáforas: 1) marinheiro comerciante (narrador viajante); 2) camponês sedentário (narrador que não saiu, mas conhece sua história e suas tradições), cada um com especificidades em suas narrativas.

Para os projetos de história oral, o ideal seria um narrador síntese, que reunisse os dois, as experiências do narrador viajante, mas também do aprofundamento do narrador sedentário.

Em ambos os grupos de narradores, a experiência é importante para a narração. Como se trata de um processo que envolve quem narra e quem ouve, a experiência precisa ser comum entre os envolvidos. Portanto, as relações humanas são importantes na constituição dos relatos de memória, e esse relacionamento se estende ao leitor daquela narrativa gerada pela colaboração entre narrador e ouvinte, entre colaborador e pesquisador.

Assim como toda narrativa tem marcas de quem narra, ocorre um processo de interação com quem ouve e quem lê: eu, como ouvinte; você, como leitor, tem liberdade de interpretação. Portanto, trazendo para a história oral, a entrevistadora partilha da história narrada pelos entrevistados. Quando o narrador conta, traz não só sua perspectiva, mas também a do grupo, uma vez que a narração trata das experiências vividas individualmente e coletivamente, memória individual e coletiva (reconstituída); memória histórica como sendo reconstruída, ainda que fale de si. Reminiscências.

As memórias são essenciais ao trabalho da história oral. Ao reconhecer o caráter de enquadramento e subjetividade da memória, a história oral coloca múltiplas memórias em negociação. Alberti (2019) entende que a história oral permite a ampliação e a multiplicação de olhares sobre o tempo passado e presente, por trabalhar com “histórias dentro da história”, tomando narrativas como fundamento.

Mas não somente as memórias orais têm caráter seletivo e subjetivo, mas também documentos escritos. Não existe reminiscências puras e completas. Sejam nos vestígios conservados pela escrita ou evocados da memória pela oralidade, trata-se sempre de escolhas orientadas e influenciadas pelo contexto, circunstâncias, pessoas.

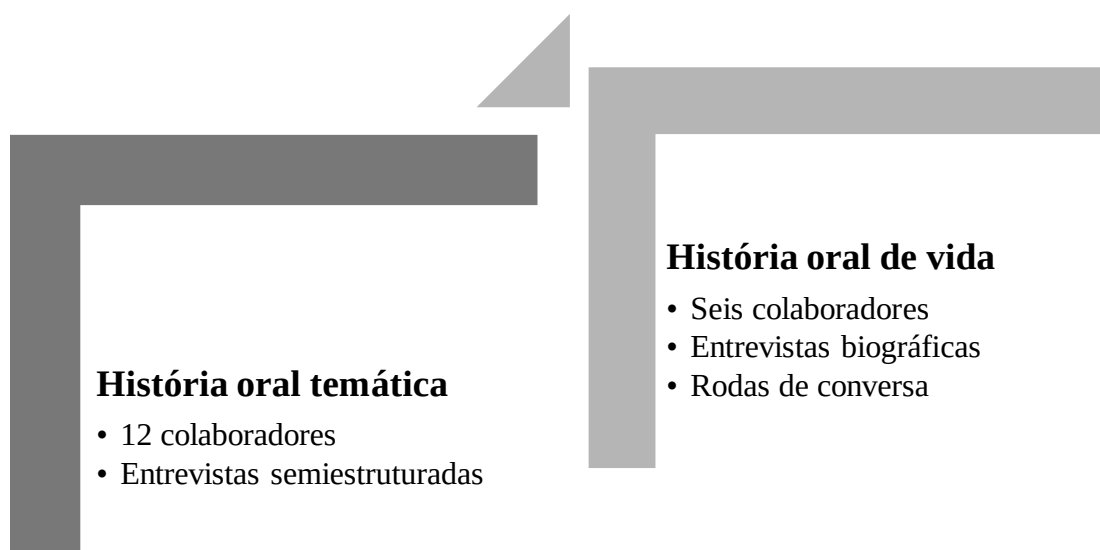
O uso de memórias orais associadas aos documentos escritos e iconográficos, nesta pesquisa, amplia as possibilidades de visita ao passado pelo presente, oferecendo mais uma visão ao passado, orientada pelo presente. Como pauta Alberti (2019, p. 167-168), “o reconhecimento da diversidade constitui, portanto, a melhor alternativa para evitarmos a polaridade simplificadora entre a “memória oficial” e “memória dominada” e realizarmos uma análise mais rica dos testemunhos obtidos em nossa pesquisa”.

A partir das contribuições dos pesquisadores elencados, coube a mim pensar em como posso visibilizar pessoas, histórias deslocadas dos processos institucionalmente centralizados, e as memórias orais podem ser entendidas como documento. Para conseguir produzir a história de uma instituição, é preciso um conjunto de lembranças, memórias coletivas, acionadas individualmente por quem faz parte.

Por meio das narrativas orais pudemos encontrar outras perspectivas sobre a implantação dos cursos estudados, além do que foi registrado institucionalmente, como apontam Grazziotin e Almeida (2012). As autoras trazem contribuições para pensarmos a história oral aplicada à pesquisa em educação, e ressaltam que trabalhar com a história oral permite certo distanciamento dos documentos das instituições educativas pela aproximação das experiências das pessoas que viveram aquele contexto educacional.

Na construção das narrativas, ao usar os dois tipos: história oral temática e história oral de vida (infográfico 2), o intento é cruzar a história e as memórias dos cursos de jornalismo com as histórias e memórias de professores desses cursos, e vice-versa. Essa classificação atende ao que Alberti (2013), Meihy e Holanda (2019) e Meihy e Seawright (2020) reconhecem como gêneros da história oral.

Infográfico 5 – Usos da história oral na pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Na história oral temática, lancei mão de entrevistas semiestruturadas com o grupo de 12 colaboradores (quadro 2). A partir das memórias orais evocadas pelo diálogo, depois, transformadas em documentos escritos, pude analisar o tema estudado pelo confronto de diferentes pontos de vista e testemunhos.

Segundo Meihy e Seawright (2020), o gênero da história oral temática requer uma composição de dados e informações sobre o assunto. Cada versão foi produzida pela interação dialógica entre mim e a entrevistada que vivenciou determinada fase. O foco, como dizem esses autores, é o conjunto factual relatado, ao invés de a versão em si.

Optei pela variedade de lugares de fala na história oral temática porque acredito que cada pessoa traz contribuições específicas à investigação, evidenciando aspectos, muitas vezes, silenciados e/ou esquecidos nos registros institucionais. Essa escolha foi norteadas pelas orientações de Alberti (2013), quanto à variedade de fontes.

Por outro lado, a história oral de vida, dizem Meihy e Seawright (2020), tem na soberania da narradora, entre subjetividades e impressões, o protagonismo. Assim, adotei uma postura afirmativa nas entrevistas biográficas que, segundo esses pesquisadores, ocorre quando a entrevistadora aceita as proposições, sem confrontar a pessoa entrevistada.

Nesta investigação, a história oral de vida foi utilizada com um grupo de seis pessoas (quadro 3), com quem dialoguei para disparar lembranças e reminiscências. No entanto, não fiz uso apenas de entrevistas biográficas, como também de rodas de conversa para o levantamento das trajetórias, das impressões, das fases da vida de cada colaborador.

Meu papel como pesquisadora é visibilizar pessoas e memórias, dessa forma, a partir das memórias orais, deparei-me, algumas vezes, com outra perspectiva sobre a implantação dos cursos de jornalismo, que pode ir além do que foi registrado institucionalmente em documentos escritos e ditos oficiais/institucionais.

Os registros oficiais da Uespi não contam sobre o movimento de mobilização dos profissionais da comunicação de Picos, que levaram à implantação do curso na referida cidade. No entanto, essas informações são imprescindíveis para compreender o contexto do ensino no Sertão do Piauí, e só foram levantadas pelas memórias orais evocadas por meio das entrevistas.

Após tomar conhecimento sobre as pessoas que estavam envolvidas na implantação dos cursos de Comunicação Social da UFPI e Uespi, parti para o contato. As fontes desta pesquisa foram escolhidas a partir do relacionamento de cada uma com o objeto de estudo e da disponibilidade delas, afinal, boas fontes são fontes acessíveis.

Em resumo, como técnica aplicada à história oral, realizei entrevistas semiestruturadas e entrevistas biográficas, além de rodas de conversa. A finalidade foi incitar a recordação de acontecimentos marcantes na trajetória do curso e nas trajetórias de vida, evocando lembranças individuais e coletivas para a construção do processo historiográfico.

Para a elaboração dos roteiros, considerei o tipo de história oral e de técnica empregada. No caso da temática, intencionalmente, pensei perguntas abertas, simples e diretas. Dessa forma, a entrevista semiestruturada possibilitou a coleta de informações através de perguntas que não condicionaram ou direcionaram as respostas.

Esse aspecto deve ser imprescindivelmente considerado no roteiro e na entrevista. “Além de evitar que o entrevistado seja induzido a responder aquilo que o entrevistador deseja,

o emprego de perguntas abertas funciona como recurso para que o entrevistado efetivamente fale – e fale bastante – sobre o que se pede” (ALBERTI, 2013, p. 2013).

Considerando que as perguntas funcionam como dispositivos para disparar lembranças, elaborei um roteiro (apêndice D) e apresentei no momento de cada entrevista semiestruturada na etapa da história oral temática. Cada conversa foi realizada com flexibilidade, às vezes, acrescentando alguma questão, a partir de uma fala anterior, às vezes, retirando algum ponto do roteiro, por já ter sido contemplado ou por não se adequar ao lugar social da entrevistada.

Na história oral de vida, ao agendar cada entrevista biográfica, segundo a disponibilidade de cada um, perguntei se gostariam de conhecer a proposta de roteiro (apêndice E) e reconstruí-lo comigo. Aos que quiseram conhecer como eu estava pensando nossa conversa, enviei o roteiro de questões da entrevista previamente, favorecendo a organização mental das fontes, de modo a iniciarem o processo de evocação de memórias antecipadamente. A professora Sônia Carvalho optou por não acessá-lo, preferindo que a conversa fluísse de forma completamente espontânea.

Cada entrevista, tanto as semiestruturadas quando as biográficas, fluiu de maneira única, embora, dentro de cada grupo, tenham sido planejadamente roteirizadas da mesma maneira. Para o diálogo, tentei criar um espaço tranquilo para que o colaborador ficasse à vontade para falar aquilo que vinha à lembrança sobre o tema posto, atenta às deixas para produção de novas perguntas a partir daquele gancho, ou mesmo a exclusão de outras presentes no roteiro, mas já respondidas.

Ainda que seja uma situação combinada, a flexibilização na condução, para que se assemelhe a um diálogo, é importante nesse tipo de entrevista em que o roteiro serve somente de base, mas não de gesso ou molde. O conjunto de questões previamente pensadas serve para nortear a conversa, mas mantém dá liberdade para colocar outras questões que surjam ao longo da situação.

Entre os aspectos pensados antecipadamente para a produção de dados em história oral por meio da entrevista estão a escolha do ambiente, dia e formato. As entrevistas presenciais foram feitas na universidade, a fim de facilitar a evocação de memórias, e/ou na residência ou local de trabalho do colaborador, conforme sua preferência. A escolha da data e horário também ficou a cargo da fonte, já o formato foi decisão minha.

Considerei as proposições de Grazziotin e Almeida (2012, p. 39) acerca desses pontos: “o melhor ambiente para o desenrolar das entrevistas é, de maneira geral, aquele que proporciona a evocação de memórias, ou seja, lugares que sinalizam quem é o sujeito, que seja mais próximo de suas referências de vida [...]”.

Quando comecei a primeira etapa da pesquisa de campo, com a visita às instituições pesquisadas e a realização das primeiras entrevistas, em outubro de 2019, sequer imaginava que a travessia seria interrompida no meio do caminho. A pandemia da covid-19, disseminada rapidamente pelo coronavírus, impôs imperativamente o distanciamento social, em março de 2020, impossibilitando a continuidade do meu trajeto pelo impedimento do contato físico, até então, considerado imprescindível para a história oral.

Até aí, eu havia realizado seis, de 12 entrevistas da história oral temática. Parei, e para uma boa usabilidade do tempo, retornei à etapa primordial das leituras e fichamentos, enquanto esperava. Diante disso e da necessidade de continuar para dar conta dos prazos, adotei mudanças no percurso. Mas não foi só a pandemia. No espaço de um ano, entre a primeira e a décima segunda gravação, deparei-me com outros percalços e, acima deles, coloquei as indispensáveis adaptações.

Minha narrativa sobre esse processo começa com as mudanças nos formatos de gravações. Primeiro, planejei gravar no formato audiovisual. Em Picos, fiz captação de áudio e vídeo das duas entrevistas com colaboradores da UESPI, na intenção de também produzir um documentário sobre o tema, na ocasião do aniversário de 20 anos do curso, quando da finalização da tese, neste ano de 2022.

Assim, eu me preocupei com a condução do diálogo, com o auxílio do repórter cinematográfico Sávio Magalhães, responsável pela captura metódica de imagens e áudio. Durante a gravação, ele realmente só se preocupava com as questões técnicas referentes à produção audiovisual, deixando integralmente a meu cargo a condução da conversa com a fonte.

Registramos em vídeo com câmeras de gravação, mas também em áudio, com gravador e celular, procedimento realizado com a autorização dos colaboradores. Um adendo necessário: tenho ciência de que a presença de uma outra pessoa na entrevista, ainda que sem participação no diálogo, como foi o caso, pode interferir no comportamento do entrevistado. No entanto, concluí que os ganhos seriam maiores do que a alternativa de me preocupar, sozinha, com questões técnicas de vídeo, com as anotações no diário de campo e com a atenção à fonte.

A ideia de fazer registros audiovisuais, que contribuíssem também com a construção de arquivos orais de memória para os cursos, pareceu boa, a princípio, mas teve que ser modificada logo de início. A proposta de documentar em formato audiovisual ficou restrita aos colaboradores da Uespi/CPBA, em Picos. A distância geográfica e a incompatibilidade de agenda dificultaram que eu estivesse acompanhada do cinegrafista nas gravações realizadas em Teresina, na UFPI e Uespi/CPTN.

Optei, então, por registrar somente em áudio, dadas as dificuldades de viajar em transporte coletivo com equipamentos de vídeo, que, a princípio, incluíam câmera *DSLR*, *Canon* modelo *T5i*, microfone lapela, tripés, iluminação de *LED*. O uso do gravador de áudio foi mais prático, tanto no que tange ao transporte quanto ao manejo. Utilizei, dessa forma, gravador de áudio digital *Sony LCD-PX240* e o gravador de áudio do aparelho de celular *iPhone 7 Plus*, por precaução.

As adaptações não ficaram aí. Trabalhar com pessoas nunca é fácil, como ressalta Alberti (2019). Particularmente, tive dificuldades nessa etapa. Não consegui contatar fontes que considerava essenciais para o trabalho. Tomei contato com outras fontes, cheguei a agendar entrevista, e fui gentilmente descartada. E tudo bem, elas têm o direito de escolher não colaborar. Opto por registrar os “nãos”, porque eles também nos ensinam no processo da pesquisa, não basta lista só para o que deu certo.

Iniciei as gravações das primeiras entrevistas de história oral temática em outubro de 2019, primeiro, presenciais, em Picos e em Teresina. Agendei outras mais. Quando da data, o Brasil parou sob o impacto do que já vivenciava o mundo. A universidade suspendeu as atividades, tudo fechou e fomos orientados a permanecer em isolamento social, não sabendo até quando. Em julho, já acreditávamos que o cenário só mudaria frente ao desenvolvimento e à massificação da vacina.

Então busquei alternativas para a pesquisa. Depois de pensar e discutir com a professora orientadora e com pares em eventos virtuais, sobre a necessidade de continuar frente aos desafios do cenário vivido, decidi fazer os ajustamentos necessários e continuar de forma remota, por plataformas de comunicação digital. Desta forma, finalizei as entrevistas e rodas em abril de 2021.

A pandemia, então, imprimiu um novo paradigma às pesquisas em história oral. Mesmo contra alguns manuais, como o de Meihy e Holanda (2019), que consideravam, até então, que não se fazia história oral por aquilo que eles chamam de vias indiretas, ou seja, usando o telefone ou *internet*, sem o tato presencial. Fomos levados a repensar as investigações frente às possibilidades que as tecnologias digitais da comunicação e da informação, sob a imposição do cronômetro da Capes¹⁶, que não parou de rodar.

¹⁶ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) é a instituição que avalia os programas de pós-graduação *stricto sensu* do Brasil. Não obstante às mudanças impostas pelo cenário pandêmico, decidiu manter o calendário dos PPGs, obrigando a continuidade das pesquisas, contudo, sob necessárias adaptações.

As entrevistas biográficas, embasadas na história oral de vida, foram realizadas depois de concluir todas as entrevistas temáticas, bem como a transcrição, textualização, transcrição e devolução para apreciação das fontes. Dado o contexto e as possibilidades, realizei as seis de forma remota, mas em tempo real, por meio do *Google Meet*.

Entre os percalços, problemas de conexão à *internet* me fizeram interromper a fala dos entrevistados e orientá-los a retomarem, percebendo a quebra de raciocínio e a aparente perda de informações não contadas, quando da repetição da fala. Mesmo assim, vi novas possibilidades na realização da pesquisa em história da educação com uso mais primordial das tecnologias da informação e comunicação, especialmente nesse contexto, em que precisamos repensar o caminhar, as estratégias, a abordagem junto às fontes, os usos das tecnologias digitais. E superar!

Além das entrevistas de história oral temática e de história oral de vida, os usos da história oral passaram por outra técnica de produção e coleta de dados: as rodas de conversa. Realizadas de forma remota, pela comunicação digital, revisitamos as ideias de ocasiões para boas conversas acompanhadas de um café.

Rodas de conversa ocorrem em situações comuns do cotidiano há muito tempo, e são caracterizadas pelo diálogo fluente entre os participantes. Warschauer (2017a, 2017b, 2017c) e Moura (2014) falam sobre isso. Segundo elas, as rodas de conversa nascem das relações sociais do dia a dia, mas também podem ser pensadas e realizadas sobre temas específicos, com finalidades voltadas à investigação científica, como foi o caso das pesquisas de doutoramento dessas autoras e como é também da minha.

Realizar rodas de conversa requer algumas etapas, as minhas foram essas: 1) planejar; 2) realizar; 3) registrar; 4) transcrever e textualizar; 5) ler e reler; 6) categorizar; 7) analisar. Reforço que a técnica de produção e coleta de dados foi usada como elemento que somou às entrevistas biográficas e ao diário na pesquisa-formação com os colaboradores.

Para começar, com Warschauer (2017a, 2017b, 2017c) entendi que as rodas de conversa funcionam melhor como roda e registro. Essa proposição se dá pelas experiências da autora ao longo da vida, como professora, pesquisadora e formadora, as quais culminaram na dissertação e tese, além dos três livros que uso como referência aqui.

O que é uma roda? Warschauer (2017a) diz que é uma reunião de pessoas com trajetórias de vida, particularidades, princípios e comportamentos próprios, que se refletem nas formas de pensar e de se expressar de cada uma, gerando interação entre os participantes, de modo a constituir diálogos, coordenados por uma pessoa que tem a função de organizar o grupo e instigar à participação.

Enquanto investigadora e proponente desta pesquisa-formação, assumi o papel de coordenadora das nossas rodas e convidei cada professor a interagir e a compartilhar sobre suas histórias formativas e experiências educativas nos cursos de jornalismo. Para mim, a roda foi, a esta investigação científica e formação de professores, oportunidade para abertura, interação, integração e igualdade na diversidade.

Abertura, interação, integração e igualdade na diversidade porque, na roda, a relação estabelecida é simétrica. Todos se colocam no mesmo lugar, sem condição de superioridade, embora cada participante seja único, e a roda seja plural. Espaço para autoconhecimento, aprendizado com a própria história, e para trocas, aprendizado com as histórias de outros.

Moura e Lima (2014) ressaltam que a roda de conversa é um instrumento utilizado na pesquisa científica para produção de dados, a partir do diálogo e da reflexão sobre nossas experiências. Assim, “a conversa, na pesquisa que desenvolvemos, é um espaço de formação, de troca de experiências, de confraternização, de desabafo” (MOURA; LIMA, 2014, p. 99). Cada pessoa é narradora, segundo essas autoras, assim também a que coordena o encontro. Mas além de falar, é preciso saber ouvir com atenção. É assim que construímos conhecimento acerca do tema sobre o qual a conversa se desenvolve.

Sobre essas reflexões das pessoas participantes da roda, faço outras reflexões nas análises dos dados gerados. Essas pesquisadoras me ajudaram a entender como a metodologia pode ser aplicada à educação. Mais que isso, contribuíram para que, pela compreensão, eu chegasse à recriação do método a partir da problemática da pesquisa, das necessidades impostas pelo contexto e da realidade das pessoas envolvidas no processo de pesquisa-formação.

Além das proposições e aplicações dessas pesquisadoras sobre rodas de conversa na investigação em educação, os ensinamentos de Freire (2015) acerca da metodologia de ensino e aprendizagem nos círculos de cultura me inspiraram na organização desta pesquisa-formação. Freire (2015) compreende que os círculos geram movimento e dão liberdade às nossas práticas educativas. “A visão da liberdade tem nesta pedagogia uma posição de relevo. É a matriz que atribui sentido a uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos” (FREIRE, 2015, p. 7).

Os círculos da cultura e as rodas de conversa propiciam debates sobre temas específicos e favorecem a participação de todas as pessoas envolvidas, considerando suas histórias, sua realidade, seu contexto. Freire (2015) defende práticas educativas de liberdade. Liberdade para falar e para ouvir. Liberdade para a criticidade e a conscientização. A metodologia científica aplicada neste estudo converge com os princípios da metodologia de ensino desse pensador, empregada na alfabetização de adultos.

Para a construção das narrativas orais por meio de rodas de conversas como método, organizei encontros entre mim e o grupo de docentes participantes da pesquisa-formação. As rodas se concentraram em dois eixos temáticos: *eixo 1 – histórias de formação*, com uma roda de conversa, seguida de registros no diário; e *eixo 2 – práticas educativas*, com minirrodas e registros no diário (infográfico 3).

Infográfico 6 – Eixos temáticos das rodas e registros



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Nossos encontros foram pensados segundo o que era viável no começo de 2021: de forma virtual, por meio de videoconferência *on-line* pela plataforma *Google Meet*. Com a autorização dos professores, gravei em áudio e vídeo, na própria plataforma, e em áudio, em gravador de voz e no celular. Eu quis que nossa conversa acontecesse de forma espontânea e leve, apesar dos planejamentos necessários ao procedimento científico. Preocupei-me com as distâncias que a comunicação por ferramentas digitais pode provocar, embora existam para aproximar, ao quebrar distâncias geográficas e facilitar o fluxo informacional.

O desenvolvimento da investigação com a interação entre mim e outras pessoas, através das plataformas digitais, foi uma necessidade à minha pesquisa. Desde março de 2020, eu não mais poderia me reunir presencialmente com nenhum dos colaboradores, tendo em vista o risco de contágio que vivíamos. A vacinação no Brasil, contra a covid-19, começou em janeiro de 2021, com os grupos de risco. Eu precisava concluir a coleta de dados para possibilitar a escrita

da tese e cumprir os prazos do doutorado, mas não havia previsão de quando seríamos vacinados.

Mas antes de a comunicação digital ser uma das poucas possibilidades em um contexto de obrigatório distanciamento entre as pessoas, Warschauer (2017a) reforçou a necessidade de pensarmos sobre como podemos minimizar as más consequências da comunicação *on-line*, de modo a superá-las. Para a pesquisadora, “[...] a Roda pode permanecer um fórum privilegiado para nos ensinar a lidar com a realidade que nos apresenta, não é? E descobrir, juntos, em Roda, estratégias e antídotos para essas dificuldades na comunicação” (WARSCHAUER, 2017a, p 77). O diálogo é a chave.

Pensando em tudo isso, usei de algumas táticas para criar um ambiente de proximidade, empatia e afetividade, de modo a favorecer o diálogo fluido, integrativo e provocador. Antes da roda, enviei convites a cada professora para que participassem de nosso café virtual (fotografias 4 e 5). Como eu não podia organizar um encontro presencial, com café, bolos e biscoitos, como eu gostaria, trabalhei com representações.

Fotografia 4 - Convite aos professores para o café virtual

Fotografia 5 - Kit-convite aos professores para o café virtual



Fonte: Acervo da autora (2021).

Os convites individuais, escritos à mão, acompanharam uma cesta com caneca, café em pó, erva para chá e biscoitos artesanais e foram endereçados aos professores antecipadamente. Meu cuidado com esses detalhes foi intencional. Eu quis quebrar o formalismo da pesquisa e criar um ambiente de proximidade, pelo cuidado, carinho e atenção. Com isso, fiz com que os colaboradores da pesquisa se sentissem, de fato, envolvidos. Com afago e afetividade, consegui

estimular nossas conversas, criando previamente um ambiente favorável à fluidez do diálogo, desde o primeiro encontro, como ocorre em uma roda de café.

Por volta das 17h30min daquela sexta-feira, de 5 de março de 2021, já estava com a sala virtual. Uns 30 minutos antes do combinado. Eu, com o roteiro em mãos e o *checklist* da roda conferido e revisado, esperava, ansiosa, pelos meus colegas professores, para nosso café virtual. Para aquele encontro, planejei uma conversa de até duas horas, em torno de três questões. Pensei que poderíamos conversar cerca de 30 minutos sobre cada tópico. O que eu não imaginava era que a conversa renderia tanto! Duas horas e 55 minutos depois de me despedir e agradecer a cada professor, registrei, com entusiasmo e excitação, as impressões do nosso encontro no meu diário.

A capacidade de refletir sobre a própria vida e sobre as práticas foi perceptível na roda, por exemplo nas falas de Daniel Solon e Jacqueline Dourado sobre os problemas da universidade, os pessoais e o adoecimento. As entrevistas e a roda estimularam os professores a refletirem sobre seus percursos, como na fala de Sônia Carvalho durante a roda, mas também antes, no Instagram, e de Jacqueline Dourado, no WhatsApp. Tomada de consciência do percurso (DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

No primeiro eixo temático realizamos o encontro virtual coletivo com os professores participantes da pesquisa-formação. Chamei de **Roda – histórias com café**. A entrada de cada professora foi carregada de demonstrações simpáticas e afetuosas. Ali, professores encontraram ex-alunas em lugares de fala diferentes; colegas se reencontraram. Cada um, com sua caneca à mão, de fato, compondo nosso café virtual. Foi bonito de ver o que a minha pesquisa estava fazendo.

Meu roteiro previa: 1) acolhida; 2) explicações breves sobre a pesquisa; 3) esclarecimentos sobre a metodologia, com apontamento dos critérios utilizados para a composição do grupo; 4) apresentação das três questões sobre as quais conversaríamos naquela noite: *Quem é você? Por que se tornou professora? O que foi formador para você?*. Por fim, 5) a proposta do diário como metodologia da roda e o registro; finalizando com 6) os agradecimentos. Mas não aconteceu bem assim.

A roda perpassa dois tipos de experiência, segundo Warschauer (2017a): as individuais e as do grupo que conversa. Isso foi nítido na nossa prática. Por meio da reflexão estimulada por minhas três perguntas, cada pessoa ponderou sobre sua trajetória e suas escolhas. Aspectos individuais pelo olhar pessoal. De outra forma, as trocas também funcionaram como estímulos geradores de mais ponderações, de outras proposições, e indo além daquilo que planejei, como coordenadora da nossa roda.

- *Quem é você?*

Com o intuito de conhecer os participantes por eles mesmos e favorecer nossa integração, levantei a pergunta para começar a roda. Fui a primeira a falar. Em seguida, cada professor se apresentou, passando a oportunidade de fala para o próximo, mas voltando a comentar algum aspecto mencionado pelo colega ou a acrescentar algo à sua participação anterior. Fluida, como uma conversa cotidiana.

- *Por que se tornou professor?*

Após cerca de uma hora de diálogo em torno da primeira questão, lancei a segunda. Dessa vez, fui a última a falar. Outra vez, cada uma de nós compartilhou olhares, percepções, memórias sobre como nos encontramos com a docência, sobre nossas influências e sobre nosso percurso profissional. E rendeu. Rendeu de uma forma que eu não esperava ou imaginava.

- *O que foi formador para você?*

Ao notar que cada questão estava levando quase uma hora de discussão, percebi logo a inviabilidade de continuar a conversa sobre a última questão naquele encontro. Já eram quase nove horas da noite quando puxei a roda para o fim. Concordamos em trabalhar a última questão no diário da roda e confirmamos a segunda roda de conversa para o próximo mês. Então, encerramos o encontro.

Para trabalhar o segundo eixo temático, utilizamos de diversos formatos narrativos: rodas de conversa entre mim e uma ou outra professora e/ou participação no diário que acompanhou a roda. Intitulei de **Rodas e registros - café sobre práticas**. A primeira ideia era realizar a segunda roda de conversa com o grupo. A princípio, planejei uma questão única: “*Como a sua formação se relaciona às práticas educativas na sua trajetória como docente?*”, e agendei com os docentes para o mês seguinte.

Todavia, o descontrole frente ao alto contágio do coronavírus e adoecimento de covid-19 das pessoas, incluindo familiares próximos dos professores participantes da pesquisa, especificamente na data prevista para o segundo encontro grupal, impossibilitou a segunda roda. Em suma, tivemos ainda que considerar a sobrecarga do *home office*, o acúmulo das funções profissionais e domésticas e os encargos psicológicos do contexto que vivemos.

A continuidade é uma das características da roda, como diz Warschauer (2017b), quando fala sobre as rodas e os registros como oportunidades formativas. Logo, os encaminhamentos e a avaliação, também. “A participação e as partilhas, a prática coletiva de planejar e avaliar, e não só as atividades da comunidade escolar, mas também o próprio encaminhamento desses encontros, que dá a eles o caráter de continuidade de um para o outro” (WARSCHAUER, 2017b, p. 209).

Foi assim que aconteceu. Combinamos de continuar nossa conversa numa outra roda coletiva, em um intervalo de um mês, mas, a poucos dias da data agendada, entendemos que não seria possível. Tentamos remarcar. E, de novo, não foi possível. Procurei cada professor para ouvir sobre suas condições e qual era a sua avaliação. Conversamos sobre se e como poderíamos contornar a fase para permitir a finalização da pesquisa-formação, dentro de possibilidades reais.

Diante da inviabilidade manifestada de uma segunda roda de conversa com todos os participantes e de parte de cada avaliação e sugestão, entendemos que o melhor seria flexibilizar a participação e ampliar as possibilidades de construção de narrativas, adaptando a metodologia às nossas condições, democratizando a participação na última etapa, sem perder de vista, claro, as características da pesquisa narrativa.

Sabendo que a roda e o registro se desenvolvem de forma particular em cada grupo, situação e momento, não seria racional enrijecer a produção de dados segundo o que foi inicialmente planejado. A flexibilidade e adaptabilidade foram necessárias em todo o percurso investigativo.

Lembrei-me do que li de Warschauer (2017a, p. 66) sobre a roda e o registro: “Não há, portanto, sentido em copiar uma determinada prática como modelo. Trata-se, pelo contrário, de recriar para que seja significativa para cada grupo específico”. E decidi seguir respondendo às necessidades do meu grupo.

Combinamos, então, de trabalhar sobre duas formas, adaptando a proposta metodológica ao que seria possível na nossa realidade e ao que seria melhor para os colaboradores. A questão proposta no eixo 2, **Rodas e registros - café sobre práticas**, foi para o diário, de modo a oportunizar a participação na configuração de registro, com mais liberdade de escolha de horário e formato da narrativa¹⁷. Alguns docentes responderam à pergunta-estímulo em formato de áudio; outros, por escrito.

¹⁷ Na subseção 2.3 descrevo melhor sobre isso.

Outros preferiram a conversa comigo em tempo real, com hora marcada. Assim, realizamos minirrodas com os professores que optaram por esse diálogo. Foram momentos em que eu discuti com um ou outro colega docente sobre o tema da vez (bem diferente do que foi a entrevista biográfica, porque eu participei mais, entrando nas ponderações e partilhando minhas experiências também), segundo a disponibilidade deles.

Houve ainda alguns que não participaram dessa última etapa. Opto por deixar isso claro aqui, não com o receio de entregar as “fraquezas” do meu trabalho, mas com a intenção de ser honesta, ética e transparente na descrição de todas as etapas, métodos e técnicas da pesquisa. Também com a vontade de registrar as dificuldades da pesquisa e a necessidade de adaptação, sempre respeitando as pessoas que colaboram com o estudo. Imagina no cenário de crise em que esta pesquisa está sendo construída.

Ressalto também que não vejo como fragilidade da minha investigação, uma vez que trabalho com muitos dados para desenvolver esta pesquisa narrativa, de entrevistas biográficas, rodas de conversa, diário, entre outros documentos escritos e iconográficos, os quais foram coletados de diferentes maneiras.

O que não foi abordado na entrevista de história de vida, foi trabalhado na roda de conversa, ou foi completado, aprofundado como uma segunda oportunidade, como uma ratificação desse processo formativo compartilhado entre nós, professores. Assim, uma técnica complementou a outra e fez com que nós pensássemos sobre nossas trajetórias, nos ouvíssemos e compartilhássemos nossas memórias e nossas histórias. Da escuta de si à escuta de outros, assim se deu nossa formação pelos estímulos diversificados utilizados e recriados nesta pesquisa.

Sabendo que a evocação de lembranças é importante, por serem consideradas documentações orais, preocupei-me com a condução das entrevistas e da roda, de modo a estimular esse processo. Criei, então, roteiros para os diferentes momentos – entrevista de história oral temática, entrevista de história oral de vida e roda de conversa, mas com flexibilidade, de modo que o momento de produção-coleta das informações se construiu como um diálogo entre mim e os colaboradores sobre as memórias coletivas da UFPI e da Uespi.

De toda forma, não é fácil usar história oral para produção historiográfica. Pensando sobre como estimular as pessoas a falarem e sobre como fazer o papel de boa ouvinte frente às narrativas, Alberti (2019) diz que é preciso perceber que tudo o que compõe as condições de produção ajuda ou atrapalha a evocação de lembranças. A situação da entrevista em história oral é criada com a intencionalidade de produzir documentos orais e escritos para a pesquisa historiográfica.

As técnicas das entrevistas, semiestruturada e biográfica, e da roda de conversa, foram utilizadas para instrumentalizar sistematicamente as memórias individuais e coletivas de testemunhas envolvidas no processo, pela prática da oralidade, ampliando o leque de fontes. No que se refere à roda de conversa, cada colaborador é emissor e é receptor, ao mesmo tempo. Narrador e ouvinte. Enquanto falaram de si e ouviram os outros, como uma via de mão dupla, a influência de si sobre os colaboradores, e deles para consigo, foi evidente no processo de partilha de memórias sobre suas experiências.

A minha postura como entrevistadora e coordenadora das rodas precisou ser profissional e ética. Como ambas as situações foram criadas com a intenção de fazer com que os colaboradores evoquem suas memórias acerca daquele tema, é interessante pensar nos gatilhos que acionarão essas lembranças. As perguntas, comentários, referências a situações podem ajudar. “Uma referência a um fato concreto pode ajudar na recordação do passado e permite o desdobramento da resposta por meio de associações com outros fatos” (ALBERTI, 2013, p. 214).

Fiz isso na entrevista com o reitor da Uespi. Mencionei acontecimentos que diziam respeito à mobilização de profissionais para a implantação do curso em Picos, e ele confirmou a veracidade, afirmando que se lembrava das ocasiões citadas, após as minhas referências. A reação demonstrou que o fato mencionado disparou uma memória individual dele, que, cruzada com a de outros colaboradores, pode ser considerada coletiva, como compreende Halbwachs (2006).

Vale ressaltar que a narrativa do reitor trouxe não só marcas de suas experiências, mas também do grupo do qual faz parte. E, de modo semelhante, envolveu-me enquanto o ouvia e, ao mesmo tempo, interagia, a partir de experiências partilhadas, por serem compreendidas por nós dois, ambos envolvidos.

Esses aspectos concordam com as proposições de Benjamin (1987) acerca de memórias, narrativas e experiências. O autor ressalta que ocorre uma aproximação de memórias individuais e coletivas na narração. Ou seja, ao contar sobre experiências pessoais e coletivas, o narrador traz suas memórias, mas também as memórias de outros, as ditas memórias sociais.

Para Benjamin (1987), toda narrativa tem marcas do narrador, pois ela é construída a partir de suas experiências. Como se trata de um processo que envolve quem narra e quem ouve, a experiência precisa ser comum entre os envolvidos, como foi entre mim e o reitor, na situação mencionada.

Mas, é claro que o ouvinte ou leitor da narração é livre para interpretar. “Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia”

(BENJAMIN, 1987, p. 213). Portanto, trazendo para a história oral, a entrevistadora partilha da história narrada pelo entrevistado.

A entrevista de história oral temática com o professor Laerte Magalhães voltou-se para rememorações em torno dos professores do curso da UFPI, com ponderações sobre seu papel, sua formação e as consequentes modificações no curso ao longo do tempo, à medida que o quadro foi se formando. Naturalmente, cada entrevistado puxou as informações da nossa conversa para aquilo que foi mais marcante para a vida dele e para quem é hoje.

O lugar social de cada um implicou nas memórias enunciadas, segundo as lembranças mais fortes para cada pessoa. No caso de Laerte Magalhães, mesmo quando eu perguntava sobre determinado aspecto específico, ele direcionava a narração sob o olhar muito particular e extremamente voltado para o lugar dos professores dentro do curso, diferente de Genival Oliveira Lima, que foi aluno, e de Cláudia Brandão de Oliveira, que foi aluna e, em seguida, professora por um período. Cada um foi evocando suas memórias a respeito daquilo que mais marcou sua vida naquele período, de acordo com seu lugar de fala.

Essas ponderações foram marcadas no meu diário de campo (2020), logo após cada entrevista, entre as impressões iniciais. Percebo que, como as memórias são muito individuais, mesmo quando coletivas, elas são reminiscências do passado a partir do presente, por isso têm a ver com o que cada colaborador foi, com o que se tornou e com o que é hoje, nessa relação com a história dos cursos.

Catroga (2001) fala sobre memória como aquilo que nos marca, como o que é importante para nós, segundo as condições pessoais e sociais. Ele acredita que as lembranças não são puras, e, sim, carregadas do eu e, mesmo subjetivas, circunscritas num contexto social e tensional entre individual-coletivo, pessoal-grupal.

“A formação do eu de cada indivíduo será, assim, inseparável da maneira como ele se relaciona com os valores da(s) sociedade(s) e grupo(s) em que se situa e do modo como, à luz do passado, organiza seu percurso como projeto” (CATROGA, 2001, p. 20). Portanto, a seletividade da memória passa pelo encontro e confronto das condições pessoais e grupais, por isso a evocação de cada pessoa é característica e própria, ao mesmo tempo em que converge com as lembranças de outros.

Essa proposição se alinha com a perspectiva de Halbwachs (2006), que também pondera sobre memória afetiva na construção da coletividade da memória. Vejo que isso ocorre porque a memória se relaciona com o que cada pessoa experimentou individualmente, ainda que seja construída coletivamente.

Uma vez que as histórias orais de vida se enquadram também no método biográfico, vale dizer que trabalho com relatos biográficos múltiplos paralelos, segundo Muñoz (1992). Para esse pesquisador, história de vida se trata de relato subjetivo que o colaborador narra a partir da interação com o investigador. Nesse relato autobiográfico, é comum a pessoa interpretar a própria trajetória de vida, como foi com meus colaboradores.

Para se obter uma boa história de vida, há uma dependência muito grande do colaborador. A história precisa ser interessante e completa, mas aquela pessoa que a conta precisa ter habilidade de narrar, sinceridade ao fazê-lo, capacidade analítica e autocrítica em relação à própria trajetória, disposição e disponibilidade para tanto.

Conforme Muñoz (1992), o investigador, nesse caso, tem apenas o papel de induzir o colaborador à narração, de conduzi-lo no processo, ordenando para melhor entendimento das informações relatadas nas entrevistas e, no meu caso, nas rodas. Coube também adequar a ortografia, deixar claro os silêncios, as ênfases, as peculiaridades da fala do colaborador quando da transformação no texto escrito.

Na pós-produção, ao transformar documentos orais em documentos escritos, optei pela transcrição, a partir das proposições de Meihy (2005), Meihy e Holanda (2019) e Meihy e Seawright (2020). Para a transmutação, percorri os seguintes passos: 1) transcrição literal; 2) conferência; 3) textualização; 4) transcrição.

O primeiro passo foi a transcrição literal. Nas transcrições ou conferências de fidelidade (mesmo que não seja possível na integridade pelo distanciamento entre a linguagem oral e a escrita), fazemos marcações para informar aspectos do diálogo que podem se perder na passagem da fala oral para a escrita.

Assim, marquei risos, emoção, ênfases, grunhidos, pausas, excitações, desvios das normas ortográficas, conforme o que foi evidenciado no momento da conversa, bem como no processo de escuta, transcrição e reescuta. Esses registros me ajudaram a melhor entender o que foi evidenciado pelo colaborador, quando consultei o documento transcrito.

Em seguida, fiz conferência e checagem do texto gerado frente ao áudio da entrevista. Após concluir cada transcrição, ouvi novamente e ajustei o texto conforme a necessidade. Então, parti para a textualização, processo em que retirei as perguntas, ajustei a ortografia, retirei as marcações. No quarto passo, realizei a transcrição, quando editei frases para melhor compreensão na leitura, mexi na ordem da exposição das ideias, sequenciando trechos que estavam separados por terem sido abordados em momentos diferentes da entrevista.

Por fim, apresentei o documento transcrito a cada entrevistado. Alguns optaram por corrigir informações, ajustar falas, reeditá-lo. Outros autorizaram o uso sem nova edição.

Quando da autorização, pedi que assinassem carta de autorização (apêndice F), seguindo modelos sugestivos de Meihy e Holanda (2019) para a construção do documento.

Quanto às rodas de conversa, transcrevi, conferi e textualizei, apenas para facilitar a leiturabilidade das memórias. Contudo, não transcriei, nem devolvi aos participantes, como fiz com as entrevistas, o que aliás, não é imposição prevista pela técnica. Considero a transcrição literal e a transcrição desafiadoras, porque a oralidade tem muitas particularidades, ela é original, não pode ser descrita em sua totalidade na transformação da escrita. Portanto, precisei ser cuidadosa. Nesse processo, o diário da pesquisa me ajudou muito.

2.3 Diário da pesquisa e diário na pesquisa: a escrita como forma de reflexão

Escrever funciona como um percurso que me conduz por três etapas subsequentes 1) à reflexão; 2) à percepção e 3) à organização para argumentação. É assim que funciona comigo. Foi assim que funcionou na escrita da tese. Escrevi sobre o que vi, descobri e construí em microescritas anteriores à tese.

Primeiro, em diários de pesquisa. Usei três cadernos, nesses três anos, e notas do bloco do celular, quando não tinha o caderno à mão. Depois, em artigos científicos, nos quais organizei, na escrita, resultados parciais do que vinha construindo, percebendo, problematizando em recortes restritos da minha pesquisa, levados a público para avaliação e *feedback* dos pares. Por fim, na escrita deste texto, que não acaba em si.

Assim, o diário foi usado como recurso que integra a metodologia de pesquisa. Aqui, de duas formas: para meus registros sobre o processo de construção investigativa, do planejamento aos resultados; e como produção de dados pelas pessoas colaboradoras, na etapa da pesquisa-formação que propus com meus colegas professores. Nessa última maneira, o diário foi alinhado às nossas rodas de conversa.

Especificamente na história oral, fazemos anotações ao longo da entrevista com marcações de temas dialogados. Meihy e Holanda (2019), Alberti (2013), Bosi (2003) e Grazziontin e Almeida (2012) orientam o uso do diário. Com base neles, registrei desde o trajeto de escolha das fontes, de contato com os entrevistados, as dificuldades e aquilo que consegui. Coloquei impressões sobre o andamento do processo de pesquisa, reflexões e questionamentos sobre os quais eu precisava pensar, como também observações pertinentes, relatos, observações e análises.

Assim, o diário nos auxilia na escrita e na reflexão. Quando realizamos escutas para consulta, as notas colocadas no caderno de campo nos ajudam a encontrar os trechos que

consideramos importantes e que nos interessam naquele momento, sob determinados aspectos, porque nele fazemos marcações que facilitam a busca pelo assunto específico.

No caso da redação acerca das dificuldades, motivos para escolha, reações, contatos anteriores e posteriores a entrevista, comentários e informações ditas antes ou depois da gravação, os relatos são relevantes. Muitas vezes, o que escrevemos nele, a partir dos primeiros contatos com as fontes ou das conversas iniciais que precedem a entrevista, é único.

Tive essa experiência com um entrevistado. Ele relatou muitos aspectos interessantes, que não apareceram quando iniciamos a gravação. “Entrevista demorada, precedida de conversa, com evocação de lembranças antigas. Puxei logo o gravador, mas, claro, ela seguiu outro rumo, o do meu roteiro” (DIÁRIO DE CAMPO, 2020).

A escrita no caderno de campo é muito particular a cada pesquisador (ALBERTI, 2013). Cada um adota os códigos que lhe fazem sentido. Para Alberti (2013), o que importa mesmo é fazer registros sinceros, que ajudem a nos aproximarmos daquilo que se passou, o máximo possível. Além de tomar nota de impressões durante empreitadas de campo, por assim dizer, também utilizamos o diário para escrever sobre as fases da pesquisa, e até sobre nossas preocupações e sentimentos.

Outra forma de uso se refere a registrar impressões logo após a entrevista, auxiliando no processo de reflexão instigada pelo registro. “Escrever no caderno de campo as impressões e ideias decorrentes da entrevista é, portanto, praticar a reflexão em torno do objeto de estudo” (ALBERTI, 2013, p. 223).

Nesse mesmo sentido, registrei no diário, depois da realização da sexta entrevista: “entrevista demorada, com detalhes, datas. Considerei muito boa. A essa altura, noto que muitas memórias individuais se casam com informações de outros colaboradores” (DIÁRIO DE CAMPO, 2020).

Além do diário da pesquisa, construí um diário para uso na pesquisa. Explico. A metodologia das rodas de conversa foi fundamentada em Warschauer (2017a, 2017b, 2017c), e na proposta da autora, a metodologia é a roda e o registro, portanto, a escrita entra como processo de pesquisa e de formação.

A autora fala de registros individuais e coletivos. Particularmente nesta pesquisa, usei a roda e o registro de forma adaptada, reconstruindo o método de Warschauer (2017a, 2017b, 2017c). Optei pelo segundo tipo de registro, com o consentimento das participantes da pesquisa-formação. O diário da roda ajudou a dar continuidade às reflexões do grupo.

Realizei uma roda de conversa no *eixo 1 – histórias de formação*, e, a princípio, planejei três questões para discutirmos dentro desse eixo temático, mas a discussão rendeu a ponto de o

tempo estourar, sem que as três questões fossem abordadas. Percebendo a impossibilidade de abraçar os tópicos planejados, propus o uso do diário para a continuidade das discussões e para registro daquilo que o grupo considerasse importante, a partir das relações da roda com os seis participantes. Questionei o interesse, viabilidade e disponibilidade. Decidimos continuar no diário.

Assim, depois da roda, partilhei o diário com um estímulo à participação, de modo a continuar e complementar a primeira roda. Criei, então, um arquivo *on-line* no *Google Doc* e compartilhei com os docentes da pesquisa-formação para que participassem quando e como quisessem, com liberdade para escolher o formato (textual, imagético ou audível), a formatação, o tamanho e até a não participação. Abri o diário da roda explicando a metodologia, a roda e o registro, e coloquei um minimanual, em “*Como usar o diário*”, para orientar o uso, como exposto no apêndice G.

Após orientar os registros, sintetizei as discussões da **Roda – histórias com café**. Em seguida, parti para a proposição do primeiro estímulo do diário da roda, que foi exatamente a última questão prevista no eixo 1 – histórias de formação: “*o que foi formador para você?*” (apêndice H). Com essa pergunta, pretendi instigar os colaboradores a refletirem sobre suas trajetórias formativas, especificando como se deu o processo formativo de cada um dos professores comunicólogos, como também revelando aquilo que foi estratégico e processual no seu percurso de vida.

O segundo eixo temático de nossa **Roda e registro – café sobre práticas** desta investigação se centrou nas práticas educativas: *eixo 2 – práticas educativas*. As rodas e registros se deram a partir da questão: “*Como a sua formação se relaciona às práticas educativas na sua trajetória como docente?*” (apêndice I).

Esse eixo foi trabalhado de duas formas: por diálogos em minirrodas de conversa entre mim e um ou outro professor, segundo a disponibilidade dos colaboradores que optaram por esse formato de construção de narrativas; e por participação no diário, tanto com narrativas escritas quanto faladas, conforme a escolha dos participantes.

Assim, realizei minirrodas com os professores que optaram por esse formato, e coloquei a mesma questão no diário, de modo que pudessem participar por diferentes maneiras, e no horário e dia que mais fosse conveniente a cada um, em particular. Recebi áudios em resposta à pergunta-estímulo e, então, reuni esses áudios no diário.

Às experiências grupais que autorizam a partilha de experiências individuais, ao meu papel como coordenadora da roda e registro, às novas construções, à reflexão como característica principal, Warschauer (2017a, p. 66) acrescenta: “O registro das reflexões

enquanto oportunidade de compreensão e aprofundamento das experiências, de construção das bases para a memória e assim da própria história”.

As próprias circunstâncias da pesquisa me conduziram por um caminho novo. E assim, fui recriando a metodologia da roda e o registro, e repensando minha própria pesquisa. O que trago aqui é único e reflete nosso tempo: tempo da pesquisa, tempo dos colaboradores. Para interpretar esses tempos, percorro dois pontos: cruzamento e categorias.

2.4 Análise cruzada e análise de conteúdo categorial: entenda o que são e como usar

Com a produção de tantos dados, precisei sistematizar os modos de fazer da minha pesquisa para chegar a esta narrativa historiográfica, a partir deles e sobre eles. Assim, escolhi duas técnicas para o tratamento das fontes, que me levaram à escrita da tese: a análise cruzada, própria da história, proposta por Thompson (2002); e a análise de conteúdo, da linguística, apropriada por outras áreas das ciências sociais e humanas, inspirada em Bardin (2016).

Por que escolhi essas técnicas de tratamento? Por identificação, familiaridade e, principalmente, por acreditar que me ajudariam a responder os objetivos de pesquisa frente às fontes utilizadas. Dada a variedade e o volume de documentos, considerei pertinente conduzir a interpretação a partir de técnicas que abarcassem tudo isso para a construção da narrativa historiográfica.

É claro que compreendo que a narrativa aqui construída é parcial, porque o acesso ao passado se dá a partir do presente, mas não na sua totalidade, e, sim, por vestígios e rastros sempre parciais. Com De Lucca (2021), entendi que, enquanto pesquisadores da história, trabalhamos com vestígios para construir a verdade historiográfica, a verdade científica, mas não absoluta, sempre parcial, porque não é possível dar conta do passado no todo.

Dessa maneira, o cruzamento de fontes proposto por Thompson (2002) me pareceu adequado para reconstruir a história dos cursos de jornalismo no Piauí. No entrelaçamento documental, comparei, relacionei, coloquei dados memorialísticos lado a lado, com a finalidade de preencher algumas lacunas da história.

Durante a escrita, fui tomando percepção de aspectos importantes relatados nas entrevistas e nas rodas. Vejo que a escrita da tese dá sentido às evidências reunidas pelo processo interpretativo. Assim, meu movimento de interpretação implicou, com Thompson (2002): 1) a escolha do meio, primeiro; 2) a evidência oral surgindo do processo colaborativo – aqui, entrevistas e rodas de conversa; 3) a avaliação das evidências orais.

Aqui, constituí a história oral de duas formas, embasada no mesmo autor: por coletânea de história de vida e por análise cruzada, uma complementando a outra. Ressalto também que além dos documentos construídos oralmente e, depois, transformados em escrita, inter-relaciono com os documentos institucionais e pessoais acessíveis, adquiridos e produzidos, afinal, a evidência oral não precisa ser utilizada sozinha, mas cruzada com outras evidências.

Então, seguindo, na avaliação, atentei para a entrevista e para a roda como um todo, para a conferência com outras fontes e para a relação da entrevista ao contexto mais amplo. “A entrevista pode revelar a verdade que existe por trás do registro oficial. Ou então, a divergência poderá apresentar dois relatos perfeitamente válidos a partir de dois pontos de vista diferentes, os quais, em conjunto, proporcionam pistas essenciais para a interpretação verdadeira” (THOMPSON, 2002, p. 307).

Essa conferência se deu entre entrevistas e entrevistas, rodas e rodas, entrevistas e rodas, como também entre as duas e as fontes escritas, como documentos oficiais institucionais e jornalísticos. Além disso, intentei interconexões entre o contexto estudado e o contexto que o circunscreve. Relaciono o campo da educação, do jornalismo e do ensino de jornalismo piauiense com o brasileiro, a fim de ampliar a composição da narrativa.

Faço isso na tentativa de cobrir o tempo estudado da forma mais detalhada e, ao mesmo tempo, ampla possível, usando, como na fotografia, uma lente macro de 100 milímetros, que permite enquadrar o objeto de forma esmiuçada, mesmo sob certa distância, mas também substituindo-a, às vezes, por uma lente grande angular, que dá conta de uma visão mais panorâmica do objeto.

Além do mais, intentei inferências sobre o conteúdo trabalhado. Para as interpretações, subsidiou-me a análise de conteúdo categorial de Bardin (2016). A categorização permite organizar os dados em grupos para significação do tema estudado, sistematizando a interpretação sobre o que é visto, mas também sobre o que não está imediatamente explícito.

Dessa maneira, empreguei a técnica da análise de conteúdo categorial sobre os documentos, entrevistas e rodas, com a pretensão de melhor organizar a investigação. Buscando entender quais aspectos foram considerados nas memórias sobre as práticas educativas, identifiquei categorias de análise e avaliei o conteúdo dos documentos e das entrevistas, dentro de cada uma.

No trabalho, apliquei a análise de conteúdo para categorizar, em etapas, as histórias de vida, de modo a apresentar os perfis dos docentes de jornalismo, considerar aspectos formativos e suas práticas profissionais nas suas trajetórias de vida dentro da trajetória do ensino piauiense. Essas categorias foram elaboradas a partir do conteúdo das entrevistas biográficas e rodas de

conversa, principalmente, e foram guiadas pelos objetivos da pesquisa, cujo foco está nas práticas educativas e formação docente.

Apliquei a análise cruzada entre documentos produzidos através da história oral, bem como desses com documentos institucionais acessados na pesquisa, para descrever as histórias e memórias de cada um dos cursos públicos de jornalismo do Piauí. Pela colocação lado a lado, pela comparação de narrativas memorialísticas sobre determinados episódios, fiz o cruzamento de fontes, percebendo, inclusive, os silêncios e vazios temporais pela ausência da lembrança em alguns aspectos.

Em seguida, com a análise de conteúdo categorial, consegui interpretar características das práticas educativas do surgimento à consolidação dos cursos, chegando a inferências sobre os processos formativos docentes, assim como a legitimação do jornalismo como campo científico, consequentemente. As categorias emergiram do próprio conteúdo, norteadas pelos objetivos da pesquisa e centradas nas propostas dos capítulos, conforme descrevo especificamente em cada um.

Do cruzamento de fontes à categorização do conteúdo, este trabalho foi escrito com a proposta de historiar os cursos de jornalismo no Piauí, usando, para tanto, fontes mnemônicas diversas, colocadas em paralelo na operação historiográfica. Uma ferramenta metodológica importante nesse processo investigativo, foi conhecer histórias de vida de professores jornalistas para reconstruir as histórias dos lugares onde atuam.

3 CONHEÇA HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES DE JORNALISMO

Aí me dei conta de que, tão importante quanto ir aprendendo com a própria história, era ir aprendendo com a história do outro.

Sérgio Guimarães

Refletir sobre a minha história de vida e, portanto, sobre minha trajetória como professora e pesquisadora tem contribuído para o reconhecimento de meus processos no âmbito mais amplo do sistema educacional público brasileiro. E no meu caminhar, outras histórias se inter cruzam e se interconectam à minha, entre memórias e histórias dos cursos de jornalismo.

Minha história se cruza com a do professor Laerte Magalhães, no programa que oferece mestrado em Comunicação na UFPI, onde estudei e onde ele atua, desde que foi implantado. De modo semelhante, com a de Jacqueline Dourado, minha professora quando fui aluna especial do PPGCOM.

Evandro Sousa é nome conhecido em Picos, nos espaços da Universidade Estadual. Seu protagonismo nas atividades docentes e gestoras foi notável a mim, mesmo antes de conhecê-lo, afinal, cedo soube que ele foi uma das pessoas articuladoras da implantação e da manutenção dos dois cursos de jornalismo do interior, na Uespi e na Faculdade R. Sá. Hoje somos colegas de curso na mesma IES, onde ele também é reitor.

De modo semelhante, Daniel Solon e Sônia Carvalho sempre me foram referências na docência de jornalismo, pela avidez com que desempenham suas atividades na Uespi. Já assisti a palestras ministradas por eles, embora não me conhecessem ainda. Daniel tem atitude política e é bastante crítico, atuante nos movimentos do SOS Uespi, dos quais participei. Sônia foi uma das primeiras professoras de jornalismo de Picos, com reputação que chegou aos meus tempos, mesmo depois de sua ida para Teresina.

A vida de Jaqueline Cardoso converge com a minha, desde a graduação, marcando-me, instigando-me e me inspirando na pesquisa e na docência. Sabe aquela professora inspiração? Pois é. Até o meu terceiro ano de Curso de Comunicação Social, na Uespi, nunca tinha experimentado a pesquisa científica por falta de condições que me oportunizassem. Quando retornou do mestrado, Jaqueline me empurrou para a iniciação científica, preenchendo uma lacuna que me doía, na formação inicial.

Desde então, temos andado juntas. Ela me orientou no TCC da graduação, ajudou-me em todas as seleções de mestrado que tentei até passar, sempre me estimulou a continuar e prosseguir, até aqui. Quando iniciei meu caminhar como docente, foi Jaqueline quem me auxiliou, indicando e emprestando livros, oferecendo-me apoio e compartilhando dicas e experiências. Presente e presença na minha caminhada desde que eu fui sua aluna até hoje, como professoras do mesmo curso.

Ao notar as interconexões das trajetórias desses colaboradores com a minha, percebo que aprender com a história de outras pessoas é tão importante quanto aprender com a própria, como Sérgio Guimarães (2011) pondera no trecho destacado na abertura desta seção. Estudar histórias de vida docentes ajuda não só com a compreensão do nosso papel, como também de nossas práticas profissionais na história dos cursos de jornalismo.

Assim, o estudo de histórias de vida de educadores na história do ensino se justifica por entender que há sempre uma ligação do individual com o social. Ou seja, as histórias de vida dos professores estão circunscritas na história da educação de dada região, no caso desta pesquisa, o *locus* é o Piauí.

As histórias de vida de professores de jornalismo não tratam só de memórias individuais e sem relevância ao campo acadêmico e social. Na verdade, as histórias deles ajudam a contar a história da educação superior em jornalismo, assim como a história do próprio jornalismo, uma vez que suas memórias individuais estão sempre interligadas às memórias coletivas, como preconiza Halbwachs (2006).

Apresento, em perfil, cada professor, primeiramente, dadas as particularidades de cada percurso. Relato a relato, trajetórias são contadas de forma cronológica, seguindo com análise das narrativas, tentando dimensionar as singularidades no quadro de referências em que cada um está situado, relação da pessoa aos grupos e à sua realidade social.

Faço essa escolha porque acredito que cada formação é única, afinal, o processo é singular com cada pessoa, na medida do entrecruzamento com aquilo que lhe antecedeu, com seus influentes, com sua trajetória e com o que cada um é. Portanto, como pondera Moita (1995), toda formação tem caráter pessoal e vital, seja ela inicial ou contínua.

Vale o adendo de que nem todos os professores superdimensionaram os aspectos pessoais e familiares em todas as etapas de vida, concentrando-se em relatar, principalmente, suas histórias de formação institucional, e deixando, conseqüentemente, alguns vazios temporais em suas narrativas, sobretudo durante as entrevistas biográficas. No entanto, uma vez que toda história de formação tem aspectos pessoais, foi possível perceber esse realce, principalmente, quando do encontro coletivo, na roda de conversa e diário, algumas vezes,

incentivado pelos outros. Aplico esses enquadramentos intencionais ao que eles podem ter considerado importante à investigação.

E é comum, quando se trabalha com narrativas memorialísticas. Abrahão (2003) ressalta esse aspecto, afirmando que, como pesquisadores, não somos apenas recolhedores de memórias, mas participantes do relato elaborado com a intencionalidade de compartilhar memórias a partir da demanda da pesquisa. O tema e objetivos apresentados foram direcionadores, para além dos tópicos e perguntas (amplas e abertas) dirigidas aos colaboradores na pesquisa-formação.

Com essa autora, atento ao fato de que, ao trabalhar com memória, precisamos entender que ela é seletiva, de forma intencional ou não. Então, nas lembranças evidenciadas por educadores, os fatos vêm seletivamente. É uma memória reconstruída nas falas deles, pela investigação científica.

Assim sendo, as categorias de investigação foram levantadas com base nas construções das seções da pesquisa-formação, cujas narrativas foram concebidas a partir do roteiro previamente estabelecido como guia para o processo. Essa organização está apoiada em Moita (1995), que analisa trajetórias de formação e processos de transformação de educadores.

A análise de conteúdo categorial (BARDIN, 2016) e a análise cruzada (THOMPSON, 2002) das narrativas elaboradas individualmente, em cada entrevista biográfica, e coletivamente, nas rodas de conversa e diário de pesquisa, está estruturada nas etapas/temas que seguem:

1ª etapa – Percurso de vida: infância e família

2ª etapa – Da formação básica à formação em comunicação

3ª etapa – Encontro com a docência

4ª etapa – Estratégias, investimentos e processos formativos

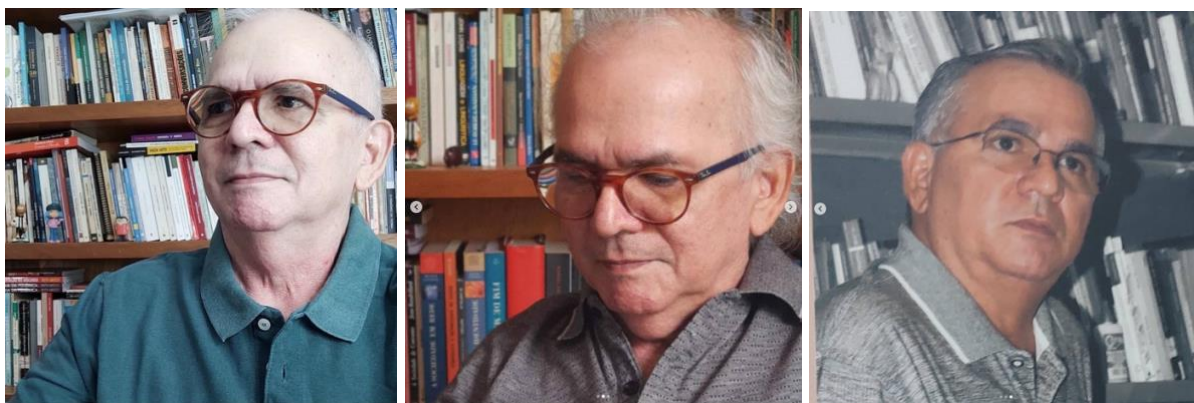
5ª etapa – Práticas educativas

Organizo a sequência de histórias de vida abaixo, segundo o tempo na docência, do professor mais experiente para o menos. Aqui, intercalo citações na composição do texto como apoio dos próprios narradores, bem como outros documentos acessados, como fotografias. Em seguida, interpreto, amparada no material bibliográfico escolhido. No volume 2 do trabalho, incluo as transcrições completas das narrativas autobiográficas de cada docente, para acesso integral do leitor.

Na convergência entre as narrativas de vida, o tempo e o lugar, noto elementos da história dos cursos de jornalismo, os quais reforçam a ligação sempre existente entre as subjetividades em quadros objetivos, o caráter social no pessoal, o plano individual no coletivo, os outros na dimensão do eu. Convido você a conhecer as narrativas interpretadas.

3.1 Laerte Magalhães conta como se tornou professor

Fotografias 6, 7 e 8 – Professor Francisco Laerte Juvêncio Magalhães



Fontes: Instagram de Laerte Magalhães (2021d).

1ª etapa – Quem é Laerte?

Nascido em Paracuru, registrado em São Gonçalo de Amarante, no Ceará, Brasil, em 1952, Francisco Laerte Juvêncio Magalhães cresceu em Itapipoca, até se mudar para Fortaleza para estudar, por volta dos anos 1970. Mais tarde, em meados dos anos 1980, já graduado e por motivação profissional, experimentou um novo lar, no estado vizinho, Piauí.

Da carreira na comunicação publicitária para uma trajetória na docência universitária, que o levou a experimentar vivências ainda mais longe de casa. Para continuar estudando, o Rio de Janeiro se tornou seu lar durante seis anos, de 1996 a 2002, até voltar ao Piauí, onde tem vivido a maior parte de seus dias.

Pai de uma filha e três filhos frutos de dois casamentos, avô de uma neta e um neto, e padasto de uma enteada, a família que ele construiu está dividida em diferentes cidades, com as quais mantêm ligação: Teresina, Fortaleza e Brasília. Ele pouco falou de aspectos pessoais e familiares, em nossos encontros formativos, mas no diário, ressaltou:

Para não dizer que não falei da família: estou no terceiro casamento. Neste ainda não apareceu filho ou filha. Dos anteriores, do primeiro, tenho uma filha (Maralisi), que vive em Fortaleza. E tenho uma neta, que é filha dela. Do

segundo tenho três filhos: o primeiro (Pedro Leonardo), é programador visual e atua como layoutman na publicidade e, também, me deu um neto (Théo). O segundo (Marcelo) é jornalista e vive em Brasília. É casado também, mas até agora não quis ter filhos. E, por fim, o terceiro (Brenno Levi), tem formação em cinema de animação (UFC), vive em Fortaleza. Atualmente cursa mestrado na área dele, na UFC. Vivo atualmente com a minha esposa e a filha dela de 27 anos. Os filhos e a filha estão todos cuidando da vida (MAGALHÃES, 2021c, p. 3).

Sensível às artes, é poeta, pintor e escritor. Apresenta-se como nordestino, estuda discursos e é professor há mais de três décadas. Laerte não se reconhece fora da atividade docente. Segundo ele, o “o que eu faço” integra o “o que eu sou”. “Eu acho que eu misturei um pouco o que eu faço com quem eu sou, e aí, vocês tirem as conclusões” (MAGALHÃES, 2021b, p. 8).

Nas suas narrativas, o que foi marcante na primeira etapa de vida foi a mudança para a capital cearense. Nessa categoria, a partir das abordagens de Laerte Magalhães sobre sua história de vida, pude perceber grande foco na carreira acadêmica. Ele quase não falou de aspectos familiares, pessoais e afetivos da sua vida. Quando rememorou a infância, focou em me apresentar como foi sua vida estudantil. Por isso mesmo, resolvi apresentá-lo, inicialmente, sem recorte temporal.

Especialmente em nossos encontros, em duas entrevistas e duas rodas de conversa, prestou-se a falar com detalhes sobre o que fez e faz, e sobre o que estuda. Não sei se porque não percebe a presença dos marcos familiares ou se porque escolheu, conscientemente, não compartilhar aspectos pessoais. Contudo, depois da primeira roda de conversa com o grupo de docentes, escrevi, no nosso diário, sobre a família que formou, como registrei acima.

Acredito que a opção por narrar sua trajetória acadêmica, da educação formal básica à formação universitária, até a aposentadoria e a atual atividade como professor voluntário no PPGCOM/UFPI tem a ver com a sua compreensão sobre o que seria interessante à minha pesquisa e sobre sua compreensão acerca das intersecções no seu professorado.

Esse fator se refere aos enquadramentos das narrativas de memória. O caráter de seletividade da memória é conferido a partir dos tempos em que vivemos, como pondera Bosi (2003). Como o olhar para o passado se dá pelo tempo presente, o vivido sofre a angulação do percebido pelo próprio narrador, entre tempos vivos e mortos. E como a narrativa memorialística se construiu pelo contato entre mim e fonte, com olhos voltados para a pesquisa, a experiência desse momento ajudou Laerte a moldar seu relato de vida, selecionando aquilo que lhe pareceu importante para o momento.

Ao mesmo tempo, vejo que um fator que pode explicar o realce no campo profissional se deve ao seu tempo de trabalho na educação em comunicação, que transformou o seu “fazer” em seu próprio “ser”. Isso não é incomum entre professores. Tardif (2014, p. 56) diz que “[...] o trabalho modifica a identidade do trabalhador, pois trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa de si mesmo, consigo mesmo”.

A maturidade expressa nos 35 anos de experiência de trabalho no magistério é um aspecto importante para entender a maneira como Laerte apresenta sua identidade pessoal imbricada na profissional. Sua identidade é marcada por sua atividade, como pontua Tardif (2014). “Se uma pessoa ensina durante trinta anos, ela não faz simplesmente alguma coisa, ela faz alguma coisa de si mesma: sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional” (TARDIF, 2014. p. 56-57).

Portanto, o tempo de atuação profissional remete à própria identidade de Laerte Magalhães, ser professor constitui sua essência. A jornada que percorreu para se construir e se constituir dessa maneira se compatibilizou em sua própria personalidade. De ocupação a carreira, transformou-se em característica que lhe descreve e que conforma pela construção de sentidos em uma dimensão mais profunda de seu ser.

2ª etapa – Da comunicação na escola à escola de comunicação

Estudou em escola pública, depois, em privada, onde prestava serviços de comunicação visual para cobrir as mensalidades. Aqui, já se notavam habilidades para a arte, os desenhos e a comunicação. Aconteceu assim: ao mudar para a cidade de Fortaleza, começou a estudar no Colégio São Francisco. “Por ser um colégio particular e como eu não tinha dinheiro para pagar as mensalidades, eu passei a prestar serviços de programação visual no colégio. Fazia cartazes, mensagens, faixas, essas coisas...” (MAGALHÃES, 2021a, p. 154).

Depois, transferiu-se para um colégio público, o Colégio Joaquim Nogueira, e lá, concluiu o ensino médio. Foi nessa fase que vivenciou a atividade comercial. “Ao mesmo tempo em que cursava o segundo grau no Colégio Joaquim Nogueira, eu comecei a trabalhar no comércio, em lojas...” (MAGALHÃES, 2021a, p. 154).

Em 1979, prestou vestibular para Comunicação Social na Universidade Federal do Ceará (UFC), garantindo aprovação. No ano seguinte, o começo de uma nova história. Foi na universidade que Laerte vivenciou a universidade, como ele diz, em todos os sentidos, da participação em eventos ao movimento estudantil, integrando o Centro Acadêmico (CA).

Até então, eu sempre tive atividades profissionais na área do comércio, então, eu tinha uma cabeça de comerciante. Quando eu ingressei na universidade, o universo de liberdade se alargou tanto para mim que eu fiquei, assim, fascinado com o ambiente acadêmico. Eu pedi grupo de publicação, espaço de revistas literárias, eu participava de centro acadêmico... Eu saía de casa de manhã, tipo sete horas da manhã para fazer educação física e ficava no espaço da universidade, às vezes, até meia-noite, às vezes, até mais, até de madrugada. E voltava para casa. No dia seguinte, continuava do mesmo jeito. Quer dizer, eu vivi! (MAGALHÃES, 2021a, p. 155-156).

Essa segunda etapa da vida de Laerte Magalhães é marcada pelo ingresso na universidade, dando-lhe oportunidade de provar novas e intensas experiências para além das marcas do trabalho no comércio e da jornada estudantil já experimentada. A vida universitária como estudante marcou sua trajetória como um momento de transformação. Funcionou como um espaço para novas perspectivas, portanto.

Até então, ele tinha se voltado para as atividades profissionais no comércio cearense. Mas aqui, o tempo de formação inicial funcionou como um lugar de socialização e de despertar para novos campos e oportunidades. De certa forma, aconteceu um encantamento com a academia e com o que ela poderia lhe proporcionar, ainda que, nessa fase, não almejasse ainda a carreira docente.

3ª etapa – De publicitário a professor da UFPI

Trabalhou com publicidade e propaganda em Fortaleza. Um trabalho *freelancer* o levou a Teresina para atuar em uma agência local, até que o temporário se tornou definitivo e a mudança permanente de cidade aconteceu. De uma agência a outra, experimentou redação publicitária, produção de rádio, TV e cinema, como profissional da comunicação. Quando, em 1986, apareceu oportunidade de prestar concurso público para professor efetivo da UFPI, não titubeou. O fascínio pelo espaço acadêmico estava com ele, desde o ingresso na graduação. Assim, o trabalho como *freelancer*, em uma agência publicitária no Piauí, acabou se transformando em um trabalho efetivo, na Universidade Federal.

Aí, fiquei na Sucesso até 1986, quando eu prestei concurso para a Universidade Federal do Piauí, para ser professor na vaga da professora Walda Neiva, que havia morrido em um acidente automobilístico, em Picos. E a professora Walda Neiva era professora do Centro de Ciências da Educação, era a professora que, na verdade, fundou o curso de Comunicação na Universidade Federal do Piauí (MAGALHÃES, 2021a, p. 155).

A terceira etapa da vida de Laerte Magalhães é marcada pelo seu encontro com a docência, quando ele tinha apenas a graduação e as experiências de mercado no currículo. A opção de mudar de profissão e passar de redator publicitário a professor exclusivo gerou implicações no seu modo de fazer e de ser. Com sede de conhecimento e gosto pela vida acadêmica, abraçou o professorado universitário. Antes, Laerte havia sido professor de educação artística no mesmo colégio onde estudou.

4ª etapa – Dos investimentos em formação

A formação continuada de Laerte Magalhães veio após o ingresso na docência, por oportunidades proporcionadas pela instituição de sua atuação, a Universidade Federal do Piauí. Primeiro, fez um curso de especialização em História da Filosofia Contemporânea, entre 1987 e 1988, na própria UFPI. Depois, em Teorias da Comunicação e da Imagem, na UFC, em 1995, através de convênio interinstitucional.

O contato com o professor Milton José Pinto, durante a segunda especialização, gerou conotações nas escolhas de caminhos que trilharia como pesquisador. Assim que concluiu esse curso, ingressou no mestrado, em 1996, e, depois, em 1998, no doutorado, até o ano de 2002. Em ambos, foi orientado pelo mesmo docente no campo dos estudos sobre discursos e recepção, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Esta é a etapa dos investimentos em formação. Nessa fase da vida do professor, dá-se a busca por formação, por meio de parcerias administrativas, primeiro, na UFC, depois, na UFRJ. Noto também a influência de um professor na trajetória dele. O marco de Milton José Pinto, ainda na especialização, o influencia nas escolhas durante o mestrado e o doutorado, assim como na atuação docente e de investigação científica ao longo de sua vida.

Por consequência, os estudos lhe impõem uma mudança de cidade que, certamente, também favorece em sua formação, indo além dos aspectos formais da instituição. Para ele, a experiência de morar seis anos no Rio de Janeiro contribuiu sobremaneira com sua preparação para a docência.

De outro modo, as experiências como professor também o ajudaram na sua formação. Ele reconhece isso. Para além dos cursos formais, a preparação para ministrar as aulas de suas disciplinas, os estudos no núcleo de pesquisa, entre outras atividades da rotina de docente universitário, geraram aprendizados constantes.

Esse é o conhecimento de experiência de que fala Moura (2014). Segundo a autora, professores bacharéis produzem esse tipo de saber na ambiência da atividade no ensino superior, assim sendo, torna-se um conhecimento basilar para suas práticas educativas, inerente.

É perceptível o papel da universidade na sua formação docente. É sua própria instituição que lhe proporciona oportunidades para a continuidade dos seus investimentos profissionais, através de parcerias que favorecem essa formação, somadas ao respeito ao direito de obter licença das atividades docentes para estudar.

Da mesma forma, os investimentos pessoais na carreira são evidentes e robustos em suas narrativas. Para ele, o impositivo ao professor de atualização ininterrupta o levou (e leva ainda) a dedicar e aplicar dinheiro, emoções e tempo em autoformação, por meio da aquisição e consumo de seus próprios livros, que, por sinal, são muitos.

5ª etapa – Nasce um professor-pesquisador

O retorno a Teresina aconteceu em 2003, momento que marcou seu novo perfil docente, o de pesquisador. “Eu fiquei preocupado com quem que eu iria dialogar, em Teresina, porque eu não conhecia ninguém que tivesse interesse nessa área que eu havia pesquisado, nessa metodologia que eu havia utilizado, que era análise de discurso, nos dois textos...” (MAGALHÃES, 2021a, p. 159-160).

Junto com a formação em pós-graduação *stricto sensu*, houve o efeito do desenvolvimento de multitarefas. Surgiu um novo professor em Laerte, um professor-pesquisador que passou a executar “n” atividades e práticas educativas, por imposição do título e da formação obtida.

Fotografia 9 – Professor Laerte Magalhães em recepção aos calouros

Fotografia 10 – Professores apresentam grupos de pesquisa aos estudantes



Fonte: Acervo do CACOS (2013, 2014a).

O professor doutor numa instituição federal de ensino superior ministra disciplinas na graduação, no mestrado, no doutorado, coordena núcleo de pesquisa, participa de eventos científicos apresentando trabalhos ou mesmo organizando evento, orienta TCCs, trabalhos de PIBIC, trabalhos de dissertação de mestrado e ainda é convidado também, muitas vezes, para prestar consultoria em pareceres de revistas científicas, de trabalhos científicos e congressos e tal... Então, todas essas práticas docentes de nível são exigidas de um doutor (MAGALHÃES, 2021b, p. 7).

Em abril de 2014, o professor se afastou novamente das atividades docentes, pelo período de seis meses. Dessa vez, não foi para estudar, e, sim, para cuidar da saúde. Laerte passou por uma cirurgia de revascularização do miocárdio, tendo que ficar de licença pelo período de seis meses.

Alguns anos depois, em fevereiro de 2018, descobriu um câncer no pâncreas, que requereu novo afastamento para o tratamento com quimioterapia e radioterapia. “Desde outubro de 2018, o médico que me atende me deu alta e os últimos exames que fiz apresentaram resultados bastante animadores. Mas sabemos que essa é uma doença teimosa, estamos bem, mas de alerta” (MAGALHÃES, 2021c, p. 4).

A aposentadoria chegou em abril de 2019, depois de 33 anos de serviços prestados à comunidade, na Universidade Federal do Piauí. Contudo, não foi imperativo para que o professor parasse com as atividades. Ele resolveu continuar como docente voluntário do PPGCOM até que concluísse o trabalho com orientandos, no mestrado, assim como no núcleo de pesquisa (fotografias 11 e 12).

Fotografias 11 e 12 – Homenagem do grupo de pesquisa ao professor Laerte Magalhães



Fonte: Acervo do NEPEC (2021).

Nesta etapa da vida do professor, reconheço subetapas. A primeira, quando do seu retorno às atividades docentes, a inquietação sobre a necessidade de continuar inquirindo e pesquisando. Dessa inquietação nascem novas práticas educativas: a criação do núcleo de pesquisa, a contribuição para o desenvolvimento de investigações científicas no Piauí e a ministração de cursos de extensão sobre suas temáticas de estudo, por exemplo.

A segunda se refere ao seu ingresso na pós-graduação *stricto sensu* como educador. Primeiro, como docente do mestrado em Letras; depois, do mestrado em Comunicação, ambos na UFPI. A continuidade da formação desse professor o levou a assumir novos e múltiplos papéis na universidade, e até fora dela, como quando participou da gestão na Fundação de Amparo à Pesquisa no Piauí (Fapepi).

A terceira diz respeito às mudanças sistêmicas e de autorreconhecimento ao longo de sua vida pessoal e carreira profissional, mesmo que, por vezes, não estivessem muito claras à sua percepção. “Não sei até que ponto essas enfermidades têm ou não vínculo com as minhas atividades profissionais, mas se houver alguma causalidade, não tenho dúvida de que repetiria tudo exatamente como foi feito, sem problemas” (MAGALHÃES, 2021c, p. 4).

Do professor graduado ao professor doutor, do início da docência à aposentadoria, das escolhas profissionais e pessoais às repercussões na família, da vida saudável ao enfrentamento de doenças, inúmeros investimentos conscientes e perceptíveis, ou mesmo imperceptíveis que, com certeza, cruzaram sua maneira de ser e moldaram sua maneira de ensinar.

A construção do professor pesquisador, através da formação continuada, levou Laerte a novas práticas educativas. Na ótica de Masetto (2015), o perfil docente na educação superior foi transformado ao passo que as instituições passaram a integrar a formação de pesquisador à formação profissional. Assim, o professor ganhou a competência de pesquisar e orientar pesquisas, competências de professor intelectual que gera conhecimentos, além de movimentar os existentes.

Esse papel é desempenhado quando o docente passa por formações que o fazem pesquisador, nas oportunidades de pós-graduações *stricto sensu*, como ocorreu com o professor Laerte em dado momento de sua jornada. Os investimentos formativos o transformaram em um professor diferente, com outros interesses. Mudado, ele foi gerador de mais transmutações. A formação docente é estratégica, ela transforma para transformar.

Ao analisar esse perfil de “professor multitarefas” evidenciado nas narrativas de Laerte Magalhães (2021a, 2021b, 2021c), noto que esses diversos papéis práticos na docência universitária se relacionam a dois fatores principais: um de caráter pessoal-profissional, outro contextual. Refere-se, primeiro, à complexidade e variedade de conhecimentos que o professor

constrói e acessa, em sua trajetória. Pacheco e Flores (1999) argumentam que o conhecimento docente é múltiplo, cumulativo, objetivo e subjetivo, desse modo, nossas experiências pessoais e profissionais ao longo de toda a vida dão forma a esse conjunto de saberes articulados. E, sendo os saberes polissêmicos, convergem em nossas práticas educativas.

Além disso, à polifonia contextual, ou seja, ao conjunto de fatores e circunstâncias que dão forma e organização à universidade, caracterizando a ação docente como sendo simbiótica. Um professor universitário não dá conta só de articular conhecimentos técnicos e profissionais no domínio do jornalismo no âmbito do ensino. Por obrigação, temos que movimentar outros saberes, como os reflexivos, por meio da pesquisa, e os práticos, por meio da extensão. Uma tríade inerente à educação superior.

3.2 Liberdade para estudar e ser quem é: a vida de Jacqueline Lima Dourado

Fotografia 13 – Professora Jacqueline Lima Dourado



Fonte: Acervo pessoal de Jacqueline Dourado (2021d).

1ª etapa – Crescendo entre lutas, perdas e autodescobertas

Foi numa casa da antiga Rua Nossa Senhora de Fátima, hoje, Rua Mestre Estevão, no bairro Piçarra, em Teresina, que Jacqueline Lima Dourado viveu a infância e a adolescência,

ladeada por sua grande família. Filha esperada, nasceu em 1964 e cresceu com oito irmãos: cinco homens e três mulheres; seis consanguíneos e duas por adoção.

O nascimento com uma fissura labial gerou comoção familiar. Mesmo sem muitos recursos materiais e financeiros, os pais de Jacqueline buscaram ajuda de parentes próximos, que moravam no Rio de Janeiro, para viabilizar o tratamento com um cirurgião que se tornou conhecido no Brasil por atuar na recuperação de vítimas de um trágico incêndio em um circo por lá, no início da década de 1960. Após um contato feito por cartas com a parentela do Rio, mãe e filha partiram, então, para começar o longo tratamento do lábio leporino. “A minha primeira parte de tratamento foi com Ivo Pitanguy. Depois, quando cresci mais, eu fui fazendo outras cirurgias até os 13 anos” (DOURADO, 2021a, p. 164). Assim, Jacqueline teve a infância marcada por viagens, cirurgias, curiosidades, lutas e contatos com outros mundos. “Minha mãe não deixava sequer eu dizer que tinha trauma, ela não admitia” (DOURADO, 2021a, p. 164).

Embora os pais tivessem pouco grau de escolaridade, eram leitores e, com isso, incentivadores dos filhos. Os moradores da “casa de leitura”, como Jacqueline descreve, liam muito! Os livros chegavam por meio de doações dos primos que tinham recursos mais abundantes, já que as condições financeiras da família não possibilitavam a compra de livros novos. Curiosa, buscava se saciar em leituras infindas. “Eu lembro que a minha mãe era aquela pessoa meio fechada com relação à sexualidade, à menstruação, alguma coisa assim... Eu peguei num livro que tinha a nossa vida sexual e li seis volumes. Eu acho que eu tinha 10 anos e eu já tinha lido os seis volumes” (DOURADO, 2021b, p. 11).

Aos 10 anos, perdeu o pai de forma rápida e dolorosa. “Meu pai morreu de câncer provocado pelo cigarro. [...] Ele teve um câncer no fígado. Eu não lembro, mas, depois, minha mãe dizia que, à época, a gente não encontrava nem pessoas para ajudar, porque o câncer ainda era considerado, para muita gente, contagioso”, lembra Jacqueline Dourado (2021a, p. 165) sobre esse período de dificuldades na família, e acrescenta: “Quando o meu pai foi diagnosticado, ele tinha sete meses de vida e o médico acertou como quem acerta na loteria. Então, eu perdi meu pai, perdi essa referência... E foi algo bem doloroso!” (DOURADO, 2021a, p. 165).

A entrada na fase da puberdade e, em seguida, na adolescência, foi de autodescobertas para Jacqueline. Por volta dos 17, 18 anos, descobriu-se homossexual. “E isso foi... Meu Deus! Para a família era o indizível, eu era o persecutório... Isso foi muito traumático!” (DOURADO, 2021a, p. 165).

Uma série de circunstâncias se desenrolam na primeira etapa da vida de Jacqueline Dourado, marcando profundamente seu desenvolvimento durante a infância e a adolescência:

a infância de viagens e o longo tratamento do lábio leporino; a doença e morte veloz do pai; a autodescoberta como homossexual.

2ª etapa – Liberdade para estudar

Como leitora fluente e estudiosa dedicada, teve sua trajetória escolar, principalmente, em instituição pública. Mas durante três anos de sua formação básica, foi bolsista de uma escola católica em Teresina, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, conhecido Colégio das Irmãs. “Eu sempre gostei de ter um canto para estudar, de montar... Então, eu botava ali livros por baixo... Eu sempre estudei com dicionário. Eu gostava de ler o dicionário, entender que palavra era aquela...” (DOURADO, 2021a, p. 165).

Desde cedo, manifestou interesse e intimidade com as disciplinas das ciências humanas e sociais, e dificuldades frente às ciências exatas e da natureza. Ela conta que já gostava de jornalismo e sociologia, e de muitas outras áreas do conhecimento. “Sempre fui aquela pessoa que queria fazer Teatro, Sociologia, Poesia, Cinema, Jornalismo, Fotografia e me vi no Jornalismo, no curso de Jornalismo” (DOURADO, 2021b, p. 10).

Quando chegou o momento de prestar vestibular, entre tantas afinidades e vontades, resolveu tentar Comunicação Social, na UFPI. E deu certo. Quando estava em Fortaleza, capital cearense, soube da aprovação. A chegada em casa foi marcada com festa e comemoração. “Então, quando eu soube que tinha passado no vestibular, eu estava em Fortaleza. E, cheguei em Teresina, teve festa, teve tudo. Eu já estava com a namoradinha, mas a família... ninguém sabia nada, aquela coisa... aquele segredo... E fui para a universidade” (DOURADO, 2021a, p. 165).

No ano de 1986, dois anos depois da abertura do curso na Universidade Federal, Jacqueline começou a experimentar novas formas de aprender, que considerou libertadoras. Logo se identificou com o universo diverso, com o peso das reflexões, discussões e participações, assim também com as responsabilidades.

A universidade foi uma alegria! Primeiro, porque era aquela libertação de você não ser vigiado para estudar. Os pais da gente, eles tinham aquela dinâmica: “Vai estudar! Vai estudar!”. Eu queria estudar poesia, eu queria estudar literatura, eu não queria estudar matemática. Eu tinha livro de poesia... Eu lembro de ter a obra do Manoel Bandeira dentro do meu livro. Uma época, eu levava para o Colégio das Irmãs, e eu botava um livro dentro do outro... A entrada na universidade te liberta! É como se os pais dissessem: “Agora, é com você” (DOURADO, 2021a, p. 165).

Até 1989, a formação em comunicação se deu entre dificuldades, pela falta de uma estrutura adequada na UFPI, mas também por oportunidades. Jacqueline gostava de participar de eventos e de consumir livros. “Às vezes, professores não tinham os livros que eu tinha. Eu sempre trabalhei, sempre trabalhei e eu comprava determinados livros” (DOURADO, 2021a, p. 166).

O investimento em livros para auxiliar na sua formação fez parte de sua vida, caracterizando a autoformação que acompanhou os processos institucionalizados. “Eu sempre fui de comprar livros. Eu já fiz doação para quatro bibliotecas. Eu tenho aqui uma biblioteca gigantesca que eu pretendo doar quase tudo para estudante” (DOURADO, 2021a, p. 166).

E não só em livros, como também em cursos extrainstitucionais. Enquanto a Universidade vivenciava uma greve na luta por condições melhores, em 1987, Jacqueline viajava para estudar. Ainda estudante, mas já trabalhando, organizava-se para arcar com o investimento, desde o pagamento do curso, ao deslocamento à capital do País para experimentar uma imersão de fotografia.

Eu gostava de fazer cursos fora. Durante uma greve da UFPI, eu fui para Brasília, e fui fazer um curso de fotografia no CEUB (Centro de Ensino Unificado de Brasília). Esse curso de fotografia, ele foi mais de 300 horas. Foi um investimento em dólar. Eu juntei tudo que eu tinha! Eu ganhava meio salário-mínimo, mas eu juntava aquele dinheiro e fui para Brasília, tinha um irmão lá, e fiz um curso equivalente a três ou quatro semestres de fotografia. Isso foi muito bom para mim! (DOURADO, 2021a, p. 169).

Entre discussões ricas e análises de notícias no ambiente acadêmico, Jacqueline já fazia jornalismo no mercado comunicacional teresinense, atuando como fotógrafa de jornal impresso. Dessa fase, ela guarda lembranças de sua atuação em coberturas de manifestações públicas em meio a crises políticas no País.

E eu lembro que uma das coisas de aceitação dentro do curso foram fotografias que foram para capa de jornal. E as minhas fotografias já foram fotografias políticas. Eu fotografei um mendigo sendo preso, porque estava andando ao lado de uma manifestação. Então, a pessoa que levou a porrada dos policiais foi ele. E ainda bem que, nessa época, eu era bem magra e corria como ninguém, porque eu tive uma arma apontada para mim e um policial correu atrás de mim. O que é que aquele cara ia fazer com a arma apontada para mim? Ia me matar porque eu fiz a foto? E essa foto eu consegui, mesmo com o regime que ainda se vivia, colocar na capa do *O Dia* (DOURADO, 2021a, p. 167).

Como jornalista de redação e de rua, tinha como preocupação e interesse pautas sociais e políticas. O fato de ter nascido no começo da ditadura militar brasileira e de ter crescido nesse contexto, vivendo os momentos de luta pela redemocratização do País, não passaram

despercebidos por ela, e foram formadores no processo de construção da Jacqueline Jornalista e, mais à frente, da Jacqueline Professora.

Tinha um Fiat 147, e botaram uma criança de seis, sete anos dentro... botaram uma criança... A polícia prendeu uma criança de seis, sete anos, porque ela foi pedir autógrafo àqueles garotos que dançavam “não se reprima, não se reprima”, coisa assim, *talk-show*... Ele foi pedir o autógrafo, ele foi preso... Eu lembro, eu fiz a foto dele com o bloquinho e a caneta... E eu fiz uma confusão tão grande com a foto que a polícia teve que tirar o menino de dentro do carro (DOURADO, 2021a, p. 167-168).

A realidade de Jacqueline não era incomum no campo do jornalismo à época. Seus colegas estudantes se lançam no mercado e passavam a atuar desde cedo. “[...] mesmo que não tivéssemos laboratório, o nosso laboratório era a rua” (DOURADO, 2021a, p. 168). O ambiente profissional também é formativo para eles, e ajuda a suprir as carências das práticas na academia.

Dessa forma, conviveu com as duas nuances no mesmo momento, a da academia, em suas discussões calorosas, críticas e reflexivas, e a do mercado de trabalho, em suas práticas vertiginosas. “Quando eu cheguei na universidade, já era outra pessoa, já dava tapinha nas minhas costas” (DOURADO, 2021a, p. 167). Nesse período, ela também reconhece o papel dos professores na sua formação. “E eu sempre tive professores inspiradores” (DOURADO, 2021a, p. 166).

A entrada na Universidade marca uma nova fase na vida de Jacqueline Lima Dourado. O modelo de ensino e de aprendizagem na educação superior produz certo encantamento, pela formatação das aulas, pela formação acadêmica que foi além da sala de aula, mas perpassou também os corredores, os espaços livres da UFPI, os jornais. Estudar o que gostava e participar dos acontecimentos políticos compuseram essa etapa de vida.

Jacqueline reconhece notadamente o papel dos professores na sua formação, apontando profissionais marcantes no percurso da graduação. Conforme Tardif (2014), de forma natural, cada pessoa tende a se inspirar nos professores que passaram por sua vida, na trajetória escolar e acadêmica.

Além disso, a contribuição das práticas na sua formação inicial. As experiências no jornalismo aconteceram antes da conclusão do curso de graduação, permeadas pela instabilidade política nacional, por ameaças à liberdade, por insegurança no exercício da profissão de jornalista, marcando sensivelmente suas memórias sobre o período ditatorial em Teresina.

Segundo Dominicé (2006, p. 248), “de modo geral, a interpretação que os adultos fazem dessa efervescência política ressoa sobre o sentido que eles dão à sua vida. Ela desloca os pressupostos que caracterizam sua visão de mundo. Ninguém sabe do que o amanhã será feito”. Foi assim com Jacqueline. Suas vivências são marcadas pelas circunstâncias à sua volta, que repercutem em suas práticas jornalísticas e em sua preocupação com pautas políticas e sociais.

À sua época, o curso de jornalismo da UFPI estava na fase inicial, com pouco tempo de implantação, o que significa que o mercado de trabalho da comunicação piauiense era ocupado, principalmente, por pessoas sem o trato da academia, os chamados jornalistas de batente, profissionais sem diploma. Esse fator facilitava a inserção dos acadêmicos no mercado, desde antes de concluírem a formação.

3ª etapa – Docência: oportunidade para voltar e ficar

“No outro dia depois que eu me formei, eu voltei para a universidade, porque me deu saudade” (DOURADO, 2021a, p. 168). Em 1986, quando se formou em Comunicação Social, Jacqueline já ocupava um lugar de respeito no jornalismo diário, como editora-chefe do Jornal O Dia. Contudo, a conclusão da fase como universitária não foi bem aceita por ela. Todos os dias, depois de cumprir o expediente no jornal, dirigia-se à UFPI, onde permanecia até que as colegas saíssem das aulas para se encontrarem. “E aquilo me depressiu, porque eu queria voltar para a universidade a qualquer custo” (DOURADO, 2021a, p. 168). A docência, então, tornou-se uma meta.

E eu fiquei esperando o concurso. Eu fiquei esperando o concurso, eu comecei a estudar para o concurso, antes dele. Quando abriu o certame, a minha inscrição foi a primeira. Quando eu soube que abriu, eu fui direto para lá... Eu lembro que a professora Edite disse assim: “Mas eu não tenho nem os papéis aqui...”. Digo: “eu quero me inscrever” (DOURADO, 2021a, p. 168).

Em 1991, então, voltou à UFPI, novamente com vínculo, mas de um tipo diferente de até então. Jacqueline Lima Dourado, após seleção e aprovação em concurso público, tornou-se a professora Jacqueline. De aluna a professora do primeiro curso de Comunicação Social – Jornalismo do Piauí e, até aí, único.

A escolha pela docência repercute as influências familiares, uma vez que, entre os parentes da família materna, havia muitos professores. E em circunferência mais próxima, também. A maioria de seus irmãos também é ou foi professor. “Vindo de uma família, do lado de minha mãe, toda de professores, todos os meus irmãos com exceção de um, foram ou são

professores, vários deles estão aposentados, então, a gente tem essa veia de professor” (DOURADO, 2021b, p. 11).

Entre as principais características dessa etapa estão sua saída da universidade como jornalista e seu retorno, por seu encontro com a docência. As influências familiares ajudaram na decisão de se tornar professora, o que Tardif (2014) considera como sendo comum, por exemplo, quando temos professores no círculo familiar, como foi o caso de Jacqueline. A partir de então, vivenciou o aprender a ensinar, partindo do conhecimento na experiência em jornalismo para o saber experimental no professorado.

4ª etapa – Investimentos em formação, adoecimento e recomeço

Como formação, fez cursos de curta e média duração voltados à docência em jornalismo e ao próprio jornalismo, como o de Atualização para Professores de Jornalismo, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 1994, e outro de Produção e Edição em Fotojornalismo, na Federação dos Jornalistas Profissionais (FJP), em 1996. “Trabalhei com Curso de Jornalismo Avançado, com o professor José Marques de Melo, em São Paulo, na UNICAMP. A primeira turma do LABJOR da UNICAMP. Eu trabalhei também na IDM, quando a IDM estava lançando a noção de câmera digital” (DOURADO, 2021a, p. 169).

E na docência, participou de eventos de pesquisa, mesmo antes de ir como pesquisadora, procurando conhecer os trabalhos desenvolvidos no campo, em todo o país. “Eu não produzia artigo, eu escrevia muito para jornal, mas sempre tentando produzir, tentando assistir, tentando conhecer...” (DOURADO, 2021a, p. 169).

Entre 1995 e 1996, fez um curso de especialização em Teoria da Comunicação e da Imagem, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Essa especialização foi cursada numa fase em que a UFPI estava oferecendo condições para formação dos professores através de parcerias com outras IES. Assim, estudou na UFC, com o apoio da UFPI e com bolsa da CAPES.

Dois anos depois, iniciou a pós-graduação *stricto sensu* em nível de mestrado, na UFRJ, através de um MINTER com a UFPI, junto com outros colegas docentes. Essa fase marca sua formação continuada e sua constituição como pesquisadora e ampliação da atuação docente. “Como aluna já do mestrado, eu lembro que eu paguei um dos eventos mais caros que tinha... [...] Eu nunca tive pena de investir na minha formação. Nunca! Se eu estivesse precisando de um livro, comprava para estudar, para preparar” (DOURADO, 2021a, p. 169).

Em seguida, partiu para a cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Ingressou no Doutorado em Ciências da Comunicação, na UNISINOS, formação que durou longos oito anos,

entremeada por uma fase de adoecimento. Essa situação a levou a uma necessária pausa na formação e à retomada das atividades docentes universitárias, em meio a constrangimentos e pressões.

Primeiro ano foi bom. O segundo, eu entrei em depressão, a ponto de no terceiro ano ter sido afastada do programa. Isso foi uma dor imensa! Imensa! Porque, minha mãe estava com Parkinson, eu, em depressão. E você imagina tudo o que você fez a vida toda desmoronar e você ser apontada no seu local de trabalho como uma pessoa que foi afastada do doutorado... Você ser humilhada, processada... As pessoas fazerem mil fofocas com você... Mas eu voltei para Teresina, voltei para sala de aula... cabeça baixa, como se diz... Lembro com pesar... Nesse momento, eu disse que não queria mais nenhum contato. Isso foi dolorido. E aí, conversando com o professor José Marques de Melo, que é um amigo meu pessoal, ele leu meu trabalho, ele disse: “Se eu fosse você, eu publicava como livro, teu trabalho até aqui, mas partia para outra coisa”. Então, eu dei um tempo (DOURADO, 2021a, p. 169-170).

No contexto dos problemas de saúde, Jacqueline ainda enfrentou a doença e a perda da mãe. “A minha mãe teve Parkinson e foi uma morte lenta, sofrida e dolorosa”.

Até a reintegração no programa da UNISINOS, Jacqueline passou por um processo dolorido. Quando resolveu tentar a reintegração no doutorado. Sob o amparo de amigos e familiares, ousou propor a reformatação do projeto e um novo direcionamento à pesquisa. Foi aí que conheceu o professor Valério Cruz Brittos, que se tornou seu orientador, mentor e amigo da vida, marcando essa e as etapas seguintes de formação e práticas.

Eu digo: “Antes de qualquer coisa, eu preciso lhe dizer. Olha, eu sofri aqui dentro preconceito por ser nordestina, por ser homossexual...”. Ele disse: “Eu não estou interessado nisso. Tu podes saber, eu sou uma pessoa cristã...”. Ele era meio franciscano, Valério era para ter sido padre... E aí, a nossa relação começou (DOURADO, 2021a, p. 171).

Essa fase teve como acontecimentos principais: formação continuada; morte da mãe; doutorado, adoecimento, reintegração, conclusão. Construir-se professora é difícil. Não há como isolar o professorado da vida, as circunstâncias pessoais e sociais integram o processo e interagem, produzindo ressignificados a essa construção.

Em análise sobre a formação de professores, Ibernón (2016) ressalta que algumas responsabilidades e demandas são inerentes ao ensinar, como compromisso, contexto e conhecimento. Ao contrário do que se repercute no senso comum, de que se trata de uma tarefa simples, um dom nato, ser professor é difícil, é construção processual.

Portanto, o ofício não é fácil, nem simples, mas complexo, dispendioso, requer investimentos fundamentais, como vemos ao longo da vida de Jacqueline Dourado, sobretudo, nessa etapa. Ensinar é fundamental; aprender, também, por isso, a necessidade de formação

continuada e permanente na vida de um professor, formação que se dá sob pressões sociais e institucionais, com consequências à vida pessoal e profissional.

5ª etapa – Uma professora observadora

Professora observadora, preocupada e autoavaliadora. Primeiro, porque acredita que o aprendizado é mútuo, no cotidiano, a partir de um olhar e de uma escuta atenta. Segundo, porque uma aula requer preparação e cuidados. E terceiro, por acreditar que poderia ter feito mais e melhor. “[...] eu acho que o que a gente faz, a gente faz com uma determinação. Eu acho que eu puxei isso da minha mãe, eu sempre fui muito determinada. Eu não tive dúvidas do que eu queria... eu não tive medo de errar...” (DOURADO, 2021a, p. 173). Além das influências familiares na sua formação, que chegam às suas práticas, percebe as influências e conotações dos seus professores.

Durante o doutorado, na etapa anterior, construiu laços de amizade com seu professor-orientador, e essa relação com ele se estreitou e foi continuada em suas práticas educativas, através de conversas diárias, mesmo a longa distância, de encontros em eventos, em interconexões Piauí e Rio Grande do Sul, de cuidados e trocas.

Ele me ensinou muita coisa! E eu ensinei algo ao Valério. O Valério dizia, quando eu ia lá: “Jacque, venha um dia antes para você dar aula”. Eu não era obrigada a dar aula, porque eu estava pagando, nessa época. E aí, eu ensinei a ele a manter os alunos em silêncio, lembro disso e rio. Disse: “Como é que tu consegues? Eu não consigo”. Eu digo: “Olha, basta que você cale a boca. Nunca fale quando aluno estiver falando. Olhe para ele”. Aí, ele chamou os bolsistas que davam aula, aí eles ficavam assistindo... Disse: “Olha, ela hipnotiza eles e tal...”. Era engraçado. E, assim, foi uma relação linda. Eu trouxe ele três ou quatro vezes a Teresina. Estávamos em eventos, ele me ensinou a montar meu grupo de pesquisa... Nós nos falávamos o dia todo [...] (DOURADO, 2021a, p. 172).

Assim, a morte do professor Valério foi sentida. “E aí, eu perdi o Valério... Estive com ele uma semana na Argentina. Eu perdi uma semana depois de estar com ele... Eu digo “perdi”, porque a minha relação com o Valério era uma relação de irmã, de mãe e filho, de pai e filha” (DOURADO, 2021a, p. 172).

Desde 2011, quando o PPGCOM-UFPI foi criado, integrou o grupo de docentes, na linha de pesquisa Processos e Práticas em Jornalismo. “O Programa de Pós-Graduação em Comunicação, nosso mestrado, ele vem qualificando pessoas, e isso é importantíssimo. É deixar esse legado bom de tantas lutas, de tantas coisas que são negligenciadas na área de humanas e de ciência sociais” (DOURADO, 2021a, p. 175).

Fotografia 14 – Professora Jacqueline Dourado em atividades do PPGCOM/UFPI



Fonte: Instagram de Jacqueline Dourado (2020).

Atuou também como gestora da Universidade Federal. Em 2013, assumiu o cargo de Superintendente de Comunicação (DOURADO, 2021c), permanecendo até o final do ano de 2020. No contexto da crise sanitária mundial, integrou o Comitê Gestor de Crise – SARs Covid-19, na mesma instituição.

Em 2017 e 2018, fez pós-doutorado na Universidade de Beira Interior (UBI), em Portugal. Com esse *link* intercontinental gerado anteriormente, como supervisora de pós-doutorado, na UFPI, e fortalecido durante seu pós-doutorado, passou a ser facilitadora de novas conexões, uma mediadora de novos *links*. “E aí, isso facilita, porque eu tenho colegas que foram para Covilhã a partir de mim, colegas que foram para Coimbra a partir de mim. Então, assim, esses laços vão se estendendo” (DOURADO, 2021a, p. 175).

Nessa etapa, também enfrentou um câncer da esposa. Então, os contatos pré-estabelecidos ao longo da vida de pesquisadora foram modificados. Nesse momento, continuados a partir de seus orientandos do Grupo de Pesquisa COMUM. “E quando o COMUM chega nos eventos de economia política da comunicação, o pessoal diz: “A turma do

Piauí chegou. [...] De certa forma, é um legado para a educação como um todo, para a formação, qualificação de pessoas” (DOURADO, 2021a, p. 175).

Fotografia 15 – Professora Jacqueline Lima Dourado em palestra a calouros

Fotografia 16 – Lançamento de revista produzida com estudantes

Fotografia 17 – Lançamento de livro no SALIPI 2017



Fontes: Cacos (2013); COMUM ([n/d]); UFPI (2017).

Ao longo de sua trajetória docente, foi se construindo, formando-se, ao tempo em que ajuda a formar. Hoje se percebe como uma outra professora, uma professora diferente. Da “Jacque coronela”, como ela se descreve, à “Jacque Paz e Amor”. Processos de transformação a partir de sua formação.

Eu acredito que hoje, eu mudei muito a minha prática! Eu mudei muito a minha prática de aula! Quando eu comecei, eu era muito dura, eu era “coronela”, general... E hoje em dia, eu sou mais “Jacque Paz e Amor”. Eu tenho dado a chance de o meu estudante se autoavaliar, embora isso tenha uma fronteira tão tênue. Mas eu acho que a gente precisa evoluir para menos

dureza. Eu já fui muito dura, já fui muito dura e, às vezes, quando é preciso, eu sou dura, mas muito menos. Eu tenho acreditado mais nessa aprendizagem... (DOURADO, 2021a, p. 173).

Aos 57 anos, planeja fazer o curso de Economia, vislumbra Medicina. Curiosa e sequiosa de conhecimento. Suas práticas refletem sua própria trajetória de vida, suas características pessoais, construídas nas relações sociais. Jacqueline demonstra ser uma professora que acolhe, que defende a inclusão, que pensa a percepção.

Tenho uma relação estável de 21 anos. Durante um bom tempo, fui impedida de demonstrar isso, porque tinha toda uma perseguição, uma crítica... Era muito ruim! Hoje em dia, eu levo com leveza. [...] mas isso foi um formador do nosso fortalecimento. E isso é importante, quando você se depara com o estudante que quer se suicidar por causa disso... Nós tivemos, eu acho que, três ou quatro casos no Curso de Comunicação, pelo menos dois deles eram problemas com a família. Eu sei o que eu passei. Então, aí entra o papel do professor, a dedicação, a capacidade de ele identificar... Não é que nós sejamos psicólogos, mas ele tem que ser acolhido na sala de aula. Eu acho que essa dedicação a gente precisa ter. Eu acho fundamental (DOURADO, 2021b, p. 11-12).

As práticas educativas da professora Jacqueline se entrelaçam na história do Curso de Comunicação Social da UFPI, e se transformam com ele, até mesmo no contexto das mudanças impostas pela pandemia, gerando novos modos de ensinar e de aprender, novas preocupações, que não isolam os contextos sociais dos seus alunos e não deixam de ser percebidos por ela.

Inclusive, ela mesma percebe sua transformação como professora, no processo de comutação da educação, ao longo dos seus 21 anos de docência (DOURADO, 2021a; 2021b). As mudanças de suas práticas educativas enunciadas têm a ver com os modos como a educação atual se caracteriza, conforme Antunes (2014), como estimuladora de iniciativas, do protagonismo e da autonomia dos estudantes, e prezando uma relação do conhecimento aprendido com a realidade vivida por eles pela curiosidade.

Para esse autor, as práticas educativas se transformaram nos últimos 30 anos, houve um deslocamento do ensinar para o aprender no centro do processo educativo, a partir do movimento que muitos estudiosos denominam Escola Nova. Segundo Antunes (2014), a educação atual tem como centro a aprendizagem. Nesse processo, o professor deixa de ter a centralidade, tomando o papel de propositos, estimulador, a partir de práticas pedagógicas que concedem autonomia ao educando.

Jacqueline Dourado (2021a; 2021b) refletiu sobre isso em suas narrativas e apontou-me exemplos de seu comportamento há oito anos, quando cursei uma disciplina com ela, no mestrado, e atualmente, em um comparativo que demonstra sua mutação. Fala de uma nova

professora, uma professora transformada pela educação, entre formação e práticas, entre observação e avaliação.

Ao mesmo tempo, suas narrativas memorialísticas sobre sua formação e práticas são permeadas por influências docentes, como a do professor Valério Brittos, por relação iniciada durante o doutorado, na fase anterior, mas entremeadas e continuadas até sua morte, de modo a impactar suas atividades. Saberes construídos por ela com origem social evidente (TARDIF, 2014), entremeando seus processos para a constituição do saber-fazer.

3.3 De professor a reitor: veja a caminhada de Evandro Alberto

Fotografia 18 – Professor e reitor Evandro Alberto de Sousa



Fonte: Acervo de Aline (2022).

1ª etapa – A vida e a família de um sonhador

Um sonhador! É assim que Evandro Alberto de Sousa se caracteriza quando olha para sua trajetória de vida e intenta narrá-la. Nasceu em Picos, em 1973, e viveu boa parte da infância na zona rural do pequeno município de Monsenhor Hipólito, Piauí, Brasil, com os pais, em uma grande família de dez irmãos. A partir dos oito anos de idade, passou a morar em Picos, distante aproximadamente 65 quilômetros, para estudar com os irmãos.

Nessa época, tornou-se jornaleiro, por uma necessidade financeira imperada no contexto familiar, mas também manifesta nos seus gostos pessoais e na afinidade com a comunicação. “[...] eu era apaixonado por comunicação, aprendi a gostar ali na minha infância quando eu vendia jornais... jornal Meio Norte, O Dia... Chegava lá em Picos, eu pegava na banca lá na praça e ia vender. Isso aí foi minha infância” (SOUSA, 2021a, p. 13).

As narrativas de Evandro Alberto são contadas por ele mesmo com certo prazer. Uma trajetória de força, de luta e de sucesso no âmbito acadêmico. Suas memórias ressaltam sua capacidade para romper com as circunstâncias que o cercaram, sobretudo, na infância e na adolescência, no ímpeto de alcançar situações melhores. Nessa etapa de sua vida, a mudança para a cidade de Picos e sua empreitada vendendo jornais são acontecimentos marcantes, que refletem na sua construção de ser, tornando-se, mais tarde, jornalista, correspondente e representante comercial dos mesmos jornais dos quais, na infância, foi jornaleiro. Ele não adentra em muitos aspectos familiares da infância, mas reforça o esforço conjunto e dele para estudar.

A narrativa de vida de Evandro é delimitada por aquilo que o marcou, pelo que lhe é importante, no que tange a aspectos pessoais e sociais. E isso é natural, quando falamos de memórias. Segundo Catroga (2001), nenhuma lembrança evocada é imparcial, pelo contrário, revela aspectos subjetivos circunscritos no social.

A seletividade das memórias contadas pelo professor fala dele mesmo, como também da sua família e da vida social no interior do Piauí, sobretudo na região de Picos, cidade referência para cerca de 40 municípios do entorno, em termos de educação e saúde. É natural, às famílias dos municípios vizinhos, enviarem seus filhos para estudarem em Picos, na intenção de ofertar mais oportunidades aos filhos. Foi assim com Evandro. Dessa forma, suas narrativas evidenciam marcas daquilo que tem valor para ele, nas condições pessoais e sociais em que viveu.

2ª etapa – Educação para se transformar e transformar

A etapa básica de sua formação se deu em escolas públicas (fotografias 19 e 20). A Unidade Escolar Coronel Francisco Santos, a Unidade Escolar Marcos Parente, hoje Centro Estadual de Tempo Integral (CETI), e a Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freitas, todos da cidade de Picos, foram ambientes de ensino e aprendizagem para Evandro.

Fotografias 19 e 20 – Estudante Evandro Alberto



Fonte: Instagram de Evandro Alberto Sousa (2021c).

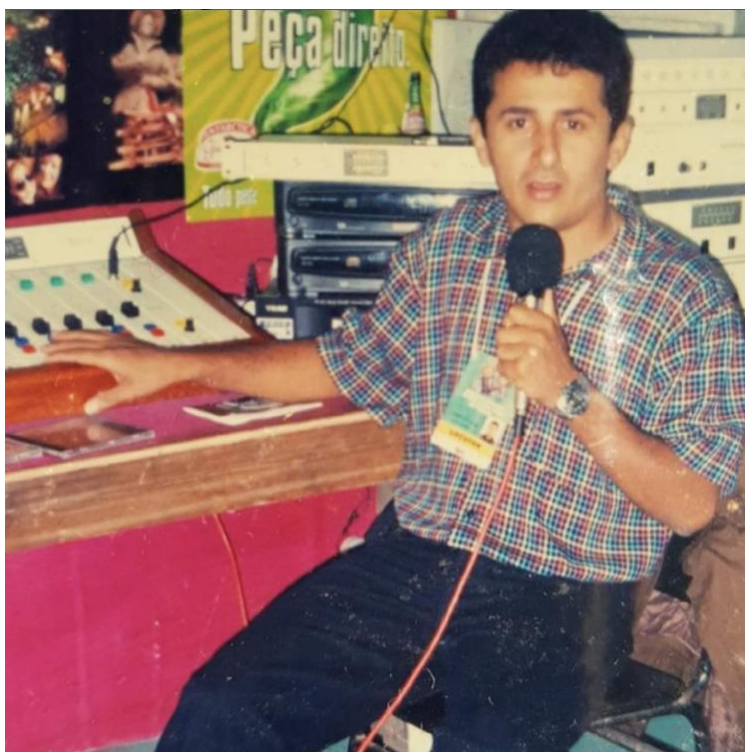
Quando começou a trabalhar no setor comercial da cidade de Picos, ainda adolescente, foi balconista e locutor de carro de som, no Armazém Paraíba, uma loja de departamentos do Nordeste e Norte brasileiros. “E me orgulho porque aprendi muita coisa, inclusive aprendi a gostar da comunicação [...]. Depois, eu vi que eu precisava estudar e, aí, estudar mais. Eu digo: “Olha, agora eu vou fazer um curso superior e eu quero fazer é Comunicação”. Então, eu fui” (SOUSA, 2021a, p. 13).

Embora sua mãe sonhasse com a formação do filho no Curso de Direito, ele escolheu fazer Comunicação Social para se formar jornalista, porque se considerava um apaixonado por comunicação desde muito cedo. Assim, no ano de 1996, após aprovação no vestibular na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande, cidade da Paraíba, Brasil, iniciou o curso no estado vizinho. Àquela época, a possibilidade de formação em jornalismo para os moradores da região de Picos-PI estava na capital, Teresina, ou nos estados vizinhos: Ceará, Pernambuco e Paraíba, opção de Evandro.

Nesse período, seguiu trabalhando, enquanto estudava. “Na Paraíba, continuou realizando serviços de locução em portas de lojas e supermercados. Enquanto isso, na universidade construía conhecimentos não só relacionados ao campo da comunicação, mas referente a amadurecimento e vivência de forma profissional” (ALVES, 2020, p. 39).

A história de vida de Evandro é contada por Alves (2020), mencionado no parágrafo anterior, em sua pesquisa de conclusão de curso, sobre a história do jornalismo digital de Picos. É que ao fundar o primeiro *site* de notícias da região, o Jornal do Riachão, que mais tarde se tornou Riachaonet.com, Evandro Alberto de Sousa marcou o início da história do jornalismo *on-line* nessa região.

Fotografia 21 – Evandro em práticas de rádio, em Campina Grande



Fonte: Instagram de Evandro Alberto Sousa (2021d).

Tão logo concluiu a graduação, em 2000, ele ingressou num curso de pós-graduação *lato sensu* em Comunicação Educacional, na mesma universidade em que fez a formação inicial. Com a graduação e a especialização, retornou ao Piauí, para perto da família, a fim de atuar na comunicação organizacional da prefeitura de sua cidade, Monsenhor Hipólito.

Percebendo que o campo do jornalismo era pouco desenvolvido nesse município, decidiu, ousadamente, criar um veículo midiático para trabalhar. No ímpeto do surgimento do jornalismo *on-line* no Piauí, em 2001, Evandro criou um *site*, o Jornal do Riachão, para noticiar acontecimentos do pequeno município onde viveu parte da infância.

Nesse mesmo período de retorno para o Piauí, casou-se com Nadjane, no ano de 2002. Com ela teve dois filhos, Láyza, hoje com 16 anos, e Laeu, hoje com 10. Evandro vê na esposa, “[...] uma pessoa incrível que me compreende em todos os meus desafios, minhas lutas” (SOUSA, 2021a, p. 14), e na família, a inspiração para sua caminhada.

O papel da educação formal, concomitantemente aos necessários trabalhos para ajudar a se manter fora da casa de seus pais, parecem ter sido marcantes nessa etapa de sua vida, voltada à formação básica e em nível superior. A graduação lhe amplia os horizontes e lhe oportuniza contribuir com mudanças na sua realidade, com implicações ao meio.

Esta segunda etapa se passa em torno de alguns acontecimentos: sua formação em escolas públicas de Picos-PI; sua mudança para Campina Grande-PB e a graduação em jornalismo; o retorno para perto de sua família; o pioneirismo com o *site* jornalístico; seu casamento.

As circunstâncias e experiências, sobretudo no âmbito da educação, soam-lhe transformadoras. Segundo Freire (2016), o compromisso da educação para com a sociedade deve ser considerado e analisado, pois a educação integra o processo de mudança social, e esse processo se dá ao longo do tempo e de forma constante, começando individualmente e repercutindo socialmente, como ocorreu com Evandro.

3ª etapa – De jornalista a professor

No âmbito profissional, ao voltar a morar no Piauí, deparou-se com um grupo de jornalistas envolvidos na busca por formação superior na cidade. Então, passou a integrar o movimento que lutava pela implantação de um curso superior no interior do Piauí, de modo a possibilitar que os profissionais da comunicação local, que atuavam nas rádios e jornais, graduassem-se. Evandro era um dos poucos com formação na área, na região de Picos.

Depois de algum tempo de mobilização, os comunicadores conseguiram a implantação do Curso de Comunicação Social, com a Uespi. Como jornalista graduado, Evandro viu aí uma oportunidade para atuação e, assim, iniciou uma carreira como professor, quando o curso estava sendo implantado, em 2002. “Eu já estava como professor substituto, desde a primeira turma” (SOUSA, 2020, p. 50). No ano seguinte, assumiu a Coordenação de Curso. Permaneceu professor do quadro provisório até 2007.

Fotografia 22 – Professor Evandro com estudantes de jornalismo, em 2003

Fotografia 23 – Professores e coordenadores de cursos e diretora de campus, em 2007



Fontes: Arquivo de Evandro Sousa (2021e); arquivo de Marx Rodrigues Moura (2007).

Em vista das necessidades e carências do curso, o *site* jornalístico criado por Evandro Alberto de Sousa, em Monsenhor Hipólito, em 2001, foi ampliado e, em 2003, tornou-se laboratório para as práticas e os estágios dos estudantes da Universidade Estadual do Piauí. De Jornal do Riachão a Riachaonet, nasceu, assim, um veículo de comunicação digital, com abrangência no Semiárido piauiense.

Vivemos alguns percalços, porque a gente não tinha onde estagiar. A dificuldade de estagiar era muito grande. Laboratórios não se tinha, e ainda tinha uma resistência dos jornalistas de batente, que ainda não estavam na academia, em receber esses alunos... Tanto que em 2003, eu criei um portal de notícias em outra cidade e trouxe ele para Picos para poder servir de laboratório para os meninos estagiarem. Nós tivemos que pensar nessa questão de estrutura de portal aqui, e aí terminamos sendo pioneiros também nessa inovação de trabalhar com o portal (SOUSA, 2020, p. 51).

Em 2006, quando da criação da Faculdade R. Sá, a primeira instituição privada de ensino presencial regular de Picos, Evandro foi convidado para desenvolver o projeto curricular do segundo curso de Comunicação Social. Juntamente com Sônia Carvalho e Orlando Berti, que também foram seus colegas na Uespi, Evandro engendrou na ousada empreitada.

No ano de 2012, retornou à Universidade Estadual, como docente do quadro efetivo. “Quando eu me tornei efetivo dessa instituição, naquele período, eu: “Olha, é minha chance agora!”. E aí, fui lá e consegui a aprovação. Primeiro colocado! Era só uma vaga” (SOUSA, 2021a, p. 14). Assim, por algum tempo, foi professor nas duas IES, até que o contrato de professor temporário se encerrou, com a Uespi. Ele coordenou o curso da Faculdade R. Sá, desde a criação até o ano de 2014.

Ao tempo em que exerceu a docência universitária, projetou-se no mercado de trabalho no campo da comunicação, exercendo o jornalismo e assessoria de imprensa, na região de Picos. Foi editor-chefe do Riachaonet, de 2003 a 2014; secretário de Comunicação, de 2004 a 2012; assessor de comunicação da Prefeitura de Campo Grande, de 2005 a 2014 (SOUSA, 2021b).

Nesse período, foi também colunista do Jornal O Dia, de Teresina, e representante comercial do mesmo jornal na região de Picos, de 2008 a 2014 (SOUSA, 2021b). “Apresentei-me correspondente na própria empresa que eu vendi o jornal para comprar o meu lanche lá na escola” (SOUSA, 2021a, p. 14).

O encontro com a docência se deu no contexto de surgimento do primeiro curso de jornalismo do interior do Piauí. Sua atuação no movimento que buscava a oferta da formação

aos profissionais da comunicação locais aparece-lhe como oportuno. Assim, colaborou com a fundação do curso, como um dos primeiros professores da Uespi/Picos, em um período de dificuldades e muitas carências no curso recém-criado.

Essa etapa de Evandro é marcada pela experiência jornalística, inexperiência docente, a princípio, e pela ausência de conhecimento pedagógico para o desenvolvimento de suas práticas educativas. A partir daí, ele passa a construir um saber docente próprio. O saber experiencial, segundo Tardif (2014), é um saber existencial, ou seja, está ligado à história de vida de cada um, por isso, é personalizado, interativo, complexo, mas raso, heterogêneo e prático. Há diferentes níveis de experiência nas fases de vida de professores, desde o primeiro contato com a sala de aula, como aluno, e durante toda a sua trajetória pessoal e profissional, assim como na estudada.

4ª etapa – Estratégias formativas

Enquanto esteve como professor e coordenador da Faculdade R. Sá, teve oportunidade formativa interinstitucional, em pós-graduação *stricto sensu*. Assim, entre 2008 e 2011, fez Mestrado em Serviço Social, juntamente com um grupo de professores de diversos cursos da instituição, um MINTER com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em 2013, investiu na continuidade da formação, ingressando no doutorado, também em Serviço Social, na mesma instituição e modalidade, DINTER, até o ano de 2018. “Gosto do Serviço Social. Eu fiz o mestrado e o doutorado em Serviço Social. Gosto de estudar movimentos sociais, gosto de estudar as relações, relações de gênero, violência contra a mulher e dezenas de outros temas que fazem referência às relações sociais e ao Serviço Social” (SOUSA, 2021, p. 13-14).

Evandro é diverso. Comunicação e jornalismo, serviço social e direito. O que era um desejo da sua mãe, passou a fazer parte de sua vida, em dado momento. Ingressou no Curso de Direito e fez até mais da metade, interrompendo-o, mas se comprometendo a retomar, em outro momento. “Cursei Direito até o sexto período, porque era ali uma paixão da minha mãe. Depois, eu também passei a gostar. Mas, aí num deu para concluir ainda, aí chegou o doutorado, eu tive que me afastar do curso, mas pretendo ainda concluir” (SOUSA, 2021, p. 14).

Dos dez irmãos, somente Evandro e uma irmã conseguiram a formação em nível superior: ele, em Jornalismo; ela, em Normal Superior. Para além da graduação, somente ele alcançou o nível de doutorado. Para ele, essa trajetória lhe dá orgulho: “[...] da minha célula familiar, eu sou o único que tenho essa formação com muito orgulho!” (SOUSA, 2021, p. 15).

Essa quarta etapa da vida de Evandro é marcada pela formação continuada em nível de pós-graduação *stricto sensu*, com o Mestrado e o Doutorado em Serviço Social, alargando a abrangência de suas áreas de atuação. Pleiteia também uma graduação no campo das ciências jurídicas, mas interrompe por conta da necessidade de dedicação ao seu doutoramento.

A formação continuada de um professor envolve diferentes aspectos: pessoais, profissionais e organizacionais, de acordo com Pacheco e Flores (1999). No percurso de Evandro, a integração no programa de pós-graduação da UFPE compreendeu investimentos pessoais, tomou a dimensão profissional e foi oportunizada pela instituição de que fazia parte, através do MINTER e DINTER da Faculdade R. Sá com a UFPE.

5ª etapa – Nasce um professor, brota um gestor

Em 2012, foi novamente e definitivamente nomeado professor de Comunicação Social, da Uespi/CPBA, após aprovação em concurso público. Durante dois anos, exerceu a docência concomitante à coordenação do mesmo curso, na Faculdade R. Sá. Em 2014, assumiu a dedicação exclusiva na Uespi, rompendo com os vínculos extrainstitucionais.

A partir de então, além de atuar como professor, Evandro investiu em uma carreira como gestor da Universidade. Com sua experiência como coordenador de curso de graduação, Evandro concorreu à direção do *Campus* Professor Barros Araújo e foi eleito. Atuou, então, como diretor, concomitantemente ao exercício docente, a partir de 2014, ano em que a Uespi/CPBA conquistou prédio próprio, com infraestrutura ampla para atender à comunidade acadêmica, depois de um longo período de mobilização.

Fotografias 24 e 25 – Evandro Alberto de Sousa em atuação como diretor de *campus*



Fonte: Instagram de Evandro Alberto de Sousa (2021f).

Desde que a UESPI passou a fazer parte da minha vida, eu passei a ter a UESPI como uma paixão, uma coisa assim, que eu realmente sou muito feliz com a nossa instituição! Tem aquela de negacionismo de achar que “ah, que é ruim... num sei o que...”. Não! Eu vejo que a nossa universidade transformou muito a vida das pessoas e continua ainda transformando, com papel social muito grande. E eu sou apaixonado por isso (SOUSA, 2021a, p. 13).

Após o processo eleitoral, no ano de 2018, assumiu a vice-reitoria da Universidade Estadual do Piauí, cargo em que permaneceu até dezembro de 2020. Durante mais de dois anos, Evandro se dividiu entre a função administrativa, no Palácio Pirajá, sede da reitoria da Uespi, em Teresina, e a função de professor, no CPBA, em Picos. Embora pudesse, preferiu não se afastar dos encargos de ensino.

Depois que o reitor Nougá Cardoso deixou o cargo, nos primeiros dias de janeiro de 2021, Evandro o sucedeu na Reitoria. Em seguida, concorreu à eleição interna e foi reeleito no final do mesmo ano, sendo novamente nomeado em janeiro de 2022. Atualmente, atua na gestão da Universidade, mas continua ministrando disciplinas no Curso de Jornalismo de Picos. “Esse sou eu, que vivo feliz com estas coisas que pode até achar: “Ah, mas num é... ah, eu num vejo isso como uma grande conquista, eu num vejo...”. Mas eu vejo e fico muito feliz!” (SOUSA, 2021, p. 13).

De professor a reitor, a caminhada de Evandro denota uma pessoa sensível às necessidades e determinada a construir, a partir delas, suas oportunidades de transformação. Nessa etapa, marcam sua vida: a opção por se dedicar com exclusividade à Uespi e, assim, a caminhada como gestor, passando pela direção de *campus*, vice-reitoria, até a reitoria. É a sua atual fase de vida.

As fases de vida na carreira docente não são sequenciais, tampouco estandardizadas, mas os percursos são resultado das interligações entre condições sociais e escolhas pessoais, portanto, não são determinadas e invariáveis, como pondera Michael Huberman (1995). Assim é na trajetória de Evandro. As vivências atuais entre docência e gestão denotam empenho, organização, flexibilidade, sem redução às circunstâncias. Um professor ativo, que se modifica com o tempo e no tempo.

3.4 Daniel Solon reflete sobre sua formação política e humanística

Fotografia 26 – Professor Daniel Vasconcelos Solon



Fonte: Acervo pessoal de Daniel Solon (2020).

1ª etapa – Nascendo na ditadura, crescendo na redemocratização

Daniel Vasconcelos Solon é filho de servidores públicos, uma enfermeira e um professor universitário. Nascido em plena ditadura militar brasileira, no ano de 1975, em Sobral, no Ceará, vivenciou, na infância, as circunstâncias políticas, econômicas, sociais e culturais dos governos desse período.

Durante a adolescência, integrou os movimentos de redemocratização do País, como estudante, embora ainda fosse um menino de pouca idade. Desde cedo, Daniel Solon demonstrou gosto e envolvimento com a política e com a comunicação, impetrando e intentando discussões densas e polêmicas precocemente. “Nasci em 1975, mas, quando eu estava, de fato, com alguma consciência política, ainda era muito recente a queda do regime militar. E aquilo despertou em mim muita curiosidade política. Passei a participar do movimento estudantil já naquela época” (SOLON, 2021a, p. 145).

Nas narrativas de Solon (2021a), as circunstâncias que o rodeavam não passaram despercebidas nessa fase de vida, como poderia ocorrer com qualquer criança e adolescente que

viveu esse período. “Além disso, acompanhei o Fora Collor. Teve um grande movimento nacional da derrubada do Collor de Melo, e a gente, enquanto estudante secundarista, também participou desse processo da derrubada do presidente Fernando Collor de Melo” (SOLON, 2021a, p. 145-146).

Fotografia 27 – Daniel (centro) com o pai, Luís, e o irmão, Fernando, na década de 1980

Fotografia 28 – Daniel com o pai



Fonte: Instagram de Daniel Solon (2021d; 2021e).

Essa primeira etapa de sua vida é marcada pelo contexto político-social. Os recentes acontecimentos da ditadura, a redemocratização do País e, além disso, o primeiro *impeachment* presidencial de Fernando Collor foram o cenário que compôs a infância e a adolescência de Daniel, como elementos formadores.

2ª etapa – Política e comunicação na formação

Na escola, o gosto pelas disciplinas das ciências humanas, em contraposição às das ciências exatas, foi manifesto. “Sempre gostei de história, de literatura, sociologia, geografia, essas coisas assim... Desde cedo, como eu gostava dessas disciplinas de humanas, também gostava de discutir política e estava vivendo o final da ditadura militar” (SOLON, 2021a, p. 145).

O movimento estudantil passou a ser parte de sua vida, desde a educação básica. A comunicação na educação, também. Como produtor e redator de um jornal escolar, envolveu-se em produções polêmicas, apontando para reivindicações de “questões urgentes”, como ele mesmo descreve. “No início, tinham questões mais urgentes na escola, uma escola particular que tinha vários problemas e que a gente se mobilizava lá para resolvê-los” (SOLON, 2021a, p. 145).

No Colégio Geo Sobralense, Daniel fomentou discussões e debates pautados no contexto dos assuntos que faziam parte do entorno, através de produções publicadas no jornal-mural escolar. Esses acontecimentos marcaram essa fase de sua vida e pesaram nas decisões subsequentes quando da iniciação da vida universitária.

E, naquela época do meu ensino médio, na escola, eu já tinha uma vontade de ser jornalista. Eu e outro colega tínhamos um jornalzinho, um jornal-mural, que causava sempre alguma polêmica dentro da escola, porque tocava em assuntos políticos e problemas da própria escola e isso, certamente, não agradava a direção. A gente sofreu alguma censura... (SOLON, 2021a, p. 146).

Em uma época de vestibulares concorridos, Daniel, assim como era comum entre muitos estudantes, optou por fazer vestibular fora de sua cidade. O Colégio Geo Sobralense, no Ceará, contava com uma filial no Piauí, assim, por essa ligação, havia o estímulo e a oferta de estrutura para que seus alunos prestassem vestibular no estado vizinho. Daniel, então, decidiu se candidatar para o Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UFPI, em Teresina.

Com essa experiência do jornal, eu percebi que iria fazer Jornalismo. E, naquela época, em Sobral, uma das cidades mais desenvolvidas do Ceará, mas, do ponto de vista do jornalismo era bem atrasado. Isso causou algumas dores nos meus pais, que tinham a preocupação de como é que eu iria sobreviver, depois de formado, porque de jornalismo não daria para sobreviver... (SOLON, 2021a, p. 146).

Em uma conversa franca, o pai o alertou sobre a realidade da profissão, no entanto, isso não o fez desistir. As práticas escolares de produção jornalística e sua tendência para as discussões políticas sob olhar crítico foram construções que funcionaram como bases para influenciá-lo na decisão da profissão que gostaria de seguir.

Até que meu pai, uma vez, me chamou, depois que passei no vestibular, e disse: “E aí, você vai fazer esse curso mesmo?”. “Sim”. E ele dizia: “Olha, porque eu não conheço nenhum jornalista que é só jornalista. É jornalista que é padre, é o jornalista que é advogado, jornalista que é professor, é jornalista que é isso e aquilo outro. Mas eu não conheço nenhum jornalista aqui em Sobral, que seja só jornalista”. Era, de fato, uma visão que ele trazia e que era

correta, dentro dessa profissão, numa cidade não tão desenvolvida naquele momento dentro da comunicação (SOLON, 2021a, p. 146).

De Sobral para Teresina, o ano de 1994 marca o começo de um novo tempo: a iniciação na vida universitária. Sua busca pela formação em Comunicação Social – Jornalismo é marcada por condições particulares: longe da família, sem parentes na nova cidade, com apenas amigos, distante do pai, uma rede de apoio escassa na capital piauiense. “Já cheguei, em 1994, no meio de uma greve. A primeira greve que eu participei foi como estudante naquele ano, dando apoio aos professores que estavam lá se mobilizando [...] (SOLON, 2021b, p. 17).

A vida na universidade seguiu, outra vez, com seu envolvimento no movimento estudantil e sua participação nas reivindicações necessárias ao curso. “Fiz parte de chapas para Centro Acadêmico, participei do momento de reorganização do movimento estudantil na UFPI, participando de uma gestão do DCE (Diretório Central de Estudantes)” (SOLON, 2021a, p. 146).

Naquele momento, o primeiro curso de graduação para formar jornalistas do Piauí completava 10 anos de funcionamento, contudo, ainda tinha muitos improvisos, problemas de laboratório, escasso acervo bibliográfico e um quadro docente composto por jovens professores recém-formados. Essas dificuldades estruturais, que se sobressaíram nesse período, diziam respeito à conjuntura da universidade brasileira, e não somente do Curso de Comunicação Social da UFPI, como discutimos na seção 3 deste trabalho. Daniel Solon (2020) percebe essas inter-relações contextuais mais amplas, em suas narrativas de memória. “Então, eu me formei intelectualmente, politicamente dentro da universidade” (SOLON, 2021b, p. 18).

Nessa segunda etapa da vida de Daniel, a identificação com o eixo de ciências humanas e sociais, e o gosto pelas discussões sobre política se encontram em suas práticas educativas como estudante. As demandas o colocaram como partícipe ativo desse momento político importante da história do Brasil.

Sua sensibilidade para com as pautas sociais e políticas, assim como suas inclinações à prática da comunicação, apontam um olhar para o jornalismo como agente mobilizador social, até mesmo das questões do seu entorno estudantil, correlacionadas ao âmbito mais amplo do cenário nacional. Ele, então, assume postura de fomentador de discussões na sua realidade social, desde cedo, ainda no contexto escolar, chegando ao ambiente universitário.

Mas a escolha pela formação inicial em jornalismo acendeu o alerta do pai dele, frente às dificuldades da profissão, quanto à sustentabilidade financeira, sobretudo em cidades de menores portes, como Sobral, onde viviam, no Ceará. Essa ótica sobre a escolha da graduação que vamos fazer, que desponta a profissão de que vamos viver, é característica da nossa

sociedade. A universidade é vista como lugar de formação profissional, reflexo de nosso sistema.

Não surpreendentemente, o fator econômico é considerado quando de nossas escolhas, nas trajetórias de vida, como um reflexo do papel que desempenha em nossos ambientes sociais, conforme discute Dominicé (2006). Preocupamo-nos com aquilo que baliza nossas sociedades: formação, profissão, emprego, aposentadoria. É assim que se constrói a vida de adulto.

3ª etapa – Sonhando em ser professor

A postura assumida como estudante engajado, que agia em defesa da universidade, também teve parte na sua construção para se lançar no professorado da educação de nível superior. Nessa ambiência, as influências de seus professores também contribuem para ver, na docência em jornalismo, uma possibilidade de atuação.

Nesse momento, a gente estava bem engajado na luta contra a privatização da universidade. [...] a gente fez toda uma discussão sobre a questão da qualidade da universidade, a qualidade do ensino, da pesquisa, da extensão, da estrutura... E isso me despertou para pensar também a universidade, como é que ela poderia ser, como é que o Curso de Comunicação poderia ser. Foi um despertar para questões, por exemplo, que eu não tinha, que era estrutura, que era incentivo para o ensino, para a pesquisa, para a extensão. E como eu me apaixonei por aquilo, por essa luta em defesa da universidade, e via também alguns professores engajados nessa luta, acabei tendo também como referência esses modelos, essa luta para fazer parte também da universidade. É basicamente um sonho que passa na nossa cabeça. E ao ver a universidade e possibilidades de atuação enquanto profissional, a gente vislumbra também essa possibilidade de atuar enquanto jornalista, mas não somente no que queria, que era, de imediato, o jornalismo impresso, mas também na docência. Foi aí, mais ou menos, que eu senti que poderia caminhar nesse sentido, caminhar na docência (SOLON, 2021a, p. 146-147).

Por outro lado, as influências do pai professor também pesaram na compreensão de que esse também poderia ser um caminho para si. “O meu pai era professor do curso, se eu não me engano, de Letras Inglês, na Universidade Estadual do Ceará, em Sobral, e eu também, eu tinha esse orgulho do meu pai por ser educador. Certamente, isso também pode ter me influenciado nesse sentido” (SOLON, 2021a, p. 146).

Tão logo se formou, em 1998, Daniel assumiu trabalhos em jornais impressos em Teresina e, concomitantemente, para ampliar a renda mensal como profissional jornalista, passou a fazer assessorias de imprensa e a prestar serviços de comunicação para organizações, sobretudo, sindicais. “E isso acabou me afastando de imediato dessa vontade que eu tinha, que era de ter essa experiência com docência” (SOLON, 2021a, p. 147). Contudo, “[...] a gente

mantinha aquela ideia de quem sabe, se surgisse oportunidade, a gente, então, poder também lecionar no Curso de Jornalismo” (SOLON, 2021a, p. 147).

No início dos anos 2000, no ímpeto das ofertas de cursos em nível de especialização pela UFPI, Daniel aproveitou a oportunidade para continuar a estudar e se preparar para a docência, dentro das suas possibilidades. Se mudar de cidade para cursar mestrado e doutorado fora do Piauí seria oneroso e requereria abdicar de seus recentes trabalhos no mercado profissional da comunicação, esse curso, por outro lado, foi uma opção viável. Entre 2001 e 2003, fez Especialização em Comunicação Institucional na mesma IES de sua formação inicial.

Na sequência, surgiu uma oportunidade: a Uespi divulgou edital do primeiro concurso para professores do curso recém-criado de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas, com vagas para Teresina e Picos. Daniel se lançou, então, nos caminhos da docência, e foi aprovado. Mas, para esse resultado, primeiro veio a abdicação.

Para passar, eu me lembro que tive que sair do emprego para estudar... Fiz uma aposta, na verdade. Trabalhava no jornal *Diário do Povo*, e, quando abriu a inscrição para o concurso, eu pensei: “bom, essa vai ser minha chance de entrar na universidade, de voltar para o âmbito acadêmico da comunicação”, que era uma coisa que eu pretendia desde o início. E vi que para ter essa chance, eu tinha que mergulhar nos estudos, cair nos livros, na bibliografia que ofertaram e ir para a disputa. Por isso que eu fiz (SOLON, 2021a, p. 148).

Assim, no ano de 2004 aconteceu seu encontro com a docência, Daniel Vasconcelos Solon se tornou um dos primeiros professores efetivos do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Piauí, no Campus Poeta Torquato Neto, onde permanece em atuação há 18 anos.

Antes do ingresso na Uespi, teve uma experiência rápida como professor, na Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA-CE), entre 1999 e 2000. Nessa instituição, em sua região de origem, ministrou as disciplinas de Inglês Instrumental e de Metodologia do Trabalho Científico, e prestou serviços como jornalista (SOLON, 2021c).

A docência em jornalismo, para Daniel, sempre foi um percurso dividido com suas práticas como jornalista em diferentes organizações. Dois anos depois da iniciação no professorado universitário, conseguiu aprovação em mais um concurso, dessa vez, no Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Ali, passou a prestar serviços técnicos especializados em assessoria de imprensa, onde trabalha até os dias atuais.

Nesse momento da vida de Daniel Solon, percebo o desenrolar de seus esforços em torno da vontade de trabalhar como educador, assim, o ingresso na Uespi tem destaque na sua

trajetória, bem como a experiência docente temporária na UVA, que antecedeu a efetividade na função, posteriormente.

Entre as referências, as influências familiares estão na sua constituição docente (TARDIF, 2014). Outra circunstância relevante se refere à opção por continuar a exercer, de forma concomitante, o ofício de jornalista, como atividade complementar à docência, mesmo depois do ingresso como professor efetivo e até os dias atuais, no bojo de seus quase 20 anos de atividade.

Ao analisar os ciclos profissionais dos professores, Huberman (1995) considera que a passagem da fase de exploração à de estabilização do docente ocorre, majoritariamente, no início da carreira, quando desempenhamos, por vezes, diversos papéis até procurarmos focar em uma área para especialização, sob necessárias condições de trabalho adequadas. Para Daniel, as condições não são satisfatórias ainda, por isso, permeia a sua visão, a necessidade de complementar a renda, pelo menos até a formação em doutorado, situação que garantirá melhor estabilidade financeira para pensar na possibilidade de assumir a exclusividade docente.

4ª etapa – Formação continuada entre dificuldades

A iniciação à docência em jornalismo na Uespi se deu sem preparação para as práticas pedagógicas, segundo Daniel Solon (2021a), como é comum entre professores bacharéis. Até então, a única preparação para assumir o papel de educador foi durante o curso de especialização, na oportunidade de cursar uma disciplina voltada para a docência no ensino superior.

De forma geral, seu ingresso como professor da Uespi se deu sem preparação específica, apenas com a formação mais voltada para o jornalismo prático, tanto na graduação quanto na pós-graduação *lato sensu*, e as experiências como jornalista e assessor de imprensa, bem como sua atividade política contribuíram com sua construção como docente. “Então, eu sabia, que nesse aspecto, se eu passasse no concurso, eu poderia assumir tranquilamente essas disciplinas, mas, sabendo, desde o início, que eu deveria me esforçar para aprender como é que era ser, de fato, professor” (SOLON, 2021a, p. 150).

Além dessas práticas jornalísticas que lhe davam segurança na ministração de disciplinas com as quais tinha afinidade, as experiências que estava adquirindo na própria docência foram suas principais formadoras. “E a gente aprendeu ali, digamos assim, meio que na prática mesmo, na marra, com muita dificuldade” (SOLON, 2021a, p. 149).

As narrativas de Daniel Solon (2021a) evidenciam sua percepção sobre as fragilidades do professor bacharel quanto a questões pedagógicas, a exemplo da didática. Entre as poucas oportunidades proporcionadas pela própria instituição e lembradas por ele, teve um curso de curta duração para formação de professores, que lhe deu fundamentos sobre planejamento de disciplinas e de aulas e avaliação, por exemplo.

Eu sempre fui muito feliz do ponto de vista de ter conseguido entrar na universidade, fazer o que eu queria, que era essa questão da docência, apesar dessas minhas fragilidades do ponto de vista da didática, por exemplo. Eu só fui saber que tinha que dividir o quadro para você escrever a aula, colocar o nome do professor, da disciplina, aquela coisa bem básica lá que você faz na hora de abrir uma aula, dois dias antes da prova didática, do concurso da universidade. Aprendi isso com um amigo meu, dois dias antes do concurso (SOLON, 2021a, p. 149).

Assim, a autoformação e a formação continuada fizeram parte dessa etapa de vida, por iniciativas particulares. “E eu acho que a formação que eu tive, enquanto docente, foi mais nesse sentido também individual. E a universidade não tinha e não tem ainda uma política apropriada para pensar na formação desses profissionais que estão chegando ali” (SOLON, 2021a, p. 149).

Em 2004, ingressou no Mestrado em História, na Universidade Federal do Piauí. Em 2006, fez um curso de aperfeiçoamento em Fundamentos Científicos da Comunicação, na referida instituição. Depois disso, fez uma pausa de 13 anos antes do ingresso no doutorado. Somente em 2019, começou o Doutorado em História, na Universidade de Lisboa (ULisboa), experimentando a vivência em outro país para estudar.

Nesses anos, Daniel Solon se construiu professor pelos conhecimentos práticos em jornalismo, pelo conhecimento da experiência como professor de jornalismo, pelas formações de curta e média duração e pelas iniciativas de cursar pós-graduação *stricto sensu*, construindo sua docência pela confluência de saberes plurais.

Tardif (2014) observa que a variedade é uma característica do saber-fazer do professor, porque, na prática, nosso trabalho abrange conhecimentos de origens, lugares e tipos diferentes. Ao mesmo tempo, na mobilização, a hierarquização se dá segundo a aplicabilidade no nosso ensino, como vemos na vida de Daniel. A experiência nas duas áreas constitui um dos pilares de sua formação, que repercute nas práticas educativas, conforme veremos a seguir.

5ª etapa – Práticas educativas de um professor (auto)crítico

A formação humanística que Daniel teve, ao longo de sua vida, e o envolvimento nos movimentos sociais se refletem nas suas práticas educativas. Sua vida política, seu posicionamento ideológico são preocupações que aparecem no seu ser e fazer professor. “[...] a minha primeira preocupação foi essa, pensar, como é que eu, enquanto estudante, gostaria que fosse o professor, do ponto de vista da responsabilidade, do ponto de vista da sensibilidade com as realidades específicas de cada um, enfim...” (SOLON, 2021a, p. 150).

Nessa trajetória, integrou inúmeras mobilizações de docentes e de discentes por condições melhores na educação pública da Universidade Estadual do Piauí, a exemplo do movimento SOS Uespi. Em 2011, assisti a uma participação do professor em um sarau organizado por nós, estudantes, no nosso *campus*, em Picos (fotografias 29 e 30).

Fotografia 29 e 30 – Daniel Solon em sarau do movimento SOS Uespi na Uespi/CPBA



Fonte: Acervo de Maria de Sousa Santana (2011a).

Em alguns momentos, Daniel se afastou do exercício da docência por tempo determinado, para empreender outros papéis sociais, ampliando o debate de ideias e a visão e atuação crítica, como quando se colocou como alternativa à Prefeitura de Teresina, em 2012, e ao Governo do Piauí, em 2014, pelo Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU).

As narrativas de Daniel Solon têm tons políticos, porque a política perpassa sua vida, sua formação, e chega às suas práticas educativas. “Como eu tive experiência em assessoria de imprensa, em jornalismo impresso, em jornalismo sindical, e com os movimentos sociais, comunicação popular, então, eu achava que, pelo menos nessas áreas, se eu pegasse disciplinas dessas áreas, eu poderia dar com bastante tranquilidade” (SOLON, 2021a, p. 149).

Fotografia 31 e 32 – Daniel Solon participando de manifestações, em 2019



Fonte: J. A. Filho (2019); Instagram de Daniel Solon (2019).

Assim, na avaliação constante e permanente sobre si, a autocrítica prevaleceu e prevalece. Contudo, além de notar e apontar o que considera falho em suas práticas como professor, Daniel reconhece as afetações que o contexto mais amplo gera sobre si, uma vez que a educação é um processo social, coletivo, compartilhado.

Preciso dizer que eu não sou professor exemplar, não sou o melhor professor! Tenho muitas falhas ainda hoje enquanto professor. Mas, humildemente, eu sei que posso melhorar e posso contribuir com a formação dessas pessoas que procuram o Curso de Jornalismo. Teve momentos que eu achava que poderiam ser melhores, ser diferentes, mas eu percebo também que essas dificuldades que tive e que, muitas não são só minhas, são dificuldades que afetam muita gente, porque a universidade, a educação não é algo individual, é algo coletivo, eu sei que muitos desses problemas foram ocasionados, exatamente, por conta dessas dificuldades que a gente vive na sala de aula, na realidade, na sociedade como a gente vive hoje (SOLON, 2021a, p. 152).

Em 2021, Daniel Solon perdeu o pai (SOLON, 2021d; 2021e), enquanto morava em Portugal, com a esposa e o filho, para o doutoramento. Esse acontecimento se deu após nossos encontros da pesquisa-formação, mas foi marcado por ele na rede social Instagram. Seu pai, cujo nome era Luís, teve influência marcante na construção de Daniel, como vimos na etapa de seu encontro com a docência.

Nas narrativas (auto)biográficas sobre as práticas educativas do professor Daniel Solon, é visível as interações entre os espaços profissionais e os outros espaços de vida como um eixo

central do seu percurso. Esse é um dos principais eixos da abordagem biográfica, segundo Moita (1995). Assim, ocorrem implicações que são relevantes quanto à sua atuação.

Sua formação inicial institucionalizada, assim como não institucionalizada ao longo da sua trajetória, caracterizaram-se como humanas e politizadas. Consequentemente, isso se refletiu nas suas práticas educativas enquanto docente (fotografia 33), na preocupação em promover uma sala de aula democrática, em considerar as individualidades dos discentes, e em considerar suas dificuldades e seus contextos sociais.

Fotografia 33 – Daniel em aula de campo em uma ocupação de famílias sem-teto, em Teresina



Fonte: Instagram de Daniel Solon (2021f).

“O ensino é uma prática social, não só porque se concretiza na interação entre professores e alunos, mas também porque estes atores refletem a cultura e contextos sociais a que pertencem” (SACRISTÁN, 1999, p. 66). Percebo as interferências dessas condições nas práticas educativas de Daniel Solon. A sua forma de assimilação e de interação com a cultura orienta seus modos de fazer docentes.

Como diz Sacristán (1999), a atividade docente carrega aspectos subjetivos do professor, ou seja, condições psicológicas, personalidade, gostos, assim como marcas de sua cultura, pelas suas experiências, pela sua maneira de pensar e ver as coisas. Portanto,

conhecendo a história de vida e trajetórias formativas de Daniel, compreendemos suas práticas sociais, que dialogam com suas referências e seu mundo cultural, práticas educativas como práxis, um professor teleológico.

3.5 “Questionadora de si”: a história de Sônia Maria dos Santos de Carvalho

Fotografia 34 – Professora Sônia Maria dos Santos Carvalho



Fonte: Instagram de Sônia Carvalho (2021c)

1ª etapa – Questionadora de si

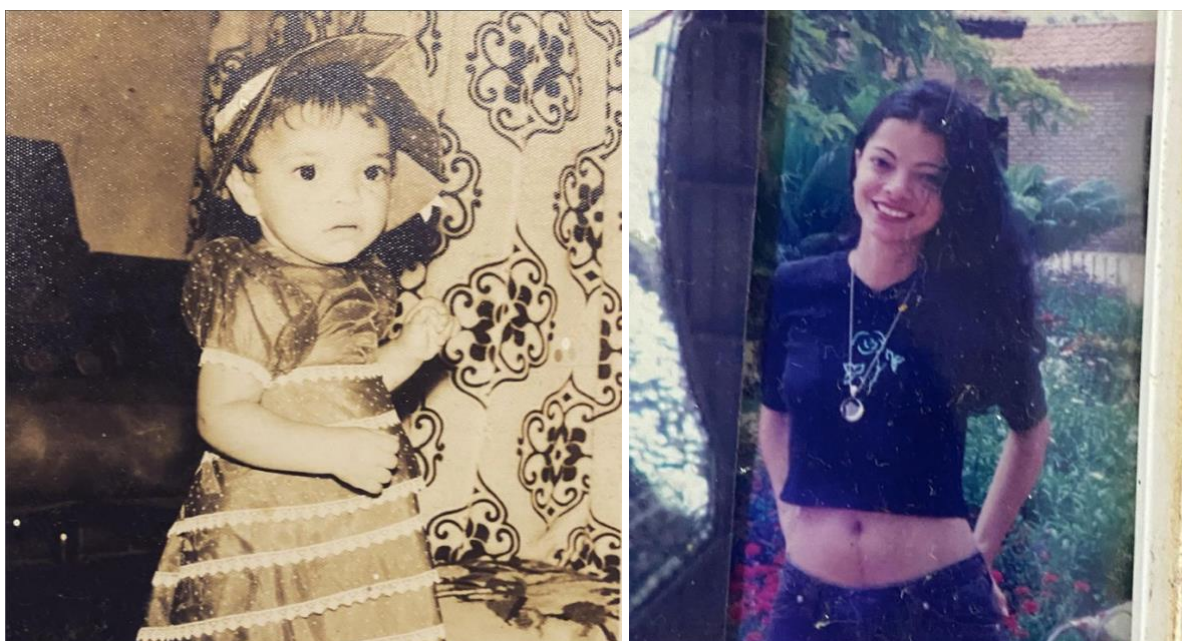
Em uma noite chuvosa de sexta-feira, à luz de velas, nasceu Sônia Maria dos Santos Carvalho, no Hospital Doutor Oscar, em Picos, Piauí, Brasil. O céu de 8 de julho de 1977 tinha um estrelado perceptível aos olhos dos moradores da cidade interiorana que, naquele instante, se encontrava sem energia elétrica.

E, ao descobrir isso, numa tarefa escolar, sobre como foi o dia do meu nascimento, eu fiquei bastante triste [...]. Eu cheguei para ele [o avô] e falei: “sério, vô, foi assim que eu nasci? Essa é a minha história? Cheguei desse jeito

ao mundo?”, já muito triste... Ele disse: “larga de ser boba! Ó... quando perto de você nascer, caiu mesmo uma super chuva daquelas e faltou energia, sim, mas é porque ela é fraca mesmo, ela fraqueja. A energia que os homens construíram em Picos era muito ruim. E sabe o que aconteceu, depois que eu peguei você lá na sala de parto, na sala de cirurgia e dei a seu pai? Eu saí do hospital, fui para a calçada, quando a chuva passou e estava todo mundo olhando para o céu. Larga de ser boba, faltou energia para todo mundo olhar para o céu”. Por que que eu acho importante contar essa história para você? Porque essa capacidade inventiva, sensitiva, afetiva marcou toda a minha primeira infância e marca muitas das escolhas que faço até hoje (CARVALHO, 2021a, p. 188).

Fotografia 35 – Sônia Maria na infância

Fotografia 36 – Sônia Maria na juventude



Fontes: Instagram de Sônia Carvalho (2021e; 2021d).

A capacidade criadora e inventiva de Sônia foi despertada na infância, sob o estímulo dos avós, que moravam na frente da casa onde ela viveu com os pais e as duas irmãs. A casa dos avós foi ponto de encontro de primos, universo lúdico para uma infância imaginativa, entre contação de histórias, jogos e brincadeiras. “E aquilo foi despertando em mim o fascínio pelas histórias, o fascínio por contar, por narrar, por tentar entender, por explicar”, conta Sônia Carvalho (2021a, p. 189).

Nessa fase, teve acesso a livros, com uma biblioteca disponível em casa. Embora os pais não tivessem o perfil de leitores, estimulavam a atividade nas três filhas. Na família, tinha também algumas tias professoras. Foi assim a infância de Sônia, cheia de descobertas e respostas aos porquês.

Na adolescência, a fase dos questionamentos sobre si. “Muitas vezes, eu cheguei na minha casa e disse: “Mãe, eu nasci aqui? Eu sou daqui, de Picos? Eu sou mesmo daqui? Eu nasci mesmo da senhora? Eu não vim de outra pessoa? Eu não vim de outro lugar?”” (CARVALHO, 2021a, p. 189). As perguntas com tons reflexivos desaguavam de uma situação de não identificação com o entorno.

Eu estudava na escola de maior renome da cidade, de pessoas de maior nome, melhor situação financeira... Eu vivi numa família, que hoje não tem o mesmo poder econômico, mas, na época, tinha poderio econômico significativo, mas era uma família socialmente inadequada, nós não tínhamos os mesmos valores que as demais que tinham o mesmo poderio econômico. E por quê? Porque os meus pais vieram de uma origem diferente das origens dos demais pais. Isso fazia com que eles valorizassem, eles focassem em outros tipos de procedimentos, de cuidado com as filhas, eram só três filhas, eles focavam para outros valores. Então, eu cheguei na adolescência, num colégio como aquele, no Instituto Monsenhor Hipólito, cercada de gente com muito dinheiro e gente que tinha suas aspirações, mas eu não compartilhava nada ou quase nada (CARVALHO, 2021a, p. 189).

A visão de Sônia sobre a vida e seus desejos de futuro não condizia com o que era comum naquele contexto. “Aos 12 anos, já chegava a dizer: “Não, eu quero estudar, eu quero me formar, eu quero me graduar, eu não quero me casar, ter filho agora e tatatá... Não!”. O meu roteiro e as minhas aspirações eram diferentes” (CARVALHO, 2021a, p. 189-190).

Na infância, com a família, deu-se seu processo de formação de valores, o despertar criativo, a atenção para as histórias e a curiosidade, seguido das inquições. Os questionamentos sobre si, sobre sua família e sobre o formato de sociedade em que vivia, então, repercutem ao longo de sua vida.

Ao narrar, Sônia busca dar sentido às memórias, trazendo-as como aquilo que antecedeu e influenciou suas escolhas posteriores. Do presente, olha para o passado em busca de si, para se compreender e me fazer compreender sua trajetória. Essa característica é relevante na construção do ser professora. Para Dominicé (2006, p. 345), “o processo de formação torna-se uma longa busca de si em um mundo que demanda uma forte consistência pessoal para enfrentar os desafios que cada um deve encarar na sociedade atual”.

Assim, as narrativas biográficas de Sônia Carvalho são cheias de detalhes, que ela retoma de forma descritiva e interpretativa. Com minudência, é analista da própria história e da própria vida. O tempo todo, nas nossas conversas, ela tentou me fazer visualizar cada etapa contada. Ao mesmo tempo, propôs-se a explicar os sentidos dos acontecimentos eleitos como os mais importantes de sua vida, os quais poderiam significar na minha pesquisa.

Abrahão (2003, p. 93) diz que "a interpretação do investigador não desqualifica a interpretação/reinterpretação do narrador", mas, a leitura sobre as narrativas se dá para compreendê-las em duas perspectivas postas pela mesma autora: primeiro, no sentido pessoal e social, e aqui as individualidades são representadas; segundo, na dimensão contextual, na qual as individualidades são geradas.

Assim, ao analisar suas narrativas, ao final de cada categoria, considero sua construção de sentidos, ao tempo em que também busco referências no esforço por compreendê-las, ao longo do trabalho, na dimensão contextual, sem desconsiderar as individualidades. Os detalhes descritivos, narrativos e interpretativos me ajudam a conhecer o campo mais largo que a envolve, a história dos cursos de jornalismo, a saber.

2ª etapa – “Já pensou em fazer jornalismo?”

Enquanto morou em Picos, estudou no Instituto Monsenhor Hipólito, de tradição católica. No Colégio das Irmãs, fez a primeira parte do ensino básico, até a 8ª série do antigo ginásio, hoje, Ensino Fundamental II. Para continuar os estudos, de 1992 para 1993, mudou-se para Teresina, assim como aconteceu com as duas irmãs mais velhas dois anos antes.

Os pais cuidaram de tudo, prepararam casa, fizeram matrícula no Colégio Anglo, da rede privada de ensino, arrumaram uma cuidadora para as filhas e conduziram-nas a um novo mundo, com mais responsabilidades e outras possibilidades. Assim, Sônia se juntou às irmãs no novo processo educativo, na capital.

“E, aqui, foi libertador para mim, em alguns aspectos, principalmente no que diz respeito a encontrar mais pessoas que tivessem aspirações semelhantes às minhas” (CARVALHO, 2021a, p. 190). A vida longe dos pais também foi formadora. A vida numa cidade maior, também.

[...] desde a minha mais tenra infância, eu escutava da minha mãe... – é preciso eu dizer para você entender por que que meus pais tinham valores diferentes dos demais de Picos, hoje eu compreendo assim – ela batia no ombro e dizia assim: “Não chora por qualquer coisa, não fraqueja por qualquer coisa. Você vai morar sozinha e vai tomar conta da sua vida muito cedo, sem pai, sem mãe perto para resolver problemas pequenos. Então, se responsabiliza por tuas escolhas. Calma, respira fundo, não espera aplauso de ninguém. Bora, bola para frente. Nada de chorar por qualquer coisa, nada de cair por qualquer coisa, nada de se vitimizar por qualquer coisa. Você recebeu uma bagagem de educação e de cultura muito grande, não é qualquer pessoa que pode se aproximar de você, você precisa se valorizar como mulher, você precisa se...”. Hoje, eu percebo a construção desse discurso de empoderamento feminino como minha mãe já fazia isso na década de 1980 para uma criança, nem sei se

eu era capaz de receber toda aquela carga de informação, mas foi assim que fui criada (CARVALHO, 2021a, p. 190).

Durante o ensino médio, o despertar para o jornalismo como uma possibilidade de graduação se deu através de um professor. Nessa época, Sônia perdeu a avó, uma referência em sua vida, e tentou transcrever seus sentimentos sobre a morte em um ensaio. O professor de Redação da escola, que também era professor de jornalismo na UFPI, Gustavo Said, viu algo ali e soltou: “Já pensou em fazer jornalismo?”. Até aí, essa não era uma alternativa para a jovem, mas passou a ser.

O ensaio foi publicado no jornal Meio Norte, pelo pai de um colega de turma. “Tão bobinho, tão infantil, sabe? Mas ele chegou com isso e eu fiquei assim muito espantada. Mas os meus pais e o meu avô, em Picos, ficaram muito assustados com aquilo, acharam aquilo, assim, o máximo... E, para mim, era só... meio que... era uma escrita”, lembra Sônia Carvalho (2021a, p. 191).

Em 1995, fez vestibular para o curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal do Piauí, e conseguiu a aprovação. Numa época em que os resultados do certame eram veiculados no rádio e em jornais, Sônia recebeu a aprovação duas vezes. A COPEVE lançou o primeiro resultado sem a nota da redação, retificando em seguida. “[...] tiveram que lançar uma segunda lista de resultado, depois que todo mundo já tinha feito churrasco, todo mundo já tinha comprado tudo, todo mundo já tinha escutado no rádio, com aquela musiquinha do Pinduca, “alô, papai, alô, mamãe...”” (CARVALHO, 2021a, p. 191).

Além de Comunicação Social na UFPI, em Teresina, foi aprovada no mesmo curso em uma instituição do Maranhão, e em Letras Português na Uespi, também na capital piauiense. Ao receber o resultado definitivo da UFPI, na companhia de seu pai, ligou para a mãe, que estava em Teresina com as outras filhas, e disse:

“Ó, estou triste. Ninguém está aqui para comemorar o vestibular comigo”. Aí, ela disse, mais uma vez: “Deixa de bobagem! Deixa de bobagem! Você precisa ser feliz e ficar satisfeita com os resultados que você alcançar, estando sozinha, estando acompanhada...”. É aquele velho discurso do “você precisa entender que, às vezes, a gente só conta com a gente mesmo”. E foi assim (CARVALHO, 2021a, p. 191).

No primeiro semestre de 1996, iniciou a graduação em Comunicação Social, na UFPI, e em Letras Português, na Uespi. “E eu acabei atrasando um ano a minha formatura por causa disso, porque eu saí do bloco para tentar fazer Letras Português na Estadual, que acabei tendo

que abandonar, porque eu vi que ia chocar sempre, sempre [...]” (CARVALHO, 2021a, p. 192). Foi aluna dedicada, de bons resultados, mas se sentia deslocada da turma de universitários.

Como aquelas pessoas que costumam fazer as boas descobertas da vida universitária, eu era aquele ser esquisito. Também pela condição financeira da minha família, que destoava um pouco. Eu já tinha meu carro próprio, eu ia para a universidade com carro próprio. Um “Fiatzinho” que meu pai me deu. E, depois, eu fui melhorando de carro. [...] Então, quando eu estava na universidade, eu era uma criatura também meio esquisita. Eu era extremamente devotada demais para o trabalho, eu era pouco devotada para essa parte de socialização de festas e tudo mais. Eu também não me identificava muito com o movimento estudantil, porque eu achava que tinham alguns exageros ali... (CARVALHO, 2021a, p. 192).

Da graduação ao início da vida profissional. A partir de 1998, ingressou no mercado de trabalho de jornalismo, quando ainda era estudante. Primeiro, no jornal Correio do Piauí, numa época em que as redações piauienses iniciavam a informatização, substituindo as máquinas datilográficas por computadores.

Em seguida, foi para o Grupo Meio Norte, trabalhar no jornal popularesco e sensacionalista chamado Agora. Em termos estruturais, a diferença era grande entre as redações e as experiências. “Dali, eu queria sair do jornal sensacionalista e popularesco. Cheguei, um dia, abri a porta do diretor do jornal, e disse: “Olha, seu Zé Osmando, quando tiver uma vaga no Meio Norte, eu quero ir para lá, porque eu tenho outras aspirações e tudo, e eu quero ir para lá” (CARVALHO, 2021a, p. 193). Não demorou, a oportunidade surgiu, e deu certo.

Além da redação do jornal Meio Norte, passou por assessoria de comunicação, teve experiência em São Paulo-SP e Recife-PE e, assim, foi se construindo jornalista. No início dos anos 2000, no surgimento do jornalismo digital no Piauí, Sônia recebeu convite para coordenar uma equipe de jornalistas no *site* recém-criado, 180 Graus, com o objetivo de realizar, pioneiramente, coberturas *on-line*.

De acordo com a caracterização de Berti (2020) sobre a história do webjornalismo piauiense, naquele início dos anos 2000, contávamos com apenas um *site*, que transpunha conteúdos do impresso para o digital, o portal AZ, assim como foi comum na primeira geração desse jornalismo no Brasil. O 180 Graus surgiu entre os pioneiros desse jornalismo.

Na graduação, ainda não havia disciplinas voltadas ao novo contexto comunicacional digital. Sônia pegou o segundo currículo da UFPI, de 1988, mas já no início dos anos 2000, não condizia com a realidade do mercado digital, que surgia e rapidamente crescia. Mesmo assim, produziu o TCC sobre o perfil profissional e as condições de trabalho do webjornalista do Piauí, no intento de integrar sua formação e atuação.

O webjornalismo começava a nascer, já tinham sites estruturados, começou a Política.com, o próprio Portal AZ... Mas, eu estava encerrando uma etapa de vida na graduação, e não passei por uma disciplina que fazia alusão ao webjornalismo! O webjornalismo, aqui no Brasil, já era uma realidade, com o Jornal do Brasil, saindo da TV aberta e indo exclusivamente para o universo *on-line*, no Portal Terra... Mas, minha turma passou incólume na graduação inteira. A universidade não se mobilizou para a oferta de nenhuma disciplina a respeito (CARVALHO, 2021a, p. 194).

Em 2001, concluiu o curso (fotografia 37) com uma carga de experiência no mercado de trabalho do jornalismo e da comunicação, há um bom tempo. As experiências nos jornais a levaram a outras, como na Ícone, a primeira agência de assessoria de comunicação do Piauí, e no portal 180 Graus, o primeiro a realizar coberturas em tempo real.

Fotografia 37 – Colação de grau de Sônia



Fontes: Instagram de Sônia Carvalho (2021f).

Nessa etapa, a mudança de cidade, de uma interiorana para uma capital, provocou também uma transformação de vida. Morando longe dos pais, sob os cuidados de uma funcionária da família, bem cedo, assumiu responsabilidades e amadureceu. Na universidade,

a concomitância de seus estudos e da presença no mercado de trabalho precocemente também foram formadores para ela.

3ª etapa – A semente da docência foi plantada

Em uma atividade durante a graduação de jornalismo, no comecinho do curso, uma semente foi plantada pelo professor Paulo Fernando de Carvalho Lopes, da UFPI. “Ele me parabenizou e disse que sentia que um dia eu seria professora de jornalismo. [...] E aí eu disse: “Ah, esse professor está viajando. Eu quero redação, eu não quero negócio de professora, eu não nasci para isso. Vou fazer outra coisa na vida” (CARVALHO, 2021a, p. 195).

No entanto, a semente germinou. “[...] eu considero que meu primeiro encontro com a docência em jornalismo foi quando eu fui aluna. Eu fui aluna de excelentes professores, de professores extremamente comprometidos! Eu me identificava com o compromisso e a seriedade [...]” (CARVALHO, 2021a, p. 195). Da observação e admiração nutrida pelos seus professores, da percepção e significação das práticas educativas docentes, ela foi guiada ao encontro com a docência quando ainda era uma estudante de graduação.

Então, eu pensei que mesmo para ser essa docente, se um dia fosse e se eu tivesse a oportunidade de ser, eu não posso, na minha opinião, entrar em sala de aula, falando de algo que eu não vivi, que eu senti na pele. Então, eu quero, sim, passar pela reportagem, sentir as agruras da reportagem, eu quero passar pela editoria, eu quero passar, se eu puder, pelo rádio, e eu quero ter uma experiência mais ampla possível para saber do que eu estou falando, quando eu estiver em sala de aula (CARVALHO, 2021a, p. 197).

No mesmo ano em que concluiu a graduação, ingressou na pós-graduação *lato sensu*, em uma oportunidade de continuidade da formação ofertada pela Universidade Federal do Piauí. A especialização em Comunicação Institucional seguiu até o início do ano de 2003, tempo em que a Uespi lançou edital de seleção de professores para o quadro efetivo do curso recém-criado. Ela viu aí uma oportunidade.

Quando eu me vi na oportunidade de fazer um concurso e ser docente, eu vi também a chance de conseguir fazer as minhas atividades, os meus projetos, os meus planos com maior autonomia, e assim, talvez, eu conseguisse ver os resultados ali alcançados mais semelhantes ao que eu pensava antes, ao que eu planejei, coisa que eu não conseguia direito dentro das redações [...] eu queria um ofício dentro do jornalismo, onde eu pudesse dizer ao mundo o que eu queria dizer, fazer a diferença no mundo, com a maior autonomia e legitimidade, sensibilizar esses alunos para os novos passos que eles vão seguir, e assim, melhorar o mundo. Eu era muito romântica, e até sou nesse ponto. Até hoje, eu sou. Eu acho que o jornalismo melhora o mundo! Então,

como eu posso fazer para melhorar o mundo, sendo jornalista? No meu caso, é sendo professora. Pelo menos é o que eu sinto até hoje (CARVALHO, 2021a, p. 197-198).

Entre as vagas ofertadas para os dois *campi*, em Teresina e em Picos, resolveu, então, se inscrever para concorrer ao Campus Professor Barros Araújo, na sua cidade natal, pela relação afetiva e pela vontade de cooperar com sua terra. E conseguiu aprovação. Junto com Orlando Berti, tornou-se a primeira professora efetiva do Curso de Comunicação Social, CPBA. “[...] ingressei na docência, pensando, planejando, mas, tentando fazer agora com que minha sala de aula fosse uma sala de aula onde eu, professora, criasse uma proximidade com meus alunos, a partir das experiências vividas” (CARVALHO, 2021a, p. 198).

Entre 2003 e 2006, foi professora do curso de Picos. “[...] fiquei até o ano em que eu me casei, que foi 2006. Começou a ficar difícil viajar toda semana de Teresina para Picos, porque eu tinha uma empresa com meu marido aqui [em Teresina], na época, e aí isso ficava bem complicado, ficar toda hora viajando, me afastando da empresa aqui” (CARVALHO, 2021a, p. 198). Em 2005, participou de novo certame na mesma IES. Dessa vez, para o curso de Teresina.

Só que eu disse: “bom, estou casada, estou com uma empresa aqui em Teresina, agora, eu vou tentar fazer me concursar novamente e obter esta vaga”. Como é que foi essa coisa? “Você poderia, Sônia, ter feito uma transferência?”. De modo legal, regimental, não, porque havia tanta carência de professores no interior, e como eu não tinha nenhuma previsão legal, não me enquadrava em nenhum dos requisitos ou nenhuma das circunstâncias nas quais a transferência era justificada... [...] Então, eu vi, eu revi o regimento, vi que isso não era possível, e decidi fazer o concurso, mais uma vez [...] (CARVALHO, 2021a, p. 198-199).

Essa etapa é marcada por seu ingresso na docência, depois de um período de experiências profissionais na comunicação mercadológica. Vemos a influência de professores na vida de Sônia e na escolha para se tornar professora, em concordância com o que Tardif (2014) pondera sobre a origem social do saber docente. A partir de então, Sônia realiza investimentos na nova atividade, vivendo o traslado Teresina-Picos, até o novo concurso para a estabilidade na capital.

4ª etapa – Afastamento das “trajetórias perfeitas”

A trajetória docente de Sônia começou com o ingresso na Uespi, disparando a busca por formação para o professorado. Assim, foi iniciada uma nova etapa de vida, a dos muitos

investimentos em formação: autoformação, formação por experiências em salas de aula, formação institucionalizada e formação não institucionalizada, na ambiência familiar.

Sua autoformação abrangeu muitas horas em estudos solitários, autoconhecimento e investimentos em livros. Sônia construiu uma biblioteca particular que já se tornou sala de aula para seus alunos. “Invisto muito nisso! Investi em livros, investi na percepção como professora, tentei estudar muito sobre docência e aprendizagem, e investi muito!” (CARVALHO, 2021a, p. 201).

As experiências na docência também contribuíram. Autoavaliativa, reflexiva e interpretativa antes, durante e depois de suas práticas. Mas não somente. Cursos institucionalizados também foram seu alvo. Entre 2006 e 2007, fez um curso de Fundamentos Científicos da Comunicação, de média duração, na UFPI.

Em seguida, iniciou uma nova especialização em Comunicação e Linguagens, na mesma Universidade, curso que realizou até 2008, quando da sua aprovação no Mestrado em História, também na UFPI, precisando deixar a especialização. Essas formações foram de iniciativa particular.

À época da conclusão do mestrado, o primeiro casamento tinha se encerrado. Sônia estava em um novo relacionamento e tinha outro desejo: formar família. Rapidamente, engravidou e decidiu pausar momentaneamente os processos institucionalizados de formação. A chegada de Nina Eduarda aconteceu em 2012: “[...] quando ela fez um ano, eu disse: “vou respirar aqui, e vou para minha seleção de doutorado”. Aí, vem a vida e ó, faz “pah” com você, né... Então, a vida veio e me entregou uma menina autista [...]” (CARVALHO, 2021a, p. 204).

O nascimento da menina e a descoberta do Transtorno do Espectro Altista (TEA) foram acontecimentos (trans)formadores na vida pessoal e profissional de Sônia Carvalho. Suas percepções e suas práticas educativas foram transformadas, então, do desenvolvimento aos sentidos. Nasceu, assim, uma nova professora Sônia.

Nesse percurso, ela foi se afastando do que chama de “trajetórias perfeitas”. Para ela, ocorre, por vezes, uma cultura de imposição ao professor que, para ser considerado bem-sucedido, precisa passar por lugares e condições em tempos determinados. Ao contrário disso, fez escolhas conscientes longe de zonas predeterminadas, interpretando seu caminhar como professora, mãe e estudante.

Passei a dar valor, inclusive, às trajetórias acidentadas de professores e professoras que precisam passar por toda sorte de problemas na vida para conseguir se manter sendo professores, sendo professoras. Então, a Nina veio me mostrar que a gente, às vezes, precisa.... às vezes, não! Sempre, precisa se desenvolver como pessoa melhor para ser uma professora melhor, para ser um

professor melhor. Você precisa relativizar esses conceitos de sucesso e de felicidade... [...]. Eu percebi, nós, professores, muitas vezes, sendo encaixotados por um sofrimento acadêmico, por essas certezas colocadas e construídas por nossos pares, como se fosse a única forma de ser feliz e ser um bom professor. E não é! Então, a minha formação é muito questionada pela minha Nina, pela existência da minha Nina (CARVALHO, 2021a, p. 204-205).

Depois de ressignificar sua vida, quando estava se preparando para retomar a formação institucionalizada, por meio do doutorado, engravidou novamente, em 2017, mas, pouco tempo depois da descoberta, perdeu o bebê. Exatamente um ano depois, noutra gravidez, pariu Benjamim Rafael. “E aí, eu disse: “Pronto, passou seis meses, nasceu o Benjamim, agora eu vou engatar no doutorado”. E aí, o que acontece? A neuropediatra da Nina e a equipe toda chama e diz: “Calma. Irmão de um autista tem 50% de chance a mais de ter TEA” (CARVALHO, 2021a, p. 205). Com Benjamim, veio um novo desafio na vida de Sônia: “[...] tentar entender o que é ser mãe de uma criatura que não tem TEA, e que, portanto, tem outras possibilidades de aprendizagem, me tornou uma pessoa melhor [...]” (CARVALHO, 2021a, p. 205).

Em 2022, Sônia retomou os estudos em pós-graduação *stricto sensu* na UFPE, por meio de uma parceria interinstitucional com a Uespi para formação de professores dos dois cursos de Jornalismo desta instituição. Essa é a fase formativa em que ela se encontra no momento, de investimentos formais na sua constituição docente.

A formação da professora Sônia ultrapassa os espaços formais em toda a sua trajetória, como coloca Warshauer (2017a), quando diz que a formação humana não se limita ao acadêmico, ao que é técnico e institucionalizado. A chegada de Nina e Benjamin marcou essa etapa como aspectos formadores e transformadores para ela, com repercussões em suas práticas educativas.

Muitos foram os investimentos intencionais em formação e autoformação, na busca por conhecimento e autoconhecimento, que ultrapassam a esfera financeira, e chegam à emocional, geradores de implicações ao seu modo de ser e ao seu modo de fazer, transformações de si e de sua docência.

Em termos formais, a trajetória formativa dela tem caráter não-linear, conta com discontinuidades, novidades e mudanças de rotas, seja por situações interiores ou exteriores, que lhe são caras e extremamente significativas. São características particulares da trajetória dessa professora, vivida até então, nos ambientes socioculturais que ajudam a formatar sua biografia.

Marcas daquilo que Nóvoa (1995, p. 38) pontua sobre o desenvolvimento da carreira docente como sendo processual, portanto, particular a cada pessoa, e não demarcado por uma sequência de fases iguais. Evidências do não sequenciamento dos ciclos da carreira docente, como pondera Huberman (1995). Assim, ao invés de uma ideia de continuidade, ou seja, fases em sequências ordenadas, o autor percebe que ocorre a quebra, a descontinuidade, pois cada estação é constituída por um novo quadro, como vemos no ciclo de vida de Sônia.

Mesmo que haja certa aquiescência, no âmbito do senso comum, quanto aos percursos profissionais do professor, suas fases de formação e atuação, não quer dizer que estejamos predeterminados a seguir certas cadeias e modelos postos como legítimos. Podemos assumir essas sequências “universais” ou podemos viver fases diferenciadas nas carreiras, em escolhas marcadas por questões pessoais e/ou sociais.

5ª etapa – Angustiada, transformada e transformadora

“Fiquei na docência e dividindo esses dramas familiares aí, que vieram depois da gravidez, com a Nina e tudo mais, e vim desenvolvendo pesquisas...” (CARVALHO, 2021a, p. 207). Sônia Carvalho é professora pesquisadora hoje. Essa é a etapa atual de sua vida. Uma professora, que começou a jornada docente como jornalista experiente, formada sem muita pesquisa, pelas condições da educação oferecida pela UFPI, no final dos anos 1990, mas que foi se transformando no seu caminhar.

Quando adentrou na Uespi, era uma professora prática e reflexiva, consequência de sua formação inicial, na UFPI, mais centrada no ensino, e de sua atuação no jornalismo, desde bem cedo. Com a diversidade de formação continuada ao longo de 18 anos (fotografias 38 e 39), desde que se tornou professora, suas práticas educativas foram se transformando, acompanhando seu processo formativo.

Assim, as construções e as transformações de si, como professora, deram-se no contexto em que a Universidade Estadual também mudava. “[...] a minha história se encontra com a história do ensino de jornalismo lá na Estadual, numa época em que a Estadual se transformava, se modificava e empreendia reforços nesse sentido de criar corpo de professores que fossem qualificados em jornalismo” (CARVALHO, 2021a, p. 211).

Do foco no ensino da UESPI, pouco a pouco, expandiu-se para a pesquisa e a extensão, pelo entrelaçamento de campos, resultado da caminhada. História, jornalismo, história do jornalismo, história e gênero, entre outras tantas interconexões. Uma pesquisadora interdisciplinar e multidisciplinar. “Essa é uma outra rebeldia acadêmica ou docente da Sônia.

E acho que é importante para minha formação. Isso traz uma multiplicidade de olhar para mim e mostra como posso... e me leva ao caminho de que ser jornalista é fazer mesmo vários caminhos” (CARVALHO, 2021a, p. 208).

Mais que isso, uma professora que ultrapassa os lugares de formalidades da educação universitária para pensar os contextos. “O ser professora de jornalismo não é só ensinar o pertinente ao jornalismo. De nada vai valer o que pertence ao jornalismo sendo lançado ali naquela mente, se você não perceber antes em que condições está aquele aluno” (CARVALHO, 2021a, p. 201).

Fotografias 38 e 39 – Aulas da professora Sônia Carvalho



Fontes: Instagram de Sônia Carvalho (2017, 2020a).

As práticas narradas falam de uma professora angustiada. “Sempre estou preparando aulas com muitas angústias, [...] sempre com angústia que paira sobre mim, pensando: “Esse é o melhor que eu devo fazer agora? É pertinente para o momento? Essa proposta é adequada para esse grupo de alunos?” (CARVALHO, 2021a, p. 201).

Além de angustiada, preocupada com as implicações, desde o planejamento de conteúdos à escolha da bibliografia. “Isso aqui vai melhorar o mundo em que? [...] A minha conduta, a minha prática pedagógica, ela vai melhorar em que, se eu fizer isso, vai melhorar o mundo em que?” (CARVALHO, 2021a, p. 203).

E as preocupações de Sônia não se centram apenas em relação aos estudantes, mas perpassam as trocas entre profissionais. Professora acolhedora e que cobra acolhimento e critica os muros invisíveis que, muitas vezes, levantam-se entre docentes. “[...] nós professores poderíamos discutir mais sobre docência, sobre o fazer docente em jornalismo! São duas coisas importantíssimas! E nem sempre elas se sobrepõem” (CARVALHO, 2021a, p. 2012).

Para isso, os investimentos devem ultrapassar as construções particulares e tomar o coletivo, pelas trocas das trajetórias docentes diferenciadas. “Então, nós, docentes, precisamos mesmo nos acolher, não é só nos unir, mas nos acolher, não só unir discursos, mas nos acolher, acolher nas nossas dificuldades, acolher nas nossas necessidades, acolher nas nossas súplicas, nas nossas solidões, nas nossas fraquezas, nas nossas limitações...” (CARVALHO, 2021a, p. 213).

Os processos de formação da professora Sônia, formais e informais, contribuíram com a formatação de suas práticas educativas, transformando-a para ser transformadora, capaz de inspirar outras mudanças. “Eu consigo perceber, hoje, que eu consigo inspirar os alunos para a prática da pesquisa, coisa que não existia na minha época de graduação” (CARVALHO, 2021a, p. 208).

Em 2019, Sônia assumiu um novo desafio e integrou a equipe de gestão da Uespi como assessora especial da vice-reitoria (fotografia 40), ao lado do professor Evandro Sousa, que foi seu primeiro coordenador de curso, em Picos. Da vice-reitoria para a reitoria, em janeiro de 2021, a professora assumiu a chefia de gabinete da Reitoria da Uespi (fotografia 41), novamente acompanhando o professor Evandro, atual reitor. Essa é a fase em que ela se encontra, dividindo o professorado e a gestão universitária, atuando no ensino, fazendo extensão, desenvolvendo pesquisas.

Fotografia 40 e 41 – Sônia Carvalho em trabalhos da vice-reitoria e chefia de gabinete da Reitoria



Fontes: Instagram de Sônia Carvalho (2020b, 2021g).

Ao narrar sua trajetória, ela é interpretativa, perceptiva e sensitiva. “A minha história é uma história, que eu gosto de dizer, baseada em critérios muito, muito pessoais” (CARVALHO, 2021a, p. 212). Sônia significa a própria trajetória, ao dar sentido às suas experiências,

explicando as motivações e as consequências desse ou daqueles acontecimentos, não se limita a relatar, mas, junto, descreve, reflete, infere, cresce. Memórias carregadas de sentido.

Resumem essa etapa: práticas docentes transformadas e novas atuações universitárias, no que tange à experiência recente na administração da Universidade Estadual. Em vista disso, caracterizo Sônia como uma professora reflexiva, que não condiciona sua reflexão às suas práticas educativas, mas expande para as conjunturas que as circundam em planos mais amplos.

Nos dizeres de Pimenta (2012a), o professor reflexivo analisa criticamente sua realidade, relaciona seus contextos, percebe a complexidade dos processos. Um professor reflexivo é intelectual, “[...] um profissional preparado científica, técnica, tecnológica, pedagógica, cultural e humanamente. Um profissional que reflete sobre seu fazer, pesquisando-o nos contextos nos quais ocorre” (PIMENTA, 2012a, p. 46).

Sobretudo em contextos sombrios como os atuais, cenários de desinformação na sociedade, apesar da disponibilidade e acessibilidade de informação, e descrédito jornalístico, enquanto produtor de informações, reconhecer nosso lugar como construtores de conhecimento é essencial. Conhecimento difere de informação, que difere de desinformação. É isso que Sônia Carvalho (2021a; 2021b) faz, ela é perceptiva, reflexiva, crítica sobre seu lugar e seu papel como formadora de jornalistas.

Suas práticas repercutem a percepção de que não nasceu pronta, mas, pela observação dos acontecimentos de sua própria vida, pelo empenho em investir emoções, tempo e dinheiro em aprendizados institucionalizados, repensa suas ações educativas, descobrindo-se incompleta, mas também que preza por alcançar qualidade na educação, na educação que ela mesma ajuda a construir, em suas disciplinas, em seus projetos de pesquisa.

Portanto, demonstra ser uma verdadeira educadora, aos olhos de Antunes (2014): formada ao longo da vida, certa de que esse processo é inacabado e constante. Como ele diz, “o educador não nasce pronto. Forma-se ao longo de sua própria caminhada de professor, observando em sua experiência esta ou aquela ação, este ou aquele cuidado. [...]” (ANTUNES, 2014, p. 48).

Nesse sentido, a dimensão afetiva da constituição professoral e pessoal de Sônia chega às suas práticas como uma característica marcante. Uma professora humana, que sente, permite-se e permite ao outro sentir, e ainda olha para isso com atenção. Tardif (2014) olha para esse aspecto da atividade docente e aponta que a afetividade integra o ser e o fazer docente, entre emoções, temores, alegrias, angústias, num ir e vir entre docentes e discentes, como parece ser significativo na vida de Sônia.

3.6 Jaqueline Cardoso: uma professora além da universidade

Fotografia 42 – Professora Jaqueline Torres da Silva Cardoso



Fonte: Autoria desconhecida. Acervo pessoal de Jaqueline Cardoso (2019).

1ª etapa – Infância e família

De família piauiense, mas paulista nata, Jaqueline Torres da Silva Cardoso viveu parte da infância em São Paulo, com os pais e as duas irmãs. O pai mantinha a família através de um trabalho em uma fábrica de sorvetes, enquanto a mãe assumia a missão de cuidar das filhas e das necessidades da casa onde viviam.

Até os sete anos, teve uma vida tranquila, no Sudeste brasileiro. Então, um certo dia, um assalto mudou o rumo da família, provocando mudança para um novo lar e para uma nova vida, com tonalidades mais pacatas, no Nordeste. “[...] roubaram tudo, tudo, tudo! Minha mãe ficou desesperada, falou que queria voltar para o Piauí. A gente voltou” (CARDOSO, 2021a, p. 176).

No Piauí, o pai abriu um negócio e passou a fabricar velas. O novo lugar de moradia impôs adaptações à cultura local, que reverberaram na sua trajetória escolar. Foi em Teresina

que Jaqueline cresceu. Estudiosa, aplicada e obediente. “Eu sempre fui uma aluna muito estudiosa, muito aplicada... aquela história de não dá trabalho aos pais. Eu sempre fui muito assim” (CARDOSO, 2021a, p. 176).

O que marca essa etapa é a mudança de São Paulo para o Piauí, momento em que vivenciou o choque da multiculturalidade característica do Brasil. Esse hibridismo compôs uma complexidade formativa para além da educação formal, pelo confronto dos processos diferenciados, mais evidente na etapa seguinte.

Para Dominicé (2006, p. 348), a migração gera transformações no percurso de vida de uma pessoa, uma vez que “em razão das origens culturais diferentes, os modelos de referência podem ter significações divergentes”. Assim, geram certa instabilidade até a reinserção nos círculos sociais, no caso de Jaqueline, com características divergentes, embora dentro do mesmo país.

2ª etapa – “Estudar sempre foi muito gostoso”

Em São Paulo, passou por duas escolas, que lhe permitiram a iniciação na vida escolar, mas foi no Piauí que Jaqueline foi alfabetizada, no Instituto Educacional (INEC), onde estudou até o final do ensino fundamental. Contudo, não sem dificuldades. As diferenças culturais das regiões marcaram o percurso, desde o ingresso na escola.

[...] a gente falava muito “porta”, puxando o “R” mesmo... “dê”, com o “E” mais nasalado. O pessoal ainda fala assim... E a minha escrita, às vezes, refletia isso. O pessoal falava: “de não sei o que...”, e é um “de”, ou seja, “D” “E”, e eu, na escrita, pensava que era “D” “T”, então, eu escrevia “D” “T”, “di”. Na alfabetização, isso me prejudicou bastante! Muito mesmo! [...] Quando fomos fazer a matrícula, fizeram o teste comigo, aí falaram que eu não podia ir para a alfabetização por conta dessa diferença cultural, não sei... Só que aí, a minha mãe insistiu, minhas tias levaram as cartas que eu fazia para elas para mostrar que eu era inteligente, que eu tinha capacidade de acompanhar, tudo... E aí, eu fui, entrei na alfabetização (CARDOSO, 2021a, p. 176-177).

De lá, Jaqueline foi para o Colégio Anglo; depois, para o Colégio Sinopse, ambos na rede privada de ensino de Teresina. “Depois, os professores do Sinopse construíram uma escola, e eu migrei, porque eu gostava dos professores” (CARDOSO, 2021a, p. 177). Para ela, “estudar sempre foi muito tranquilo, muito gostoso! Foi um período que eu me recordo com bastante carinho” (CARDOSO, 2021a, p. 177).

Ao final do ensino médio, prestou vestibular para o Curso de Direito, por obediência à família, e não foi aprovada. “Mas, aí, fiz só para agradar os pais, não era meu foco, nem meu

interesse. [...] Se eu não me engano, eu tinha ficado em João Pessoa, na segunda opção, para Jornalismo, só que eu não fui, porque era muito dispendioso e tudo” (CARDOSO, 2021a, p. 177).

Assim, entrou num curso preparatório para o vestibular, no ano seguinte. Interessada no Curso de Jornalismo, viu no novo curso, em Teresina, de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, uma oportunidade, pela ligação das áreas no campo da comunicação. Jaqueline prestou vestibular no Centro Unificado de Teresina (CEUT), onde estudou entre 1998 e 2002. Rapidamente, identificou-se com o curso.

A família olhava muito a contragosto; não, meus pais, mas os agregados, os tios... Porque eu fui a primeira da família a entrar numa faculdade particular, então, todos os que vieram antes de mim entraram na faculdade pública. E meus pais não tinham muita condição de pagar... Na época, eu acho que a faculdade era R\$450,00, se eu não me engano. O meu pai estava passando por certa dificuldade financeira, porque ele tinha uma fábrica de velas e a fábrica não estava indo muito bem. Mas aí, o meu pai sabia que era o que eu queria, então, ele falou: “Não, se é isso que você quer...” [...] (CARDOSO, 2021a, p. 177-178).

Estudou de 1998 a 2002, e formou-se publicitária. Durante o curso, fez estágios e aproveitou as oportunidades formativas pelo contato com o mercado de trabalho desde cedo. Passou por uma agência chamada Nova Comunicação, pelo jornal impresso Diário do Povo e na administradora de cartão de crédito do Grupo Claudino, CredShop. “Então, meus quatro anos foram quatro anos de graduação ma-ra-vi-lho-sos!” (CARDOSO, 2021a, p. 178).

Os professores sempre foram seus aliados nas empreitadas de inserção no mercado de trabalho como componente formativo. O contato com essas oportunidades de estágio sempre se deu por meio deles. “Eu sempre tive muito boa relação com meus professores, que sempre me indicavam trabalhos, *freelas*” (CARDOSO, 2021a, p. 178).

Quando da sua atuação e foco como publicitária, em Teresina, mudou-se para o Rio de Janeiro para fazer curso de especialização. “Aí, eu fiz a minha especialização em Marketing, que era a área que eu tinha interesse para voltar para atuar, e voltei para cá” (CARDOSO, 2021a, p. 178). No Rio, Jaqueline conheceu Tairone Cardoso, com quem, depois, casou-se e constituiu família.

Nessa etapa de vida, vemos as diferenças culturais sendo espelhadas pela educação escolar que ela conta acerca das cartas e das vivências familiares como provas e aceitação para inserção no processo formal de aprendizado. Conforme Dominicé (2006), mudanças, como a migração, requerem adaptações que exigem grandes esforços nos círculos familiar e social, para construir significações sobre esses processos e se reinserirem nos novos ambientes.

Embora considere que sua formação inicial tenha se voltado para o mercado comunicacional, sobretudo, da publicidade, também nota a formação crítica e cidadã que obteve nessa fase, além de questões sociais. Nessa etapa, a relação com os professores define seu processo formativo no Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

3ª etapa – Professora, por incentivo do pai

“Quando eu era criança, sempre tinha aquela pergunta: “O que você vai ser quando crescer?”, e sempre eu falava que queria ser professora. Mas isso nunca foi um foco na minha trajetória, depois, quando eu cresci” (CARDOSO, 2021a, p. 176). As respostas de Jaqueline Cardoso às perguntas recorrentes da infância e o seu percurso formativo contrastam. O interesse demonstrado naquela fase não se manifestou em práticas na formação inicial, mas, depois dela, sim.

No ano de 2005, quando a Universidade Estadual do Piauí lançou o edital para seleção de docentes para o recente Curso de Comunicação Social, em Teresina e em Picos, Jaqueline não tinha pretensões de ser professora ainda, mas se preparava para ascensão no mercado da publicidade. Contudo, por incentivo e insistência do pai, que até efetuou e pagou sua inscrição no concurso, ela realizou as provas e foi classificada para o curso em Picos. Pela necessidade de professores efetivos, logo foi chamada. Em pouco tempo, mudou de profissão e de cidade. Uma outra história começou a ser construída.

Após sua aprovação no concurso público para a Uespi/CPBA, mudou-se com o marido para Picos, a uma distância de mais de 300 quilômetros da capital, Teresina. Nessa cidade, construiu sua vida centrada na motivação principal: ser professora da Uespi no interior. “[...] eu vim mesmo para cá nessa intenção. “Eu sou professora de Picos, então vou continuar em Picos, vou morar em Picos”. Então, eu vim para morar. Mesmo sendo 40 horas, o salário ainda era muito baixo, mas eu vim para morar” (CARDOSO, 2021a, p. 186).

Jaqueline, então, iniciou a docência em comunicação social e, um ano depois, assumiu a coordenação de curso, função à qual ela retornou inúmeras vezes, em 2010, 2011 e 2015 (CARDOSO, 2022). Também exerceu a direção do Campus Professor Barros de Araújo por curtos períodos, em 2008 e em 2010 (CARDOSO, 2022).

Fotografia 43 – Jaqueline como diretora de *Campus* em colação de grau



Fonte: Acervo de Otávio Veloso (2010).

Nesta etapa da vida de Jaqueline Cardoso, é possível perceber as influências familiares no seu processo de iniciação à docência. O pensamento da infância foi abandonado ao longo de seu crescimento e, de certa forma, esquecido até que a iniciativa de seu pai a colocou na rota da docência. É interessante notar, na interferência paterna, seu pai não era professor, mas se torna o principal incentivador para esse caminho, pela estabilidade do funcionalismo público, provavelmente. Além disso, experiências com a docência se desvelam no seio familiar, mas, indiretamente, por meio das tias de Jaqueline.

Ao observar esses fatores, vejo as influências listadas por Tardif (2014) na escolha em se tornar docente. Além das influências familiares na constituição do professor, presentes aqui, aparecem outras influências elencadas por esse autor, como a oportunidade de trabalho e empregabilidade e a estabilidade do funcionalismo público, aspectos presentes nessa etapa de vida de Jaqueline.

Importante ressaltar que na sua trajetória ocorre a dupla função concomitantemente: a de docente e a de coordenadora de curso; docente e diretora de *campus*, mesmo após o recente ingresso, ainda na inexperiência acadêmica. Na atuação no ensino superior, é comum a

oportunidade, e, às vezes, a necessidade do exercício de atividades administrativas, como ocorreu com Jaqueline, uma vez que a educação superior é comumente gerida por professores.

4ª etapa – O mestrado e o câncer; os filhos e o doutorado

Foi na prática professoral que Jaqueline Cardoso viu a necessidade de se preparar para a docência. A partir do ingresso na Universidade, como professora do quadro efetivo, ela abraçou a oportunidade de se desvelar e passou a fazer investimentos na nova área de atuação. O esforço foi no sentido de compreender sua atuação na educação superior, de superar as limitações da formação inicial, que não se voltou para o magistério, porque, até então, não era seu foco, e de, conseqüentemente, melhorar suas práticas educativas pela profissionalização docente.

Assim que ingressou na nova profissão, em 2006, Jaqueline sentiu necessidade e buscou formação para a docência universitária. “Nunca tive a intenção de enveredar pelo caminho da docência. Me preparei, academicamente falando, para o mercado. Minha formação foi primordialmente mercadológica e ao ingressar na instituição percebi uma lacuna que precisava ser preenchida urgentemente” (CARDOSO, 2021b, p. 4).

Dois anos depois do ingresso na UESPI, antes mesmo de finalizar seu estágio probatório, mudou-se para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, para cursar Mestrado em Ciências da Comunicação, na UNISINOS, com a liberação das atividades de trabalho pela Universidade Estadual e o amparo financeiro da Fapepi.

Os investimentos foram altos. O casal se desfez do que tinha na recente nova cidade do interior do Piauí, para viver essa fase integralmente, no Sul do País. “[...] “passei no mestrado”. “Passou”. “Então, vende tudo”. Ele [o marido] vendeu tudo. Fomos mesmo só com a roupa do corpo, a mala com as roupas, alguns livros que eu levei e pronto! Você desapegar, sair, começar do zero, aí, você volta de novo...” (CARDOSO, 2021a, p. 180).

Enquanto moraram no Rio Grande do Sul, a preocupação central era em como se tornar uma professora melhor. Para tanto, contou com o apoio de seus professores, através da indicação de material que pudesse ser utilizado por ela, quando do seu retorno às atividades profissionais. “E eu acho que era uma preocupação muito bonita pela forma como eles falavam, o cuidado que eles tinham para que eu pudesse ter material suficiente para retornar um pouco melhor do que eu tinha saído” (CARDOSO, 2021a, p. 180).

Durante o mestrado, uma preocupação somática: o diagnóstico de câncer de tireoide. “Foi um baque muito grande!” (CARDOSO, 2021a, p. 180). Jaqueline precisou trancar

matrícula e retornar a Teresina, cidade onde seus pais moram, para tratamento de saúde. “Tairone ficou em Porto Alegre, e foram três meses que eu fiquei em Teresina, porque tive que tomar a radiação, iodoterapia, ficar isolada no quarto... teve tudo isso...” (CARDOSO, 2021a, p. 180).

Consequentemente, o adiamento da conclusão desse ciclo formativo foi inevitável. As repercussões emocionais no desenvolvimento de uma pós-graduação já são intensas, imagina passar por isso com apreensão sobre a saúde física. Foi assim com ela. “Isso também me abalou bastante... assim, muito mesmo! [...] no período de três meses, eu não consegui nada, porque, mesmo sendo um câncer que foi relativamente leve, que foi resolvido logo, é muito desgastante emocionalmente! É muito cansativo!” (CARDOSO, 2021a, p. 181).

Superada a doença, e retomadas as atividades docentes, em Picos, no Piauí, no ano de 2010, chegou uma nova professora gestada pelos investimentos financeiro, intelectual, emocional, familiar. O curso de Comunicação Social de Picos recebeu, então, uma professora-pesquisadora.

O investimento, o retorno que eu tive depois que eu voltei, e não falo só financeiro, mas o retorno acadêmico, o retorno intelectual pagou tudo! Pagou a doença, paga o desapego que você tem à sua moradia, à sua casa, ao seu lar, paga também a distância, porque você passar dois anos longe da família é muito complicado também. Tem tudo isso, né... Mas valeu! Sempre vale a pena! (CARDOSO, 2021a, p. 181).

A partir daí, escolheu fazer uma pausa na formação em pós-graduação *stricto sensu* para realizar investimentos na própria família, não obstante as pressões externas para continuar a pós-graduação subsequentemente. Jaqueline Cardoso teve seus dois filhos, Heitor e Pietro, antes de decidir ingressar no doutorado, mais recentemente.

Quando eu voltei do mestrado... antes de voltar, todo mundo: “ah, emenda”, tem aquela história: “emenda o mestrado com o doutorado”. Eu ainda não tinha filhos... Só que eu estava muito abalada emocionalmente e... financeiramente. [...] Então, eu falei que não. Não, não, não! Não queria, não queria! Voltamos. Quando a gente voltou, eu falei: “vou fazer doutorado, agora, só depois que eu tiver um filho”. Aí, eu demorei muito para voltar para o doutorado por isso, porque eu queria ter os meus filhos para, depois dos filhos, ingressar no doutorado (CARDOSO, 2021a, p. 181).

Em 2018, iniciou o doutorado. A escolha da pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais, na Universidade Feevale, outra vez no Rio Grande do Sul, foi resultado de seu percurso como professora. Durante quase 10 anos, sua concentração esteve nos conteúdos jornalísticos e midiáticos, então, no ingresso do doutorado, ela quis ampliar suas

perspectivas de pesquisa para além dessas análises sobre esse tipo de narrativas, como consequência de seu amadurecimento como pesquisadora.

[...] eu fui fazendo uma pesquisa no site da CAPES para saber qual tipo de doutorado eu me interessaria, porque eu já sabia que queria trabalhar com comunidades quilombolas, mas eu não sabia onde poderia encaixar isso, então, queria ver qual era o PPG (Programa de Pós-Graduação) que me daria essa possibilidade. Aí, eu vi o PPG da Feevale, e era em Processos e Manifestações Culturais. Eu falei: “pois é aqui que eu vou entrar”. Então, quando eu entrei no doutorado, o discurso foi esse que eu queria sair dessa minha zona de conforto, eu queria buscar outras possibilidades de pesquisa. Porque, na graduação, eu já tinha batido muito com meus alunos isso. “Ah, é análise de conteúdo, é análise de discurso, conteúdo, narrativa, análise, frequência...” (CARDOSO, 2021a, p. 182).

Jaqueline se mudou para o Sul do País, mais uma vez com a família, agora crescida, para viver integralmente as experiências do doutorado. Depois de concluir os créditos necessários, voltou ao Sertão do Piauí para a pesquisa de campo, em uma comunidade quilombola situada na região de Picos. Em 2022, defendeu a tese e retomou as atividades docentes na Uespi.

Ao longo da carreira, existiram vários formadores para o exercício professoral dela, os quais são conhecidos, percebidos e significados por ela mesma. Além das pós-graduações, considera as condições e circunstâncias vividas na trajetória do curso da Uespi, que se deu paralela à dela, como docente.

[...] todo o percurso docente, de certo modo, foi formador para mim e aqui eu elenco: a realidade e o contexto que a UESPI de Picos estava/está inserida e todos os limites e percalços que ali estão embutidos; a relação com os pares e com os discentes, além da minha própria história, trajetória acadêmica (CARDOSO, 2021b, p. 4).

Esse conhecimento de si sobre o que colaborou com sua formação é importante para professores, segundo Dominicé (2006). Assim, a quarta etapa da sua trajetória é a de investimentos formativos, assim como pessoais e familiares. Dessa maneira, constrói-se em torno da formação em múltiplos lugares e situações: no mestrado, no adoecimento, na maternidade e no doutorado, como circunstâncias principais que marcam a vida dela. As experiências operam uma professora humana, cuja atividade profissional tem repercussões na vida familiar, e vice-versa.

Ao olhar para essa estação de vida, do encontro com a docência à sua construção como professora, através da formação continuada, vejo, na prática, as colocações de Pacheco e Flores (1999) sobre o “tornar-se professor”, refutando a ideia, que muitas vezes prevalece no senso

comum, de “nascer para ser professor”. Ninguém nasce pronto, o professorado não é visto como um sacerdócio (“nasci para isso”) ou uma arte (“tenho o dom”), mas como um processo de constituição complexo, enérgico e dinâmico.

Não por acaso, o desenvolvimento formativo, as experiências do aprender a ensinar são caracterizados pelo seu dinamismo, transformação e permanência, na ótica dos autores citados e na vida de Jaqueline Cardoso. Pelas diversas formas e fases em que o aprendizado e o tornar-se professor constituem, em caráter formal e informal, inicial e continuado, reconhece-se a complexidade desse processo, que articula teoria e prática, a partir de um contexto ou de vários.

O contexto de Jaqueline é atravessado por questões pessoais, entre as quais se sobressai a fase de adoecimento, concomitante ao mestrado, e a opção por uma trajetória desconstruída, com uma pausa opcional para formação familiar, antes de dar seguimento aos estudos de pós-graduação.

Vale realçar a consciência da escolha de fazer uma “trajetória imperfeita” frente às cobranças sociais e acadêmicas de seguir um trajeto contínuo e ininterrupto entre mestrado e doutorado. Romper com as imposições não é tarefa fácil, mas Jaqueline teve convicção de que, em sua vida, seriam necessários investimentos no âmbito pessoal e familiar, numa vida que vai além da carreira acadêmica. Escolhas que apontam para uma formação em ritmo próprio, conforme seu tempo, necessidades e prioridades.

Assim, sua formação foi bastante singular. A esse aspecto, somam-se as características plurais de sua formação professoral, que se referem aos contextos social, institucional e às circunstâncias da própria área de atuação, a comunicação e o jornalismo, na qual está inserida nesse tempo, e em suas inter-relações com outras.

Conforme Moita (1995), ao buscarmos compreender o trajeto formativo de uma pessoa, encontraremos, naturalmente, as relações entre singularidades e pluralidades na sua vida. Por um lado, a formação é um processo único, singular, pois cada pessoa interage e partilha de um jeito. As singularidades se referem às particularidades e suas inter-relações que formam a pessoa.

Por outro lado, as pluralidades atravessam a vida, porque ninguém se forma sozinho, ninguém se forma no nada. Formar-se requer interações e partilhas no âmbito das convivências sociais. No plano plural, dão-se as relações sociais, como as de Jaqueline com seus professores. Vemos professores ajudando a formá-la professora, preocupados com seus alunos.

5ª etapa – Professora, além da instituição

“Eu sempre penso assim: “como eu vou conseguir aplicar isso com os meus alunos? Como eu vou conseguir aplicar? Como eu vou adequar?” (CARDOSO, 2021a, p. 183). Essas questões estão presentes nas práticas educativas de Jaqueline Cardoso: aplicar a formação recebida e construída no desenvolvimento de suas atividades professorais.

É avassalador ouvir de uma aluna em uma reunião com professores e administração superior que a instituição na qual você trabalha é “uma destruidora de sonhos”. Foi essa realidade que me fez perceber que tanto eu quanto os alunos precisávamos ser os protagonistas dessa formação (CARDOSO, 2021b, p. 5).

A motivação de sua formação é melhorar suas práticas para e com seus alunos. “Então, foi isso que eu fiz e que eu estou fazendo, buscando “n” possibilidades, técnicas de pesquisa, como fazer essas técnicas de pesquisa, aprendendo, conhecendo, aplicando para poder trazer para os alunos novas possibilidades de pesquisa” (CARDOSO, 2021a, p. 182).

Sem formação para a docência, a identificação com a profissão revela faltas que ela tenta preencher nas vivências práticas, mas que se mostram como dificultosas. Uma professora por experiência, como diz Moura (2014), que procura aprender com a própria prática educativa e com a de outros.

Quando eu entrei, eu senti muita falta de algumas coisas: como fazer um planejamento de aula? Como fazer uma preparação? Como avaliar? Como fazer uma avaliação? Como trabalhar algumas técnicas de aula, algumas dinâmicas de grupo, grupos de leitura, grupos de discussões? Isso aí, a gente não aprende, a gente vai aprendendo na prática... Isso, eu senti falta (CARDOSO, 2021a, p. 182).

A autoavaliação é uma constante. Embora conte com a avaliação docente feita pelos estudantes, ao final de cada semestre, ela considera necessária a autorreflexão sobre suas práticas educativas, e se pergunta: “Como é que eu estou? Como eu fui nessa aula? Como eu estou nesse texto? Como eu consegui trabalhar esse texto? O que que eu poderia trazer de melhor? Esse texto pode ser substituído?” (CARDOSO, 2021a, p. 183).

Ela percebe que é transformada nos seus processos de formação e que é uma agente transformadora na vida de seus alunos. “[...] aí a gente começa a perceber: “poxa, então, a transformação da minha trajetória é essa, é de todo dia, quando eu preparo minhas aulas, quando eu preparava minhas aulas era buscar textos que possam trazer criticidade aos alunos, sabe...” (CARDOSO, 2021a, p. 183).

Professora dedicada, suas práticas refletem preocupação com os alunos, na Universidade Estadual, em Picos-PI. Para ela, os cuidados que procura ter com os educandos são como respostas aos cuidados que teve de seus professores na graduação. Essa característica faz dela uma professora querida e amorosa.

Eu sempre sou muito de me dedicar aos meus alunos, eu sempre tenho uma preocupação muito grande com meus alunos. Então, não só dentro da instituição, porque o que acontece muito é que aluno é só aluno é só dentro da instituição, fora... [...]. Eu sei que não dá para a gente conseguir cuidar, porque eu acho que é bem essa palavra mesmo, cuidar de todos os nossos alunos, mas a gente tenta fazer o melhor (CARDOSO, 2021a, p. 183-184).

É nessa postura de professora acolhedora que Jaqueline encontra sentido nas suas práticas hoje. Mas não de agora. A busca pela formação que ela experienciou ao longo dos anos, desde que iniciou a trajetória docente, deu-se dentro dessa motivação de se construir uma professora melhor para seus alunos.

“A minha trajetória é muito bonita, eu sempre fui muito querida pelos alunos, porque eu quero é passar amor. Eu quero é passar amor, eu quero passar carinho, eu quero passar amparo, eu quero passar dedicação, eu quero passar para eles tudo o que eu recebi na minha graduação” (CARDOSO, 2021a, p. 184). Consequentemente, isso reflete nas suas práticas. Ao lembrar acontecimentos marcantes em sua trajetória como professora na Uespi, Jaqueline se emocionou:

Um outro momento que... ah, eu já vou começar a chorar... Outro momento que me marcou bastante foi quando os meninos colocaram meu nome como nome da turma.... Eu lembro e choro muito... Vou parar um pouco....

...
É porque você vê aí já o reconhecimento. E a gente... eu, pelo menos, falo: “meu Deus, faço tão pouco... a gente faz tão pouco...” que dá para fazer mais, dá para fazer mais. Eu acho que é por isso que eu estou aqui fazendo esse doutorado. A gente deixa a família de lado, deixa tudo de lado para trazer um pouco mais para os alunos... Se qualificar, não chegar lá tão imatura, tão verde, tão... tão despreparada profissionalmente. Digo isso ainda emocionada, sim... Tem momentos assim: “meu Deus do céu!...” A gente tem amor... Não é gostar! É amor! É amor pelos alunos! Eu vou parar um pouco, senão, eu não vou conseguir falar... (CARDOSO, 2021a, p. 184).

Nesses processos, Jaqueline cresceu junto com o Curso de Jornalismo da Uespi/CPBA. Ela foi uma das primeiras professoras efetivas do curso e, hoje, é a que continua em atividade por mais tempo. Assim, nessa fase, consegue dimensionar o quanto o curso a levou a buscar conhecimentos mais profundos para melhoria de suas práticas, ao tempo em que essa busca a fez colaborar com a melhoria do curso. Crescimento mútuo, considera.

Eu acho interessante porque, da mesma forma que o Curso de Jornalismo da UESPI evoluiu, eu também tive que me evoluir, eu tive que buscar. Então, o curso foi melhorando, o curso foi se qualificando [...]. Paralelo a isso, eu também tive que me formar. Então, eu acho interessante! Eu acho que meu crescimento se iguala ao crescimento do Curso de Jornalismo [...], eu acho que a minha trajetória se iguala muito com a trajetória do curso, eu cresci junto com o curso e eu acho também que o curso cresceu um pouco junto comigo também... (CARDOSO, 2021a, p. 187).

De comunicóloga com veias mercadológicas a professora com viés investigativo. A formação continuada imprimiu novo tom às suas práticas educativas, assim, desde o mestrado, a pesquisa passou a fazer parte de seu cotidiano como professora orientadora, como foi para mim, quando fui sua aluna. “Eu me dedico muito à questão da pesquisa. Então, “você quer trabalhar pesquisa comigo?”. Os alunos: “Quero”. Eu pego na mão... “então, vamos, vamos juntos!”” (CARDOSO, 2021a, p. 184).

Professora dedicada, amorosa e querida, descreve práticas educativas de afetos, esperança e amor, porque acredita na educação dessa maneira. Para Freire (2019), a atividade educativa exige esse tipo de relação presente nas falas de Jaqueline, relação de querer bem aos educandos, numa demonstração de compromisso, sem medo de manifestar também a afetividade.

Outro aspecto que caracteriza suas práticas é a autoavaliação contínua, como orienta Antunes (2014). Para saber se o estudante aprendeu, o autor coloca como sendo importante estimulá-lo no processo de autoavaliação, sob o entendimento de que esse processo deve ser contínuo, focado em objetivos claros, e de formas diferentes, a partir do entendimento de que o aprendizado se dá de forma heterogênea. Sendo assim, a avaliação deve ter como base o próprio aluno.

Essa é uma etapa em desenvolvimento na vida da professora. As influências de outros professores (TARDIF, 2014) se apresentam com muita clareza nas narrativas de Jaqueline Cardoso sobre seu percurso de vida, e chegam às suas práticas profissionais, nessa fase. Os processos formativos construíram a professora Jaqueline, que se transformou e ajuda a transformar o Curso de Jornalismo de Picos, mudanças mútuas na sua história de vida e na história do ensino piauiense.

4 HISTÓRIA E MEMÓRIA DO ENSINO PÚBLICO DE JORNALISMO NO PIAUÍ COMO NUNCA CONTADAS ANTES

De fato, a escrita histórica – ou os historiadores – permanece controlada pelas práticas das quais resulta; bem mais do que isso, ela própria é uma prática social que confere ao seu leitor um lugar bem determinado, redistribuindo os espaços das referências simbólicas e impondo, assim, uma “lição”; ela é didática e magisterial. Mas ao mesmo tempo funciona como imagem invertida; dá lugar à falta e a esconde; cria esses relatos do passado que são o equivalente dos cemitérios nas cidades; exorciza e reconhece uma presença da morte no meio dos vivos.

Michel de Certeau

Se meu lugar social e minhas práticas científicas são determinantes para aquilo que ousou afirmar como sendo algumas representações do passado sobre o ensino público de jornalismo do Piauí, o conjunto desvela a escrita de sua história e memória – o terceiro elemento da operação historiográfica de Certeau (2017). Da prática ao texto, a escrita organiza, no espaço textual, o espaço social.

Logo, a função da escrita é complementar à função prática, que começa com o lugar social. É claro que não pode ser resultado apenas do desejo pessoal, mas precisa ter relação com esse lugar, onde estamos inseridos, no meu caso, enquanto jornalista, professora e pesquisadora de história da educação.

Neste trabalho, a metodologia descrita na segunda seção e as narrativas de vida explicitadas na terceira resultam na escrita da história expressada neste capítulo, com a explanação dos aspectos que constituem o inventário da história e memória dos cursos de jornalismo, a partir das histórias de vida de professores, ferramentas para a compreensão da história da educação e do jornalismo piauiense.

Pela operação historiográfica que culmina neste texto, busco preencher lacunas sobre o tema, as quais são a motivação para a realização da pesquisa. Torno presentes aspectos passados

por relatos memorialísticos selecionados *nas* narrativas por testemunhas de seu tempo e *das* narrativas por mim, pesquisadora. Dou lugar à falta e, ao mesmo tempo, escondo a falta, pois a escrita tem estatuto de fazer a história, mas é, ao mesmo tempo, uma “imagem invertida” da realidade, o que Certeau (2017) também chama de “escrita em espelho”.

Certamente, esse autor nos presta esclarecimentos sobre a pesquisa histórica e nos oferece contribuições para a realização desse tipo de investigação hoje, ao elencar pontos que devem ser considerados, desde o processo de delimitação do *corpus* (recorte espaço-temporal) até a condução das análises, culminando com a escrita do texto.

Embora a cronologia seja um aspecto essencial ao discurso histórico no entendimento deste pesquisador, ressalto que não utilizo essa ordem como condição para expor os resultados da minha investigação. De outra forma, construo a narrativa sobre o processo de implantação e consolidação dos cursos de jornalismo das universidades públicas piauienses em diálogo com a trajetória do ensino no Brasil, na perspectiva de contextos sociais e políticos, sem seguir necessariamente uma sequência temporal como base magistral para a narrativa. Essa foi minha escolha para a organização do meu discurso historiográfico sobre o objeto.

Assim, ressalto que ao fazer uso das ideias de Certeau (2017) sobre a operação, naquilo que considero pertinente, e ao realçar os pontos de divergência entre o que ele defende e o que eu faço neste trabalho, procuro ser honesta com meu leitor. Não considero descartar tamanhas contribuições, por não subscrever alguns aspectos, como o do “morto”, ou por escolher não trabalhar com outros, como a cronologia. Prefiro deixar claro que conheço a visão dele, mas faço minhas escolhas conscientes. Opto por usar determinado assunto e declinar-me de outros, pelos motivos expostos. Isso é resultado do meu lugar social e de minhas práticas, que criam relatos sobre o passado.

Desse modo, apoio-me também em outros autores do campo da história para construir essa escrita. Sou testemunha ocular de meu tempo, então, parte do que escrevo reflete meu olhar sobre as vivências das quais participo ou participei, bem como das que conheço ou conheci através de outras pessoas. Olhar presentificado, subjetivo, seletivo, enquadrado, como todo vestígio de memória o é, mas que, nem por isso, deixa de ter validade para a historiografia.

Para essa construção, faço inferências sobre o que Burke (2004) entende por “testemunha ocular”, ou seja, aquele que presenciou e/ou registrou um tempo. Ao entender que a ênfase do autor se volta ao método para o uso de imagens como fontes na investigação histórica, metaforizo a ambivalência do testemunho mútuo.

Então, como fonte testemunhal do assunto estudado, relaciono minhas memórias às de outros, pelo cruzamento de relatos orais (THOMPSON, 2002), de meu olhar com o de outras

pessoas, usando fotografias como recortes de um tempo e lugar (BURKE, 2004) e documentos escritos (estes, geralmente, de caráter institucional). Nesse processo, reconheço que não há pureza ou realismo pleno em nenhum desses documentos, pois não é possível retratar a realidade, mas reconstruí-la.

Usar documentos cruzados com testemunhos orais para promover reflexões sobre a educação é um exercício comum na pesquisa em história, uma vez que nos ajuda a compreender práticas educativas. Além dos autores mencionados, concordam com tal proposição o pesquisador desse campo, Ferreira e Mota (2012). Segundo eles, se por um lado, os testemunhos orais nos ajudam a problematizar as fontes documentais, por outro, trazem pistas materiais, culturais, como também pedagógicas.

Assim, é importante ver nesses documentos e na oralidade possibilidades investigativas. “[...] os materiais e os documentos não são a história e muito menos são a ação, mas são eles que podem ajudar a mediar o tempo e a segurar informação tão necessária à compreensão complexa da realidade educacional e da cultura escolar” (FERREIRA; MOTA, 2012, p. 436). De modo complementar, documentos e testemunhos nos ajudam a reduzir, então, as falhas da construção histórica.

Todavia, preciso advertir o leitor de que esta narrativa é apenas uma perspectiva sobre a história e memória do objeto em questão, até mesmo porque, o que chegou a mim, no presente, foi apenas um recorte daquilo que foi gestado há uma distância de quase 40 anos. Os próprios colaboradores da pesquisa, ao lembrarem de determinados momentos marcantes para eles na história dos cursos, seja na condição de estudantes e/ou de professores, esquecem outros, afinal, a memória é seletiva.

Faço essa observação seguindo a orientação de Burke (1992) sobre a necessidade de esclarecer acerca da não-confiabilidade da história. Não sou, nem eles são, detentores da história, mas podemos ser alguns dos narradores dela. Por isso, nunca se tratará de “a história”, mas de uma interpretação sobre.

O campo é largo e o objeto, denso, com muitas possibilidades de investigação. Meu recorte propõe pensar os cursos de jornalismo desde 1984, quando o primeiro foi iniciado, até os dias atuais, começando da segunda década dos anos 2000. Estou ciente de que outros relatos e registros virão, com possibilidades múltiplas de enriquecer a narrativa histórica da comunicação profissional e acadêmica no Piauí.

Trago, portanto, representações que ajudam a refletir sobre o passado reconstituído no presente, certa de que o esquecimento faz parte da memória, como pondera Ricouer (2007). É

impossível lembrar de tudo. O presente, quando passado, não pode ser revivido, então, o que acessamos são rastros que nos ajudam a representá-lo. A memória não é confiável.

Ao me colocar frente aos indícios reunidos para a historização da educação em jornalismo, questiono: que mensagens essas representações oralísticas, iconográficas ou textuais nos passam? Que vestígios de memórias nos trazem? Ou, que esquecimentos e não ditos podem estar associados ao que foi lembrado?

Acerca desta relação temporal na pesquisa em história, de olhar o passado com lentes do presente e com vistas a contribuir com o futuro, Félix (1998) denota o sentido e a problemática da pesquisa em história e memória. Segundo ela, a consciência histórica nos conduz a certa segurança no presente.

Da mesma forma, o esquecimento do passado conduz à desorientação em relação ao futuro, com consequências, muitas vezes, condenatórias sobre o que vivemos hoje. “A força mobilizadora da história não é apenas o futuro; é o passado também, na medida em que, cumprindo o trajeto de volta à origem, empurra para frente e não para trás” (FÉLIX, 1998, p. 33).

Embora muitos pesquisadores do campo da história, como Félix (1998), considerem o papel dos estudos em história para o nosso tempo, ocorre, por vezes, certa desvalorização da investigação sobre o passado. Pelos estudos da história, compreendemos sociedades em temporalidades.

Na percepção de Souza (2000), nossa sociedade e nossa educação valorizam mais o futuro, em prejuízo do passado. Centrados na perspectiva de “escola do futuro”, desprezamos histórias de vida de pessoas, memórias sobre instituições educativas, regimes temporais que explicam nossa educação.

Ao desconsiderarmos vestígios de nosso passado, perdemos de vista a compreensão de quem somos hoje, gerando uma espécie de cegueira sobre o que fomos para sermos. A história nos ajuda a encontrar respostas a muitos questionamentos que temos, esse é seu dever. Assim, reconhecer as transformações culturais, sociais e educacionais passa pelo processo de interpretação e significação de nós mesmos.

O interesse e a ação no sentido de implantar o primeiro Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Piauí, na década de 1980, refletem o contexto da sociedade daquele momento: desenvolvimento da comunicação midiática e da educação, com a consolidação da nossa primeira universidade pública, a UFPI, e o seu crescimento.

Semelhantemente, a criação de mais dois cursos públicos; posteriormente, transparece a situação vivenciada no nosso estado, na virada de século. Além das circunstâncias

relacionadas à comunicação, que se alargou com mais força, no final do século XX, para além da capital, tendo como consequência o aumento da busca por formação na área, ao ponto de a UFPI não atender à demanda, temos a expansão da educação piauiense, especificamente frente às necessidades da sociedade local, que levam a Uespi ao seu crescimento vertiginoso.

É assim que a história dos cursos nessas instituições corresponde à história do ensino de comunicação no Piauí e, portanto, da educação piauiense e brasileira, ao mesmo tempo em que também se relaciona à história da comunicação e do jornalismo regional e nacional. Como espelho reconstruído da sociedade, reforço a importância da análise histórica e memorialística por cruzamentos múltiplos e diversos pontos de vista.

Nos estudos de história da educação, também tenho Ferro (2010) como referência. A pesquisadora considera que as memórias constroem ecos e, relacionadas ao ambiente educacional formal, e aqui foco no universitário, transparecem características da sociedade de então. Assim, trabalhar com a pesquisa em história é perceber que vários caminhos podem ser percorridos.

Tanto a educação quanto a comunicação podem ser investigadas em suas características de dinamicidade no tempo, porque ambas são construídas historicamente. Pelo conjunto de oportunidades de estudo em história, a história da educação se renova na variedade de objetos, como também a história do jornalismo em planos e ângulos que se arrobustam na história cultural.

As mudanças educacionais são mudanças sociais, e transformações sociais implicam em mutações educacionais. Há uma relação de codependência entre educação e sociedade, como pondera Freire (2016). A educação se constrói na sociedade, sendo que uma direciona, justifica, sustenta e transforma a outra. Acerca disso, qualquer interpretação sobre a educação tem de ser necessariamente realizada frente às relações sociais contextuais.

Por isso, a importância dos estudos em história, que é social e cultural. Pensando desta forma, procuro relacionar a história dos cursos de jornalismo ao processo de consolidação no restante do Brasil, bem como ao próprio desenvolvimento do jornalismo e da sociedade piauiense, sabendo que esta implica naquele.

Assim, vale a pena retomar alguns aspectos da história do jornalismo piauiense para compreensão daquilo que culminou com a implantação do primeiro curso superior na área. Para essa caracterização, tomo por base uma das primeiras obras, e hoje entre as mais clássicas, de Pinheiro Filho (1972). Além desse autor, levo em conta as contribuições de Said (2001), Rêgo (2001) e de outros pesquisadores vinculados ao Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e

Comunicação (NUJOC)¹⁸, da Universidade Federal do Piauí, coordenado por esta pesquisadora.

Para começar, destaco que o início do jornalismo piauiense se deu em 1832, na então capital, Oeiras, com a publicação de O Piauiense, de caráter governamental (PINHEIRO FILHO, 1972; RÊGO, 2001; SAID, 2001). Não diferentemente de um dos primeiros jornais brasileiros, Gazeta do Rio de Janeiro, criado 24 anos antes, com a liberação da imprensa na Colônia, por iniciativa oficial da Coroa portuguesa, em 1808, como retrata Sodré (2011), em uma das mais conhecidas pesquisas sobre a história da imprensa no Brasil.

E este tom oficial não é característico apenas do primeiro jornal, mas prevalece nos modos de fazer jornalismo do século XIX, no Piauí. Tínhamos poucos jornais, e a razão disso era o controle político à sociedade piauiense, além do fato de ser um veículo de comunicação dispendioso, desde a produção à impressão e circulação. Imagine à época! Não era fácil fazer e manter um jornal. Para Said (2001), essa postura de vinculação à política e ao poder pode ser vista como uma forma de buscar sua legitimação nesse meio.

Na fase de legitimação do jornalismo como atividade, o Piauí viveu mudanças sociais que foram além das práticas de comunicação. Como tudo está imbrincado, é preciso entender esse universo situacional. Ferro (1996) ressalta que, na transição do período imperial para o período republicano, a conjuntura era de mudanças sociais, e, assim como o jornalismo, a educação também sofria influência política, desde a contratação até a atuação dos professores, com relatos de perseguição e tentativa de controle.

Com a instituição da República, nos anos que se seguiram, as transformações sociais continuaram e se alargaram. Entre os marcos, a referida autora pontua crescimento populacional, mudanças na economia, popularização do cinema e do teatro na capital, movimentação literária, com a fundação da Academia Piauiense de Letras (APL), e jornalística, com o crescimento da circulação de impressos.

Consequentemente, outra característica atrelada ao jornalismo, nessa fase, foi o caráter literário, além do político, a qual é evidenciada por Pinheiro Filho (1972), Said (2001) e Rêgo (2001). Surgiram, assim, os primeiros impressos de literatura no Piauí. Isso se deve ao fato de, atrelado ao fluxo do crescimento e organização no campo da literatura, termos intelectuais e escritores atuando nas atividades jornalísticas, além, é claro, de profissionais de outras áreas.

¹⁸ O NUJOC, do qual faço parte desde o mestrado, 2014, tem investido em pesquisas no campo da história e memória do jornalismo no Piauí, desde que foi criado, em 2004. Entre os projetos desenvolvidos, destaco o Projeto Memória do Jornalismo Piauiense, pela importância do trabalho de digitalização para acessibilidade do acervo de jornais do Arquivo Público do Piauí, através da plataforma <http://memoriadojornalismopi.com.br>. Tal acervo é constantemente utilizado por pesquisadores de diferentes áreas do saber.

Assim como no Piauí, em todo o Brasil as atividades jornalísticas foram desenvolvidas por profissionais de outras áreas, como advogados, médicos, escritores, professores e padres. Esse aspecto do quadro de pessoal engendra uma realidade no nosso jornalismo a longo prazo: o retardamento do processo de profissionalização da área. Para se fazer jornalismo, bastava afinidade, associando a atividade a uma ideia de vocação para a comunicação escrita ou falada.

Somente no início do século XX houve uma movimentação no sentido de organizar a profissão de jornalista e instituir a formação, culminando com os cursos de jornalismo da Fundação Cásper Líbero e da Universidade do Brasil, em São Paulo e no Rio de Janeiro, respectivamente, no final dos anos 1940, no período de redemocratização, após o Estado Novo. Esse registro é feito por Melo (2006, 2007) em suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento dos cursos de jornalismo no País, e por Lopes (2013b), em pesquisa sobre a identidade profissional de jornalistas.

Nacionalmente, a atuação política da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), especialmente na década de 1930, foi importante para desencadear esse processo de profissionalização do jornalismo e de criação de cursos de formação superior, como apontam Melo (2006) e Lopes (2013b). Para esta pesquisadora, a atuação de organizações como a ABI e os sindicatos, no trabalho para a criação de cursos universitários em jornalismo no País, é explicada pelo crescimento do movimento sindical durante o governo de Getúlio Vargas.

Localmente, iniciativas nesse sentido também ocorreram. Com base em Said (2001), realço: 1) a criação da Associação Piauiense de Imprensa, em 1934; 2) a criação da Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí; 3) mais tarde, em 1959, a transformação desta última no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Piauí (SINDJOR-PI).

Vale refletir sobre o papel dessas organizações no sentido de impulsionar as discussões e integrar os movimentos para o fortalecimento da categoria no Brasil, também no Piauí. O SINDJOR-PI foi um importante agente nas reivindicações que levaram à oferta de cursos para jornalistas na Universidade Federal, mais tarde.

Então, nesse período, no Piauí, já se notava que o jornalismo tinha se consolidado como atividade, mas ainda buscava alavancar o processo de profissionalização, seguindo as mesmas tendências nacionais quanto à legitimação da classe. Assim, a essas tendências de profissionalização do jornalismo piauiense destacadas por Said (2001), acrescento, a partir de minha investigação, que outras foram importantes para a solidificação desse processo: 4) a criação do primeiro curso de extensão em jornalismo, pela UFPI, em 1979; 5) a criação do primeiro curso de graduação em Comunicação Social, em 1984, também pela UFPI.

Quando da organização como categoria profissional, o jornalismo piauiense vivenciou uma nova fase: a sua popularização. Como baliza Said (2001), o jornalismo no Piauí nasceu elitizado, vinculado aos grupos de poder político, econômico e social, e permaneceu assim até a chegada do rádio, primeiro em Parnaíba, em 1934, e sua expansão por todo o estado, nas décadas seguintes.

Por certo, a difusão do novo meio de comunicação implicou também em novas práticas no setor de jornais impressos, já estabelecido. O rádio cresceu e obrigou a imprensa piauiense a se redesenhar, desde a produção às questões gráficas e editoriais. Ocorreu um crescimento vertiginoso da comunicação piauiense.

Na sucessão ao período em que o Brasil experimentou a “fase de ouro” do rádio, seguida da televisão, a profissão de jornalista foi regulamentada pelo Decreto Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969 (BRASIL, 1969), marcando uma nova fase de organização do jornalismo como profissão. É válido destacar que a regulação profissional e a exigência do diploma para o exercício partiram de governos ditatoriais, como uma forma, entre tantas outras, de controle sobre a comunicação midiática, uma vez que a censura estava estabelecida.

Em palestra recente sobre o assunto, Barbosa (2021) realçou essa dimensão de vigilância, evocando lembranças de suas vivências nesse período. Segundo ela, aos estudantes e profissionais de batente era requerido um título de “jornalistas provisionados”, expedido pelos governos, sem o qual não poderiam trabalhar. Todos os profissionais precisavam solicitar, do Ministério do Trabalho, autorização para atuarem.

Foi assim que a formação por uma instituição de ensino superior foi posta como norma para atestar a qualidade profissional, no contexto ditatorial brasileiro. A partir de então, houve crescimento acentuado dos cursos pelo País, com facilidade de expansão vertiginosa das faculdades de comunicação no Brasil. Segundo Melo (2007), se na década de 1960, o número de cursos crescera em três vezes, após a regulamentação, então, a expansão se exacerbou, especialmente no âmbito privado e na região Sudeste.

Na região Nordeste, essa fase marcou a criação de cursos para formação de jornalistas nas universidades federais. Até então, só contávamos com dois cursos públicos: um na Universidade Federal da Bahia (UFBA), desde 1950, e outro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), desde 1962. Até o final da ditadura militar brasileira, oito dos nove estados nordestinos passaram a ofertar o bacharelado, incluindo o Piauí¹⁹.

¹⁹ Faço essa reflexão a partir de um levantamento dos cursos nas Universidades Federais nordestinas, que eu mesma fiz, verificando cada *site* institucional, percorrendo o histórico do Curso de Jornalismo para levantar a data de sua implantação e relacionar ao estudo aqui feito.

Contudo, em termos de qualidade, o ensino de jornalismo e a formação profissional em nível superior, durante esse período, tornaram-se questionáveis, como lembra Melo (2006, p. 35): “[...] nos sombrios anos 1970, o curso de jornalismo foi reduzido a mera habilitação ocupacional, compulsoriamente agregada ao ‘megacurso’ de ‘comunicação social’, operou-se uma relação conflituosa entre teoria e prática”.

Em panorama histórico, as conjunturas impactam o ensino ao longo do tempo, pois o campo do jornalismo é carregado de tensões, que se refletem na formação. Os primeiros cursos brasileiros surgiram na área privada, mas, com o tempo, migraram para a pública. Durante os governos civis-militares, foram transformados, de modo a formar, então, comunicadores sociais, e não mais jornalistas, de fato, uma estratégia de controle em um período em que muitos jornalistas atuantes conviveram com pressões, censura e retaliações.

O jornalismo é um campo de disputas de poder, por sua dimensão política. Bourdieu (2004, p. 54) se refere a “[...] campo como espaço de conflitos, como campo de ação socialmente construído em que os agentes dotados de diferentes recursos se defrontam para conservar ou transformar relações de força vigentes”. Como o campo político atravessa o cultural, e é no campo cultural que se encontra o jornalismo, os conflitos são indissociáveis à profissão e à formação.

Porque a educação é social, as práticas educativas nos cursos de jornalismo refletem as tensões que o próprio campo carrega. O jornalismo se define pelas lutas de forças, a cada momento. É importante ressaltar essa característica para que fique evidente meu lugar de fala, assim como dos narradores que me ajudam a investigar a história no Piauí.

Inspirado nas ideias de Freire, Melo (2008c) chama de “Pedagogia da Comunicação” a cátedra que trata do processo educativo para formar profissionais. De forma interdisciplinar, inclui formação docente para atuação nas universidades, em disciplinas. Para ele, mesmo no início do século XXI, havia a tendência de expansão em detrimento da qualidade do ensino de comunicação.

Esse momento da história dos cursos de comunicação é chamado por Melo (2008c) de primeiro *boom* do ensino de comunicação, ocorrido durante o regime militar brasileiro. O segundo *boom* se deu no período de legitimação do campo como área acadêmica, no final do século XX, ao tempo em que ocorreu crescimento nas atividades de comunicação, no âmbito das universidades do País.

O jornalismo do Piauí experimentou crescimento exponencial a partir da década de 1970. No período em que o País teve a profissão de jornalista regulamentada, e o diploma se tornou exigência legal para a atividade, as redações piauienses contavam com poucos jornalistas

com formação, a maioria era autodidata, sendo esse um reflexo do cenário estadual, uma vez que não tínhamos curso algum dedicado a formar esses profissionais. Somente os estados vizinhos nordestinos ofertavam-no em suas universidades federais, à exceção do Maranhão²⁰.

A situação contextual foi registrada por Said (2001), como também por Mendes (2014), enquanto pesquisador e testemunha ocular, em estudo realizado sobre a origem do ensino de comunicação no Piauí. Segundo ele, o Piauí experimentou, na década de 1970, um período de efervescência do jornalismo, com o surgimento de outros veículos midiáticos, como a primeira televisão, a TV e Rádio Clube, além do desenvolvimento da comunicação governamental, com a criação da Secretaria de Comunicação do Estado.

Nesse cenário, houve um impulso no sentido da criação do primeiro Curso de Comunicação, imprescindível para o desenvolvimento do ensino superior de jornalismo. Conforme registra Mendes (2014), a UFPI, como primeira universidade pública do Piauí, foi instigada pelo Sindicato dos Jornalistas do Piauí (SINDJOR-PI), a oferecer um curso de extensão, no final da década de 1970, em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), marcando a história como o predecessor da graduação em Comunicação Social.

Daí, até o surgimento do curso de nível superior, na mesma universidade, foram poucos anos. Em 1983, a UFPI autorizou o Curso de Comunicação Social (UFPI, 1983b), e, em 1984, efetivamente pôs em funcionamento, recebendo duas turmas de 20 alunos, uma em cada semestre daquele ano.

Na década de 1990 e início dos anos 2000, o desenvolvimento tecnológico conduziu a mudanças sociais que reconfiguraram os modos de fazer do nosso jornalismo em muitos sentidos. A modernização dos meios de comunicação piauienses, com a necessária informatização das redações, e, em seguida, o surgimento e rápido crescimento do jornalismo *on-line* criaram a necessidade de expandir também o ensino nessas áreas.

Assim, surgiram mais cursos de graduação em Comunicação Social, em instituições privadas e pública. A Universidade Estadual do Piauí o ofertou em Teresina, em 2001, e em Picos, no ano de 2002 (UESPI, 2001). Percebo, então, as intersecções com o cenário do País. Veja que assim foram gerados os Cursos de Comunicação Social no Piauí: na Universidade Federal, no contexto do regime militar brasileiro, depois da regulamentação da profissão e do primeiro *boom* do ensino de comunicação no Brasil; e na Universidade Estadual do Piauí, no fôlego do segundo *boom* nacional.

²⁰ O Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão é o caçula das UFs nordestinas, tendo nascido em 2005. O curso da UFPI é o segundo mais jovem do Nordeste.

Ao longo do tempo, foram visíveis diversas tentativas de controlar a qualidade dos cursos de comunicação em âmbito geral, com normatizações curriculares, exigência de formação e capacitação do corpo docente, com mestrado e doutorado. De forma generalista, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), que remete à formação em nível de pós-graduação orientada aos docentes que atuam em nível superior, independentemente do campo, foi um marco, mas além disso, congressos, associações e publicações com revisões críticas acerca do assunto.

Desse modo, as práticas presentes nos cursos de jornalismo do Brasil procuraram melhor estruturá-los, a partir da exigência de nova sistematização do ensino. Em 2009, houve a desobrigação do diploma para exercício da profissão, uma decisão do Supremo Tribunal Federal (BRASIL, 2009).

A justificativa abordada foi de que a formação em nível superior se constitui uma “reserva no mercado”, ferindo a democracia e o livre exercício da comunicação e do jornalismo. Portanto, o mercado profissional, até hoje, encontra-se desobrigado de contratar jornalistas com formação, o que também pode ser visto como um tensionamento que incide sobre a prática profissional e sobre o campo acadêmico.

Nessa conjuntura, desde a década de 1960, quando da primeira expansão do ensino de jornalismo, constatou-se a necessidade de organizar os cursos a partir dos currículos e de práticas que precisam ser priorizadas na formação do profissional. Os cursos de jornalismo passaram a ser mais observados e novas regras foram postas como direcionamento a esses bacharelados em todo o País.

Lopes (2013a) realça a determinação governamental, em 1961, de implantação do currículo mínimo aos cursos superiores ofertados no Brasil. Delineado pelo Ministério da Educação em 1962, o currículo mínimo de jornalismo estabeleceu as disciplinas obrigatórias, entre outras regras, como a duração de três anos, como aponta a autora.

Outros currículos mínimos foram estabelecidos durante o regime ditatorial, como registra Lopes (2013a): em 1966, ampliando a carga horária distribuída em quatro anos; em 1969, ano da regulamentação profissional, o jornalismo se torna habilitação, com a criação do Curso de Comunicação Social com diferentes habilitações; em 1977; em 1978; e em 1984, o último currículo mínimo.

Em 2001, tivemos a implantação das primeiras diretrizes curriculares (BRASIL, 2001), depois de extintos os currículos mínimos; e em 2013, as mais atuais (BRASIL, 2013), transformando os cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo em cursos de

Jornalismo. As diretrizes orientam os cursos, mas propõem liberdade para que cada um delimite seu projeto com base na realidade social da sua região.

Com a aprovação do Parecer CNE/CES nº 39, de 20 de fevereiro de 2013, e da Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013 (BRASIL, 2013), os cursos do campo da comunicação passaram por reformulações e readequações, principalmente no que se refere à contextualização local e às novas necessidades de prática no processo de formação profissional, fazendo com que esta esteja cada vez mais próxima da realidade social.

A partir dessas orientações mais recentes, o jornalismo ganhou novo *status* na comunicação. De disciplina a campo. Então, a graduação deixou de ser “Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo” e passou a ser exclusivamente Jornalismo, respondendo diretamente à profissão, e não somente ao grande campo em que ela está situada. Dessa forma, todos os cursos, no Brasil, tiveram que adaptar seus Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) para atender a tais obrigações.

Diante da aprovação das novas diretrizes pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), a estrutura dos cursos de jornalismo foi modificada para atender aos seis eixos de formação: eixo de fundamentação humanística, de fundamentação específica, de fundamentação contextual, de formação profissional, de aplicação processual e de prática laboratorial (BRASIL, 2013).

No Piauí, o Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFPI ainda está em processo de implantação do novo currículo, de modo a atender a esse ensejo. Na Uespi, as consequentes mudanças exigidas direcionadas por esse parecer ocorreram em 2016, em Teresina (UESPI, 2016), e em 2015, em Picos (UESPI, 2015).

Desde então, os cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas da Uespi se tornaram somente Jornalismo; Relações Públicas foi extinto. Talvez isso indique que a primeira área – jornalismo – se fortaleceu e alcançou seu lugar reconhecido no mercado comunicacional e na academia, enquanto Relações Públicas ficou em desvantagem, lamentavelmente.

Essas mudanças curriculares acompanham o quadro de evolução social, em que o cenário comunicacional passa por mudanças transformadoras, principalmente no que se refere à convergência midiática, mas também reverberam o cenário político, uma vez que as diretrizes resultaram de iniciativas de governos mais alinhados à esquerda, a pedido de segmentos sociais, para que os cursos formassem profissionais das áreas específicas da comunicação.

A atual educação em jornalismo exige das universidades, de nós, professores, e dos estudantes, novos métodos, que aliem teoria e prática, levando em consideração as articulações

interdisciplinares. E para entender o ensino no tempo presente, é mais que necessário articular às construções temporais.

Diante desse contexto nacional e relacionando-o ao estadual, foco de minha análise, é evidente que o diagnóstico de carências, precariedades e imprevistos nos cursos de comunicação social é característico nas trajetórias das universidades públicas piauienses, como foi também em outras instituições de ensino brasileiras.

Em uma visão de conjunto, percebo que o enfrentamento das condições degradantes e as reivindicações por políticas e investimentos em educação e pesquisa são corriqueiras na história das universidades brasileiras em geral, no que tange ao modelo público prevalecente, com a presença do Estado. Não diferente nas duas instituições piauienses apontadas neste trabalho, a Federal e a Estadual.

Os primeiros cursos superiores do Brasil foram criados por iniciativas governamentais, ainda no século XIX, por D. João VI, à época da Colônia. Como relata Saviani (2010), desse período até o final da década de 80 do século XX, passando pelo Império e República, predominou esse modelo em que o Estado prevalece, embora algumas mudanças tenham sido evidenciadas, como o surgimento de iniciativas particulares desde o final do Império.

Nesse contexto, muitos movimentos germinaram na história do ensino superior brasileiro, entre os quais, vale ressaltar os que aconteceram durante a ditadura militar brasileira, a partir de 1964, pressionando por reforma nas universidades. Isso provocou mudanças forçadas por dois sentidos, segundo Saviani (2010): autonomia às IES, mais investimentos financeiros e mais vagas, de um lado; ensino superior como meio de modernização mercadológica, de outro.

Foi nesse período que nasceu a Universidade Federal do Piauí, em 1971 (BRASIL, 1968), e, posteriormente, o primeiro Curso de Comunicação Social nesse estado, em 1984 (UFPI, 1983b). Também em 1984, a Universidade Estadual do Piauí dava seus primeiros passos, através da Fadep (FEITOSA, 2006) como instituição mantida pelo Governo do Estado.

Obviamente, cada uma surgiu sob circunstâncias e formatação diferentes, mas ambas reúnem aspectos históricos de organização que se assemelham. A autonomia das federais foi por muito tempo requerida, e assegurada na Constituição de 1988; a da Uespi foi conquistada no mesmo período da expansão, mas somente administrativa, a autonomia financeira ainda hoje é postulada, e não adquirida.

A partir dos anos de 1990, o modelo de organização do ensino superior brasileiro passou por muitas modificações. Houve o crescimento de iniciativas privadas mantidas pela sociedade civil; por outro lado, o governo conteve a expansão das IES públicas, conforme indica Saviani (2010). A privatização da educação superior e a redução dos recursos destinados às

universidades públicas fazem parte da história da educação no Brasil, com impactos ao ensino e à pesquisa, sobretudo na contemporaneidade.

Diante disso, os processos de consolidação da comunicação e do jornalismo nos espaços universitários foram tardios e cheios de impasses. Assim, a organização do jornalismo como campo profissional e acadêmico se deu no século XX, em cenário nacional, momento em que, em contexto estadual, ocorria a semeadura nesse mesmo sentido. Mas, por aqui, o robustecimento aconteceu realmente no início do século XXI.

Para entender esse desenvolvimento gradativo e as características dessa ordem, convido você a fazer o percurso do ensino de comunicação do Piauí, a partir das trajetórias de cada um de nossos cursos em instituições públicas, a começar pelo veterano, da Universidade Federal, até chegar aos caçulas, da Universidade Estadual, sem perder de vista os braços que se abrem para abraçar o histórico da educação nacional.

4.1 Universidade Federal oferece primeiro curso superior de jornalismo do Piauí

Comunicação e educação para formar jornalistas com perfil educativo. Essa era a proposta do primeiro curso de graduação em Comunicação Social – Jornalismo, do Piauí, quando criado pela Universidade Federal do Piauí (fotografia 44), na década de 1980. Precisamente, em novembro de 1983, o reitor João Ribeiro de Oliveira Souza fundou a Coordenação de Comunicação Social (UFPI, 1983a) e autorizou o funcionamento do curso (UFPI, 1983b), com abertura de 40 vagas no vestibular para ingresso em 1984.

A idealizadora, professora fundadora e primeira coordenadora, foi Walda Neiva de Moura Santos Leite. Inspirada nas inclinações do pesquisador Bordenave²¹, embasou o projeto do curso nessas vertentes acerca da comunicação rural e da cidadania. A tendência para a educação e para a comunicação do campo marca, então, a primeira fase do Curso de Comunicação Social da UFPI.

Fotografia 44 – UFPI, Campus Ministro Petrônio Portela, em Teresina

²¹ O paraguaio Díaz Bordenave é considerado um dos principais pesquisadores da comunicação, na América Latina, do século XX. Com formação em Agronomia, mestrado em Jornalismo Agrícola e doutorado em Comunicação, suas contribuições refletem esses encontros e se voltam à comunicação, à educação e à cidadania (REZENDE, 1996). Um de seus trabalhos mais conhecidos e utilizados por jornalistas em formação é *O que é comunicação* (DÍAZ BORDENAVE, 2005), da Coleção Primeiros Passos. Foi nesse sentido que influenciou as tendências curriculares do primeiro projeto pedagógico de Comunicação Social da UFPI, e a instalação do curso no Centro de Ciências da Educação (CCE).



Fonte: UFPI (2021).

Por meio de memórias orais, os professores Francisco Laerte Juvêncio Magalhães (2020, 2021) e Eliezer Castiel Menda (2020) retomam essa característica inicial. Formado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Laerte Magalhães integrou o quadro docente da UFPI em 1986, e permaneceu por 34 anos na graduação, quando da sua aposentadoria, em 2020. Já Eliezer Castiel Menda vivenciou essa fase inicial como estudante, entre 1986 e 1990, e posteriormente ingressou como professor, em 1992, seguindo aos dias atuais.

O que eu sei é que o curso foi implantado em 1984, sob a gestão do reitor João Ribeiro. O curso foi criado pela professora Walda Neiva, do CCE, com o objetivo de formar um profissional que seria chamado, no currículo que foi aprovado, como... eu tenho dúvidas se é educador comunicativo popular ou se é comunicador educativo popular, mas é uma figura que tem a ver com educação, e não com a formação de jornalista. E essa proposta de currículo era fundamentada por uma tese do professor e pesquisador Ruan Díaz Bordenave, que é uruguaio (sic), e que havia publicado um livro com essa proposição. Então, a professora Walda simpatizou com a tese do Bordenave e resolveu elaborar um projeto nesse sentido. E o projeto dela foi aprovado (MAGALHÃES, 2020, p. 61).

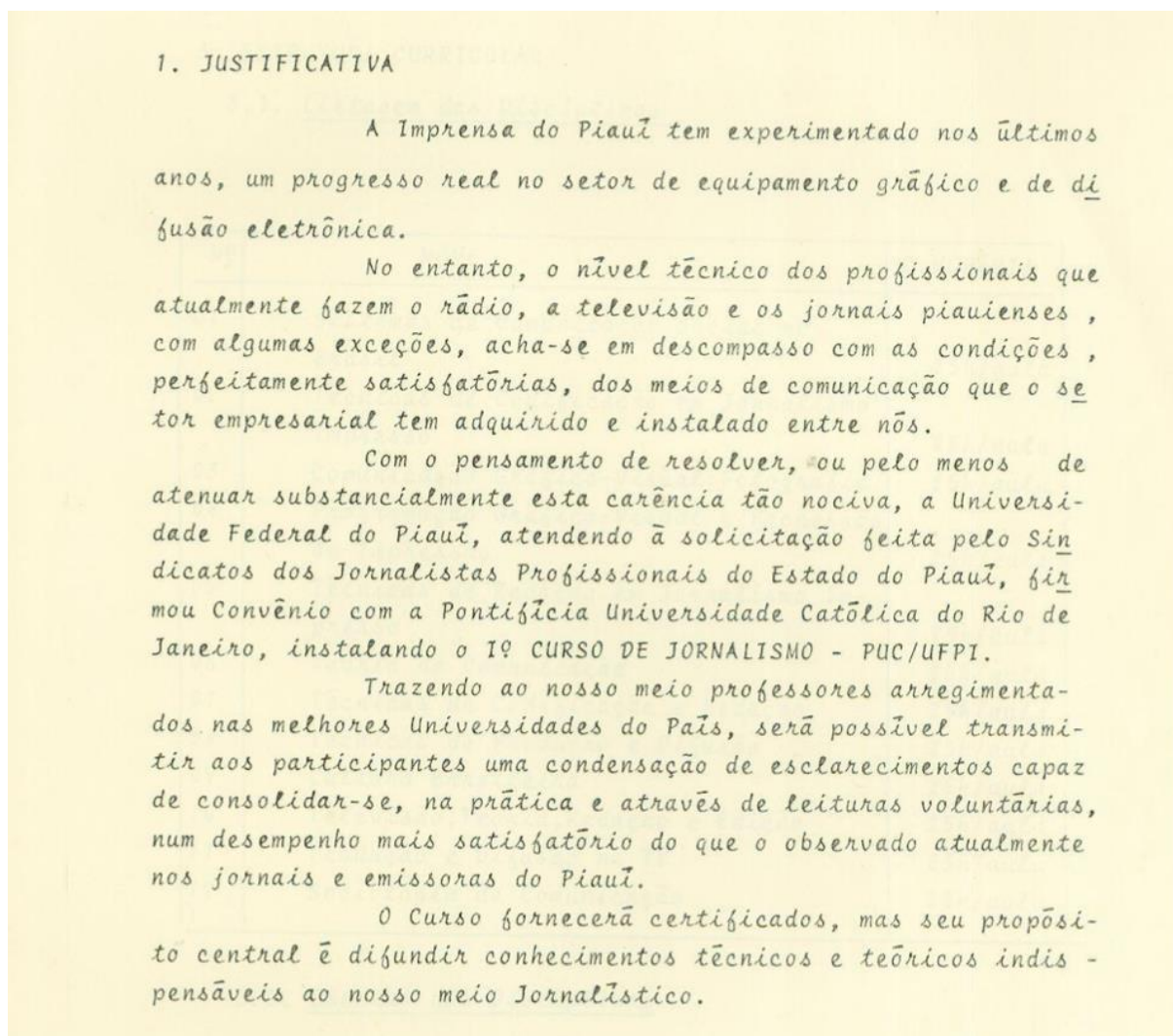
Nessa época, estava por aqui um catedrático da Unesco, chamado Ruan Díaz Bordenave. Ele veio para junto ao (acho que) Projeto Piauí e Programa de Desenvolvimento Rural. Ele esboçou grande parte do projeto pedagógico do curso, junto com a professora Walda Neiva. Nesse escopo da grade curricular do projeto pedagógico, o curso era voltado para formar comunicadores e extensionistas rurais, ou seja, não era um jornalista para redação de jornal necessariamente, ele poderia tanto trabalhar nas redações de jornais na capital como também na extensão rural no interior, no sentido da comunicação mais voltada para o campo, para os trabalhadores do campo. Então, tinha disciplinas, como Sociologia Rural, Psicologia Social, Redação, Produção e Edição em Pequenos Meios, que era a produção de cartilhas, produção de cartazes. Abrangia todo esse contexto da comunicação mais voltada para o campo, até mesmo porque era um projeto que era desenvolvido mais nas comunidades rurais. Precisava-se de profissionais que lidassem com mais competência no campo da comunicação. Esse primeiro currículo tinha todo o perfil do jornalista, além da profissão jornalista, ele também tinha que ter essa outra preocupação como um comunicador popular, comunicador rural, comunicador extensionista rural. Inclusive, grande parte dos estágios que, na época, a gente tinha, era no antigo PDR e em algumas áreas de programas de extensão, da pró-reitora de extensão, e por aí vai... (MENDA, 2020, p. 30-31).

O projeto de formar comunicadores educativos populares foi modificado antes mesmo de a primeira turma se formar. Em 1988, a professora Lavina Madeira presidiu a comissão que mudou o projeto curricular e, com isso, o perfil do egresso. Assim, apesar de os ingressos de 1984 a 1987 terem iniciado o curso dentro dessa proposta de comunicação educativa, tornaram-se jornalistas diplomados já com outro perfil previsto no segundo currículo, o de jornalistas bacharéis com perspectiva que atendia mais precisamente ao mercado de trabalho urbano. Passava-se, assim, a um novo tempo na comunicação social no Piauí.

Àquela época, o jornalismo piauiense vivenciava sua expansão. Aliás, desde a década de 1970. Em termos nacionais, a profissão havia sido regulamentada (BRASIL, 1969, 1979). Em soma, o cenário de crescimento da comunicação e do jornalismo no Piauí e a exigência da formação em nível superior para o exercício profissional em todo o País levou a categoria a se organizar, iniciando o processo de profissionalização nesse estado, semelhante ao que acontecia na nação.

Diante dessas demandas externas e por solicitação da categoria, por meio do Sindicato de Jornalistas do Piauí, a Fundação Universidade Federal do Piauí e a Pontifícia Universidade Católica (1979) organizaram um curso de extensão em jornalismo, de cinco meses, voltado aos profissionais da época. O projeto foi justificado pela situação circunstancial em que o Piauí se encontrava, quanto ao desenvolvimento e à modernização dos veículos de comunicação no estado (figura 45).

Figura 45 – Reprodução da justificativa do projeto do primeiro curso de jornalismo



Fonte: Fundação Universidade Federal do Piauí e Pontifícia Universidade Católica (1979).

Assim, por meio do convênio entre as duas universidades, o curso foi sistematizado e ofertado de abril a setembro de 1979. Professores da PUC-RJ ministraram disciplinas de 25 horas/aula, concentradas, principalmente, em técnicas de jornalismo para diferentes meios de comunicação, conforme registro no projeto (FUFPI; PUC-RJ, 1979).

Assim, um total de 40 profissionais vinculados a jornais impressos, a emissoras de rádios, a emissoras de televisão, bem como a organizações públicas de Teresina, como o Governo do Estado do Piauí, que já dispunha de setor de comunicação institucional, e a Universidade Federal, realizaram o primeiro curso voltado a formar jornalistas.

Entre os cursantes, menciono Zózimo Tavares Mendes, que, mais tarde, registrou essas informações em trabalho de pesquisa de conclusão do curso de graduação em Comunicação Social – Jornalismo, da UFPI (MENDES, 2014). Vale a pena ressaltar algumas de suas considerações como testemunha ocular de seu tempo, enquanto profissional de comunicação e

egresso desse primeiro curso e, ainda, como pesquisador desse passado recente, com olhar inquiridor sobre o que representou aquela formação de caráter extensionista, como segue.

As pesquisas, os dados e as análises sobre a situação da imprensa no Piauí, entre o final da década de 1970 e o início da seguinte, convergem para a conclusão de que o I Curso de Jornalismo do Piauí, realizado em 1979, foi a semente do Curso de Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal do Piauí. Plantada naquele ano, ela germinou, amadureceu ao longo do tempo e deu frutos quatro anos depois.

Apurou-se, nos diálogos com os ex-alunos do I Curso de Jornalismo, que havia entre eles a expectativa de que pudessem ingressar no curso de graduação de Comunicação da UFPI sem o exame vestibular. Ou seja, que parte das vagas do curso de graduação fosse destinada a eles, como hoje elas são reservadas a egressos de escolas públicas pelo sistema de cotas. Mas o Piauí não ousou apostar nessa inovação que acabou por se transformar em uma experiência vitoriosa de acesso ao ensino superior brasileiro!

Além de visar à qualificação dos profissionais piauienses que já estavam exercendo a atividade jornalística sem o diploma de curso superior específico, o novo curso da UFPI se abria também a toda a comunidade. Esse curso e o crescimento do mercado de mídia no Piauí, bem como o advento, mais tarde, da expansão do ensino universitário, impulsionaram, depois, a criação de outros cursos na área, em outras instituições (MENDES, 2014, p. 55).

No Brasil, observo que os registros de imposições legais precedem as práticas e, até mesmo, as condições para aplicação das leis. Foi o caso do estabelecimento da educação primária gratuita para todas as pessoas, ainda lá na primeira constituição do período imperial (RIBEIRO, 1998), como também, bem mais tarde, do imperativo de formação superior para o professorado na LDB (BRASIL, 1996), antes mesmo da acessibilidade aos cursos universitários existentes.

Semelhantemente aconteceu no jornalismo. Antes que o País dispusesse de escolas de comunicação para qualificar jornalistas que já estavam em atuação e, ao mesmo tempo, formar aquelas pessoas que objetivassem trabalhar na área, foi estipulado o diploma como forma de atestar qualidade profissional ao setor que fornecia informações à sociedade.

Ainda assim, as leis evidenciam necessidades sociais e, ao sobreporem como obrigação legal, prescrevem conjunções que, mais tarde, tornam-se oportunidades para aplicação. No Brasil do Império, foi evidenciada a necessidade de criação de um sistema nacional de educação; no Brasil do final do século XX, a de formação de professores para melhoria da qualidade desse sistema.

Então, a regulamentação do jornalismo (BRASIL, 1969) como um elemento proeminente na profissionalização do campo desencadeia, mais tarde, o desenvolvimento do

caráter acadêmico e científico, a partir da oferta de cursos nas décadas seguintes, por todo o Brasil. Os governos militares não só tornaram obrigatória a formação, como criaram alguns cursos, no contexto de reforma da universidade brasileira, em 1968, e da criação de universidades federais, como aponta Saviani (2010), dentre as quais, a UFPI, em 1971 (BRASIL, 1968).

No Nordeste, as universidades federais abriram seis cursos de Comunicação Social nas duas décadas desses governos ditatoriais: no Ceará, no ano de 1965; em Sergipe, 1968; em Pernambuco, 1970; na Paraíba, 1977; em Alagoas, 1978; no Piauí, 1984. Sem contar com as inúmeras formações de iniciativa privada desencadeadas a partir de então, também no contexto das mudanças do ensino superior brasileiro.

Como consequência do processo de organização de jornalistas em categoria, no Brasil e no Piauí, e frente a tal demanda, a UFPI, enquanto primeira universidade pública piauiense, assumiu o papel de oferecer formação para qualificação do jornalismo. Primeiro, com esse curso de extensão; depois, com o curso de nível superior. Ao registro de Mendes (2014) sobre isso, somam-se as evocações de Eliezer Menda (2020) acerca desses aspectos.

A grande motivação da implantação do curso foi uma demanda do Sindicato dos Jornalistas do Piauí – inclusive, eles encaminharam um processo de solicitação de abertura do curso. Também porque havia um decreto ou portaria do Ministério do Trabalho, que tornava obrigatório o registro profissional para jornalistas formados. Aqui, não tinha nenhum profissional formado na área de jornalismo. O documento recomendava, em áreas que não tinha o curso, que se fosse implantado. E o sindicato entrou com esse pedido, solicitação junto à reitoria da Universidade Federal do Piauí. A princípio, a reitoria, junto com pessoal do Projeto Piauí, realizou um curso, um seminário de extensão de média ou de longa duração, que qualificava, não em nível superior, mas, dava um curso de jornalismo, de redação, de edição, de produção jornalística para os sindicalizados, com a promessa, o compromisso de dar sequência à implantação do curso (MENDA, 2020, p. 30).

O curso de extensão em jornalismo foi, então, o predecessor da graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Foram três anos de gestação, desde a oferta da primeira formação, de caráter mais técnico, até a formação humanística em nível superior. Sua importância significou a transição da fase amadora para a profissional da comunicação no Piauí.

No entanto, embora a graduação tenha surgido como resultado da organização profissional da categoria frente às circunstâncias do mercado de trabalho do jornalismo em crescimento, especialmente em Teresina, o curso foi criado com essa orientação ruralista, alternativa, educativa, que divergia do modelo mercadológico da comunicação da capital.

Permaneceu assim até que a força da nova formatação do próprio mercado influenciou a transmutação curricular, de modo a atender essa manifestação. Então, após a morte precoce da professora fundadora e principal defensora da comunicação educativa, uma comissão docente e discente modificou as proposições do curso, de forma a atender o formato profissional para a comunicação urbana.

[...] havia, aqui, em Teresina, um movimento de profissionais da área de jornalismo, da área de publicidade, da área de comunicação, que se reuniam no sentido de propor a fundação do Curso de Comunicação na UFPI. [...] Mas só que mesmo com esse movimento reivindicatório, o curso não foi iniciado com o objetivo de formar jornalistas, ele foi iniciado com o objetivo de formar esse profissional a quem me referi, salvo engano, é comunicador educativo popular. [...] E, se não me engano, em 1986, a professora Lavina presidiu uma comissão de elaboração de currículo. E nesse novo currículo, mudou o perfil do profissional formado pelo curso de Comunicação, deixou de ser esse comunicador educativo popular e passou a ser jornalista. Então, era um Curso de Comunicação com habilitação em Jornalismo (MAGALHÃES, 2020, p. 61-62).

Com o advento do desenvolvimento da própria cidade, houve a necessidade de adequar mais, pelo menos focar mais no jornalista para as grandes questões urbanas. Houve essa segunda mudança, que foi a mudança que trouxe mais um caráter técnico para o currículo de Jornalismo. Essa mudança foi coordenada pela professora Lavínia Madeira [...]. O primeiro currículo durou, aproximadamente, de 1985 até 1988, 1989... Eu tive que fazer migração também. Foi de 1985 até o final de 1987, por aí... Eu participei das reuniões como estudante para a primeira mudança de 1987 para 1988, mais ou menos (MENDA, 2020, p. 31).

A mudança curricular de 1988, sobre a qual lembram Laerte Magalhães (2020), recém-chegado no curso como professor, e Eliezer Menda (2020), ainda estudante, aconteceu como uma resposta ao momento que o mercado da comunicação e do jornalismo vivenciava no Piauí. O crescimento do número de veículos midiáticos e a tendência de organização dos jornalistas como categoria levaram à criação do curso, na década de 1980, ao tempo em que a mudança no formato de manutenção desses veículos gerou a necessidade de um projeto curricular que atendesse ao novo modelo de mercado.

Said (2001) analisa esse cenário estadual no nacional. A multiplicação de rádios e de televisões, desencadeada no governo de Juscelino Kubitschek, no Brasil, prolongou-se durante os governos militares, com efeito, no Piauí. Em seguida, no processo de redemocratização política, houve crise econômica, e, consequentemente, um outro formato de sustentação financeira dos veículos. Somado a isso, o autor acrescenta o aumento nas concessões durante o mandato de José Sarney como estratégia política, novamente.

Assim, entre os anos 1980 e 1990, a comunicação do Piauí vivenciou um período de crise (SAID, 2001). O Estado, principal mantenedor, já não conseguia sustentar sozinho o grande quantitativo de meios midiáticos, mudança que os conduziu a buscar recursos para manutenção e continuidade na iniciativa privada, por meio da venda de anúncios. Essas circunstâncias instauraram um novo modelo mercadológico, embora até hoje o Poder Público seja um fundamental anunciante Piauí afora.

Do aumento excessivo do número de rádios e televisões no Piauí, decorrente da política de concessões posta em prática pelo governo Sarney, resultou também a mudança do currículo do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí, habilitação em jornalismo, cuja primeira turma, iniciada em 1984, seguia uma proposta educativo-popular. Em 1988, seguindo as orientações do Ministério da Educação e percebendo as modificações pelas quais passava o mercado de comunicação do Estado, os professores do curso de Jornalismo se reuniram e modificaram a proposta pedagógica inicial, visando, a partir daí, a formação de jornalistas para atuarem no crescente mercado de comunicação estadual [...] (SAID, 2001, p. 67-68).

Dessa situação, Cláudia Brandão de Oliveira (2020) foi testemunha ocular como estudante da primeira turma de Comunicação Social e, em pouco tempo de curso, jornalista de televisão no crescente mercado do entorno da capital piauiense. Do ensino médio para a graduação recém-criada; do ingresso na universidade para o trabalho como jornalista, antes mesmo de se formar; e, da formação e da experiência de mercado à absorção pelo próprio curso, como professora recém-graduada. Ela tem lembranças desse período no curso, do foco na comunicação educativa, mas também da mudança organizacional.

Eu ainda peguei esse início voltado para a comunicação rural. A gente pagou disciplina nesse sentido. Era uma coisa que eu questionava, assim: “comunicação rural, por que?”. E eu sentia falta, na época, de disciplinas onde houvesse mais discussão da ética jornalística, por exemplo. Era uma coisa que eu sentia mais deficiência. [...] Aí, houve um processo também de reformulação de currículo que a professora Lavina, que tinha se formado na UnB, Lavina Madeira, também deu uma contribuição muito grande (OLIVEIRA, 2020, p. 5-6).

A primeira mudança curricular foi presidida pela professora Lavina Madeira, com aprovação e implantação imediata, em setembro de 1988 (UFPI, 1988), inclusive atingindo as turmas que já estavam em andamento, desde a primeira, conforme mencionaram Cláudia Oliveira (2020) e Genival Lima (2020).

Dezoito anos, esse foi o tempo de permanência do currículo de 1988. Em 2006, uma proposta reformada foi implantada, atendendo a um novo e completamente diferente cenário

mediático. Com as transformações tecnológicas e comunicacionais advindas da expansão da *internet* no Brasil, do final dos anos 1990 e, especialmente início dos 2000, as redações jornalísticas foram transmutadas.

No Piauí, a necessidade de modernização redacional foi evidenciada desde a crise de 1980 e 1990 (SAID, 2001), mas, de fato, ocorreu a partir do novo século, quando do crescimento da *internet* no Brasil, embora tenha chegado em 1990. Em 1995, o Jornal do Brasil transpôs seu conteúdo para a plataforma digital, incorporando o espaço virtual como mídia jornalística (FERRARI, 2010). Não demorou, e o Piauí ousou de igual modo.

Em 1998, quando surgiu o primeiro *site* jornalístico, chamado Só Política, seguido do Portal AZ, que transpunha o conteúdo da coluna de Arimatéia Azevedo do jornal impresso para o *site*, e, posteriormente, quando se iniciou uma nova fase, com coberturas em tempo real também pelo 180 Graus, no início dos anos 2000 (BERTI, 2020), abriram-se caminhos para um novo rompante expansivo.

Assim, iniciaram transmutações nos outros meios de comunicação, bem como no curso de formação, mas lentamente. Até 2006, quando da aprovação do novo currículo, não havia qualquer formato de preparação, na universidade, para fazer jornalismo na nova mídia, como pondera Sônia Maria dos Santos Carvalho (2021), ao me contar sobre sua trajetória formativa e profissional.

Assim que abriu o 180 Graus, eu fui chamada, aceitei o convite do Helder Eugênio por ter tido a oportunidade de criar a equipe de jornalistas que iria fazer, de fato, pela primeira vez no Piauí, a cobertura *on-line* [...]. E aí, eu comecei com uma equipe, inclusive o Orlando Berti era um dos meus repórteres, fazendo as primeiras coberturas *on-line*. Também na minha graduação, meu TCC foi sobre qual era o perfil profissional e as condições de trabalho do webjornalista do Piauí. O webjornalismo começava a nascer, já tinham *sites* estruturados, começou a Política.com, o próprio Portal AZ. Mas, eu estava encerrando uma etapa de vida na graduação, e não passei por uma disciplina que fazia alusão ao webjornalismo! (CARVALHO, 2021, p. 193-194).

Como estudante da UFPI entre 1996 e 2001, ela ressalta que não teve nenhuma disciplina, projeto ou qualquer oportunidade de incorporação da *internet* ao jornalismo, movimento que já acontecia no restante do País. Apesar disso, sob o impulso do mercado de trabalho, onde já vivenciava experiências nesse sentido, propõe-se a realizar sua pesquisa de conclusão de curso, sobre o tema, como forma de fortalecer o aprendizado prático pela reflexão teórica.

Diante disso, fica claro que a proposta de formação de jornalistas já não correspondia ao movimento do mercado, sendo necessário atualização. As Diretrizes Curriculares da Área

de Comunicação Social (BRASIL, 2001) estavam em vigor e orientavam referências aos cursos oferecidos no País. Então, sob a presidência da professora Ana Regina Barros Rêgo Leal, o conselho departamental realizou esse processo. A relação com o novo momento da história da comunicação foi apresentada no documento.

Na verdade, a necessidade de adequação do Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo tornou-se necessária, a partir de diversos eventos evolutivos e conjunturais que culminam, hoje, com o imperativo de mudança iminente. Em primeiro lugar, a evolução tecnológica e de postura dos meios de comunicação, que distantes da realidade de criação do Curso, há 20 anos atrás, se portam, na atualidade, de modo completamente diferente, acarretando o desenvolvimento de novas habilidades e competências por parte dos profissionais que atuam no mercado de trabalho. Assim, e a partir desta conjuntura, o Parecer CNE/CES nº 492/2001, de 03 de abril de 2001, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares do Curso de Comunicação Social, dentre outros, abriu novas possibilidades para a área, visando dinamizá-la (LEAL, 2001, p. 2).

A estruturação de disciplinas em dois troncos, comum e específico, cedeu lugar à proposta de interdisciplinaridade, a partir de conteúdos básicos e específicos, distribuídos em 3.060 horas de atividades curriculares, entre disciplinas conteudistas, projeto experimental e atividades complementares (UFPI, 2006). Dessa forma, a UFPI ofereceu um novo currículo, para um novo perfil de jornalistas.

A durabilidade dessa proposta implementada foi extensa, permanecendo até o tempo presente, com atualizações. Em 2010, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão aprovou alterações desse projeto pedagógico de 2006 (UFPI, 2010a), mantendo a conveniência e utilidade, e facilitando certa renovação.

Atualmente, o curso está passando por nova reforma curricular impetrada pela necessidade de adequação às diretrizes curriculares mais atuais (BRASIL, 2013), e à nova fase da comunicação e do jornalismo no mundo. Essa informação foi dada pelo professor Eliezer Menda (2020), durante nossa conversa, por ocasião da entrevista de história oral temática. Contudo, não tive acesso a documentos escritos sobre isso, embora tenha procurado.

Em 38 anos de funcionamento, o Curso de Comunicação Social – Jornalismo alcançou um lugar de legitimidade na sociedade piauiense. Dezesete professores efetivos formam o quadro docente (UFPI, c2022), a maioria, doutores. A qualidade do corpo docente reflete na qualidade da formação ofertada pela UFPI.

O curso, hoje, conta com estrutura conveniente, embora careça de constante atualização, dada a velocidade de desenvolvimento tecnológico de nossa sociedade. Certamente, o acervo bibliográfico, o conjunto de laboratórios e, sobretudo, a qualificação do quadro docente foram

conquistados pelo trabalho de articulação e reivindicação da comunidade acadêmica para o investimento no desenvolvimento do Departamento de Comunicação Social, ao longo desse tempo.,

Ajudam na manutenção e funcionamento prático os laboratórios estruturados de fotografia, de rádio, de TV, de *web*, a Rádio Universitária, o jornal-laboratório Calandragem (figura 46), a hemeroteca, o amplo acervo de livros nas bibliotecas. Ressalto a constância do Calandragem.

Desde junho de 1988, assume o papel de práticas de jornalismo impresso na Universidade. Esse jornal-laboratório tem periodicidade semestral, impresso pela Editora UFPI. Com as novas mídias, recentemente ganhou característica da transmidialidade, com um blog²² e redes sociais²³.

Por haver uma preocupação da Universidade em conservar o jornal-laboratório, ele pode ser percebido como um lugar de memória²⁴ do curso, dos modos de fazer jornalismo, das práticas educativas e da sociedade teresinense em diferentes períodos de sua atuação de mais de 30 anos. Inclusive, pode ser tomado como objeto de investigação focado em rastros de memória do curso e de práticas educativas nas práticas jornalísticas.

Os arquivos do jornal-laboratório, assim como de outras produções jornalísticas piauienses fazem parte do trabalho de conservação da memória pelo NUJOC. O curso demonstra uma preocupação com esse fator e reúne, na hemeroteca, as edições do Calandragem, assim como tem iniciativa de digitalizar esse material e TCCs do curso. Contudo, o material não se encontra disponível em ambiente *on-line*.

A Rádio Universitária também merece realce como uma conquista para o curso. Mas, essa história é recente. A rádio foi autorizada em 2005 e iniciada, em fase experimental, em 2008. Hoje conta com programação vasta, envolvendo docentes e discentes do Curso de Comunicação Social – Jornalismo.

²² O endereço eletrônico do blog Calandragem é <https://calandragem.wordpress.com>, mas, nesse espaço, só se encontra uma edição de 2018.

²³ O Calandragem tem uma conta na rede social Instagram: <https://instagram.com/jornalcalandragem>, com atualizações sobre a produção no ano de 2019.

²⁴ Desde as produções do mestrado, entendo o jornalismo como um lugar de memória. Na dissertação, proponho um olhar sobre as práticas e publicações jornalísticas como reunindo as características de um lugar de memória, as quais são relacionadas por Nora (1993) como sendo: material, simbólico e funcional.

Figura 46 – Capa do jornal Calandragem

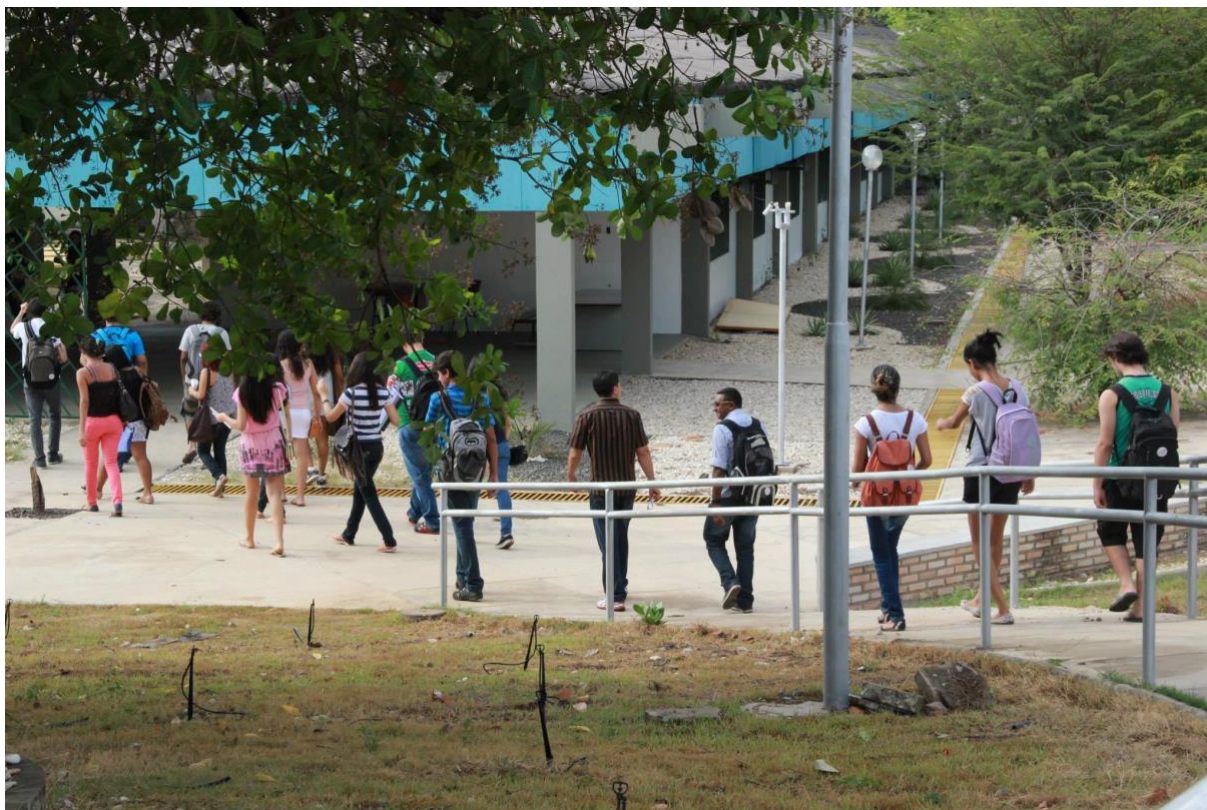


Fonte: Calandragem (2013).

Nem sempre o curso da UFPI contou com uma estrutura minimamente adequada. A estruturação levou tempo para se efetivar. A criação do Departamento é exemplo disso. O curso funcionava nos blocos de Serviços Gerais (SGs), dividindo salas com outros cursos de diversas

áreas, enquanto estava vinculado ao Departamento de Educação Artística. Só em 1990 foi criado o Departamento de Comunicação Social (DCS) (fotografia 47), no Centro de Ciências da Educação (UFPI, 1990).

Fotografia 47 – Departamento de Comunicação Social UFPI



Fonte: CACOS (2014b).

Antes, as primeiras turmas de Comunicação Social criaram e utilizaram a Rádio Cigarra. Funcionava de forma improvisada, por meio da veiculação dos programas gravados pelos estudantes, através de uma caixa amplificadora. A caixa de som era posta nos corredores do CCE ou no entorno do Restaurante Universitário (RU).

Tinha uma coisa interessante! Quando a gente conseguiu montar o laboratório de rádio, a gente criou o que a gente chama da Rádio Cigarra. Isso, o pessoal da Pedagogia ficou com mais raiva da gente – rio ao lembrar – porque os meninos colocavam a caixa de som, gravavam os programas numa fita cassete, aí colocavam no gravador e plugavam na caixa de som, aí, quando dava, assim, as quinze para as seis, a gente colocava o programa no ar. Aí, ficava na frente, ali, para todo mundo. Então, assim, uma variedade de programas, tinha programa social, programa esportivo, programa político, e assim vai... (MENDA, 2020, p. 45).

Aos fragmentos de memória de Eliezer Menda (2020) sobre os improvisos às práticas educativas de comunicação midiática, como os retalhos de Cláudia de Oliveira (2020). Ela lembra da Rádio Cigarra e das situações de provisão dentro daquilo que era possível. As carências laboratoriais foram características comuns naqueles passos iniciais desse curso de graduação.

E eu lembro, assim, de algumas coisas, até pitorescas. Antes que a gente conseguisse adquirir o nosso laboratório de fotografia, por exemplo, eu ainda consegui trabalhar no laboratório de fotografia da própria UFPI, mas antes que ele fosse montado, as nossas aulas eram ministradas em laboratório do professor Alcídio Filho, que era já um fotógrafo renomado, tinha um laboratório completo na casa dele, então, a gente ia para a casa dele trabalhar com revelação, lá no laboratório particular dele, do Alcídio Filho. Eu cheguei a fazer isso, né... E aí, foi-se montando ao longo do tempo, ao longo do curso. O laboratório de televisão, na época, era todo com equipamento de VHS, uma coisa bem amadora. Depois, o laboratório de fotografia, a rádio, que tinha o nome de Rádio Cigarra, e a gente começou a operar. Mas foram conquistas e passos bem, bem lentos, bem vagarosos (OLIVEIRA, 2020, p. 7-8).

Mas não só Eliezer Menda (2020) e Cláudia Oliveira (2020). Genival Lima (2020), Laerte Magalhães (2020, 2021a), Jacqueline Dourado (2021a) e Daniel Solon (2020, 2021a) também indicam dificuldades vividas no curso, especialmente no começo da trajetória. Esses fragmentos de memórias individuais conferem caráter social às memórias sobre o surgimento e desenvolvimento do curso.

É certo que cada pessoa percebe o tempo vivido de uma maneira. É certo também que o meio, a cultura, a sociedade influenciam nessa percepção. Como ressalta Bosi (2003), há um “tempo vivo da memória” e é ele que interessa à pesquisa historiográfica. E se, “a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2003, p. 53), esse tempo vivo baseia a seletividade da memória de cada uma das fontes.

Minhas fontes evocaram lembranças, segundo aquilo que foi mais marcante em suas vidas, ou seja, partindo de percepções subjetivas sobre aspectos sociais. Os, à época estudantes, Genival Lima (2020) e Cláudia Oliveira (2020), escolheram relatar aspectos marcantes pelo ponto de vista de estudantes: dificuldades geradas pela falta de estrutura, engajamento para contornar esses aspectos.

Por outro lado, Daniel Solon (2020), como pessoa cuja trajetória está atrelada à formação e atuação política, relacionou o contexto de improvisos ao que a universidade brasileira vivenciava, então. Como intelectual, o professor Laerte Magalhães (2020, 2021) me trouxe interpretações de seu tempo segundo aquilo que julgou interessar à minha pesquisa.

No trabalho de testemunhas de seu tempo, realço as descrições de Genival Lima (2020) e Cláudia de Oliveira (2020), quando de seus ingressos na primeira turma, em 1984. O curso foi implantado atendendo à necessidade evidenciada, mas, a princípio, sem laboratórios, com poucas docentes. Sobretudo a primeira turma conviveu com contratempos, contrariedades e hesitações.

Foi um grande desafio! Chegamos lá, os primeiros 20 – porque os outros 20 só entrariam no segundo semestre – e a gente não encontrou absolutamente nada. Como ocorre com a maioria das universidades do Piauí e no Brasil, fica bem claro para a gente que se cria um curso, se pensa um curso, e depois é que vai se pensar na estrutura dele, na infraestrutura para ele. [...] Não tinha um laboratório de jornal, não tinha um laboratório de absolutamente nada, não tinha uma rádio universitária na época, não tinha absolutamente nada... e nem professores específicos da área (LIMA, 2020, p. 73).

Ele começou ainda muito precário, porque era um curso novo, estava começando, não tinha esse incentivo todo da universidade, eram poucos professores, não havia laboratórios instalados, montados. As aulas eram muito em cima de teoria. Os professores nos levavam até as redações que já existiam dos veículos de comunicação, jornais, TV, na época, a TV Clube... a gente visitava na época, lembro de visitas nossas ao Jornal O Dia, a emissoras de rádio (OLIVEIRA, 2020, p. 7).

O Piauí não contava com muitos jornalistas formados até que a UFPI assumiu o papel determinante para começar a mudar essa realidade, com a inserção profissional de seus egressos e até de seus estudantes. A empregabilidade contrastava com a dificuldade de preparação das novas profissionais. Falta de estrutura, de professores, de equipamentos, de inventivo, de vivência em pesquisas são exemplos.

As lembranças narradas por Jacqueline Dourado (2021a), que se graduou entre 1986 e 1989, corroboram nesse sentido. Não obstante ao cenário desafiador e cheio de necessidades estruturais no curso, ingressou no mercado jornalístico precocemente, atuando em impressos de Teresina. Já Daniel Solon (2020, 2021a) estudou na UFPI entre 1994 e 1998, dez anos depois de instalado. Mesmo assim, encontrou dificuldades semelhantes às descritas pelos discentes das primeiras turmas.

A gente via que havia muito improvisado no Curso de Jornalismo. Havia profissionais jovens como professores, alguns com mais tempo de estrada, mas a maioria dos professores eram jovens que saíram, inclusive, do próprio curso de Jornalismo. Muitos professores eram substitutos. Havia também um problema do ponto de vista laboratorial e de acervo bibliográfico, muito forte. [...] E refletia também esse momento que a gente tinha de interesse em ter acesso às novas tecnologias e era bastante frustrado isso. Tanto é que o curso de Comunicação, se eu não me engano em 1996, o Centro Acadêmico realizou uma ocupação, promoveu uma ocupação da reitoria, na época, era o reitor

Charles, se não me engano, e a gente ocupou a reitoria da universidade para exigir laboratórios decentes e inclusive estrutura melhor [...] (SOLON, 2020, p. 15).

Na luta por melhores condições, da união de estudantes sob o incentivo de professores, o Centro Acadêmico de Comunicação Social (CACOS) foi criado ainda pela primeira turma, nos anos 1980, funcionando como uma organização de estudantes para reivindicar e trabalhar por melhores condições de ensino e aprendizagem, melhores condições de práticas educativas para aprendizagem em comunicação e jornalismo.

As práticas educativas se davam dentro das condições existentes. Se não havia possibilidade de realizar práticas jornalísticas no *campus*, o grupo de professores e estudantes visitava as redações jornalísticas a fim de conhecer o funcionamento, refletindo interesse do grupo em colaborar com o curso.

Não obstante às características de precarização do início, o curso foi se estabelecendo, conquistando seu espaço, sua infraestrutura física, laboratórios e até uma rádio universitária com programação contínua. Além desse aspecto, a qualidade humana também cresceu, com a mudança no perfil do professorado.

Algumas características marcantes na trajetória do curso da Universidade Federal do Piauí, e já apontada no relato de Daniel Solon (2020), exposto acima, diz respeito ao quadro de professores. Primeiro, temos o retorno dos egressos como docentes. Depois, as mudanças no perfil docente e, conseqüentemente, nas abordagens do curso. O curso se evidencia como possibilidade empregatícia ao campo profissional de jornalismo.

Muitos discentes se tornaram docentes logo após a formatura, como Cláudia Brandão de Oliveira, que se formou em 1988 e, no ano seguinte, já assumiu disciplinas de telejornalismo, área de sua atuação desde muito cedo. Jacqueline Dourado, formada e já atuando como editora-chefe do Jornal O Dia, escolheu voltar como docente, por processo seletivo da instituição. E ainda lembro de Eliezer Menda, egresso de 1990, que assumiu vaga como professor dois anos mais tarde.

Somado a esse aspecto, noto que o perfil do quadro é de profissionais com experiência em comunicação, em sua maioria, mas poucos tinham formação para a pesquisa e para a docência. Conseqüentemente, há uma tendência de o curso ter foco voltado ao ensino, em detrimento de práticas de pesquisa. Percebo esse aspecto através das lembranças de Eliezer Menda (2020), Cláudia Oliveira (2020), Genival Lima (2020), Daniel Solon (2020), Sônia Carvalho (2021a), Jacqueline Dourado (2021a) e Laerte Magalhães (2020) sobre as práticas educativas daquele período.

Assim como os professores recém-formados citados acima, Laerte Magalhães iniciou seu professorado com a graduação, apenas. Com o passar do tempo é que buscou, na formação continuada, atender às demandas de suas práticas profissionais docentes. E não só ele. Ocorreu, então, um ímpeto de formação continuada desses profissionais, em pós-graduações *lato sensu*, a princípio, e *stricto sensu*, em seguida, por meio de mestrados e doutorados interinstitucionais, os chamados MINTER e DINTER, como também por iniciativas particulares, como rememora Eliezer Menda (2020).

A partir de formado esse grupo, a gente tinha que ter um salto mais qualitativo, que era a qualificação desses docentes. Então, a gente conseguiu, primeiro, fazer um convênio com a Universidade Federal do Ceará para o curso de especialização. [...] Os primeiros mestrados interinstitucionais no Brasil aconteceram exatamente com a Matemática, com a Comunicação e com o Serviço Social. [...] E daí, em 2010, a gente conseguiu o convênio e fizemos o doutorado interinstitucional (MENDA, 2020, p. 33).

Com a mudança no perfil do professorado, há uma série de transmutações nas práticas educativas do curso, naturalmente. Cursos de pós-graduação *lato sensu* são criados, inicialmente, oferecendo oportunidade de formação continuada aos jornalistas egressos da UFPI.

Entre 2000 e 2001, a UFPI ofertou a Especialização em Comunicação Social e Marketing; depois, de 2001 a 2003, Comunicação Institucional; novamente, Comunicação e Marketing, entre 2003 e 2005; em seguida, Tendências e Perspectivas do Jornalismo, entre 2005 e 2006.

Essa listagem de cursos de pós-graduação *lato sensu* foi feita a partir de levantamento no Currículo Lattes dos professores que atuam nas graduações de Jornalismo do Piauí. Não obtive registros institucionais documentais sobre o assunto, mas ele apareceu nos diálogos com os professores cujas trajetórias de vida são estudadas, bem como nas conversas com outras docentes a respeito das memórias do ensino na UFPI.

Os cursos de especializações em comunicação provocaram o retorno de jornalistas egressos da graduação, no ensejo da formação profissional continuada. Entre as pessoas cursantes que se enquadravam nesse perfil, Daniel Vasconcelos Solon e Sônia Maria dos Santos Carvalho. Com essa formação, mais tarde, tornaram-se docentes universitários no Piauí.

Depois, com a qualificação do quadro docente em nível doutoral, ocorre uma transformação no perfil do curso, com abordagens mais voltadas à investigação científica. Com esse enfoque, até então não evidenciado, surge o primeiro mestrado em Comunicação do Piauí (UFPI 2010b), já no ano de 2011.

O projeto de criação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPI foi aprovado em 28 de junho de 2010, pela resolução nº 113/10 (UFPI, 2010b). No mesmo ano, foram realizadas duas seleções para ingresso da primeira turma em 2011. Segundo a Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS, 2021?), o PPGCOM/UFPI foi o 37º registrado, até então, em sua maioria, na região Sudeste.

À época, eu tinha concluído o Curso de Comunicação Social, pela Uespi, no interior do Piauí. Tendo como objetivo atuar como docente, ousei concorrer às vagas remanescentes, no segundo processo seletivo, juntamente com uma de minhas professoras da graduação. Reprovamos. Isso teve representatividade para mim.

Cedo, decidi que queria me tornar professora universitária. Soube que, para tanto, a formação em mestrado e doutorado seria requerida (BRASIL, 1996). No entanto, cursar pós-graduação *stricto sensu* parecia longe demais da minha realidade. Até então, o Piauí não contava com PPG no meu campo de formação inicial, e mudar de estado para estudar exigiria uma estrutura financeira que eu ainda não dispunha.

Quando, em 2011, a UFPI abriu seleção para o mestrado em Comunicação, significou abertura de oportunidades para mim e para pessoas como eu. Meus professores, em sua maioria, eram especialistas ou graduados, só tive uma mestra em meu caminho. A ausência de programas para democratizar o acesso explica isso. Por isso é que, a partir de então, eles e eu pudemos vislumbrar formação para a pesquisa, o que, certamente, nos ajudaria (e ajudou. E ajuda), no exercício docente.

Duas linhas de pesquisa foram postas: 1) processos e práticas em jornalismo; 2) mídia e produção de subjetividades; ambas concentradas na área de processos comunicacionais. Os professores doutores da graduação formaram o corpo docente. Hoje, conta com 16 docentes, entre permanentes e colaboradores (CPPGCOM, 2021).

A criação do primeiro programa de pós-graduação aparece como consequência da formação continuada do corpo docente da UFPI. Ao mesmo tempo, constrói-se como oportunidade de diálogo entre os professores pesquisadores do curso de graduação, que passaram a reverberar a formação docente verticalizada obtida em outros estados brasileiros.

Na trajetória formativa e profissional de Laerte Magalhães, essa experiência é notória. Ao retornar após um longo período de afastamento para qualificação, o professor se preocupou em encontrar lugares de trocas, então, passou a atuar como docente no recém-criado PPG em Letras, na mesma instituição, até que surgisse o PPGCOM, ocasião em que optou por se vincular ao programa de sua área de formação.

Por esses aspectos mencionados, vejo esse mestrado como resultado da caminhada exitosa do primeiro curso de graduação em Comunicação Social do Piauí, capaz de produzir outros tantos frutos, embora até hoje não tenha aprovado a oferta do doutorado pelo mesmo programa, a despeito de uma década de funcionamento de seu mestrado.

Não obstante à consolidação da graduação em Comunicação Social - Jornalismo, a UFPI não ampliou seus cursos de graduação nas áreas afins dentro do campo da comunicação, como foi comum ocorrer em outras instituições, a exemplo da oferta de Audiovisual, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, dentre outras.

De outra forma, a primeira graduação da área no Piauí tem gerado inúmeros frutos, dentre eles, a transformação das práticas de comunicação no campo profissional, como também das práticas educativas empreendidas no âmbito acadêmico. Resultado da trajetória do ensino, que levou também à criação de outros cursos, como os da Universidade Estadual do Piauí.

4.2 Expansão universitária inclui cursos de Comunicação em dois *campi* da Uespi

Na segunda metade dos anos 1990 deu-se o auge da expansão e interiorização da Universidade Estadual do Piauí. O acesso ao ensino superior se ampliava com a criação de novos *campi*, centros e núcleos em muitos municípios piauienses, e até maranhenses, pernambucanos e baianos. Certa manhã de trabalho no Palácio Pirajá (fotografia 48), na capital Teresina, o reitor Jônathas de Barros Nunes recebeu, no Gabinete da Reitoria, a prefeita do Município de Uruçuí, Piauí:

— Reitor, eu vim aqui lhe falar um assunto.

— Pode dizer, Espírito Santo.

— Olhe, eu fui ver a conta da prefeitura e encontrei lá um recurso destinado à Uespi, mas não autorizado por mim. Como é que foi isso?

Ora, pois, isso é o que se chama “sinuca de bico”. Sem alterar a voz, disse:

— Espírito Santo, isso aí é o seguinte, com certeza, foi uma estratégia que a Uespi adotou, porque como são muitas as cidades, são 224 cidades do estado, além do Maranhão e da Bahia, a Reitoria da Uespi teve reunião com a APPM, nós fizemos um convênio coletivo com a APPM, convênio esse foi assinado por toda a Diretoria da APPM, e com o respaldo de todas as prefeituras do estado. Todas as prefeituras do estado tiveram direito às chamadas vagas próprias para o vestibular, o atendimento do vestibular voltado, no caso, para o seu município. Então, nós abrimos, vamos dizer, 20 vagas para formar professores lá em Uruçuí, e dessas 20 vagas, 10 vagas eram de candidatos que se inscreveram como professores do Quadro do Município de Uruçuí, com vagas direcionadas para eles, vagas específicas.

— Mas, eu não autorizei.

— Olha, naturalmente...

— Aí, você vê como são as coisas, viu. É o seguinte: a APPM e a Reitoria foram ao Banco Brasil, nós inscrevemos o contrato no Banco do Brasil, então, o repasse já era feito automaticamente do Fundeb, do fundo de participação da prefeitura, direto para a conta da Uespi. Então, onde é que está o segredo? O segredo está aí. Se a gente tivesse ido, na época, fazer esse tipo de negociação com cada prefeitura, não tinha saído nunca! Nunca teria saído! Tinha saído tudo pela metade, tudo!

Então, o fato é que ela acabou entendendo essa coisa toda. Disse ela:

— Eu estava querendo entender como era, porque realmente, eu não tinha sido esclarecida nesse ponto...

— Pois, olha, exatamente, o cumprimento de obrigação de todas as prefeituras do estado (NUNES, 2020, p. 97-98).

Fotografia 48 – Palácio Pirajá, Uespi, em Teresina



Fonte: Uespi (2020).

Os cursos de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Estadual do Piauí, tanto em Teresina, *Campus* Poeta Torquato Neto, quanto em Picos, *Campus* Professor Barros Araújo, foram criados durante a expansão universitária dessa instituição, custeada pelo Governo do Estado e possibilitada por parcerias financeiras como essas, entre Universidade e prefeituras municipais.

A preocupação em ter professores com formação em nível superior exercendo as atividades educativas no ensino básico, em um contexto de discussões, reivindicações e movimentos sociais que levavam a reformulações do sistema educacional básico em nível nacional, foi um dos principais impulsos para a criação e expansão da Uespi.

Em nível estadual, até então, a realidade era de uma educação com professores sem formação universitária atuando nas escolas de ensino básico. Era assim, porque o ensino

superior piauiense ainda era inacessível, com pouca oferta de vagas, em escassos cursos concentrados principalmente na capital.

Para entender esse cenário, preciso retomar algumas pistas contextualizadoras. A história da educação no Piauí evidencia certo atraso no que tange à sistematização do ensino-aprendizagem, hereditariedade que sucede por muito tempo. E a educação só reflete a sociedade.

Sobre isso, Ferro (1996), em estudo do tema no período republicano, ressalta que o contexto de desigualdades sociais extremas, população rural com grandes distâncias geográficas entre as famílias e consequente isolamento, controle social e político e altos índices de analfabetismo caracteriza nossa história, desde antes da Primeira República até meados do século XX.

Demoramos a organizar uma política de educação formal, com investimentos em escolas e na formação de professores. Na verdade, a autora reforça ainda que, por muito tempo, cabia unicamente às poucas famílias que dispunham de recursos financeiros e materiais o papel de fomentar a escolarização dos filhos, oferecendo alfabetização básica em casa pelos parentes ou por mestre-escola contratada por um grupo de pais da mesma região. O exercício da docência não pedia pré-requisito quanto à formação, bastava ler e escrever basicamente, e, às vezes, nem isso.

A partir da instalação da República, o século XX temporiza muitas transformações em aspectos sociais, econômicos, culturais, artísticos, literários, jornalísticos e educacionais no Piauí, semelhante ao que ocorre em outros estados do Brasil, como elencamos com Ferro (1996). Consequentemente, a educação incorporou o contexto e passou por modificações.

Por conta da existência de mecanismos de controle político que perduram em relação à educação pública, muitas vezes, a contratação e a atuação de professores não consideravam sua qualificação. Além disso, a desvalorização salarial, somada às condições precárias de ensino, favorecia a ocorrência de pessoas que tinham a docência como atividade complementar, e não como principal. Esses aspectos apontados por Ferro (1996) pesavam sobre a qualidade do nosso ensino público, evidentemente.

Com a consolidação da Escola Normal para formação docente, por volta do final da primeira década do século XX (FERRO, 1996; LOPES, 2008), houve uma intenção de certa mudança nesse sentido. Até antes desse momento, com as primeiras tentativas de criação desse tipo de escola no Piauí, havia um entendimento de que esse grupo era fundamental no processo educacional, portanto, preparar o professorado seria o mecanismo para o projeto de modernização escolar.

No entanto, as condições para formação continuada em nível superior não eram dadas, considerando o caráter elitista das universidades brasileiras e, em nível estadual, as características equivalentes. Até o início da década de 1980, o Piauí contava com apenas uma universidade pública, a UFPI, com oferta de poucos cursos em Teresina e Parnaíba.

No período em que o País passava pelo processo de redemocratização e a educação, por reformas, o sistema educacional piauiense vivia um refluxo do contexto nacional e de sua herança histórica. Segundo Feitosa (2006), em nível estadual, predominava o analfabetismo entre as pessoas; a inacessibilidade ao ensino superior, penetrável para pessoas oriundas de escolas privadas; e a não formação para a docência dos profissionais em atuação, chegando a quase 60% do quadro.

Havia, portanto, a constatação de uma educação básica precária, que precisava se modificar: as escolas contavam com educadores sem formação, predominantemente; por certo, a realidade no interior do Piauí era bem mais preocupante do que a da capital. Em contraposição à crescente demanda por formação superior nesse estado, a mesma autora enfatiza que a Universidade Federal não era capaz de atender, por não ter uma política voltada a essa finalidade.

Assim, o projeto de formar professores para elevar a qualidade da educação básica pública levou o Governo do Estado a instituir a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Educação no Estado do Piauí – Fadep (FEITOSA, 2006), no intento de suprir necessidades não atendidas pela Universidade Federal do Piauí.

O foco da Fadep, conforme a pesquisa mencionada, foi estabelecido em três frentes: 1) qualificar recursos humanos, especialmente do magistério, através do Centro de Educação Superior (Cesp), que mais tarde se tornou Universidade Estadual do Piauí; 2) desenvolver pesquisas, no Centro de Pesquisas Educacionais; e 3) expandir a educação por meio de veículos de comunicação midiáticos, como rádio e televisão, no Centro de Desenvolvimento de Telecomunicações. Posteriormente, a Fadep se torna Fuespi, mantenedora da Universidade Estadual do Piauí até a atualidade.

Essa meta envolta na criação da Fadep, Cesp, depois, Uespi, como forma de suprir as carências da rede pública de educação pela qualificação docente, é reiterada por diferentes pesquisas sobre a história dessa instituição, entre as quais, utilizamos, além da de Feitosa (2006), as de Nogueira (2006) e de Nogueira e Ferro (2013) como base para essa compreensão.

Cerca de dez anos depois das primeiras iniciativas que levaram à implantação da Universidade Estadual, em 1993, no sistema multicampi, em Teresina, Floriano, Picos,

Parnaíba e Corrente, a proposta foi ampliada. Em 1995, a Uespi adquiriu ímpeto de expansão, interiorização e diversificação do ensino superior piauiense custeado pelo Estado.

Por forças de um contexto de discussão de políticas voltadas para a educação no País, registrado em vários planos, leis e outros documentos na década de 1990, incluindo a nova LDB instituída (BRASIL, 1996), a Uespi se colocou como agente de formação de educadores. Para qualificar professores, foi preciso levar os cursos até eles, descentralizando o acesso ao ensino superior. Não sem contradições.

Rapidamente, a Uespi multiplicou seus *campi*, núcleos, cursos e, conseqüentemente, suas vagas no ensino regular, além de ter passado a ofertar cursos-férias para professores, tornando mais acessível e ágil, a necessária qualificação. Segundo Nogueira (2006), a Universidade, que foi criada com quatro *campi*, em 2000, já contava com 31 *campi* e núcleos universitários. Isso foi motivo de aclamação de uns; e críticas de outros, tendo em consideração a forma e a velocidade com que a Universidade cresceu, comprometendo a qualidade do processo formativo.

Há outro aspecto que merece ser destacado nessa história. Além da necessidade de qualificar os professores vinculadas ao Estado, era notória a demanda por qualificação também das servidoras públicas vinculadas aos diversos setores da administração governamental (NOGUEIRA; FERRO, 2013). Então, entre a metade de 1990 e o início de 2000, foram criados bacharelados na área da saúde, como Medicina, em Teresina; Odontologia, em Parnaíba; e na área da comunicação, os cursos de Comunicação Social em Teresina e em Picos.

Essa situação foi rememorada pelo professor Jônathas de Barros Nunes (2020), reitor da Uespi entre os anos de 1995 e 2001, em nossa entrevista. Nesse contexto, contou-me ele, a Universidade precisou preparar o corpo administrativo do Governo do Estado e passou a ofertar também cursos de bacharelado para profissionalização de recursos humanos. O processo foi permeado por polêmicas refletidas pela mídia televisiva piauiense, com questionamentos frequentemente levantados por jornalistas, em entrevistas ao reitor.

— Reitor, mas, o Senhor está querendo criar curso de Medicina que nem o Maranhão tem ainda, que nem o Ceará tem ainda, Rio Grande do Norte, Paraíba, com uma única exceção em Pernambuco. O Senhor não acha demais?
— Rapaz, era só o que faltava, o Piauí, para criar um curso ter que primeiro pedir permissão aos outros estados do Nordeste, disse rindo. Vejam até onde estava indo nosso complexo de inferioridade! Não é por aí... (NUNES, 2020, p. 92).

Para Jônathas Nunes (2020), as mudanças na educação do Piauí, da capital para o interior, indicavam uma luta contra o subdesenvolvimento. Portanto, além de formar

professores, a Universidade investiu em novos cursos para impulsionar esse desenvolvimento no estado: “[...] Nós tínhamos que estender esses cursos universitários nas áreas que não são exclusivamente de magistério, para outras áreas profissionalizantes, como, por exemplo, Fisioterapia, cursos da área de ciências médicas e cursos na área de comunicação social”, pondera o ex-reitor.

Por certo, o acesso ao ensino superior no Piauí se tornou mais democrático e acessível com o crescimento da Uespi. Mas não sem custos. Os efeitos desse percurso apressado da Universidade perduram até a atualidade, manifestos em carências e precarizações históricas, tanto em relação aos recursos estruturais quanto humanos.

Quantitativamente, tínhamos mais pessoas estudando, o que era inovador na nossa história; todavia, os avanços, em termos qualitativos, foram considerados questionáveis por estudiosos do tema. Para Feitosa (2006, p. 139), “ao descaracterizarem a educação superior implantando modelos de formação aligeiradas e ignorando a qualidade e suas outras competências, comprometem a história da universidade”.

A criação de *campi* e cursos exigiu investimentos estruturais e humanos, evidentemente. Para bancar a expansão súbita, a Universidade lançou mão de estratégias e táticas. Considerando, com fundamentos em Certeau (2014), que as primeiras se referem ao estabelecido como base de gestão e as segundas como a maneira de aproveitar momentos oportunos, ousar dizer que a Uespi usou dessas “artes de fazer” para possibilitar as empreitadas expansionistas.

Assim, as estratégias: interiorização do ensino superior para formação de professores, para isso, utilização de recursos do Tesouro Estadual para manter a Universidade em funcionamento com o minimamente necessário em curto prazo. As táticas: parcerias financeiras com prefeituras municipais, através de convênio coletivo com a Associação Piauiense de Municípios (APPM), cobrança de matrículas semestralmente, garantia de organização, pela Universidade, dos concursos estaduais.

A expertise de apreender o momento de necessidade formativa de professores em todo o estado do Piauí, tanto do ensino público estadual quanto do municipal, para capitalizar o processo funcionou assim: a cada seleção de candidatos à formação superior, tanto nas turmas de cursos regulares quanto nos cursos-férias, a Uespi direcionava uma cota de vagas para cada Município.

Assim, a reserva dessas vagas fazia com que o docente concorresse apenas com candidatos de seu Município, e não com outros de todo o estado, favorecendo a concorrência e facilitando a entrada na Universidade. Às prefeituras, como a de Uruçuí, cabia o custeio da

formação de seus docentes, pelo cumprimento da parceria firmada em acordo coletivo com a APPM.

Nós criamos uma ideia, que foi amplamente aceita pelas comunidades do interior, que era a parceria administrativo-financeira. Lembro que, aqui, tinha meses, quando a gente ia ver o que as prefeituras repassavam para a Uespi, na época, dava mais de R\$500 mil por mês, como se fosse, hoje, dois, três milhões. Era assim que a gente movimentava a Uespi. E também, embora o ensino superior deva ser gratuito, como está na constituição, mas nas disposições transitórias, eu encontrei um artigo lá que dizia que o ensino não era obrigado a ser 100% gratuito. E, aí, nós partimos do princípio de que iria continuar sendo gratuito para aqueles que não tinham a condição de pagar nada. Então, nós passamos a cobrar a matrícula, no início do ano, de quem podia pagar. Por exemplo, alunos já portadores de curso superior. Eu me lembro que nós estávamos cobrando R\$400 de matrícula. Claro, era uma vez por ano, mas eram R\$400. E, agora, quem não podia, a maioria não podia pagar nada, pagava R\$10. [...] Então, a Uespi começa a andar com esses recursos que a gente foi tirando daqui e dali. Outra alternativa: conseguimos, com o Governo do Estado, a realização de tudo que é concurso no Estado tinha que ser através da Uespi. Proteger a Uespi, propiciando-lhe recursos (NUNES, 2020, p. 96).

Se, por um lado, a parceria financeira com prefeituras municipais custeava os cursos de formação de professores, por outro, a universidade conseguia folga para implementar outros recursos na criação de bacharelados, tais como os de Comunicação Social com duas habilitações, Jornalismo e Relações Públicas, em dois *campi*.

Naquele momento, a comunicação e o jornalismo piauienses experimentavam crescimento, em refluxo de mudanças na produção e veiculação, com a chegada da *internet* e a modernização das redações de jornais impressos, rádios e TVs. O desenvolvimento comunicacional oportunizava o surgimento do jornalismo digital, como apontei com Berti (2020). Com isso, o curso ofertado pela UFPI já não atendia à demanda por formação.

E não somente na capital piauiense. O interior também vivia uma crescente no mesmo sentido. Nos anos 1990, Picos já apresentava comunicação midiática característica, com presença de veículos de comunicação na cidade, entre jornais impressos e rádios. A popularização na região levou ao despertar dos profissionais do campo para a qualificação dos recursos humanos das redações jornalísticas e de assessorias de imprensa, e à busca por conhecimento de aportes teóricos e analíticos dos serviços prestados. No final da década, a vontade de formação desses profissionais refletia a compreensão da necessidade imperada pelo mercado de trabalho.

Vale destacar que Picos é uma das principais cidades do Piauí. Em termos populacionais, tem a terceira maior densidade do estado²⁵ (IBGE, 2010, 2020), mas o que a torna relevante é o fato de ser referência em economia, educação e saúde para habitantes de 40 municípios do entorno, cujo movimento pendular diário de centenas de pessoas impulsiona a cidade.

Por outro lado, a situação da educação em Picos refletia a pouca presença da Universidade Federal do Piauí no município desde 1982 (UFPI, 2017) e da Universidade Estadual do Piauí desde 1993 (PIAUI, 1993). Por pouca presença, quero dizer com poucos cursos voltados à formação do professorado e outras áreas de conhecimento.

Até o início dos anos 2000, os profissionais da comunicação atuantes no interior do Piauí, e especificamente no Centro-Sul, região de Picos, eram majoritariamente do batente²⁶, ou seja, sem formação acadêmica para o jornalismo, devido à não oferta de oportunidades formativas. A cidade já contava com um bom número de radialistas e comunicadores em exercício em jornais impressos e emissoras de rádio, fazendo a imprensa pulsar no Sertão piauiense.

A história da profissionalização de jornalistas a partir da formação acadêmica exigia a existência de um curso local. Não bastava ter em Teresina. Predominava a impossibilidade de muitas dessas pessoas se deslocarem para estudar, principalmente, porque eram profissionais em atuação, maduros, muitas vezes, com famílias formadas ou em construção.

Foi nesse contexto que surgiram os cursos de Comunicação Social para formar jornalistas e relações públicas, em 2001 e 2002, através da Universidade Estadual do Piauí, em dois *campi*, *Campus* Poeta Torquato Neto (CPTN), em Teresina, e *Campus* Professor Barros Araújo (CPBA), em Picos.

Cabe esclarecer que quando me refiro aos cursos de jornalismo da Uespi, opto pelo plural, porque entendo que cada um deles tem sua própria história, com trajetória, manutenção e identidade próprias. Cada um nasceu de uma iniciativa diferenciada, consolidou-se e se mantém com características muito particulares.

No entanto, noto que a instituição trata como sendo um só curso, em dois *campi* da Uespi. Na pesquisa documental, deparei-me com uma resolução única de criação do Bacharelado em Comunicação Social (UESPI, 2001), sem especificar qual *campus*, com

²⁵ Picos-PI é a terceira maior cidade do Piauí, com 78.431 habitantes fixos, atrás de Parnaíba, com 145.705 habitantes, e Teresina, com 814.230, segundo dados do IBGE (2010).

²⁶ Usamos “batente” para fazer referência aos amadores. “Jornalistas do batente” é uma expressão muito usual na profissão, como um jargão para fazer referência àqueles que atuam no campo prático, sem formação institucionalizada.

validade para os dois. De modo semelhante, os primeiros Projetos Curriculares de Curso (PPCs) são válidos para as duas unidades (UESPI, 2005). A partir de 2012, há uma diferenciação documental, com um projeto para cada *campus*, embora a proposta e a estrutura conteudista sejam muito semelhantes.

Entretanto, a disparidade entre os dois cursos é notória, apesar de documentadamente, a universidade alinhá-los. Primeiro, os contextos de criação foram diferenciados. Em Teresina, o curso nasceu de uma iniciativa da própria Universidade, tendo em vista o crescimento da mídia frente a um único curso; em Picos, por reivindicação dos profissionais em atuação.

Em segundo lugar, em termos estruturais. Embora tenham surgido quase no mesmo período, com diferença de apenas um ano, em Teresina, vejo um histórico de maiores oportunidades, estrutura física mais apropriada, com uma evolução em termos laboratoriais ao longo do tempo, maior número de concursos para contratação de professores efetivos e qualificação do quadro docente. Atribuo isso ao fato de o curso estar mais próximo do centro de tomada de decisões administrativas, conseguindo assim um olhar um pouco mais privilegiado do que o interior recebe.

Em Picos, as condições sempre estiveram um tanto aquém da realidade da capital. A estrutura laboratorial é tenra, tivemos períodos sem espaços institucionalizados para as práticas em mídias impressas, sonoras, audiovisuais; sempre faltaram professores para as atividades educativas mais básicas. Atualmente, somos apenas seis profissionais efetivos em Picos, enquanto em Teresina, o grupo é composto por 12.

O perfil de estudantes e de egressos também pode se distinguir na capital e no interior, pelo menos do ponto de vista daquilo que conheço, a partir desta pesquisa. Logo, cada realidade é única. Escolho enfatizar as diferenças, mesmo que entenda que documentalmente e institucionalmente seja praticamente um único curso, em dois lugares. Por esses motivos, vale a pena conhecer as características de cada um, as trajetórias, os contextos, as memórias e identidades, separadamente.

4.2.1 Conheça como o Curso de Comunicação Social começou no *Campus* Poeta Torquato Neto

Seis de março de 2001. A tarde estava chuvosa. No Auditório Pirajá, futuros comunicólogos de variadas idades faziam história. Era a primeira aula do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Piauí, *Campus* Poeta Torquato Neto, em Teresina. O jornalista e professor Paulo José Cunha, da Universidade de Brasília (UnB),

ministrava a aula inaugural. Na solenidade, o reitor Jônathas Nunes e a professora e coordenadora do curso recém-criado Cíntia Lages, estavam presentes.

Vinculado ao Centro de Ciências da Educação, Comunicação e Artes (CCECA/Uespi), o Bacharelado em Comunicação Social foi implantado e posto em atividade no primeiro semestre de 2001. Só depois, em 29 de outubro daquele ano, o Conselho Universitário da Universidade Estadual do Piauí (Consun/Uespi) autorizou formalmente seu funcionamento, através da resolução nº 38/2001 (UESPI, 2001), com efeitos retroativos a 29 de agosto de 2000.

Ao lançar o vestibular 2001, a Universidade Estadual abriu 40 vagas para esse curso, com o diferencial de oferecer duas habilitações: jornalismo e relações públicas. Naquela época, e até 2013, quando da atualização das diretrizes curriculares nacionais (BRASIL, 2013), a formação de comunicólogos, no Brasil, dava-se através dos cursos de Comunicação Social com habilitação em uma (ou algumas) das áreas: Jornalismo/ Relações Públicas/ Publicidade e Propaganda/ Rádio e TV/ Editoração/ Audiovisual.

A Uespi se tornou uma das poucas universidades brasileiras a ofertarem um curso com duas habilitações, distinguindo-se da UFPI, que já ofertava Comunicação Social com única habilitação, Jornalismo, há 17 anos. Assim, o novo formado poderia atuar como jornalista nos veículos de comunicação existentes no Piauí, bem como com o papel de relações públicas de organizações públicas, privadas e/ou não governamentais.

A justificativa para a criação desse curso entre os novos bacharelados da Universidade Estadual, abarcando duas áreas do campo da comunicação, era a de que havia uma demanda mercadológica que exigia qualificação de pessoal, ao passo em que as vagas da Universidade Federal não atendiam a procura, o que fazia com que a concorrência do vestibular ficasse acima da média nacional.

Esse aspecto relacionado à necessidade de reforços para ofertar essa formação no Piauí, considerando o contexto de absorção dos profissionais no mercado comunicacional piauiense, é reforçado nos projetos pedagógicos implantados ao longo do tempo (UESPI, 2005, 2013, 2016) como fundamento para a manutenção da oferta de vagas em nível superior destinadas a esse campo.

Nos primeiros vestibulares, a procura pelo curso de Comunicação Social na Uespi era considerável. A título de ilustração, verifiquei no caderno de vestibular de 2008 o registro de 20,38 candidatos para uma das 40 vagas disponibilizadas no certame do ano anterior (UESPI, 2008). A procura pelo curso pode ser vista como uma reafirmação da necessidade do curso no Piauí, consoante ao que vem sendo argumentado nos projetos mencionados.

Assim, naquela tarde chuvosa na capital piauiense, cerca de 40 jovens aprovados no vestibular 2001 iniciavam uma jornada acadêmica na intenção de adquirirem a formação como jornalistas e relações públicas. Entre eles, Iury Kilson Moura Campêlo, que ao findar o ensino médio, inaugurava a vida na universidade, com expectativa; e Orlando Maurício de Carvalho Berti, atraído pela novidade do curso, que o distinguia do que ele já cursava na UFPI, a habilitação em Relações Públicas. No entanto, os períodos não foram fáceis para aquele grupo.

Iury Campêlo (2020) e Orlando Berti (2019b) lembram que, nos primeiros dias de aula, depararam-se com uma surpresa: o curso ofereceria habilitação em Assessoria de Imprensa, ainda que, segundo eles, no edital do vestibular daquele ano não constasse. Quanto a isso, não encontrei registros institucionais que evidenciasse o fato. Ao que parece, a modificação foi pensada, no entanto, não foi efetivada.

[...] a gente foi surpreendido com uma placa. Na realidade, não era uma placa, era uma folha de papel A4. Tinha escrito “Curso de Comunicação Social – Jornalismo e Assessoria de Imprensa”. [...] E a gente foi questionar da coordenadora por que é que aquele nome Assessoria de Imprensa estava no lugar do curso de Jornalismo e Relações Públicas! [...] Inclusive, durante umas duas semanas, a gente ficou até meio apavorado com essa modificação no nome, uma tentativa de modificação que sequer chegou a ser consumada (CAMPÊLO, 2020, p. 83).

Para minha surpresa, quando nós passamos no vestibular, nós adentramos na universidade dia 6 de março de 2001, a gente descobriu que ele era um curso três em um, um curso com habilitação em Jornalismo, Relações Públicas e Assessoria de Imprensa. Ou seja, que curso doido era esse de habilitação três em um? (BERTI, 2019b, p. 122).

Muito se fala sobre a importância da história oral e das memórias pessoais na produção historiográfica. Eu mesma venho defendendo essa perspectiva nesta investigação, realçando os ganhos na ampliação de olhares sobre o objeto interpretado. Todavia, ao longo da pesquisa, vi-me, repetidamente, em busca de documentos escritos, às vezes inacessíveis, para validação das lembranças individuais das minhas fontes entrevistadas, a exemplo desse indício sobre a Assessoria de Imprensa como habilitação do curso da Uespi. Como se fosse, de fato, necessário.

Nesse processo, questionei-me frente à indispensabilidade de registros oficiais escritos, a qual, resalto, foi impetrada por mim como forma de legitimação ou concordância acerca das questões realçadas oralmente. E por que eu precisaria? A pesquisa em história me obrigaria? Seria uma imposição indispensável à verdade científica? Preciso problematizar as memórias, a verdade. Que verdade?

Pensando sobre qual seria a premência de recordações individuais orais repetidas em registros escritos para tomá-las como verdade e, ao mesmo tempo, sobre a dificuldade em

acessar tais documentos institucionais, se eles existirem, cheguei à conclusão de que eu poderia estar repetindo um comportamento positivista. O estranho é que parti de um embasamento construtivista, com a história cultural, e fiz a defesa da legitimidade do uso das fontes orais na construção historiográfica até que... Autocrítica inescusável.

As reflexões de Bosi (2003) me pareceram pertinentes, então. Ela diz: “Qual a versão de um fato é a verdadeira? Nós estávamos e sempre estaremos ausentes dele. Não temos, pois, o direito de refutar um fato contado pelo memorialista, como se ele estivesse no banco dos réus para dizer a verdade, somente a verdade. Ele, como todos nós, conta a sua verdade” (BOSI, 2003, p. 65).

Na pesquisa em história, trabalhamos com memórias, silêncios e esquecimentos. E é por termos consciência das limitações da operação historiográfica que, no trabalho com memórias, optamos por cruzar diferentes fontes, isso inclui narrativas memorialísticas de pessoas envolvidas na temática reconstruída no tempo presente.

Entre o vivido e o recordado, entendi a importância das memórias subterrâneas de que fala Pollak (1989), em relação às memórias ditas oficiais. Talvez essas sobre o começo do curso na Uespi tenham se conservado dessa forma, chegando a mim através da oralidade. Memórias orais transformadas em documentos.

Se considerasse nesta investigação tão somente os escritos preservados e disponíveis, muitos aspectos históricos poderiam se perder entre silenciamentos geradores de esquecimentos. Portanto, não seriam conhecidos, pensados, questionados, registrados, conservados.

As tentativas de controle do que vai ser preservado coletivamente são como um jogo. Conforme pondera Pollak (1989), a disputa faz parte da memória em controvérsia à estabilidade; e as sombras, também, em meio às variações de intensidade de luz. Memórias pessoais em disputa com as institucionais; memórias orais em questão com as escritas; memórias subterrâneas em conflito com as memórias oficiais. Jogos de sombra e luz conformam as memórias coletivas.

Talvez, institucionalmente, haja uma intenção de “preservação de...” a partir de enquadramentos escolhidos. Mas, por existirem pessoas, com percepções e apreensões diferentes, envolvidas nos processos, versões divergentes podem ser perpetuadas em memórias individuais, ainda que estejam excluídas dos lugares oficiais de memória. Ênfase: embora existam indicadores seletivos de memória coletiva, não há domínio integral.

Naquele início, o curso contava com apenas duas professoras com formação específica em Comunicação, Cínthia Lages e Cristiane Sekeff, ambas com contratos provisórios. Dessa

forma, outros professores do CCECA, de áreas afins, como educação, ministravam as disciplinas básicas e generalistas dos primeiros períodos, enquanto o quadro de docentes não crescia, com a oferta posterior dos concursos.

Ao que lembra Iury Campêlo (2020), foi somente cerca de um ano depois daquela primeira aula, que o primeiro concurso para contratação de professores para o curso foi organizado, aprovando o egresso da UFPI, Achylles de Oliveira Costa Junior como o primeiro professor efetivo.

Em 2004, Daniel Vasconcelos Solon, graduado pela UFPI no final da década de 1990, foi o único aprovado em certame realizado, apesar de terem sido ofertadas mais vagas para um curso ainda em formatação e, por certo, carente de docentes comunicólogos compondo o quadro professoral.

[...] quando a gente chega na Universidade Estadual é um cenário muito lamentável do ponto de vista da situação do corpo docente, que, era apenas eu e o professor Achylles Costa efetivos, todo um grupo de professores com contratos precários, substitutos, temporários, com salários vergonhosos, baixíssimos, sem laboratórios adequados, sem livros nas bibliotecas, sem técnicos efetivos nos laboratórios – até hoje essa realidade continua, não existem técnicos concursados nos laboratórios (SOLON, 2020, p. 20).

Pouco tempo depois, em 2005, a Universidade novamente ofertou concurso e, no ano seguinte, contratou mais quatro profissionais docentes, entre os quais Orlando Maurício de Carvalho Berti e Sônia Maria dos Santos Carvalho, após exoneração deles do curso de Picos. Ambos tinham perfis semelhantes no que tange à formação, quando integraram a Uespi como docentes, a partir de 2004, em Picos, e de 2006, em Teresina: egressos da graduação e pós-graduação *lato sensu* da UFPI, com pouca experiência na docência, mas muita no jornalismo, como lembra Sônia Carvalho (2021a).

Minha trajetória entra numa época em que nós estávamos formando o quadro docente que era totalmente qualificado em jornalismo, o que na Uespi isso não acontecia. Ainda em 2006, eu vi ingressar aqui, uma turma falando de algumas disciplinas que cursaram com professores de áreas absolutamente estranhas (CARVALHO, 2021a, p. 211).

Assim como Daniel Solon, Orlando Berti e Sônia Carvalho, a maioria dos professores iniciava a carreira com título de especialista, e algum traquejo no mercado comunicacional, mas sem formação para a docência e a pesquisa. Eram jornalistas egressos do primeiro curso do Piauí, e especialistas também pela UFPI, suprimindo as demandas surgidas pelo crescimento da comunicação aqui no estado.

O primeiro professor mencionado iniciou seu mestrado em História do Brasil (PPGHB/UFPI), no mesmo ano em que começou a carreira no magistério e, assim, o Curso de Comunicação Social ganhou um professor mestre em 2006. Em 2019, iniciou doutorado em História, na Universidade de Lisboa. O segundo fez mestrado e doutorado em Comunicação, na Universidade Metodista de São Paulo, iniciando esse percurso formativo em 2007 e seguindo sequencialmente até 2014, com período sanduíche na *Universidad de Málaga*, na Espanha. E a terceira estudou mestrado em História (PPFHB), na UFPI, entre 2008 e 2010.

A formação desses professores e a qualificação ao longo do tempo se deu basicamente a partir de iniciativas particulares, não somente no que se refere a pós-graduações *stricto sensu*, mas também a cursos de curta e média duração, bem como em outras possibilidades de formação continuada²⁷. Para Sônia Carvalho (2021a), a formação do quadro docente atravessou a história do curso concomitante ao seu desenvolvimento.

[...] era a gente com vontade de fazer um Curso de Jornalismo, mesmo com todas as dificuldades possíveis, mas a gente entrando com vontade de compor um quadro que tivesse formação em jornalismo e que partisse para uma formação cada vez melhor, porque isso iria, com certeza, refletir na qualidade de ensino que nós estávamos ofertando, e na melhoria de nós mesmos, na qualidade do jornalismo que a gente oferece para a sociedade (CARVALHO, 2021a, p. 211).

Alguns docentes contaram com o apoio da universidade para possibilitar a formação continuada, concedendo afastamento para estudarem. Foi o caso de Orlando Berti. Outros, no entanto, não conseguiram, entre os quais Daniel Solon, que fez a primeira pós-graduação concomitante à sua atuação como professor, e só conseguiu o afastamento para o doutorado, em 2019.

Na contemporaneidade, o curso conta com 12 professores efetivos, sendo seis doutores, dois doutorandos, entre os quais Daniel Solon, quatro mestres, como Sônia Carvalho, e um especialista²⁸. Tal como aconteceu na UFPI, o curso da Uespi passou a empreender mais pesquisas, a partir do momento em que essas profissionais retornaram de seus mestrados e doutorados.

Com isso, tanto a área de jornalismo quanto a de relações públicas ganharam outra dimensão no Piauí e no Brasil, elevando a qualidade dos cursos de Comunicação ofertados

²⁷ Essa discussão sobre formação de professores jornalistas do Piauí será aprofundada na seção 6 desta tese.

²⁸ Os dados foram levantados a partir da Coordenação de Jornalismo (2019), mas atualizados em 14 de junho de 2022, a partir de vistoria dos currículos na plataforma Lattes, dos professores listados no documento citado.

nesse estado da nação. Além dos investimentos no ensino, projetos de pesquisa e de extensão ocorreram com mais frequência, desde então.

Com isso, o da Uespi conseguiu afirmação na sociedade piauiense, depois de uma trajetória de trabalho, investimentos de formação continuada dos professores e consequente mudança nas práticas educativas, reformulações identitárias e enfrentamento às crises de financiamento da universidade pública por docentes e discentes, individual e coletivamente.

Com estudantes envolvidos politicamente, o Centro Acadêmico de Comunicação Social da Uespi (COMUNS) teve um papel expressivo nas reivindicações para melhor estruturação do ensino, da extensão e da pesquisa nessa instituição de ensino, especialmente com exigências voltadas às necessidades do curso, participando de movimentos reincidentes na história, como o SOS Uespi (fotografias 49 e 50).

Fotografia 49 – Reunião do COMUNS com outros centros acadêmicos e ADCESP

Fotografia 50 – Ato do movimento SOS Uespi, na reitoria da Uespi



Fontes: Centro Acadêmico de Comunicação Social da UESPI – COMUNS (2010, 2011).

O papel do CA foi lembrado pelos professores durante nossas conversas. Orlando Berti (2019b) realçou: “Nós tivemos Centro Acadêmico com gestões extremamente atuantes lá na capital, que ajudaram essa questão da identidade do curso. Hoje, todo mundo sabe que existe esse curso lá e, principalmente, no sentido dessa evolução” (BERTI, 2019b, p. 127). E Daniel Solon (2020), também:

A situação nunca foi fácil na universidade, mas já foi mais difícil! Muito mais difícil! [...] essa melhora do ponto de vista, tanto da questão docente, contratação de professores, como também de melhorias estruturais que aconteceram, têm a ver com organização dos estudantes, através do Centro Acadêmico, de suas reivindicações, e também em conjunto com a luta dos docentes da Universidade Estadual do Piauí, de forma geral, por uma melhor situação da universidade (SOLON, 2020, p. 21).

A característica de lutas políticas por melhorias do ensino superior é intrínseca à trajetória do Curso de Comunicação Social, mas não somente deste, como também de toda a Universidade Estadual do Piauí. Os movimentos estudantis, assim como os docentes, ao longo desses 20 anos de bacharelado, fizeram com que o curso melhorasse e crescesse.

De início, a estrutura oferecida à comunidade acadêmica era precária. Apesar de ser notável o esforço administrativo no sentido de ofertar mais essa opção de formação no Piauí, há contradição pelo fato de a preparação não prescindir a criação e oferta do curso, sobrevivendo por muito tempo com improvisos. Talvez, de outra forma não fosse possível a expansão da educação superior no Piauí, como considera o professor e reitor à época da expansão universitária, Jônathas Nunes:

Você tem que entrar de cabeça em tudo. Agora, claro, com essa noção de que, o mínimo, você tem que ir provendo, porque senão, você não cria nunca, porque há quem diga que o sujeito para criar não sei o que, aí tem que preparar a estrutura do curso todo?... Não, não é assim, não. É o ideal, né? Mas... Então, essa foi a ideia. E a gente ia montando à medida que o curso ia sendo necessário (NUNES, 2020, p. 96).

Embora aquém do cenário idealista para o ensino de nível superior, o impulso de criação de cursos pela Universidade Estadual do Piauí, naquela época, foi emblemático e gerou avanços à educação e à sociedade piauiense. O campo acadêmico da comunicação foi delineado como emergente, crescendo e legitimando seu espaço galgado e transposto pioneiramente pela Universidade Federal.

De início, os primeiros estudantes conviviam com dificuldades e desafios que iam da falta de professores, à escassez de livros das áreas de jornalismo e RP na biblioteca, além de carências em relação à estrutura laboratorial para as práticas comunicacionais. Certamente, esse contexto pesava para aquele grupo, como rememora o egresso Iury Campêlo (2020):

A gente não tinha livro, absolutamente nenhum de Comunicação Social, nem de Jornalismo, nem absolutamente nada. Quando as disciplinas práticas, como Fotojornalismo, Radiojornalismo, Telejornalismo começaram, a gente sabia que não ia ter tempo hábil para a universidade construir laboratórios, e a situação foi ficando ainda mais complicada sobre a existência, de fato, do curso, e se o curso seria aprovado pelo Conselho Estadual de Educação. [...] Infelizmente, a gente não pode alcançar tudo, mas é uma história bastante vitoriosa, porque as gerações que vieram depois da gente encontraram, pelo menos, uma parte do terreno construído, sedimentado (CAMPÊLO, 2020, p. 84).

As memórias do egresso Iury Campêlo (2020), assim como de dois dos professores com mais tempo de Uespi, Daniel Solon (2020, 2021), Orlando Berti (2019b) e Sônia Carvalho

(2021) denotam uma configuração de insistentes esforços da comunidade uespiana para alcançar melhorias, que levassem ao reconhecimento do curso pela sociedade piauiense.

Ao mesmo tempo, percebo, no entrelaçamento de suas lembranças, trajetórias de envolvimento que se torna afetivo. As dificuldades geram preocupação quanto à manutenção do curso e produzem desânimos, especialmente nos primeiros anos, ao passo em que resultam também em notório empenho para, de alguma forma, alcançar certa superação diante do cenário de dificuldades.

Longe de romantizar essa história de carências na educação superior de comunicação, são heranças que chegam aos dias atuais suavizadas pelos resultados de constantes debates e pressões comuns às histórias das universidades públicas brasileiras quando à qualidade do ensino oferecido. Daniel Solon, que é egresso da UFPI e professor da Uespi, com 17 anos de atuação, percebe essas convergências sobre precarização e persistência:

Acho que, na verdade, nunca houve facilidade no Curso de Comunicação na Uespi. Se as coisas eram precárias na Universidade Federal, inclusive com o quadro de quase metade dos professores efetivos, eu acho que talvez, na época em que eu fui estudante de lá, a situação do curso, desde a época que eu entrei era muito precária e, assim como o curso de Comunicação da UFPI refletia também a precarização do ponto de vista geral da universidade na minha época como estudante, na Uespi também não era diferente. Era uma situação muito difícil, de bastante precariedade e de muito imprevisto para se fazer o Curso de Jornalismo (SOLON, 2020, p. 20).

Daniel Solon (2020, 2021a) reafirma, em sua trajetória, as circunstâncias da educação superior relacionadas na abertura desta seção. Elas o acompanharam em seus tempos de estudante na UFPI, na segunda metade dos anos 1990, quando se questionava acerca da tendência de privatização da universidade; e, de modo semelhante, na Uespi, já como professor, no esforço coletivo por condições laborais que viabilizassem a consolidação do curso, mais que a criação, o qual persiste até a atualidade.

Em reflexão sobre o ensino de jornalismo na Uespi, Berti (2019a) ressalta o peso da falta de orçamento próprio, depois de tantos anos de funcionamento e do reconhecimento de sua atuação em regiões pobres do Piauí, onde não há presença de outras instituições de ensino superior. Contudo, entre as IES públicas piauienses, “é a que tem menos recursos e os mesmos dependem, ano após ano, de emendas parlamentares (estaduais e federais) para ter seu funcionamento garantido” (BERTI, 2019a, p. 9).

A implantação de cursos, como o de Comunicação Social, foi o primeiro passo naquele momento de crescimento do ensino superior no Piauí. Mas não planejada a médio e longo prazo, quase comprometeu a qualidade do ensino oferecido. Para se solidificar, foi imprescindível

articulação para continuidade de investimentos, organização do ensino e viabilidade da extensão e da pesquisa.

Todavia, na visão do professor Jônathas Nunes (2020), sem o primeiro passo não há caminhada. Ou seja, depois de iniciado o curso, a própria comunidade se empenha em conseguir a continuidade, por diálogos, reivindicações, exigências da ampliação da estruturação, mesmo que paulatina, para alcançar solidez. Deixa o papel de receptora de cursos em tom passivo para estimular ativamente a criação de um ambiente indispensável ao desenvolvimento material e intelectual do campo:

Há quem diga, ainda hoje, que se esses cursos não tivessem sido criados, ainda hoje a Universidade não teria. Não teria. Há muitas coisas na vida que é difícil começar e há muitas coisas que nunca são feitas, porque eles não começam. “Mas, o que é que adianta começar e não funcionar?”. Sim, há esse lado. Mas o curso, quando criado, no caso das universidades, ele adquire força interna própria. Os próprios prefeitos da região, a força política, o alunado, os professores, tudo isso compõe uma espécie de uma panela de pressão que faz com que o curso passe a funcionar (NUNES, 2020, p. 99).

Assim foi com a Universidade Estadual. No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, o ensino superior cresceu, expandiu-se e se interiorizou, oferecendo mais vagas e oportunidades de acesso à formação em nível superior como qualificação de pessoas em todo o Piauí e estados vizinhos. O começo desses cursos foi de dificuldade, mas a situação foi melhorando ao longo do tempo, como em Comunicação Social – Jornalismo e Relações Públicas.

Em termos estruturais, o segundo projeto pedagógico (UESPI, 2005) e o terceiro (UESPI, 2013) apontam laboratório de rádio, de televisão, multimídia, jornal laboratório semestral e *site* laboratório chamados O Gancho (figuras 51 e 52), além de multiteca, sala de recursos audiovisuais. No projeto mais atual (UESPI, 2016), o registro é de que as práticas se dão por meio de O Gancho, laboratórios de rádio e de multimeios.

Acredito que a necessidade e o manejo desses espaços para experimentos jornalísticos tenham se modificado desde 2020. No cenário mais atual, os avanços são surpreendentes quanto à incorporação e intensidade do uso das tecnologias da comunicação e da informação no cotidiano da educação e do mercado da comunicação.

Impulsionados pelo contexto de fechamento das salas de aulas físicas sob a necessidade de diminuição do contágio do coronavírus, na pandemia de covid-19, as práticas laboratoriais se modificaram e ganharam outra dimensão. Acredito que isso implicará em mudanças perenes nas práticas educativas de jornalismo, irreversivelmente.

O jornal laboratório O Gancho, nesse contexto, passou a ser produzido no ambiente doméstico, com recursos gratuitos disponíveis na *internet*, a partir das interações docente-discente e discente-discente mediadas por plataformas digitais. A produção de rádio e TV também foram completamente adaptadas na Uespi, desde a pandemia.

Figura 51 – Capa do jornal-laboratório O Gancho, de novembro de 2018

Figura 52 – Capa do jornal-laboratório O Gancho, de dezembro de 2018



Fonte: O Gancho (2018a, 2018b).

Até então, as emissoras de rádio e televisão da Fundação Antares, mantidas pelo Governo do Estado do Piauí, foram aliadas do curso para os experimentos audiovisuais. Em 2019, uma parceria entre a Uespi e a Fundação Antares foi formalizada, com assinatura de um termo de cooperação técnica para o projeto TV Escola. “O objetivo do programa é que alunos dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas da instituição possam ter parte das aulas de caráter teórico-prático na sede da TV/rádio Antares”, conforme consta em notícia de Alves (2019) publicada no *site* institucional da Universidade.

Antes mesmo desse termo, a TV e rádio Antares se estabeleceram como veículos que frequentemente recebem estagiários da nossa instituição, ofertando bolsas a esses estudantes. Lá no comecinho do curso, em 2004, um convênio possibilitou a veiculação de um programa radiofônico chamado Uespi no Rádio. A produção era de estudantes que faziam estágio na emissora, sob a supervisão dos jornalistas profissionais da Rádio Antares.

Não obstante ao cenário de carências características dessa história, essas parcerias vêm permitindo que os discentes da Uespi tenham oportunidade para desenvolver práticas de telejornalismo. A TV e a rádio da Fundação Antares assumiram o papel de TV e rádio escola na trajetória do curso, permitindo integração com o mercado de trabalho, a partir dessas experiências.

Além das emissoras estatais, o setor de Assessoria de Comunicação (Ascom/Uespi) da própria Universidade, em Teresina, recebe estudantes como estagiários, ajudando a fomentar as possibilidades de práticas, por meio da produção de notícias para *site* institucional, gestão de redes sociais digitais, além do manuseio de ferramentas para a comunicação organizacional interna e da mediação com os veículos jornalísticos externos.

Essas estratégias e táticas formativas do Curso de Comunicação Social foram sendo construídas ao longo do tempo. Talvez, o maior desafio tenha sido enfrentando pelos primeiros estudantes e professores, que empreenderam modos de ensinar e aprender desbravadores, por não contarem com uma estrutura adequada, que atendesse às necessidades previstas. Como lembra Iury Campêlo (2020, p. 85): “A gente fez aulas rudimentares de fotografia com a excelente professora Margarete Leite, com a máquina emprestada do setor de Assessoria de Imprensa do Palácio do Pirajá, uma máquina, acho que um ponto oito megapixels”.

Em meio às dificuldades, o primeiro laboratório inaugurado e ainda utilizado por Iury Campêlo e por outros estudantes da primeira turma, foi de rádio. Bem depois, no ano de 2009, o curso recebeu um laboratório de televisão, que, segundo Alencar (2009), teve investimento possibilitado por emenda parlamentar federal e por recursos do governo estadual, de quem a Uespi depende para manutenção.

Esse contexto de, por muito tempo, ter uma estrutura inferior às necessidades educativas para a continuidade do curso, implicou em indecisões quando da obtenção do primeiro reconhecimento formal pelo Conselho Estadual de Educação (CEE), que avalia a Universidade Estadual. Cinco anos depois de instalado, em junho de 2006, o curso foi julgado e alcançou permissão para continuar (PIAUÍ, 2006a).

Nas memórias de Iury Campêlo (2020) e Daniel Solon (2020), essa não foi uma tarefa fácil, em razão das adversidades, mas as pessoas que estavam ali reconheciam a importância

dessa avaliação para possibilitar a manutenção e alcançar a estabilidade no ensino de comunicação da Uespi. Só assim, poderia haver afirmação do curso.

O próprio reconhecimento do Curso de Jornalismo foi uma grande vitória que a gente conseguiu, porque a gente teve que mergulhar dentro das discussões para que o curso fosse reconhecido. [...] Só o fato de o curso ter sido reconhecido naquela época, com as condições que nós enfrentamos, foi uma grande vitória (CAMPÊLO, 2020, p. 87).

Se os professores que compuseram aquela equipe de reconhecimento fossem, de fato, rígidos no processo de avaliação, o curso teria fechado naquele momento, 2004, 2005, se eu não me engano. Porque, efetivamente, as condições para reprovação do curso estavam dadas, não dava para fazer maquiagem na realidade do curso. [...] Então, assim, a equipe que lá foi fazer a inspeção e a avaliação do curso, ela, basicamente, saiu convencida da importância do curso de Comunicação da Uespi para a sociedade naquele momento, diante da demanda social que existia, e saiu convencida também da qualidade que era aquele grupo de estudantes que estava ali saindo, que estava se formando e para quem era analisado de fato ali naquele momento, né (SOLON, 2020, p. 28-29).

À época, o primeiro estava em processo de conclusão do curso, enquanto o segundo exercia a função de coordenador de curso. Na percepção deles, o resultado só foi possível porque o comitê avaliador foi flexível, ao tempo em que reconheceu a importância do curso, evidenciada pelo fato de muitos estudantes e formandos já ocuparem lugares respeitados no mercado de trabalho.

Novamente, o curso foi reconhecido, em 5 de junho de 2012, em 2014, e mais recentemente, em 2015 (UESPI, 2016). Antes mesmo do primeiro reconhecimento de curso pelo CEE, o grupo de professores e estudantes identificou necessidade de ajuste no currículo de então. E, em 2005, uma comissão formada pelo professor Roberto Denes Quaresma Rego, Daniel Vasconcelos Solon, Margareth Sales Leite e Fábila Adriana de C. B. Vieira (UESPI, 2005) fundamentou a primeira modificação no formato do curso.

Havia uma pressão para que fossem modificadas algumas disciplinas, inclusive os estudantes mesmo reclamavam que era muito repetitivo. [...] a gente estava, naquele momento, eu e os professores que faziam parte daquele grupo, estudantes também, tentando fazer adequações ao projeto pedagógico, mas desde que não afetasse a nossa preocupação, que era a formação também humanística. Claro, sem deixar de ficar preocupado com a questão da formação profissional, que era, sem dúvida, importante e deve ser seguida em qualquer curso (SOLON, 2020, p. 19).

Nas memórias de Solon (2020), é possível perceber uma conexão com o que dizem autores como Freire (2013) sobre a importância da participação dos aprendizes no processo de

escolha dos conteúdos a serem estudados. A educação se constitui por práticas de trocas entre as pessoas envolvidas, com sobressalto ao papel ativo dos estudantes.

A educação deve ser dialógica e horizontalizada, defende o mesmo autor. E, para tanto, diz ele, essas situações prescindem todo processo formativo, a começar pela escolha dos conteúdos. Do contrário, se forem impostos verticalmente, há um risco de se afastarem da realidade discente. A reforma curricular, então, como ocorreu na Uespi, não cabe somente ao quadro docente, mas também ao discente, e não isoladamente, mas interativamente.

Dessa maneira, a primeira formatação compreendeu a extinção de conteúdos curriculares repetitivos. Disciplinas divididas em I, II e III, como Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa (TREP), Comunicação e Cultura e Psicologia Aplicada à Comunicação, foram transformadas em únicas no novo projeto (UESPI, 2005).

Além disso, a mudança na carga horária ampliou o tempo de duração do curso de 10 para 11 semestres para integralização de Jornalismo (2.730 horas em oito semestres) e de Relações Públicas (mais 2.810 horas em três semestres), totalizando 4.350 horas de curso para as duas habilitações, mesmo que a segunda fosse opcional.

Outra mudança no projeto pedagógico demorou a acontecer. Somente em 2013, a Universidade implantou nova grande curricular, com 3.930 horas/aula, sendo 2.090 da habilitação de Jornalismo, contemplando também o conteúdo básico comum às duas habilitações, e 1.020 da habilitação de RP (UESPI, 2013).

A mudança mais recente ocorreu em 2016. Com as orientações curriculares nacionais (BRASIL, 2013), o Curso de Comunicação Social com duas habilitações, oferecido pela Uespi, poderia ser transformado em dois cursos de graduação: um de Bacharelado em Jornalismo, separado do Bacharelado em Relações Públicas. Mas não aconteceu. Desde 2016, a universidade tem ofertado vagas ao Curso de Jornalismo, somente.

Hoje não há turmas de Relações Públicas no Piauí, e a comunidade acadêmica convive com incertezas quanto à continuidade e/ou reabertura do curso, embora tenha construído uma trajetória de quase 20 anos desde a sua implantação como parte de um curso de duas habilitações, fazendo com que o campo crescesse. Nossos egressos galgaram espaços em todo o Brasil e, hoje, ocupam cargos de relações públicas em universidades e outras organizações brasileiras, tanto no setor público quanto no privado.

Quando foi instalado, empresas piauienses contavam com poucos investimentos quanto à comunicação institucional, restringindo as possibilidades do mercado de trabalho ao profissional de RP. Isso imprimiu dificuldades ao curso, a começar pela escassez de professores

no Piauí, com a formação em relações públicas, passando também pelos campos de estágio com supervisão profissional.

Na maioria dos certames organizados por essa IES, foi exigida formação em Comunicação Social, sem fechar na habilitação A ou B. Pelo fato de o Piauí contar com um curso de bacharelado formando jornalistas anualmente, na UFPI, esses egressos terminavam por ocupar as vagas para professores, o que facilitava o desenvolvimento desse campo em detrimento do outro.

Por conseguinte, houve dificuldade para o curso se estabelecer e alcançar uma consolidação, ao ponto de a extinção ser evitada ou, ao menos, questionada pelas comunidades acadêmica e em geral, tal como ocorreria se o curso extinto fosse o de Jornalismo, e não o de Relações Públicas. O fato é que relações públicas deixou de ser oferecido, contudo, as reações e pressões foram parcas diante das incertezas da sua reabertura.

Atualmente, a UESPI abre entradas anuais de 45 estudantes, por meio do Sistema de Seleção Unificado (SISU). O curso alcança 21 anos, e, apesar de registrar intenções de integração entre graduação e pós-graduação (UESPI, 2013, 2016), ainda não oferece formação continuada aos egressos. Nessa trajetória, caminha entre convergências e divergências ao curso-irmão, em Picos.

4.2.2 “Jornalismo, já!”: reitor atende solicitação e cria primeiro curso para jornalistas em Picos²⁹

“Jornalismo, já!”; “Queremos o Curso de Comunicação Social”; “Senhor reitor, por que o senhor não implanta o Curso de Comunicação Social?”. Essas frases, em cartazes produzidos por profissionais que faziam jornalismo na região semiárida piauiense, no início dos anos 2000, compunham o cenário do pequeno Aeroporto Regional de Picos, toda vez que o reitor da Uespi, Jônathas de Barros Nunes, visitava a cidade para cumprir agenda administrativa.

A estratégia tinha uma intenção: chamar a atenção do gestor para a necessidade de formação de jornalistas na região de Picos, considerada estratégica, do ponto de vista econômico e educacional, para mais de 40 municípios do Piauí, além de ser entroncamento rodoviário para outros estados nordestinos, como Ceará e Pernambuco.

²⁹ A pesquisa parcial sobre a implantação do Curso de Comunicação Social, na Uespi/CPBA, em Picos, foi publicada ao longo do doutoramento, com o título: *Do mercado de trabalho à academia: história e memória da implantação do curso de Jornalismo em Picos-PI-BR* (FERREIRA; FERRO, 2021). Aqui, na tese, trago o texto ampliado.

Até então, Picos contava com *campi* de duas instituições de ensino superior: a Universidade Federal do Piauí (UFPI, 2017) e a Universidade Estadual do Piauí (PIAUÍ, 1993). Contudo, os cursos oferecidos eram poucos e, em sua maioria, voltados para a formação de professores, naquele momento. O Instituto Federal do Piauí foi instalado somente em 2009 (IFPI, 2017) e o Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, com a oferta de ensino presencial regular, só a partir de 2006 (FACULDADE R. SÁ, 2020).

Por outro lado, a comunicação midiática já era pujante no município, principalmente, a partir do entorno da década de 1990. A cidade contava com inúmeros veículos, entre rádios e jornais impressos, e, conseqüentemente, havia uma demanda reprimida por qualificação de pessoas, em específico daquelas que atuavam nesse campo. Poucas eram as que conseguiam sair da cidade para fazer graduação em capitais nordestinas e se formarem jornalistas.

Foi então que, interessado em mudar essa condição, um grupo de profissionais da comunicação e de áreas afins, como Letras e Direito, começou a se reunir para discutir estratégias e táticas no sentido de sensibilizar o reitor da Universidade Estadual do Piauí sobre a necessidade de implantação do Curso de Comunicação Social em Picos, assim como havia sido recentemente implementado em Teresina, no ímpeto da expansão universitária.

Evandro Alberto de Sousa e Maria Edilene Ramos da Luz, jornalistas com formação, também compunham esse grupo. O primeiro fez graduação em João Pessoa, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Ao retornar ao Piauí, percebeu a abertura do campo e se juntou aos colegas que se mobilizavam pela implantação do curso em Picos.

Foi assim que Evandro Sousa se tornou um dos primeiros professores de Comunicação Social nessa cidade, o segundo coordenador de curso na Uespi, depois de Lia Raquel Bezerra, além de ter sido o primeiro coordenador e um dos fundadores do segundo curso no mesmo município, ofertado pela Faculdade R. Sá, desde 2006. “Naqueles idos de 1998, 1999 e 2000, havia uma pujança muito grande do jornalismo, aqui, no estado do Piauí, incluindo o interior[...]. Então, essas pessoas passaram a discutir: “com a dimensão e o tamanho de Picos, por que não trazer o curso de Jornalismo para o município?” (SOUSA, 2020, p. 49).

Maria Edilene Ramos da Luz fez Curso de Jornalismo em Recife, na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), e, depois de experiências profissionais em Brasília e no Rio de Janeiro, retornou ao Piauí, no início dos anos 1990, momento em que assumiu a diretoria de jornalismo do Sistema de Comunicação de Picos. O diretor-geral das três rádios que compunham o Sistema, Carlos Luís Nunes de Barros, tinha parentesco com o reitor Jônathas de Barros Nunes, o que, segundo Edilene Luz (2020), facilitou o diálogo com o grupo local. Mais tarde, ela se tornou professora de Comunicação Social na UESPI. “[...] E os meninos

jovens, que tinham vontade de fazer o curso, não tinham oportunidade, até então. Nós juntamos uma turma na época” (LUZ, 2020, p. 114).

As reuniões de articulação movimentavam cerca de 40 pessoas com um objetivo em comum: viabilizar a formação acadêmica em jornalismo no interior do estado do Piauí. Entre as estratégias adotadas, entrevistas junto ao reitor da Uespi, diálogos e intervenções, como as faixas e os cartazes no aeroporto regional, quando das visitas de Jônathas Nunes.

A articulação em torno da implantação do primeiro Curso de Jornalismo fora da capital do Piauí partiu dos profissionais que atuavam no mercado de trabalho, na ânsia por obter a formação e se tornarem, de fato, jornalistas. Não foi uma iniciativa da universidade. E é isso que torna a história e memória dessa graduação em Picos peculiar, com uma trajetória que nos incita à investigação científica.

Eu tenho lembrança do pessoal me procurando, pedindo o curso, em Picos, é verdade. Isso acontecia sempre nas minhas idas àquela cidade. Pessoas, até que eu nem conhecia me procuravam, não sei, se eram estudantes ou não da Universidade, já perguntando da viabilidade. “Professor, eu acho que você devia pensar no curso de Comunicação, Jornalismo. Na região, aqui, não tem”. Porque na Federal nunca teve, não tem, não, nunca foi criado (NUNES, 2020, p. 94).

José Pereira de Sousa Filho, conhecido J. Pereira, integrava o grupo de mobilização pela qualificação de jornalistas como um dos articuladores diretos. Sua ousadia e persistência conjuntas às dos colegas da época alavancaram a implantação do primeiro Curso de Jornalismo no interior do Piauí, precisamente, na cidade de Picos.

Jornalista experiente, principalmente em rádio e televisão, Jota Pereira foi um dos aprovados no primeiro vestibular para Comunicação Social, tornando-se, mais tarde, egresso da primeira turma. Com a formação, experimentou também a docência em jornalismo na Faculdade R. Sá, entre 2008 e 2011.

E nós ficávamos com aqueles cartazes direcionados ao Jônathas, de longe, e ele percebia isso, concedendo entrevista para os demais colegas, mas sempre visualizando e perguntando o que estava acontecendo, quem eram aquelas pessoas, o porquê da iniciativa. Essa era uma das estratégias, e não foi só uma vez, isso se repetiu por duas, três ou quatro vezes. A outra frente era de nós produzirmos pautas nos veículos com os quais trabalhávamos, isso de forma bem articulada não só por mim, mas por Fábio Gonçalves, por Evandro Alberto, com o auxílio já, também, de Orlando Berti. Produzíamos pautas direcionadas à Uespi. E durante a produção desse material jornalístico, a gente reservava um espaço para uma entrevista com o reitor. Então, no momento da entrevista, nós perguntávamos para ele: “Quando é que o senhor vai implantar o curso de Comunicação Social? Nós queremos o curso de Comunicação” (SOUSA FILHO, 2019, p. 106).

Após aproximadamente um ano de mobilização em torno da Universidade Estadual, a administração superior deu o aval para a implantação do curso em Picos, no interior do Piauí. O vestibular para selecionar os estudantes da primeira turma de Comunicação Social da Uespi, *Campus Professor Barros Araújo*, foi aberto.

Havia chegado a hora de iniciar um novo tempo no jornalismo praticado no Sertão, como lembra José Pereira Sousa Filho: “[...] foi uma alegria tremenda para todos os 40 profissionais, que, direta ou indiretamente, estavam ligados e contribuindo para a instalação do curso. Uma reivindicação de mais de 20 anos, porque essa também havia sido solicitada a outros reitores, mas sem nenhum sucesso” (SOUSA FILHO, 2019, p. 106).

Em seu relato, percebo que as memórias de José Pereira Sousa Filho (2019) são organizadas cronologicamente e, quando evocadas, no decorrer da entrevista, vêm de forma linear, pontual e objetiva. Embora ele demonstre certa dificuldade em lembrar algumas datas, narra o processo de mobilização para a implantação do curso de um modo facilmente compreensível, visualizável. Isso pode estar associado ao fato de ele ser jornalista de campo, contador de histórias para o rádio e a TV, com mais de 20 anos de carreira. Colocou-se no papel de entrevistador, por muitas vezes, e sabe o que e como responder, com habilidade de falar claro e objetivamente, e com facilidade, para se fazer compreender.

Foi assim também com relação às memórias narradas por Edilene Luz (2020), que também tem larga experiência como repórter e apresentadora de jornal televisionado. As perguntas, durante a entrevista, funcionaram como gatilhos para disparar lembranças, Edilene Luz e J. Pereira demonstraram facilidade em narrar memórias.

A função da memória na construção da história perpassa tempo e espaço. A história se interessa pela ordem cronológica, segundo Halbwachs (2006), pois ela é apenas o resumo. E a memória? Como a memória concebe o tempo? Ela é evocada, e só depois, é que procuramos as referências temporais; enquanto a história trabalha em contrário, busca na sucessão cronológica, as fases, primeiramente.

Para Halbwachs (2006), a relação entre a memória coletiva e o tempo se situa no entendimento de que ambos são resultados de construções sociais, além de serem fatores naturais. Tanto a sociedade quanto a natureza estão presentes quando pensamos o tempo; ele é social, biológico, natural; pode ser entendido como objetivo (o quantitativo de horas para realizar determinada atividade) e subjetivo (os momentos que encaramos como duradouros ou passageiros podem ser diferentes da compreensão de outras pessoas).

Assim, alguns aspectos referentes ao tempo são comuns a diversos grupos. Contudo, ele não é universal. Se o tempo é variável de acordo com o grupo (HALBWACHS, 2006), isso pode explicar a organização das narrativas de José Pereira de Sousa Filho (2019) e Maria Edilene Ramos Luz (2020), ao evocarem suas memórias, pelo seu lugar de fala, pelo seu grupo social.

Ao lembrar dessas reuniões articuladoras ou das intercepções estratégicas junto ao reitor, José Pereira de Sousa Filho (2019) faz menção de episódios que ele não conservou sozinho. Maria Edilene Ramos Luz (2020) também recorda dessas reuniões, da articulação, dos diálogos. Evandro Alberto de Sousa (2020) rememora o cenário comunicacional e o papel dos comunicadores nas ações que desencadearam a oferta do curso. O próprio reitor Jônathas de Barros Nunes (2020) confirma muitas informações, a partir de seu lugar social de fala.

Assim, é pelo cruzamento de memórias, sob questionamentos constantes, que opero a história do ensino de comunicação no Piauí, e, aqui, especificamente os acontecimentos particulares à região de Picos. Faço isso com base em Thompson (2002), para quem o processo de interpretação e avaliação das evidências orais passa pela conferência com outras fontes, sejam elas também orais, iconográficas, escritas, oficiais, jornalísticas...

A confrontação de lembranças individuais de mais de uma pessoa acerca do mesmo assunto imprime um tom de legitimidade às informações mencionadas em cada entrevista, em particular. Posso dizer que, assim, a operação da história se dá com base em critérios científicos (os métodos) que ajudam a estabelecer um regime de verdade³⁰ na narrativa (a tese), que cruza diversas outras narrativas (as entrevistas).

Não é que a evidência oral não possa ser utilizada sozinha. Porque pode. E o próprio Thompson (2002) ratifica isso, ressaltando que é válido, quando aquela narrativa traz aspectos que só podem ser colocados por aquela pessoa. Nesse caso, diante da impossibilidade de cruzamento, cabe a nós, pesquisadores, avaliarmos a veracidade. Mas quando da convergência de memórias de diferentes pessoas, e nesse caso memórias orais, há uma disposição em estabelecer o processo interpretativo, como foi o caso.

Às fontes citadas sobre a organização dos comunicadores pela formação superior, acrescento Orlando Maurício de Carvalho Berti (2019b), pois ele se lembra dos aspectos relatados e reforça que, de fato, o curso surgiu de uma demanda mercadológica presente na grande região de Picos, naquele momento.

³⁰ Minha compreensão sobre regimes de verdade passa por Foucault (1979). Segundo ele, os regimes de verdade ajudam a estabelecer diretrizes que fazem com que determinados discursos sejam reconhecidos como verdadeiros dentro da sociedade, pelo encontro da coragem com a vontade de verdade.

O próprio Orlando Berti também foi mencionado, em outras entrevistas, como estimulador dos jornalistas que atuavam no interior. Segundo conta José Pereira de Sousa Filho (2019), ele instigou os jovens comunicadores a buscarem formação, antes mesmo de o curso ser implantado. Assim, minhas fontes se aproximam em seus relatos e confluem ao tema.

Em 2003, Berti entrou como professor substituto. Posteriormente, foi aprovado no primeiro concurso público para docente do Curso de Comunicação Social, Uespi/CPBA, juntamente com a professora Sônia Maria dos Santos Carvalho. Ambos permaneceram em atuação em Picos por três anos, até conseguirem outra aprovação, em vaga destinada ao mesmo curso, Uespi/CPTN, no certame de 2005, com convocação em 2006.

Além disso, juntamente com Evandro Alberto Sousa, Orlando Berti e Sônia Carvalho ajudaram a criar o projeto de Curso de Comunicação Social – Jornalismo, na Faculdade R. Sá. Esse grupo de docentes, que já atuava na Uespi, assumiu o novo curso na IES privada, concomitantemente. Situação que se repete muitas vezes, ao longo da história, professores de jornalismo simultaneamente nas duas instituições que ofertam a graduação, em Picos.

De outra forma, Ruthy Manuella de Brito Costa (2019), egressa da segunda turma de Comunicação Social, Uespi/CPBA e, hoje, professora do mesmo curso, retoma indícios dessa memória coletiva, ainda que a sua recordação não tenha sido construída pela vivência direta, mas pelas rememorações de outras pessoas de seu convívio, que chegaram a ela e que continuam a serem conservadas por ela.

Ao final do seu ensino médio, em Floriano-PI, quando da oferta de vagas para a segunda turma de Comunicação Social, em Picos, no vestibular de 2003, inscreveu-se, foi aprovada e, no ano seguinte, mudou-se, para cursar a graduação. Chegando a Picos, tomou conhecimento dos fatos que levaram à implantação do curso, continuando a história como uma testemunha indireta, a partir das versões contadas por colegas da primeira turma. A partir de então, solidificou-se como integrante do coletivo que ajudou a fazer história na formação em comunicação.

Essas são memórias vividas e herdadas, memórias pessoais e por pertencimento de Ruthy Costa ao grupo. A troca de recordações é própria das relações sociais. A conservação por esta forma, também. Como diz Pollak (1992, p. 203), “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida da pessoa”. Portanto, constrói-se coletivamente pelo que se vive, pelo que se recebe e pelo que se dá sobre lugares, pessoas e acontecimentos. Por essa razão, é fluida, mas criteriosa e, assim, vívida entre ondulações.

A memória se concretiza nas interações sociais, seletivamente, ainda que de forma automática, irreflexiva, imperceptível, como pondera o pesquisador. Assim, a identidade social ajuda no enquadramento das memórias, de forma geral, e, especialmente, naquelas transmitidas.

Há, então, uma memória coletiva e histórica acerca da implantação do Curso de Comunicação Social em Picos, conservada a partir de lembranças individuais por esse grupo, que vivenciou o período, direta ou indiretamente, assim como por outras pessoas, que herdaram essas memórias. Em conjunto, tais recordações dão tom legitimador para as narrativas contadas.

Esse caráter coletivo da memória, já evidenciado por Halbwachs (2006), denota confiabilidade às recordações pessoais. “Se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas” (HALBWACHS, 2006, p. 29).

E, para que as memórias de uma pessoa se somem às de outras, é necessário algum tipo de conformidade que gere coerência entre as lembranças, a partir de pontos de semelhança, de encontros que ajudam a reconhecer a composição de uma base sobre aquele acontecimento lembrado, como discute o referido autor.

E não só do ponto de vista da memória, mas também da história. Na construção historiográfica, trabalhamos com vestígios deixados pelo passado no presente. As ponderações de J. Pereira Sousa Filho (2019), Edilene Luz (2020), Evandro Sousa (2020), Jônathas Nunes (2020), Orlando Berti (2019b), Ruthy Costa (2019) e Jaqueline Cardoso (2021a), como algumas fontes orais desse período, demonstram uma forma de pertencimento à história e às memórias da Uespi e da formação de jornalistas no interior desse estado.

Em agosto de 2002, o *Campus* Professor Barros Araújo, da Universidade Estadual do Piauí, recebeu a primeira turma no Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas (fotografia 53), o primeiro de todo o interior do Piauí e, junto com o *campus* Torquato Neto, em Teresina, um dos poucos a oferecerem duas habilitações no Nordeste.

A Uespi fez parcerias com prefeituras da grande região de Picos para viabilizar a implantação. Parte da primeira turma, então, foi formada por cotistas dessas instituições parceiras; a outra, por candidatos aprovados em ampla concorrência, entre os quais José Sousa Filho, Jota Pereira.

Desse modo, os Municípios pagavam à universidade mensalidades para ajudar a custear o funcionamento dos cursos de formação, não somente o de Comunicação Social, mas,

principalmente, aqueles voltados à formação de professores, tal como ocorreu em outros *campi* e núcleos da Uespi no Piauí, e até em estados vizinhos.

Fotografia 53 – Primeira turma de Comunicação Social da Uespi/Picos



Fonte: Autoria desconhecida. Reprodução Facebook Orlando Berti (2013).

As prefeituras do Piauí, do Maranhão e até da Bahia, colaboraram financeiramente, sob o interesse de qualificarem munícipes para atuação em suas cidades. No caso de Comunicação Social, a contribuição era formar jornalista para a prática da assessoria de imprensa, conforme relato do professor Orlando Berti (2019b, p. 126): “As cotas realmente funcionaram, e essas pessoas foram atuar nesses municípios de origem”, rememora.

Essa era a tática utilizada pela Uespi para bancar a empreitada expansionista, no intento de formar professores e de qualificar recursos humanos em outras áreas, como na saúde e na comunicação. Ali, e até hoje, a universidade era custeada completamente pelo Governo do Estado do Piauí, sem autonomia financeira, apenas administrativa. A escassez de recursos seria um percalço que poderia inviabilizar o projeto, não fosse a ideia de arrecadação por outras vias financeiras.

Por volta do final dos anos 1990 até o início dos anos 2000, a administração superior da Universidade Estadual viu nas parcerias administrativo-financeiras municipais, viabilizadas pela mediação da Associação Piauiense de Municípios (APPM), uma possibilidade de engrossar o orçamento universitário.

Nesse processo de parceria administrativo-financeira com as prefeituras, toda a região de Picos acabou viabilizando também o curso de Comunicação no interior dessa forma. O município de Picos é um dos municípios que ajudou. [...] Isso é muito interessante e importante, porque esse dinheiro só poderia ser usado realmente nos cursos de formação de professores. E isso dava uma certa folga. Algum recurso do Estado, mesmo pequeno que fosse, a gente podia alocar para os cursos, como de Medicina, de Odontologia, de Fisioterapia, de Jornalismo, e assim, vários outros cursos nossos. Então, esse foi o segredo para a gente alavancar esses cursos todos (NUNES, 2020, p. 97).

Embora o Curso de Comunicação Social tenha sido criado com a oferta de duas habilitações – Jornalismo e Relações Públicas –, a primeira turma finalizou, depois de quatro anos, somente com a habilitação de Jornalismo (a de RP era opcional). Isso pode ser explicado pelo fato de muitos já serem profissionais do mercado de trabalho jornalístico, com interesse em se qualificar para a área na qual já atuavam.

Os primeiros estudantes a concluírem a graduação de Comunicação Social com as duas habilitações foram da segunda turma, entre os quais Ruthy Manuella de Brito Costa. Ela lembra que apenas três estudantes optaram por continuar fazendo a segunda habilitação: “[...] eu, Richardy e Simoní optamos por fazer a habilitação de RP. Fomos os primeiros a concluir o curso com as duas habilitações, e a instituição ofertou, realmente, a habilitação de RP para esses três” (COSTA, 2019, p. 136).

Segundo consta nos arquivos do curso (UESPI, 2007a), o estágio obrigatório dos primeiros estudantes de RP foi acompanhado pela professora da disciplina *in loco*, devido à falta de profissionais da área nas organizações da cidade de Picos, que pudessem supervisionar os acadêmicos em formação.

Os primeiros projetos curriculares do Curso de Comunicação Social (UESPI, 2005, 2012) priorizavam a habilitação em Jornalismo, em quantidade e qualidade. Talvez por isso, poucos estudantes escolhiam continuar com o curso e concluir as duas habilitações, não só nas primeiras turmas, mas ao longo da história.

Ao final dos quatro anos, habilitados em Jornalismo, a maioria dos estudantes optava por não fazer mais alguns períodos de disciplinas, e mais um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), para concluir a segunda habilitação de Relações Públicas, e finalizava o Curso de Comunicação Social com uma habilitação, no caso, Jornalismo.

Esse aspecto foi notado em pesquisa recente. Ao analisar a produção científica do Curso de Comunicação Social, a partir dos TCCs de Jornalismo e de RP, desde a primeira turma até o ano de 2021, Castro (2021) registrou que o número de trabalhos da segunda habilitação é expressivamente menor que o da primeira.

Para esta pesquisadora, esse indício deve ser percebido como uma marca que ajuda a compreender a história e memória do curso, em Picos, assim como o próprio campo profissional da comunicação na região do Semiárido piauiense. O curso estudou, nesse tempo, o espaço profissional onde ele está situado. Por conseguinte, o jornalismo demonstrou ter mais lugar nas pesquisas do que mesmo as relações públicas. As pesquisas, certamente, implicam na consolidação do curso e da comunicação no interior do estado.

A proposta era de que os primeiros oito blocos oferecessem base comum para as duas habilitações, com disciplinas básicas, como as propedêuticas (Língua Portuguesa e Expressão Oral I e II, Sociologia Aplicada à Comunicação, Filosofia, Metodologia Científica) e as básicas do campo comunicacional (Teoria da Comunicação I e II), por exemplo.

Todavia, a maior parte das ofertas se voltava ao Curso de Jornalismo, como Oficinas de Texto I e II, Radiojornalismo I e II, Telejornalismo I e II, História do Jornalismo (UESPI, 2012). Poucas eram as oportunidades em que tínhamos disciplinas voltadas ao campo da comunicação organizacional, de modo que favorecesse a habilitação de RP.

No caso da minha turma, nos primeiros quatro anos, de 2008 a 2011, cursamos apenas uma disciplina de Relações Públicas, uma de Comunicação e Marketing e uma de Assessoria de Imprensa, tal qual aconteceu com as cursantes do período em que o projeto curricular de 2012 (UESPI, 2012) esteve em vigência.

No decorrer desse tempo, o curso passou por dificuldades para se manter. A carência no interior do Piauí se evidenciava na estrutura, com poucos laboratórios, e, principalmente, na ausência de professores com formação em Comunicação Social para atender à demanda que surgiu com a implantação.

Os professores, nos primeiros anos especialmente, eram, majoritariamente da capital, Teresina, pela escassez de profissionais com formação na região de Picos. Além deles, outros, com formação em outras áreas, eram lotados em disciplinas específicas, e não só nas propedêuticas.

Essa era uma tentativa de suprir a necessidade de formatação de um quadro docente de Comunicação Social, como lembra Evandro Sousa (2020), à época coordenador de curso. Assim como ele, Ruthy Costa (2019), naquele momento, estudante, também reafirmou essa característica nas suas narrativas memorialísticas.

E aí, ficávamos convidando os professores de Teresina, aqueles que trabalhavam nos jornais, para vir dar aula aqui. [...]. O fato é que havia toda aquela conversa para que esses professores pudessem dar aula no curso, já que, em Picos, no Curso de Jornalismo, professores da área, eram poucos, a princípio, eu e a Lia Raquel, basicamente. Então, nós passamos a aproveitar professor de Língua Portuguesa para ministrar ali algumas disciplinas que eram correlatas ou afins [...]. Então, terminava, eu acumulando ali várias disciplinas da parte específica, a Lia com outras, até que a gente pudesse contar aí com outros professores (SOUSA, 2020, p. 50).

Nós não tínhamos uma quantidade de professores da área que realmente dessem conta de atender todas as disciplinas. Então, nós tínhamos professores de todas as outras áreas, dando aula de Jornalismo. [...] Com o passar dos anos, com o caminhar do curso, isso foi melhorando, mas na nossa época, a gente teve muitos professores de outras áreas. A gente pagou Teoria da Comunicação com uma dentista, ela era da Odontologia e estava dando uma das disciplinas-base para todas as outras disciplinas que a gente vai cursar, e a gente viu por cima (COSTA, 2019, p. 133-134).

José Pereira de Sousa Filho (2019) tem memórias semelhantes sobre a crise e a falta de professores. No entanto, para ele, os docentes que atuavam à sua época eram “importantes, comprometidos com a UESPI, com a grade do curso” (SOUSA FILHO, 2019). Entre os quais, lembra de Orlando Maurício de Carvalho Berti, Sônia Maria Carvalho dos Santos e Evandro Alberto de Sousa como memoráveis.

Jaqueline da Silva Torres Cardoso estava entre esse grupo formado em Teresina, que veio atuar em Picos. Ela iniciou suas atividades como professora de Comunicação Social nesse período, depois da aprovação no segundo certame ofertado pela Uespi para o curso. “[...] eu vim mesmo para cá nessa intenção. “Eu sou professora de Picos, então vou continuar em Picos, vou morar em Picos”. Então, eu vim para morar. Mesmo sendo 40 horas, o salário ainda era muito baixo, mas eu vim para morar” (CARDOSO, 2021, p. 186).

Pela falta de infraestrutura, as práticas educativas voltadas ao jornalismo se davam em contexto de dificuldades, pelo esforço da comunidade acadêmica diretamente envolvida. Uma das evidências que encontrei se refere ao jornal-laboratório, cujo nome era Antenando (figura 54), de apenas três edições, de 2005 a 2006.

Os jornais encontrados entre os arquivos da Uespi/CPBA foram produzidos em disciplinas práticas, pelos discentes, sob a supervisão docente de Sônia Maria dos Santos Carvalho, quando de sua atuação profissional em Picos. Foram veiculados em um momento que o curso ainda não contava com laboratórios para a produção.

Aplico a não-continuidade da produção do primeiro jornal-laboratório às constantes mudanças no quadro docente. O curso, nos seus primeiros 10 anos, manteve-se, em sua maioria, com professores substitutos. Cada profissional terminava criando outros jornais-laboratórios,

sites, redes sociais para as práticas nas disciplinas, sem considerar os anteriores, provavelmente, por desconhecimento das práticas desenvolvidas anteriormente à sua chegada.

Figura 14 – Capa do jornal laboratório Antenando de 2005



Fonte: Antenando (2005).

Não obstante, o curso foi reconhecido pela primeira vez no ano de 2006, pelo Conselho Estadual de Educação, na Resolução CEE nº 187/2006, com recomendações que deveriam ser atendidas pela Uespi no prazo de 180 dias. Pelo Decreto nº 12.256, de 19 de junho de 2006, o Governo do Estado do Piauí (2006b) reconheceu o Curso de Comunicação Social, com duas habilitações, Jornalismo e Relações Públicas, pelo período de cinco anos.

O curso foi bem avaliado. Eles ficaram até surpresos com a avaliação que o curso teve, e não foi aquela coisa: “Ah, vamos falar bem, porque a gente quer ter uma boa nota”. A gente nem tinha noção disso. Mas, a gente foi sincero em mostrar... Quando eles perguntavam das dificuldades, a gente dizia que tinha, apontava essas dificuldades, mas ao mesmo tempo dizia: “A gente não tem aqui, mas ali a gente faz. Então, a gente não fica sem ter essas práticas ou sem ter esse conhecimento” (COSTA, 2019, p. 136).

Em 24 de junho de 2007, o então governador José Wellington Barroso de Araújo Dias inaugurou o Laboratório de Multimídias (fotografia 55), do Curso de Comunicação Social, além de outros voltados aos cursos locais. Naquele momento, o *Campus* funcionava na Avenida Senador Helvídio Nunes, no bairro Junco.

Fotografia 55 – Inauguração dos laboratórios da Uespi



Fonte: Autoria desconhecida. Reprodução Facebook Eunice Teixeira (2013).

A inauguração do laboratório do Curso de Comunicação Social, e dos laboratórios de contabilidade e de informática, foi prestigiada por professores, por coordenadores, por representantes da administração superior e pelo deputado federal que destinou emenda, Nazareno Fonteles.

O laboratório foi, finalmente, instalado, mas isso demorou a acontecer. À época da inauguração do primeiro laboratório do curso, os estudantes da primeira turma já haviam se formado há cerca de dois anos, e os da segunda turma estavam nos últimos semestres do curso de Comunicação Social, habilitação de Jornalismo.

A professora Jaqueline Cardoso (2021a), que acompanhou o desenvolvimento do curso, lembra de como se deu a implantação do primeiro laboratório. “[...] eu acompanhei todo o crescimento do curso. O professor Evandro Alberto tinha elaborado um projeto para o laboratório, então, assim que ele saiu, o recurso chegou e o laboratório foi implementado. Eu já estava na coordenação, mas o projeto todo foi dele” (CARDOSO, 2021a, p. 186).

Pouco tempo depois, no ano de 2009, foi iniciada uma reforma e expansão vertical do prédio do *campus*, entretanto, após avaliação da obra por técnicos, foi embargada. A construção de salas em cima das que já existiam comprometeu a estrutura do local. Instigado por muitas manifestações e greves do movimento “SOS Uespi”³¹, o Governo do Estado, na gestão de Wilson Nunes Martins, então, começou a construir um novo prédio em terreno doado, no bairro Altamira, extremidade da cidade, último bairro da zona urbana, saída em direção ao Norte do Piauí.

Lembro-me bem do dia em que uma sala desabou, ao lado do local onde assistíamos aula, no prédio emprestado pelo Serviço Social da Indústria (Sesi), no bairro Samambaia. Felizmente, o espaço do desabamento estava desocupado naquele instante, mas foi o suficiente para causar certo alvoroço e preocupação na comunidade acadêmica.

O ano era 2008. O *Campus* Professor Barros Araújo funcionava em dois locais. Parcialmente em estrutura do Estado, no bairro Junco, literalmente no entroncamento rodoviário de Picos, bem centralizado, mas, o espaço físico da Uespi/Picos não tinha acompanhado o crescimento da universidade de forma sincronizada. Já fazia tempo que era evidente a necessidade de ampliação estrutural. Enquanto não acontecia, e para dar conta de

³¹ O movimento SOS Uespi não aconteceu só em Picos, mas em todo o Piauí. Além do mais, não é exclusivo desse período. A história desta instituição é marcada por dificuldades e, consequentemente, por lutas de toda a comunidade acadêmica durante sua trajetória. Aqui, ressalto o movimento pela força que teve e associação à luta pelo prédio próprio para funcionamento do *campus* de Picos, entre 2009 e 2014, mas ele começou antes e foi além. As mais recentes manifestações aconteceram em 2018 e 2019, por ocasião da greve de professores.

atender os mais de mil estudantes de 10 cursos de graduação, parte das turmas ficava no Junco, e parte no Samambaia, como foi o meu bloco no início de curso.

Naquele momento, a reforma prevista para acontecer foi iniciada. Para viabilizar a verticalização do *campus*, fomos espalhados em salas de aula de diversas escolas públicas e privadas durante esse tempo. A convivência universitária foi mesclada à escolar. “Voltei ao ensino médio?”, brincava. Com isso, as dificuldades estruturais de laboratório para práticas se maximizaram. Tivemos que nos adaptar por um tempo. Tempo o suficiente para me formar.

Nesse processo, eram constantes as pressões da comunidade acadêmica, encabeçadas pelo movimento estudantil, do qual fiz parte. “Estamos de luto, nossa universidade está morrendo”, “a Uespi que temos não é a que queremos” faziam parte do nosso repertório nas manifestações em rodovias federais e no Centro comercial da cidade (fotografia 56).

Fazíamos coro, enquanto caminhávamos pelas ruas movimentadas, ao meio-dia, assim como na Praça Félix Pacheco, no Centro da cidade (fotografia 57). Parávamos o trânsito no entroncamento das BRs, em horário de pico, para chamar a atenção da imprensa local, estadual e até nacional, assim como da comunidade em geral, na intenção de conseguir algum apoio à nossa causa. E conseguimos. Só que demorou. Muito!

Fotografia 56 e 57 – Manifestação do SOS Uespi no Centro de Picos-PI



Fonte: Acervo de Maria de Sousa Santana (2012, 2012a).

Uma vez, nos idos de 2011, assistimos aula literalmente na rua (fotografia 58). Minhas memórias são nítidas sobre esse episódio. Simulamos uma aula pública, na intenção de representar a falta de estrutura física da nossa universidade. Não tínhamos sequer salas de aula próprias. Estudávamos em locais cedidos ou alugados.

Então, em certo final de dia e começo de noite, fechamos o entroncamento rodoviário de Picos, exatamente na bifurcação das BRs 316 (que liga o Piauí a Pernambuco e Ceará) e 407

(elo para Pernambuco e Bahia), região de grande movimentação, bem na frente da universidade, no bairro Junco (fotografia 59).

Fotografia 58 – Aula pública do movimento estudantil SOS Uespi

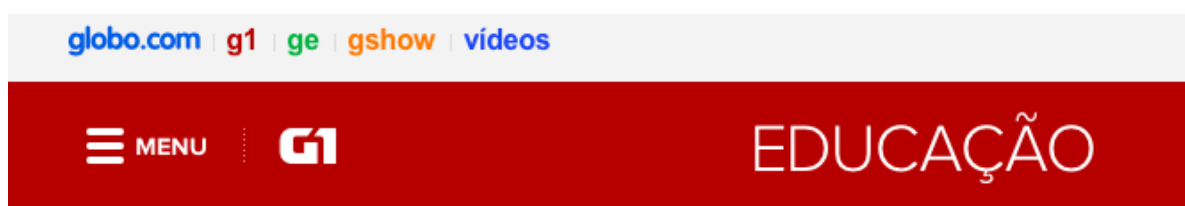
Fotografia 59 – Interdição das rodovias federais, no bairro Junco, outubro de 2011



Fonte: Acervo de Maria de Sousa Santana (2011b, 2011c).

O fato de termos muitos jornalistas egressos da Uespi/CPBA, bem como estudantes de Jornalismo estagiando em veículos de comunicação locais, facilitava a inserção de nossas pautas na imprensa picoense. Constantemente, estávamos entre as notícias produzidas e veiculadas em Picos, que alcançavam o Piauí e o Brasil. Uma de nossas manifestações ganhou espaço no portal de notícias nacional G1 (figura 60), dada a dimensão que o problema de nossa educação superior alcançava.

Figura 20 – Reprodução de notícia no portal de notícias nacional G1



24/03/2011 18h21 - Atualizado em 24/03/2011 18h37

Sem professores nem salas de aula, alunos da Uespi protestam no Piauí

Manifestação dos estudantes tomou conta das ruas de Teresina.
Professores entraram em greve por falta de material para dar aulas.

Fonte: G1 (2011).

Naquela época, já acumulávamos mais três anos desde que a obra de reforma e ampliação havia sido iniciada e embargada, comprometendo a estrutura que tínhamos. As coisas não iam bem, e não tínhamos nem mesmo previsão sobre quando deixaríamos as escolas cedidas e retornaríamos ao nosso *campus* universitário.

A obra prevista para ser concluída em meses, de forma que o prédio do bairro Junco conseguisse comportar todos os blocos dos cursos, levou anos e anos, e nunca chegou ao fim. Formei-me, e não vi. Da ideia de reforma, a administração superior e o Governo do Estado partiram para a construção de um prédio próprio para a universidade, no bairro Altamira.

Em janeiro de 2013, iniciaram a obra de construção do novo prédio para o *campus*, e, finalmente, em 2014, depois de cinco anos de pressões e diálogos entre a comunidade acadêmica, o Governo do Estado e o legislativo local e estadual, a obra foi entregue pelo governador Antônio José de Moraes Souza, o Zé Filho.

Esse foi o primeiro *campus* projetado e construído especificamente para ser Uespi (fotografia 61). Além do laboratório de informática, utilizado nas práticas de design e jornalismo digital, por exemplo, o Curso de Jornalismo, hoje, conta com um laboratório de multimeios e um laboratório de rádio.

Fotografia 61 – Prédio próprio da Uespi/CPBA, no bairro Altamira, em Picos



Fonte: Mateus Milton Silva (2020).

Desde que foi criado, em agosto de 2002, já são 20 anos de história do Curso de Jornalismo em Picos, registrada na documentação oficial, assim como nas memórias individuais e coletivas daqueles que a vivenciaram: professores, ex-professores, alunos e egressos.

Eu vi todo esse crescimento... eu vi as reivindicações, eu acompanhei as reivindicações dos alunos por melhorias e consegui chegar num alcance que hoje a gente está num espaço legal, com alguns recursos de laboratório, alguns equipamentos, poucos, mas alguma coisa... Coisa que aconteceu... o que? Em 2006... nós estamos em 2021... então, 14 anos, né... É claro que precisa de muita coisa para melhorar, mas 14 anos atrás, a gente não tinha nada (CARDOSO, 2021a, p. 186).

Muitas modificações aconteceram na grade curricular, na estrutura física disponível, no quadro de professores dessa graduação em Picos. A primeira reformulação ocorreu em 2005 (UESPI, 2005), com a extinção de disciplinas repetitivas, tal como ocorreu no curso do *Campus* Poeta Torquato Neto.

Ao que consta no Departamento de Ensino, outra mudança registrada foi em 2012 (UESPI, 2012). Novamente, em 2015 (UESPI, 2015), com a professora Jaqueline da Silva Torres presidindo o Núcleo Docente Estruturante (NDE). Após a aprovação das Novas Diretrizes Curriculares para o Curso de Jornalismo (BRASIL, 2013), os Núcleos Docentes Estruturantes dos dois *campi* da Uespi trabalharam na organização do novo currículo, que atendesse às orientações nacionais.

O Curso de Bacharelado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo e Relações Públicas se tornou, então, Curso de Jornalismo (UESPI, 2015). Relações Públicas deixou de existir também no *Campus* Professor Barros Araújo. Essa foi a mais recente modificação do ensino de comunicação na instituição.

Atualmente, apenas seis professores efetivos compõem o quadro docente, quatro em regime de dedicação exclusiva, entre os quais me encontro. Em termos de formação, todos nós contamos com pós-graduação *stricto sensu*, sendo dois docentes doutores, Jaqueline Cardoso e Evandro Sousa, este está também atuando na administração universitária desde 2018, primeiro como vice-reitor e, atualmente, como reitor; uma doutoranda, no caso, eu; e três docentes com mestrado.

Notadamente, o número de professores do curso é insuficiente para as quatro turmas existentes. Não de agora. O passado de falta de professores no curso se repete em toda a história até o tempo presente. Desde que foi criado, o quantitativo de docentes é insuficiente frente à

demanda de matriculados. A incoerência é que, nessas duas décadas, a Uespi empossou 12 educadores para o *campus* de Picos, mas, hoje, somente metade continua em atuação.

Os dois primeiros docentes efetivos do curso em Picos, Sônia Maria dos Santos Carvalho e Orlando Maurício de Carvalho Berti, entraram em 2003, e deixaram os cargos após aprovação em concurso público no mesmo curso, mas na capital, Teresina, em 2006. Já as outras quatro conseguiram transferência de *campus*, apesar de o número de professores de Picos sempre ter sido menor que o da capital.

Pela falta de uma política institucional na Uespi, que preveja processos de transferências de forma democrática, justa e tranquila para as partes envolvidas, algumas ocorreram até sem os pareceres do Colegiado de Curso e Conselho de *Campus*, que teriam competência para julgar os pedidos.

Picos tem uma história particular, que difere dos outros cursos existentes no estado do Piauí, desde que surgiu e até os dias atuais. A trajetória do Curso de Jornalismo é marcada por lutas, antes mesmo de sua implantação, e, depois, para conseguir a sustentação e continuidade ao longo do tempo. Essa luta continua até os dias atuais, para assegurar a manutenção da oferta do curso.

Aspectos que caracterizaram os anos iniciais do curso persistem na contemporaneidade, a exemplo das carências estruturais, apesar de o *campus* ter ganhado um prédio próprio e novo recentemente, e da falta de professores para dar conta das demandas de ensino, pesquisa e extensão, sem deixar vácuos na oferta de disciplinas a cada semestre. Cenário desafiador a nós, que estamos construindo memórias hoje e continuando essa história no tempo presente.

Ao escutar o passado, aprendemos com ele, até com os silêncios. Passado, presente e futuro são realidades interconectadas. As consequências da implantação e da oferta de vagas nesse curso são proeminentes, com interferências na sociedade local, passando pela qualificação das práticas jornalísticas à constatação, reflexão e apontamentos para melhorias por meio das pesquisas realizadas pelos estudantes e professores das duas instituições, com olhos aos produtos e produções locais. Mas a história do ensino de jornalismo em Picos não começou com a Uespi, outras tentativas foram precursoras desse processo.

Na caminhada da memória pelo tempo, a história da formação de jornalistas no Sertão antecede as abordagens junto à Universidade Estadual do Piauí, com os primeiros passos que levaram à implantação do curso em Picos. Antes de conseguir a atenção do reitor Jônathas Nunes e, finalmente, a instalação do curso na cidade, os comunicadores locais fizeram outras tentativas junto à Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e à UFPI.

Aproximadamente quatro anos antes, 1998, a mobilização em busca da formação profissional começou com um pedido de ajuda ao SINDJOR-PI, através do então presidente, Kenard Krue. Ele seria o articulador e mediador, junto à Fenaj, para viabilizar a instalação do curso por módulos.

Nos vestígios de memórias orais de J. Pereira Sousa Filho (2019), o Sindicato da categoria poderia dar um amparo e ajudar na disponibilização da desejada formação superior em Comunicação, tal como intercedeu junto à UFPI, em Teresina. “Só que nós preparamos esse documento, e, infelizmente, essa proposta não prosperou. Depois, o Kernard chegou a ir, inclusive, na Fenaj, mas não foi aprovada [...]” (SOUSA FILHO, 2019, p. 107).

Cerca de seis meses depois, foi a vez de dar um passo em direção à UFPI (figura 62) e, quem sabe, obter êxito na empreitada. A Universidade Federal do Piauí já estava instalada no município de Picos desde 1982 (UFPI, 2017), com o *Campus* Senador Helvídio Nunes, mas, nos anos 1990, com apenas dois cursos em funcionamento: Letras Português e Pedagogia. Por outro lado, o *Campus* Ministro Petrônio Portela, em Teresina, ofertava o Curso de Comunicação Social – Jornalismo, desde 1984 (UFPI, 1983b).

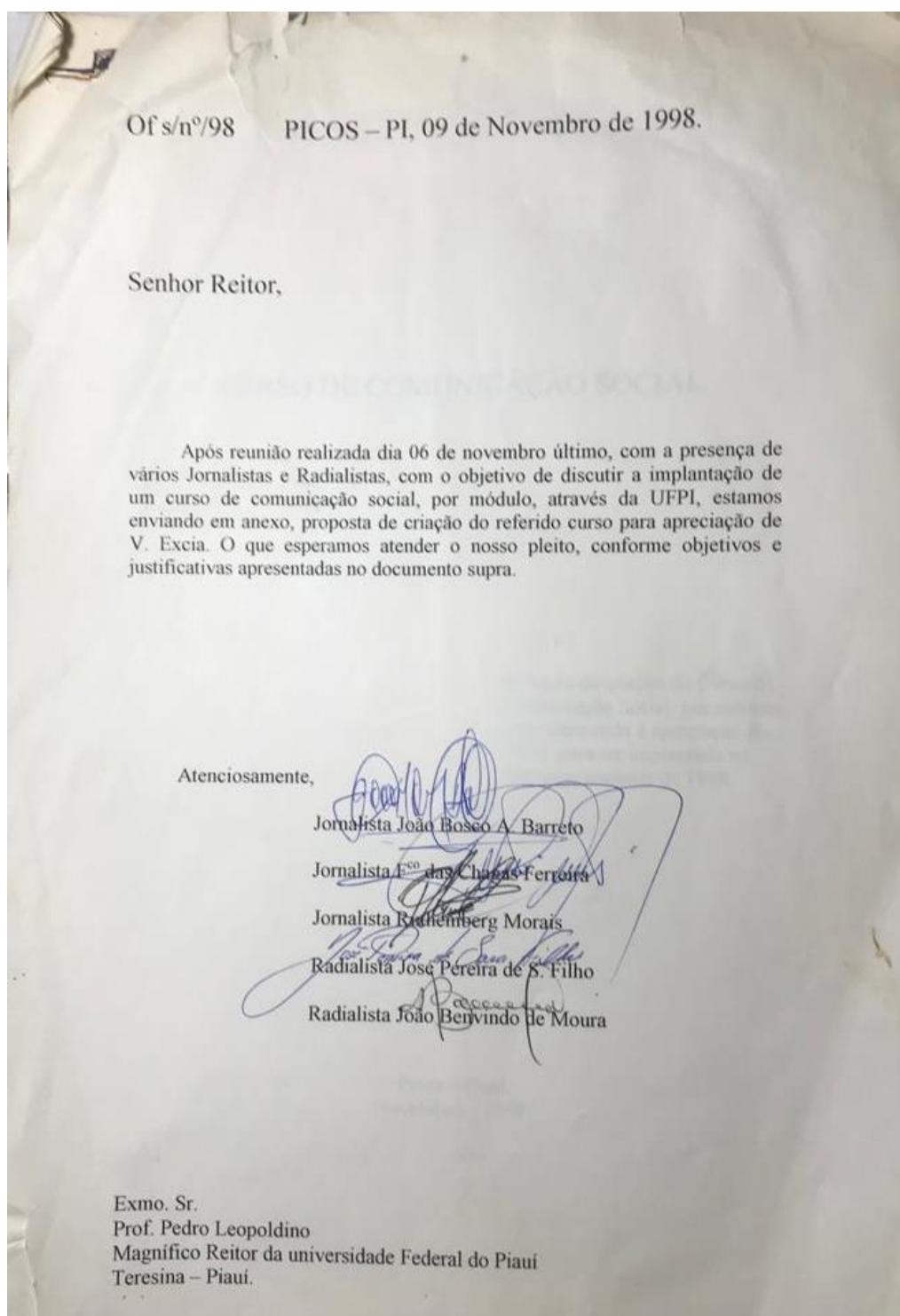
Acreditando que seria viável replicar, em Picos, o projeto de formação de jornalistas, a essa altura, já em fase de consolidação, na capital, a tentativa de reivindicação junto à UFPI foi organizada e documentada. O ofício sem número, datado de 9 de novembro de 1998, foi dirigido ao reitor da universidade, Pedro Leopoldino (figura 62).

Junto ao ofício assinado por uma comissão formada por cinco integrantes: jornalistas João Bosco A. Barreto, Francisco das Chagas Ferreira, Ruthemberg Moraes, e pelos radialistas José Pereira de Sousa Filho e João Benvindo de Moura, em anexo, com a proposta de criação do referido curso.

Em seis páginas divididas em introdução, objetivos, justificativa e considerações, a comissão informou que o documento foi pensado por pessoas que trabalhavam em diferentes veículos de comunicação de Picos, como encaminhamento da reunião realizada em 6 de novembro de 1998.

Entre os argumentos, estava o fato de a UFPI já ofertar o curso em Teresina, desde a década de 1980, “[...] deixando o interior do Estado desprovido de profissionais habilitados”; além da necessidade e vontade de “[...] suprir-se uma lacuna de profissionais habilitados, ainda incipiente, mas também a perspectiva de se estabelecer uma melhor qualidade dos serviços prestados na área de Comunicação Social” (BARRETO *et al.*, 1998, p. 4).

Figura 62 – Reprodução do documento-proposta de criação do curso através da UFPI



Fonte: Acervo de José Pereira de Sousa Filho (BARRETO *et al.*, 1998).

Todavia, a proposta de criação do curso de graduação pela Universidade Federal não prosperou. Na realidade, levou anos até que a UFPI ampliasse os cursos ofertados nos *campi* do interior. A chegada de outros cursos de graduação no CSHNB só aconteceu a partir de 2006, quando da adesão da universidade ao Programa de Expansão das Universidades Federais,

abrindo outras licenciaturas e bacharelados. No entanto, até hoje, apenas o *campus* da capital, oferece formação para jornalistas.

Ao construir a história pautada na mobilização, a fala de J. Pereira Sousa Filho (2019) traduz a expectativa dos profissionais da comunicação para a formação acadêmica naquele momento e, ao mesmo tempo, a frustração por, mais uma vez, não ter dado certo. Maria Edilene Ramos da Luz (2020) e Evandro Alberto de Sousa (2020) também têm memórias acerca disso.

Junto à Universidade Federal, nós chegamos a nos reunir e preparamos uma proposta, solicitando do reitor Pedro Leopoldino que instalasse no município de Picos um curso, através de módulos, para que a gente pudesse ter uma graduação. Além do corpo a corpo, nós também enviamos um documento proposta [...]. Só que infelizmente a proposta não avançou, não foi vista de forma efetiva pela universidade federal, e aí, nós terminamos desistindo dessa iniciativa (SOUSA FILHO, 2019, p. 107).

Aí, eu me lembrei: “mas tem a Uespi. Por que que a gente não leva, então, para o Jônathas?”. Porque, aí, já trabalhando na rádio, eu tinha um bom relacionamento com o Jônathas, que era tio de Carlos Luís, meu chefe. De vez em quando, ele passava lá pela rádio... E dava para ver que o Jônathas tinha aquele espírito bem empreendedor, inovador, ele não tinha medo de correr riscos e de ousar. Tanto é que levou vários cursos. E, na época, as pessoas achavam que ele era... “ah, mas é loucura”. E todos estão aí até hoje, graças a Deus, dando muito certo. E foi, assim, um pontapé para esse crescimento educacional em Picos, e para Picos se tornar hoje esse polo educacional que é... E apresentamos o projeto para o Jônathas. De imediato, ele aceitou e já começou a trabalhar nos trâmites da implantação (LUZ, 2020, p. 114).

A cidade [Picos] já tinha a Universidade Federal com alguns cursos de licenciatura e estava chegando também a Universidade Estadual muito forte na licenciatura, depois, introduzindo alguns bacharelados. [...] Então, eles prepararam o projeto e se reuniram com o pessoal da Universidade Federal do Piauí. Mas, conseguiram a implantação do curso junto ao Jônathas Nunes, que, naquela época, era o reitor da Universidade Estadual do Piauí. Naquele período, estava sendo implantado em Teresina e, logo em seguida, aproveitaram e conseguiram, dentro dessa articulação, que também fosse implantado em Picos. Contudo, não foi o projeto dos meninos, na realidade, foi o projeto de Teresina que foi replicado em Picos (SOUSA, 2020, p. 49-50).

Foi assim que, apesar dos não, o grupo não desistiu. Partiu com estratégias certas junto à Uespi, em um momento de sua expansão universitária, durante a gestão do governador Mão Santa. Embora tenha nascido com a finalidade de formar professores no Piauí, nesse momento, a Universidade experimentava a extensão dos *campi* no interior do Estado, e a criação de cursos de bacharelado.

Era nítido que o professor Jônathas Nunes, que era reitor na época do governo Mão Santa, tinha um afã expansionista da instituição e, principalmente, um afã da instalação dos bacharelados, apesar da vocação inicial da universidade

não ser uma universidade de bacharelado. A Uespi tem uma vocação de formação de professores (BERTI, 2019b, p. 124).

Em 2001, o reitor Jônathas Nunes criou, entre os bacharelados, o Curso de Comunicação Social, na capital, Teresina. Berti (2019a, 2019b) lembra que o primeiro curso da Uespi foi criado no final dos anos 2000, e a primeira turma iniciou em março de 2001, com 40 estudantes, e apenas dois professores (substitutos) com formação em jornalismo.

No ano seguinte, foi Picos quem recebeu o mesmo curso, no *Campus* Professor Barros Araújo. As empreitadas dos jornalistas da região deram certo. “Em Picos, nós já tínhamos uma série de jornalistas atuando, inclusive jornalistas registrados, e eles viram que se a Uespi montou em Teresina, eles poderiam montar também aqui” (BERTI, 2019b, p. 125).

Então, por meio da Resolução nº 38/2001, do Conselho Universitário (Consun), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI, 2001), em 29 de outubro de 2001, foi autorizado, finalmente, o Bacharelado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo e Relações Públicas, para formar jornalistas na região semiárida piauiense e qualificar os profissionais que já atuavam no mercado, um marco que chega aos dias atuais, com transformações nos modos de fazer comunicacionais.

Assim como na história do Curso de Comunicação Social da UFPI, a trajetória dos mesmos cursos na Uespi também foi marcada por dificuldades muitas, crises no sistema de ensino superior, lutas por melhorias, e por uma evidente união entre as pessoas que formavam a comunidade acadêmica, a fim de transpor os desafios. Aspectos que caracterizavam suas práticas educativas.

5 VONTADE, UNIÃO E SUPERAÇÃO: estudantes e professores lembram práticas educativas na trajetória dos cursos de comunicação

A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.

Paulo Freire

Minha primeira impressão sobre os dados levantados é de que encontrei pontos em comum na história do surgimento de cada um dos três cursos. Essas marcas, do advento ao desenvolvimento, apontam para características dos cursos de jornalismo no Piauí e, portanto, das práticas educativas empreendidas naquele momento.

Tais aspectos, em uma análise mais aprofundada, levam-me a refletir sobre como as atividades de ensino e de aprendizagem se organizaram historicamente, gerando implicações que se mostram no tempo presente. Ao categorizá-los, entendi que a educação de jornalismo tem sido mesmo um ato de amor e, sobretudo, de coragem.

Penso, então, nas práticas pioneiras que fizeram com que o ensino fosse se ajustando, ganhando reconhecimento das instituições avaliadoras, o qual possibilitou sua continuidade e sua permanência. Pelas transformações que incorreram ao longo do tempo, tento interpretar a realidade humano-social do campo acadêmico da comunicação no Piauí, do passado ao presente, por uma discussão criadora, como orienta Freire (2015).

Ressalto que me interessa, nesse instante, analisar as práticas educativas na ambiência do surgimento dos cursos de Comunicação Social na UFPI e na Uespi, tanto em Teresina quanto em Picos, cidades do estado do Piauí, a partir das memórias evocadas na história oral temática e de vida, cruzadas entre si, de modo a caracterizar o ensino-aprendizagem no Piauí.

A partir de então, para dar inteligibilidade aos documentos orais transformados em escritos, opto por dividir em categorias, viabilizando a análise e evitando que as informações coletadas nas entrevistas fiquem somente no nível da descrição. Uso, para isso, ferramentas da análise de conteúdo categorial, de acordo com Bardin (2016).

Assim, os grupos categoriais das práticas educativas identificados foram elaborados a partir da relação entre mim e o conteúdo – fontes documentais – com o apoio da literatura utilizada para dar fundamentação ao que entendemos como prática educativa – fontes

bibliográficas. Dessa relação, surgem as categorias temáticas como características de tais práticas, que saltam entre as memórias do processo de educação. São elas:

- a) educação da vontade;**
- b) educação da união para superação;**
- c) educação humana.**

Antes de adentrar na discussão em torno dessas categorias, quero apresentar a fundamentação de minha concepção acerca de prática educativa. Preciso evidenciar que a entendo como práxis. E, desse modo, sobrepõe-se uma compreensão sobre o que somos, enquanto seres humanos, sobre nossa relação com a natureza para a construção da realidade humano-social. É nessa ambiência que a práxis está situada.

Como homens e mulheres, somos seres sociais. Essa é a perspectiva de Kosik (2002), Vásquez (2007) e Macário (2013). Estes autores entendem que temos natureza biológica e nos definimos socialmente, a partir da inter-relação com outras pessoas, com objetos, com fenômenos, com o mundo, de modo geral. Como pessoas sociais e conectadas com a natureza, nossa relação é de transformação, de comutação: mudamos e somos mudados. É claro que ela existe independente de nós; não a criamos, mas nossa interação com aquilo que a compõe e com o “todo” constrói nossa realidade social. Esse processo é congênito e próprio da humanidade.

De acordo com Kosik (2002), nossa relação de indivíduos com o mundo independe até mesmo da nossa percepção e aceitação. “O que quer que o homem faça – em sentido afirmativo ou negativo – dá lugar a um determinado modo de existência no mundo e determina (consciente ou inconscientemente) a sua posição no universo” (KOSIK, 2002, p. 215-216).

A nossa interação com o mundo social e natural se dá em via dupla: intervimos e modificamos e, ao mesmo tempo, somos influenciados e adaptados. Embora a ligação humanidade-natureza não seja propriamente determinante para nós, ajuda a nos condicionar, impondo elementos que nos moldam pela influência que exercem.

Esse convívio, portanto, supõe uma conexão ativa, pois somos ontocriativos, como dizem os autores supracitados, e criamos a realidade em que vivemos. Da problemática de quem é a humanidade e de qual a sua relação com a natureza, nasce a práxis, na visão de Kosik (2002). Logo, ela surge como resposta a esse vínculo das pessoas com o mundo social, com a realidade construída. Além disso, reflete a unidade teoria-prática e é produzida historicamente.

A práxis, portanto, é resultado da relação homem/mulher-natureza, na construção do mundo social. Como ressalta o autor: “A *práxis* do homem não é atividade prática contraposta à teoria, é determinação da existência humana como *elaboração* da realidade” (KOSIK, 2002, p. 222, grifos do autor).

Nesse âmbito, a práxis se encontra, muitas vezes, até sem nossa consciência. É nesse sentido que Vásquez (2007) diferencia a consciência comum da histórico-filosófica em relação à práxis. Para ele, homens e mulheres comuns se percebem como práticos em seus cotidianos, mas, na verdade, não ultrapassam o campo da superficialidade para uma tomada de consciência da práxis.

A consciência comum, então, caracteriza-se como imediata, não reflexiva, utilitária, prática, e, por conseguinte, também ateórica (ao menos acredita ser assim), ingênua, baseada em preconceitos, portanto, não alcança o sentido transformador da práxis. Já a consciência filosófica da práxis, segundo este autor, é categorial, política, reflexiva, afinal, a sua compreensão requer teoria.

De modo semelhante, Macário (2013, p. 173) acredita que a práxis é uma “atividade responsável pela produção da história”, atividade fundamentalmente humana. E compreende que a práxis é “a atividade sensível do homem pela qual produz os meios de existência e, ao produzi-los, engendra novas necessidades que já não dimanam da base biofísica” (MACÁRIO, 2013, p. 174).

Portanto, com base no discorrido, entendo que a práxis se dá por nós e entre nós, homens e mulheres, a partir das nossas vivências sociais nos diferentes espaços. Como consequência dessa relação homem/mulher-mundo, homem/mulher-natureza, homem/mulher-coletividade, temos transformações de toda ordem no âmbito da vida em sociedade.

O que conhecemos, dessa maneira, é resultado da relação social e prática com o mundo. Da práxis, nasce a realidade humana, que é também uma realidade social, enfatizo. E esta diz respeito à cultura construída e manifesta ao longo da história. Assim, práxis é entendida como atividade humana consciente, que produz esse mundo sócio-humano.

Como práxis, as práticas educativas são intencionais, objetivas, teleológicas, e se dão entre nós e os grupos com os quais convivemos, o lugar onde vivemos. Consequentemente, por meio de atividades coletivas, construímos e modificamos constantemente o mundo pelo campo da educação.

Assim é nas questões referentes à história das práticas educativas em jornalismo. Entender que a análise de práticas educativas passa pela percepção da práxis é categórico para

os achados que proponho interpretar. Atividades e atitudes pensadas implicaram nos modos de fazer educação nesse campo de formação, na UFPI e na Uespi.

A perspectiva de prática educativa como práxis é discutida por diversos pesquisadores, entre os quais destaco Leontiev (1978), Saviani (2015) e Pinto (2010), a partir da base do materialismo histórico-dialético. Embora cada um trabalhe sob contextos e abordagens particulares, convergem na compreensão da educação como processo social inerente a homens e mulheres.

Leontiev (1978) ressalta que nós aprendemos em sociedade, e, nesse sentido, a cultura é considerada elemento importante para apropriação da realidade pelas relações de convivência que estabelecemos com fenômenos, objetos, animais e, principalmente, com outros seres humanos, responsáveis pelas mediações. Aprendemos a viver como pessoas pela partilha, pelo contato, pelo convívio, e não por hereditariedade, conforme destaca o autor. Nesse processo, a comunicação é essencial para a vida em sociedade, uma vez que ela possibilita o aprendizado de umas com as outras, do presente com o passado, pela troca, pelas experiências, por práticas consideradas sociais e educativas.

Nesse sentido, Saviani (2015) também entende a educação como natural e intrínseca à humanidade, construída pela coletividade ao longo da história, em realidades humanas e, portanto, culturais. Um dos seus principais aspectos discutidos se refere à categorização da educação como trabalho não-material. No entanto, o pesquisador também trata das suas especificidades e se concentra na discussão sobre a educação escolar e seu papel na construção de saberes sistematizados, elaborados, dosados e sequenciados. Na sua visão, isso significa, portanto, que a escola produz uma cultura erudita e letrada.

Por outro lado, ao conceituar educação, Pinto (2010) escolhe o sentido amplo e, para ele, autêntico, de que ela é natural à existência humana, em durabilidade e abrangência. A educação, a partir dessa perspectiva, é processo, portanto; é fato existencial, social e cultural, desse modo, relaciona-se ao processo socioeconômico; é trabalho social; é privilegiadora, especialmente quando letrada; é teleológica; é de ordem consciente; é processo exponencial; é concreta; e é também contraditória.

Na compreensão da educação como processo permanente, ela integra o social. Educamos e somos educados continuamente, aprendemos na vivência com outras pessoas. O autor supracitado reforça: “Onde há sociedade há educação: logo, esta é permanente” (PINTO, 2010, p. 16).

Por esses aspectos, as práticas educativas dos cursos de jornalismo são também culturais, pois são históricas, dão-se conforme o tempo e o espaço. Certamente, aquelas que

foram empreendidas no surgimento do primeiro curso refletem o contexto educacional, comunicacional e jornalístico daquele momento. Assim, é preciso ponderar sobre essas relações.

Cada sociedade compreende e desenvolve suas práticas educativas de uma maneira. Cada curso espelha, de alguma forma, as circunstâncias que o envolvem. Consequentemente, as práticas educativas refletem peculiaridades do grupo em dado momento. Por isso é que a historicidade é um fator que pertence à educação, segundo Pinto (2010). A educação é histórica.

Para compreender as práxis na história dos cursos públicos de jornalismo, retornamos algumas características evidentes nas suas trajetórias. A primeira diz respeito ao fato de que as graduações, no Piauí, nasceram por uma demanda mercadológica, primeiro em Teresina, com o curso da UFPI, na década de 1980; anos mais tarde, na Uespi, no início dos anos 2000, na capital e no interior, na região Centro-Sul, na cidade de Picos.

Outra característica da trajetória inicial se refere à não preparação integral das universidades para a oferta dos cursos. No cenário ideal, seria necessário levantar todas as necessidades básicas em termos humanos e estruturais, e atendê-las para, só então, ofertar vagas para os cursos. Dessa forma, o corpo docente estaria formado, o espaço físico preparado, inclusive com acervo bibliográfico e com laboratórios devidamente equipados, de modo a possibilitar as práticas comunicacionais no processo educativo.

Não foi o que ocorreu na situação em estudo. Para Genival Oliveira Lima (2020), o início foi desafiador para os ingressos da UFPI nos anos 1980, conjunção confirmada no relato de Cláudia Brandão de Oliveira (2020), ambos integrantes da primeira turma. Iury Kilson Moura Campêlo (2020) e José Pereira de Sousa Filho (2019) descrevem cenários semelhantes na Uespi, quando da implantação dos cursos anos depois, em Teresina e em Picos, respectivamente.

Condições da universidade pública brasileira? É provável que de forma astuta e estratégica³², primeiro, as universidades federal e estadual criaram, cada uma, seu curso para formar comunicólogos; e, só depois, com o passar do tempo, é que foram trabalhando para atender às necessidades mais urgentes. Quem aponta isso é o professor universitário Jônathas Nunes (2020), na sua experiência de gestor da Uespi.

[...] eu cheguei a conversar com profissionais dessas áreas, desses cursos, e perguntava o seguinte: “no primeiro ano, o que vai precisar de parte experimental? No segundo? No terceiro e no quarto?”. Aí, fiz essa mesma

³² A concepção de táticas e estratégias se embasa em Certeau (2014). As primeiras práticas se referem às astúcias que apontam para fugas criativas aos sistemas. As segundas são mesmo a base, o cálculo previsto no lugar de poder.

pergunta para outras pessoas para chegar a um denominador comum. [...] Então, a gente criava as condições para adquirir aquele mínimo necessário para o funcionamento do primeiro ano. [...] Aí eu dizia: “olhe, por exemplo, o Curso de Jornalismo, o que é que precisa no primeiro ano? Precisa de um laboratório?”. “Precisa”. “Qual é o laboratório?”. “O laboratório é esse aqui”. Esse a gente lutava, tinha um dinheirinho na conta, a gente dava plenas condições para o funcionamento de cada curso ano após ano de funcionamento (NUNES, 2020, p. 95).

É provável que se não fossem essas práticas astutas, no campo das estratégias apenas, seria mais difícil a implantação dessas oportunidades formativas. Não foram, certamente, as condições ideais e, obviamente, as necessárias, mas foi o que pareceu possível dentro do contexto social, político e econômico de então. E essa não é uma realidade somente de jornalismo, mas de outras áreas também. Se as universidades públicas esperassem o quadro favorável e adequado, quanto tempo mais os comunicadores e simpatizantes esperariam pela formação no Piauí? Será que ela aconteceria?

Paulatinamente, cada curso foi se adequando, recebendo professores efetivos por concurso público. Posteriormente, implantando laboratórios, ampliando a abordagem do ensino para a extensão e a pesquisa. Mas isso levou tempo. Aliás, essa estruturação ainda segue se consolidando. A caminhada de superação das conjunturas é contínua, principalmente no contexto da Uespi.

Por ter nascido com a finalidade de formar comunicadores populares, fundamentado na abordagem de Bodernave sobre comunicação, o curso da UFPI foi instalado vinculado ao Centro de Ciências da Educação (CCE), composto, essencialmente, por professores do campo da educação, à exceção da professora Walda Maria Neiva Leite, jornalista, que trabalhou na implantação do primeiro curso.

Genival Oliveira Lima (2020) conta que, no primeiro ano, os docentes eram basicamente do campo da educação, esforçando-se para ajudar a desenvolver, nos estudantes, habilidades textuais jornalísticas. “O curso, acho que ainda hoje, é da área de educação, aqui no Piauí. E aí, alguns professores do Departamento de Educação é que davam aula para nós nesse começo” (LIMA, 2020, p. 73).

Cláudia Brandão de Oliveira (2020) tem lembranças semelhantes quanto a isso. Ela evoca memórias individuais acerca das práticas educativas dessa fase inicial do curso. Na sua recordação, havia dedicação e interesse da comunidade acadêmica, especialmente de docentes e discentes, para superar dificuldades. “E era uma coisa que funcionava muito no interesse nosso, dos alunos [...] Havia muita curiosidade, muita força nossa de vontade para superar essas dificuldades materiais do curso” (OLIVEIRA, 2020, p. 7).

Mais tarde, a universidade realizou certame com vagas para docentes com formação específica em Comunicação Social. Em poucos anos, os próprios egressos da primeira turma retornaram à Casa como professores. Foi o caso de Cláudia Brandão de Oliveira, que foi estudante da primeira turma, entre 1984 e 1988, e menos de um ano após a formatura, voltou, por aprovação no concurso público.

Jacqueline Dourado foi estudante do mesmo curso, entre 1986 e 1989, e, desde 1991, é professora na UFPI. Ela descreve esse período inicial de forma semelhante, o mesmo cenário e pessoas empolgadas com as possibilidades de aprendizagem para além do contexto situacional. “Assim, minha vida acadêmica era uma vida rica. Nós não tínhamos laboratórios, nós inventávamos, nós não tínhamos equipamentos, faltavam professores, nós tínhamos mil problemas! Mil problemas! Mas, nós tínhamos muita vontade!” (DOURADO, 2021a, p. 166-167).

Esse aspecto de improvisação nas práticas de ensino e aprendizagem também foi lembrado por Daniel Vasconcelos Solon (2020), que foi estudante na UFPI de 1994 a 1998, e, por algum tempo, aluno de Cláudia Oliveira. Ou seja, a situação de carências na universidade não foi completamente sanada nos primeiros dez anos de curso. Foi gradativa, compassada e demorada.

Sônia Maria dos Santos Carvalho (2021a) estudou na UFPI entre 1996 e 2001. Nas suas narrativas de vida, ela conta que, à época de sua graduação, o tripé da educação universitária ainda não estava efetivado, faltava o desenvolvimento de pesquisas, até mesmo pela ausência de formação docente nesse sentido. “Era um outro corpo de professores, alguns ainda persistem, mas era uma outra realidade. Poucos dos nossos próprios professores tinham mestrado, poucos desenvolviam pesquisa, inclusive, nem nos estimularam a fazer pesquisa” (CARVALHO, 2021a, p. 194).

Ao longo do tempo, a própria UFPI foi, aos poucos, oferecendo oportunidades de formação continuada a seu quadro de docente, primeiro com especialização, depois, mestrado e, mais recentemente, com doutorado, viabilizadas por parcerias interinstitucionais. Consequentemente, implicou em mudanças nas práticas educativas do curso, conforme as transições de caráter social, que também foram ocorrendo.

Além disso, aos poucos a comunidade acadêmica conseguiu o espaço físico no CCE, e não mais dividia salas com outros cursos. Conseguiu a criação do Departamento de Comunicação (UFPI, 1990), equipou o acervo da biblioteca, implantou laboratórios com técnicos, conquistou a rádio universitária, realizou mudanças curriculares no sentido de atender

melhor às necessidades e às transformações sociais no tempo, e expandiu a produção científica e de extensão. Um processo lento, contínuo e necessário até os dias atuais.

O caso da Uespi é semelhante no aspecto descrito referente ao formato de implantação. Mas, inicialmente, considero importante fazer uma ressalva. Não pretendo, aqui, colocar as duas universidades e os três cursos em patamar de igualdade, nem favorecer um olhar comparativo. Proponho caracterizar, de forma geral, o campo acadêmico da comunicação e do jornalismo no ambiente universitário público piauiense, a partir do que encontrei nas memórias sobre o surgimento e o desenvolvimento dos cursos, mas sem intenções de desconsiderar as particularidades de cada um, nem mesmo de ousar propor comparações injustas de realidades diferentes.

Os cursos da Uespi têm caráter similar quanto ao contexto institucional da criação. Inicialmente, foi ofertado em Teresina, com duas professoras específicas da área. Em seguida, em Picos, com o mesmo cenário, apenas dois docentes com formação em Comunicação Social, entre os quais, Evandro Alberto de Sousa, quando do seu recente retorno a Picos, após a formatura em Comunicação Social, na UEPB. Nos dois casos, com contratos temporários de profissionais substitutos.

Só com o passar dos semestres é que os cursos foram se adequando, segundo as necessidades mais urgentes, criando laboratórios de práticas, realizando certame para admissão de professores com formação específica. No primeiro certame para os dois cursos, em Teresina e em Picos, Daniel Vasconcelos Solon, Sônia Maria dos Santos Carvalho e Orlando Maurício de Carvalho Berti assumiram como docentes efetivos, respectivamente, em 2004. No segundo concurso, em 2006, os dois últimos citados assumiram no CPTN, após nova seleção, e Jaqueline da Silva Torres Cardoso e Sammara Jericó Alves Feitosa, no CPBA.

Mas, primeiro os cursos nasceram sem laboratórios e acervo, e quase sem docentes da área, como lembra Ruthy Manuella de Brito Costa (2019), egressa da segunda turma, em seguida, professora substituta e, posteriormente, efetiva, em Picos. “Os estudantes e os professores da época iam buscando alternativas de como sanar cada uma daquelas dificuldades para que o curso e o aprendizado não fossem, de fato, prejudicados” (COSTA, 2019, p. 132).

Percebo, dessa forma, o quanto as primeiras turmas de cada curso foram pioneiras na trajetória do surgimento à consolidação do ensino público de comunicação. Foram esses alunos que trabalharam, junto com o corpo docente e administrativo, para viabilizar a solidificação da educação formal em jornalismo. As ações coletivas conjuntas fizeram com que as graduações ganhassem sustentação para possibilitar a continuidade, apesar das dificuldades ainda existentes.

“O Curso de Comunicação Social não existiria se a primeira turma não tivesse sido tão aguerrida, tão apaixonada pelo Curso de Comunicação da Uespi”, considera Iury Kilson Moura Campêlo (2020, p. 85), egresso da primeira turma da Uespi/CPTN, ao rememorar as dificuldades incorridas ao longo da sua formação, entre 2001 e 2005, decorrentes das condições de deficiência nesse período.

E aí, encontra-se a primeira categoria de análise. Noto práticas educativas que se dão no sentido de uma **educação da vontade**. As universidades não se prepararam para ofertar os cursos de graduação, elas apenas os criaram e, por conta disso, é evidente uma série de carências no processo educativo.

Contudo, houve, em contrapartida, muito interesse por parte das pessoas envolvidas na formação de jornalistas, o qual determinava as práticas de educação. Práticas que falam sobre a vontade daqueles implicados e comprometidos com o ensinar-aprender, mesmo em contextos de deficiências estruturais, como o descrito por Evandro Alberto de Sousa (2020) na Uespi/CPBA.

Nós tivemos muitas dificuldades [...]. Era só lembrar da estrutura: salas quentes, com ventiladores empoeirados, não existia ar-condicionado, quadro de giz, às vezes, nem o giz tinha para escrever... Livros, a gente não tinha. Quando eu era coordenador e professor, eu comprava os livros, fazia a doação para a biblioteca, emprestava aos alunos... Não só eu, mas outros professores... [...] Para você ter uma ideia, os trabalhos de Fotografia, Orlando Berti tinha a máquina dele e eu tinha a minha máquina, então, a gente revezava, ficava emprestando. Nós tivemos que montar um estúdio lá, com a mesa de som que eu comprei... [...]. Então, era desestimulante. Mas, por outro lado, se percebia que aquele pessoal que estava lá, queria. Eles queriam mesmo estudar, não importava a dificuldade! (SOUSA, 2020, p. 52).

Quando os estudantes se formaram nesses cursos públicos piauienses, mesmo em meio às dificuldades, e retornaram às universidades como docentes, identifico, em seus relatos memorialísticos, pontos que indicam dedicação como resposta ao vínculo afetivo que desenvolveram mediante as carências formativas.

Percebo, na fala de Cláudia Oliveira (2020), que assumiu como professora meses depois da formatura, o quanto ela trabalhou para superar a falta de equipamentos laboratoriais de TV e promover práticas efetivas aos novos ingressos. De modo semelhante, Daniel Solon (2020, 2021a), que se tornou jornalista pela UFPI e docente na Uespi/CPTN anos mais tarde, evidencia esses aspectos também. Assim também Ruthy Costa (2019), docente da Uespi/CPBA, logo após se formar. As práticas de ambos se engendram no sentido de suplantarem as situações de necessidade.

A partir de então, eles mudaram de lugar e passaram a exercer papéis diferentes quanto às práticas educativas empreendidas no âmbito acadêmico. Antes, como discentes, jornalistas em formação; depois, como docentes, mas jornalistas recém-formados, portanto, inexperientes, aprendizes em formação contínua.

Pelas experiências vividas, os três entrevistados citados anteriormente conservaram a vontade de superar as lacunas existentes, talvez de forma ainda mais intensa e entusiasmada, por conhecerem o lugar do outro no processo educativo, por terem saído, há pouco, da condição de discente naquelas mesmas circunstâncias. Assim, favoreceram a troca nas práticas entre estudantes e professores.

Nessas práticas educativas da vontade, há consciência do inacabado, abertura ao risco e aceitação do novo, aspectos presentes nas ponderações de Freire (2019). Esses elementos demonstram que o ensinar e o aprender podem ir além dos condicionantes. As circunstâncias materiais, sociais e políticas postas exerceram influência, mas não foram exatamente determinantes para essas pessoas no processo educativo.

Nessa discussão, quero adentrar um pouco mais nas proposições freirianas acerca das práticas educativas, por uma vertente crítica e uma proposta emancipatória. Inicialmente, ressalto, juntamente com ele, acerca das mudanças que se dão nos âmbitos social e educacional, pois é inerente a relação de dependência entre educação e sociedade (FREIRE, 2016).

A educação se constitui sociologicamente, e como tal, não pode ser pensada de forma isolada, por isso a importância do debate contextualizado, não limitado ao campo escolar, mas estendido ao campo social como um todo, assim como aos campos da memória e da história, onde ela se constitui, acrescento.

Entendo, a partir disso, que é consonante o estudo da educação com base no campo da história para compreender tais transformações, dentro de uma perspectiva de abertura à interdisciplinaridade. A oportunidade de analisar a educação em conjunto com os campos historiográfico e memorialístico abre um leque de possibilidades, enveredando objetos de estudos sob diferentes perspectivas.

A educação é multidimensional e, assim como a história e a memória, tem caráter interdisciplinar e precisa ser compreendida a partir da abrangência cultural para uma dimensão crítica da realidade, afinal, as transformações fazem parte da cultura e caracterizam as passagens de épocas.

Para compreender as práticas educativas, reitero que a educação não está restrita ao ambiente escolar, pelo contrário, pode se apresentar de diversas formas, em ambientes variados, por pessoas diferentes, e se dá ao longo do tempo. Assim, quando da ambiência

escolar/universitária, não são exclusivas de professores, mas também se dão por estudantes, num processo de troca.

Provavelmente essa seja uma das concepções mais conhecidas de Freire (2005, 2015), a de que ensinar e aprender é mútuo e dialógico entre os que integram o processo educativo, com práticas de liberdade pela autorreflexão e tomada de consciência crítica. Assim, o pensador rejeita o que chama de “ensino bancário”, baseado na transmissão de saberes do educador para o educando, e na submissão do aluno ao professor.

A compreensão de práticas educativas passa pela necessidade de refletir para melhor nos adaptarmos às variáveis que podem incorrer sobre elas. Atentando para o entendimento de que aprendemos socialmente, com a troca, com as experiências, com o convívio, podemos reiterar, também com Freire (2019), que tais práticas são escolares e sociais.

Embora concorde que as práticas educativas são da família, dos diversos grupos e das comunidades, e que elas se modificam de acordo com o contexto, é necessário ressaltar o papel do professor nas práticas educativas escolares. Freire (2019) considera que o docente precisa conhecer a prática educativa em suas dimensões para ter mais segurança na profissão, até porque somos aprendizes, e só assim podemos intervir. Ao refletir sobre a prática – práxis – aprendemos, adaptamo-nos, criamos, cocriamos e transformamos a realidade social.

Contudo, o papel do discente nessas práticas educativas não é entendido como secundário. Ele também participa do processo de se formar e de formar o professor. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2019, p. 25).

Ao considerar as experiências, a cultura, a realidade e a história dos coparticipantes do processo de ensino e aprendizagem, no caso, educadores e educandos, Freire (2005, 2015, 2019) propõe práticas educativas transformadoras, humanas, críticas, reflexivas para o desenvolvimento e a libertação das pessoas. Além disso, ressalta a característica de incompletude. Ou seja, o inacabado se dá, porque somos pessoas inconclusas, estamos em construção no mundo, com o mundo, transformando e nos transformando contínua e permanentemente.

De acordo com Freire (2016), o compromisso da educação para com a sociedade deve ser considerado e analisado, pois a educação integra o processo de mudança social ao longo do tempo e de forma constante. Para práticas emancipadoras, é necessário consciência crítica para autonomia e transformação.

Na visão de Freire (2015), a liberdade precede isso tudo. O autor compreende a educação para a libertação de mentes pela autorreflexão, pelo pensar, pela tomada de consciência. E essa consciência não é a comum, da ação sem reflexão. Para Freire (2015), nos relacionamos com o mundo e humanizamos, interferimos nele. Nesse processo, é preciso liberdade, do contrário, nos tornamos acomodados pela opressão. Para superá-la, é necessário criatividade, no pensamento e na atitude.

Daniel Solon (2020, 2021) tem memórias de quando entrou na Uespi/CPTN, em 2004, como docente, quatro anos depois de ter se formado na UFPI. No contexto, só ele e mais um professor efetivo, ambos jovens professores, sem formação em nível de pós-graduação *stricto sensu*, e ainda pouco experientes. Mesmo com a consciência do inacabado, a fala dele demonstra aceitação do novo, diante do que encontrou nas primeiras turmas, como foi marcante.

Eu penso que foi um dos momentos mais importantes da minha vida do ponto de vista profissional. No momento em que eu vi ali, fiquei bastante estimulado exatamente por conta dos estudantes que eu encontrei ali, muito motivados, muito interessados em fazer uma formação de qualidade (SOLON, 2020, p. 28).

Cláudia Brandão de Oliveira (2020) resalta uma contradição presente no ensino, entre os modos de fazer, vontade *versus* dificuldade, carências estruturais, compensadas por ela, quando estudante, com muitas leituras e com experiências práticas como estagiária no jornalismo de veículos midiáticos, assim também quando esteve como professora.

O que eu via de publicação na minha área, aqui ou fora, eu ia comprando e devorando. Era a minha forma de compensar a falta de estrutura que a gente tinha até então. Como eu te disse, tinha aquela contradição entre a necessidade, a vontade, a curiosidade nossa de colocar a mão na massa, de produzir, assim, de fazer jornalismo e a dificuldade de recursos materiais para isso (OLIVEIRA, 2020, p. 8-9).

Percebo o sentido teleológico nessas práxis transformadoras na cotidianidade do ensino e aprendizagem de jornalismo: vontade mais finalidade da educação. Retomo, então, o que Pinto (2010) nos fala sobre o caráter de intencionalidade da educação, integrando o social. Como práxis, as práticas educativas devem ser mesmo intencionais e objetivas.

Assim, foram as pessoas envolvidas com e das primeiras turmas que desbravaram o ensino-aprendizagem no Piauí. Por conta disso, é evidente também uma unidade entre estudantes e professores, amizade, vínculo, vontade de fazer dar certo, de trabalhar para que

haja, de fato, uma consolidação do campo acadêmico de jornalismo, uma vez que o campo prático já existia e já tinha uma força. **Educação da união para superação.**

As deficiências encontradas não eram particularmente dos cursos de comunicação, mas das universidades públicas àquela época. Genival Oliveira Lima (2020) evidencia essas carências, e ele mesmo chega à conclusão de que, talvez, a deficiência, em termos institucionais, fizesse com que a primeira turma da UFPI fosse unida e esforçada no sentido de fazer com que o curso fosse continuado, essa vontade de ter formação acadêmica.

Isso é perceptível nos três cursos estudados, a partir dos rastros que consegui reunir sobre essa formação em nível de ensino superior no Piauí. São conclusões (e inconclusões) que chego pela interseção de minhas memórias como estudante que fui e professora que sou, com as memórias de outras pessoas que me ajudaram a compor o mosaico de retalhos mnemônicos e históricos nesta pesquisa.

Desse modo, posso dizer que a falta de estrutura, especialmente no período inicial (mas não só), e a união são características dos cursos públicos de jornalismo, uma vez que proponho pensar no todo, e não em cada um de forma isolada e comparada. Essa união é notável na fala de Iury Campêlo (2020) sobre o curso da Uespi/CPTN, quando narra que se envolvia em todas as atividades, ajudando seu professor a montar o primeiro laboratório, a muitas mãos, de forma colaborativa.

Mas eu lembro do professor Achylles Costa Junior tentando montar o laboratório de rádio – mas quando eu falo montar, eu falo montar do ponto de vista literal mesmo, de pegar cabo e soldar – e eu fui ajudar junto. Eu fui o primeiro monitor e fui uma das primeiras pessoas a ver um laboratório da Uespi funcionando (CAMPÊLO, 2020, p. 84-85).

Vejo a unidade presente nas lembranças de Iury Campêlo (2020) nesse relato sobre os esforços conjuntos para a montagem do primeiro laboratório na Uespi/CPTN, recurso que foi útil na sua formação, bem como na de outras pessoas. Assim também na sua narrativa bem-humorada sobre o episódio da doação de livros para a universidade. “Salvo engano, os primeiros livros de Comunicação Social fui eu que doe. Eu comprei três ou quatro livros, eu os li, enfim... Até brincando que eu fiz até uma pequena solenidade, eu fiz o termo de doação dos livros [...]” (CAMPÊLO, 2020, p. 83).

Práticas educativas da união, com vistas a sobrepujar as faltas nas necessidades formativas de comunicólogos também foram comuns na realidade construída na Uespi/CPBA. Em Picos, docentes e discentes confluíam esforços no sentido de suplantar os contextos de deficiências nos suportes estruturais indispensáveis às práticas jornalísticas em aprendizagem.

Conto com afeto sobre o esforço das minhas professoras Ruthy Costa e Graciele Barroso, para superar as carências e nos oferecerem a melhor formação possível em circunstâncias em que nos faltavam até mesmo salas de aula básicas, quanto mais laboratórios. Refiro-me ao tempo em que houve embargo da obra de reforma do nosso campus, em Picos.

Fazíamos parcerias informais junto a rádios e TV locais para nossas práticas jornalísticas, do meio para o final do Curso de Comunicação Social. E aí, nossas aulas se realizavam no horário que dava: tardes de sábado, no estúdio de alguma rádio amiga, depois de encerrada a programação ao vivo; a partir das 19 horas, após o telejornal e o fim do expediente na TV Picos... O fato é que tínhamos práticas e construção colaborativa de conhecimento.

Essas lembranças não são só minhas, elas se repetem. A professora da Uespi/CPBA há 16 anos, Jaqueline da Silva Torres Cardoso (2021b), também rememora situações parecidas, em que suas práticas educativas foram permeadas por iniciativas colaborativas, no sentido de possibilitar o aprendizado, apesar das condições precárias.

Lembro que em 2007 ministrei parte da disciplina de Planejamento Gráfico teoricamente, e depois buscamos uma *lan house* para desenvolver o conteúdo prático. Os alunos não reclamavam, muito menos se queixavam em ter que pagar “a hora” para utilizar o computador. Não era conformismo, eles compreendiam que o momento de reivindicação era outro. Eles frequentavam as aulas e, paralelo a isso, e em outro momento, fechavam a BR, enviavam reivindicações para governador, percorriam 310km para acampar na reitoria, isso para citar minimamente o contexto que vivi nesse período (CARDOSO, 2021b, p. 5).

Desde o início do curso, no interior do Estado, a convicção de que as próprias pessoas envolvidas no processo formativo precisavam tomar para si a responsabilidade de sobressair as faltas aparece entre estudantes e professores. Evandro Alberto Sousa (2020) contou sobre as táticas, no sentido conotado por Certeau (2014), para enfrentar os dilemas iniciais e burlar o cenário educacional estabelecido.

Naquela época, eu levava os alunos de Rádio, que é uma disciplina cativa que eu sempre ministrei, para Monsenhor Hipólito. A gente alugava uma van, eu conseguia com a prefeitura a alimentação e a gente ia para lá para fazer programas, produção, edição, na rádio comunitária. Também trabalhamos numa parceria com o bispo Dom Plínio, e ele, logo em seguida, cedeu a estrutura da rádio da Diocese de Picos, Rádio Cultura, para receber nossos alunos (SOUSA, 2020, p. 51).

As práticas educativas da união falam também de amizade e vontade de fazer dar certo pelo comprometimento, diálogo, autonomia dos educandos, liberdade e autoridade,

compartilhamento, colaboração e transformação. Até porque, educação também é tudo isso e, como diz Freire (2019), práticas de educação para transformar a realidade.

José Pereira de Sousa Filho (2019) também lembra, em sua narrativa, da união e do esforço coletivo para fazer as coisas acontecerem no processo formativo. São práticas de compartilhamento para superar as faltas. Ruthy Costa (2019) rememora empreitadas nesse sentido, quando foi aluna, e eu lembro de quando ela foi professora.

Tudo o que nós precisávamos, se para a produção de um determinado material em uma disciplina, se não existia esse material, o Evandro dava um jeito de conseguir emprestado, conseguia uma câmera, conseguia uma máquina fotográfica. Nos mobilizamos lá, inclusive, para conseguir junto à universidade a instalação do primeiro laboratório experimental na área de fotojornalismo e também de práticas jornalísticas, produção de texto, na própria Universidade Estadual (SOUSA FILHO, 2019, p. 109).

O laboratório de informática, que, na época, a gente não tinha e precisava de computadores e de acesso à internet, a gente ia, muitas vezes, para as escolas de ensino médio que tinham um laboratório de informática. Laboratório de rádio. Como a gente também não tinha equipamento nenhum de rádio, a gente ia para as emissoras de rádio locais. Na época, Odorico Carvalho era da minha turma e também foi um desses que buscou a implantação do curso para cá... A gente tinha aquela ideia de que Odorico tinha uma estação de rádio em casa. Então, ele, enquanto aluno da instituição, cedia o espaço da casa dele, a estrutura que ele tinha de acesso à internet e à rádio para a gente fazer as gravações e edições de rádio para poder sanar essas dificuldades que a gente tinha (COSTA, 2019, p. 133).

Assim, as práticas nos cursos de jornalismo caminham para a colaboração. Além de José Pereira Sousa Filho (2019), Ruthy Costa (2019), Evandro Sousa (2020) e Orlando Berti (2019b) lembrarem de momentos de compartilhamento de equipamentos para fazerem as aulas laboratoriais de fotografia e radiojornalismo, por exemplo, acontecerem, no início dos anos 2000, em Picos, Genival Oliveira Lima (2020) também rememora esse aspecto, no contexto da UFPI, em meados de 1980, em Teresina.

Da união de discentes e docentes surgiu o Centro Acadêmico de Comunicação Social da Universidade Federal do Piauí (CACOS), cujo papel foi relevante para desenvolvimento do curso. O CA participou da elaboração de projetos para a implantação dos laboratórios, que surgiram depois. Genival Lima foi o primeiro presidente.

Práticas de liberdade e de esperança, que conduzem à transformação, primeiro de si, como envolvidos no processo educativo, depois, uns dos outros, chegando ao próprio curso. Genival Oliveira Lima (2020) chega à conclusão de que as carências fizeram com que houvesse união e esforço coletivo, no sentido de superar a conjuntura e na vontade de se fazer jornalista por formação no Piauí, do contrário, ele não teria condições de fazer o curso em outro estado.

Como menciona Morin (2000), a unidade e centralidade nas condições humanas são imprescindíveis à educação.

As práticas educativas dizem mesmo respeito ao diálogo, ao querer bem, à esperança, como vimos no relato de Ruthy Costa (2019); à autonomia do educando, notável nas falas de Iury Campêlo (2020); e à liberdade e à autoridade, como no que lembra Cláudia Oliveira (2020). Tudo isso mesmo, como diz Freire (2019, p. 140): “A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência no hoje”.

Percebi isso nas memórias afetivas de Ruthy Costa (2019), quando se emociona ao falar da Uespi, demonstração de uma relação de afetividade, amorosidade, que vem dos tempos de aluna, mas que seguiram nas práticas como docente. Educação e afetividade. Educação e esperança. Educação e alegria. “O que me marca mais, enquanto aluna e, depois, enquanto professora, é justamente essa união entre os estudantes, entre os professores que fazem o curso, porque era a forma que a gente tinha, e que se tem até hoje, de ir ultrapassando essas barreiras” (COSTA, 2019, p. 132).

Consequentemente, tais práticas demonstram uma **educação humana**. Respeito e competência, na avaliação de José Pereira Sousa Filho (2019); generosidade, na fala de Genival Oliveira Lima (2020); criticidade e interdisciplinaridade, no relato de Cláudia Brandão de Oliveira (2020) sobre a importância das disciplinas propedêuticas para a formação como jornalista; decisões conscientes integram essas práticas humanas (FREIRE, 2019). No mesmo sentido, pondera Daniel Solon (2020), sob o olhar de estudante que foi e de professor que é:

Eu vejo que existia um interesse grande dos estudantes em construir um curso interessante com eventos, com palestras, discussões sobre as questões do jornalismo. Os próprios professores também que saíam e estavam integrando o curso, eram bem estimulados a colaborar com o curso. [...] Então, mais do que formado de forma técnica, penso que a minha formação, a principal que eu percebi, mesmo com dificuldades, foi a formação mais humana que a gente teve na época (SOLON, 2020, p. 17).

A educação é inerente a nós, pessoas. Educamos e somos educados na convivência em sociedade, nas nossas comunidades. Nas memórias dos egressos, noto a perspectiva de formar o humano, como confere Saviani (2015), na sua pedagogia provocadora, além da educação com característica gnosiológica defendida por Freire (2013).

A esses autores, acrescento Morin (2000), outro pensador contemporâneo que defende que todo ensino deve estar centrado na condição humana. “A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana” (MORIN, 2000, p. 47). Para a

produção de conhecimento centrada na humanidade é preciso união. A unidade humana, sem desconsiderar e descuidar da diversidade natural, somada à convergência dos saberes, são desafios às nossas práticas, os quais requerem que ultrapassemos a consciência comum para atividades cognoscentes.

A sociedade piauiense foi mudando no tempo, como é natural. Os cursos de jornalismo, também. As práticas educativas presentes nesse espaço geraram consequências sociais. Certamente, as práticas profissionais de jornalistas, hoje, não são as mesmas daquela sociedade anterior aos cursos de comunicação. A sociedade piauiense mudou. O curso também provocou mudanças. Fomos comutadas.

Mesmo as práticas educativas não sendo exclusivas das instituições educacionais, nem dos professores, quando escolarizadas, provocam transformações para além do seu ambiente, como atividade consciente que produz realidade humano-social, como práxis, entre o ser humano e a sociedade. Por meio das práticas, nós construímos e modificamos a realidade no campo da educação e nos campos da comunicação e do jornalismo. A partir da compreensão da práxis, nós entendemos melhor o mundo. Entender a prática educativa como práxis é situá-la nessa relação.

Vemos como interessante a abertura do campo histórico, a importância de dar vez e voz aos professores, aos estudantes, personagens que, por muito tempo, foram desconsiderados das pesquisas historiográficas. A história cultural deu condições e possibilidades de ouvir pessoas que não eram ouvidas, de estudar práticas que eram consideradas “menos importantes”.

No construir temporal e espacial, vimos, na história dos cursos, jornalistas formados aqui, rapidamente se fazendo professores por conta da demanda de abertura de mais cursos. Os primeiros professores jornalistas da UFPI foram se construindo docentes a partir da necessidade e na experiência do curso. Na Uespi, semelhantemente. Essa característica implicou nas práticas, certamente.

Vale ressaltar que a prática laboratorial é fundamental para o despertar dessas novas habilidades e competências, fazendo com que os estudantes de jornalismo se tornem produtores e difusores de conhecimento. Isso faz com que o ensino seja cada vez mais dinâmico, passando de uma estrutura conteudista, arraigada sobretudo de teoria, para uma estrutura propícia à contextualização social e emancipatória do estudante com a prática profissional.

As consequências da implantação e da oferta de vagas nesses cursos são proeminentes, com interferências na sociedade local, passando pela qualificação das práticas jornalísticas à constatação, reflexão e apontamentos para melhorias por meio das pesquisas realizadas pelos estudantes e professores das duas instituições, com olhos nos produtos e produções locais.

É notório que a trajetória de surgimento à consolidação dos cursos nas instituições públicas piauienses foi permeada por crise, principalmente, do ponto de vista estrutural. Mas esse contexto favoreceu a unidade das comunidades acadêmicas, permeada pela vontade e pelo interesse das pessoas que estavam ali, como observa Orlando Berti (2019b).

Nós temos uma sororidade acadêmica muito grande, mesmo nós tendo diferenças, a Uespi, claro, nossos cursos não são perfeitos, mas acredito muito na questão da união e dos desafios. Hoje, eu vejo, principalmente aqui no campus de Picos, talvez pelas crises maiores, uma união e um interesse maior dos alunos (BERTI, 2019b, p. 130).

Os cursos de jornalismo do Piauí se firmaram no cenário estadual e nacional, com presença e respeito no mercado de trabalho, tanto em organizações públicas, com conquistas de aprovações em concursos no Brasil, quanto privadas, inclusive em cargos de gestão e em iniciativas de negócios próprios. A pesquisa desenvolvida por docentes e discentes também tem crescido e consubstanciado nesse tempo e alcançado patamares mais altos, ajudando no fortalecimento do campo científico e profissional. Mas tudo começou com a formação dos professores, que gerou implicações aos cursos.

6 DO JORNALISMO PARA A DOCÊNCIA: a formação de professores e as implicações para os cursos

É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser.

António Nóvoa

Definitivamente, a professora Mayara não está separada da Mayara filha, esposa, irmã, tia, sertaneja, sonhadora... Tampouco os professores Laerte, Jacqueline, Evandro, Daniel, Sônia e Jaqueline estão em campos distintos das personalidades que compõem suas identidades no domínio pessoal. O “eu pessoal” e o “eu profissional” (NÓVOA, 1995) se misturam em minha vida como dimensões de meu ser. É assim comigo e com outras pessoas, ainda mais se falamos da profissão docente.

Nóvoa (1995) sublinha a impossibilidade dessa separação entre o pessoal e o profissional, uma vez que ser professor entrelaça nosso jeito de ser com nossos valores, princípios e metas em nossas práticas educativas. Daí a importância dos estudos em histórias de vida para pensar a docência.

Em análise horizontal de nossas histórias de vida como professores jornalistas na história dos cursos de jornalismo, proponho, nesta seção, inferências sobre nossas trajetórias e as relações contextualizadas com a educação em comunicação e em jornalismo, a partir do cruzamento de relatos (THOMPSON, 2002). Faço isso, de modo a levantar a formatação de quadros e dimensões nas trajetórias formativas, bem como nas práticas educativas, que apontam para integração dessas narrativas.

Por fim, sintetizo e propondo a percepção de pontos de mudança nas trajetórias de formação e de atuação, que levaram a transmutações na história e memória dos cursos de jornalismo no Piauí, consequentemente, pensando os impactos da formação e atuação na vida dos professores, como também deles naqueles.

A formação em jornalismo passa por competências que desenvolvem a capacidade de analisar e questionar, favorecendo a criticidade, de modo que o egresso se torna um jornalista reflexivo, por assim dizer, e não apenas um tecnicista. Com isso, o profissional que opta por exercer a docência tem esse aspecto que lhe favorece: a fundamentação humanista e contextual,

com bases e tendências para análises racionais e fundamentadas, o que também é inerente à docência.

Para além da graduação, que não faz de nós professores, investimos em formação continuada para, somado ao conhecimento de experiência em jornalismo e na docência, melhorarmos nossas práticas educativas. Cursos de curta, média e longa duração nos ajudam nesse processo de constituição do professor e do pesquisador, uma vez que esse é um papel do docente universitário. Além disso, outros aspectos de nossas vidas contribuem com nossa autoformação.

Assim, esta seção busca entender como os professores de jornalismo investem na formação continuada como forma de se preparar para o exercício da profissão docente. A partir do cruzamento das narrativas autobiográficas (THOMPSON, 2002), foi possível identificar diferentes investimentos de formação em comum. Organizei-os em categorias de análise (BARDIN, 2016), em torno das quais deve se dar a reflexão horizontal sobre os processos de formação de docentes de jornalismo.

- a) Formação por experiência em jornalismo e comunicação**
- b) Formação por experiência na docência**
- c) Formação por eventos científicos e cursos de curta e média duração**
- d) Autoformação**
- e) Formação em pós-graduação**
- f) Formação por pesquisas**
- g) Outros aspectos formativos: família, história, convivência, relacionamentos etc.**

Através dessas categorias, podemos notar o quão plural é a formação do professor jornalista. A mobilização e a criação de saberes nos processos formativos se dão em variados aspectos, ambientes, natureza e fontes. Na heterogeneidade, construímos nosso saber-fazer, que se mostra nas práticas educativas, também plurais.

Esse aspecto da diversidade do saber docente é pontuado por Tardif (2014). Em razão da natureza social desse saber-fazer, o autor aponta para uma combinação de influências familiares, escolares, universitárias, institucionais, culturais, relacionais, próprias da sociedade, dos ambientes que frequenta, das pessoas com quem convive ao longo da vida como professor. O saber docente é plural e temporal (TARDIF, 2014), é importante entendê-lo pelas lentes da história e da memória. A história dos cursos e das práticas educativas se constrói pela história da pessoa. Nas trajetórias de vida dos professores jornalistas, vemos a abrangência de atividades

realizadas, bem como a formação interdisciplinar e múltipla, para além dos espaços e estilos formais.

Os cursos de jornalismo formam bacharéis para atuação no mercado de trabalho da comunicação, contudo, recebem os mesmos profissionais de volta à academia para o exercício docente, de modo a ajudarem na formação de novos jornalistas. Vale ressaltar que essa não é uma particularidade do jornalismo, mas de todos os bacharelados existentes, característica da história da educação superior brasileira.

Muitos professores de jornalismo atuam, concomitantemente, na docência e no mercado de trabalho, como profissionais técnicos da comunicação, seja em organizações governamentais públicas, privadas ou no terceiro setor, ou em instituições propriamente jornalísticas, cuja missão principal é informar.

Os interlocutores desta pesquisa denotam, em suas trajetórias, experiências na comunicação profissional, desde jornais impressos, como é o caso de Jacqueline Dourado e Sônia Carvalho; *sites* jornalísticos, como Evandro Sousa; assim como assessorias de comunicação, como eu mesma; agências de publicidade e propaganda, como Laerte Magalhães e Jaqueline Cardoso.

Formação por experiência em jornalismo e comunicação. Essa característica faz com que, nós, docentes bacharéis, tenhamos facilidade em ministrar conteúdos sobre os quais dispomos de experiências práticas. Além do mais, implica em aulas mais atraentes para os discentes, por partilharmos nossas experiências de campo, facilitando a articulação com o conteúdo teórico. Acredito que esse aspecto ajuda a fazer com que tenhamos domínio da competência do conhecimento sobre o conteúdo básico da área.

Além dos seis professores colaboradores deste estudo e de mim mesma, no Piauí, a maioria das 35 pessoas que atuam como docentes efetivos nos cursos de jornalismo conta com experiência de campo em redações de impresso, rádio, TV, portais e assessorias de comunicação e em agências. Raramente, há docentes inexperientes no mercado profissional, com única atuação, ao longo de suas trajetórias, na profissão docente.

Além da formação pela experiência no jornalismo e na comunicação, professores costumam buscar nessa fonte as bases para a construção de seus conhecimentos sobre o fazer docente também. E não é raro entre bacharéis. De acordo com Moura (2014), a experiência é uma das principais fontes de conhecimento desses profissionais. “O todo que compõe o lastro de conhecimentos adquiridos pelo professor, mesmo por outras fontes, é expressão da experiência vivida. É a experiência que abastece de ideias o sujeito-professor, que permite-lhe conhecer o mundo, conhecer sobre o mundo” (MOURA, 2014, p. 98).

A autora considera ainda que a experiência, talvez até mais do que a formação institucionalizada, é uma das nossas bases para atuação em sala de aula, enquanto professores bacharéis. O conhecimento de experiência é produzido tanto em situações vividas antes, durante e após o exercício da docência, quanto fora dela, no exercício da profissão de formação inicial, e até em outras situações cotidianas.

Assim é que a **formação por experiência na docência** é um aspecto a ser considerado na nossa construção professoral. Muitos de nós voltamos à universidade ocupando um novo lugar e desenvolvendo um novo papel sem, antes, obtermos formações institucionalizadas para o ensino, a pesquisa e a extensão, além das nossas graduações. Essa é a minha história, e também a de Laerte Magalhães, Jacqueline Dourado, Evandro Sousa, Daniel Solon, Sônia Carvalho e Jaqueline Cardoso.

Essa é uma característica da história dos nossos cursos. Durante a fase inicial, até a consolidação, a maioria dos professores específicos em atuação nas universidades no Piauí tinham graduação e, no máximo, especialização. A formação em mestrados e doutorados dos seis professores interlocutores se deu após o ingresso na docência. Com isso, os cursos também mudaram pela comutação das pessoas e de suas práticas educativas.

E a gente ali lidando com a própria fragilidade, que foi a nossa formação enquanto profissional para a docência. Não existia, na época em que eu era estudante, essa preocupação, não existia perspectiva também, naquele momento, de novos cursos de Comunicação no Piauí, principalmente públicos. Então, penso que essa formação docente também acabou sendo feita, digamos até a machadadas, a gente era meio que feito na marra professor (SOLON, 2020, p. 20-21).

Essa fragilidade formativa de que fala Daniel Solon (2020) se dá pela carência de preparação pedagógica. A maneira como se deu a nossa formação é determinante para o estilo de práticas educativas que desenvolvemos. O período inicial dos cursos foi marcado pela centralidade no ensino, por vezes, com caráter expositivo e concentrado no professor, e pela ausência de pesquisas e de práticas extensionistas, exatamente pela carência formativa para a pesquisa da maior parte dos professores.

Hoje temos novas formas de atuação e de compreensão da educação, revendo o papel dos estudantes e dos professores no processo, devido à formação continuada em pós-graduação do corpo docente das universidades. Nossas interpretações sobre a atividade docente se dão pelas nossas práticas, que compõem nosso conhecimento experiencial. Daí a importância de refletir sobre a formação de professores de forma contextualizada.

A prática docente também contribui com nosso processo formativo, todavia, a carência de conhecimento pedagógico pode se evidenciar no nosso percurso, daí a necessidade de investir na formação continuada para colaborar e tentar suprimir. É perceptível que investimos em **formação por eventos e cursos de curta e média duração** para preencher nossas faltas. Contudo, nem sempre focamos em saberes pedagógicos, mas, sim, jornalísticos.

Jacqueline Dourado (2021a) me contou que sempre foi sua prioridade investir em cursos para sua formação, onde quer que eles acontecessem, com professores e pesquisadores de renome no nosso campo. Um desses cursos, ela fez em Brasília, enquanto a UFPI vivia uma greve. “Eu nunca tive pena de investir na minha formação! Nunca!” (DOURADO, 2021a, p. 169). Além de cursos, foi e é comum, no seu percurso, a compra de livros, de forma que conseguiu montar um grande acervo bibliográfico, que já foi até compartilhado com instituições de educação.

Semelhantemente, Sônia Carvalho (2021a) fez/faz esses investimentos. Constantemente, realiza cursos, principalmente, nas áreas em que percebe carência formativa. Livros para estudos individuais e para partilhas com seus alunos também são rotina na vida dela. Em uma das nossas conversas, ela mencionou que sempre foi comum fazer compras de livros em valores elevados, como um episódio no qual ela contou aplicar cerca de dois mil reais em bibliografia.

Assim, a **autoformação** pelo investimento em livros faz parte das nossas vidas. Além de Jacqueline Dourado (2021a) e Sônia Carvalho (2021a) se empenharem na aquisição de material de estudo e de pesquisa, Laerte Magalhães (2021a) também ressaltou esse aspecto e me mostrou suas estantes cheias, de parede a parede, do teto ao chão.

Ao longo da vida, nós, professores de jornalismo, nos autoformamos de modo muito individual e particular. Refiro-me à autoformação como o processo pessoal de busca intencional por aprendizado em situações informais e em investimentos propositais que fazemos. A busca por construir significações acerca da nossa prática nos conduz ao processo de ver, perceber, refletir, avaliar, melhorar, mesmo quando não somos estimulados institucional e formalmente.

É certo que aprendemos com a experiência, com as limitações, com os desafios e com os problemas enfrentados, a exemplo da falta de estrutura evidenciada na trajetória dos cursos de jornalismo. Aprendemos também com a natural diversidade de nossas turmas, mesmo quando as disciplinas e os conteúdos são os mesmos, semestre a semestre, como os colaboradores concordaram em nossa roda de conversa. Nesse processo, nós nos autoformamos, quando passamos a imprimir sentido ao que fazemos.

Semelhante aos meus colegas, em meus poucos anos de carreira docente, sempre me preocupei em consumir material sobre educação e, principalmente, educação superior, no intento de melhorar minhas práticas educativas à vista das minhas latentes carências pedagógicas. Livros sobre docência, práticas educativas, metodologias ativas, técnicas de ensino-aprendizagem, reflexividade do professor, dentre outros, passaram a ser atrativos a mim para leitura e releitura, desde que iniciei a jornada como professora, há sete anos.

Além de livros, passei a participar de eventos que reúnem professores, como o Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo, realizado anualmente pela Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej), para ajudar no processo de construção de significados sobre minhas práticas educativas pela reflexão. Isso é autoformação.

Por entender que a autoformação se refere à significação do que fazemos, esse processo está relacionado às ações características do professor reflexivo de que fala Pimenta (2012a, 2012b). Refletir sobre a complexidade de ser professor é mais que aplicar técnicas, requer distinguir o papel da teoria e do reconhecimento dos contextos.

A constante avaliação do processo nos leva a melhorias. O que ocorre, muitas vezes, é a formação do professor pela prática, especialmente, se pensarmos o ensino superior em seus cursos de bacharelados, como é o caso do de jornalismo. Todavia, como coloca a autora, as teorias educacionais são imprescindíveis ao docente, para o fortalecimento desse processo formativo.

Pimenta (2012a) ressalta a importância da teoria na formação de professores, para que compreendam a complexidade do contexto e a necessidade de adequação a ele. “[...] a teoria tem importância na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de pontos de vista variados para uma ação contextualizada [...]” (PIMENTA, 2012a, p. 28). A teoria embasa a postura crítica do professor, na constante avaliação do processo e do contexto, que possa nos levar a condições melhores.

Reconhecer os investimentos em autoformação não se trata de desconsiderar o fato de a teoria educacional na formação do jornalista só acontecer, basicamente, por iniciativa própria, na autoformação, na busca por bibliografia que nos levem a melhorias de nossas práticas, desenvolvendo esse caráter de professor reflexivo, mas não por outras iniciativas formais. A reflexão coletiva sobre esse aspecto pode nos levar a superar a dificuldade de formação específica voltada aos conhecimentos da ciência da educação. No entanto, isso pouco acontece.

Os saberes são coletivos e requerem interconexões. Como a professora Sônia Carvalho (2021a) ressaltou, precisamos nos acolher e, juntos, conduzirmos modelos colaborativos,

convergentes, interativos para uma tessitura que preencha os vazios formativos nos processos educacionais, formais ou não.

Quanto à participação coletiva, existem vantagens ao passo em que ela possibilita a troca de experiências, a partilha, a construção, a muitas mãos, para soluções de problemas, divisão de angústias, avaliação e autoavaliação, aprendizados com a história do outro, além de reflexão sobre as nossas experiências.

Nesse raciocínio, Pimenta (2012a) reconhece a importância da reflexão coletiva. O trabalho conjunto aponta para a corresponsabilidade dos envolvidos no processo educativo. Tanto professores quanto alunos, gestores, governantes e comunidades precisam se envolver e assumir seus papéis, pautados na reflexão, considerando e compreendendo seus contextos, sejam eles sociais, econômicos, políticos e culturais. Só assim se pode trabalhar a superação de problemas no rumo de soluções. Reflexão crítica. Isso é compreender os fatores que afetam as práticas educativas.

Outro autor que apresenta esse viés é Libâneo (2012). Para ele, a “reflexividade comunitária”, também chamada de “reflexividade compartilhada”, contribui com a formação de uma visão crítica de situações e da realidade, portanto, pode ser considerada estratégica nos modos de fazer do ensino, da gestão, e no sentido das convivências. Refletindo, chegamos a significações de processos, partindo das diferenças, buscando princípios comuns.

Entretanto, as oportunidades formativas docentes para construções coletivas sobre nossas práticas educativas, como ocorreu por meio desta pesquisa-formação, pouco acontecem na realidade da educação em jornalismo no Piauí. Raramente nos encontramos para falar e ouvir. Raramente promovemos ocasiões assim, voltadas à percepção das práticas e formação, bem como às memórias dos cursos. Essa falta foi notada pela professora Sônia Carvalho (2021a) e o é por mim.

Poderíamos construir uma inteligência coletiva (LEVY, 2010) sobre as práticas educativas docentes no âmbito dos cursos de bacharelado, sobretudo em jornalismo. Por que inteligência coletiva? Como poderíamos desenvolver uma inteligência coletiva sobre professorado em jornalismo? Aprendendo a pensar.

O conceito de inteligência coletiva, segundo Levy (2010), está relacionado ao saber e à cibercultura, que potencializa o desenvolvimento de inteligência compartilhada, passando pelas experiências adquiridas social, profissional e pessoalmente. A soma de conhecimentos particulares sobre a docência em jornalismo seria potencializada, na história atual dos cursos, por meio de encontros de formação, de publicações conjuntas, da escrita reflexiva sobre nossas práticas. Formação compartilhada, que parte da autoformação, primeiro.

Na autoformação, a reflexão sobre as práticas educativas é importante. Nesta pesquisa, notei professores autoavaliadores, como Jacqueline Dourado, Daniel Solon, Jaqueline Cardoso demonstram em suas falas. A primeira se caracteriza como observadora: “Eu sempre gosto de observar e aprender alguma coisa com os outros, que eu acho relevante, e na minha prática do dia a dia, na observação...” (DOURADO, 2021a, p. 173). O segundo é um autocrítico: “Preciso dizer que eu não sou professor exemplar, não sou o melhor professor! Tenho muitas falhas ainda hoje enquanto professor” (SOLON, 2021a, p. 152). Já a terceira declara ser autoavaliadora: “Eu sempre faço uma autoavaliação de como eu estou me comportando, de como eu estou me saindo, eu me autoavalio. Eu sei que os alunos trabalham a questão da avaliação docente, mas eu sei que é necessário a gente se autoavaliar” (CARDOSO, 2021a, p. 183).

Observação, autocrítica, autoavaliação. Presentes nas narrativas autobiográficas desses colaboradores, as ações de intencionalidade em examinar suas práticas vão ao encontro das ponderações feitas pelos autores acima citados, como Pimenta (2012a, 2012b) e Libâneo (2011, 2012) sobre professores reflexivos.

Vale observar, em Libâneo (2011), uma convergência com a proposição de que a reflexividade precisa ser apoiada em teorias, assim, não pode ficar no raso da observação da prática, mas precisa aprofundar a relação com o conhecimento científico da educação, a pedagogia, para nos ajudar a pensar sobre nosso trabalho.

Por reconhecer a necessidade de sermos profissionais reflexivos a partir da perspectiva de avaliação crítica-teórica sobre as práticas, como apontam esses autores supracitados, além dos investimentos em livros autoformativos, nossas histórias de vida demonstram nossas carências formativas pedagógicas institucionalizadas. Por isso, empenhamo-nos em obter **formação em pós-graduação**, de modo a nos transformar e a transformar nossas práticas educativas, por meio das jornadas nos mestrados e doutorados.

Certamente, cursos de pós-graduação, tanto *lato sensu* quanto *stricto sensu*, são compreendidos assim, mas não somente eles. Em relatório sobre o assunto coordenado por Moriconi (2017), a Fundação Carlos Chagas aponta características comuns identificadas nas pesquisas acerca da formação continuada de professores, entre as quais, o fator duração prolongada.

Ou seja, embora não fique claro qual seria o período e a carga horária ideais de um curso, nas obras analisadas, há consenso de que formações de curta ou curtíssima duração podem beirar a superficialidade e, portanto, não promover os efeitos que se espera da formação

continuada. Fica a crítica à nossa história. Somos carentes de formação continuada sólida para o professorado em jornalismo, no intento de gerar práticas educativas transformadoras.

Jornalistas, antes de se fazerem professores, devem buscar na formação em mestrados acadêmicos e doutorados, as bases para a atuação docente. Considerando que os cursos de pós-graduação trabalham a formação para a pesquisa e que esta é uma das obrigаторiedades da educação superior, ela termina por contribuir com a melhoria das práticas dos professores.

Esse imperativo está previsto em lei. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 2017) preconiza, ao professor de educação superior, especialmente, a formação em pós-graduação *stricto sensu*. Isso porque o professor com formação em mestrado e doutorado consegue se despontar como pesquisador e, ainda, incentivar postura semelhante entre os discentes, de modo a desenvolver habilidades que são exigências dos cursos de educação superior.

O artigo 66 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996, popularmente chamada LDB/96, no capítulo VI “Dos Profissionais da Educação” (BRASIL, 2017), regulamenta a atuação docente no ensino superior no que tange à formação. Segundo a normativa, a preparação deve ser atestada em nível de pós-graduação, prioritariamente *stricto sensu*. Esse aspecto procura prover a necessidade formativa para a prática da docência, especialmente de profissionais cujo curso inicial não se trata de licenciatura, mas de bacharelado, o que implica dizer que este tipo de graduação não inclui prática de ensino e preparação reflexiva para a atividade docente, como ocorre nas demais graduações.

De tal forma, os cursos de pós-graduação *stricto sensu* entram como uma possibilidade atraente de investimento na formação continuada. A partir deles, o professor ganha projeção nas universidades, ascendendo na carreira docente, com reflexo salarial, o que pode ser considerado como uma forma de incentivo à qualificação permanente.

Assim ocorreu na UFPI. Os professores se formaram em mestrados e doutorados, e isso gerou implicações às práticas educativas do curso, como demonstra a história de vida do professor Laerte Magalhães, que chegou ao curso apenas com a graduação, em 1986, e se verticalizou até o doutorado, em 2002, gerando um professor com novos modos de fazer, voltados à investigação científica.

Sônia Carvalho (2021a) contou que, à época de sua graduação, na mesma instituição, no final dos anos 1990 e início dos 2000, não fez pesquisa pela ausência de professores com formação para prática nesse sentido. “Era um outro corpo de professores, alguns ainda persistem, mas era uma outra realidade. Poucos dos nossos próprios professores tinham

mestrado, poucos desenvolviam pesquisa, inclusive, nem nos estimularam a fazer pesquisa” (CARVALHO, 2021a, p. 194).

Assim também está ocorrendo na Uespi, cujo processo de formação professoral nesse nível se encontra em andamento, conforme vemos nas trajetórias de vida de Daniel Solon, minha, ambos em doutoramento atualmente, e de Jaqueline Cardoso, cujo curso de doutorado foi concluído recentemente.

No Brasil, os cursos de mestrado e doutorado ainda são recentes. Os primeiros programas de pós-graduação surgiram a partir da década de 1960, fator importante no que se refere ao desenvolvimento e fortalecimento das pesquisas (MASETTO, 2015). No jornalismo e na comunicação, áreas em que estamos circunscritos, esse processo é ainda mais novo – década de 1990 (COMPÓS, c2022).

Dito isso, conto a você, leitor, que é comum, entre jornalistas ainda em formação, a perspectiva manifesta no desejo de retornar à universidade para exercer a atividade docente, afinal esse é um campo com possibilidade de atuação para qualquer profissional nas mais diversas áreas.

A minha experiência ilustra essa característica; as experiências dos meus colegas colaboradores desta pesquisa, também. Enquanto estudante de graduação, eu já expressava a vontade de trabalhar como professora no mesmo curso; eles também se interessaram pela docência bem cedo, como Jacqueline Dourado, que se formou e, sequencialmente, desejou voltar como professora; como Evandro Sousa, que iniciou na docência como recém-formado em jornalismo.

Do mesmo modo, é corriqueiro perceber isso entre os meus alunos: a vontade de transitar entre as práticas do jornalismo e da docência, mesmo fazendo bacharelado e com a consequente carência de formação pedagógica. Por isso, reforço a necessidade de os nossos cursos de graduação trabalharem com a possibilidade de oportunizar ao estudante de jornalismo o ensejo formativo ao professorado no campo.

Considerando que precisamos também de formação pedagógica, os espaços de preparação da jornalista para atuação como docente se dão, essencialmente, na formação continuada, especialmente, nos doutorados e mestrados acadêmicos, pois são cursos que têm por objetivo formar pesquisadores, contribuindo também para a reflexão e para a prática-reflexiva.

Ao refletir sobre os investimentos em formação continuada pelos professores do Piauí, é notório que a docente de jornalismo dedica ao mestrado e doutorado a preparação para a

atuação em instituições de educação superior, o que pode contribuir para a qualidade na “pedagogia da comunicação”.

Com a formação em pós-graduação *stricto sensu*, na formação continuada, é possível despontar o professor-pesquisador, com atitudes e estratégias de incentivo e desenvolvimento de pesquisas juntamente com os estudantes. Esse processo é partilhado, logo, as oportunidades de aprendizado e de construção do conhecimento acadêmico se dão por meio da coparticipação, com desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva em ambos.

Ao concluir o curso de bacharelado, ciente das normativas da LDB-1996 (BRASIL, 1996, 2017) sobre a formação em nível de pós-graduação da docente que trabalha na educação superior, busquei a formação continuada no mestrado acadêmico em Comunicação. Por ser bolsista (Fapepi-Capes), o estágio de docência se tornou atividade obrigatória, acompanhado da disciplina de Ensino Orientado, o que contribuiu com minha preparação para o trabalho.

A imposição de termos professores com mestrado e doutorado nos cursos das IES e, ao mesmo tempo, a carência de profissionais com tais formações no Piauí, principalmente no interior do estado, conduziu-me ao exercício docente cedo, antes mesmo de concluir a pós-graduação. Afinal, no Piauí, e no Nordeste como um todo, são poucos os PPGs e, conseqüentemente, as vagas para formação nessa área. Dessa forma, com oportunidades quantitativamente limitadas, a formação continuada do professor bacharel da área de comunicação é dificultada.

Até a criação do PPGCOM (UFPI, 2010b), as pessoas que desejavam se qualificar para atuação na docência na educação superior no campo da comunicação e do jornalismo tinham, basicamente, duas alternativas. A primeira era de fazer a pós-graduação *stricto sensu* em área afins, disponíveis no território piauiense, como educação, história, políticas públicas, cujos programas surgiram antes. Em tese, PPGs em Educação são mais antigos, têm estabilidade e, portanto, ofertam vagas para a pós-graduação, apesar das desigualdades de distribuição geográfica que alcançam a educação superior brasileira.

Outra opção era se deslocar à região sudestina, especialmente, e sulina, para a formação continuada, visto que a disponibilidade de cursos de pós-graduação é predominante por lá (COMPÓS, c2022), tal como ocorreu com Laerte Magalhães, no Rio de Janeiro, Jacqueline Dourado e Jaqueline Cardoso, no Rio Grande do Sul.

No entanto, uma mudança nessa condição é onerosa em muitos sentidos, exigindo um alto investimento financeiro, físico, psíquico e emocional por parte do profissional, conforme feito pelos três professores mencionados. Logo, é necessário reconhecer que a má distribuição

de espaços dedicados à continuidade da formação no Brasil se afirmava (ou se afirma?) uma dificuldade à qualificação.

Para Melo (2008b, p. 17), a concentração majoritária de pós-graduações no eixo sudestino “[...] reflete naturalmente a localização, nessa região, do bloco hegemônico da indústria de conteúdo que funciona no país, constituindo o mercado de trabalho que mais assimila a mão-de-obra diplomada”. É histórico. E não é exclusivo do ambiente da comunicação e do jornalismo, mas da sociedade brasileira.

Embora tenha ocorrido crescimento de programas de pós-graduação no Brasil nos últimos dez anos, o número, no Nordeste, Norte e Centro-Oeste, ainda é incipiente em relação à região Sudeste, especialmente, se considerarmos que por serem, em sua maioria, programas jovens, as pós-graduações em comunicação nordestinas ainda não ofertam doutorado. Segundo a COMPÓS (2021), dos dez programas presentes no Nordeste, apenas três deles ofertam doutorado, os demais, contam somente com mestrado.

Mesmo com a oferta de três cursos de jornalismo em universidades públicas e de outros em instituições privadas, na capital, Teresina, em Parnaíba e em Picos, o Piauí conta apenas com um mestrado em Comunicação, na Universidade Federal, mas não dispõe de nenhum doutorado nesse campo. Talvez isso possa ser associado ao fato de não termos integralmente professores doutores atuando nos cursos de jornalismo, ainda existindo um considerável número de docentes apenas com mestrado.

Atualmente, dos 35 docentes em atividade nos cursos de jornalismo das universidades públicas piauienses, 22 são doutores, 11 mestres e um especialista (quadro 4). Do total de mestres, temos três em formação continuada nos cursos de doutorado – todos da Uespi, situação em que se encontram Daniel Solon e eu. Na UFPI e na Uespi/CPBA não existe docente apenas com especialização, mas na Uespi/ CPTN consta um professor.

A proposta, outra vez, não é comparar as duas instituições, ou os três cursos. Cada uma trabalha dentro de uma realidade, sob um contexto particular e não generalizável, que não cabe analisar aqui. De outro modo, a ideia é apenas refletir sobre perfil da professora jornalista do Piauí, no que tange à preparação instrucional.

De tal forma, o quadro aponta a formação continuada como recurso para a carreira no magistério da jornalista. Do total de docentes em atuação nas IES públicas, aproximadamente 63% são doutores, 31% são mestres e apenas 3% de especialistas. A quantidade com a titulação de doutor tende a aumentar em um curto espaço de tempo, considerando que existem profissionais nessa etapa formativa.

Quadro 4 – Formação continuada de professores de jornalismo do Piauí

Instituição	Número de professores efetivos	Doutores	Mestres	Especialistas
UFPI	17 ³³	14	2	0
Uespi/CPTN	12	6	5	1
Uespi/CPBA	6	2	4	0

Fonte: Elaborado pela autora (2022)³⁴.

É claro que os docentes que atuam no Piauí realizam investimentos na carreira profissional, valorizando o magistério na graduação em jornalismo. Com a formação em pós-graduação *stricto sensu*, é possível despontar o professor-pesquisador, com atitude e estratégias de incentivo e desenvolvimento de pesquisas juntamente com os estudantes, num processo partilhado de aprendizado e de construção do conhecimento acadêmico, com boa capacidade crítica e reflexiva.

Foi o caso de Laerte Magalhães. O mestrado e o doutorado o formaram pesquisador e dispararam novas práticas na sua docência, que implicaram em mudanças no curso da UFPI, onde atuou por mais de 30 anos. Jacqueline Dourado, também. Isso gerou novas práticas educativas no curso da Universidade Federal. Formados, esses professores passaram a desenvolver pesquisas, impactando na formatação do jornalismo no Piauí, como adentraremos na seção seguinte.

De tal forma, o professor não só mobiliza, mas constrói saberes. Como vimos com Tardif (2014), o saber professoral tem caráter plural e heterogêneo, envolve diversas fontes: conteúdo, disciplina, currículo, contexto, didática e experiências. Saberes experienciais são constituídos tanto da prática quanto da competência profissional; e, conforme este autor, têm caráter prático, interativo, existencial, personalizado, permeável, formalizado, socialmente construído.

Nesse âmbito, a preocupação com a necessidade formativa do educador é conveniente. Rodrigues e Esteves (1993) entendem que analisar tal indispensabilidade cumpre duas funções: uma social e a outra pedagógica. Nesse processo, é interessante que haja a participação da formanda no processo formativo, desde o planejamento à execução.

³³ A formação de uma docente apontada no corpo da UFPI (2022) não foi identificada no SIGAA, tampouco na Plataforma Lattes.

³⁴ Fiz levantamento com base em pesquisa em SIGAA-UFPI (2022); Coordenação de Jornalismo-Uespi (2019); busca de currículos na Plataforma Lattes.

Não se trata somente de cumprir a obrigatoriedade formativa, mas trabalhá-la de acordo com o que é efetivamente necessário ao discente. “As necessidades que cada um expressa não existem, são criadas num dado contexto num duplo sentido: porque o indivíduo as cria quando as expressa e porque expressa as necessidades para as quais o meio de alguma forma contribuiu” (RODRIGUES; ESTEVES, 1993, p. 22).

A competência da **formação por pesquisa**, na maioria das vezes, está vinculada ao título, à presença ou não da pós-graduação *stricto sensu* no currículo do profissional docente. Professores com mestrado e doutorado, ou seja, com formação para a pesquisa, tendem a desenvolver, com maior frequência, a coluna do tripé ensino-pesquisa-extensão e, conseqüentemente, estimular e proporcionar a abertura de espaços junto aos estudantes universitários.

Na história dos cursos de jornalismo no Piauí isso é notório. Os cursos passaram a desenvolver pesquisas quando os professores se formaram pesquisadores em cursos de pós-graduação. As primeiras turmas pouco desenvolveram esse pé da coluna do ensino superior, como lembram Daniel Solon (2020, 2021) e Sônia Carvalho (2021).

Somente quando ocorreu a formação em pós-graduação dos profissionais que compõem o quadro docente, como Laerte Magalhães e Jacqueline Dourado, houve também o salto em termos de desenvolvimento de pesquisas em comunicação no Piauí. Ao voltarem às atividades docentes, como pesquisadores, os professores criaram grupos de pesquisa e passaram a ser articuladores, envolvendo estudantes e se envolvendo nesse processo contínuo de formação por meio de pesquisas.

No entender de Masetto (2015), embora hoje haja uma compreensão de que a educação superior se dá por parceria entre professor e aluno no processo de aprendizagem, fazendo com que o discente se torne responsável pela sua formação e com que o perfil do docente passe de especialista para facilitador, o papel deste profissional não é relegado, daí ser tão relevante a discussão sobre sua formação.

O professor tem lugar de destaque no processo formativo na educação superior. Além de facilitador, que deve conduzir os estudantes na profissionalização, precisa ser pesquisador e produtor de conhecimentos próprios, e não apenas trabalhar com a assimilação e a análise de ideias e teorias já estabelecidas por outras pessoas. Dessa forma, estimulará o formando a também construir suas proposições, por meio da pesquisa, com ganhos e incrementos à prática da profissão de jornalista.

Assim, soma-se à competência da pesquisa, outras competências para a docência no ensino superior: 1) “domínio dos conhecimentos básicos na área”, e, nesse aspecto, a

experiência de campo é importante, “domínio este que adquire, em geral, em cursos de bacharelado que se realizam nas universidades e/ou faculdades e com alguns anos de exercício profissional”; 2) “conhecimentos e suas práticas profissionais sejam atualizados”, tanto no jornalismo quanto na docência; 3) “conhecimento específico mediante pesquisa” (MASETTO, 2015, p. 31).

Ao docente da educação superior, especialmente, fica evidente a exigência de intelectualidade. Desta feita, o docente tem proposições e contribuições próprias ao campo científico em que está circunscrito, tornando-se um agente com condições de contribuir e construir “crédito científico”, conforme Bourdieu (2004). Intelectualidade manifesta na produção científica desse profissional, para além da reprodução de investigações realizadas por outros pesquisadores. Por isso é tão necessária a articulação entre ensino e pesquisa na universidade.

Assim, a formação em pós-graduações *stricto sensu*, bem como por pesquisas que se iniciam com a ida de nós, professores, aos programas, e continuam com a nossa prática educativa na graduação em que atuamos, provoca mudanças. Estas chegam ao campo comunicacional de duas formas, pelo menos: por meio de respostas aos problemas levantados em pesquisas que visam a compreender e melhorar os fluxos comunicacionais sociais; e por meio das práticas de novos jornalistas formados com qualidades reflexivas e investigativas, por meio da pesquisa científica. Parte desses graduados retornarão à academia para formar outros, e o ciclo continua.

Tal perspectiva converge com as atuais diretrizes curriculares voltadas aos cursos de jornalismo do Brasil. Segundo o documento, o projeto pedagógico do curso deve valorizar o domínio científico, “de forma que sejam capazes de produzir pesquisa, conceber, executar e avaliar projetos inovadores que respondam às exigências contemporâneas” (BRASIL, 2013, p. 2). Dessa maneira, o curso favorece o desenvolvimento de aptidões necessárias ao bom exercício da profissão.

Com professores-pesquisadores, nossos estudantes, ao final do curso, deverão ter capacidade para atuar na sociedade atual e para atender às demandas da contemporaneidade, em toda a sua complexidade. A função social do jornalismo estará assegurada em sua natureza informativa peculiar à democracia.

Para que o profissional jornalista saia da universidade habilitado ao exercício da profissão, é imprescindível o desenvolvimento de sua capacidade crítica e reflexiva, que lhe dê condições de construir um trabalho como intelectual. De certa forma, tais habilidades também

poderão ajudá-lo no exercício da docência, se ele assim escolher, uma vez que o professor trabalha com atividades intelectuais, com base em crítica e reflexão.

É certo que, em nossa atuação, nós professores fazemos usos de conhecimentos adquiridos de diversas formas. Trata-se de um conjunto de saberes que refletem, nas práticas profissionais, suas trajetórias e experiências pessoais. Para Pacheco e Flores (1999), há multiplicidade de saberes contextualizados com as práticas: saberes objetivos, subjetivos, intersubjetivos, técnico – saber da ação, teórico, tácito – e prático, cujo interesse se dá na reflexão-na-ação, empírico, os quais requerem interação para compreensão.

Tal diversidade de conhecimento se dá por fontes diferentes, seja por aprendizagens formais ou informais, por conteúdos de disciplinas, estruturas e materiais. Ou seja, a aquisição e a integração dos saberes não se limitam, tampouco se esgotam no ambiente escolar ou mesmo na sala de aula, formal, normativa; mas também abrange a cultura, as relações, as práticas, a empiria no contexto da integração que passa pela instrução, avaliação, reflexão, nova compreensão.

O ser/fazer professor se faz na prática, pelo conhecimento da experiência e do conteúdo, mas também se trata de um conhecimento técnico que passa pela profissionalização, que Pacheco e Flores (1999) chamam de “saber-fazer”. É necessário, então, um processo formativo dinâmico, transformador e permanente.

O professor precisa aprender sobre educar através de conteúdos formais referentes às práticas profissionais para desenvolver habilidades que o ajudarão no ensino-aprendizagem. Desse modo, a formação continuada, como os mesmos pesquisadores citados sugerem, envolve diferentes aspectos pessoais, profissionais e organizacionais. Assim, a problematização dos saberes docentes se dá considerando os contextos formativos, como vimos na trajetória de vida dos professores jornalistas.

Dada a natureza social do saber docente, Tardif (2014) também reconhece a pluralidade, heterogeneidade, temporalidade e multiplicidade de fontes. Nesse aspecto, a experiência também é considerada como o alicerce importante para a construção dos próprios conhecimentos profissionais, na medida em que contribui com a modificação e reconstrução das práticas docentes pelas vivências e interações presentes ao longo do percurso profissional.

O professor também passa por diferentes níveis de experiência nas fases de sua trajetória formativa e de vida, desde o primeiro momento em que toma contato com a sala de aula, com o aluno, e durante toda a sua trajetória pessoal e profissional. Tardif (2014) problematiza os diversos saberes e articula a discussão à identidade pessoal e profissional e à história de vida,

considerando que são características indissociáveis ao saber e ao trabalho, uma vez que o saber docente tem natureza temporal.

Dito isso, não podemos deixar de notar **outros aspectos formativos: família, história, convivências, relacionamentos etc.** em nossas trajetórias de vida. No diário da roda, Laerte Magalhães (2021) nos contou sobre aspectos familiares e afetivos de sua história de vida, que contribuíram, de alguma forma, para sua formação consciente ou inconsciente, perceptível ou imperceptível.

“No meu caso, não posso falar de um formador, mas de diversos formadores” (MAGALHÃES, 2021c, p. 2). Mudança de Itapipoca para Fortaleza; ingresso na universidade; as vivências acadêmicas (eventos, trocas, movimento estudantil...); mestrado e doutorado na UFRJ; retorno às atividades docentes; ingresso no PPGL e, depois, PPGCOM, e as atividades como professor-pesquisador, direção científica na Fapepi; e até esta pesquisa-formação foram aspectos notados por ele.

Sônia Carvalho (2021a, 2021b) foi a professora que mais realçou isso nos nossos encontros, durante a pesquisa-formação. Para ela, a chegada da primeira filha e a descoberta do Transtorno do Espectro Altista (TEA) foram formadores e provocaram inúmeras mutações nas suas práticas educativas.

Hoje, 100% dos meus alunos dizem que eu sou uma pessoa, uma professora com-ple-ta-men-te diferente, justamente, porque me afastei das trajetórias tradicionais que envolvem a formação de um professor. Fui entender um pouco mais de ser humano, de gente, e passei a questionar, depois da Nina, as trajetórias perfeitas, o tanto que se coloca socialmente, se impõe socialmente determinadas trajetórias fixas com ideias de docência bem-sucedida [...] (CARVALHO, 2021, p. 204).

As trajetórias formativas podem ser sequenciais, como ocorreu com Laerte Magalhães e Jacqueline Dourado, que fizeram mestrado e doutorado contínuos, ou descontinuadas, como ocorreu com Jaqueline Cardoso, Sônia Carvalho, Evandro Sousa e Daniel Solon, que estabeleceram pausa entre um e outro. Ambos os processos são importantes e dão condições para estabelecermos reflexões sobre o que muitos veem como “trajetórias perfeitas ou imperfeitas” de professores. Assunto para outras pesquisas analisarem.

Um ponto que vale ponderar se refere ao fato de que, em decorrências das singularidades dos processos formativos de cada docente, nossa atividade carrega aspectos subjetivos do professor. Nossas práticas são influenciadas por nossa subjetividade, pela nossa cultura, pelas nossas experiências, pela nossa maneira de pensar e ver as coisas, como pondera Sacristán (1999). Sendo assim, compreendo que esses aspectos também nos são formativos.

Esta minha compreensão quanto à formação se dá por ambientes formais de aprendizagem, mas também informais, perpassa a minha noção de educação. Com Brandão (2007), penso que a educação se dá em espaços diversos e de forma plural, portanto, não está restrita aos espaços institucionalizados.

Certamente, além das práticas docentes, as experiências vividas na atividade jornalística também ajudam a construir o saber-fazer do professor de jornalismo. O fato de estarem inseridos no mercado de trabalho da comunicação ou de já terem atuado nesse campo profissional pode ajudar na prática docente, uma vez que o curso tem caráter de preparação do estudante para atuação no mercado profissional.

Contudo, não basta ser um bom jornalista, de experiência, de prática, para se constituir um bom professor. É preciso ter saber técnico e prático docente, ou seja, conhecimento pedagógico, didático, não só por conteúdos e práticas de jornalismo. “Não se trata de uma prática desligada de uma teoria de suporte e de fundamentação epistemológica” (PACHECO; FLORES, 1999, p. 22). Aprender a ensinar, portanto, passa por diferentes contextos, o contexto prático e formativo.

Além do prático, já discutido, o formativo se dá pelas instituições educativas e, no caso dos professores do curso em discussão, pelos programas de pós-graduação inscritos na grande área das ciências sociais aplicadas ou nas ciências humanas. Mestrado e doutorado, especialmente, dão melhores condições de preparação a nós, docentes, para atuação como intelectuais, produzindo conhecimento em conjunto com os alunos, em um aprendizado partilhado.

Na universidade, os cursos movimentam outros saberes, visto que trabalham também com pesquisa e extensão, e não só com o ensino, daí a exigência de que os docentes tenham domínio de aspectos práticos da profissão em formação e de produção de pesquisa. Afora, a educação superior tem outra finalidade, que é a de formar profissionais para atuação no mercado de trabalho.

No entanto, ainda assim a carência do conhecimento pedagógico é evidenciada, uma vez que a pós-graduação não trabalha profundamente esse aspecto. Daí a necessidade de investir na formação docente na nossa trajetória de professores, por oportunidades que, não necessariamente, precisam ser criadas por nós, mas pela instituição.

A UFPI ofereceu algumas oportunidades de formação continuada aos professores ao longo da história do Curso de Comunicação, com parcerias com a UFC e UFRJ, por exemplo. A Uespi desponta para isso agora, por meio de acordos interinstitucionais com a UFPE, que vislumbra formar, em nível de doutorado, o quadro docente dos dois *campi*, oportunidade que

une a professora Sônia Carvalho, além de outros professores dos dois *campi* que oferecem o Curso de Jornalismo.

No entanto, há que se ressaltar a carência de investimentos em formação pedagógica entre professores de jornalismo. Embora os investimentos formativos sejam constantes e intensos ao longo de nossas vidas, no que se refere ao conhecimento docente e pedagógico, especificamente pela formação institucionalizada em educação, eles ainda se dão de forma tímida. Poucos de nós nos voltamos para a afirmação da docência dessa maneira. E isso é ruim.

Certamente, nossas experiências profissionais na comunicação e na docência, somadas aos investimentos constantes em formação continuada, por meio de livros, cursos de curta e média duração, além das pós-graduações e de outros aspectos formativos, têm ajudado a constituir nossa prática educativa ao longo das histórias e memórias de nossos cursos.

Todavia, a formação em docência deveria ser um objetivo e um foco a nós e a nossas universidades, através da oferta de cursos de formação permanente de professores, e não somente de curta duração. Quanto a isso, Ibernón (2016) percebe um esforço generalizado das instituições europeias, no sentido de melhorar a formação do docente universitário, na atualidade, o que é bom, apesar de ainda haver críticas quanto à duração desses cursos. No caso das universidades brasileiras, sobretudo no que se refere ao território piauiense na área de jornalismo, as ofertas de cursos que visem melhorar a docência são mais raros do que deveriam.

Pelo primeiro olhar sobre as transcrições realizadas das entrevistas e das rodas, pude perceber pontos de mudanças na vida dos professores colaboradores, assim como já percebo na minha trajetória de vida, embora eu tenha apenas sete anos de docência. Tais transformações aconteceram tanto no âmbito profissional quanto no pessoal, levando, consequentemente, a mudanças nas nossas práticas, e são percebidas por nós, professores.

Nas conversas com Jacqueline Dourado (2021), por exemplo, isso é evidente. Ela fala da transmutação da professora “Jacque Generala” para a professora “Jacque Paz e Amor”, em diferentes momentos da carreira. De modo semelhante, foi visível nos diálogos com Laerte Magalhães (2021) e Sônia Carvalho (2021).

O primeiro percebeu as mudanças nas práticas educativas decorrentes dos processos de formação. Do professor prático ao professor pesquisador, inquiridor, questionador. “Meu retorno à UFPI e o acesso às aulas: ter que estudar para dar conta de um plano de curso, a exposição do conteúdo, a descoberta do aluno como interlocutor. Os processos todos anteriores de formação passam a fazer sentido na minha formação (MAGALHÃES, 2021c, p. 3).

Já Sônia Carvalho sente os impactos das mudanças na sua vida nas transformações de suas práticas. Ela considera que se tornou uma professora mais humana, depois que vivenciou

a maternidade, especialmente, quando teve que lidar com diferentes formas de aprendizagem da filha, em decorrência da TEA.

Eu mesma também noto as mudanças. Comecei como uma docente de aulas expositivas, amarradas ao material audiovisual, produzido com muita atenção. Em outra fase da minha docência, já no doutorado, em contato com abordagens críticas de ensino e aprendizagem, passei a desenvolver práticas educativas completamente diferentes. Desapeguei dos recursos de projeção e passei a valorizar metodologias ativas, estratégias interativas, que incitam o protagonismo dos meus alunos. De expositiva a dialogista. De *slides* para rodas de conversa.

Assim, as imagens que nós professores temos de nós mesmos em diferentes etapas da trajetória profissional poderão ser aprofundadas em outros estudos, a partir deste. Quanto a isso, Huberman (1995) considera que as questões voltadas à imagem de si são apaixonantes nas investigações que envolvem o ciclo de vida profissional docente. Espero que alguém se apaixone também.

Outra linha que deixo solta para outras pesquisas puxarem, refere-se aos impactos da própria formação e às imposições da atuação professoral nas carreiras docentes. O adoecimento foi um fator que se mostrou comum na vida dos participantes da pesquisa. Daniel Solon relatou o adoecimento em virtude das práticas profissionais em dado momento de sua carreira. Jacqueline Dourado, ao ouvi-lo, emocionou-se, porque se identificou com o relato. Ela também viveu dias ruins na profissão, em um momento de adoecimento emocional durante o doutoramento, ao ponto de ter que interrompê-lo. Nesse momento, o retorno às atividades docentes foi doloroso, diante das cobranças e da falta de acolhimento.

De outra forma, Jaqueline Cardoso, que enfrentou um câncer de tireoide durante o mestrado, também teve suas experiências marcantes na trajetória. E Laerte Magalhães, que se afastou das atividades educativas por duas vezes, em decorrência de um tratamento vascular e de um câncer no pâncreas. “Não sei até que ponto essas enfermidades têm ou não vínculo com as minhas atividades profissionais, mas se houver alguma causalidade, não tenho dúvida de que repetiria tudo exatamente como foi feito, sem problemas” (MAGALHÃES, 2021c, p. 4).

São questões que pontuo aqui por vê-las como importantes, mas, por não dar conta de me aprofundar nessa discussão, em razão das limitações deste trabalho, deixo os fios soltos para outras abordagens investigativas futuras. É notório que, na articulação dos fragmentos de memória dos colaboradores, o salto na formação docente em nível de pós-graduação mudou as práticas educativas nos cursos, de um ensino eminentemente voltado à prática para um ensino reflexivo por meio da pesquisa. Consequentemente, o campo ganhou outra característica, no Piauí, a científica.

7 JORNALISMO ASSUME CARÁTER CIENTÍFICO NO ESTADO DO PIAUÍ

Mas creio que, para além ou para aquém de saberes disciplinados, de métodos disciplináveis, de recomendações úteis ou de respostas seguras, para além até mesmo de ideias apropriadas e apropriáveis, talvez seja hora de tentar trabalhar no campo pedagógico pensando e escrevendo de uma forma que se pretende indisciplinada, insegura e imprópria.

Jorge Larrosa

Na apresentação de Pedagogia profana, Larrosa (2017) diz que a experiência é que dá sentido à escrita, porque não escrevemos sobre o que sabemos, escrevemos sobre algo para aprender algo. Tem tudo a ver com o processo de escrita da tese, com o processo da pesquisa, com o processo da educação.

Não trago verdades aqui, trago marcas de processos de construção que colocam em embate certas verdades, que já carregamos, coisas que entendemos como verdades. Ao fazer isso, transformo e ressignifico o “já sei” sobre a educação e o jornalismo piauienses. Foi assim, por exemplo, quando fiz as entrevistas e, naquele momento, já tive algumas impressões sobre o tema conversado com meus interlocutores. Em seguida, na escrita sobre o assunto, o saber se transformou e se ressignificou. Talvez, no processo de leitura, aconteça de novo, repetidamente.

Por isso, enfatizo: o saber se transforma com a experiência da escrita; e da leitura. É o que tento fazer nesta seção, escrever para compreender. Proponho ideias ousadas, mas também inseguras, sobre o campo, para tentar compreendê-lo. Entre as inferências acerca da história e memória dos cursos de jornalismo, percebo que mudanças foram geradas pela educação, fazendo com que o campo crescesse, do ponto de vista teórico, pela produção em ciência no Piauí, de modo que os saberes aqui produzidos alcançassem o Brasil adentro e afora.

Ao mesmo tempo, as práticas profissionais impetradas nas organizações midiáticas piauienses foram impactadas, de igual modo, pela educação, fixando o processo de consolidação da profissão do jornalismo, iniciado muito antes da instalação do primeiro curso, mas afetado sobremaneira por ele. Um processo gerador do outro.

Escrevo aqui “de uma forma que se pretende indisciplinada, insegura e imprópria”, porque, como Larrosa (2017), pretendo fugir da altivez e da presunção de uma ideia de ciência imparcial, objetiva e cheia de certezas. Mobilizo questionamentos, tendencialmente, dúvidas. Não pretendo ser totalizadora. Espero novos questionamentos, que hão de surgir a partir e sobre meu texto.

Como opção de organização textual e de clareza metodológica, opto por desenvolver a reflexão sobre a consolidação da comunicação e, principalmente, do jornalismo, como campo acadêmico na história da educação e do jornalismo piauiense, a partir de uma análise dentro das categorias temáticas (BARDIN, 2016) abaixo listadas, pelo cruzamento de informações (THOMPSON, 2002):

- a) Eventos acadêmicos;**
- b) Egressos no mercado de trabalho;**
- c) Crescimento da comunicação;**
- d) Outros cursos;**
- e) Pós-graduação;**
- f) Pesquisas.**

Elas emergiram do conteúdo das entrevistas e das rodas de conversa, no processo colaborativo da história oral. A partir das inferências sobre as memórias orais, iconográficas e escritas que consegui reunir acerca do tema, construo a articulação dos fragmentos mnemônicos nesses grupos, por entendê-los como elementos que nos ajudam a perceber como a comunicação do Piauí tem se fortalecido no Brasil, gerando reconhecimento em conjuntura regional e se projetando em plano nacional, tanto no que se refere às construções acadêmicas e científicas, quanto profissionais e mercadológicas.

Vale ressaltar que embora as entrevistas tenham sido realizadas com foco em conhecer aspectos da história dos cursos de jornalismo, a partir do cruzamento de memórias individuais e de documentos institucionais (THOMPSON, 2002), foi possível perceber interpretações de seu tempo, nas falas dos colaboradores, para além dos níveis de narração e de descrição de restos de memórias. Portanto, a inferência sobre esses vestígios foi estimulada pelos próprios narradores e acompanhada por mim, facilitando a organização desta seção.

Quanto a isso, Bosi (2003) reconhece a peculiaridade das narrativas de intelectuais no que se refere às formas com que buscam preencher o tempo narrado, entre tempos vivos e

mortos. Há uma tendência em interpretar as próprias memórias, explicar o tempo vivido, refletir sobre os vestígios guardados, pondera a autora.

Percebi de forma muito clara no transcorrer da minha pesquisa de campo, quando das entrevistas com os professores, notadamente. Eu pedia que narrassem determinado aspecto, sempre estimulando a evocação de lembranças com perguntas ou tópicos amplos, abertos e gerais, para lhes dar possibilidades de escolha de ângulos e enquadramentos. Por sua vez, eles estabeleciam um redirecionamento próprio, e me apresentavam aquilo que consideravam importante para a minha pesquisa, às vezes, até fugindo da pergunta. Além disso, não me apresentavam apenas relatos descritivos e simples sobre seus dias, mas explicações de fatos, interpretações e reflexões sobre seu tempo.

Para mim, pareceu estranho, a princípio. Reconheci a peculiaridade nas narrativas dos docentes, e não nas narrativas de egressos, hoje, jornalistas. Depois, entendi que isso faz parte da vida deles. Enquanto professores e pesquisadores, comumente, estimulam outras pessoas e estimulam a si mesmos a buscarem compreensões para quadros, fenômenos, momentos, aspectos. Assim, tentam preencher os chamados “tempos vazios” sobre os quais Bosi (2003) pondera, em contraposição aos tempos vivos que compõem nossas memórias.

Os professores explicaram; por outro lado, os jornalistas relataram, conforme o que é típico nas suas profissões. Aqueles que tiveram experiências duradouras em rádio e televisão, como Edilene Luz (2020), José Pereira de Sousa Filho (2019), Genival Lima (2020) e Cláudia Oliveira (2020), narraram de forma objetiva e clara, comunicaram-se oralmente com muita fluidez, foram fáceis de ser compreendidos.

A facilidade em narrar suas memórias é consequência da habitualidade em contar histórias em suas rotinas no jornalismo, apropriando-se de técnicas e modos de fazer jornalismo que ajudam a simplificar seus textos para compreensibilidade, leitura e inteligibilidade. Dessa forma, as memórias transcritas foram pouco textualizadas e transcritas. Pela forma de organização das narrativas orais dos jornalistas experientes, exigiram poucas edições e modificações na sequência de ideias apresentadas nas entrevistas, quando transformadas em documentos escritos.

Assim sendo, entendemos as práticas educativas como processo social e histórico, como apresentado na seção 5 deste trabalho. Nesse processo social e histórico, a própria sociedade é a mediadora, seja em sentido abrangente ou em sentido específico e formal, nas instituições escolares. A práxis dá condições para compreender o mundo, e, portanto, as práticas envolvidas nos diferentes processos educativos para apreensão, produção e modificação desse mundo humano, social, histórico, cultural, como discutimos anteriormente.

Posto isso, adentro a primeira categoria de análise sobre a legitimação do jornalismo como ciência no Piauí, tomando os **eventos acadêmicos**. A organização de um evento como uma proposta da Universidade Estadual do Piauí para discutir práticas jornalísticas, em Picos, pelas partilhas do jornalista Roberto Cabrini (fotografia 63), cujo reconhecimento de seu exercício alcança nível nacional, ajudou a agendar as práticas educativas do curso na sociedade, pois fez com que ele fosse visto e com que começasse a ser reconhecido o seu espaço.

Fotografia 63 – Roberto Cabrini e J. Pereira de Sousa Filho no I SEJOPI



Fonte: Acervo de José Pereira de Sousa Filho (2003).

O I Seminário de Jornalismo de Picos – SEJOPI (fotografia 63) foi anunciado no início do segundo semestre de 2003, um ano após a implantação do curso de Comunicação Social na cidade. A iniciativa causou excitação entre os acadêmicos, os professores e entre os profissionais da região, como é notável nas memórias de Evandro Alberto de Sousa (2020) e José Pereira de Sousa Filho (2019).

Em 2003, eu assumi a coordenação do curso. Logo de cara, nós fizemos um grande seminário, em agosto de 2003, que foi o Primeiro Seminário de Jornalismo de Picos. Nós trouxemos o Roberto Cabrini, que era, naquele

tempo... meu Deus do céu! Roberto Cabrini, em Picos! Então, nós trouxemos, deu um gás muito grande do curso e isso estimulou demais as pessoas a procurarem (SOUSA, 2020, p. 51).

Aconteceu um momento que, para mim, foi inesquecível. Evandro Alberto pediu uma ideia que pudesse marcar o final do curso, qual evento nós poderíamos anunciar para projetar o curso de Comunicação, já que era a primeira turma e essa turma deixaria um legado para turmas posteriores, um incentivo aos demais aspirantes na área de jornalismo. E então, falei para ele: “Vamos fazer um seminário?”. Ele falou: “Sim! Vamos fazer um seminário, claro! Mas, quem a gente pode trazer?”. E aí, eu falei para ele: “Olha, eu posso entrar em contato com algumas pessoas, vou tentar, não sei se consigo”. E aí, fui para casa, entrei na internet, consegui o contato com Roberto Cabrini e liguei para ele. E para minha surpresa, ele atendeu a ligação. E aí, eu me identifiquei: “Olha, meu nome é José, eu sou estudante de Comunicação Social, da Universidade Estadual do Piauí, e nós vamos promover, aqui, um seminário, o Primeiro Seminário de Jornalismo, e gostaríamos de saber se o senhor poderia nos dar a honra da sua presença em uma palestra”. Ele falou: “Com todo prazer! Com todo prazer!” (SOUSA FILHO, 2019, p. 110).

Refletir sobre o que um seminário de jornalismo, organizado por uma instituição de educação superior, significava para o jornalismo local, no final do século passado e início deste século, ajuda-me a pensar a profissionalização do campo e a construção de sua imagem e identidade. Diversos eventos acadêmicos marcaram os modos de fazer comunicação midiática no Piauí, desde que a formação educacional universitária foi estabelecida, na década de 1980, na capital, e na de 2000, no interior, tal como o I Seminário de Jornalismo de Picos (SEJOPI).

Além desse, posso citar outros eventos, a título de ilustração, organizados pelos cursos públicos em suas trajetórias, muitos dos quais participei como estudante e como professora: Seminário Internacional de Economia Política do Jornalismo, Encontro Nacional Discurso Identidade Subjetividade (ENDIS), Fórum de Relações Públicas do Piauí, Semana Audiovisual da Uespi (fotografia 64), Semana de Comunicação da Uespi Picos, além de congressos de redes, como Intercom³⁵ e Alcar³⁶.

Na rotina das comunidades acadêmicas, oportunidades assim ajudam a estabelecer vínculos teórico-práticos e a fortalecer o campo na sociedade, pelas discussões e reflexões públicas que visam à melhoria das práticas formativas e mercadológicas, aproximando os dois lugares sociais do jornalismo: academia e mercado de trabalho.

³⁵ Intercom é a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que atua desde 1977, como rede que estimula investigações científicas e promove partilhas entre pesquisadores e profissionais de mercado (INTERCOM, 2021). Entre as ações voltadas a esse fim, realiza, semestralmente, congressos regionais e nacionais influentes no meio. Em 2009, a UFPI sediou o Intercom Nordeste – XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste (INTERCOM, 2009).

³⁶ A Associação Brasileira de História da Mídia (Alcar) é uma rede de pesquisadores em história e memória que fomenta a pesquisa no campo interdisciplinar no Brasil há mais de 20 anos (ALCAR, 2021). Teresina recebeu o congresso regional, chamado 2º Encontro Nordeste de História da Mídia, em 2012 (ALCAR, 2012).

Além de eventos, a atuação dos formados no mercado comunicacional e o crescimento deste, a criação de outros cursos de graduação, em instituições privadas, e de cursos de pós-graduação para formação continuada de comunicólogos fomentam o desenvolvimento das pesquisas que ajudam a distinguir o campo nas relações de poder. Consequentemente, temos um espaço crescente, ganhando reconhecimento Piauí afora.

Fotografia 64 – 3ª Semana Audiovisual da Uespi, Campus Poeta Torquato Neto



Fonte: Uespi (2015).

A constituição de um campo científico, segundo Bourdieu (2004), passa pelo testemunho e pela partilha de conhecimento em espaço público, como forma de autenticação de saberes pela comunicação e divulgação. Nesse caso, o reconhecimento público funciona como um capital simbólico, que o autor também chama de capital científico.

Então, ao reunir estudiosos, os eventos se constituem como oportunidades para essas trocas, para a divulgação científica e para a construção de práticas que tencionam sua admissão e legitimidade como forma de conhecimento. E isso passa pelo reconhecimento dos pares, graças ao poder e ao que se pode chamar de influência profissional.

A compreensão de que a realização de eventos acadêmicos colabora com o fortalecimento do campo na sociedade passa pelo fato de que abre espaços para debates que geram aproximações entre universidade e sociedade. Muitos deles são oportunidades para partilhas de pesquisas científicas sobre a comunicação local e regional, como é o caso do

ENDIS (fotografia 65), organizado pela UFPI anualmente, o qual resulta em publicações de artigos científicos dos participantes de diversos estados brasileiros, em livros de anais.

Com 35 anos de experiência como professor na UFPI, Laerte Magalhães (2020) foi um dos idealizadores desse evento por anos, além de outros. Para ele, essas foram (e são) oportunidades que contribuem para a formação das estudantes, da mesma forma como foram importantes para a sua formação, quando universitário na UFC, no início dos anos 1980.

Fotografia 65 – Abertura do II ENDIS, UFPI



Fonte: UFPI (2017).

A realização de eventos acadêmicos como oportunidades formativas aos jornalistas se deu como consequência da formação dos professores, principalmente. Embora tenha sido característico, na história dos cursos de jornalismo piauienses, o ingresso de docentes com apenas a graduação e/ou com cursos em nível de especialização, sobretudo nos primeiros anos dos cursos, na medida em que se verticalizavam em mestrados e doutorados, modificavam também suas práticas educativas.

A educação é transformadora, pois muda o educando, e este modifica seu mundo humano, social, histórico, cultural (FREIRE, 2016). Ao se formarem, os professores de jornalismo foram mudados e modificaram suas práticas educativas. Ao passo em que se formaram continuamente, como por parcerias interinstitucionais da UFPI com a UFC e a

UFRJ, o quadro docente estendeu o *networking*³⁷ e facilitou a realização de eventos, com a presença de jornalistas e pesquisadores de outros estados, e até de outros países. Por essas trocas de experiências, a UFPI propiciou um momento de guinada no campo, como lembra Eliezer Menda (2020):

Nós sempre realizamos eventos. A gente tinha um contato muito, muito bom com grandes universidades, na época, a própria UFRJ, o pessoal da Bahia também, o pessoal do Ceará. Então, a gente realizava alguns eventos aqui, como congressos, seminários... A gente conseguia trazer muitos eventos. Uma época, nós trouxemos, via professor Fausto Neto, um professor de Portugal. O primeiro que veio foi o professor Adriano Duarte Rodrigues, ele foi professor meu no Ceará e, depois, nós o trouxemos para cá. Geralmente, esses congressos eram abertos para a comunidade toda, principalmente os sindicatos dos jornalistas, os jornalistas (MENDA, 2020, p. 38).

A formação de jornalistas não se limita aos ambientes acadêmicos, porque, como Pinto (2010) discute, a própria educação é abrangente, processual e contínua; educamos e somos educados na convivência em sociedade, nas relações e interligações. Ao passo que os professores foram ampliando sua formação, as suas práticas educativas também se tornaram mais abrangentes.

Nas vivências das pós-graduações, a rede de contatos se ampliou, facilitando os contatos com jornalistas e pesquisadores de outras regiões, por meio dos eventos educacionais, culturais e sociais, por práticas educativas de ordem consciente, intencional e concreta. A universidade como mediadora.

Outro aspecto que ajudou na consolidação dos cursos de jornalismo se refere à **presença de formados e até de estudantes no mercado de trabalho**. Essa característica da história da educação de jornalismo e da história do próprio jornalismo é recorrente nas narrativas de Cláudia de Oliveira (2020) e Genival Lima (2020), ambos absorvidos pelo mercado enquanto estudavam na UFPI, alcançando carreiras reconhecidas no telejornalismo piauiense e brasileiro.

Tanto que alguns profissionais, inclusive eu, foram absorvidos pelo mercado, quando nós ainda estávamos cursando a faculdade. Por quê? Porque havia um número muito limitado de profissionais no mercado profissional. Esses profissionais não tinham formação acadêmica, porque, até então, não existia o curso. Então, eu fui chamada para trabalhar em televisão, antes mesmo de concluir a minha graduação (OLIVEIRA, 2020, p. 9).

Eu sei que nos formamos seis, inicialmente, e esses seis foram direto para o mercado de trabalho. Foi engraçado... até em função dessa demanda que havia por profissionais com formação superior, formação técnica e aquela coisa da gente ser os primeiros formados do Piauí na Universidade Federal do Piauí...

³⁷ *Networking* quer dizer rede de contatos, relacionamentos que contribuem com as trocas e colaboração.

[...] Mas, o que eu acho mais importante, ao observar isso, é: pessoas que se formaram nessas condições que eu lhe falei, sem laboratórios, sem ter um curso com uma infraestrutura que seria desejável, importante, e fomos para o mercado de trabalho e a gente deu conta do recado (LIMA, 2020, p. 78).

Para Genival Lima (2020), o curso lhe proporcionou projeções profissionais oportunas. Ele me contou que queria fazer Comunicação Social, mas não dispunha de condição financeira para mudar para outra cidade. À época, a possibilidade de formação mais próxima era em Fortaleza, no Ceará. Com isso, percebo a contribuição que os cursos de jornalismo deram para o Piauí, no sentido de qualificar o mercado, e, antes, as pessoas desse estado.

Nesse sentido, considero interessante pontuar o papel desse bacharelado, que mudou (e muda) a vida das próprias pessoas envolvidas no processo educativo, além de provocar, consequentemente, transformações nos meios onde estão. Primeiro, mudou estudantes e professores, depois, comutadas, transformaram ativamente a realidade da comunicação estadual e regional.

É natural que isso ocorra na dependência educação-sociedade, como pontua Freire (2016). Ele diz que a educação gera transformações, porque se dá nas relações humanas com a realidade social. Ao agir e refletir sobre o mundo, pela práxis, somos transmutados e provocamos transfigurações.

Tendo em vista que a finalidade de cursos de formação superior é qualificar pessoas para atuação naquela área, com a prestação de serviços às comunidades, a inserção de alunos e egressos no mercado de trabalho é importante para melhorar a própria sociedade, tendo em vista a importância da educação formal no nosso meio.

Assim, o curso foi conseguindo ganhar seu espaço e dizer para que chegou. Rapidamente, os egressos passaram a ocupar o mercado de trabalho jornalístico, em diferentes ambientes, entre redações de jornais impressos, rádios, televisões, assessorias de comunicação, agências de publicidade, dentre outras. Essa inserção acontece, muitas vezes, até antes da formatura. Repórteres, apresentadores, editores, assessores de comunicação, *social medias*, empreendedores e docentes. São muitas as possibilidades de atuação em crescente.

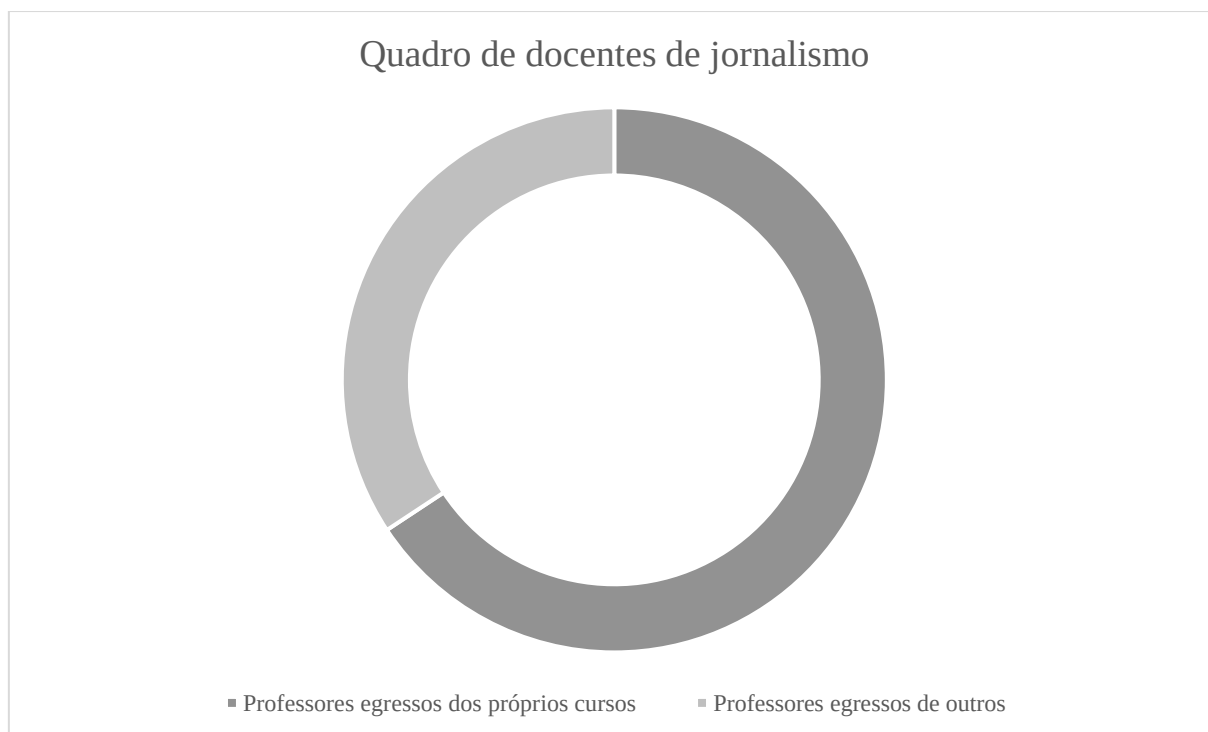
Ressalto, assim, a docência como um lugar de atuação dos jornalistas. Em pouco tempo, os professores de jornalismo do Piauí são exatamente os formados pelos próprios cursos, naturalmente. Eles vão ocupando os lugares no mercado de trabalho jornalístico, mas também na academia. É o caso de Cláudia Brandão de Oliveira e Ruthy Manuella de Brito Costa, que se tornaram professoras na UFPI e Uespi/CPBA, respectivamente, tão logo concluíram a graduação.

Além dessas, as trajetórias profissionais de Jacqueline Dourado, Daniel Solon, Sônia Carvalho (estudadas na seção 3), e a minha também (apresentada na seção 1), demonstram a empregabilidade dos cursos de comunicação social. Somo às nossas, os percursos de Eliezer Menda, Orlando Berti, José Pereira de Sousa Filho mencionados nas entrevistas de história oral temática.

Por isso que se tem muita presença de ex-alunos do curso nos primeiros concursos, como foi a Cláudia Brandão, que foi ex-aluna do curso, eu, o Cantídio Sousa Filho, a Jacqueline Dourado, o professor Achilles Costa, agora, a professora Cristiane Portela e o professor Paulo Fernando Lopes, que são egressos, aqui do curso (MENDA, 2020, p. 32-33).

A maioria dos professores em atuação, hoje, nos três cursos de jornalismo deste estado (65%), é egressa dos próprios cursos públicos (infográfico 66). Esse grupo estudou nas nossas universidades públicas e voltou como docente em dado momento, alguns, antes mesmo de avançar na formação continuada vertical. Dos 35 docentes em atuação, 20 se formou pela UFPI; e três pela UESPI, eu fui a primeira egressa dessa IES a assumir a docência no mesmo curso.

Infográfico 66 – Docentes em atuação nos cursos públicos de jornalismo no Piauí



Fonte: Elaborado pela autora³⁸.

³⁸ Quadro elaborado com base em levantamento de dados no SIGAA/UFPI (c2022), Uespi (2016), Coordenação de Jornalismo (2019), cruzados com os currículos dos docentes dispostos na plataforma Lattes. Data da última consulta: 14 jun. 2022.

Além da própria trajetória, as narrativas memorialísticas docentes sobre o quadro geral reforçam o aspecto empregatício, como as de Eliezer Menda (2020), Jacqueline Dourado (2021a), Sônia Carvalho (2021a), Orlando Berti (2019b) e Daniel Solon (2020, 2021a), que, depois de se formarem pela UFPI e passarem por redações jornalísticas e por assessorias de imprensa, chegaram à docência.

Como alguns dos professores com mais tempo de experiência na UFPI e Uespi/CPTN, e a partir daquilo que conhecem acompanhando a trajetória de seus alunos, constata-se que, apesar das contradições evidenciadas na história da educação superior em jornalismo, é notável a presença de egressos em diversas organizações piauienses e de outros estados brasileiros, desde a implantação dos cursos até hoje.

E, hoje, você tem, na mídia, grande parte... assim, pode-se dizer que quase que 70% dos profissionais que atuam na mídia está saindo da universidade. Desses 70%, você pode ver que a maioria são egressos aqui do próprio curso. Enfrentam a realidade de mercado, que a gente sabe como é, né... muito duro. É difícil sobreviver só com a profissão jornalista, você sempre tem que ter uma outra atividade. Às vezes, vai para uma assessoria ou vai para área de publicidade... Mas o curso em si é muito dinâmico, é muito vivo. Agora, assim, você para se dar bem em termos financeiros, aí, é uma coisa que depende muito da sua criatividade, né... (MENDA, 2020, p. 47).

E aí, a gente viu, em seguida, que egressos do curso de Jornalismo da Uespi obtiveram sucesso em concursos, e também na localização desses profissionais, inclusive hoje, em cargos de chefia, em assessorias, no mercado de trabalho formal, digamos assim da prática, do *hard news*, enfim, e também na docência e na pesquisa. São muitos os casos de estudantes e egressos da Uespi que enveredaram para fazer mestrado, doutorado, que hoje também atuam na docência (SOLON, 2020, p. 29).

Hoje nós temos alunos egressos de Teresina sendo relações públicas e jornalistas em dezenas de órgãos públicos Brasil afora. A gente tem repórter da TV Senado, a gente tem chefes de assessoria de comunicação de quase duas dezenas de universidades públicas, formadas pela instituição. E jornalistas que estão no mercado também fazendo acontecer (BERTI, 2019b, p. 126).

De forma semelhante ocorre no curso da Uespi/CPBA. Em estudo realizado por Silva (2014) com egressos que já atuavam na região de Picos, antes da formação universitária, foram evidenciadas mudanças que contribuíram para o crescimento profissional dessas práticas profissionais, além da consequente reformatação dos modos de fazer jornalismo por aqui.

A referida pesquisadora realizou investigação semelhante no intento de mapear a atuação de relações públicas egressos do mesmo curso até o ano de 2015. No levantamento de

Silva (2015), foi constatado que 70% dos formados nunca haviam atuado como RP e, até aquele momento, 76% não estavam em atividade.

Esse dado demonstra a pouca empregabilidade da área, na região, e, quiçá, no Piauí como um todo. Pode ser um dos fatores que explicam a não consolidação da formação em relações públicas no Piauí. Desde que os cursos da Uespi foram criados com as duas habilitações, havia dificuldade de encontrar organizações com profissionais que pudessem supervisionar os estágios de estudantes, bem como atuar na docência. Na Uespi/CPTN, apenas dois docentes têm formação em RP; e na Uespi/CPBA, apenas uma.

Por esses motivos, o campo não teve força para a sua manutenção. Como consequência, RP foi extinto pela Uespi a partir de 2015, em Picos, e em 2016, em Teresina, deixando de ofertar vagas nas seleções. Esse foi o momento em que o curso de “Comunicação Social com habilitação em” foi transformado em Jornalismo e/ou nas outras áreas da comunicação, no Brasil (BRASIL, 2013). No caso da Uespi, as duas habilitações deveriam se tornar dois cursos, mas Relações Públicas não permaneceu.

Por outro lado, o jornalismo se fortaleceu, com penetração e crescimento da profissão no mercado e do campo na academia. As narrativas de Evandro Sousa (2020) e Edilene Luz (2020), jornalistas e professores na Uespi/CPBA, conhecedores do campo prático antes e depois da implantação do curso, corroboram nesse sentido.

No âmbito da atuação de jornalista, a existência de algum impacto social da oferta do curso para a formação desses profissionais foi inevitável. Para o professor jornalista Evandro Sousa (2020) e a ex-professora e jornalista Edilene Luz (2020), houve mudança em relação às práticas profissionais, por conta disso. Quando o curso é implantado, há uma mudança na história da profissão, pela transformação das práticas.

Interessante perceber a perspectiva das pessoas sobre seu passado e presente, como pontua Burke (1992) na discussão sobre a história cultural. É o que procuro fazer nesta pesquisa, construir uma história que considera opiniões de quem viveu e viu. Esse aspecto não diminui a importância de problematizar e evidenciar o esquecimento e as ênfases como características subjetivas eminentes.

Ao procurar oferecer sentido crítico sobre as memórias, faço uma advertência ao leitor, a partir das orientações do próprio Burke (1992), de que essas análises são apenas uma perspectiva com base em um conjunto de visões pessoais e coletivas. Portanto, outras interpretações são absolutamente possíveis, podendo corroborar e complementar essas verdades ou não.

Com base nas narrativas memorialísticas, compreendo que os cursos estudados provocaram transmutações nas pessoas e nas práticas profissionais do mercado de comunicação, naquela ideia de relação ativa entre homem/mulher-mundo. Ocorreram modificações no cenário de profissionalização de jornalistas e de relações públicas, após a implantação do curso de Comunicação Social da UFPI, e, depois, da Uespi, em Teresina e em Picos.

Até então, as pessoas que atuavam no campo prático-profissional do Piauí eram, majoritariamente do batente, entre radialistas, comunicadores, profissionais sem formação em jornalismo, mesmo quando já havia obrigatoriedade do diploma no Brasil, de 1969 (BRASIL, 1969) a 2009, quando ocorreu a queda da obrigatoriedade do diploma (BRASIL, 2009).

Em se tratando de Picos, as consequências da oferta desse bacharelado tardaram um pouco mais, porque o curso chegou mais tarde, é claro. Desde a década de 1980, tínhamos, no Piauí, uma possibilidade de formação, mas em Teresina. O interior do estado ficou desprovido por mais de quase 20 anos, desde então.

Por conta das inviabilidades frente às necessidades de deslocamento a Teresina e de consideráveis investimentos de tempo e de dinheiro para custear a vida na capital e estudar, a profissionalização de jornalistas do interior e o desenvolvimento de um caráter científico no campo demorou um pouco mais para acontecer.

Em atuação, tínhamos profissionais com certa maturidade e com famílias constituídas, então, para a mudança para outra cidade, para estudo e formação, seria muito mais difícil. E como no interior não existia o curso de bacharelado para formar jornalistas, a situação era de inviabilidade, como me contaram Edilene Luz (2020) e José Pereira de Sousa Filho (2019).

No final dos anos 1990, houve o despertar desses profissionais para entender que havia necessidade e desejo de formação. Mais tarde, a chegada do Curso de Comunicação Social, em 2002, possibilitou que muitos que já eram comunicadores se profissionalizassem pela formação acadêmica, como foi o caso de José Pereira de Sousa Filho.

Foi bem interessante, já que a gente trazia uma experiência de batente. Nós não tínhamos noção de técnica, nós não tínhamos muita noção da ética jornalística, nós tínhamos pouquíssimas noções da contextualização, interpretação, e tínhamos uma vaga noção também da criticidade jornalística diante do fato. Então, até que a gente absorvesse isso, foram discussões muito acaloradas dentro do próprio curso [...] (SOUSA FILHO, 2019, p. 109).

Em virtude desses aspectos, pensar sobre o impacto dos cursos e da formação de jornalistas para o mercado de trabalho interiorano tem caráter peculiar, porque a implantação

foi buscada por pessoas, que já eram comunicadoras práticas, os jornalistas do batente, como oportunidade para se profissionalizarem pela formação acadêmica.

A percepção acerca das consequências visíveis é notória nos diálogos com José Pereira de Sousa Filho (2019), Maria Edilene Ramos Luz (2020), Evandro Alberto de Sousa (2020), Ruthy Manuella de Brito Costa (2019) e Jônathas de Barros Nunes (2020). Nas suas narrativas, reforçam que as mudanças quanto às práticas profissionais, a partir da formação daqueles que já atuavam no mercado, foram consequentes.

Para José Pereira de Sousa Filho (2019, p. 111), que já atuava como radialista antes de passar pela formação em nível superior, o curso contribuiu com o empoderamento dos profissionais. “De uma certa forma, a implantação do curso fez a diferença nas práticas e no mercado local. De uma certa forma, não fez muita diferença! Fez total diferença!” (SOUSA FILHO, 2019, p. 111).

Além dele, corroboram com esse entendimento, Maria Edilene Ramos Luz (2020), Evandro Alberto de Sousa (2020), Ruthy Manuella de Brito Costa (2019) e Jônathas de Barros Nunes (2020), conforme descrito abaixo. É claro que nem tudo o que se diz pode ser a realidade, mas tais percepções nos ajudam a ver que as universidades estão contribuindo com práticas jornalísticas mais autônomas.

Hoje nós temos uma comunicação que não deixa a desejar para ninguém! Os nossos profissionais aí em Picos, eles estão aptos a trabalharem em qualquer lugar, e não deixam a desejar mesmo! Acabou aquela comunicação incipiente, aquela comunicação de subserviência. Nós não temos mais isso. Hoje, nós temos comunicadores que pensam, que têm opinião própria, que são formadores de opinião, que não obedecem ao cacique A, B, C, que não fazem aquele jornalismo que a gente via antes, décadas atrás (RAMOS, 2020, p. 119).

Espetacular! O número de egressos que ocuparam o mercado é muito grande! Obviamente, que muitos empreenderam para o ramo autônomo, tendo o seu próprio veículo ou até trabalhando com outras atividades, mas de forma que a grande maioria dos egressos conseguiu se estabelecer. Uns atuam em Picos, outros em Teresina, e outros fora do estado do Piauí (SOUSA, 2020, p. 58).

Então, eu vejo que o curso, hoje, veio e disse assim: “Estou aqui e eu vim para ficar! E eu tenho o compromisso de dar esse retorno para a comunidade, para a sociedade”. E nós vemos realmente hoje os nossos alunos, os nossos egressos por aí... Eu sempre digo assim, quando eu vejo alunos e ex-alunos ocupando os seus espaços, se mostrando enquanto bons profissionais: “Cara, deu certo, né?! Está dando certo!”. Então, hoje, eu olho para o curso com essa sensação de que ele tem um propósito e que ele vem cumprindo com esse propósito, que é de formar pessoas e de a gente vê essas pessoas aí, a gente vê que esse retorno existe, realmente (COSTA, 2019, p. 141).

[...] a imagem que eu tenho, hoje, da sociedade, da comunicação no Piauí, hoje, seja nos jornais, nas rádios, melhorou muito até a linguagem, a transmissão do conhecimento, as manifestações, isso melhorou muito, muito, porque, eu conheço jornalistas que não tinham formação em nada. Lembro que, há vinte anos, a maioria dos jornalistas de Teresina tinha registro, mas nenhuma formação acadêmica (NUNES, 2020, p. 103).

A profissão de jornalista se desenvolveu sobre a prática, primeiramente. A perspectiva teórica e científica foi se constituindo somente depois, ao contrário de outros ofícios. Por isso, há dificuldade, muitas vezes, de estabelecer quadros teóricos de referência. Essa característica acompanha o cenário do Brasil.

Portanto, o retardo da profissionalização do jornalista pela formação acadêmica não é particular à história do jornalismo piauiense, mas reproduz uma característica da profissão em âmbito mais largo. A história nos mostra problemas que incorreram sobre a profissão de jornalista ao longo do tempo e o quanto a formação nos cursos de Comunicação Social/Jornalismo foi polemizada.

Quando começou a ser praticada e desenvolvida, não havia exatamente uma formação específica para a atuação na área, a atividade estava ligada à ideia de dom, não como profissão que exigia formação pelo ensino universitário, de fato. Segundo Lanes (2012), os profissionais brasileiros do século XIX e boa parte do XX eram advogados, médicos, teólogos e pedagogos; o entendimento era de que o jornalismo se aprendia no dia a dia.

Assim sendo, a implantação dos cursos se deu em decorrência do contexto de modernização e desenvolvimento da comunicação e do jornalismo no Piauí, e o contrário também é verdade, ou seja, a criação dos cursos impulsionou o campo em termos de conhecimento sistematizado e empírico.

Com isso, é evidente o **crescimento da comunicação e do jornalismo no Piauí**. Novos veículos de comunicação surgiram, outros se expandiram, alargando as possibilidades de estágio para os estudantes de comunicação, assim como os espaços de atuação. Consequentemente, ampliou-se também o papel da comunicação midiática na região e no estado do Piauí, bem como frente a outros lugares.

Um dos espaços que cresceram foi do jornalismo nas plataformas dispostas na internet. Em um mapeamento acerca do jornalismo digital piauiense por região, Berti (2020) identificou 228 *sites* com finalidades jornalísticas em 71 dos nossos 224 municípios. As regiões com maior número de meios são justamente as que contam com cursos de formação de jornalistas, sejam públicos e/ou privados: Entre Rios (Teresina); Planície Litorânea (Parnaíba); e Vale do Guaribas (Picos), à exceção de Cocais, região do Meio Norte, entre Teresina e Parnaíba.

Além do aspecto quantitativo, Berti (2020) ressalta o fator qualitativo relacionado. Segundo ele, os meios jornalísticos com melhor estrutura para funcionamento adequado se concentram nas três maiores cidades do Piauí: Teresina, Parnaíba e Picos. Estes acabam sendo os mais republicados em *sites* menores.

Além do fator econômico e financeiro atrelado a esse aspecto apontado, o mesmo autor percebe outra característica relacionada: a configuração da formação acadêmica em jornalismo como influência à maior qualidade das publicações e maior número de acessos dos meios digitais dessas cidades supracitadas.

Na mudança de cenário provocada pela implantação dos cursos e desenvolvimento de perspectiva acadêmica na comunicação prática, em Teresina, apontamos novos meios de comunicação midiática em crescente e exercendo influência sobre o jornalismo de todo o Piauí. Consequentemente, a capital retém a maior fatia dos investimentos públicos e privados voltados à manutenção das empresas jornalísticas.

Em Picos, entre os novos veículos que surgiram após a abertura do primeiro curso, mencionamos alguns que consideramos relevantes para a história do jornalismo local: o *site* de notícias Riachaonet, a TV Picos, ambos surgiram logo após a implantação da formação universitária em comunicação, nos primeiros anos do século XXI, e, mais recente, a TV Cidade Verde.

O primeiro veículo de comunicação mencionado é considerado o primeiro *site* de notícias do interior do Piauí. O Riachaonet foi criado pelo professor jornalista Evandro Alberto de Sousa, em 2002, como *site* de notícias de Monsenhor Hipólito. Depois, o portal se voltou a Picos, para oportunizar aos seus alunos práticas de estágio, diante da necessidade formativa naquele momento, como ele rememora.

Vivemos alguns percalços, porque a gente não tinha onde estagiar. A dificuldade de estagiar era muito grande. Laboratórios não se tinha, e ainda tinha uma resistência dos jornalistas de batente, que ainda não estavam na academia, em receber esses alunos... Tanto que, em 2003, eu criei um portal de notícias em outra cidade, e trouxe ele para Picos para poder servir de laboratório para os meninos estagiarem. Nós tivemos que pensar nessa questão de estrutura de portal aqui, e aí terminamos sendo pioneiros também nessa inovação de trabalhar com o portal (SOUSA, 2020, p. 51).

Já a TV Picos, a primeira televisão da região, nasceu em 2005, por um projeto de iniciativa de José Pereira de Sousa Filho, enquanto era estudante da primeira turma da Uespi, Odorico Leal de Carvalho, da segunda turma, e Francisco Erivan Coutinho Lima, mais recentemente, egresso da Faculdade R. Sá, instituição privada que também oferece o curso na

cidade desde 2006. Ligada à TV Brasil e à Fundação Antares de Rádio e TV, funciona, desde o início, como laboratório de práticas audiovisuais, acolhendo estudantes e profissionais do jornalismo, sobretudo da Uespi.

E coincidentemente, naquela época, a TV Picos já estava sendo implantada e alguns egressos do curso, automaticamente, já começavam a fazer estágio lá, entre eles: eu, Valtânia, Gilciene... e outras pessoas que eu não me recordo no momento. E mulheres ocupando funções que, até então, eram ocupadas por homens, mulheres cinegrafistas. Gilciene e Valtânia, por exemplo, chegavam a coletar imagens, atuaram na condição de cinegrafistas. Então, foi um momento importante (SOUSA FILHO, 2019, p. 108).

A TV Picos poderia também ser chamada de TV Escola ou TV Laboratório para a Uespi/CPBA. Na minha história, além de ter sido “sala de aula” e laboratório prático para a disciplina de Telejornalismo, quando estudante, foi também lugar para experimentar a rotina do jornalismo durante meu estágio extracurricular remunerado de seis meses, e meu primeiro trabalho formal como jornalista já formada.

Minha narrativa se encontra com a de José Pereira de Sousa Filho (2019), e se repete, ao menos parcialmente, nas narrativas de Ruthy Costa (2019), além de muitos outros estudantes de Picos, nesses 16 anos. Por ser uma televisão estatal, a TV Picos funcionou como uma TV escola, auxiliando na formação de jornalistas uespianos no interior.

Já a TV Cidade Verde de Picos, afiliada ao SBT, do Grupo Cidade Verde, chegou à região em abril deste ano, com uma programação jornalística completamente local e um discurso de valorização da identidade regional e da diversidade (TAJRA FILHO, 2022). Sua implantação, com profissionais formados essencialmente pela Uespi e pela Faculdade R. Sá, promoveu movimentação nas práticas profissionais locais, provavelmente, inaugurando uma nova fase do jornalismo interiorano, 20 anos depois do primeiro curso.

Além de empresas jornalísticas, ocorre também desenvolvimento e expansão das assessorias de comunicação em todo o Piauí. É crescente o número de agências de comunicação, muitas vezes, como empreendimentos de profissionais formados em jornalismo, com trabalhos na comunicação organizacional, fronteiriços com a publicidade e propaganda, e nas redes sociais, por iniciativa de formados da UFPI e Uespi, embora não exista, ainda, levantamentos publicados que arremate esse dado.

Ao trazer informações sobre a conjuntura midiática piauiense mais atual, acredito que contribuo com o entendimento da trajetória memorialística e histórica da profissionalização e desenvolvimento acadêmico do jornalismo, pelo inter-relacionamento de faces e interfaces. A

história é sequenciada por acontecimentos contínuos; pelo presente, propomos perceber o passado e, por este, assimilar aquele.

A representação do passado é conduzida por olhares do tempo presente, uma vez que a evocação de memórias sobre aquele tempo é carregada de aspectos da atualidade. Como ressalta Ferro (2010, p. 40): “A memória é sempre uma interpretação influenciada pela experiência do presente”. Isso se dá porque a memória é dinâmica, vívida, contemporânea daqueles que a sustentam.

Minhas entrevistadas lançaram, no nosso tempo, olhares sobre o tempo passado, a partir de meu estímulo apresentado em forma de perguntas a uns, que enfocavam as trajetórias dos cursos de jornalismo, e a outros, que destacavam suas próprias trajetórias. Ambos reelaboraram suas memórias. No que me toca enquanto pesquisadora e operadora da história, fiz, como direciona a mesma autora citada, a seleção e a ressignificação desse passado.

E, se o passado só ganha sentido no presente, é pelo olhar do hoje que concentramos nossa observação. Entrevistados, entrevistadora, pesquisados, pesquisadora, refletimos sobre os espaços, os acontecimentos, as interações que ocorreram no decorrer da história da profissionalização da comunicação no Piauí. Certamente, a implantação de cursos superiores ocasionou mudanças no jornalismo praticado.

De lá para cá, a formação de jornalistas passou por transformações de âmbito acadêmico, a exemplo das mudanças nas diretrizes nacionais que norteiam os currículos no Brasil (BRASIL, 2013), e mercadológico, com a queda da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão, no ano de 2009 (BRASIL, 2009).

Outros cursos também surgiram no Piauí, em instituições de ensino superior privadas. Berti (2019a) cita as seguintes, que oferecem cursos de jornalismo ou comunicação social com habilitação em jornalismo: Centro de Ensino Unificado de Teresina (Ceut), hoje Estácio de Sá; Faculdade Santo Agostinho, permaneceu em oferta por cerca de uma década em Teresina, mas foi interrompido; Universidade Maurício de Nassau, em Parnaíba; Faculdade R. Sá, em Picos.

Além de jornalismo, o Piauí ganhou também cursos em outras áreas da comunicação, como Publicidade e Propaganda, no Ceut, onde Jaqueline Cardoso se formou, e na Associação de Ensino Superior do Piauí (Aespi), segundo Mendes (2014), além de Marketing, conforme encontrei em rastreio realizado nos *sites* institucionais das IES³⁹ com ensino presencial no Piauí. Localizei as seguintes ofertas de cursos na área da comunicação (quadro 5):

³⁹ Centro Universitário UniFacid (2021); Estácio de Sá (2021); Faculdade R. Sá (2020b); UNINASSAU (2021a; 2021b; 2021c).

Quadro 4 – Cursos na área de comunicação ofertados no Piauí

Cursos de comunicação no Piauí			
Instituição	Local	Curso	Modalidade
Estácio de Sá	Teresina	Jornalismo	Presencial e a distância
		Marketing	Presencial e a distância
Faculdade R. Sá	Picos	Jornalismo	Presencial
UniFacid	Teresina	Marketing Digital	a distância
		Marketing	
Uninassau	Parnaíba	Jornalismo	Presencial
		Marketing	Presencial
	Teresina	Marketing	a distância
UESPI	Teresina	Jornalismo	Presencial
	Picos	Jornalismo	Presencial
UFPI	Teresina	Comunicação Social: Jornalismo	Presencial

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Adiante, a Universidade Federal foi pioneira na formação inicial e continuada de jornalistas no Piauí, através da **pós-graduação**. Dezesesseis anos depois de implantar o curso de graduação, passou a oferecer cursos de pós-graduação *lato sensu*, sequencialmente, um após o outro, de 2000 a 2006, até chegar ao mestrado, em 2011 (infográfico 67).

A primeira especialização ofertada pela UFPI foi em Comunicação Social e Marketing, em 2000, seguida de Comunicação Institucional, no mesmo ano em que a Uespi/CPTN implantou a graduação em comunicação, em 2001. Depois, em 2003 e 2005, a UFPI ofereceu Comunicação e Marketing e Tendências e Perspectivas do Jornalismo e em Telejornalismo, respectivamente.

As especializações ofertadas pela Universidade Federal do Piauí atraíram os próprios egressos, como vimos nas histórias de vida de Daniel Solon e Sônia Carvalho. Com essa formação continuada em comunicação, imediatamente, eles assumiram a docência nos cursos recém-criados da Universidade Estadual do Piauí.

Infográfico 67 – Linha do tempo do desenvolvimento do ensino de jornalismo no Piauí



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Já a criação do mestrado, no PPCOM, da UFPI, deu-se como resultado posterior à formação dos professores em nível de doutorado, mais recentemente (UFPI, 2010b). Então, da mesma forma, o mestrado se apresentou como oportunidade formativa aos egressos dos cursos piauienses, como foi para mim. Mas, embora o programa já tenha mais de 10 anos, ainda não conseguiu emplacar o doutorado.

Esse quadro que ofertou formação continuada aos novos jornalistas foi proporcionado pelo contexto de formação dos docentes. Ao tempo que em que realizavam seus mestrados, os professores da UFPI passaram a criar e a ofertar cursos de especialização, movimentando o campo da comunicação no Piauí por meio da continuidade de cursos, como lembra Eliezer Menda (2020).

Assim que a gente fez o mestrado, a gente começou a oferecer cursos de especialização. Aí, nós fizemos especialização na área de imagem e publicidade; comunicação organizacional; depois, em telejornalismo; depois, em radiojornalismo; depois, em assessoria de imprensa. Então, era a forma que a gente encontrava para não perder o pique. Enquanto o mestrado, enquanto o doutorado não vinha, a gente fazia cursos de especialização (MENDA, 2020, p. 36).

A formação continuada docente em nível de pós-graduação *stricto sensu* implicou em novas práticas educativas no campo da comunicação. Com a qualificação do quadro professoral da UFPI em nível de doutorado, através de programas de formação interinstitucionais (MINTER e DINTER) e de iniciativas particulares, houve crescimento do campo acadêmico, com a criação do primeiro Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Piauí (UFPI, 2010b), um dos dez ofertados no Nordeste (COMPÓS, c2021).

A título de contextualização, os primeiros programas de pós-graduação do Brasil surgiram a partir do final da década de 60 do século XX, marcando o crescimento e a consolidação de pesquisas na educação superior (MASETTO, 2015). No campo da comunicação, foi mais tardio. Somente em 1991, foram criados em três instituições de São Paulo (PUC-SP, UMESP, Unicamp), uma no Rio de Janeiro (UFRJ), uma em Brasília (UnB) e uma na Bahia (UFBA), segundo registros da COMPÓS (c2021).

Esse aspecto temporal acerca da implantação e, conseqüentemente, da consolidação dos PPGs concentrados nessa área, no nosso País, refletem a dificuldade de o campo se firmar com autonomia científica. Primeiro, nascem programas focados na comunicação, os quais contribuem com a formação de jornalistas e com o desenvolvimento do campo científico do jornalismo por olhares voltados a si, mas, em jornalismo, especificamente, só 17 anos depois.

O Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina, surgiu em 2008, o 28º afiliado à COMPÓS (c2022).

Para Franciscato (2007), o campo do jornalismo enfrenta desafios. Primeiro, a “[...]insuficiência de formulação de um consistente aparato conceitual próprio que possa explicar a atividade” (FRANCISCATO, 2007, p. 1). As pesquisas realizadas em jornalismo são desenvolvidas a partir de bases epistemológicas das ciências humanas e sociais aplicadas, onde se encontra a comunicação, contudo, muitas vezes, esses quadros conceituais não dão conta dos problemas específicos, considera o autor.

O pesquisador acrescenta ainda que é necessário o desenvolvimento de pesquisas aplicadas para melhor compreensão do jornalismo, a partir de modalidades que se estendam a partir de problemas práticos da atividade na sociedade, com isso, a metodologia se voltaria mais a modelos experimentais.

Outro fator a considerar nesse diálogo se refere à histórica concentração dos PPGs na região sudestina (quadro 6). O diagnóstico de desigualdade na distribuição dos programas foi feito por Melo (2008b), constatando que, à época do levantamento, existiam 41 programas junto à Capes, sendo quatro no Nordeste, ou seja, 10%. Hoje, 53 programas de pós-graduação estão filiados à Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS, c2021). A região Nordeste conta com dez filiações (19%), enquanto o Sudeste conta com mais da metade do total (27) (quadro 6). Vale ressaltar que os sudestinos são, em sua maioria, os mais antigos e, por sua vez, consolidados, com melhores desempenhos nas avaliações da Capes.

Quadro 5 – Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil por região

Programas de Pós-Graduação filiados à Compós			
Região	Número de programas		Linhas de pesquisa PPG Piauí
Sudeste	27		
Sul	10		
Nordeste	10		
	Piauí	PPGCOM/UFPI	Processos e práticas em jornalismo
			Mídia e produção de subjetividades
	Centro-Oeste	4	
Norte	2		

Fonte: Elaborado pela autora com base em COMPÓS (c2021).

Os dados indicam que houve um crescimento na oferta de cursos de mestrado e doutorado nas áreas da comunicação nos últimos 10 anos, com abertura de novos programas nas regiões onde ou não existiam, como a Norte (hoje tem dois programas), ou existiam poucos, como o Nordeste (crescimento de quatro para dez).

Dentre os contemplados com as novas pós-graduações está o estado do Piauí. Após a criação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFPI, 2010b), a Universidade Federal passou a ofertar, anualmente, 10 vagas regulares destinadas ao mestrado, em duas linhas: Mídia e Produção de Subjetividades e Processos e Práticas em Jornalismo.

A criação do curso atendeu à demanda de formação, mas, além disso, funcionou como um espaço, organizado pelo quadro docente pós-graduado, para continuidade das pesquisas realizadas no campo por esse grupo nos PPGs de outros estados, mas agora, na condição de professores orientadores. Laerte Magalhães (2020, 2021) realça isso nas suas narrativas temática e de vida.

Tem o curso de mestrado funcionando desde 2011. Na época que o Curso de Mestrado iniciou, eu era professor do Mestrado em Letras e me disseram que eu não poderia ficar nos dois cursos, eu acabei optando por Comunicação. Então, desde 2011 que funciona esse Mestrado em Comunicação e tem tido importantes publicações... realizações de eventos... (MAGALHÃES, 2020, p. 69).

Uma vez que o objetivo do programa é “formar e qualificar docentes e pesquisadores para que, no exercício de suas atividades, possam intervir, com competência teórica, política e técnica, no campo da docência, da produção de conhecimentos na área” (UFPI, 2014a, p. 1), a criação do curso considerou a necessidade na região, tanto de professores de jornalismo quanto de profissionais de mercado, embora esse mestrado seja acadêmico, e não profissional.

Uma característica da pós-graduação é de formar pesquisadores, portanto, o professor pós-graduado tem melhores condições de organizar o processo de pesquisa junto aos acadêmicos, possibilitando o fluxo de produção do conhecimento sobre aquele campo de formação. Certamente, como diz Masetto (2015), quanto mais temos professores com mestrado e doutorado, mais temos pesquisas em desenvolvimento nos cursos.

Assim, a pós-graduação entra como articuladora do fazer docente, formando pesquisadores aptos a contribuírem com a formação de jornalistas que tenham condições de se fazerem mediadores de assuntos de relevância para a comunidade, agendando, por meio daquilo que é veiculado jornalisticamente, conversas corriqueiras e, ao mesmo tempo, pautando-se por elas, por terem capacidade de perceber notícias em lugares comuns.

Assim, o docente pesquisador conduz os estudantes à pesquisa nas universidades. Estes, nessa condição, transformam seus modos de fazer prático e teórico na profissão escolhida, durante o curso e, principalmente, após. Mais que produtores de noticiários, sejam eles impressos, eletrônicos e/ou digitais, tornam-se capazes de questionar práticas sociais, de abordar causas e consequências dos acontecimentos, fazendo com que as pessoas compreendam as pautas que lhes são de interesse, e não apenas se mantenham superficialmente informadas.

Por todos esses motivos expostos, além da profissionalização, houve a consolidação do jornalismo como campo acadêmico. A partir da formação de jornalistas e de relações públicas, da consequente absorção dos formados e da mudança na titulação dos docentes do Piauí, os cursos foram abrindo espaço para vivenciar a **pesquisa**, além de terem a relação teórico-prática por diálogos realizados em eventos.

Nas considerações dos professores Laerte Magalhães (2020), Orlando Berti (2019b) e Evandro de Sousa (2020), o Piauí avançou na perspectiva da cientificidade que o jornalismo foi ganhando, desde a implantação dos cursos de bacharelado. Tais avanços significaram provocações à reflexão para transformações também práticas.

Nas palavras de Laerte Magalhães (2020, p. 69), “[...] tem havido uma produção acadêmica razoável, bastante significativa! E tudo isso é muito importante para a formação dos alunos, dá outra qualidade à formação dos alunos”. Para Evandro Sousa (2020, p. 57): “Nós temos trabalhos de muita relevância, trabalhos dignos de muito reconhecimento, produzidos com a orientação dos nossos professores e dos nossos alunos. Eu digo aqui para você, são muito bons!”. E, na percepção de Orlando Berti (2019b, p. 126):

São as duas maiores virtudes. Picos, a virtude de pensamento científico; e Teresina, o pensamento de uma interferência do mercado. E se a gente for pensar, as consequências mercadológicas do curso de Teresina, hoje, quase todos os concursos, que têm vagas para jornalistas, tem aluno da UESPI.

As observações desses professores reforçam o fortalecimento do jornalismo como campo com propriedades e ações científicas. É claro que existem conflitos e disputas sobre as investigações e produções científicas como enquadramentos também de memória, e isso é natural. O campo é esse lugar, é assim que ele se constrói.

Relações de poder e força, concorrência e busca por reconhecimento integram o campo, diz Bourdieu (2004). O reconhecimento dos pares atua como “capital simbólico” e vem das relações de poder. Quanto mais publicações em espaços e ocasiões reconhecidamente qualificados (capital simbólico), mais poder. Por conseguinte, o coletivo vai criando e

acumulando “crédito científico”, que gera *status*, graças ao poder e àquilo que se pode chamar de influência profissional.

No entender de Bourdieu (2004), a constituição do campo científico passa pela partilha de conhecimento em espaços públicos, na busca de reconhecimento pelos pares para legitimação de tal campo. Nesse processo, o testemunho ajuda a garantir a autenticação em espaço público, criando o crédito científico daquele campo. Quanto mais crédito científico, maior legitimidade.

Há relevante desenvolvimento de pesquisas em jornalismo e em comunicação no Piauí, pela organização de pesquisadores, entre estudantes e professores, em nove comunidades científicas, vinculadas ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), por meio do Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil (DGP).

É nesses grupos de pesquisa que as investigações vão se construindo e, posteriormente, chegando a ambientes públicos por meio da divulgação científica. Eles dão direcionamento para as pesquisas que vão se construindo e, assim, o conhecimento científico tem se alimentado com base nesses elos. Hoje, temos mais pesquisas, porque temos mais professores formados e em formação.

Ao concluir o mapa de pesquisas no Piauí (quadro 7), a partir da catalogação dos grupos no DGP/CNPQ, percebo que a criação dos grupos de pesquisa se deu do início dos anos 2000 para cá, precisamente em 2004, com registro dos dois núcleos mais antigos, o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Estratégias de Comunicação (Nepec), pelo professor Laerte Magalhães, e o Núcleo de Pesquisa em Jornalismo, Comunicação (Nujoc), ambos da UFPI.

Esse período converge com o retorno de alguns professores de seus doutorados, a exemplo de Laerte Magalhães, que concluiu o doutorado em Comunicação na UFRJ, em 2002, mais ou menos na mesma fase em que outras docentes optaram por continuar a formação em pós-graduação, após a conclusão do MINTER, entre UFPI e UFRJ. Então, passou a coordenar o Nepec, a partir das influências de sua formação.

Assim, ao chegarem dessa formação em pós-graduação *stricto sensu*, começaram a fazer interferências e modificações nos seus modos de fazer docente e nas suas práticas educativas. De forma semelhante, aconteceu com outros docentes ao longo das suas trajetórias profissionais, como Jacqueline Dourado. Com o doutoramento, ela criou um grupo de pesquisa no Piauí e inaugurou uma linha de pesquisa em economia política do jornalismo, no Brasil.

Quadro 6 – Mapa da pesquisa em comunicação no Piauí

Mapa de grupos de pesquisa em comunicação do Piauí

Grupo	Instituição	Líder(es)	Formação	Linhas de pesquisa
Núcleo de Estudo e Pesquisa em Estratégias de Comunicação - Nepec	UFPI	Francisco Laerte Juvêncio Magalhães Lívia Fernanda Nery da Silva	2004	Mídia e produção de subjetividades
Núcleo de Pesquisa em Jornalismo, Comunicação - Nujoc	UFPI	Ana Regina Barros Rêgo Leal Paulo Fernando de Carvalho Lopes	2004	Comunicação organizacional
				Economia Política do Jornalismo
				História e memória do jornalismo
				Jornalismo e produção cultural
				Mídia e discurso
				Processos e práticas do jornalismo
				Teorias da Comunicação
Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Identidade e Subjetividade	UFPI	Gustavo Fortes Said Monalisa Pontes Xavier	2006	Webjornalismo: Processos e Práticas nas Sociedades Atuais
				Comunicação, Cultura e identidades
				Comunicação, linguagem e subjetividade
				Comunicação, psicanálise e subjetividade
	UFPI	Jacqueline Lima Dourado	2010	Comunicação e Processos Midiáticos

Grupo de Pesquisa em Comunicação, Economia, Política e Diversidade - Comum		Denise Maria Moura da Silva Lopes		Mídias e processos audiovisuais
Grupo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da Uespi	Uespi	Orlando Maurício de Carvalho Berti Evandro Alberto de Sousa	2014	Comunicação alternativa Comunicação comunitária Tecnologias sociais
<u>Comgênero - Comunicação, gênero, corpo e sexualidade</u>	Uespi	Clarissa Sousa de Carvalho	2016	Comunicação, mídia e mediação técnica Feminismos, Pós-feminismos e Teoria Queer Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Direitos Humanos
<u>Núcleo de Estudos em Sociedade, Imprensa e Literatura Piauiense</u>	Uespi	Daniel Castello Branco Ciarlini	2016	Computação aplicada à recuperação de informações históricas e literárias Geografia, História e Literatura História, Sociedade e Imprensa piauiense Imprensa e Literatura Piauiense Tecnologia da Informação e Comunicação aplicadas ao ensino da história e literatura piauiense
Comunicação, memória e práticas jornalísticas	Uespi	Maria de Jesus Daiane Rufino Leal	2017	Práticas jornalísticas
<u>Jornalismo, Inovação e Igualdade - JOII</u>	UFPI	Juliana Fernandes Teixeira	2020	Igualdade e direito humano à comunicação Produtos e processos webjornalísticos Práticas comunicacionais inovadoras

Fonte: Elaborado pela autora (2022)⁴⁰.

⁴⁰ Os dados foram coletados na base do DGP do CNPQ (2021), a partir da busca pela palavra-chave “comunicação”, sob o filtro de instituições do Nordeste, Piauí, área: Ciências Sociais Aplicadas, Comunicação. Depois da consulta parametrizada, organizei as informações dos grupos que estavam centrados na grande área da comunicação. Disponível em: http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf?faces-redirect=true. Acesso em: 7 jul. 2021.

Logo, o desenvolvimento e crescimento das pesquisas no Piauí está ligado à formação dos professores, notadamente. São eles que estimulam essas pesquisas. Ressalto que esse é o contexto da UFPI, especialmente, uma vez que o curso foi implantado primeiro e todo o processo de consolidação se deu de forma pioneira, obviamente. No caso da UESPI, os professores doutores ainda são minoria entre o quadro docente, e com formação mais recente também. Assim sendo, seu primeiro núcleo de pesquisa foi registrado só em 2014.

Nós, professores da Universidade Estadual do Piauí, ainda nos encontramos em formação. Mesmo assim, a trajetória de consolidação das pesquisas é bem semelhante: professores adentraram os cursos com formação em especialização (em número geral, egressos da UFPI); em seguida, avançaram para formação em mestrados e doutorados, por conta própria (ainda em andamento). Acredito que os resultados do doutoramento do quadro da Uespi já começam a ser sentidos, mas se intensificarão nos próximos anos.

Sônia Carvalho (2021a) ressalta, na ambiência da Uespi, uma intencionalidade dos professores no sentido de dar continuidade aos processos formativos iniciados para refletir na qualidade dos cursos e, por conseguinte, do jornalismo entregue à sociedade piauiense. “[...] muitos ingressaram ali, com títulos de especialistas, alguns sem experiência de ensino superior ainda, mas, no nosso curso, cem por cento dos professores já não estão como estavam quando entraram” (CARVALHO, 2021a, p. 211-212).

Interessante ressaltar que encontrei um núcleo de pesquisa relacionado à grande área da comunicação, mas não é coordenado por docente dos cursos de jornalismo, e sim, de Letras Português e do PPGL, ambos da Uespi. As linhas de pesquisa são computação, TICS, história e imprensa, imprensa e literatura, áreas afins, mas não exatamente do jornalismo. Considero como sendo positivo, porque ajuda no fortalecimento do campo no mundo científico.

Dessa maneira, os cursos locais favorecem o desenvolvimento de aptidões necessárias ao bom exercício da profissão de jornalista. Conforme orientam as diretrizes curriculares de jornalismo (BRASIL, 2013), o estudante, ao final do curso, deverá ter capacidade para atuar na sociedade, atendendo às demandas da contemporaneidade, em toda a sua complexidade. Assim, a função social do jornalismo estará assegurada em sua natureza informativa peculiar à democracia.

Hoje, o curso já está mais estabilizado, conseguiu seu espaço, não só na perspectiva da profissão acadêmica. Temos mais de 80% dos professores já doutorados. Alguns já começaram a sair para o pós-doutorado... E ele mudou muito esse perfil, ele sempre foi um perfil, assim, no início, mais jornalístico mesmo, aquele jornalista de raiz, como dizem, e passou por essa transição

entre o jornalista e o acadêmico. Hoje, ele tem esse caráter mais acadêmico, pelo menos na graduação, certo? (MENDA, 2020, p. 47).

A gente tem problemas? Tem. Mas, talvez pela Uespi sempre ter sido uma universidade mais humilde, mais tímida, o maior patrimônio dela é o patrimônio do alunado, é o que ela forma, quem ela forma, e como essas pessoas têm atuado, porque, geralmente, são pessoas bem simples e humildes. É a minha visão como docente, como a pessoa que está, há dezesseis anos, nessa instituição (BERTI, 2019b, p. 127).

E eu fico muito orgulhosa de ver isso, de ver que tem esse engrandecimento da instituição, e realmente contemplando os três pilares do ensino, da pesquisa e da extensão, para que eles realmente tenham essa amplitude na formação e não se formem apenas técnicos para operar uma câmera, para fazer uma matéria, para produzir um conteúdo. Não, eles realmente começam a se formar com essa completude de saber... “Não, não é só isso, não só ir para a frente de uma câmera e gravar uma entrevista com alguém. Não só produzir um texto para o rádio, para a TV, para a internet...” (COSTA, 2019, p. 142).

Para que o profissional jornalista saia da universidade habilitado ao exercício da profissão, é imprescindível o desenvolvimento de sua capacidade crítica e reflexiva, que lhe dê condições de construir um trabalho como intelectual. As pesquisas desenvolvidas com vistas ao jornalismo e à comunicação regionais ajudam na formação dessas pessoas e implicam na melhoria das práticas empreendidas no mercado, pela compreensão crítica e reflexiva.

7.1 Três fases marcam processo de profissionalização e consolidação científica da comunicação no Piauí

Por essa discussão, notamos como o campo da comunicação tem se organizado no Piauí tão recentemente, pelo impulso de criação dos cursos de educação superior, que, embora tenham se instalado com contradições manifestas nas necessidades, tem contribuído com o fortalecimento do processo de profissionalização e de desenvolvimento de um caráter cientificista.

Esse aspecto tardio não é só piauiense. Na verdade, de forma geral, no Brasil, construiu-se, basicamente, na década de 1970, embora as iniciativas tenham se dado bem antes, mais ou menos nos anos 1940. Segundo Melo (2008a, p. 7), foi nos anos de 1960 que começaram a aparecer as “primeiras tentativas de aproximação entre carreiras acadêmicas ou empresas do ramo, compelidas a interagir e a superar a atomização profissional ou industrial”.

Porém, o estabelecimento do campo, onde se encontram o jornalismo, a publicidade e propaganda, as relações públicas, o marketing, o radialismo e televisão, a produção editorial, a

audiovisual, a multimídia e os meios digitais, aconteceu a partir de dois marcos, ocorridos nos anos 70 do século passado, segundo o mesmo pesquisador.

Por um lado, a realização do Congresso Nacional de Comunicação, no ano de 1971, no Rio de Janeiro, pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), foi importante por possibilitar discutir a necessidade de uma “[...] política nacional de comunicação no Brasil” (MELO, 2008a, p. 8). O debate teve a participação tanto de pesquisadores e profissionais, quanto de empresários do setor e de sindicalistas.

Por outro lado, a consagração de avanços no ambiente acadêmico também teve seu papel nesse contexto de constituição do campo da comunicação, a partir da “[...] construção de pontes entre as áreas de conhecimento ou disciplinas legitimadas pela sociedade” (MELO, 2008a, p. 8). A Faculdade de Comunicação de Massa, em 1963, a Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1965, e a Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo, em 1966, ajudaram a delimitar o campo pela produção do conhecimento, sistematização e divulgação.

Arelado ao campo da comunicação, a consolidação do jornalismo como campo científico foi ainda mais tardia, ocorrendo a partir dos anos 1990. Segundo Silva (2008, p. 97), quatro condições possibilitaram: primeiro, “a expansão dos programas de pós-graduação em comunicação e o número de jornalistas titulados”; segundo, “a criação de grupos de trabalhos específicos nas sociedades e associações científicas”; terceiro, “publicação de revistas científicas especializadas”; e quarto, “a fundação de associações e sociedades científicas próprias”.

Esses aspectos dos quais fala Silva (2008) convergem com a caracterização de Bourdieu (2004) que adotamos ao longo desta seção de análise. De modo semelhante ao que fazem Melo (2006, 2008a, 2008b, 2008c) e Silva (2008), proponho uma sistematização daquilo que foi importante para a demarcação da consolidação da comunicação e jornalismo no Piauí, do ponto de vista profissional e científico, sem deixar de pensar nas projeções.

Sendo assim, de forma objetiva, podemos elencar as seguintes características e fases no quadro 8, que sistematiza as fases da profissionalização do jornalismo e desenvolvimento de um olhar científico sobre a área temática no Piauí em torno de três fases principais: **1) favorecimento da qualificação do mercado de trabalho; 2) formação de professores; 3) desenvolvimento e crescimento das pesquisas na área.**

Quadro 7 – Etapas de consolidação do campo científico e profissional do jornalismo no Piauí

Consolidação do campo do jornalismo no Piauí		Crescimento e desenvolvimento da comunicação e do jornalismo
Etapas	Fatores marcantes	
1º momento	Criação dos cursos de graduação	
	Realização de eventos acadêmicos em favorecimento do diálogo entre academia e mercado de trabalho	
2º momento	Verticalização em nível <i>stricto sensu</i> da formação continuada dos professores que atuaram e atuam	
3º momento	Criação do mestrado em Comunicação	
	Crescimento dos grupos de pesquisa	

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

- 1º momento: favorecimento da qualificação do mercado de trabalho

A criação dos cursos de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (UFPI) e com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas (Uespi), em 1984, 2001 e 2002, respectivamente, consolida o processo de profissionalização do campo em desenvolvimento no Piauí, desde o início da década de 1830.

Portanto, a oferta pública de vagas favorece, a partir desse momento, a qualificação de recursos humanos para as atividades comunicacionais midiáticas desenvolvidas desde o século XIX, com características peculiares, dadas as condições de funcionamento, tal como ocorreu no Brasil, de forma geral.

Ao serem estabelecidos, os cursos funcionam como um lugar privilegiado de olhar sobre as práticas profissionais de forma crítica, reflexiva, problematizadora. Assim, as iniciativas de realização de eventos acadêmicos, nessa fase, facilitam o diálogo entre a academia e o mercado de trabalho. Profissionais de campo são convidados à academia para discutirem sobre práticas. Com a qualificação de profissionais, a comunicação e o jornalismo se expandem.

- 2º momento: formação de professores comunicólogos

Os egressos ocupam os lugares na docência, os quais surgem nas universidades pela criação dos cursos, e voltam ao ambiente acadêmico sem formação para professor e

pesquisador, às vezes com especialização, às vezes só com a graduação. No exercício do magistério, buscam programas de pós-graduação para cursar mestrados e doutorados.

Com a formação vertical dos professores, desenvolvem-se novas práticas educativas, que marcam novos tempos para a comunicação piauiense. Ao se tornarem pesquisadores, através desses PPGs, expandem o ensino para a pesquisa, possibilitando o desenvolvimento do caráter científico dos cursos, ao alargarem as discussões para a produção de conhecimento sistematizado sobre as práticas e fenômenos locais.

Por conseguinte, suas investigações sistematizadas são levadas a outros lugares do Brasil, e até do exterior, em crescente diálogo e com outras produtoras de conhecimento na área da comunicação. Temos, então, o início de uma nova fase, em crescimento na contemporaneidade.

- 3º momento: expansão das pesquisas em comunicação

Professores doutores buscam pares para promoverem trocas constantes de saberes. Com a mudança no perfil do professorado da UFPI, a partir dos MINTER, DINTER e de formações de iniciativas particulares, vem um novo tempo. O grupo inicia o processo de criação de um programa de pós-graduação local, e em 2011, consegue a aprovação do Mestrado em Comunicação.

Assim, o PPGCOM representa oportunidade de formação continuada a comunicólogos da região, desde professores em atuação no Piauí, outros aspirantes à docência, como foi o meu caso, até profissionais que estão em atividade no mercado de trabalho da comunicação. O programa confere uma pegada científica pelo reconhecimento de seus pesquisadores pelo Brasil.

O crescimento da pesquisa marca essa etapa de consolidação, evidenciado no aumento do número de grupos de pesquisa, como vimos no mapa da pesquisa no Piauí (quadro 7). Hoje temos nove grupos, com inúmeras linhas, envolvendo pesquisadores em diferentes níveis, da graduação ao doutorado, os quais pensam a comunicação em suas interfaces.

Nessa fase, os eventos científicos são tomados como lugares de diálogo sobre as pesquisas desenvolvidas, através da publicação e circulação da produção que resulta do desenvolvimento de iniciações científicas em programas institucionais nas graduações, assim como no programa que oferece o mestrado.

Esses dois aspectos evidenciados na terceira fase no Piauí convergem com os marcos apontados por Silva (2008) como importantes para o desenvolvimento do jornalismo no Brasil

como campo científico: a criação de programas de pós-graduação e a articulação de pesquisadores em grupos e associações. Acredito que esse será o próximo passo por aqui: a criação de redes estaduais de pesquisa, uma vez que a participação de pesquisadores piauienses em redes nacionais já é relevante.

Isso é importante, porque oferece condições para pesquisas continuadas, proporcionando amadurecimento de pesquisadores, de temas, de relações com seus objetos e com pesquisas já realizadas e publicadas. Assim, também é urgente a ampliação de programas de pós-graduação e a oferta de doutorado na área temática.

Essas etapas apresentadas sintetizam o quadro de desenvolvimento científico do jornalismo no Piauí e nos ajudam a entender o cenário atual em conjuntura mais ampla. O jornalismo estadual e nacional cresceu academicamente desde que os cursos de graduação foram implantados e a pós-graduação e as pesquisas consolidadas, não obstante o controle político revelado na história e as disputas que envolvem o campo.

Os conflitos integraram a trajetória histórica do ensino de jornalismo no Brasil, como vimos na seção 4, os quais foram evidenciados nas leis de regulamentação da profissão (BRASIL, 1969, 1979), em um momento, na não exigência da formação (BRASIL, 2009); noutro, nas resoluções de ensino, como o currículo mínimo (LOPES, 2013a) e as diretrizes curriculares nacionais (BRASIL, 2001, 2013), por exemplo. Por vezes, algumas tentativas de regimentar o ensino foram formas de tentar controlar a profissão, como quando o curso foi transformado no megacurso de “comunicação social com habilitação em”.

Na atual conjuntura, vivemos a expansão da pós-graduação e da pesquisa aplicada, em um contexto de desafios dos usos da *internet* e dos frequentes ataques à profissão, que tentam desarticular a atividade pelo descrédito no jornalismo. Mais uma vez, vemos disputas, problemas, conflitos nas relações de força que atuam no e sobre o jornalismo, do campo político ao econômico, de modo semelhante como ocorreu em diferentes momentos na história do ensino de jornalismo.

Esses são tensionamentos que sobrecarregam o campo educacional e científico sobremaneira. Além de relevante, faz-se necessário o desenvolvimento de pesquisas que articulem prática e teoria no campo do jornalismo, fortalecendo-o cientificamente para compreendê-lo e melhorá-lo para e na sociedade.

8 PRÁTICAS EDUCATIVAS E FORMAÇÃO DOCENTE APONTAM PARA CONSOLIDAÇÃO DO JORNALISMO, SEGUNDO PESQUISA

Sem rodas, sem registros, sem redes, não há formação, porque a formação pertence a cada um, mas precisa de outros para se realizar plenamente.

(Cecília Warschauer)

Ao me encontrar com os dados da pesquisa e as inúmeras possibilidades de registro, interpretação e análise sobre o que construí, no doutoramento, e sobre o que eu poderia fazer a partir do diálogo com produções já publicadas, conceitos já pensados e estabelecidos, vejo o quanto a construção do conhecimento se dá em rede.

Como Warschauer (2017c) diz, a formação é individual, mas só é plena, na interação coletiva. Daí a importância das rodas, dos registros e das redes. As rodas proporcionam diálogos; os registros preservam e guardam; as redes ampliam as possibilidades de formação. Entre rodas, registros e redes, minha história se entrecruzou às histórias de vida de outras pessoas, na memória coletiva dos cursos de jornalismo.

Os colaboradores compartilharam memórias em narrativas que apontam para essa característica. O aprender é coletivo, as realidades de ontem e de hoje estão relacionadas, porque dizem respeito ao mesmo objeto, na interligação entre passado, presente e futuro, entre histórias pessoais e sociais, interconectamos saberes.

Ao historiar os cursos de jornalismo do Piauí, a partir de narrativas memorialísticas sobre práticas educativas e processos de formação docente, é notório que o ensino de jornalismo nasceu por demanda mercadológica, primeiro em Teresina, na UFPI, em 1984, e, 17 anos depois, na Uespi, no campus da capital, em 2001, e, em 2002, no interior, no campus de Picos, na região Centro-Sul do estado.

Nos anos 1980, o mercado local de comunicação e de jornalismo experimentava vigor, com a pujança de veículos midiáticos diversos, do impresso ao rádio e à televisão. Em vista da necessidade formativa, o Sindjor-PI atuou no diálogo com a Universidade Federal do Piauí, no sentido de apresentar reivindicações que levaram à implantação do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, mesmo com o atraso em torno de 40 anos em relação ao primeiro curso do Brasil.

Mais tarde, quando a Uespi, que surgiu em 1984, experimentou sua expansão e interiorização para a formação de professores sob o impulso da LDB/96 (BRASIL, 1996), a partir de meados da década de 1990 até o começo dos anos 2000, também houve espaço para a criação de bacharelados nos *campi* da capital e do interior, entre os quais o de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas. Teresina recebeu, então, mais um curso público; e a cidade de Picos, o primeiro, graças à iniciativa de profissionais da comunicação que atuavam na região e buscavam oportunidades formativas, semelhante ao que aconteceu na capital, na década de 1980.

A comunicação na região Centro-Sul era pujante, com presença de emissoras de rádio e de jornais impressos de circulação periódica regular. Entretanto, ainda era feita por profissionais do campo puramente prático, devido às circunstâncias não favoráveis à qualificação prática-teórica, no Sertão piauiense.

Outra característica da trajetória inicial dos cursos de jornalismo se refere à não preparação integral das universidades para a oferta dos cursos. No cenário ideal, seria necessário levantar as necessidades básicas em termos humanos e materiais, e atendê-las, para, só então, ofertar vagas. Dessa forma, o corpo docente estaria formado, o espaço físico preparado, com acervo bibliográfico e laboratórios devidamente equipados, de modo a possibilitar práticas educativas comunicacionais. Mas, não é o que ocorre na maioria das vezes, e não foi o que aconteceu na situação em estudo.

Na verdade, talvez até estrategicamente, primeiro, as universidades criaram, cada uma, seu curso para formar comunicólogos e jornalistas; e, só depois, com o passar do tempo, é que foram trabalhando para atender às necessidades mais urgentes. Paulatinamente, cada curso foi se adequando, recebendo professores efetivos por concurso público, posteriormente, implantando laboratórios, ampliando a abordagem do ensino para a extensão e a pesquisa. Mas isso levou tempo. Aliás, essa estruturação ainda segue se consolidando. A caminhada de superação das conjunturas é contínua, sobretudo, no contexto da Uespi.

Assim, para **descrever as práticas educativas na história e memória dos cursos públicos de jornalismo no Piauí (1984-2021)**, caracterizo-as como educação da vontade e do comprometimento das pessoas em formação e envolvidas na formação de jornalistas, não obstante aos contextos de precariedade; educação da união para superação das carências estruturais também distinguem tais práticas, que confirmam uma educação humana.

O desenvolvimento dos cursos teve suas dificuldades estruturais em termos físicos, especialmente. Levou tempo até conseguir o espaço apropriado, com laboratórios e a estrutura que se tem hoje. Isso até mesmo quanto à formação de professores. No início, eram docentes

substitutos ou professores efetivos da Instituição, mas de áreas afins, e não exatamente da comunicação. Depois, com os concursos, os próprios egressos retornaram às universidades como professores, por vezes, somente com a graduação, como foi o caso de Jacqueline Dourado, ou com especialização, como ocorreu com Daniel Solon e Sônia Carvalho.

Na operação historiográfica, ao investigar memórias individuais e coletivas sobre os cursos, percebo trajetórias de lutas, frente à precariedade. As narrativas dos colaboradores evidenciam ações para a implantação, para as validações, para manter os cursos em funcionamento e, ainda hoje, para continuar o projeto frutificado da persistência e da resistência do grupo que começou essa trajetória educacional.

Ao verificar como se deram os processos formativos nas trajetórias de vida de sete professores de jornalismo, que atuam ou atuaram no território piauiense, de 1984 a 2021, incluindo a minha, foi possível compreender que, embora cada percurso tenha se construído de modo singular nesse período, algumas características nos são comuns. Jornalistas se formam professores por construções e mobilizações de saberes plurais quanto às fontes, à natureza e aos ambientes.

Nossa formação inicial em nível de graduação mobiliza competências que visam à abordagem humanista, crítico-reflexiva, considerando a ética, com reflexos à nossa atuação acadêmica, quando do retorno ao campo na condição de professores. Mesmo que o curso de Bacharelado em Jornalismo não trabalhe com a preparação para o exercício docente, mas, sim, para a atividade jornalística, são os mesmos profissionais que retornam às universidades para atuarem na formação de outros. Assim, esse é o primeiro aspecto que favorece a atividade professoral, pois a fundamentação humanista e contextual, por análises de contextos e reflexões sobre a realidade, é própria da atividade docente, como também da de jornalista.

O conhecimento da experiência em jornalismo e comunicação e na docência é um dos pilares da nossa formação e prática educativa, que se soma aos eventos e cursos de curta e média duração. Construimos processos autoformativos individuais e singulares, que corroboram com nossa construção como docentes. Não obstante, as carências pedagógicas de formação institucionalizadas para o professorado se evidenciam nas práticas profissionais e devem ser atenuadas por meio da formação continuada.

Para pensar a formação do professor jornalista, precisamos ponderar acerca da articulação entre graduação e pós-graduação. Em vista da necessidade, a formação continuada em programas de pós-graduação é impositiva para o processo de constituição do professor-pesquisador. Em soma, aprendemos com os relacionamentos familiares e profissionais, com a nossa história, com a história de outros.

Além de perceber a importância do conhecimento da experiência e da formação continuada para se fazer e ser professor-jornalista, é importante pensar também nas condições necessárias para viabilizar essa formação. Em algumas trajetórias, é notório o papel da própria instituição de atuação na disposição de oportunidades. Assim, Laerte Magalhães foi construindo seu percurso profissional nos ensejos formativos e reformatando suas práticas educativas ao longo das décadas de atuação. Evandro Sousa, também, quando esteve no setor privado.

Por outro lado, a história de professores e dos cursos aponta que a maioria de nós mobiliza sozinho os contextos de formação, por iniciativas particulares, com recursos próprios, sem apoio ou incentivo institucional, nem mesmo quanto à possibilidade de afastamento das atividades profissionais para dedicação ao processo de formação pós-gradual, como foi o meu caso. Certamente, esse fator é capital para o retardamento na formação vertical dos professores de jornalismo no Piauí.

Ao longo do tempo, a UFPI foi dando condições para o curso crescer e melhorar, oferecendo formação aos professores por meio de especialização, depois, com a oportunidade do Mestrado Interinstitucional (MINTER) e Doutorado Interinstitucional (DINTER). Na Uespi, a formação docente se deu sobremaneira por iniciativas particulares, como no percurso de Jaqueline Cardoso e Daniel Solon. No entanto, depois de 20 anos de implantados os cursos, está se formatando um DINTER com a UFPE aos professores mestres dos dois *campi*, oportunidade de doutoramento para Sônia Carvalho, entre outros professores mestres, situação que implicará em mais transmutações nos cursos e no jornalismo.

A formação docente conduz à melhoria da educação, pois implica mudanças na conduta professoral e, diretamente, no ensino e na aprendizagem, com alcance nas práticas profissionais jornalísticas. Esse tipo de investimento gerou repercussões na vida dos professores, transformações de si que ocasionaram, evidentemente, em transmutações da realidade humano-social nos cursos de jornalismo, novos modos de fazer, novas práticas educativas, da centralidade no ensino para o desenvolvimento de pesquisas.

Tais aspectos são realçados para **compreender as implicações da formação docente nas suas práticas educativas para o processo de consolidação dos cursos**. Com a formação, novas práticas. Do ensino para a pesquisa. Após a mudança no perfil docente, surgiram grupos de pesquisa no estado. Depois de consolidados os cursos de graduação, o Piauí ganhou um mestrado na área, por meio do PPGCOM-UFPI, mas ainda sem doutorado, embora o programa tenha surgido há mais de dez anos.

As pesquisas nos diferentes níveis da educação, que até ocorrer as transformações pela formação docente não eram muito desenvolvidas, foram crescendo e ganhando um espaço tão grande que, hoje, alcançam o Brasil, com conquistas de reconhecidos prêmios por estudantes e professores, e se expande para além.

Atualmente, o cenário reflete, de forma positiva, os diversos bacharelados existentes, tanto em instituições públicas quanto em privadas, além do mestrado acadêmico. Houve uma melhora visível no desenvolvimento da comunicação piauiense nos últimos anos. O jornalismo tem se consolidado como campo acadêmico no Piauí ao longo dos quase 40 anos desde a criação do primeiro curso de ensino superior na área, resultado explícito dos processos de formação dos professores de jornalismo em níveis de mestrado e doutorado.

É assim que consigo **relacionar as trajetórias formativas de professores jornalistas com as práticas educativas na história e memória dos cursos públicos de jornalismo no Piauí**. Nossas histórias de vida apontam para arrolamentos entre formação e práticas, ajudando não só com a compreensão do nosso papel, como também de nossas práticas profissionais na história dos cursos de jornalismo.

Na aproximação das narrativas de vida há elementos da história desses bacharelados. O contrário também é verdade. São as convergências de quadros objetivos por histórias subjetivas que os aspectos sociais se entrelaçam nos pessoais, do plano individual no coletivo, do eu nos outros e dos outros na dimensão do eu.

Portanto, ao propor caracterizar essa história, provooco reflexões sobre as consequências, no crescimento como campo científico e profissional, a partir desses cursos. Hoje nós temos graduações e pós-graduação com eventos fixos e grupos de pesquisa consolidados, além do mestrado, pensando a comunicação no Piauí do ponto de vista científico mesmo. Temos profissionais da comunicação com outra visão, com modos de fazer distintos do período anterior aos cursos, consequências dessa implantação e desenvolvimento. Temos professores atuando e construindo isso, temos estudantes integrados nessa constituição do ensino, pesquisa e extensão.

Por outro lado, o desenvolvimento do campo de relações públicas foi mais tímido do que o de jornalismo, embora, por quase 20 anos, a Uespi tenha formado profissionais também nessa área. Talvez por isso o curso tenha deixado de ser ofertado, desde o momento em que houve a necessidade de direcionar a área temática do jornalismo para um crescimento particular e com mais autonomia em relação à grande área da comunicação. O impulso não foi dado igualmente à RP, em termos locais.

Por esses aspectos e por meu lugar de fala como jornalista e professora de jornalismo é que enfatizo tanto a discussão sobre esse campo neste trabalho, porque, de fato, foi o que se desenvolveu no Piauí, tanto mais que a área de relações públicas, em virtude das trajetórias que marcaram nosso tempo.

O papel do comunicólogo, e em realce do jornalista e do relações públicas, no Piauí e no Brasil, hoje, leva em conta transformações impelidas pelo campo ao longo do tempo, com particularidades que tornam essa trajetória tão específica. As construções presentes na história do jornalismo, especialmente, refletem evidentemente os aspectos que concatenam academia e mercado.

Por conseguinte, a formação universitária dos novos profissionais gera transformações do jornalismo local quanto às técnicas, mas principalmente quanto à ética. É evidente que a formação universitária teórico-prática enfatiza os aspectos éticos e filosóficos do jornalismo (talvez não tanto quanto necessário), e isso reflete notadamente nas práticas comunicacionais. Observa-se, nas universidades e nas redações jornalísticas, preocupação com a dinâmica teoria-prática.

Pelo desenvolvimento do campo acadêmico do jornalismo, temos avanços com a profissionalização dos jornalistas, inegavelmente. Pensamos sobre tantas questões que se imbricam nessa temática, sobre os desafios à formação de jornalistas no Piauí ao longo da história dos cursos e atualmente, as evoluções dos cursos desde que foram instalados, nosso papel na contemporaneidade.

Os resultados apresentados confirmaram a tese de que **as práticas educativas e a formação docente se articularam na história e memória dos cursos de jornalismo do Piauí, na medida em que as trajetórias desses cursos públicos se relacionam às trajetórias formativas dos professores, dos investimentos e construções pessoais e profissionais ao processo de consolidação do campo científico pela cotransformação das pessoas e das práticas.**

Sustentam-na, alguns argumentos principais. Primeiro, quando do início dos cursos, o quadro de professores foi composto, basicamente, por jornalistas recém-formados, com experiência de mercado em comunicação, mas não em docência, entre os quais os próprios egressos.

Como consequência da não formação docente em nível de pós-graduação *stricto sensu*, como preconiza o aparato legal brasileiro sobre a educação superior (BRASIL, 1996), os cursos desenvolveram práticas educativas centradas, principalmente, no ensino, com imprevisão de

pesquisa e de extensão, tendo em vista as dificuldades decorrentes do cenário de carências estruturais.

Após o ingresso na docência no ensino superior, os jornalistas-professores investiram na formação continuada em suas trajetórias de vida, gerando transformações de si pela formação em programas de pós-graduação, além de outros aspectos formativos, que vão além dos ambientes formais de aprendizagem. Com isso, mudaram suas práticas educativas e, além do ensino, passaram a fazer pesquisa, dando uma nova feição à formação em jornalismo, com desenvolvimento do caráter científico.

O crescimento da produção intelectual piauiense sobre a comunicação e o jornalismo, por olhares centrados nos fenômenos regionais, está relacionado ao crescimento, por assim dizer, dos intelectuais, quais sejam, os professores dos cursos, especialmente como resultado do processo de formação continuada em mestrados e doutorados. Mais pesquisas, mais produções e mais publicações.

Portanto, as narrativas memorialísticas sobre os cursos, bem como as narrativas de vida de professores jornalistas são ferramentas para entender processos de formação e práticas educativas, na medida em que as histórias de vida se relacionam à história dos cursos públicos de jornalismo no Piauí, desde a fundação, no suprir da necessidade e obrigatoriedade formativa em jornalismo, à consolidação, quando adquire um caráter científico pela cotransformação das pessoas e das práticas.

Na investigação desse objeto, relaciono as reflexões geradas ao meu percurso formativo. Se não fosse o curso de Picos, que sempre funcionou em condições precárias, eu não teria me formado jornalista, mas teria feito qualquer outra graduação ofertada por uma instituição pública na mesma cidade, por não ter condições de me deslocar para outra, mesmo que eu quisesse.

Assim é também com outros. A formação em jornalismo tem estabelecido distinções na vida de muitas pessoas, sobretudo dos piauienses com menores condições financeiras. Além disso, tem dado mais autonomia aos profissionais formados nessas IES, face aos poderes políticos e econômicos vigentes, mudando a qualidade da comunicação no Piauí. Dessa maneira, vemos os impactos da pesquisa no sentido pessoal, profissional, econômico e social.

Pelas reflexões estabelecidas nesta pesquisa científica, nas interfaces entre o individual e o coletivo, entre o passado e o presente da educação, da comunicação e do jornalismo pelo domínio da história, podemos intervir na realidade estudada, gerando transmutações continuadas no corpo docente e discente pelos cursos, e nos cursos pelas pessoas.

Essa é a contribuição desta pesquisa-formação, na abordagem de histórias de vida para historiar os cursos de jornalismo. O convite de olhar para si começou comigo e continuou com os professores, como ferramenta para compreensão de contextos sociais mais amplos do que a vida individual de cada um de nós.

Na conclusão do trabalho, denoto pistas de reflexão geradoras de outras questões para pesquisas continuadas, quanto às práticas educativas e à formação de professores no ensino de jornalismo, pontos que não dei conta de aprofundar aqui, dadas as limitações físicas e temporais do trabalho, mas que deixo marcados para incitar a continuidade da reflexão por acreditarmos que temos aqui apontamentos o suficiente para compreendermos as mudanças na formação do jornalista e do ensino de jornalismo.

Preciso ressaltar sobre as limitações da operação historiográfica aqui realizada. Apesar de ser um discurso científico e credível, a história também se apresenta na não confiabilidade cega e indiscutível, mas de olhar panorâmico e/ou focado e questionável. Não me posiciono como “detentora da história dos cursos de jornalismo”, mas apresento uma narrativa da análise dessa história, a partir de narrativas de memórias. Por isso, não se trata de “a história”, mas de uma interpretação sobre.

Alguns fios ficam soltos para tecer novas redes: como as práticas educativas estão organizadas hoje, a partir das memórias sobre as práticas educativas construídas ao longo do tempo? Como tem transformado o contexto local e se transformado por ele? Quais os impactos da formação nos meios de comunicação do Piauí? Como as afetações dos processos formativos e das práticas profissionais na vida dos professores tomam a dimensão social? Fica o desafio no intento de suscitar novos e futuros estudos nesse sentido.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 14, p. 79-95, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/download/30223/pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Construindo histórias de vida para compreender a educação e a profissão docente no estado do Rio Grande do Sul. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 13-34.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2019, p. 155-202.
- ALCAR. 2012 – **2º Encontro**. Porto Alegre-RS. c2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/nordeste/2o-encontro-2012>. Acesso em: 7 jul. 2021.
- ALCAR. **História**. Porto Alegre-RS. c2021. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/sobre-a-alcar-1/historia-1>. Acesso em: 7 jul. 2021.
- ALENCAR, Antônio. Uespi inaugura laboratório de TV com tecnologia digital. **Site institucional Governo do Estado do Piauí**. Teresina, PI, 30 jun. 2009. Disponível em: <http://www.piaui2008.pi.gov.br/materia.php?id=35702>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- ALLINE, Roberta. Professor Evandro Alberto é nomeado como reitor da Uespi. Piauí, **Governo do Estado**. 14 jan. 2022. Disponível em: <https://www.pi.gov.br/noticias/professor-evandro-alberto-e-nomeado-como-reitor-da-uespi/>. Acesso em: 28 mar. 2022.
- ALVES, Arnaldo. UESPI assina termo com a Fundação Antares para projeto TV Escola. **Site institucional Universidade Estadual do Piauí**. Teresina, PI, 5 jul. 2019. Disponível em: <https://www.uespi.br/site/?p=123130>. Acesso em: 9 jun. 2021.
- ALVES, Guilherme dos Santos. **História do jornalismo online em Picos: do surgimento ao desenvolvimento do site de notícias Riachãonet**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Picos-PI, 2020.
- ANTENANDO. **Picos-PI: Universidade Estadual do Piauí**, ano 1, n., capa, 29 out. 2005.
- ANTUNES, Celso. **Professores e professauros**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- BARBOSA, Marialva. O ensino de jornalismo entre a história e a memória. In: **20º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo**, 2021, Campinas, SP. Palestra Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo – ABEJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HHqFEEUeiQA>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, Elba Siqueira de Sá. Políticas de formação docente para a educação básica no Brasil: embates contemporâneos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 62, jul.-set. 2015.

BARRETO, João Bosco A. *et al.* **Ofício s/n/98**. Picos-PI, 1998.

BARROS, José D`Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas v. 1. Tradução Sergio Paulo Roanet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BERTI, Orlando. Primeira turma de Jornalismo do Sertão do Piauí (e segunda do Sertão Nordeste). Pessoas que hoje fazem um super-diferencial Brasil afora!. Picos, 24 fev. 2013. **Facebook**: Orlando Berti. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=10151441764874730&set=a.10151440598309730>. Acesso em: 12 jun. 2020.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. Etnografando o ensino de Jornalismo na UESPI – Universidade Estadual do Piauí: reflexões, lições e autocríticas. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 9, n. 24, p. 4-23, jun. 2019a.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Entrevista temática concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Picos-PI, 2019b.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho. **Webjornalismo no Piauí**. Teresina, PI_ EDUespi, 2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: TAO São Paulo, 1979.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Tradução Pedro Elói Duarte. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira; AMADO, Janína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Lei 5.528, de 12 de novembro de 1968**. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Universidade Federal do Piauí e dá outras providências. Planalto, Brasília, DF, 12 nov. de 1968. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L5528.htm. Acesso em: 7 jun. 2021.

BRASIL. Decreto-lei nº 972, de 17 de outubro de 1969. Dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 out. 1969. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0972.htm. Acesso em: 10 set. 2020.

BRASIL. Decreto-lei nº 83.284, de 13 de março de 1979. Dá nova regulamentação ao Decreto-Lei nº 972, de 17 de outubro de 1969, que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista, em decorrência das alterações introduzidas pela Lei nº 6.612, de 7 de dezembro de 1978. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 mar. 1979. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d83284.htm. Acesso em: 10 set. 2020.

BRASIL. **Lei 9.394, de 1996**. Dispõe sobre a LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, [2017]. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 1º jun. 2019.

BRASIL. **Parecer CNE/CES 492/2001**. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Musologia. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Brasília-DF, 3 abr. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. **Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Planalto, Brasília, DF, 29 dez. de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm. Acesso em: 5 ago. 2021.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Recurso extraordinário 511.971/SP**. Jornalismo. Exigência de diploma de curso superior, registrado pelo Ministério da Educação, para o exercício da profissão de jornalista [...]. Relator: Min. Gilmar Mendes, 17 jun. 2009. Decisão por maioria. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=605643>. Acesso em: 10 set. 2020.

BRASIL. **Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Superior. Brasília-DF. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 1º mai. 2017.

BRASIL. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 1º jun. 2019.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. Tradução Klaus Brandini Gerhardt, Ronede Venância Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Tradução Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CACOS – CENTRO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UESPI. “E nessa segunda parte da programação da nossa Semana do Calouro, nessa parte da manhã, contamos com a colaboração da professora Dr.^a Ana Regina Rêgo, e professor Dr. Laerte Magalhães, falando à respeito dos inúmeros Grupos de Pesquisa, do nosso curso de Jornalismo. Eles falam sobre suas experiências a frente desses grupos, suas linhas de pesquisa, e como os alunos que se interessam por essa área acadêmica devem fazer pra se inserirem em tais grupos”. **Facebook**. 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/cacosufpi/photos/591298194251987>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CACOS – CENTRO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UESPI. “Com a palavra a Prof^a Jacqueline Dourado falando sobre jornalismo e economia crítica. Ela faz, a todo momento, um resgate do contexto histórico de determinadas épocas para facilitar a compreensão dos alunos sobre o tema tratado”. **Facebook**. 2013a. Disponível em: <https://www.facebook.com/cacosufpi/photos/733374123377726>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CACOS – CENTRO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UESPI. “Agora os professores Laerte Magalhães, Gustavo Said e Ana Regina Rêgo falam sobre os grupos de pesquisa!”. **Facebook**. 23 abr. 2014a. Disponível em: <https://www.facebook.com/cacosufpi/photos/665121333536339> . Acesso em: 23 ago. 2021.

CACOS – CENTRO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UESPI. Estudantes entrando no Departamento de Comunicação. **Facebook**. 2014b. Disponível em: <https://www.facebook.com/cacosufpi/photos/733374123377726>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CACOS – CENTRO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UESPI. Professor Laerte Magalhães e Gustavo Said. **Facebook**. 16 set. 2014c. Disponível em: <https://www.facebook.com/cacosufpi/photos/733297546718717>. Acesso em: 23 ago. 2021.

CALANDRAGEM. Disponível em: https://issuu.com/ricardosousa3/docs/calandragem_-_2013.1_-_n__1. Acesso em: 8 set. 2021

CAMPÊLO, Iury Kilson Moura. **Entrevista de história oral temática concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Teresina-PI, 2020.

CARDOSO, Jaqueline da Silva Torres. **Arquivo pessoal de Jaqueline da Silva Torres Cardoso**. Picos, 2019.

CARDOSO, Jaqueline da Silva Torres. **Entrevista de história oral de vida concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Google Meet, 2021a.

CARDOSO, Jaqueline da Silva Torres. **Diário da roda**, Google Documentos, 2021b.

CARDOSO, Jaqueline da Silva Torres. Currículo Lattes. **Plataforma Lattes**, [Picos-PI], 24 jun. 2022. Disponível em: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=35EC5F145F60DF3FEFCF63DCE1058A3B.buscatextual_6. Acesso em: 24 jun. 2022.

CARVALHO, Rui Dgla dos Santos. **As ações de governo empreendidas pela Universidade Estadual do Piauí na expansão da formação de professores**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. Último encontro antes da defesa dos TCCs com essa turma da Uespi, que tocou meu coração desde o primeiro período. Vai começar uma semana que promete a realização de grandes sonhos. Coração transborda. Meus alunos, vcs são parte de mim. **Instagram**. 3 ago. 2017. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BXWmpjXBZRkc77oYPBYEybgj-3XIPYpyUJGDEc0/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. E ainda faltou gente querida aqui na foto, mas meu coração é só gratidão. 2 bloco (História do Jornalismo da Uespi) a disciplina acabou, mas vocês nunca irão embora de mim!. **Instagram**. 17 jan. 2020a. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B7bP2OgDQc_adwN3wDrY15MZgL4pNowzqXv2_k0/. Acesso em: 28 mar. 2022.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. Retorno presencial ao trabalho na Vice Reitoria. Protocolos seguidos, mas no fundo não deixa de ser estranho, difícil e doloroso ver como a pandemia nos afetou. Triste ver o campus sem o vai e vem de gente... Estranho teclar este texto usando luvas de procedimento...Mas seguir nesse “fora do normal” é assim: usar o que nunca se imaginou usar, trabalhar como possível e esperar que em breve a vacina chegue...dar o tempo também de entender quem nos tornamos depois do tanto que tarda a passar. **Instagram**. 14 ago. 2020b. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CD3jpDojPMM2WWmQdjJ05uCT4qWlgIaqJxoOgU0/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. **Entrevista de história oral de vida concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Google Meet, 2021a.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. **Roda de conversa Histórias com Café realizada por Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Google Meet, 2021b.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. Tbt de um pós-aula incrível. **Instagram**. 19 ago. 2021c. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSw5oMmr5uCTX2LLLzikqw8mgy5nbbe6iToykc0/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. Cabelão. **Instagram**. 11 out. 2021d. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CR-S-D3jF_U_agMNaNhV-MKPh-ZQa6Hz7JyGIM0/. Acesso em: 28 mar. 2022.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. Sônia. **Instagram**. 11 out. 2021e. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CU6HkOqD9f6UVicjVlqr7ilBUR1jPpFPaCyCQ0/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. Nos 50 anos da @ufpi uma imagem que amo guardar: minha formatura em Jornalismo. Tantos amigos e excelentes docentes essa IES me deu... até Dom Avelar, que biografei no Mestrado em História (da UFPI! Rsrs.) me trouxe um pouco da trajetória dessa importante universidade (a FAFI foi o começo da nossa federal). Parabéns aos que fizeram e fazem parte de sua história. Obg por tanto...Continuo com esse olhar como quem se admira de tudo... e muito desse olhar é ufpiano. **Instagram**. 1º mar. 2021f. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CL5cQ4GD4q_xa_j7aEmvstBtVVqLZRqGwgs5sU0/. Acesso em: 28 mar. 2022.

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. #nossauespi de Campo Maior, Campus Heróis do Jenipapo..dia de visita administrativa e itinerante na gestão do reitor @evandroalberto e ainda recebi essa imagem linda da @yasmimhcunha ... vamos que vamos!!!. **Instagram**. 16 jul. 2021g. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRZZHeqjCZYeqiVvdMOBQS0xqozYwfQZbVAfKc0/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

CASTRO, Maria Aparecida de. **Memórias e campo científico**: um estudo sobre a produção científica do curso de Comunicação Social da UESPI de Picos. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Estadual do Piauí, Picos-PI, 2021.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra-PT: Quarteto Editora, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lurdes Menezes. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Algés-PT: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história em pesquisa qualitativa. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**, 2021. Disponível em:

http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf?faces-redirect=true. Acesso em: 7 jul. 2021.

COMPÓS – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. **Programas Filiados**. c2021. Disponível em: www.compos.org.br/a_compos.php. Acesso em: 18 out. 2021.

COMPÓS – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. **Programas Filiados**. c2022. Disponível em: <https://compos.org.br/programas/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

COMUM – GRUPO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, ECONOMIA POLÍTICA E DIVERSIDADE. Estudantes do Curso de Comunicação da UFPI lançam revista e minidocumentário. **Blog COMUM**. 2015. Disponível em: <http://grupodepesquisacomum-ufpi.blogspot.com/2015/07/os-estudantes-do-setimo-periodo-do.html>. Acesso em: 23 ago. 2021.

COMUNS – CENTRO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UESPI. C.A.s, Coletivos estudantis e Adcesp discutem situação da UESPI. **Informativo COMUNS**, Teresina-PI, 6 set. 2010. Disponível em: <https://informativocomuns.wordpress.com/2010/09/06/c-as-coletivos-estudantis-e-adcesp-discutem-situacao-da-uespi/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

COMUNS – CENTRO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UESPI. SOS UESPI. **Informativo COMUNS**, Teresina-PI, 27 mai. 2011. Disponível em: <https://informativocomuns.wordpress.com/2011/05/27/sos-uespi/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

COORDENAÇÃO DE JORNALISMO - UESPI. **Professores do curso de Jornalismo**. Teresina: UESPI, 2019.

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – CPPGCOM/UFPI. **Corpo docente**. Teresina-PI, c2021. Disponível em: https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/programa/equipe.jsf?lc=pt_BR&id=369. Acesso em: 26 jul/2021.

COSTA, Ruthy Manuella de Brito. **Entrevista de história oral temática concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Picos-PI, 2019.

DE LUCCA, Tania Regina. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2021.

DIÁRIO DE CAMPO. **Teresina/Picos**: 2019/2020/2021.

DÍAZ BORDENAVE, Juan Enrique. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DOMINICÉ, Pierre. A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 345-357, mai./ago. 2006.

DOURADO, Jacqueline Lima. Dia sábado é dia de pesquisa. Com os mestrandos @martalencarpi@nicolasbarbosapi @jaderdamasceno e o auxílio luxuoso de @julianateixeirarj e @cibelleresende. Construção de mestres, porque eles têm muito a

ensinar. [#ppgcom #mestrado #posgraduacao](#). **Instagram**. 4 jul. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCOrxIXjGcw/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

DOURADO, Jacqueline Lima. **Entrevista de história oral de vida concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Google Meet, 2021a.

DOURADO, Jacqueline Lima. **Roda de conversa Histórias com Café realizada por Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Google Meet, 2021b.

DOURADO, Jacqueline Lima. Currículo Lattes. **Plataforma Lattes**, [Teresina], 16 dez. 2021c. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do>. Acesso em: 22 mar. 2022.

DOURADO, Jacqueline Lima. Arquivo pessoal de Jacqueline Lima Dourado. [s/l], 2021d.

ESTÁCIO. Jornalismo. c2021. Disponível em: <https://portal.estacio.br/graduacao/jornalismo>. Acesso em: 9 jul. 2021.

FACULDADE R.SÁ. A faculdade. **Faculdadersa.edu.br**. Picos-PI, 2020a. Disponível em: <https://www.faculdadersa.edu.br/a-faculdade>. Acesso em: 1º set. 2020.

FACULDADE R.SÁ. **Jornalismo**. Picos-PI, 2020b. Disponível em: <https://www.faculdadersa.edu.br/jornalismo>. Acesso em: 9 jul. 2021.

FEITOSA, Maria da Penha. **A educação superior pública estadual no Piauí: aspectos da origem e o processo de expansão nos anos 1990**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, António Gomes; MOTA, Luís. Memória e história. Das fontes documentais aos testemunhos orais no projeto das Casas da Criança. In: III Foro Ibérico de Museísmo Pedagógico – V Jornadas Científicas de la SEPHE, 2012, Madri. **Anais [...]**. Madri: SEPHE. Disponível em: [https://digitum.um.es/digitum/bitstream/10201/91945/1/Memória%20e%20História.%20Das%20fontes%20documentais%20aos%20testemunhos%20orais%20no%20projeto%20das%20Casas%20da%20Criança%20%281938-1965%29.pdf](https://digitum.um.es/digitum/bitstream/10201/91945/1/Mem%20ria%20e%20Hist%20ria.%20Das%20fontes%20documentais%20aos%20testemunhos%20orais%20no%20projeto%20das%20Casas%20da%20Crian%20a%20%281938-1965%29.pdf). Acesso em: 30 jun. 2022.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.) *et al.* **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 1-13.

FERREIRA, Mayara Sousa; FERRO, Maria do Amparo Borges. Aprendendo com a história oral: experiências no processo de produção historiográfica do ensino de jornalismo do Piauí. In: XV Encontro de História Oral, 2020, Belém. **Anais [...]**. Belém: Associação Brasileira de História Oral, 2020. Disponível em:

<https://www.encontro2020.historiaoral.org.br/anaais/trabalhos/trabalhosaprovados#M> . Acesso em: 28 set. 2021.

FERREIRA, Mayara Sousa; FERRO, Maria do Amparo Borges. Do mercado de trabalho à academia: história e memória do curso de Jornalismo em Picos-PI-BR. In: XIV Congresso Iberoamericano de História da Educação, 2021, Lisboa. **Anais [...]**. Lisboa: HISTEDUP, 2021. Disponível em: https://cihela2021.ie.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2021/07/E-BOOK_Resumos_Revisão_Final.pdf. Acesso em: 16 ago. 2021.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. **Sociologia: problemas e práticas**, n. 9, 1991, p. 171-177.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e Sociedade no Piauí Republicano**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Cazuza e o sonho da escola ideal**. São Luís-MA: EDUFMA, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25. ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Delimitando um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo. In: IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, 2007, Salvador-BA. **Anais [...]**. Salvador-BA: Intercom – Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/1859>. Acesso em: 30 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução Lilian Lopes Martin. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 60. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ; PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA. **1º curso de jornalismo PUC/UFPI**. Teresina, 1979.

G1. **Sem professores nem sala de aula, alunos da UESPI protestam no Piauí**. 23 mar. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/03/sem-professores-nem-salas-de-aula-alunos-da-uespi-protestam-no-piaui.html>. Acesso em: 27 mai. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa experimental**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. *In: NÓVOA, António (Org.). Vida de professores*. Porto-PT: Porto Editora, 1995, p 63-78.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória**: reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.

GUIMARÃES, Sérgio. Aprendendo com a história do outro. *In: FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. Aprendendo com a própria história*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 15-21.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. *In: NÓVOA, António (Org.). Vida de professores*. Porto-PT: Porto Editora, 1995, p. 31-62.

IBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Editora Penso, 2009.

IBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**. 12. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico 2000 – educação**. IBGE, 2000. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/02122003censoeduchtml.shtm>. Acesso em 22 jun. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Sinopse do censo demográfico 2010**. IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=22>. Acesso em 12 ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Brasil/ Piauí/ Picos**. IBGE, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/picos/panorama>. Acesso em 12 ago. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ. Campus Picos comemora 10 anos de inauguração. **IFPI**. Picos-PI, 4 jul. 2017. Disponível em: <http://www.ifpi.edu.br/picos/noticias/campus-picos-comemora-10-anos-de-inauguracao>. Acesso em: 11 set. 2020.

INTERCOM. Apresentação. São Paulo-SP, c2021. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/a-intercom>. Acesso em: 7 jul. 2021.

INTERCOM. **Incentivo à regionalização da Intercom**. Teresina-PI, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2009/index.htm>. Acesso em: 7 jul. 2021.

J. A. FILHO. Daniel Solon em manifestação contra a reforma da previdência. In: SOLON, Daniel Vasconcelos. Foto de sexta, dia nacional de luta contra a reforma da previdência. Denunciamos os ataques de Bolsonaro, Wellington e Firmino. (Crédito da foto: J.A Filho). **Instagram**. 25 mar. 2019a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bvca5NoDRJw/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.

LANES, Joaquim Sucena. Polêmicas, discussões, avanços e tendências na trajetória dos cursos de comunicação no Brasil. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 12, n. 1, p. 14-26, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/artigo2vol12-1.pdf>. Acesso em: 23 set. 2017.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LEAL, Ana Regina Barros Rêgo. Apresentação. In: UFPI. **Projeto pedagógico curso Comunicação Social – habilitação Jornalismo com modificações propostas pelo Conselho Departamental e Coordenação de Currículos**. Teresina-PI, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Barbardo Leitão [et al]. 7. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa, Portugal: Horizonte Universitário, 1978.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro?. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 63-93.

LIMA, Genival Oliveira. **Entrevista de história oral temática concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Skype, 2020.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. Um viveiro muito especial: Escola Normal e profissão docente no Piauí. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; FREITAS, Anamaria Gonçalves Buenos de; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho (orgs.). **As Escolas normais no Brasil: do Império à república**. Campinas-SP: Editora Alínea, 2008, p. 107-122.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

LOPES, Fernanda Lima. **Jornalista por canudo: o diploma e o curso superior na construção da identidade jornalística**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultural) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

LOPES, Fernanda Lima. Reflexões sobre políticas educacionais para o ensino de jornalismo no Brasil nos primeiros anos do regime militar. **Revista Brasileira de História da Mídia**

(RBHM), v. 2, n. 1, jan./jun. 2013a. Disponível em:
<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3839>. Acesso em: 20 ago. 2021.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica**. São Paulo: Paulus, 2013b.

LUZ, Maria Edilene Ramos da. **Entrevista de história oral temática concedida a Mayara Sousa Ferreira**. Plataforma Skype, 2020.

MACÁRIO, Eptácio. Práxis, gênero humano e natureza. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 113, p. 171-191, jan./mar. 2013.

MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio. **Entrevista de história oral temática concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Meet, 2020.

MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio. **Entrevista de história de vida concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Meet, 2021a.

MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio. **Roda de conversa Histórias com Café realizada por Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Google Meet, 2021b.

MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio. **Diário da roda**, Google Documentos, 2021c.

MAGALHÃES, Francisco Laerte Juvêncio. Essa é a marca do quanto caminhamos, embora imagine alcançar o destino, sei dos desvios muito bem. **Instagram**. 8 jul. 2021d. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRFT-j3D731/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

MELO, José Marques de. O ensino de Comunicação: os desafios da sociedade contemporânea. In: MATTOS, S. (Org.). **Comunicação plural**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 17-31.

MELO, José Marques de. Prefácio. In: MELO, José Marques de (Org.). **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008a, p. 7-9.

MELO, José Marques de. Introdução: o campo da comunicação no Brasil. In: MELO, José Marques de (Org.). **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008b, p. 11-20.

MELO, José Marques de. Pedagogia da comunicação: a construção da via brasileira para formar profissionais competentes. In: MELO, José Marques de (Org.). **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008c, p. 37-62.

MENDA, Eliezer Castiel. **Entrevista temática concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Teresina-PI, 2020.

MENDES, Zózimo Tavares. **Retalhos de memória**: gênese do curso de Comunicação da UFPI. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de transformação. In: NÓVOA, António (Org.). **Vida de professores**. Porto-PT: Porto Editora, 1995, p. 111-140.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOURA, Adriana Borges Ferro. **(Re) conhecimento da experiência**: reflexões docentes sobre os caminhos que se entrelaçam com o fazer do professor bacharel na educação superior. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan.-jun. 2014.

MOURA, Marx Rodrigues de. **Honra ao mérito UESPI 1 – despedida da professora Eunice**. Picos, 2007.

MUÑOZ, Juan José Pujadas. **El método biográfico**: el uso de las historias de vida en ciencias sociales. Madrid, Espanha: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1992.

NEPEC – NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO. “Professor Laerte Magalhães, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estratégias de Comunicação (Nepec) reconhece e agradece o seu empenho e a sua dedicação em prol da formação de profissionais mais críticos e de uma educação pública de qualidade. Os seus ensinamentos marcaram a vida de todos aqueles que puderam aprender diversas lições com você. Lições essas que não se restringem apenas à Academia, mas que são base para nossas vidas” Instagram. 16 jul. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRZcCv7DHv/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

NOGUEIRA, Teresinha de Jesus Araújo Magalhães. **Educação superior no extremo sul piauiense (1986 - 2005)**: história e memória. 2006. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

NOGUEIRA, Teresinha de Jesus Araújo Magalhães; FERRO, Maria do Amparo Borges. História da Universidade Estadual do Piauí: origem e expansão. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação, 2013, Cuiabá-MT. **Anais [...]** Cuiabá, 2013. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/HISTORIA%20DA%20UNIVERSIDADE%20ESTADUAL%20DO%20PIAUI.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2020.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NÓVOA, António. Os professores e sua história de vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vida de professores**. Porto-PT: Porto Editora, 1995, p. 11-30.

NÓVOA, António. O passado e presente dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Porto-PT: Porto Editora, 1999, p. 13-34.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa-PT: Educa, 2002.

NUNES, Jônathas de Barros. **Entrevista de história oral temática concedida a Mayara Sousa Ferreira**. Plataforma Google Meet, 2020.

O GANCHO. Teresina-PI: Universidade Estadual do Piauí, ano 18, n. 29, capa, nov. 2018a.

O GANCHO. Teresina-PI: Universidade Estadual do Piauí, ano 18, n. 30, capa, dez. 2018b.

OLIVEIRA, Cláudia Brandão de. **Entrevista temática concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Skype, 2020.

PACHECO, José Augusto; FLORES, Maria Assunção. **Formação e avaliação de professores**. Porto: Porto Editora, 1999.

PIAUI. Lei n. 4.230, de XX de XX de 1988. Autoriza o Poder Executivo a criar as condições necessárias à instalação e ao regular funcionamento da Universidade Estadual do Piauí. **Diário Oficial do Estado do Piauí**, Teresina, PI, 3 ago. 1988.

PIAUI. Lei nº 4.619, de 21 de setembro de 1993. Dispõe sobre a criação dos Campi Avançados da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, cria cargos efetivos e em comissão e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Piauí**. Teresina, PI. Disponível em: <https://www.uespi.br/prad/arquivos/floriano/lei%20N%204.619.pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.

PIAUI. **Decreto nº 12.255**. Reconhece, pelo período de 05 (cinco) anos, Curso de Bacharelado em Comunicação Social, com habilitações em Jornalismo e Relações Públicas, ministrado pela UESPI, no campus Torquato Neto, em Teresina. Teresina, 19 jun. 2006a. Disponível em: <http://legislacao.pi.gov.br/legislacao/default/ato/12406> . Acesso em: 7 jun. 2021.

PIAUÍ. **Decreto nº 12.256**. Reconhece, pelo período de 05 (cinco) anos, Curso de Bacharelado em Comunicação Social, com habilitações em Jornalismo e Relações Públicas, ministrado pela UESPI, no campus de Picos. Teresina, 19 jun. 2006b. Disponível em: <http://legislacao.pi.gov.br/legislacao/default/ato/12451> . Acesso em: 5 mai. 2021.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. *In*: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012a, p. 20-62.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In*: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012b, p. 15-38.

PINHEIRO FILHO, Celso. **História da imprensa no Piauí**. Teresina-PI: Academia Piauiense de Letras, 1972.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre a educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 2010.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 8 jun. 2015.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941>. Acesso em: 30 abr. 2012.

RÊGO, Ana Regina. **Imprensa Piauiense: atuação política no século XX**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2001.

REZENDE, Guilherme Jorge de. O plantador de utopias: a vida e a obra de Juan Diaz Bordenave. **Comunicação e sociedade**, n. 25, 1996. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/8019> . Acesso em: 20 jul. 2021.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 15. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al]. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

RIOUX, Jean-Pierre. A memória colectiva. *In*: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 307-334.

RODRIGUES, Ângela; ESTEVES, Manuela. **A análise das necessidades na formação de professores**. Portugal: Porto Editora, 1993.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1999.

SAID, Gustavo. **Comunicações no Piauí**. Teresina-PI: Academia Piauiense de Letras, 2001.

SANTANA, Maria Sousa. **Sarau UESPI**. Picos-PI 2011a.

SANTANA, Maria Sousa. **Manifestações UESPI**. Picos, 14 out. 2011b. **Facebook**: Maria Santana. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=204333606303870&set=a.204330986304132>.
 Acesso em 20 out. 2021.

SANTANA, Maria Sousa. Manifestações UESPI. Picos, 14 out. 2011c. **Facebook**: Maria Santana. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=204333609637203&set=a.204330986304132>.
 Acesso em 20 out. 2021.

SANTANA, Maria Sousa. Manifestação. Picos, 19 ago. 2012a. **Facebook**: Maria Santana. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=370921639645065&set=a.370901349647094>.
 Acesso em 20 out. 2021.

SANTANA, Maria Sousa. Manifestação. Picos, 19 ago. 2012b. **Facebook**: Maria Santana. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=370931346310761&set=a.370901349647094>.
 Acesso em 20 out. 2021.

SAVIANI, Demerval. A expansão do ensino superior no Brasil: mudanças e continuidades. **Póiesis Pedagógica**, v. 8, n. 2, ago./dez. 2010, p. 4-17.

SAVIANI, Demerval. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Revista Germinal**, v. 7, n. 1, 2015.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Danielly Kelly Duarte e. **Os jornalistas “de batente” e a busca pelo diploma acadêmico**: um estudo sobre esses profissionais durante os doze anos do curso de Comunicação Social na UESPI de Picos. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Universidade Estadual do Piauí, Picos-PI, 2014.

SILVA, Danielly Kelly Duarte e. **Curso de Relações Públicas na UESPI de Picos**: onde estão os egressos?. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas) – Universidade Estadual do Piauí, Picos-PI, 2015.

SILVA, Elias Machado. Jornalismo. In: MELO, José Marques de. **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008, p. 91-105.

SILVA, Mateus Milton. **Prédio próprio da UESPI/CPBA, no bairro Altamira**. Picos, 2020.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: INTERCOM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

SOLON, Daniel Vasconcelos. É luta!. **Instagram**. 11 nov. 2019b. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BxfZgzmlgoB/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

SOLON, Daniel Vasconcelos. **Entrevista de história oral temática concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Skype, 2020a.

SOLON, Daniel Vasconcelos. Arquivo pessoal de Daniel Vasconcelos Solon. [s/l], 2020b.

SOLON, Daniel Vasconcelos. **Entrevista de história oral de vida concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Google Meet, 2021a.

SOLON, Daniel Vasconcelos. **Roda de conversa Histórias com Café realizada por Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Google Meet, 2021b.

SOLON, Daniel Vasconcelos. Currículo Lattes. **Plataforma Lattes**, [s/l], 17 mar. 2021c. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do>. Acesso em: 22 mar. 2022.

SOLON, Daniel Vasconcelos. Já são três meses sem você. Que bom ter sua visita em meus sonhos. Sinto sua falta. Hoje você faria 85 anos. Saudades, pai. #tbt Foto de 1980 (+ ou -), com meu pai, Luís, e meu irmão, Fernando. Eu, com a domingueira roupa de marinho. **Instagram**. 11 nov. 2021d. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CWH2DX3DfQJ/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

SOLON, Daniel Vasconcelos. Dia de agradecer. Dia de me despedir. Obrigado por tudo, pai. **Instagram**. 8 ago. 2021e. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CST1eT0rNpb/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

SOLON, Daniel Vasconcelos. #tbt Aula de campo com estudantes de jornalismo da Uespi. Um dia em uma ocupação de famílias sem-teto em Teresina. #comunicação #comunicacaocomunitaria #uespi **Instagram**. 11 mar. 2021f. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMS1vO5Dp6g/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

SOUSA, Evandro Alberto de. **Entrevista de história oral temática concedida a Mayara Sousa Ferreira**. Plataforma Google Meet, 2020.

SOUSA, Evandro Alberto de. **Roda de conversa Histórias com Café realizada por Mayara Sousa Ferreira**, Plataforma Google Meet, 2021a.

SOUSA, Evandro Alberto de. Currículo Lattes. **Plataforma Lattes**, [Teresina], 19 set. 2021b. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do>. Acesso em: 22 mar. 2022.

SOUSA, Evandro Alberto de. Início da minha trajetória escolar, no Colégio Francisco Santos, em Picos. Um estudante raiz. Estudar sempre foi minha vocação, tanto que me tornei professor, um eterno aprendiz, profissão da qual eu tenho orgulho e exerço com dedicação e amor. Feliz dia do estudante pessoal!. **Instagram**. 11 ago. 2021c. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSdHbAas80R/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

SOUSA, Evandro Alberto de. Dos tempos de estudante de Jornalismo na UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. Tempo de aprendizagem. Desde aquela época a gente já sabia a importância do ensino em transformar vidas. **Instagram**. 29 abr. 2021d. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COQeNHFBV6a/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

SOUSA, Evandro Alberto de. #tbt diretamente dos meus primeiros anos na @uespioficial, em 2003, quando eu atuava como coordenador e professor. **Instagram**. 29 jul. 2021e. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CR6_4kxhqZI/. Acesso em: 28 mar. 2022.

SOUSA, Evandro Alberto de. Currículo Lattes. **Instagram**. 16 dez. 2021f. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CXjbTHhp0S4/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

SOUSA FILHO, José Pereira de. **Roberto Cabrini e J. Pereira de Sousa Filho no I SEJOPI**. Picos, 2003.

SOUSA FILHO, José Pereira de. **Entrevista de história oral temática concedida a Mayara Sousa Ferreira**, Picos-PI, 2019.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A escola e a memória**. Bragança Paulista: IFAN-CDAPH. Editora da Universidade São Francisco/EDUSF, 2000.

TAJRA FILHO, Jesus. In: SENA, Yala. Grupo Cidade Verde chega em Picos para fazer história. **Cidadeverde.com**. Teresina, PI, 24 abr. 2022. Disponível em: <https://cidadeverde.com/noticias/366978/grupo-cidade-verde-chega-em-picos-para-fazer-historia>. Acesso em: 30 jun. 2022.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, Eunice. Foto tirada na UESPI, no dia 24 de junho de 2007, na inauguração dos laboratórios de Comunicação Social, Ciências Contábeis e Informática. Da direita para esquerda: A ex-reitora, Oneide Rocha; o Reitor, Carlos Alberto; Eunice Teixeira; A coordenadora de Ciências Contábeis, Socorro Pinheiro; e o Deputado Federal, Nazareno Fonteles, autor das emendas parlamentares que custearam os laboratórios. Picos, 18 abr. 2013. **Facebook**: Eunice Teixeira. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo?fbid=180974508719484&set=a.180974448719490>. Acesso em: 17 jun. 2020.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. Conselho Universitário da Universidade Estadual do Piauí – CONSUN. **Resolução 38/2001 de 29 de outubro de 2001**. Teresina-PI: Conselho Universitário, 2001.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social – habilitações Jornalismo e Relações Públicas.** Aprovado: res. XX/ Conselho Tal. Teresina -PI: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2005.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. Curso de Comunicação Social – Jornalismo e Relações Públicas. **Ofício 43/07.** Picos, PI: Curso de Comunicação Social – Jornalismo e Relações Públicas, 21 de agosto de 2007a. Sem assunto.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Caderno do vestibular 2008.** Teresina, PI: UESPI, 2007b.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Caderno do vestibular 2009.** Teresina, PI: UESPI, 2008.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social – habilitações Jornalismo e Relações Públicas.** Aprovado: res. XX/ Conselho Tal. Teresina -PI: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2012.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social – habilitações Jornalismo e Relações Públicas.** Aprovado: res. XX/ Conselho Tal. Teresina -PI: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2013.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social – habilitações Jornalismo e Relações Públicas.** Aprovado: res. XX/ Conselho Tal. Teresina -PI: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2015.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social – habilitações Jornalismo e Relações Públicas.** Aprovado: res. XX/ Conselho Tal. Teresina -PI: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2016.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Foto semana audiovisual.** Teresina, 2015. Disponível em: <https://www.uespi.br/site/?p=85331>. Acesso em: 4 out. 2021.

UESPI – UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. **Foto fachada da Uespi.** Teresina, 2020. Disponível em: <https://www.uespi.br/site/?p=138407>. Acesso em: 30 jun. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Ato da Reitoria 935/83** de 16 de novembro de 1983. Teresina: Reitoria, 1983a.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Conselho Universitário. **Resolução 001/83 de 25 de novembro de 1983.** Autoriza o funcionamento dos cursos de Ciências Sociais e Comunicação Social. Teresina: Conselho Universitário, 1983b.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução 009/88 de 15 de setembro de 1988.** Teresina-PI: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 1988.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Conselho Universitário da UFPI. **Resolução 010/90 de 4 de setembro de 1990.** Teresina-PI: Conselho Universitário da UFPI, 1990.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução 41/06 de 6 de abril de 2006**. Teresina-PI: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2006.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução 002/2010 de 6 de janeiro de 2010**. Teresina-PI: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2010a.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução 113/2010 de 28 de junho de 2010**. Teresina-PI: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2010b.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Regimento interno do Programa de Pós-Graduação em Comunicação**. Teresina-PI: Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2014a.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Curso de Comunicação Social da UFPI comemora 30 anos. **Site institucional Universidade Federal do Piauí**. Teresina, PI, 30 out. 2014b. Disponível em: <https://www.ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/6905-curso-de-comunicacao-social-da-ufpi-comemora-30-anos> . Acesso em: 20 jul. 2021.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. **Site institucional Universidade Federal do Piauí**. Teresina, PI, 11 out. 2017. Disponível em: : <https://www.ufpi.br/sobre-picos>. Acesso em: 22 jun. 2019.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Abertura do II Encontro Nacional de Discurso, Identidade e Subjetividade**. Teresina, 2017. Disponível em: <https://ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/17745-abertura-do-ii-encontro-nacional-de-discurso-identidade-e-subjetividade> . Acesso em 4 out. 2021.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Lançamento do livro “Economia Política do Jornalismo” durante o SALIPI 2017. **Site institucional Universidade Federal do Piauí**. Teresina, PI, 30 out. 2014b. Disponível em: <https://www.ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/18480-lancamento-do-livro-economia-politica-do-jornalismo-durante-o-salipi-2017>. Acesso em: 28 mar. 2022.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Corpo docente Departamento de Comunicação Social, c2022. **SIGAA UFPI**. Disponível em: <https://sigaa.ufpi.br/sigaa/public/departamento/professores.jsf?id=175>. Acesso em: 14 jun. 2022.

UFPI – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. UFPI começa novo período da graduação nesta segunda-feira (22), mas só com aulas remotas. **Site institucional UFPI**, 2021. Disponível em: <https://ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/40014-ufpi-comeca-novo-periodo-da-graduacao-nesta-segunda-feira-22-mas-so-com-aulas-remotas> . Acesso em: 23 ago. 2021.

UNIFACID. **Conheça todos os cursos**, c2021. Disponível em: <https://matriculas.unifacid.com.br/descobrir>. Acesso em: 9 jul. 2021.

UNINASSAU. **CST Marketing**, c2021a. Disponível em: https://vestibular.uninassau.edu.br/PS_Nassau/curso/57/978/1/cst-marketing/Parna%C3%ADba-PI. Acesso em: 9 jul. 2021.

UNINASSAU. **Jornalismo**, c2021b. Disponível em: https://vestibular.uninassau.edu.br/PS_Nassau/curso/64/1616/1/jornalismo/Parna%C3%ADba-PI. Acesso em: 9 jul. 2021.

UNINASSAU. **CST Marketing**, c2021c. Disponível em: https://vestibular.uninassau.edu.br/PS_Nassau/curso/57/4054/1/cst-marketing/Teresina-PI. Acesso em: 9 jul. 2021.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 29-59; 221-239.

VELOSO, Otávio. **Colação de grau da turma de Comunicação Social – Jornalismo**. Picos-PI, 2010.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro**: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017a.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017b.

WARSCHAUER, Cecília. **Entre na roda!** A formação humana nas escolas e nas organizações e o registro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017c.

APÊNDICES

APÊNDICE B – Carta-convite aos professores para participação na pesquisa-formação

Picos, 19 de janeiro de 2021

Cara professora,

Meu nome é Mayara, sou doutoranda em Educação pela UFPI, estou desenvolvendo investigação sobre a formação de professores de Jornalismo e gostaria de convidá-la para participar desta pesquisa-formação como colaboradora.

Estudo narrativas (auto)biográficas sobre trajetórias de formação docente no intento de entender também as práticas educativas na história e memória dos cursos de Bacharelado em Jornalismo das instituições públicas do Piauí. A proposta da pesquisa em andamento é interpretar as narrativas (auto)biográficas das professoras jornalistas como ferramentas para compreensão dos processos formativos e das práticas educativas no contexto da história da educação e do ensino de jornalismo piauiense.

Para tanto, proponho realizar rodas de conversa e trabalhar com entrevista biográfica. As rodas de conversa serão realizadas em, pelo menos, duas oportunidades, de forma remota, por meio de plataforma de videoconferência, com intervalos de 30 a 45 dias em média, entre uma roda e outra. Já a entrevista biográfica será realizada individualmente, antes da primeira roda, até para estimular cada uma a refletir sobre sua trajetória de vida e de formação, antes do encontro coletivo.

Assim, te convido a participar de nossas rodas e registros e a refletir sobre a realidade que partilhamos no percurso do ser/fazer professora de Jornalismo no Piauí. Caso considere pertinente, colocamo-nos a disposição para esclarecer dúvidas. Para declarar o aceite, peço que responda este e-mail.

Antecipadamente, agradeço a disponibilidade e interesse em participar da nossa pesquisa-formação sobre o nosso campo de atuação, a docência em Jornalismo no território piauiense.

Cordialmente,

Mayara S. Ferreira

APÊNDICE B – Síntese da proposta de pesquisa-formação



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO



SÍNTESE DA PROPOSTA DE PESQUISA-FORMAÇÃO

1 TEMA

HISTÓRIA E MEMÓRIA DO ENSINO DE JORNALISMO NO PIAUÍ: narrativas (auto)biográficas de professores sobre a formação docente e as práticas profissionais.

2 DELIMITAÇÃO

A proposta de investigação do meu doutorado se refere a histórias de vida de professoras jornalistas no contexto da historiografia do ensino de Jornalismo no Piauí. Pretendo entender não apenas relatos biográficos, mas suas relações sociais nos grupos de referência, uma vez que as trajetórias de formação estão circunscritas na história da educação.

A pesquisa (auto)biográfica faz uso da memória, de forma dependente, ainda que se utilize de outras fontes, como documentos diversos. Assim, a ideia é estimular a evocação dessas memórias em rodas de conversa de professoras jornalistas, assim como por meio de entrevista biográfica individual. Por se tratar de momentos de estímulo à reflexão acerca das trajetórias de vida das colaboradas da pesquisa, esta investigação se trata de uma pesquisa-formação.

Assim, propomos estudar sobre como as memórias ajudam a produzir história na perspectiva educacional, especialmente da educação superior, e como, ao longo da trajetória formativa de cada docente, as práticas podem ser articuladas ao fazer histórico do ensino de jornalismo.

Procuramos, então, estudar histórias de vida de professoras que atuam nos cursos de Jornalismo de instituições públicas do Piauí, nesse caso, a Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Estadual do Piauí (UESPI), a partir das memórias individuais constituídas na sua formação, com consequências às suas práticas profissionais.

2 PROBLEMA

De que forma as narrativas autobiográficas de professoras jornalistas se constituem como ferramentas para compreensão de processos formativos e práticas educativas na história do campo do jornalismo piauiense?



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO



3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Interpretar as narrativas (auto)biográficas de professoras jornalistas como ferramentas para compreensão dos processos formativos e das práticas educativas no contexto da história da educação e do ensino de jornalismo piauiense.

3.2 Objetivos específicos

- Analisar narrativas (auto)biográficas das professoras jornalistas que atuam ou atuaram no território piauiense de 1984 a 2020;
- Verificar como se deu o processo formativo das bacharelas em Comunicação Social que atuam na docência;
- Relacionar as narrativas (auto)biográficas das professoras jornalistas com elementos da história e memória da educação e do ensino de jornalismo no Piauí;
- Descrever aspectos das práticas educativas das professoras jornalistas e suas implicações na criação e consolidação do curso nas universidades públicas piauienses.

4 METODOLOGIA

A investigação se dará sobre as histórias de vida das professoras de Jornalismo do Piauí, pelo método (auto)biográfico, com entrevistas biográficas, e rodas de conversa com as educadoras. A utilização do método (auto)biográfico na pesquisa narrativa, assim como da história oral, valoriza o ser humano como objeto de estudo. Ambos trabalham com relatos memorialísticos.

Nessa etapa, realizaremos **entrevistas biográficas e rodas de conversa** com um total de seis professoras, dois de cada curso, na intenção de conhecer suas histórias de vida, suas trajetórias formativas e suas práticas profissionais.

Vale ressaltar que o estudo não trará riscos à vida das colaboradoras. As chances são mínimas de desconforto e/ou constrangimento, em relação a algumas perguntas que serão feitas para coleta dos dados. Contudo, a entrevista será conduzida de forma dialógica e ética, de modo que as deixe seguras para responder ou se abster.

As entrevistas e as rodas serão realizadas por plataformas de comunicação digital e gravadas para registro da coleta de dados e posterior análise. Esse é o melhor formato,



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO



considerando o momento que vivenciamos e o contexto de pandemia. Após isso, será feita a transcrição e devolução do material para apreciação, validação e autorização sobre o que poderá ser analisado e divulgado. As informações estarão à disposição de cada uma.

Se houver consentimento, os nomes poderão ser divulgados como fonte histórica oral no trabalho, uma vez que entendemos que os sujeitos da história são testemunhas, portanto, é importante dar visibilidade a quem vivenciou o período em estudo, uma vez que se trata de uma pesquisa cuja abordagem se refere à história cultural. A ideia é de que seu depoimento integre o acervo de pesquisa da autora, mas também esteja disponível como um acervo público de memória dos cursos de Jornalismo no Piauí, nas universidades públicas.

Além disso, cada uma ~~poderá~~ retirar o consentimento de participação da pesquisa a qualquer momento, sem ~~prejuízos~~, penalidades ou benefícios. Ressaltamos que a investigação é isenta de custos à participante, do mesmo modo em que não implicará em remuneração à mesmo. Todas essas informações constarão no Termo de Consentimento Livre Esclarecido, que será enviado àquelas que concordarem com a participação na pesquisa-formação.

5 CRONOGRAMA

- **Previsão de realização da entrevista biográfica com cada colaboradora:** fevereiro/2021, em dia agendado conforme disponibilidade da participante.
- **Previsão de realização da primeira roda de conversa:** 5 de março de 2021, no horário de 18 horas.
- **Previsão de realização da segunda roda:** 8 de abril de 2021, no horário de 18 horas.

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre Esclarecido



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA HUMANA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa denominada **“HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO ENSINO DE JORNALISMO NO PIAUÍ: narrativas (auto)biográficas de professores sobre a formação docente e as práticas profissionais”**. Esta pesquisa está sob a responsabilidade da pesquisadora Mayara Sousa Ferreira, sob orientação da professora doutora Maria do Amparo Borges Ferro, ambas do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí, e tem como objetivos compreender o processo de formação dos professores de Jornalismo para o desenvolvimento da prática profissional, ao longo de suas histórias e memórias de vida; verificar o percurso formativo dos professores que atuam nos cursos de Bacharelado em Jornalismo das universidades públicas piauienses; identificar como os investimentos em formação continuada desses profissionais bacharéis podem ajudar no exercício da profissão docente; entender a relação das histórias de vida dos professores de Jornalismo do Piauí com a história dos cursos de Jornalismo das universidades estadual e federal do Piauí. Esta pesquisa tem por finalidade relacionar as histórias de vida dos docentes com as memórias coletiva e a história dos cursos de Jornalismo das universidades onde atuam, de modo a refletir sobre as implicações para a prática profissional, e pode trazer benefícios aos colaboradores, no sentido de oportunizá-los a colaborar com o registro da história e memória dos cursos de Jornalismo do Piauí e/ou com a reflexão acerca da formação e das práticas docentes, podendo, a partir disso, contribuir para melhorias aplicadas à profissão. Neste sentido, solicitamos sua colaboração mediante a assinatura desse termo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante. Após seu consentimento, assine todas as páginas e ao final desse documento que está em duas vias. O mesmo, também será assinado pelo pesquisador em todas as páginas, ficando uma via com você participante da pesquisa e outra com o pesquisador. Por favor, leia com atenção e calma, aproveite para esclarecer todas as suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora responsável pela pesquisa através do seguinte telefone – Mayara Sousa Ferreira (86) 9 9819-9114. Se



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA HUMANA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.



mesmo assim, as dúvidas ainda persistirem você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI, que acompanha e analisa as pesquisas científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina –PI, telefone (86) 3237-2332, e-mail: cep.ufpi@ufpi.br; no horário de atendimento ao público, segunda a sexta, manhã: 08h00 às 12h00 e a tarde: 14h00 às 18h00. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Esclarecemos mais uma vez que sua participação é voluntária, caso decida não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo e a pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento.

A pesquisa tem como justificativa a contribuição para a promoção da educação no Estado do Piauí. Conhecendo a atuação e o protagonismo dos docentes dos cursos de educação superior pública em Jornalismo, pretendemos colaborar também com a melhor compreensão da história e memória da educação superior no Piauí e, mais especificamente, da região. Para sua realização serão utilizados os seguintes procedimentos para a coleta de dados: análise documental e entrevistas semiestruturadas e biográficas. As entrevistas serão gravadas para registro da coleta de dados e posterior análise. Após isso, será feita a transcrição e devolução do material para sua apreciação, validação e autorização sobre o que poderá ser analisado e divulgado. As informações estarão a sua disposição. Se houver consentimento, seu nome poderá ser divulgado como fonte histórica oral, dando visibilidade a quem vivenciou o momento em estudo, uma vez que se trata de uma pesquisa cuja abordagem se refere à história cultural. A proposta é que seu depoimento integre o acervo de pesquisa da autora, mas também esteja disponível como um acervo público de memória dos cursos de Jornalismo no Piauí, nas universidades públicas.

Esclareço que esta pesquisa acarreta os seguintes riscos: desconforto e/ou constrangimento em relação a alguma (s) pergunta (s) que será (ão) feita (s) para a coleta dos dados. Porém, isso será contornado pela forma de condução da entrevista, que será realizada de forma dialógica e ética, de modo que lhe deixe seguro/a para responder ou se abster.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmico-



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA HUMANA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.



científicos (divulgação em revistas e em eventos científicos) e os pesquisadores se comprometem a seguir as normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos. E você terá livre acesso as todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você não terá nenhum custo com a pesquisa, e caso haja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido a assistência integral.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente de acordo com os que me foi exposto, eu, _____, declaro que aceito participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Preencher quando necessário

- () Autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos;
- () Não autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação e/ou filmagem.
- () Autorizo apenas a captação de voz por meio da gravação;

Local e data: _____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista temática



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF.
MARIANO DA SILVA NETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO



DOUTORANDA: MAYARA SOUSA FERREIRA
ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA DO AMPARO BORGES FERRO

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

A história oral é uma metodologia que necessita da memória oral como documento. Dessa forma, com as entrevistas, buscaremos rastros e indícios das memórias coletivas dos cursos de Jornalismo do Piauí, a partir das memórias individuais daqueles que estiveram (ou estão) envolvidos, de alguma forma, com tal objeto historiográfico.

As entrevistas com sujeitos participantes ativos desse bacharelado se darão com base no roteiro que segue, a partir de abordagem ~~semi-estruturada~~, com agendamento para realização em dia, horário e local escolhidos pelo colaborador. A partir de então, os dados obtidos e, posteriormente analisados, terão seus nomes identificados, se permitirem, a fim de preservar suas memórias como fontes históricas.

- 1) O que você lembra sobre a implantação do curso de Jornalismo na UESPI/UFPI (como nasceu, a partir de quais demandas, iniciativas, o que influenciou o surgimento)?
- 2) Fale o que você sabe sobre os primeiros anos após a implantação do curso nesta(s) instituição(ões) piauiense(s).
- 3) Narre suas impressões sobre o que considera ter sido marcante no desenvolvimento do campo acadêmico do jornalismo piauiense.
- 4) Você recorda se existiram (e como foram) os períodos de grande dificuldade desse curso de graduação?
- 5) Fale sobre como eram organizados o currículo, as disciplinas, as formas de ensinar e aprender jornalismo.
- 6) Quais são as lembranças mais recentes que você tem sobre o curso?
- 7) Como está o curso de Jornalismo dessa instituição na contemporaneidade? (pergunta àqueles que ainda fazem parte da história do curso hoje)

APÊNCIDE E – Roteiro de entrevista biográfica



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO
DA SILVA NETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO
DOUTORANDA: MAYARA SOUSA FERREIRA
ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARIA DO AMPARO BORGES FERRO



ROTEIRO DA ENTREVISTA BIOGRÁFICA

1) Conte para mim sua **história de vida**.

Se, necessário:

- Narre sobre seu **encontro com a docência** (motivações).
- Durante sua história de vida, quais **investimentos** realizou para formar-se professor?
- Que experiências marcam **momentos de transformação** na sua vida e, portanto, na trajetória docente?

2) Como sua formação contribui para o desenvolvimento de suas **práticas educativas**?

3) Como a sua história com o Jornalismo se encontra com a **história do ensino** de Jornalismo piauiense?

APÊNDICE F – Carta de cessão de direitos autorais



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA HUMANA
CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

_____ (local e data)

Eu, _____
(nome), _____ (estado civil), R.G. _____ (documento de
identidade), declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada,
transcrita, textualizada e transcrita para Mayara Sousa Ferreira, pesquisadora do projeto
intitulado **“HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO ENSINO DE JORNALISMO NO
PIAUÍ: narrativas (auto)biográficas de professores sobre a formação docente e as
práticas profissionais”**, vinculado à Universidade Federal do Piauí, usá-la integralmente
ou em partes, sem restrições de prazos e citações. Da mesma forma, autorizo o acesso e
uso a terceiros, ficando vinculado ao controle da instituição, que tem a guarda da mesma.

Assim, abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente,
que terá firma reconhecida em cartório.

(Em caso de limitações, descrever quais sejam)

Assinatura do colaborador

APÊNDICE G – Pensando o diário da roda

Diário da roda

9 de março de 2021

Caros profs/profas,

Em primeiro lugar, muito obrigada!

A metodologia Roda & Registro, de Cecília Warschauer (coleção de livros publicados em 2017), é a base para as nossas rodas e para este diário. Este espaço servirá como complementação, ou melhor, continuidade ao processo formativo que iniciamos nas entrevistas de história oral de vida e na roda de conversa.

É preciso pensar durante cada um desses procedimentos. E depois também. Estamos nos conduzindo a um processo de tomada de consciência do percurso, sobretudo enxergando com clareza e compartilhando aquilo que foi significativo, que foi formador, que ajudou a gerar os profs que somos hoje.

Demanda tempo, disponibilidade, atenção, que eu jamais poderei pagar ou devolver a cada participante. Por isso, em primeiro lugar, agradeço sua dedicação e contribuição valiosas a esta pesquisa-formação.

Como usar o diário

Caracterizado como um lugar de registros pessoais, profissionais e gerais, um diário pode contribuir com a construção de vestígios da nossa história, aguçar a rememoração de episódios, pessoas, lugares e também estimular a reflexão e a autoformação. Este aqui será resultado de uma construção coletiva, feita a 14 mãos (seis colaboradores e a pesquisadora, que é também sujeito da pesquisa).

Após cada roda, começando agora, vou colocar um estímulo à participação de vocês, mas não precisa ficar só nisso, se não quiser, ok? Vale relatar seu olhar sobre as temáticas discutidas, mas também suas impressões sobre nossa entrevista e roda, além de qualquer coisa que considere importante.

Ao organizarmos nossas ideias por meio da redação, tendemos a refletir sobre elas, a avaliá-las e, conseqüentemente, a melhorar a nossa prática. Reflexões por meio da escrita. Escrita para reflexão. Para usar, seja livre na formatação e no estilo (fontes, cores, tamanho, textos, fotografias e registros outros que possam colaborar), sem esquecer de adicionar sempre o local e a data do registro, assim como a assinatura de quem fez.

Com atenção,

Mayara S. Ferreira

APÊNDICE H – Estímulo 1 à participação no diário

Estímulo à continuidade das *Histórias com café*

A roda de conversa *Histórias com café* foi longa, profunda e rendosa. O plano era trabalhar com três questões (*Quem é você? Por que se tornou prof/profa? O que foi formador pra você?*). Só na primeira, demoramos cerca de 90 minutos. Introduzido o segundo tópico, mais 90 minutos se passaram rapidamente, quase despercebidos, em meio à escuta, envolvimento, expressividade de cada um, naquele vai e vem próprio de uma roda. Terminamos exaustos. Eu, especialmente, contente com o que vi e do que participei.

A terceira questão veio pra cá.

O que foi formador para você?

As histórias de vida foram compartilhadas, o "quem somos" e "porque somos". Agora, pensemos sobre as construções, sobre processos, experiências, acontecimentos, estratégias, que nos ajudaram na formação como professores/as ao longo da nossa trajetória. Encontre liberdade para refletir como quiser, abaixo deste tópico, sem esquecer de datar, localizar e assinar a contribuição.

=====

APÊNDICE I – Estímulo 2 à participação no diário

27 de abril de 2021

Caros profs/profas,

Acima de tudo, obrigada!

Vivemos tempos difíceis, muito difíceis. A exaustão e a sobrecarga, especialmente para nós, professores e sempre estudantes, pesam sobre nossos ombros, depois de 13 meses de pandemia e de muitas mudanças nos modos de viver, ensinar e aprender. O desgaste mental não é incomum, especialmente nesse momento.

Eu sei do esforço de cada um de vocês para colaborar com nossa pesquisa, reconheço também as dificuldades que permeiam o caminho. Pelas participações, pelas reflexões, pela solicitude, pelas contribuições, pela atenção, pelas mudanças e adaptações metodológicas, por tudo isso e acima de tudo, muito obrigada!

Mayara S. Ferreira

Estímulo 2 à continuidade das *Histórias com café*

O que foi planejado para a segunda roda de conversa, *Café sobre práticas*, se transformou numa reflexão aqui, nesse diário, e em reflexões no que eu chamaria de mini-rodas, entre mim e um participante por vez, segundo sua disponibilidade. Neste diário, a reflexão, seja por meio da escrita, áudios, vídeos, se amplia como processo de pesquisa e de formação.

A questão planejada para fecharmos a última etapa é única. Fique à vontade para pensar, falar, escrever, usando o formato que preferir (áudio, vídeo, texto escrito).

Como a sua formação se relaciona às práticas educativas na sua trajetória como docente?

Seja livre para refletir como quiser, abaixo deste tópico, sem esquecer de datar, localizar e assinar a contribuição.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer consubstanciado do comitê de ética em pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO ENSINO DE JORNALISMO NO PIAUÍ: narrativas (auto)biográficas de professores sobre a formação docente e as práticas profissionais

Pesquisador: MAYARA SOUSA FERREIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 37058120.8.0000.5214

Instituição Proponente: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.317.173

Apresentação do Projeto:

O interesse em discutir sobre história e memórias acentua-se na sociedade atual (BURKE, 2008; LE GOFF, 2013). Isso acontece, segundo Le Goff (2013), porque é evidente a possibilidade de ocorrerem flutuações decorrentes das construções sociais, além do risco de intervenção sobre aquilo que pode, ou não, ficar conservado como vestígio mnemônico e, quiçá, historiográfico de uma coletividade. Tal preocupação nos leva a considerar a necessidade de realizar estudos sob a perspectiva histórica e, por sua vez, memorialística, sobretudo no campo educacional, por possibilitar reconhecer os processos e práticas educativas de determinadas sociedades, ponderando sobre suas contribuições em tempo e espaço. Nesse âmbito, a investigação sobre histórias de vida de professores avança no contexto da historiografia em geral, no ímpeto de entender não apenas relatos biográficos, mas suas relações sociais nos grupos de referência. Tais histórias de vida estão circunscritas na história da educação. Segundo Sacristán (1995), a atividade docente carrega aspectos subjetivos do professor, ou seja, "[...] a actividade docente não é exterior às condições psicológicas e culturais dos professores", toda a sua prática influenciada pela sua cultura, pelas suas experiências, pela sua maneira de pensar e ver as coisas. Portanto, faz-se necessário conhecer suas histórias de vida e trajetórias formativas para compreender suas práticas. A pesquisa (auto)biográfica faz uso da memória, de forma dependente, ainda que se utilize de outras fontes, como documentos diversos. Os educadores fazem uso de suas lembranças para retomarem suas trajetórias formativas. Sendo assim, com esta pesquisa, interligaremos as

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

UF: PI

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ulpi@ulpi.edu.br



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



Continuação do Parecer: 4.317.173

linhas de formação de professores e história da educação. Desse modo, convém ressaltar que o estudo da história se refere à reconstrução social dentro de um espaço e de um tempo limitados. Por outro lado, as memórias coletiva e histórica abarcam acontecimentos vivenciados por uma coletividade, como lugar de recorrência ao passado (HALBWACHS, 2006). Ambas, história e memórias, constituem-se, através de construções contínuas e seletivas. O que queremos realçar, portanto, são as memórias individuais dos docentes para entender como o processo formativo interfere nas suas práticas profissionais. De toda forma, trabalharemos com as memórias da educação, ligando à historiografia das instituições de educação onde esses professores atuam e se constroem. "A história da educação é um discurso científico sobre o passado educacional, nas suas diversas dimensões e acepções, tendendo para uma história total, mas é também memória e paradigma. É memória educacional enquanto preservação, organização e comunicação [...]" (MAGALHÃES, 2005, p. 97). Cabe ao pesquisador tentar entender sua complexidade e, ao mesmo tempo, construir sentido ao pensar e escrever em educação. Assim, propomos pesquisar sobre como as memórias ajudam a produzir história na perspectiva educacional, especialmente da educação superior, e como ao longo da trajetória formativa de cada docente, as práticas podem ser articuladas ao fazer histórico da instituição. A partir de textos e ações de um certo período histórico, cientes de que revelam problemáticas inquietadoras, buscamos o significado das atividades, atentando para as mudanças e refletindo sobre as contribuições de tais práticas e processos ao longo do tempo. Procuramos, então, pesquisar acerca da história de vida de professores que atuam nos cursos de Jornalismo de instituições públicas do Piauí, a partir das memórias individuais constituídas na sua formação, com consequências às suas práticas profissionais. Sendo assim, a pesquisa não se restringirá apenas a elencar fatos e datas, mas possibilitará uma maior compreensão histórico-social dos caminhos e das práticas desses professores.

Propomos duas etapas para a realização dessa pesquisa. A primeira diz respeito a uma pesquisa sobre história do ensino de Jornalismo no Piauí, com uso da história oral, por meio da técnica da entrevista semiestruturada para levantamento de memórias acerca do tema. Sendo assim, como técnica aplicada à história oral, utilizaremos entrevistas semi-estruturadas junto a professores, ex-professores, alunos, egressos, a fim de incitar a recordação de acontecimentos marcantes nas histórias dos cursos de Jornalismo do Piauí e evocar lembranças individuais e coletivas para a construção do processo historiográfico. Na segunda etapa, investigaremos as histórias de vida dos professores de Jornalismo do Piauí, pelo método (auto)biográfico, com entrevistas biográficas, e rodas de conversa com os educadores. A utilização do método (auto)biográfico na pesquisa

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



Continuação do Parecer: 4.317.173

narrativa, assim como da história oral, valoriza o ser humano como objeto de estudo. Ambos trabalham com relatos memorialísticos. Nessa etapa, realizaremos entrevistas biográficas com um total de nove professores, três de cada curso, na intenção de conhecer suas histórias de vida, suas trajetórias formativas e suas práticas profissionais. Também faremos rodas de conversa com os educadores colaboradores da investigação científica. Realizaremos uma análise histórica sobre os documentos oficiais e não-oficiais dos cursos de Jornalismo das instituições públicas do Piauí, tais como resoluções, atas, projetos pedagógicos de curso, planos de curso, relatórios, selecionando material de diferentes períodos ao longo de suas trajetórias enquanto cursos de educação superior, desde a implantação até o presente momento. Também analisaremos documentos pessoais que se relacionem às histórias de vida dos educadores, tais como fotografias, matérias, vídeos. Dessa maneira, empregaremos ainda a técnica da análise de conteúdo categorial sobre os documentos e entrevistas, cuja abordagem também é qualitativa, com a pretensão de melhor organizar a investigação, buscando entender que aspectos foram considerados nas memórias sobre as práticas educativas, identificaremos categorias de análise e avaliaremos o conteúdo dos documentos e das entrevistas, dentro de cada uma.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário:

Compreender o processo de formação dos professores de Jornalismo para o desenvolvimento da prática profissional, ao longo de suas histórias e memórias de vida.

Objetivo Secundário:

Verificar o percurso formativo dos professores que atuam nos cursos de Bacharelado em Jornalismo das universidades públicas piauienses;

Identificar como os investimentos em formação continuada desses profissionais bacharéis podem ajudar no exercício da profissão docente;

Entender a relação das histórias de vida dos professores de Jornalismo do Piauí com a história dos cursos de Jornalismo das universidades estadual e federal do Piauí.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Esta pesquisa tem por finalidade relacionar as histórias de vida dos docentes com as memórias

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



Continuação do Parecer: 4.317.173

coletiva e a história dos cursos de Jornalismo das universidades onde atuam, de modo a refletir sobre as implicações para a prática profissional, e pode trazer benefícios aos colaboradores, no sentido de oportunizá-los a colaborar com o registro da história e memória dos cursos de Jornalismo do Piauí e/ou com a reflexão acerca da formação e das práticas docentes, podendo, a partir disso, contribuir para melhorias aplicadas à profissão.

Esclareço que esta pesquisa acarreta os seguintes riscos: desconforto e/ou constrangimento em relação a alguma (s) pergunta (s) que será (ão) feita (s) para a coleta dos dados. Porém, isso será contornado pela forma de condução da entrevista, que será realizada de forma dialógica e ética, de modo que lhe deixe seguro/a para responder ou se abster.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de investigação em História da Educação para o doutoramento da pesquisadora. A pesquisa está fundamentada em conformidade com a temática discutida e propõe metodologia adequada. É importante para o campo de estudo e para a compreensão do fenômeno de um modo geral.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos foram anexados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que todos os termos de apresentação obrigatória foram anexados e por não haver pendência somos de parecer favorável a aprovação do projeto, estando apto a dar continuidade da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado.

Diante do exposto, a Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação protocolo de pesquisa.

Solicita-se que seja enviado ao CEP/UFPI/CMPP o relatório parcial e o relatório final desta pesquisa. Os modelos encontram-se disponíveis no site: <http://ufpi.br/cep>

1* Em atendimento as Resoluções CNS nº 466/2012 e 510/2016, cabe ao pesquisador responsável pelo presente estudo elaborar e apresentar ao CEP RELATÓRIOS PARCIAIS (semestrais) e FINAL. O

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

UF: PI

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



Continuação do Parecer: 4.317.173

relatório deve ser enviado pela Plataforma Brasil em forma de "notificação";

2* Qualquer necessidade de modificação no curso do projeto deverá ser submetida à apreciação do CEP, como EMENDA. Deve-se aguardar parecer favorável do CEP antes de efetuar a/s modificação/ões.

3* Justificar fundamentadamente, caso haja necessidade de interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

4* O Comitê de Ética em Pesquisa não analisa aspectos referentes a direitos de propriedade intelectual e ao uso de criações protegidas por esses direitos. Recomenda-se que qualquer consulta que envolva matéria de propriedade intelectual seja encaminhada diretamente pelo pesquisador ao Núcleo de Inovação Tecnológica da Unidade.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1603985.pdf	27/08/2020 20:34:44		Aceito
Outros	roteiro_entrevista_semiestruturada.pdf	27/08/2020 20:33:55	MAYARA SOUSA FERREIRA	Aceito
Outros	roteiro_de_entrevista_biografica.pdf	27/08/2020 20:29:15	MAYARA SOUSA FERREIRA	Aceito
Orçamento	Orcamento_de_pesquisa.pdf	31/07/2020 16:10:43	MAYARA SOUSA FERREIRA	Aceito
Outros	carta_de_encaminhamento.pdf	31/07/2020 16:09:28	MAYARA SOUSA FERREIRA	Aceito
Outros	termo_de_confidencialidade.pdf	31/07/2020 16:09:02	MAYARA SOUSA FERREIRA	Aceito
Outros	termo_de_autorizacao_domicilio.pdf	31/07/2020 16:05:41	MAYARA SOUSA FERREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_uespi_picos.pdf	31/07/2020 16:03:36	MAYARA SOUSA FERREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao_Institucional_UFPI.pdf	31/07/2020 16:03:04	MAYARA SOUSA FERREIRA	Aceito

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

UF: PI

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



UFPI - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS
MINISTRO PETRÔNIO



Continuação do Parecer: 4.317.173

Declaração de Pesquisadores	declaracao_dos_pesquisadores.pdf	31/07/2020 16:01:50	MAYARA SOUSA FERREIRA	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizaaco_UESPI_The.pdf	31/07/2020 16:00:41	MAYARA SOUSA FERREIRA	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP.pdf	31/07/2020 15:59:17	MAYARA SOUSA FERREIRA	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_pdf.pdf	31/07/2020 15:58:57	MAYARA SOUSA FERREIRA	Acelto
Cronograma	Cronograma.pdf	31/07/2020 15:51:03	MAYARA SOUSA FERREIRA	Acelto
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	31/07/2020 15:50:51	MAYARA SOUSA FERREIRA	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 02 de Outubro de 2020

Assinado por:

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento
(Coordenador(a))

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella.

Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550

UF: PI **Município:** TERESINA

Telefone: (86)3237-2332 **Fax:** (86)3237-2332 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br

ANEXO B – Autorização institucional UFPI

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. "Mariano da Silva Neto"
Campus Universitário Min. Petrônio Portella – Bairro Ininga – BL 06
CEP 64049-550 -Teresina-PI

Autorização Institucional

Autorizo Mayara Sousa Ferreira e Maria do Amparo Borges Ferro a desenvolverem a pesquisa científica de título **HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO ENSINO DE JORNALISMO NO PIAUÍ: narrativas (auto)biográficas de professores sobre a formação docente e as práticas profissionais** no curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, do Centro de Ciências da Educação, Departamento de Comunicação Social, com fins de desenvolver investigação sobre as memórias individuais e trajetórias formativas de professores. Ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa, concedo anuência.

Teresina, 15 de julho de 2020.

Assinatura manuscrita em tinta azul de Luís Carlos Sales.

Prof. Dr. Luís Carlos Sales
Diretor do Centro de Ciências da Educação

ANEXO C – Autorização institucional UESPI/CPTN

GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, COM. E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

**DECLARAÇÃO**

Declaramos que Mayara Sousa Ferreira, CPF: 032.051.603-20, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, matrícula 20191001000, está autorizada por esta coordenação a realizar pesquisa científica no curso de bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, campus Poeta Torquato Neto, em Teresina com fins a desenvolver estudos no âmbito da investigação sobre a história do ensino de Jornalismo no Piauí.

Teresina, 04 de junho de 2020.


Prof. Msc. Mª de Jesus Dantas Rufino Leal
Coordenadora do Curso Bacharelado em Jornalismo
Piauí nº 0003/2003 Universidade Estadual do Piauí

Rua João Cabral, 2231 – Bairro: Pirajá – CEP: 64002-150/ Teresina – Piauí – Brasil/ Caixa Postal: 381
Fone: (86) 3213-7224/ Ramal: 331
E-mail: coordenacao_de_comunicacao-social@yahoo.com.br

ANEXO D – Autorização institucional UESPI/CPBA



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR BARROS ARAÚJO
CNPJ: 07.471.758/0001-57

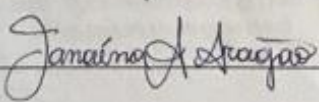
CARTA DE ANUÊNCIA

Aceito a Professora **MAYARA SOUSA FERREIRA** e a Professora **MARIA DO AMPARO BORGES FERRO** – com base no pedido de autorização institucional – desenvolver sua pesquisa e investigação sobre as memórias individuais das trajetórias formativas de professores do Curso de Jornalismo do Piauí. Assim sendo, autorizamos o acesso à esta Unidade, bem como aos documentos históricos de nossa Instituição de Ensino Superior – IES.

Ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa acima citada, concedo a anuência para seu desenvolvimento, desde que me sejam assegurados os requisitos abaixo:

- O cumprimento das determinações éticas da Resolução nº 466/2012 CNS/CONEP;
- A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação dessa pesquisa;
- No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Picos-PI, 07 de novembro de 2019.


Profª Janaina Alvarenga Aragão
Diretora UESPI - PICOS
Portaria nº 0788-29/09/2017
CPF: 590.052.543-00
MAT. 175671-3

BR 316 – KM 299 – Bairro Altamira – CEP: 64602-000 – Fone: 86-99502 3068
www.uespi.br/ e-mail: campus.picos@uespi.br / assessoriauespi.picos@gmail.com

ANEXO E – Declaração de tradução de resumo para a língua inglesa**DECLARAÇÃO**

Declaro para devidos fins, que o presente texto de tradução/versão do resumo (Abstract) para a Língua Inglesa, foi realizado e revisado por mim, Pedro ~~Landerson~~ Rodrigues Santos, licenciado em Letras-Inglês pela Universidade Estadual do Piauí, tradutor profissional e revisor para Mayara Sousa Ferreira, como parte da tese de Doutorado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal do Piauí.



Pedro ~~Landerson~~ Rodrigues Santos

Teresina, 14 de Julho de 2022

ANEXO E – Declaração de tradução de resumo para a língua espanhola**DECLARAÇÃO DE TRADUÇÃO**

Eu, Maria Nilza de Carvalho Pinto Américo, RG 4529974, CPF 396565353-91, formação pela Universidade Estadual do Piauí, especialização em espanhol, declaro para os devidos fins que realizei a tradução fiel e integral de Língua Portuguesa para a Língua Espanhola do resumo do trabalho de tese intitulado “BLOCO, CANETA E DIPLOMA NA MÃO: história dos cursos de jornalismo no Piauí”, de autoria da doutoranda em Educação, da Universidade Federal do Piauí, Mayara Sousa Ferreira.

Por ser verdade, firmo a presente.

Porto, 4 de julho de 2022

Maria Nilza de C. P. Américo



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROFESSOR
MARIANO DA SILVA NETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



MAYARA SOUSA FERREIRA

BLOCO, CANETA E DIPLOMA NA MÃO:

história dos cursos de jornalismo no Piauí

Volume 2 – Memórias de entrevistas em história oral

TERESINA-PI

2022

MAYARA SOUSA FERREIRA

BLOCO, CANETA E DIPLOMA NA MÃO:
história dos cursos de jornalismo no Piauí
Volume 2 – Memórias de entrevistas em história oral

TERESINA-PI

2022

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
PARTE 1_HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA:_MEMÓRIAS DO ENSINO PÚBLICO DE JORNALISMO NO PIAUÍ	4
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE CLÁUDIA BRANDÃO DE OLIVEIRA	5
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE DANIEL VASCONCELOS SOLON	14
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE ELIEZER CASTIEL MENDA	30
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE EVANDRO ALBERTO DE SOUSA	49
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE FRANCISCO LAERTE JUVÊNCIO MAGALHÃES	61
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE GENIVAL OLIVEIRA LIMA	72
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE IURY KILSON MOURA CAMPÊLO	82
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE JÔNATHAS DE BARROS NUNES	89
MEMÓRIAS DE JOSÉ PEREIRA DE SOUSA FILHO – “JOTA PEREIRA”	105
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE MARIA EDILENE RAMOS DA LUZ	113
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE ORLANDO MAURÍCIO DE CARVALHO BERTI	121
NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE RUTHY MANUELLA DE BRITO COSTA	131
PARTE 2_HISTÓRIA ORAL DE VIDA:_NARRATIVAS DE VIDA DE PROFESSORES DE JORNALISMO DO PIAUÍ	144
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE DANIEL VASCONCELOS SOLON	145
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE FRANCISCO LAERTE JUVÊNCIO MAGALHÃES	154
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE JACQUELINE LIMA DOURADO	164
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE JAQUELINE TORRES DA SILVA CARDOSO	176
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE SÔNIA MARIA DOS SANTOS CARVALHO	188

APRESENTAÇÃO

Durante o doutoramento, realizei 17 entrevistas para construção de dados sobre práticas educativas e formação docente na história e memória do ensino público de jornalismo no Piauí. Fiz isso por meio da história oral para que pudesse, pela interpretação, construir a tese, conforme disposto no volume 1 deste trabalho.

Assim, organizei este volume com a íntegra das entrevistas, transformadas em documentos escritos pelo trabalho colaborativo entre mim e cada pessoa entrevistada, de modo a possibilitar ao leitor o acesso ao que foi construído a partir desta pesquisa, em maior dimensão, embora sejam reconhecidas as limitações.

Mais que isso, almejo estimular novas problematizações, questionamentos e dúvidas que inspirem outras pesquisas cruzadas com essa temática, sem que seja necessário, precisamente, realizar novamente entrevistas em história oral com os mesmos colaboradores protagonizados e representados nesta investigação.

O processo de produção dos documentos apresentados foi enquadrado pelos objetivos e metodologia da pesquisa. Portanto, é fruto dos nossos diálogos guiados pelos roteiros das entrevistas semiestruturadas e das entrevistas biográficas na história oral temática e na história oral de vida, respectivamente. Resultam também da interdisciplinaridade característica desta investigação, que percorre os caminhos da educação, da comunicação, do jornalismo e da história.

Coube a mim, pesquisadora, pensar as provocações que funcionariam como gatilhos de memórias aos colaboradores; e, a nós, entrevistadora e entrevistados, a organização das ideias insurgentes da interação. Memórias oralmente verbalizadas, depois, transformadas em textos pela transcrição, textualização e transcrição.

Deixo o convite a você, leitor, para acessar narrativas de memórias de diferentes pessoas sobre a história do ensino público de jornalismo no Piauí, organizadas em duas partes: na primeira, lembranças sobre a trajetória dos cursos das universidades públicas locais; e na segunda, narrativas autobiográficas de professores que durante muito tempo contribuíram, e a maioria ainda contribui, com a educação e a comunicação. Para melhor elucidação, disponho um quadro com dados do colaborador na abertura de cada entrevista. Boa leitura!

PARTE 1
HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA:
MEMÓRIAS DO ENSINO PÚBLICO DE JORNALISMO NO PIAUÍ

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE CLÁUDIA BRANDÃO DE OLIVEIRA

Relação com o Curso de Jornalismo da UFPI	Estudante; professora efetiva
Período	1984-1988; 1989-1995
Data da entrevista	22 de julho de 2020
Local	<i>On-line</i>
Formato	Audiovisual
Duração	30:39'
Acesse a entrevista neste link.	

Criação do curso

Eu estava fazendo o segundo grau, o ensino médio atual, e ainda estava naquela indefinição do que iria cursar na universidade. Sabia que seria da área de humanas, porque sempre gostei muito de trabalhar com a produção de textos, com palavras. E aí, no ano exato em que eu estava cursando o terceiro ano, foi criado o Curso de Comunicação Social, aqui, na Universidade Federal do Piauí.

Quando eu soube da criação do curso, aí eu não tive nenhuma dúvida, era esse o curso que eu queria fazer de fato. Caiu como uma luva, porque foi exatamente no ano que eu iria prestar vestibular. E aí, eu fiz. Era a primeira turma do Curso de Comunicação, começaria no ano de 1984. Eu sou, portanto, da primeira turma aqui no Piauí.

Teve um estímulo, uma batalha muito pessoal da professora Walda Maria Leite Moura, até já falecida. Ela era formada em Comunicação, salvo engano pela Universidade do Rio de Janeiro, tinha mestrado e era uma apaixonada, tinha muita vontade de implantar o curso aqui.

Eu não me recordo o nome do reitor na época. Eu lembro que quando começou, o reitor não tinha interesse nesse curso, tanto que ele demorou um tempo a ser viabilizado. Agora, me fugiu à memória do nome da época. Mas, foi muito por essa batalha da professora Walda. Era uma professora natural de Picos, que já era professora da Universidade Federal do Piauí, tinha um trabalho muito forte com a comunicação, gostava muito, e levou adiante esse projeto, até que ele conseguiu se concretizar. Essa batalha da Walda foi fantástica, ela era uma pessoa incansável.

Curriculo

Eu ainda peguei esse início voltado para a comunicação rural. Você lembrou uma coisa agora, que até tinha me fugido à memória. Mas tinha. A gente pagou disciplina nesse sentido. Era uma coisa que eu questionava, assim: “comunicação rural, por quê?”. E eu sentia falta, na

época, de disciplinas onde houvesse mais discussão da ética jornalística, por exemplo. Era uma coisa que eu sentia mais deficiência.

E, bom, não dá nem para falar em outras disciplinas da atualidade, porque naquela época, isso não existia, como mídias virtuais e outras coisas. Mas era uma coisa muito comunitária, era uma comunicação muito de quem trabalhava para a comunicação comunitária, esses projetos alternativos, de fato. Do meio para o fim, foi que a gente foi começando a introduzir outras mais, já voltadas para a grande mídia, né, para os *mass media*.

Aí, houve um processo também de reformulação de currículo que a professora Lavina, que tinha se formado na UnB, Lavina Madeira, também deu uma contribuição muito grande. Era uma professora da área de teoria da comunicação, mas muito séria, muito comprometida com o curso.

Professores

Depois que a gente já estava cursando, houve alguns concursos, aí vieram professores, todos de fora, naturalmente, vieram alguns de Pernambuco; outros até piauienses, mas que tinham se formado no Ceará, como no caso do professor Marcos Resende; alguns do Maranhão... Foi formando o corpo docente.

Bom, eu vou começar com aqueles que me marcaram, acho que é o caminho natural. A professora Walda foi, sem dúvida, nossa grande fonte de inspiração, porque foi ela quem batalhou pela criação do curso e ela brigava muito pela excelência, ela inspirava muito a gente, era uma apaixonada por semiótica, então, ela introduziu esse conceito de semiótica por causa da formação pessoal dela que, como eu disse, e a dissertação de mestrado dela foi nessa área... Então, a Walda foi sempre uma grande inspiradora para todos nós.

É... na área de comunicação teórica, a professora Lavina, que teve a formação dela na UnB. Lavina Madeira também era uma professora muito competente, muito estudiosa, cobrava muito, era muito exigente, foi, inclusive, a professora que eu escolhi para ser minha orientadora, até por isso, porque como ela era muito exigente, eu pensei: “se eu fizer meu TCC com ela, que é a mais exigente, quando chegar na banca, eu já passei pelo crivo mais difícil”, falo rindo.

E teve uma professora que, para mim, marcou profundamente pela sua criatividade, pela sua paixão pela comunicação, pela sua entrega total, pelo amor que fazia em tudo, pela sua criatividade, pela sua originalidade, pela sua ousadia, que foi a professora Pandora Dourado. Ela teve formação no Maranhão, e... passou no concurso quando eu já estava lá. E foi uma professora, assim... tinha uma mente muito aberta, muito revolucionária, que instigava a todos

nós, alunos, a pensar e a pensar diferente, a ousar, a criar, a buscar a originalidade, a transcender os limites da universidade. Foi uma professora que, de fato, marcou muito.

Eu diria que essas três, na minha memória de Curso de Comunicação, foram as que formaram... meu tripé de formação acadêmica foi formado por essas três professoras. Aí tiveram outros professores... depois que a gente teve aula com Alcídio Filho, de fotografia, eu fiz aula ainda de outra disciplina de fotografia com o professor Laerte Magalhães.

Tive aula também com o professor Magnos Pinheiro, nessa parte, justamente de diagramação. Era uma dificuldade, ele se esforçava para passar isso para a gente com aquelas régua, aquela coisa bem primitiva, que hoje é até inimaginável. Basicamente, esses foram os que me marcaram.

Práticas de aprendizagem

Ele começou ainda muito precário, porque era um curso novo, estava começando, não tinha esse incentivo todo da universidade, eram poucos professores, não havia laboratórios instalados, montados. As aulas eram muito em cima de teoria. Os professores nos levavam até as redações que já existiam dos veículos de comunicação, jornais, TV, na época, a TV Clube... a gente visitava na época, lembro de visitas nossas ao Jornal O Dia, a emissoras de rádio.

E era uma coisa que funcionava muito no interesse nosso, dos alunos, porque quando nós precisamos, nós sabíamos das dificuldades que iríamos enfrentar em virtude de ser um curso novo. Era uma turma pequena, tanto que a primeira turma que se formou, a formatura foi apenas de seis alunos. O ingresso na universidade, o vestibular foi feito para duas turmas de 20, 20 no primeiro semestre e 20 no segundo, totalizando quarenta alunos no ano de 1984.

Eu ingressei na primeira turma com mais 19 colegas. A formatura na primeira turma, que foi no final de 1988, as solenidades foram em janeiro de 1989, foi com apenas seis alunos. Para você ter uma ideia de como o caminho era de sacrifício! Mas a gente que entrou sabia dessas dificuldades, então, a gente procurava compensar muito com muita leitura, muita pesquisa, muito estudo. Havia muita curiosidade, muita força nossa de vontade para superar essas dificuldades materiais do curso, né...

E eu lembro, assim, de algumas coisas, até pitorescas. Antes que a gente conseguisse adquirir o nosso laboratório de fotografia, por exemplo, eu ainda consegui trabalhar no laboratório de fotografia da própria UFPI, mas antes que ele fosse montado, as nossas aulas eram ministradas em laboratório do professor Alcídio Filho, que era já um fotógrafo renomado, tinha um laboratório completo na casa dele, então, a gente ia para a casa dele trabalhar com revelação, lá no laboratório particular dele, do Alcídio Filho. Eu cheguei a fazer isso.

E aí, foi-se montando ao longo do tempo, ao longo do curso. O laboratório de televisão, na época, era todo com equipamento de VHS, uma coisa bem amadora. Depois, o laboratório de fotografia; a rádio, que tinha o nome de Rádio Cigarra, e a gente começou a operar. Mas foram conquistas e passos bem, bem lentos, bem vagarosos.

Tinha algumas coisas que a gente tinha que imaginar como era. Eu lembro que quando a gente cursou telejornalismo, e o professor falava em *teleprompter*, por exemplo, ele dizia: “Olha, então, tem uma cadeia de espelhos que é colocado em frente à câmera, que é onde você lê o texto...” e que depois que a gente passa a trabalhar em televisão é a coisa mais banal, mais corriqueira, mas para quem nunca tinha tido contato com isso, nenhuma experiência, você ficava muito na imaginação de como era.

E havia uma vontade muito grande, acho que isso é natural não só da gente, de qualquer aluno que ingressa no curso, de começar para a parte prática, fazer programas de rádio, fazer programas de televisão, a diagramar os jornais...

Tinha uma peculiaridade também, porque, quando eu cursei, no início da década de 1980, a gente ainda não trabalhava com redações informatizadas, eram máquinas de escrever... então, o trabalho de diagramação, de planejamento gráfico do jornal era todo muito manual, com cálculos, com régua de pautas... E a gente tinha uma certa dificuldade disso, porque não era uma coisa que a gente tivesse facilidade.

Então, a gente fazia visitas esporádicas aos jornais, mas, claro, chega numa redação do jornal está todo mundo ocupado produzindo as suas matérias, num tinha aquele tempo, não podia transformar aquela visita numa aula, lógico, era apenas um conhecimento superficial, porque os jornalistas estavam produzindo o seu material para o dia seguinte, era só para a gente ter pelo menos uma ideia de como era que a coisa funcionava.

Então, era muito isso de estudos, de leituras. Eu, particularmente, procurava fazer o quê? Eu me dedicava muito à leitura de jornais para absorver o texto como era, como é que era feita a titulação... Mas, para mim, era uma coisa complicada, eu ler um título de jornal e achar aquele título interessante, porque era criativo, porque era objetivo... Outra coisa, era ter que calcular número de espaços para caber dentro das colunas, essa parte mais matemática que o jornalismo se fazia à época. E a gente não tinha material para aquilo.

Então, eu procurei, no meu caso especificamente, compensar muito em leitura, muitos livros, não só livros de teoria da comunicação, mas com livros de mais prática, de Nilson Lages, de Clóvis Rossi... Enfim, dos grandes jornalistas da época, Gilberto Dimenstein, todos. O que eu via de publicação na minha área, aqui ou fora, eu ia comprando e devorando. Era a minha forma de compensar a falta de estrutura que a gente tinha até então.

Como eu te disse, tinha aquela contradição entre a necessidade, a vontade, a curiosidade nossa de colocar a mão na massa, de produzir, assim, de fazer jornalismo, e a dificuldade de recursos materiais para isso. Então, a gente chegava a gravar alguns telejornais, mas todos, você imagina, com um equipamento VHS, imagina o que é produzir e editar VHS. Mas a gente chegava a fazer telejornais, chegamos a fazer programas de rádio, fotografias, a preparar o jornal. Sempre de uma forma muito, muito amadora! Mas era o possível na época...

Nesse período, houve novos concursos, entrou mais gente e houve nova mudança curricular, e a gente começou... quando pessoas que estavam já do mercado também atuando como professores e até alguns alunos também atuando no mercado... a cobrança, tanto por parte de professores como de alunos, passou a ser maior, de valorização do curso, de reconhecimento, de uma formação mais aprimorada, que integrasse as discussões próprias da Teoria da Comunicação, como também as discussões filosóficas da comunicação, a responsabilidade social e o exercício prático da profissão.

Absorvidos pelo mercado

Tanto que alguns profissionais, inclusive eu, foram absorvidos pelo mercado, quando nós ainda estávamos cursando a faculdade. Por quê? Porque havia um número muito limitado de profissionais no mercado profissional. Esses profissionais não tinham formação acadêmica, porque, até então, não existia o curso.

Então, eu fui chamada para trabalhar em televisão, antes mesmo de concluir a minha graduação. Eu já me formei com o pé no mercado de trabalho, o que facilitou muito, porque, aí, sim, tudo aquilo que eu estudava e que eu lia, eu começava a ver como é que funcionava na prática. Então, eu pude fazer a minha complementação prática do curso já vivenciando a realidade do mercado de trabalho.

Então, quando eu estava ainda no Curso de Comunicação, eu vi, uma vez, um aviso no nosso mural, veja como eram as coisas, lembro e rio, as coisas iam para o mural, não chegava recado por *WhatsApp*. Então, eu vi o aviso no mural, que estavam selecionando estudantes de Comunicação para fazer um teste na extinta TV Timon. E, depois, ela passou por várias transformações e veio a se transformar na atual TV Meio Norte.

A TV Timon, ela funcionava no município de Timon, no estado do Maranhão, e estava sendo embrionária lá. Então, chegou o pessoal do Paraná, na época Donizete Adalto, e vieram outras pessoas com ele... Carlos Moraes e mais umas duas pessoas... também um núcleo muito pequeno, muito primitivo. E eles estavam querendo selecionar uma pessoa do curso aqui para

trabalhar como repórter. E fui eu e outros colegas. E pediram para fazer o teste. Uma máquina de escrever, uma Olivetti, e pediram para fazer um tema lá de uma pauta, e fiz o teste, né.

Então, esses livros de manuais de redação eu já tinha devorado todos, né, só não tinha onde aplicar. Tinha devorado todos os livros. E eu lembro de um livro que era muito usado, que eu li, que era o de uma jornalista da Globo, Manual de Jornalismo, da Vera Íris Partenostro, e era, assim, uma espécie de um manual de base. E eu sabia o livro de trás para frente. Então, eu sentei e fiz o texto. Aí, outras pessoas fizeram.

E, na época, disseram: “Olha, nós gostamos muito do seu texto, agora vamos gravar um vídeo pra ver como é a sua desenvoltura de vídeo”. Claro que era um desastre absoluto, total, porque eu não tinha, até então, nenhuma experiência, eu não sabia como me portar diante da câmera, eu não sabia “pra” onde olhar, eu não sabia sequer como segurar um microfone. Então, essa parte da... do relacionamento com as câmeras, eu aprendi lá na TV Timon, com o Donizete. Eu só tinha levado conhecimento e texto, o resto foi moldando lá.

E depois que eu estava já há um ano lá, fui convidada pela TV Clube para trabalhar lá. Quando tinham entrevistas coletivas, eles começavam a olhar aquela menina que estava lá em Timon e que fazia perguntas, e perguntas curiosas... Então, me chamaram para trabalhar lá, na Clube. Eu fui e fiquei um bom tempo.

Na Clube, eu comecei como repórter externa, depois eu passei a fazer o Bom Dia Piauí. Meu o diretor de jornalismo na época era o Carlos Araújo Mirim, ele começou a me botar para algumas pautas que ele considerava mais elaboradas, algumas entrevistas especiais. Daí, ele já me pensou para ser a substituta eventual, quando ele precisava faltar no Bom Dia Piauí...

E, quando ele foi afastado da emissora, em 1986, a direção da casa me convidou para assumir a direção de jornalismo e para ser a âncora do Bom Dia. Foi a primeira mulher a assumir a direção de jornalismo da afiliada da Globo aqui no Piauí, e também a mais nova. Na época, eu tinha... o que? Acho que 26 anos, não sei... 20 e poucos anos... não lembro bem.

Eu já era professora da universidade, e aí me tornei diretora de jornalismo... Fiquei lá até o ano 2000, quando eu fui convidada para ser secretária de Comunicação da Prefeitura de Teresina, aí eu deixei. Na verdade, eu pedi demissão, mas a emissora nem me deu a demissão, ela me deu a suspensão de contrato. E eu fui trabalhar como secretária de comunicação, depois, voltei para lá... fiquei até 2012 lá.

Em 2012, eu fui convidada novamente para ser secretária de comunicação, a partir do ano de 2013, e eu fui novamente. E aí em 2014, eu vi que não queria mais gestão pública na minha vida, não, meu negócio realmente era a comunicação na iniciativa privada. Pedi o desligamento, aí fui para o Cidade Verde para ser editora chefe da Revista Cidade Verde, né. E

eu fui até o final do ano passado, quando a revista deixou de circular. E aí, esse ano de 2020, eu comecei no rádio lá, na TV Cidade Verde, também no portal, que já vinha escrevendo. E, agora, desde junho, assumi o telejornal da noite, que é o Jornal Cidade Verde.

Comecei a lecionar

Na universidade, aconteceu uma coisa também muito curiosa, porque como eu estava explicando, era tudo muito incipiente, então, não havia mão de obra disponível. Eu terminei o curso em dezembro de 1988, e as solenidades de formatura, de colação de grau, foram em janeiro de 1989, e em outubro de 1989, surgiu um concurso para professor, e aí... “posso fazer o concurso, né?”. Fui. Havia um desejo, até mais familiar, porque na minha casa, as pessoas quase todas eram professoras da universidade, era médico e professor da universidade, advogado e professor da universidade, e assim vai. Aí, eu fiz o concurso, fui aprovada, comecei a lecionar.

Você imagina, hoje, o que eu considero uma loucura. Eu tinha 22 anos de idade, né. Embora eu tivesse muito estudo, muita leitura, mas minha experiência era muito pouca e eu diria até que a imaturidade era muito grande, porque aos 22 anos... por mais que você já trabalhasse, e eu trabalhava, né, desde os 20 anos de idade, eu já trabalhava como repórter... Mas, enfim, hoje, eu considero uma coisa absolutamente surreal.

Mas comecei a dar aula no bloco de telejornalismo, que era aquilo que eu fazia na prática. E acabou sendo bom, porque, como não havia nada de estrutura consolidada, vamos dizer, de telejornalismo, eu conseguia trazer a prática que eu já vivenciava, nesse tempo, já trabalhava na Clube, que era afiliada da Globo, eu conseguia trazer isso para os alunos e acabava motivando muito eles, porque, a Globo sempre teve uma peculiaridade muito grande, ela sempre investiu muito na capacitação técnica dos profissionais.

Então, durante todo o período que eu estive na TV Clube, eu participei de vários cursos de treinamento, eu fui fazer treinamento na Globo Nordeste, lá em Recife, treinamento na Globo Rio, no Rio de Janeiro. E vinham profissionais de lá para cá também, para treinar a gente. A gente era orientado, monitorado, tinha os cursos... Depois, mais tarde, quando surgiu a *internet*, tinham os cursos *on-line* da Globo, né...

Então, a gente estava sempre sendo orientada com novas instruções, novas técnicas, com o que era de mais moderno... a Globo sempre foi vanguarda nisso, e ela passava para todas as afiliadas. E eu puxava esse capital que eu recebia para levar para as turmas de telejornalismo. Eram três disciplinas: redação, edição e produção em telejornalismo. E aí, eu transportava para o universo acadêmico essa bagagem de vida profissional que eu carregava já, né, para atualizar.

E a gente começou a montar telejornais com mais frequência já, e desenvolver uma linguagem telejornalística própria... Quando eu cursei telejornalismo na UFPI, como aluna, eu lia os livros de telejornalismo, mas eu só vim aprender a fazer telejornalismo depois que entrei, de fato, no mercado.

E aí, foi uma coisa que eu procurei passar, aliar. Uma coisa que eu senti falta na minha formação, que era, como eu tinha te falado, essa discussão de ética na comunicação, que eu acho fundamental, eu acho que ela deveria estar presente desde o primeiro semestre até o fim, e eu procurei levar muito também essa questão dentro do telejornalismo, dos filtros da notícia, como era que se davam os diversos processos do telejornalismo, desde a seleção das pautas à captação de imagens, a seleção de quem você vai dar voz de fala dentro da sua reportagem e, aí, ia fazendo prática e também com essas discussões...

Existia VHS, uma coisa bem amadora... Mas aí, a gente ia passando, pelo menos, técnicas de enquadramento, mostrando como que você tinha que mostrar a reportagem, como é que era a condução do processo de reportagem, a postura do repórter, as técnicas de entrevista que eram diferentes, evidentemente, para uma televisão do que para o jornal ou para rádio.

A gente se esforçava, ao máximo, para caber dentro daquelas limitações, que os laboratórios nos impunham, né. Então, a gente tentava extrapolar isso até onde podia. Mas havia sempre um limite. E era uma coisa que frustrava a mim, que já estava lidando com outro tipo de equipamento e queria levar aquilo para os alunos um dia. Mas, enfim, era o possível...

E aí, eu demorei, acho que uns seis anos... Mas estava muito sobrecarregado, porque foi quando eu assumi a direção de jornalismo, aí eu estava como diretora de jornalismo, estava como âncora no Bom Dia... O professor universitário, nessa época bem mais do que agora, estava passando por um processo de desgaste muito grande, a universidade vinha sendo muito sacrificada, os salários não compensavam, a gente já não tinha estímulo de laboratório, não tinha estímulo financeiro e era uma coisa muito complicada.

E aí, foi quando eu recebi o convite para ser diretora de jornalismo e assumi lá em tempo integral. Para mim, era bem mais vantajoso sob todos os aspectos, né, porque eu ficaria dedicada, focada a um trabalho só o tempo inteiro. Também teria uma compensação financeira que, para mim, era bem mais vantajosa. E foi quando eu deixei a universidade.

Defensora do curso

Olha, eu acho assim, eu sempre fui uma defensora, assim, do Curso de Comunicação e, mesmo sendo ele, vamos dizer assim, no bom sentido, a cobaia, por ter sido da primeira turma, sempre que houve discussões no sentido da importância, da necessidade e da exigência do

diploma, eu sempre me coloquei fervorosamente a favor, porque eu acho que o espaço de discussão da comunicação é muito importante.

E, hoje, na atualidade, aí é que eu vejo, mais do que nunca, porque, com as mídias sociais, todas as pessoas, hoje, se acham comunicadores. São comunicadores numa acepção mais ampla da palavra, são comunicadores, eles conseguem se comunicar, eles conseguem emitir informações, serem ouvidos, darem resposta, darem esse *feedback*. Mas o jornalismo é diferente! O jornalismo requer informação, precisa ser crível, precisa ter credibilidade.

E isso, eu tive. Essa formação desde quando eu era aluna, mesmo com as deficiências do curso, foi uma coisa que sempre ficou muito clara para mim e que eu sempre tive a preocupação de passar para meus alunos, a responsabilidade social que a profissão carrega, de você colocar um fato, não com a pretensão de ser verdade absoluta, porque a gente sabe que isso é impossível, mas de você se aproximar o máximo possível da realidade como ela é. Como? Você ouvindo o maior número de pessoas, você dando voz a todas as partes envolvidas, você procurando um universo plural para você manter uma linha certária de comunicação, dar voz a todas as vozes existentes na sua comunidade e de saber que boas informações que você leva, você ajuda muitas pessoas a formarem um juízo crítico de valor.

Então, se você se presta a um serviço de qualidade, você entrega um produto que é crível, você vai ajudar uma comunidade inteira a se posicionar melhor, a ter uma referência maior de cidadania, saber cobrar os seus direitos. Então, eu acho que o Curso de Comunicação foi um divisor de águas nesse sentido.

Até então, a comunicação era feita de uma forma muito amadora. E eu não estou aqui desmerecendo, de forma alguma, nem invalidando o trabalho feito pelos nossos antecessores, eles fizeram o que podiam fazer com o que tinham em mãos. Mas era uma coisa muito mais passional do que o que você imagina que seja uma comunicação de massa, como se passou a trabalhar desde então. Lógico que as falhas permanecem, mas há já, hoje, uma outra visão, tanto por parte de quem faz comunicação como de quem consome a comunicação dos *mass media*. E acho que, agora, nós estamos passando por um outro processo de revolução, que é a com a interseção das mídias sociais, né, que aí caberia uma outra longa discussão sobre esse processo, como ele vem afetando a forma como as pessoas consomem notícia e informação.

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE DANIEL VASCONCELOS SOLON

Relação com o Curso de Jornalismo da UFPI	Estudante
Período	1994-1998
Relação com o Curso de Jornalismo da Uespi/CPTN	Professor efetivo
Período	2004-atual
Data da entrevista	13 de março de 2020
Local	<i>On-line</i>
Formato	Audiovisual
Duração	1:21:36
<u>Acesse a entrevista neste link.</u>	

PARTE 1 – UFPI

Dez anos do Curso de Comunicação da UFPI

Eu entrei em 1994, na universidade. Se não me engano, foi também o período em que estava se completando dez anos do Curso de Comunicação da UFPI. Inclusive, houve um evento interessante em comemoração aos dez anos do aniversário. Quando eu entrei no Curso de Comunicação, lá na UFPI, dentro desse debate que acontecia dos dez anos, a gente ficou sabendo um pouco da história de como é que o curso surgiu. Na verdade, tinha a ver com a questão de educação no campo, questão de comunicação rural, algo mais ou menos nesse sentido. E que atendia, obviamente, a uma demanda social que existia no Piauí, que era de formar, de garantir melhorias na formação dos profissionais que trabalhavam com a comunicação de forma geral no estado: no rádio, na TV, nos jornais, e também dos profissionais que já trabalhavam fazendo assessoria para políticos, para governo. Basicamente isso. Naquele momento, não existia essa assessoria de comunicação empresarial forte como a gente sabe que existe hoje.

Mas, de imediato, para atender essa demanda social, que era também uma demanda de mercado, digamos assim, entre aspas, para garantir a formação desses profissionais para atuarem na comunicação, no jornalismo piauiense. Então, foi nesse contexto que eu entrei dentro do Curso de Comunicação, na UFPI, foi, se eu não me engano, comemorando dez anos do início do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da UFPI.

Já tinha havido uma mudança no currículo. Eu falo dessa questão de como é que a gente foi informado de que houve essa mudança, digamos assim, que era, de início, alguma coisa relacionada à questão da comunicação rural e que, na verdade, era uma demanda mais

específica, que era formar jornalistas mesmo. Mas a minha memória é bem falha... Fazer a checagem depois (risos).

Muito imprevisto no curso

A gente via que havia muito imprevisto no Curso de Jornalismo. Havia profissionais jovens como professores, alguns com mais tempo de estrada, mas a maioria dos professores eram jovens que saíram, inclusive, do próprio Curso de Jornalismo. Muitos professores eram substitutos.

Havia também um problema do ponto de vista laboratorial e de acervo bibliográfico muito forte. As redações de Teresina, de jornais, por exemplo, elas já eram informatizadas desde 1992, por aí, e em 1994, quando eu cheguei na universidade, ainda existia, por exemplo, apenas as máquinas de datilografar, no laboratório de jornal. Como é que se poderia dizer? Isso em 1995, 1996, se não me engano, que eram as disciplinas relacionadas a jornais impressos, a TREP, entre outras.

Quando eu entrei, em 1994, na universidade, os laboratórios do curso ainda eram muito precários. Para se ter uma ideia na questão do jornalismo impresso, não havia, por exemplo, computadores. E, quando chegou, em 1995, 1996, nas disciplinas voltadas à prática de laboratório de jornalismo impresso, a gente lidou, por exemplo, com esse laboratório ainda com máquina de datilografar, a Olivetti, entre outras, que eram uma luta! A gente, quando tinha aula de laboratório, tinha que chegar primeiro na sala para pegar as melhores máquinas, as que eram menos duras, do ponto de vista da datilografia e, também, da qualidade do rolo de fitas. Enfim, coisas bem básicas que eram.

Também de rádio e TV havia uma certa precariedade. Mas me lembro mais da falta de laboratório ou, pelo menos, de apoio, inclusive, docente, foi na cadeira de Telejornalismo. Naquela época, por exemplo, a professora Cláudia Brandão havia decidido desistir da docência, e houve um vácuo aí, de alguns meses, para a gente ter, inclusive, aula com um professor substituto, que não era da área de televisão. Então, eu, por exemplo, saí da disciplina sem fazer nenhuma reportagem de televisão. Isso explica um pouquinho a precariedade que era o Curso de Jornalismo naquela época.

Também existia muita dificuldade de livros. A gente recorria muito a xerox. Era uma dificuldade que a gente percebia que era real, e que também refletia não só o curso em si, era uma realidade geral da universidade, de sucateamento, de pouco investimento, poucas verbas, então, era uma realidade que apenas se somava à realidade dos outros cursos, também bastante precária da universidade.

Assim, na verdade, a gente via muito bem essa questão da precarização, como eu falei. A gente não tendo acesso a livros, da época, bibliografia mais atualizada sobre jornalismo, professores recorriam para a xerox, e a gente ia nesse sentido de correr atrás da xerox da parte da teoria.

E refletia também esse momento que a gente tinha de interesse em ter acesso às novas tecnologias, e era bastante frustrado isso. Tanto é que o Curso de Comunicação, se eu não me engano, em 1996, o Centro Acadêmico realizou uma ocupação, promoveu uma ocupação da reitoria, na época, era o reitor Charles, se não me engano, e a gente ocupou a reitoria da universidade para exigir laboratórios decentes e, inclusive, estrutura melhor, porque o local onde estava instalado, o SG4, não estou lembrado, o SG5, enfim, era ali entre o pessoal da Matemática, da Física, da Química, enfim, e estava isolado geograficamente, digamos assim, das ciências humanas e da educação. Então, a gente também tinha essa demanda de melhorias estruturais, porque a gente sabia que isso refletia na nossa formação.

Divisão geracional de professores

Então, havia claramente uma divisão geracional dentro do curso. Pessoas que já estavam há algum tempo, de alguma forma lecionando, e que não eram, pelo menos do ponto de vista que eu acompanho, tão práticas, que era mais a velha guarda, digamos assim. Professora Edite, dentre outros.

E havia uns professores que já estavam, na verdade, saindo da universidade naquele momento, e que se especializaram, buscaram lecionar, trabalhar com a docência naquele momento, como Gustavo Said, Eliezer, Luciene, pessoas que eram mais novas e que estavam ali com grande pique para dar sua colaboração para a universidade, para o Curso de Jornalismo.

Então, havia essa divisão geracional. Professor Magnos, professor Paulo, a professora Luna, dentre outros, que colaboraram, certamente, para nossa formação, apesar das diferenças, né, de formas de dar conteúdo e, também, da própria questão da prática, da forma como vieram a partir do mercado onde eles trabalhavam.

Naquele momento, inclusive, foi quando eu comecei a escutar alguns preconceitos que existiam em relação à própria docência. Ali, eu começava a escutar, por exemplo: “Quem ensina não sabe na prática”. “Os que não vão para o mercado é que vão para a academia”. Aquele preconceito lá, essa ideia que ainda hoje existe, esse preconceito dos profissionais que chegam à docência sem ter grande experiência no mercado.

Mas a gente via que eles davam suas colaborações de acordo com suas vivências, claro, e que, analisando do ponto de vista histórico, a gente também não podia cobrar muito além

daquilo. Quem se interessava em dar docência poderia ou não ter tido contato anterior com a imprensa. Mas a gente percebia que, de certa forma, sim, muitos que estavam lecionando não tiveram ali um contato mais substancial com o mercado de trabalho, mas isso, na minha análise, não representava prejuízo para a nossa formação.

Pesquisa e extensão

Olha, isso aí é uma das partes que, que eu, pelo menos penso que ainda era muito inicial, era pouco trabalhado na nossa vivência da universidade. A gente sabe que parte dos professores, que inclusive estão em outros cursos, em outras universidades como docentes, vieram da UFPI. Eu sou um deles. Então, da minha experiência pessoal, era, assim, um sonho desde o começo, quando estava na universidade, ir para a docência de Jornalismo.

Isso era apenas um sonho do ponto de vista de que eu gosto de discutir a teoria da comunicação, do jornalismo, gosto de fazer a crítica de como é feito o jornalismo e, obviamente, isso não quer dizer que é automático, né? Você gostar de estar na universidade, querer seguir a vida docente e, ao mesmo tempo, você, enquanto estudante, não se limitar apenas à questão da sala de aula, mas também fazer extensão e pesquisa.

Não senti, assim, naquele momento, estímulo para fazer pesquisa e extensão. Havia também, do ponto de vista pessoal, limitações. No meu caso, como estudante vindo de outro estado, eu sou do Ceará, com dificuldades financeiras. Eu também tive que, desde o começo, já buscar estágios, enfim, arranjar uma grana para sobreviver em Teresina. Então, também, nesse sentido também, não fui atrás de fazer pesquisa e extensão. Isso, obviamente, acarretou em dificuldades futuramente, quando eu tive que viver uma outra experiência, que era sair do mercado de trabalho de jornalista para investir profissionalmente na docência.

Formação humanística

Eu vejo que existia um interesse grande dos estudantes em construir um curso interessante com eventos, com palestras, discussões sobre as questões do jornalismo. Os próprios professores também que saíam e estavam integrando o curso, eram bem estimulados a colaborar com o curso.

Acho que do ponto de vista do material humano, eu tenho boas lembranças dos técnicos e professores da universidade, que se esforçavam para a gente ter o melhor curso possível. Então, mais do que formado de forma técnica, penso que a minha formação, a principal que eu percebi, mesmo com dificuldades, foi a formação mais humana que a gente teve na época.

Acho que, na UFPI, a gente teve bons aprendizados, em geral. Acho que, na UFPI, também tem um pouco da vivência política, que a gente tinha no momento: aprovação da nova LDB, as discussões sobre o rumo que a universidade deveria tomar a partir dali, a ameaça de privatização da universidade, cobrança de mensalidades, a luta por melhoria geral na universidade, por concurso, por laboratórios, por livros, enfim.

Tudo isso acabou também fortalecendo minha formação, do ponto de vista humanístico e, também, de consciência política. Acho que foram momentos importantes que eu tive nesses quatro ou cinco anos no curso, com pelo menos duas ou três greves de professores, não sei, não estou lembrado. Mas que, de fato, colaboraram bastante com minha formação política de lá para cá, e, também, claro, profissional. Não há como negar que muitos professores da Universidade Federal do Piauí são grandes nomes, que ajudam aí a discutir e a formar profissionais da comunicação.

PARTE 2 – UESPI

Em 2004, fiz o concurso e passei

Quando o Curso de Comunicação da Uespi foi montado, eu não estava muito a par da questão da formação, como é que ele surgiu, como é que foi montado, enfim. Nessa época, eu vivia intensamente uma vida mais do ponto de vista profissional, não do acadêmico, mas estava nos jornais, em assessoria de imprensa, enfim... Então, eu não peguei o início do Curso de Comunicação da Uespi.

Eu só fui mesmo me interessar, do ponto de vista profissional de trabalhar com docência, a partir de 2003. Em 2004, eu fiz o concurso e passei. Eram três vagas, e apenas a minha foi preenchida, na época. Achei um equívoco, do ponto de vista da própria forma da seleção docente para um curso com bastante necessidade de contratação de professores, fazer um concurso para três vagas, e a banca aprovar apenas um. Eu achei que foi, inclusive, um desperdício, do ponto de vista profissional, para o próprio curso.

Certamente, vários dos profissionais que não chegaram à aprovação no concurso, tinham talvez até mais capacidade de docência do que eu, que era bastante inexperiente e que não tinha a formação adequada, inclusive, do ponto de vista da docência. Tinha acabado de fazer uma especialização em Comunicação Institucional da universidade federal. Teve apenas uma disciplina que era de formação docente, era uma disciplina sobre prática pedagógica,

alguma coisa nesse sentido, que me ajudou, certamente, a ter alguma formação nesse sentido da docência, mas que foi muito ainda incipiente.

Então, essa era uma das questões, por exemplo, que eu achava que deveria ser modificada nos cursos de Comunicação. Ter disciplinas relacionadas, desde a graduação, pensando na perspectiva de que os alunos dali também podem ser, no futuro, docentes, e precisava, portanto, não apenas trabalhar a formação com laboratório, de rádio, TV, fotografia, agora, *on-line*, mas também a questão da própria docência.

Se não me engano, foi o segundo concurso. Sim, foi o segundo concurso, porque o primeiro concurso foi, se não me engano, em 2003, e o professor Achylles Costa, que foi um dos técnicos que nos acompanhou na Universidade Federal do Piauí, no Curso de Jornalismo, no laboratório de rádio, era o único professor efetivo do Curso de Jornalismo, da Universidade Estadual, quando eu cheguei em 2004. Então, além desse que eu passei, tinha havido já, portanto, um anterior, que era com apenas uma vaga, de fato, para o Curso de Comunicação.

Mudanças curriculares

Participei, no momento, acho que foi em 2006, mais ou menos, posso estar enganado, que era um momento também de mudança do projeto pedagógico. Havia uma pressão para que fossem modificadas algumas disciplinas, inclusive os estudantes mesmo, eles reclamavam que era muito repetitivo.

Na primeira turma, por exemplo, na segunda turma, eles reclamavam, com razão, de que parecia que havia sempre uma repetição de disciplinas nos anos que se seguiam. Então, essa mudança que aconteceu quando eu fazia parte da coordenação do curso, foi de tentar condensar em duas disciplinas o que era antes ministrado em três, por exemplo.

Mas a preocupação desse momento também era a gente não sucumbir às pressões de mercado. Digamos assim: “Ah, tem que ser um curso tecnicista”. “Tem que ser um curso prático”. Não, a gente estava, naquele momento, eu e os professores que faziam parte daquele grupo, estudantes também, tentando fazer adequações ao projeto pedagógico, mas desde que não afetasse a nossa preocupação, que era a formação também humanística. Claro, sem deixar de ficar preocupado com a questão da formação profissional, que era, sem dúvida, importante e deve ser seguida em qualquer curso.

Mas, logo em seguida, iriam acontecer outras mudanças. Nessa outra mudança, eu já não tive participação efetiva na construção dessas mudanças do último projeto pedagógico. Nesse momento, eu estava afastado para partidárias, políticas, fui candidato a algum cargo eletivo na época, que eu não lembro qual era, e que eu tive que me afastar da docência aquele

momento. E, também, tive outro momento de afastamento, que era da participação de dirigente sindical, também estive afastado por dois anos da docência para exercer esse cargo, como já é garantido, previsto em lei de afastamento para dirigentes sindicais.

Então, acho que as mudanças que aconteceram na época, quando eu fazia parte desse núcleo que teve essa primeira mudança era para atender essa perspectiva de tornar o curso mais atrativo, menos repetitivo, do ponto de vista das disciplinas que estavam sendo ministradas, mas também sem sucumbir, sem recuar, sem ceder à pressão tecnicista que já existia bastante forte naquele momento.

Nunca houve facilidade no curso da Uespi

Acho que, na verdade, nunca houve facilidade no Curso de Comunicação na Uespi. Se as coisas eram precárias na Universidade Federal, inclusive com o quadro de quase metade dos professores efetivos, eu acho que talvez, na época em que eu fui estudante de lá, a situação do curso, desde a época que eu entrei era muito precária e, assim como o Curso de Comunicação da UFPI refletia também a precarização do ponto de vista geral da universidade na minha época como estudante, na Uespi também não era diferente. Era uma situação muito difícil, de bastante precariedade e de muito imprevisto para se fazer o Curso de Jornalismo.

Assim, obviamente, do ponto de vista do que é ideal para a criação de um curso superior, tem que, primeiro, fazer um concurso para criar um núcleo estruturante daquele curso. A partir de profissionais concursados, efetivos, com qualificação, com pós-graduação – mestrado e doutorado – pensar uma ideia de curso, pensar um projeto político-pedagógico, construir, portanto, uma ideia do que é que o curso vai oferecer, como ele vai evoluir, digamos assim, montar as estruturas necessárias: laboratórios, a bibliografia, a biblioteca, enfim, a contratação de técnicos efetivos, a estrutura de sala de aula... Tudo isso deveria ser feito de forma pensada e planejada. No ponto de vista do ideal, é exatamente isso que se espera quando se cria um curso, qualquer que seja o curso de nível superior.

Só que, quando a gente chega à Universidade Estadual é um cenário muito lamentável, do ponto de vista da situação do corpo docente, que era apenas eu e o professor Achylles efetivos, todo um grupo de professores com contratos precários, substitutos, temporários, com salários vergonhosos, baixíssimos, sem laboratórios adequados, sem livros nas bibliotecas, sem técnicos efetivos nos laboratórios – até hoje essa realidade continua, não existem técnicos concursados nos laboratórios.

E a gente ali lidando com a própria fragilidade, que foi a nossa formação enquanto profissional para a docência. Não existia, na época em que eu era estudante, essa preocupação,

não existia perspectiva também, naquele momento, de novos cursos de Comunicação no Piauí, principalmente públicos. Então, penso que essa formação docente também acabou sendo feita, digamos, até a machadadas, a gente era meio que feito na marra professor.

Já foi muito mais difícil

A situação nunca foi fácil na universidade, mas já foi mais difícil! Muito mais difícil! Hoje a gente pode comemorar que existe aí um grupo de professores que busca se qualificar, busca estimular a pesquisa, a extensão, que já teve também alguma experiência com o mercado de trabalho e traz para a sala de aula outras experiências. Então, desse ponto de vista de corpo docente, não tem como a gente não reconhecer o avanço que foi nos últimos anos, e a gente compor um quadro com essa perspectiva.

Isso reflete, não uma vontade da administração superior ou dos governos que ali passaram, desde 2001, que foi quando foi criado o Curso de Comunicação. Mas, sim, essa melhora do ponto de vista, tanto da questão docente, contratação de professores, como também de melhorias estruturais que aconteceram, tem a ver com organização dos estudantes, através do Centro Acadêmico, de suas reivindicações e, também, em conjunto com a luta dos docentes da Universidade Estadual do Piauí, de forma geral, por uma melhor situação da universidade.

A universidade vinha, naquele momento, já num refluxo, digamos assim, do que era aquela onda de expansão que aconteceu com a Uespi, desde a década de 1990, ali estimulada pela LDB, pela demanda de formação de professores da rede básica, e que chegou a oferecer cursos na Bahia, em Goiás... Uma expansão totalmente irresponsável e desorganizada da universidade, que era feita também com base em muita precarização do ponto de vista da contratação de profissionais e também da questão própria de estrutura.

Então, o Curso de Jornalismo da Uespi, o que a gente sabe, digamos assim, de lenda, de conversas que a gente teve de bastidores e de corredores, é de que o projeto pedagógico que foi aprovado no Conselho Universitário para criar o Curso de Jornalismo tinha apenas duas folhas, e uma delas era a capa.

Então, como é que isso reflete do ponto de vista da situação que nós estamos hoje? Tudo, né? Como eu falei, se não houve um planejamento adequado, não houve uma forma correta de se criar o curso, como deveria ter sido feito, então, muito do que a gente vive hoje, ainda de improviso, ainda é fruto da falta de planejamento do curso, desde a sua origem.

Formação docente, pesquisa e extensão

Vou falar do ponto de quando eu entrei, em 2004, não posso falar antes. Naquele momento, a gente começou a perceber que os professores que estavam já com a gente na época da graduação e que eram apenas pessoas graduadas, estavam chegando já de uma outra fase, que era das suas pós-graduações.

Então, por isso que eu digo que tenho uma noção do que era o Curso de Comunicação da UFPI, porque eu não me sentia também estimulado a fazer pesquisa e extensão. Porque os professores da UFPI, naquele momento, estavam apenas saindo da graduação e, certamente, também não tiveram uma política efetiva e condições objetivas, obviamente, de fazerem pesquisa e extensão enquanto estudantes. Então, eles apenas refletiam, digamos assim, uma formação que eles tinham que não era tão estimulada do ponto de vista da academia em si.

Mas olha só que interessante: esses mesmos professores que tiveram essa dificuldade inicial de nos estimular, de fazer pesquisa e extensão na graduação, isso no período que eu falo, depois que eu passei, foram os professores que depois deram um salto do ponto de vista da necessidade de fortalecer a pesquisa e a extensão na comunicação, a partir dos anos 2000.

E a gente percebe bastante isso com a chegada dos professores dos mestrados e doutorados, com mais estímulo, e que depois, chegaram a trilhar, digamos assim, o caminho de fortalecer o campo jornalístico na academia, não apenas agora com especializações *lato sensu*, mas também preparando caminho para o mestrado, que aconteceu há poucos anos no jornalismo.

Esse é um outro ponto importante de avanço nos últimos anos. Isso reflete também a preocupação dos professores, que se dedicaram a essa vida acadêmica, se dedicaram a fazer os mestrados, a fazer os doutorados, e nesse ritmo de mestrado e doutorado, chegaram aí também com essa preocupação de estimular os estudantes a fazerem a pesquisa e a extensão.

No primeiro momento, ainda era muito frágil. Por exemplo, quando eu cheguei no Curso de Jornalismo, como eu falei, apenas o professor Achylles era efetivo, e ele, ao mesmo tempo, era coordenador do curso, dava aula nas disciplinas, e não tinha ali nem com quem dialogar, do ponto de vista acadêmico com outros professores efetivos, porque não existiam outros professores efetivos para dialogar e nem para pensar em políticas de pesquisa e extensão, porque também os professores substitutos não tinham formação, pós-graduação *stricto sensu*.

Então, quando eu cheguei, em 2004, foi também o período em que, um mês depois da minha contratação como professor efetivo, eu passei no mestrado em História da UFPI. Para casar, portanto, a minha vida acadêmica de jornalista e professor de Jornalismo com o Curso

de História, eu fui pesquisar sobre algo que era interessante para as duas áreas, que era a história do rádio no Piauí.

Quando eu entrei no Curso de Jornalismo da Uespi e, logo em seguida, passei no mestrado, eu não consegui liberação da sala de aula para fazer o curso de mestrado. Então, foram dois anos também de correria, digamos assim, em sala de aula e, ao mesmo tempo, no banco acadêmico, para conseguir essa formação e, a partir daí, mudar o meu próprio fazer em sala de aula.

Então, a partir daí também, eu pude já acompanhar, estimular e participar de alguns projetos de pesquisa e extensão, embora, evidentemente, tenham sido iniciativas mais individuais. Dentro da universidade, eu assumi a coordenação do Curso de Jornalismo quando o professor Achylles passou no concurso de docente da UFPI para dedicação exclusiva, portanto, fiquei também na situação anterior, que era a dele, que era de um único professor efetivo dentro de um curso bastante precário e com dificuldades de professores, de fato, com mestrado e doutorado, e também efetivos.

E a partir daí, com a chegada dos outros concursados, se eu não me engano em 2006, ou foi 2007, a gente teve mais reforço de professores efetivos e, com esses professores, de uma nova mentalidade, da necessidade de, conjuntamente, pensar o curso para abordagens, focos com relação à questão da extensão e pesquisa, porque até aquele momento, ali era muito mais o ensino, a formação técnica do que uma atuação mais apropriada e desejável, que é manter o tripé: ensino, pesquisa e extensão.

Então, com essa nova leva de professores, a partir de 2006, é que começou a fortalecer o curso também nessa perspectiva de pesquisa, extensão. Embora até hoje a gente saiba que – pelo menos na minha percepção, né? – não há, do ponto de vista mais formal, mais científico, uma discussão do curso nesse sentido de planejar e pensar uma política de pós-graduação para os professores, de qualificação para os professores, especialmente em questões de mestrados e doutorados.

As iniciativas dos professores que fizeram cursos de mestrados e doutorados também foram iniciativas basicamente individuais. E, poderia ser diferente, poderia ser diferente, se tivesse uma situação, digamos, conjuntural, que permitisse que os professores pudessem pensar em conjunto uma política de formação para o profissional docente da Universidade Estadual do Piauí.

Oh, eu estou afastado do curso desde agosto do ano passado, desde as férias de agosto do ano passado. Eu vim fazer um doutorado, na Universidade de Lisboa, em História, também continuando a formação anterior, e de lá para cá, eu não tenho feito o acompanhamento de

como é que ficou por lá. Mas o que é que nós temos, né? Sabemos que existe um grupo, né, de professores que assumiu a coordenação do curso, agora, que são dois cursos na verdade, de Jornalismo e o Curso de Relações Públicas.

O de Jornalismo está mais organizado, porque também tem mais profissionais, então, já estão voltando dos seus doutorados e dos mestrados. Tem o Curso de Relações Públicas, que precisa ver como é que vai ser feito dessa proposta. Até quando eu saí, não existia, pelo menos na minha percepção, algo mais concreto de como é que esse curso ia andar com as próprias pernas, ia se desenvolver.

E, no caso do mais geral do Curso de Jornalismo, existia ali uma organização de alguns professores para se buscar um curso de doutoramento para os professores que ainda não fizeram o doutorado. Acho que seria interessante você procurar a professora Daiane, acho que ela está mais à frente disso, como está essa questão aí dessa organização que está sendo feita, contatos com outras universidades, e que pode resultar, inclusive, em melhorias daqui a alguns anos para o nosso curso.

Professores, por exemplo, como a Clarissa, que é uma professora que veio de Picos e que também ajuda nessa perspectiva de fomento aí ao curso de pós-graduação para doutorado para os professores se qualificarem, ela tem dado essa contribuição nesse sentido de pensar o curso, de fortalecer o curso numa perspectiva de mais pesquisa e extensão.

Outros professores também com essa pegada de pesquisa também sabem da importância disso para o curso, a percepção do próprio corpo docente sobre essa necessidade de formação, de qualificação, a gente vê que é real. Meu próprio afastamento para o doutorado reflete isso, né.

Tanto em nível nacional como em nível estadual, os governos tomaram medidas de, digamos, de austeridade, de contenção de investimentos na esfera pública, no serviço público, enfim, com medidas de congelamento de investimentos e de contratação de professores. No caso estadual, o governo, também do PT, seguindo a mesma lógica do anterior, do nível federal, do Temer, propôs aquela medida lá de congelamento, por dez anos, dos investimentos nos serviços públicos; o Temer, era de 20, mas, praticamente, a mesma política lá de contingenciamento e de congelamento de investimentos.

E dentro dessas medidas que o governo tomou de congelamento no nível estadual quando dessem as normativas para a universidade, havia recomendações expressas do Governo do Estado para que não haja contratação dos novos professores para a universidade, e isso obviamente acaba gerando alguns problemas, inclusive, na hora de fazer o afastamento dos professores para o mestrado e doutorado.

Porque, quando você vai sair para um mestrado e um doutorado, quem vai cobrir seu espaço? Quem vai cobrir a sua lacuna lá de disciplinas, de carga horária, de formação, de acompanhamento de TCC, de formandos, e tal? Quem vai assumir essas disciplinas? Quem vai fazer o que você fazia?

Então, no meu caso, coletivamente, no Curso de Comunicação, quando o meu pedido foi submetido ao Colegiado do Curso, foi pensado também nessa perspectiva de quem, inclusive, poderia pegar mais disciplinas, inclusive, mais do que a legislação exige, para que eu pudesse me afastar. Isso também mostra o grau de... – essa palavra que eu sempre repito, você deve tá de saco cheio aí, que é, de precarização, a situação de como essa precarização persiste no funcionamento da nossa universidade.

Então, penso que o desafio, hoje, colocado no Curso de Comunicação da Uespi, Jornalismo e Relações Públicas, aliás, não é nem mais Curso de Comunicação, agora é Curso de Jornalismo, mesmo na Uespi. O desafio colocado é de como os cursos vão poder não apenas sobreviver, mas, de fato, funcionar de forma adequada e com qualidade, de forma racional nos próximos anos.

Porque a perspectiva não é nada boa, tendo em vista aí as políticas cada vez mais de afastamento da obrigação do Estado em financiar e manter a Universidade Estadual do Piauí com qualidade. E, infelizmente, isso também interfere diretamente na questão da autonomia da nossa universidade, uma autonomia bastante frágil, onde basicamente a administração superior apenas executa um orçamento que foi imposto na política de orçamento estadual do governo estadual.

Então, para você pensar o Curso de Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí de uma forma ideal, basicamente, você também tem que repensar a política geral de financiamento e de sustentação da própria Universidade Estadual do Piauí, que vive dificuldades tremendas, do ponto de vista orçamentário, e que isso reflete, portanto, em laboratórios, professores, assistência estudantil, que, praticamente, não existe para os estudantes, e também na política de ensino, a pesquisa e extensão.

Transferência de professores

Primeiro, eu digo uma coisa que é bastante prática, do ponto de vista da percepção que eu tenho de como o Curso de Comunicação foi feito em Picos. Se um curso como o de Teresina, que ficava próximo do centro de poder mais imediato, a 200 metros da sede da reitoria, já era difícil fazer um curso melhor, de mobilizar uma comunidade universitária para fazer as reivindicações necessárias para melhorar o curso, você imagina, portanto, o grau de dificuldade

que era fazer, também na base de muito improviso, o Curso de Jornalismo na universidade lá em Picos, no *campus* de Picos.

Para você ter ideia da situação que, às vezes, a gente tinha que fazer para contornar dificuldades, o laboratório de TV, inexistente, gerava uma demanda, gerava uma insatisfação dos estudantes, obviamente, e dos professores. E como é que se resolvia isso, se não tinha câmera, não tinha estúdio, não tinha nada necessário para fazer o bloco de tele?

Então, naquele momento específico do reconhecimento do curso em que eu era coordenador do curso, a gente tentou, de algumas formas, garantir esse acesso, tanto do ponto de vista da tecnologia, como também de profissionais que pudessem dar um apoio do ponto de vista técnico.

Para resolver esse problema da dificuldade laboratorial, em telejornalismo, por exemplo, a gente tentou fazer contato, inclusive, com o Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Piauí, que estava em greve e que estava lá com os equipamentos ociosos. Infelizmente, a gente não conseguiu ter esse apoio, apesar do contato que a gente tinha feito. Inclusive, os professores de lá estavam em luta justa por salários, enfim, em defesa da universidade. E a gente acabou não tendo essa oportunidade de fazer essa parceria com a universidade federal.

Então, só para finalizar essa parte aqui, foi contratada, por exemplo, uma produtora de vídeo. A gente conseguiu forçando a barra, pressionando a universidade para que fosse contratada uma produtora de vídeo para que desse suporte, do ponto de vista material, para se fazer o telejornalismo.

Imagina, então, como é que isso é feito no interior, né? No caso, em Picos? Então, lá, a criatividade foi, talvez do ponto de vista da televisão, proveitosa, porque desde há algum tempo, eu não estou lembrado da data, o curso de Picos já tinha feito, mais ou menos, basicamente um convênio com a TV Picos, TV estatal, e que acabou resultando ali de laboratório. Mas os outros laboratórios eram bastante precários, não existiam, praticamente.

Então, eu estou fazendo esse meio de campo todo para dizer o seguinte: o profissional que ali chegasse, qualquer profissional que ali chegasse, em Picos, com vontade de fazer o curso funcionar e de fazer pesquisa e extensão, obviamente, quando chegava lá, via aquelas condições bastante difíceis, e pensava, talvez, inclusive do ponto de vista de como ser melhor aproveitado, de que talvez fosse melhor para ele e para a própria Universidade Estadual do Piauí, do ponto de vista geral, mais especificamente para o Curso de Comunicação, em Teresina, de que houvesse essa transferência, essa saída de Picos para Teresina.

Obviamente, para os estudantes de Picos, era um prejuízo enorme, isso é fato, que a frustração dos estudantes que viam seus professores saindo de Picos para Teresina é bastante plausível, é justificável, digamos, essa frustração. Mas, ao mesmo tempo, como é que a gente pode cobrar que o professor fique numa situação tão precária?

Agora, o que pode ser discutido, inclusive do ponto de vista metodológico e, talvez, político, é de como algumas dessas transferências foram feitas. Do ponto de vista formal e desejável, é que todas as transferências, todas as remoções dos professores de um *campus* para outro sejam feitas a partir de um processo democrático de remoção. Isso é feito em várias universidades.

E, infelizmente, até hoje, em mais de 30 anos da Universidade Estadual do Piauí, nunca houve uma política formal e democrática para que acontecessem essas remoções e essas mudanças de professores de um *campus* para outro. Isso poderia ser feito, por exemplo, com concurso, né? Com concurso, com editais abertos, com critérios estabelecidos de formas razoáveis para possibilitar que professores pudessem fazer essas transferências, que são normais nas universidades, mas de forma planejada e de forma que os professores não se sentissem, no final das contas, devendo favor para a administração pública, a administração da universidade, quando fizessem essas transferências.

Então, na verdade, quando você faz esse tipo de análise dessa transferência de professores, a situação maior e mais grave é de parte da administração pública, da administração superior da universidade, porque isso é muito conveniente para a universidade, manter esse tipo de política de transferência da forma como é feita até hoje, porque acaba se tornando, de fato, moeda política nas eleições de *campus*, nas eleições de direção de centros e nas eleições também para a própria reitoria da universidade, na medida em que parte dos professores que são transferidos podem, inclusive, se sentir ali com um favor a pagar para o gestor que faz aquela transferência.

Então, os professores é quem menos têm culpa nesse processo. Na verdade, eles estão ali sendo colocados como parte de uma situação que já se arrasta há décadas na universidade, de não dar as condições adequadas de funcionamento dos *campi*, e isso gera insatisfações dos professores que ali chegam, se sentem abandonados, se sentem colocados numa situação de extrema precariedade e dificuldade, e que muitos deles, quando têm a primeira oportunidade, buscam melhorar a situação de trabalho deles, mesmo que seja do ponto de vista individual, de saírem dos seus locais de trabalho originais e se deslocarem para Teresina. Essa é a realidade, por exemplo, do Curso de Comunicação, na Uespi, em Teresina.

Estudantes muito interessados

Eu penso que foi um dos momentos mais importantes da minha vida, do ponto de vista profissional. No momento em que eu vi ali, fiquei bastante estimulado exatamente por conta dos estudantes que eu encontrei ali, muito motivados, muito interessados em fazer uma formação de qualidade.

Quando cheguei à universidade, peguei, se não me engano, pessoas que estavam já próximas ao TCC, na primeira turma e, também, pessoas que estavam no quinto bloco e outras que estavam no terceiro bloco, se não me engano, acho que foi mais ou menos isso. Foi um momento muito interessante, em que, de fato, eu via naquelas pessoas, ali, naqueles estudantes, naquela juventude, em grande parte deles, né, muito interesse em fazer um curso com qualidade, em participar das atividades, principalmente os que também já tinham interesse em trabalhar no mercado.

É óbvio que em qualquer curso, em qualquer área, existem as pessoas que fazem os cursos, mas não querem desenvolver aquela atividade profissional, estão ali para garantir uma formação superior. E no Curso de Comunicação da Uespi não era diferente. Mas grande parte dos estudantes ali, quando eu cheguei, já tinha o interesse em trabalhar com comunicação, seja na docência, seja também na parte, digamos, de mercado.

Reconhecimento do curso

Eu falo da minha experiência enquanto coordenador de curso, eu posso falar um pouco com mais familiaridade nesse sentido, do que é que eu percebia dessa precarização dos laboratórios. Quando eu fui coordenador do curso, existia também uma demanda imediata naquele exato momento, que era a questão do reconhecimento do curso junto ao Conselho Estadual de Educação.

O curso tinha que passar por essa avaliação do Conselho Estadual de Educação. Passava pelo MEC, claro, os reconhecimentos, essa permissão de funcionar. Então, pela primeira vez, o Curso de Jornalismo passaria por essa avaliação junto ao Conselho Estadual de Educação para o reconhecimento. Então, qual era a situação que era evidente naquele momento?

Se os professores que compuseram aquela equipe de reconhecimento fossem, de fato, rígidos no processo de avaliação, o curso teria fechado naquele momento, 2004, 2005, se eu não me engano. Porque, efetivamente, as condições para reprovação do curso estavam dadas, não dava para fazer maquiagem na realidade do curso.

Existia apenas um laboratório, que era o laboratório de rádio, não existia laboratório de TV, não existia laboratório para o jornalismo *on-line* ou para o jornalismo impresso, não existiam computadores para os alunos escreverem suas matérias, seus materiais, não existiam câmeras fotográficas, não existiam câmeras filmadoras, não existiam microfones para experiência do rádio, embora o laboratório de rádio fosse até razoável. Diante da precariedade que era o Curso de Comunicação, o laboratório de rádio era algo que se sobressaía.

Então, assim, a equipe que lá foi fazer a inspeção e a avaliação do curso, ela, basicamente, saiu convencida da importância do Curso de Comunicação da Uespi para a sociedade naquele momento, diante da demanda social que existia, e saiu convencida também da qualidade que era aquele grupo de estudantes que estava ali saindo, que estava se formando, e para quem era analisado de fato ali, naquele momento, né.

Foram entrevistados os alunos, foi feita uma pesquisa, foi feita essa avaliação junto aos estudantes. A equipe de avaliação se reuniu com os estudantes que estavam ali se formando e, também, os que estavam em períodos anteriores. E essa equipe percebeu que aqueles estudantes tinham ali uma formação peculiar, apesar de tantas dificuldades. Mas pelo próprio interesse deles e, também, dos professores, naquele momento, se podia fazer uma formação, a melhor possível, diante das grandes dificuldades que aconteciam.

E a presença desses estudantes, sobretudo dos formandos, do quinto bloco, sexto bloco, já no mercado de trabalho, era evidente, isso também já era uma prova, do ponto de vista prático, de que a formação do Curso de Jornalismo da Uespi, mesmo com tanta precariedade, fazia com que esses novos profissionais, saindo da Uespi, também tivessem seu lugar respeitado no mercado...

E aí, a gente viu, em seguida, que egressos do Curso de Jornalismo da Uespi obtiveram sucesso em concursos e, também, na localização desses profissionais, inclusive hoje, em cargos de chefia, em assessorias, no mercado de trabalho formal, digamos assim, da prática, do *hard news*, enfim, e também, na docência e na pesquisa. São muitos os casos de estudantes e egressos da Uespi que enveredaram para fazer mestrado, doutorado, que hoje também atuam na docência.

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE ELIEZER CASTIEL MENDA

Relação com o Curso de Jornalismo da UFPI	Estudante; professor efetivo; chefe de departamento; coordenador
Período	1986-1990; 1992-atual; 1992-1995 e 1996-1998; 2001-2003 e 2003-2006
Data da entrevista	5 de março de 2020
Local	Universidade Federal do Piauí
Formato	Áudio
Duração	1:15:49
Acesse a entrevista neste link.	

Criação do curso

A grande motivação da implantação do curso foi uma demanda do Sindicato dos Jornalistas do Piauí – inclusive, eles encaminharam um processo de solicitação de abertura do curso. Também porque havia um decreto ou portaria do Ministério do Trabalho, que tornava obrigatório o registro profissional para jornalistas formados. Aqui não tinha nenhum profissional formado na área de jornalismo. O documento recomendava, em áreas que não tinha o curso, que fosse implantado. E o sindicato entrou com esse pedido, solicitação junto à reitoria da Universidade Federal do Piauí.

A princípio, a reitoria, junto com pessoal do Projeto Piauí, realizou um curso, um seminário de extensão de média ou de longa duração, que qualificava, não em nível superior, mas dava um curso de jornalismo, de redação, de edição, de produção jornalística para os sindicalizados, com a promessa, o compromisso de dar sequência à implantação do curso.

Nessa época, estava por aqui um catedrático da Unesco, chamado Ruan Díaz Bordenave. Ele veio para junto ao (acho que) Projeto Piauí e Programa de Desenvolvimento Rural. Ele esboçou grande parte do projeto pedagógico do curso, junto com a professora Walda Neiva.

Nesse escopo da grade curricular do projeto pedagógico, o curso era voltado para formar comunicadores e extensionistas rurais, ou seja, não era um jornalista para redação de jornal necessariamente, ele poderia tanto trabalhar nas redações de jornais na capital como também na extensão rural no interior, no sentido da comunicação mais voltada para o campo, para os trabalhadores do campo.

Então, tinha disciplinas, como Sociologia Rural, Psicologia Social, Redação, Produção e Edição em Pequenos Meios, que era a produção de cartilhas, produção de cartazes. Abrangia todo esse contexto da comunicação mais voltada para o campo, até mesmo porque era um

projeto que era desenvolvido mais nas comunidades rurais. Precisava-se de profissionais que lidassem com mais competência no campo da comunicação.

Esse primeiro currículo tinha todo esse perfil do jornalista, além da profissão jornalista, ele também tinha que ter essa outra preocupação como um comunicador popular, comunicador rural, comunicador extensionista rural. Inclusive, grande parte dos estágios que, na época, a gente tinha, era no antigo PDR e em algumas áreas de programas de extensão, da pró-reitora de extensão, e por aí vai...

Mudanças curriculares

Com o advento do desenvolvimento da própria cidade, houve a necessidade de adequar mais, pelo menos focar mais no jornalista para as grandes questões urbanas. Houve essa segunda mudança, que foi a mudança que trouxe mais um caráter técnico para o currículo de Jornalismo. Essa mudança foi coordenada pela professora Lavínia Madeira, que já era mestranda no Curso de Comunicação da UnB (Universidade de Brasília).

Ela passou no concurso e foi nossa primeira mestra. O restante dos professores, ou eram especialistas ou eram só graduados. Alguns na própria área de comunicação; e outros, nas outras áreas; alguns com experiência de redação de grande jornal; e outros, não. Então, você tinha mais ou menos um corpo muito eclético. E com essa mudança de perfil, então, os concursos foram mais voltados para atender a esse novo perfil do currículo, que era trazer profissionais, pessoas já capacitadas e qualificadas para o exercício do jornalismo e da própria docência.

O primeiro currículo durou, aproximadamente, de 1985 até 1988, 1989... Eu tive que fazer migração também. Foi de 1985 até o final de 1987, por aí... Eu participei das reuniões como estudante para a primeira mudança de 1987 para 1988, mais ou menos. Aí, de lá para cá, teve outra mudança, eu acho que em 2006 para 2007. Essa, eu participei da comissão, mas a coordenação ficou com a professora Ana Regina.

Teve uma alteração curricular recente agora. O MEC, em 2013, definiu as novas diretrizes do Curso de Jornalismo. Com isso, você saía do curso da Comunicação Social com habilitação em Jornalismo para Bacharelado em Jornalismo. Então, todos os cursos teriam que fazer essa mudança, e nós só conseguimos concluir essa mudança em 2018, sendo que o prazo era 2016.

Por quê? Porque pelas novas diretrizes, como houve a abertura de mais eixos, eixos fundamentais das disciplinas, das diretrizes e do perfil, se a gente fosse implantar, assim como o MEC queria, a gente teria que ter contratado, pelo menos, mais uns, de cinco a dez professores, além de fazer cursos de atualização, principalmente nas áreas de laboratório, para

os professores do currículo antigo. Porque não adianta tu pegares um cara e mudar só o nome da disciplina e chegar lá... Às vezes, você tem certas práticas de laboratórios que muitos alunos sabem mais do que aquele professor antigo que, hoje, tem dificuldade em acessar um celular, um computador etc. Você teria que ter todo esse preparo de atualização e qualificação, capacitação desses professores nessas áreas.

Então, nós fomos fazendo aos poucos, à medida que a gente fosse se familiarizando com essas ferramentas. Por isso que a gente começou a implantar em 2018. A gente está, assim, implantando... Era pra ter implantado já inteiro em 2018, mas não deu, por conta dessas, desses problemas, aí ia faltar professor para oferta de até mais disciplinas, e etc.

E a gente está fazendo assim, período por período. Mas está muito complicado, porque é como se estivéssemos lidando com dois cursos diferentes: são códigos diferentes, códigos de disciplinas diferentes, código de curso diferente... Está uma maluquice, todo semestre é uma loucura.

Então, teve esse primeiro currículo, do professor Bordenave; o segundo currículo, da professora Lavina, que foi de 1988 em diante; o terceiro, que foi de 2006, 2007 para 2008; e o de 2018, ainda em implantação.

Concursos

Ó, teve o primeiro concurso, que entrou o professor Laerte Magalhães, o professor Paulo Vilhena, o professor é Magnus Pinheiro, teve alguns outros que passaram, mas não assumiram. Então, esses foram chamados. Acho que a Lavina entrou em 1986. Aí, teve o segundo, que foi o que entrou a Cláudia Brandão... Aí, teve essa terceira leva de concurso que entrou eu, Fenelon Rocha, Cantídio Filho, Jacqueline Dourado e Paulo Fernando. Fenelon não é formado aqui, ele é formado no Ceará. Agora eu, Paulo, Cantídio e a Jacqueline, sim. Aí, depois, teve um outro concurso que passou o professor Gustavo Said, que é ex-aluno também, e passou a Ana Regina também, que ela é ex-aluna, e passou a professora Luciene.

Eu fui em 1991, mas assumi em 1992. O do Gustavo, acho que foi em 1994. E a Ana Regina foi em 2000 e pouco, acho que foi em 2001, 2002, por aí. Depois, nós tivemos um ex-aluno, que veio removido de Roraima para cá, que foi o professor Iono. Eu fui aluno na UFPI entre 1986 e 1990. E aí, voltei como professor em 1992. Tem nem tempo de esquecer, falo e rio.

Professores

Por isso que se tem muita presença de ex-alunos do curso nos primeiros concursos, como foi a Cláudia Brandão, que foi ex-aluna do curso, eu, o Cantídio Sousa Filho, a Jacqueline Dourado, o professor Achilles Costa; agora, a professora Cristiane Portela e o professor Paulo Fernando Lopes, que são egressos aqui do curso. Alguns passaram, acho que foi no segundo concurso. Quando fez a mudança curricular, houve a necessidade de contratação de novos docentes. À medida que iam se aposentando alguns professores do CCE (Centro de Ciências da Educação), a gente ia conseguindo vagas dessas aposentadorias para o curso. E aí, a gente formou o grupo.

A partir de formado esse grupo, a gente tinha que ter um salto mais qualitativo, que era a qualificação desses docentes. Então, a gente conseguiu, primeiro, fazer um convênio com a Universidade Federal do Ceará para o curso de especialização. Acho que foram quatro professores: foram dois no primeiro momento, o professor Paulo Fernando e o professor Marcos Rezende, e depois foram três... no segundo momento, que fui eu, a professora Jacqueline e o professor Laerte. Fizemos a especialização.

Durante essa especialização, que era um convênio entre a UFC e a UFRJ, e a UFC abriu um leque para que a gente pudesse participar, a gente entrou em contato, na época, com o professor Fausto Neto. Ele tinha muitas ligações com o Piauí. Mesmo sendo professor na UFRJ, ele é do Nordeste, e ele tinha muita, muita simpatia com o pessoal do Piauí, pelo avanço que a gente havia conseguido no curso. E ele solicitou que a gente conversasse com o nosso reitor, na época, que era o professor Pedro Leopoldino, para que nós conseguíssemos ver a possibilidade de fazer um convênio de mestrado interinstitucional com a UFRJ. Só que, no Brasil, essa modalidade não existia. Havia toda uma demanda de solicitação junto à Capes, e tem até aquele jogo burocrático, político, institucional, que, de certa forma, impedia.

E aí, a Matemática conseguiu, digamos assim, furar esse bloqueio. A Matemática conseguiu um convênio, eu não sei com qual foi, acho que foi com o Impa, do Rio de Janeiro, o Instituto de Matemática Pura e Aplicada. E a gente dividia bloco com a Matemática. Tem ali uma Cantina do Assis... Essa Cantina do Assis, vamos dizer assim, era o termômetro político da universidade. Então, se queria saber o que era que estava acontecendo na universidade, saber quem é quem, você ia lá na Cantina do Assis, sete horas da manhã, o cafezinho... Aí, juntava o pessoal da Matemática, o pessoal da Química, o pessoal da Física, da Biologia e o pessoal da

Comunicação. E eles gostavam muito da gente, pelo fato de que o pessoal da comunicação é sempre muito divertido, e se dava bem com todo mundo.

E tinha o professor Xavier, que uma vez ele conversou comigo e com a professora Lavina... Inclusive, ele foi para o cargo de pró-reitor de pesquisa, na época, acho que era pró-reitor de pesquisa, e convidou a professora Lavina para ser a coordenadora de pesquisa. E, nisso, ele disse que poderia conversar, na época, com alguns colegas que ele conhecia na Capes, da área da Matemática, para poder ajudar nessa luta para abrir os mestrados interinstitucionais.

E eu falava para ele da questão da nossa necessidade, porque era o curso novo, e a gente não queria ficar parado só com salas de aula, aquela coisa toda, que a gente tinha uma vida profissional, mas também queria ter uma vida acadêmica. E ele nos incentivou a fazer um projeto de mestrado interinstitucional, e eu disse para ele que a UFRJ havia sinalizado que, se o reitor daqui aceitasse, ele poderia conversar com a administração superior da UFRJ para fazer o convênio.

E aí, nesse bolo, foi a Matemática e o Serviço Social. Os primeiros mestrados interinstitucionais no Brasil aconteceram exatamente com a Matemática, com a Comunicação e com o Serviço Social. Uma instituição ranqueada, na época, entre cinco e seis, a nota máxima, pelo ranking da Capes, e essa instituição, ela poderia fazer o convênio, ou seja, ela mandaria os professores, e a gente faria o mestrado em ritmo intensivo.

Então, cada mês era uma disciplina, cada mês um professor para cumprir a carga horária. E, depois dos créditos cursados aqui, você teria seis meses de estágio na instituição. No caso da UFRJ, ela fornecia os professores e toda a burocracia do curso, a carga horária, as normas de funcionamento, a seleção, toda a parte burocrática era a UFRJ que cuidava, e a gente tinha, no final, que passar seis meses lá como estágio para finalizar a dissertação e fazer a defesa.

Então, nós qualificamos de uma vez. A gente abriu dez vagas, e nessas vagas, a gente conseguiu uma outra conquista interessante, porque a Capes, ela só qualificava professores, e a gente conseguiu, nessa política toda, colocar um técnico administrativo e uma ex-aluna, que foi a Ana Regina, ela entrou como, como recém-graduada, por quê? Porque houve a desistência de dois professores, e a Capes já tinha feito todo o cronograma, planejamento para dez alunos.

E aí, a gente conseguiu cobrir com esses dois, já que a gente havia feito o compromisso de que esses alunos futuramente poderiam ser reaproveitados no curso. De fato, foram. Tanto Achylles, como a professora Ana Regina, depois fizeram concurso e passaram. Então, já qualificou dez pessoas. Talvez, tenha sido, assim, o maior contingente, na época.

Desses dez, depois, nós conseguimos o convênio com a Unisinos para fazer o doutorado da mesma forma, interinstitucional. Só que, como depois demorou muito... A gente terminou o

mestrado, entre 2000 e 2002, de lá pra cá, a gente veio negociando para prorrogar esse convênio com a UFRJ, com o doutorado. Só que a UFRJ caiu na avaliação do MEC e teve que fazer uma reformulação interna e, assim, falava que tinha que reduzir o número de vagas, e as vagas seriam exclusivamente para professores.

Bom, enquanto essa indefinição acontecia, o professor Fausto Neto se aposentou e foi para a Unisinos. E aí, a gente foi atrás dele na Unisinos, já que a UFRJ estava ainda em processo de reformulação e tal. E isso aí ia tomar as negociações, depois que viesse a avaliação da Capes, e ia demorar, no mínimo, uns três anos. A gente foi tentando com a Unisinos.

Só que, assim, depois disso aí, mudou-se a gestão do professor Júnior, e tinha que ser outra negociação com o reitor, porque a universidade tinha que bancar a parte dos custos. A Capes daria uma parte, e a universidade daria outra. E aí, quando o reitor Júnior assumiu, a gente foi conversar com ele, e ele autorizou a gente fazer as negociações com a Unisinos.

E daí, em 2010, a gente conseguiu o convênio e fizemos o doutorado interinstitucional. Só que aí, ao longo desse tempo, o professor Gustavo, a professora Elmira, a professora Ana Regina, o professor Laerte, o professor Paulo Fernando, a professora Jacqueline já encaminharam seus doutorados de forma não interinstitucional, eles foram fazer na sede, na própria universidade, a maioria na Unisinos. O Gustavo e a Jacqueline foram para a Unisinos; o Laerte e o Paulo Fernando para a UFRJ; a Elmira foi para a UnB; e a Ana Regina, acho que para a Metodista.

E, aí, ficaram mais alguns professores, como o professor Paulo, a professora Mina, o professor Achilles, o professor Iono, eles ficaram na dependência de fazer esse convênio. E aí foi feito em 2010, concluiu, mas o restante desses professores... Eu fiz o pleno lá na Unisinos, porque também achava que ia demorar mais ainda, aí, por sorte, eu comecei em 2009 lá, e em 2010 teve aqui.

Aqui, o programa era diferente, porque era um interinstitucional, ele tinha uma gestão diferente dos plenos, e, na época que eu fui, mudou o formato. Antigamente, você tinha PICDT, que era o Programa de Incentivo à Qualificação de Docentes, e mudou para o pró-doutoral. Esse pró-doutoral, ele te dava a bolsa apenas de 18 meses, aí depois você retornava para sua instituição de origem, e nessa instituição de origem, você ficaria cumprindo carga horária em sala de aula.

Porque houve o projeto de expansão, e teria que contratar novos professores, e para evitar novos contratos etc., você tem aproveitado essa mão de obra que tinha terminado os créditos lá, aqui. E aí, a gente assumia sala de aula. E, depois, você tinha dois períodos de mobilidade, duas mobilidades, essa mobilidade eram de dois meses, você ia para ter a

orientação com seu orientador lá na instituição sede, e recebia mais duas bolsas; e tinha mais outra de seis meses, que era para finalização da tese.

Então, eu fui, eu migrei, aliás, eu fui migrado, não foi uma escolha minha. O governo mudou a regra do jogo, quando o jogo já tinha começado, aí eu tive que esperar a reformulação de todo o programa, e fiquei lá na Unisinos. Terminei ficando quatro anos. Depois, retornei.

Cursos de especialização

Assim que a gente fez o mestrado, a gente começou a oferecer cursos de especialização. Aí, nós fizemos especialização na área de imagem e publicidade; comunicação organizacional; depois, em telejornalismo; depois, em radiojornalismo; depois, em assessoria de imprensa. Então, era a forma que a gente encontrava para não perder o pique. Enquanto o mestrado, enquanto o doutorado não vinha, a gente fazia cursos de especialização.

Depois, o pessoal foi saindo para o doutorado, aí, teve um período que foi proibido as especializações, porque a gente podia cobrar mensalidade, mas depois, não, as especializações teriam que ser gratuitas. Mas a gente tinha que bancar a passagem de professor, aquela coisa toda. E aí, a gente ficava sem poder ter esse apoio institucional e... Deixa eu ver...

O mestrado interinstitucional durou, acho, até 2002, o período da última defesa. Não sei quem foi o último a defender, acho que foi... não, ficou para defender o professor Magnus Pinheiro, foi o único que não conseguiu concluir, teve problemas familiares e, aí, terminou desistindo. Ele já estava com a tese pronta, faltava só qualificar e até a dissertação qualificar... aí, desistiu por problemas de família. A esposa faleceu, aliás, a ex-esposa faleceu, e teve problemas com os filhos, aquela coisa... desistiu. Mas foi de 1998 a 2002, e as especializações ocorreram nesse período também.

Ó, no início, você tinha a professora que já era daqui do Curso de Artes, que era Educação Artística, era a professora Walda Neiva, mas trabalhava com fotografia. Aí, depois, veio a professora Edite, professora Luzia. A Edite é da área de relações públicas, acho que ela tinha se formado em São Luís. Aí, tinha a professora Joanita, também de São Luís, que era da área de Português I, de Letras. Aí tinha os demais professores, eram professores de outros departamentos; as disciplinas específicas de comunicação eram lá para o final do curso.

Aí, você tinha Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa, que já era o professor Marcos Rezende. O Rezende era um profissional também de mercado, era formado em Comunicação. Formou em Comunicação, mas trabalhava no mercado, veio de Fortaleza. Ele é de Piripiri, foi pra Fortaleza, formou, trabalhou nos jornais e TVs de Fortaleza, e voltou, teve o concurso, ele veio para cá.

O Laerte também do mesmo jeito. O professor Laerte, que na época era de fotografia, trabalhava mais com o discurso publicitário, que ele chamava, assim, o pessoal da prática, né... Aí, deixa eu ver quem mais... Professor Magnus, também era jornalista, já era jornalista... Professor Paulo Vilhena também jornalista, que já dava disciplina da metade do curso para o final, com disciplinas mais específicas. Então, o restante era os professores espalhados, que você tinha disciplinas que ia da economia, geo-história, ética, legislação, que era dado pelo Direito, que depois foi dado pelo curso.

Rádio e TV Universitária

Depois de todo esse processo tivemos uma outra conquista, que foi a rádio universitária. Essa rádio, desde que o curso iniciou, que se tem batalhado para que ela saísse, e sempre com a promessa da administração superior que ia resolver e tal... Mas, assim, por várias questões mesmo, que fogem um pouco do controle político da instituição, mais por uma questão da concessão, que depende muito mais do Congresso Nacional do que daqui. Você precisa ter uma bancada de políticos fortes que possa... E aí, a gente conseguiu a da rádio.

Conseguimos um convênio com a TV Futura, que é da implantação de um canal de TV aqui, que ia reproduzir o sinal da Futura. Só que a Futura, ela só tem a concessão dela para operar como uma TV comunitária, e o foco dela tem que ser dentro do Rio de Janeiro. Mas só que a Unisinos reproduzia. O que a gente ia fazer aqui era reproduzir apenas o sinal, não era implantar uma TV Cultura no Piauí, era pegar a programação dela, o conteúdo, e fazer aqui.

Aí, o reitor mandou a gente fazer uns estudos de viabilidade, principalmente, viabilidade financeira... técnica, bem, o que dava para fazer, era um sistema de micro-ondas que sairia de uma torre principal e emitiria o sinal para essa região aqui, essa região dentro do próprio *campus*. Bom, mas aí, barrou na questão da viabilidade financeira, que se tornava muito cara a manutenção de uma rádio, de uma TV, é realmente muito caro, e a instituição, assim de pequeno... naquela época, de pequeno porte, não tinha orçamento para cobrir.

E a Andifis, que é a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, ela havia já sinalizado para o reitor, para os reitores das federais, que iria montar uma TV da Andifis, e que todas as universidades passariam a integrar esse sistema. Bom, isso ficou também na promessa, até hoje, não saiu.

Mas a da rádio foi mais fácil. A da rádio tem uma polêmica muito grande com relação tanto à rádio quanto à da TV. Primeiro porque existem conversas, e eu até sou mais propenso a acreditar nessas conversas do que na versão oficial de que o reitor havia conseguido a concessão

da TV para cá, só que houve uma negociação política entre ele e o presidente da Assembleia e essa concessão terminou indo para a Assembleia, que hoje é a TV Assembleia.

Quer dizer, essa é uma conversa que eu não tenho plena certeza de que foi assim, mas todas as pessoas do mundo político que eu conheço, elas falam dessa... E, no mundo político, todo mundo comenta isso, talvez até algum outro colega meu possa te falar melhor, porque tem mais conhecimento de caso, porque vive no guichê do mundo político. E como compensação dessa mudança da concessão, eles facilitaram a... transformaram a concessão da TV na concessão da rádio, que foi essa rádio universitária.

Mas, assim, por outro lado, também tem um outro viés, que é esse: você tem uma concessão, mas você não tem dinheiro para manter. Você pode até montar, mas não consegue manter. Essa que é a rádio já tem uma certa dificuldade de manutenção, porque são equipamentos caros, e você tem que sempre que estar atualizando tecnologia, e, aí, fica difícil para manter com o orçamento que a universidade tem.

Eventos

Nós sempre realizamos eventos. A gente tinha um contato muito, muito bom com grandes universidades, na época, a própria UFRJ, o pessoal da Bahia também, o pessoal do Ceará. Então, a gente realizava alguns eventos aqui, como congressos, seminários, a gente conseguia trazer muitos eventos.

Uma época, nós trouxemos, via professor Fausto Neto, um professor de Portugal. O primeiro que veio foi o professor Adriano Duarte Rodrigues, ele foi professor meu no Ceará e, depois, nós o trouxemos para cá. Geralmente, esses congressos eram abertos para a comunidade toda, principalmente os sindicatos dos jornalistas, os jornalistas.

Na época, tinha uma associação que coordenava todos os cursos de comunicação do Brasil, que era a chamada Abecom, Associação Brasileira das Escolas de Comunicação, e, na época, o presidente era o professor Bernardo Isle, ele também era consultor do MEC. E veio ele, o professor Bernardo Isle, veio o Paulo Afonso, não sei qual era o nome da universidade dele, mas o pai dele era dono da universidade, e ele era o herdeiro da universidade.

Veio, nessa época, o professor Raimundo Santana, que estava vindo transferido da UnB para cá, para o Curso de Economia. Ele também ficou muito ligado à gente, inclusive alguns livros que foram produzidos em parceria com ele, com alguns professores do curso. Tem um sobre política cultural e a formação econômica do Brasil, tem alguns artigos de alguns professores nossos.

Depois veio o professor Maíke Stripoli. Tem um acervo de fotos aqui que foram doação dele para nós. Aí, na época, a professora Lavina Madeira mandou emoldurar e colocar no Departamento de Comunicação. Ele fez a doação para a universidade, a universidade não sabia onde colocar... “Ah... então, deixa para gente, aqui”.

A primeira visita que ele veio, aqui, acho que foi via Companheiros das Américas, que era o programa que existe entre Brasil e Estados Unidos, em que alguns estados dos Estados Unidos adotam um estado do Brasil... Então, o Piauí tem uma relação familiar com o estado de Nebraska. Geralmente, isso é feito via as instituições acadêmicas e via o Rotary e o Lions Clube. São, assim, experiências de intercâmbio. Então, vinham os professores de lá para cá, às vezes, para o Curso de Comunicação, às vezes, para outros.

Até então, a Comunicação nunca tinha tido, mas vinha para a Medicina, principalmente, para a Medicina, para a Odontologia, para a área de saúde sempre vinha muito. E até que, uma vez, veio para a Comunicação, que foi o professor Maíke Stripoli. Veio ele, a esposa e os filhos. Depois, veio ele e mais um colega dele da Universidade de Nebraska, que é o professor George Tuke.

Aí, veio o Tuke. Aí, depois, veio esse pessoal ligado às universidades de peso na Comunicação no Brasil, que foi o professor Muniz Sodré, o professor Fausto Neto, o professor da Issoldo Paulino, que era da UFC, na época. Grande parte desses professores da área de Comunicação tinham uma ligação muito grande com o Piauí, por conta do Projeto Piauí, na época do Alberto Silva. E muitos deles trabalhavam na área da economia, da extensão rural ou, então, da própria comunicação, e aí, eles foram criando vínculos com a gente.

Mas, assim, tanto tiveram esses eventos mais fortes, vamos dizer assim, além da gente ter muito, muito, muito envolvimento junto com o sindicato nos eventos da categoria nos congressos dos sindicatos locais, encontro dos jornalistas.

Projeto Ícone

E nós realizamos também um grande projeto. Na época, eu era o chefe de departamento, e, aí, nós fomos procurados pela Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente que, na época, quem assumiu foi o Rodrigo Ferraz, e o Rodrigo Ferraz era ex-aluno do curso. Ele assumiu a secretaria e ele desafiou a gente a fazer um projeto. “Rapaz, vamos colocar o Curso de Comunicação também nessa esfera do campo de prestar serviço pra sociedade e tal, aquela coisa... tem fonte de financiamento, a gente consegue”. E aí, ele pediu para a gente ver uma possibilidade de fazer. E, aí, nós fizemos um projeto chamado Projeto Ícone.

O que que era o Projeto Ícone? A prefeitura tinha aqueles projetos de proteção a jovens adolescentes entre 15 e 16 anos, que estavam em conflito com a lei, então, ela acolhia esse pessoal nas chamadas Naicas, núcleos de... Naica, eu não me lembro o... sei que eram os Naicas e a Casa de Metara, que era com mulheres, que também estavam nessa fase, ou envolvimento com droga, com prostituição, ou com outra coisa que não fosse a escola.

E aí, disseram: “Como é que a gente faz pra fazer com que esse pessoal sinta um pouco mais apreço pelo projeto, pela socialização etc.?”. Aí, disse: “Olha, a gente tem várias formas de fazer, mas olha, tem laboratório de rádio, tem laboratório de TV, tem laboratório de fotografia, tem laboratório de jornal impresso, né. Então, a gente pode fazer um projeto que, se a prefeitura bancar e a universidade aceitar, a gente faz”.

Aí, nós elaboramos o Projeto Ícone, que era? A prefeitura selecionava, acho que eram oito ou eram dezesseis Naicas e as Casas de Metara, 40 alunos por semestre. Esses 40 alunos vinham para a universidade pela manhã, a prefeitura trazia, no carro, a prefeitura trazia o lanche depois, no intervalo, e a gente dava oficinas, oficinas de rádio, oficinas de TV, oficinas de jornal... E nós conseguimos formar 200 alunos.

Aí, a Unicef financiou o projeto, foi um projeto de referência, na época, porque não houve, praticamente, evasão, eles vinham todos. Eles formaram. A formatura era lá na Casa de Cultura, ali na Praça Saraiva. Só que depois, o prefeito resolveu que a Secad não ia mais financiar. Mudou o prefeito, na época, acho que era Firmino, depois mudou para Sílvio Mendes. Sílvio Mendes parece que “num” achou interessante, e a Unicef também percebeu que a prefeitura estava um pouco desestimulada, também não financiou mais.

O Projeto Ícone, ele durou de 2000 e... deixa eu ver... foi de 2002 até 2005. Como é que era o projeto? Tinha o coordenador na prefeitura, tinha um coordenador aqui, que era a própria pró-reitoria de extensão, aí tinha os coordenadores de área. Eu coordenava o projeto todo aqui, mas, assim, pedagógico, supervisionava a execução do projeto. E você tinha os monitores que eram professores, professor de fotografia, professor de tele, professor tal... Então, eles davam as oficinas e a prefeitura pagava o pró-labore para eles.

Aí, os monitores, os monitores, o professor tinha uma outra pessoa que ajudava, geralmente, assim, tu tens um professor de tele, mas nem sempre o professor dá para acompanhar tudo, então, às vezes, ele chamava alguém, que era como se fosse um assistente, pegava um assistente para poder fazer o acompanhamento dos alunos. No final, eles produziam um ensaio de fotografia, jornal...

Inclusive, algum tempo atrás, alguns deles, eu encontro, aqui, no CCHL. Tem uma que formou agora e até tinha me mandado uma mensagem, que é oriunda do Projeto Ícone e tal...

Outro, que depois escrevia no “jornalzinho”. Mandou uma carta, falando sobre a importância do Projeto Ícone na vida dele. Ele disse que já tinha feito algumas coisas erradas na vida, tal... e que depois que começou a viver... engraçado era o relato dele. Só o fato de ele estar “num” ambiente como a universidade, para ele, já era o motivo de pensar a vida de uma forma diferente, então, para ele, isso aqui era como se fosse uma casa, né.

E é muito parecido – saindo fora um pouco do contexto – é muito parecido com os alunos que estão vindo agora, grande parte deles é, mais ou menos, na faixa de idade e que tem os mesmos problemas que eles tinham na época. Então, às vezes, eu brinco: “rapaz, aqui virou um grande Ícone”...

Dificuldades

Olha, o primeiro grande problema que a gente teve era espaço. Como eu te disse, o SG4 era dividido entre a Comunicação e a Pedagogia, e não pode... assim... jornalista com pedagogo que, às vezes, não dá certo... eu rio disso. Por quê? Porque, na época, se dizia o seguinte... “A universidade tinha dois tipos, três tipos de alunos: os da saúde, incluindo o pessoal do CCN, o das humanas, e que incluía o CCE, e os da comunicação”.

A gente era assim muito impulsivo, era um pessoal que não se aquietava, e aí o pessoal se sentia atrapalhado, incomodado, porque o pessoal ficava ali... Praticamente, as aulas, você tinha um momento de sala de aula já, mas, depois, no intervalo, de uma aula para outra, você tem assim mais ou menos 15 minutos para seu professor terminar a aula e mais 15, que o professor vai começar a outra, então, em torno de 30 minutos. O pessoal saía todo mundo ali para os corredores, aí começava uma conversa que, às vezes, atrapalhava o pessoal da Pedagogia.

Aí, quando eles construíram, aqui, o bloco da Pedagogia, a gente ficou com o bloco de lá, mas aí, teve que dividir com a Matemática. Com a Matemática, foi a vez que foi muito mais amigável, tanto que foi daí que saiu o mestrado interinstitucional. O pessoal da Matemática, aliás, o CCN no geral, adorava a gente, por conta disso. O pessoal que chegava, que era muito extrovertido, que assim, era fácil de fazer amizade, muito prestativo e tal. E eles, loucos para nos oferecerem informações que a gente pudesse utilizar na imprensa e tal. E aí, tinha muito esse contato.

Mas tinha uma dificuldade que era enorme, que era de você acompanhar os espaços. Se você só tinha quatro turmas, não, quatro salas para, em média, 200, de 100 a 200 alunos, e é uma oferta grande... Antes, o curso, na verdade, ele durava quatro anos e meio, o mínimo, no primeiro currículo. E aí, você tinha essa dificuldade extrema.

Aí, depois, houve uma manifestação, porque a gente pediu, solicitou ao reitor que, pelo menos, que colocasse... Porque, aqui, as salas de aula não tinham ar-condicionado, e você assistia a aula das duas às quatro, naqueles galpões acolá... Eram horríveis, não tinha rendimento, e a gente procurava, com o reitor, arranjar um espaço próprio ou, então, que ele destinasse, conseguisse outras salas em outros lugares.

E aí, o reitor dizia que o Curso de Comunicação era um câncer, uma herança maldita que ele tinha recebido do reitor anterior. Porque foi o reitor anterior, o nome dele é João Ribeiro, o João Ribeiro foi quem criou o curso, então, ele que deveria cuidar. E, aí pronto, aí comprou briga com o curso.

Aí, o que foi que aconteceu? O professor Marcos Rezende, ele tinha aula de uma disciplina chamada TREP, Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa, e num desses dias é... às vezes, você quando chegava na sala, tinha um professor de outro curso lá, aí o professor dizia: “Vocês tão chegando agora na universidade, e eu já estou aqui há mais tempo”. Aí, o professor resolveu, pegou os alunos, pegou umas carteiras em outra sala e foi fazer o protesto na frente da reitoria. Mas só que foi na avenida, então, enfileiraram as carteiras, o professor foi dar aula duas horas da tarde, no sol quente, para mostrar, para tentar sensibilizar o reitor.

Mas, mesmo assim, conseguimos. O pessoal da Física compartilhava uma sala com a gente, o pessoal da Matemática, tal... e fomos levando. Mas o curso foi crescendo e precisava de espaço, e quando o CCE veio para cá, aí aquela questão da rixa. Quando fizeram o projeto, fizeram o projeto para todos os cursos, menos para a Comunicação.

Aí, a gente conversou com o professor Pedro Leopoldino. Na época, eu era chefe de departamento, e o Gustavo era coordenador de curso, e a gente pedia duas coisas. O Pedro era vice do Charles, e nós tivemos reunião com eles, e a gente pediu duas coisas: primeiro, na época, as redações todas estavam informatizadas, a gente queria um laboratório para informatizar, e, depois, o espaço.

Aí, o reitor pediu para que a gente fizesse todo o levantamento, se esboçasse, pelo menos, um croqui do que seria o espaço e tal, o bloco da Comunicação e tal. E o Charles conseguiu, acho que, na época, foram dez computadores, com programas, tudo. Aí as pranchetas – que antigamente diagramávamos nas pranchetas, aquela de arquiteto – a gente destinou as pranchetas para o pessoal do CT, que a gente também tinha muita ligação com eles. Na época, era o professor Paulo de Tarso. A gente cedeu as pranchetas para ele, que era um pedido que ele tinha feito para o reitor, e o reitor disse que as pranchetas não davam certo, porque era muito cara, tal...: “Pois, a gente cede as pranchetas e o senhor compra computador”.

A gente arranhou os computadores, geralmente “num...” eram uns computadores, assim, top de linha, mas era o suficiente para a gente fazer texto, diagramar. Você não precisava de grandes coisas, na época, você tinha um programa básico de diagramação, no próprio *Word* você diagramava. Aí, depois é que a gente foi fazendo *peti make*, depois foi comprando os *Corel*, comprando o *Adobe*, o *ICloud*... comprando não, “piratiando”, né... E essa primeira parte deu certo.

Aí, depois, foi a compra de equipamento. Geralmente, assim, o que é que acontecia? Acontecia que uma vez a gente fez uma solicitação de compra de equipamento, a universidade comprou, só que quando chegou, aqui, na universidade, chegou no almoxarifado, esses equipamentos foram para outros lugares, uns foram pra Medicina, outros foram para Floriano, e a gente ficou sem. E aí, a gente foi atrás, de novo, do reitor.

Isso foi na época do Natan Portela, aí quando o Charles assumiu... Primeiro, foi o Anfrísio, Anfrísio saiu com dois anos de mandato, o Charles assumiu. E o Charles foi o reitor que informatizou o curso. Na época, o pessoal já trabalhava com máquinas profissionais nas redações de jornal, e a gente trabalhava com material caseiro mesmo, tipo vídeo cassete.

A rádio era um estúdio, um pequeno estúdio também, que a gente conseguiu também, com muita dificuldade, que tinha que ter todo um isolamento acústico, tinha que ter, pelo menos, uma mesa de som e tal, e, naquela época, era um material caríssimo. Mas assim, o curso começou em 1985, em 1987 para 1988 é que a gente começou a equipar os laboratórios.

Aí, depois que estava tudo equipado, era o espaço físico... E aí, na época, foi o Pedro Leopoldino solicitou que a gente fizesse um croqui. Terminou o mandato do Charles, o Pedro Leopoldino assumiu, ele assumiu com a gente com dois compromissos. Esse compromisso foi firmado naqueles corredores, ali da reitoria. Eu e a professora Jacqueline encontramos o reitor, e a gente disse: “Olha, reitor, a gente quer duas coisas do senhor, certo?”. Ele estava em campanha eleitoral, lógico, né. “A gente quer o mestrado, e queremos o bloco da Comunicação”. Ele disse: “Olha, se eu for eleito, minha prioridade vai ser essa”.

E o Pedro era muito ligado a... ao curso, ele gostava do curso, assim, não, pelo fato de ser jornalismo, mas pelo fato de ele ver que a gente sempre estava correndo atrás daquilo que a gente necessitava, e era um pessoal muito dedicado ao curso mesmo. E, então, ele autorizou que a gente fizesse o mestrado, fizesse o convênio, e autorizou que a gente fizesse o projeto, nem um projeto, pelo menos, um esboço daquilo que a gente queria.

A gente queria que nem o CT, mas, “oh, a gente pede pra ser que nem o CT para ver se consegue, pelo menos igual, o do CCE, que se a gente pedir igual o CCE ele vai dar metade”. Aí a gente fez. Teve algumas coisas que a gente queria: dois pisos, até um segundo piso... mas,

assim, para a necessidade daquela época da gente, o curso já era “ah!...” para quem “num” tinha nem uma sala de aula, agora, tem seis, tem todos os laboratórios e já construiu mais outros dois ali... Então, foi uma conquista muito grande. Mas, assim, sempre tinha que estar no pé do reitor.

E, às vezes, você tinha problema, que era muito grande. A universidade é um campo de disputa de poder muito desigual, porque se um reitor faz um bloco para a Comunicação, ele tem que fazer pelo menos uns três blocos para a Medicina. Mas, aí, era mais fácil ele negar para a gente do que negar para os outro.

Mas, assim, é como diz, você vai criando vínculos, vai criando um certo... mostrando... vamos dizer assim, mostrando serviço e reivindicando, que um dia sai, que uma hora sai, e foi assim que a gente foi conseguindo as coisas. Mas, assim, do céu “num” caiu nada, não. Às vezes, eram discussões duras, às vezes, eram posicionamentos mais ríspidos, mas, depois, chegava a um consenso, e as coisas aconteciam.

Ensino e aprendizagem

Olha, para a gente, é muito difícil. Como eu disse, a primeira questão era você ter os equipamentos, ter sala de aula; e, depois, ter os equipamentos. Então, assim, no meu tempo... Só para dar um exemplo, as aulas teóricas, as disciplinas teóricas, tudo bem; a grande dificuldade da gente, aqui, era livro. Você não tinha livro de comunicação em lugar nenhum, aqui, nas livrarias. Você tinha que mandar pedir, daqui que chegasse, era a eternidade, tinha terminado o período.

Aí, dependia muito da xerox do professor, e os professores eram muito solícitos quanto a isso. Às vezes, você “num” tinha como conseguir a xerox, o professor conseguia arranjar a xerox, ele mesmo fazia, dava para a gente, distribuía para a gente e tal... Então, tinha muito essa troca com os professores, assim, mas no sentido de solidariedade.

Algumas disciplinas, por exemplo, de Diagramação, que precisava de prancheta, primeiro, a prancheta, depois, o computador. A princípio, você tinha que fazer em um papelzinho desse aqui. Primeiro fazia no papel quadriculado, você fazia, aqui, para poder diagramar. Aí, depois, não, depois a universidade conseguiu comprar as pranchetas, os papéis quadriculados, e você conseguia fazer as coisas direitinho.

Fotografia, a gente usava o Daga, que é o laboratório daqui, da Coordenadoria de Assuntos Culturais, então, a gente vinha para cá, onde é, ali perto do Noé Mendes, tem um espaçozinho lá, que era ali a antiga Caixa... E... televisão, não, televisão não tinha jeito, não. Televisão, o professor desenhava na lousa como é que era uma máquina de filmar, e a gente ficava imaginando como é que funcionava, tal... aquela coisa toda.

Fotografia era uma loucura, porque, se você tem uma turma de, na época, pelo menos, era uma turma de 20 alunos, para nós, já era uma turma enorme, e aí você tinha duas, três máquinas para poder dividir para todo mundo, e, geralmente, para revelar, você tinha que se virar para mandar revelar. Ah... tinha um laboratório de fotografia aqui para revelar, mas, assim, nem comportava todo mundo, e, às vezes, o professor marcava para um prazo, aí alguém atrasava aqui, aí você tinha... ficava naquele desespero, aquela ansiedade, terminava mandando fazer fora. Isso, quem tinha dinheiro; quem não tinha, tinha que esperar aqui mesmo.

E, depois, era o próprio espaço das salas, porque você ficava feito um peregrino aqui na universidade, porque, às vezes, você assistia aula lá na Sibéria, outra vez, lá no CCHL, às vezes, no CCE, aqui, no CCHL. Aí, você ficava rodando a universidade toda, por isso, a gente se tornou muito conhecido, né.

Tinha uma coisa interessante! Quando a gente conseguiu montar o laboratório de rádio, a gente criou o que a gente chama da Rádio Cigarra. Isso, o pessoal da Pedagogia ficou com mais raiva da gente – rio ao lembrar – porque os meninos colocavam a caixa de som, gravavam os programas numa fita cassete, aí colocavam no gravador e plugavam na caixa de som, aí, quando dava, assim, as quinze para as seis, a gente colocava o programa no ar. Aí, ficava na frente, ali, para todo mundo.

Então, assim, uma variedade de programas, tinha programa social, programa esportivo, programa político, e assim vai. E, uma vez, a coordenadora do RU, não era Jaldimar ainda, era uma outra antiga, acho que deve ter até aposentado, ela conversou com a coordenação que, na época, era a professora Edite, e solicitou que, se pudesse, a gente fazer um serviço de som lá no RU... Aí, ela cederia o espaço.

E os meninos faziam o programa e reproduziam lá no RU. Mas tinha uns programas, assim, mais escarchados, era a Hora do Animal. Era a gíria da época, a gente chamar o outro de animal, e a chamada do programa era... O Jornal Nacional tinha o top de cinco segundos, era o top de cinco arrotos, então, era, assim, esse padrão.

E, às vezes, o pessoal... o ambiente de universidade é um ambiente, assim, mais sério para as pessoas, que tão assim, é... como é que se diz?... “num” é lugar para você tratar as coisas dessa forma, na base do humor, na base da brincadeira, tal... Mas o curso era assim, e jornalista é assim, não tem para onde correr.

E aí, a gente dividiu o espaço da universidade, naquela época todos os barzinhos aqui na redondeza sabiam quem era o pessoal da Comunicação. Por quê? Porque, às vezes, a aula era no bar. Você vai discutir política, você vai discutir ética jornalística, tal, o professor dava o conteúdo em sala de aula, aí, as aulas, às vezes, iam até oito horas, aí professor dizia: “Oh,

agora, vamos continuar no barzinho ali”. Aí, tinha um barzinho, aqui em frente. Primeiro, era um tal de Casa Nova onde é, aí, hoje, esse posto de gasolina, e tinha aquele ali, a Cacique Pneus... Então, tinha um barzinho ali chamado... não... era em frente ao ônibus ali... tem aquela Farmácia Globo, ali era o Casa Nova, era um barzinho. Aí, depois que o Casa Nova fechou, ficou o Picuí, que é onde é o Cacique.

Então, a gente saía daqui e ia a pé mesmo, daqui lá para o barzinho para continuar a aula. Aí, juntava o pessoal da Comunicação todo. Às vezes, vinha jornalista para cá, a gente ficava naquela confraternização toda. E era muito legal, porque assim, você conhecia pessoas diferentes, você estreitava mais os vínculos com os colegas, e até mesmo a convivência com os professores. Mas, assim, tinha professor que, ah: “Amigos, amigos; notas à parte”, falo rindo.

Então, tinha essa convivência, mas a gente sabia muito bem separar as coisas, até mesmo porque o pessoal que veio fazer jornalismo queria fazer um jornalismo diferente, “num” queria ver, por exemplo, aqueles... Pessoal reclamava muito que os jornalistas de batente eles tinham muitos vícios, chamados vícios da profissão. Às vezes, você tomou uma posição por uma coisa, por uma ideia ou por um político, por uma coisa qualquer, e você esquece da ética jornalística.

E era mais ou menos uma coisa muito parecida, porque, se a gente veio fazer o jornalismo, veio para ser diferente daquilo que a gente via no dia a dia na profissão, na maior parte delas. Não é que não existiam jornalistas sérios... É tão tal que grande parte deles vieram fazer o curso. E aí, “num” cabia a gente começar daqui já praticando os vícios que a gente via lá fora. Então, essa foi uma postura muito interessante.

Assim, nos inícios do curso tinha muito, essa troca, não só a troca de experiência, mas também esse reconhecimento do seu lugar, na época, como estudante e, futuramente, como profissional. Então, isso foi muito marcante. E é por isso que a gente talvez tenha conseguido muitos espaços de vínculos com os demais cursos da universidade, quanto mais com essa postura.

Acho que a minha deve ter sido a quarta... terceira ou quarta turma. A primeira, acho que formou, formou uns três ou quatro alunos; a segunda deve ter formado uns doze, no máximo. Acho que vieram de lá, trouxeram as placas de formatura. A primeira, com certeza, acho, foram três, foram o Genival, acho que o Amadeu, a Cláudia Brandão, e o outro que eu não lembro, isso foi da primeira turma. A segunda turma já foi misturada, o pessoal de 2006 e o restante de 2005. E, na época, teve uma greve que o período foi cancelado, foi em 1987... uma greve que o período foi cancelado, e aí, acho que atrasou muito o pessoal que já estava para formar, então, eles se formaram junto com a turma seguinte. A partir daí, foram turmas maiores.

Egressos

E, hoje, você tem, na mídia, grande parte... assim, pode-se dizer que, quase que 70% dos profissionais que atuam na mídia está saindo da universidade. Desses 70%, você pode ver que a maioria são egressos aqui do próprio curso. Enfrentam a realidade de mercado, que a gente sabe como é, né... muito duro.

É difícil sobreviver só com a profissão jornalista, você sempre tem que ter uma outra atividade. Às vezes, vai para uma assessoria ou vai para área de publicidade... Mas, o curso em si é muito dinâmico, é muito vivo. Agora, assim, você para se dá bem em termos financeiros, aí, é uma coisa que depende muito da sua criatividade, né...

O curso hoje

Hoje, o curso já está mais estabilizado, conseguiu seu espaço, não só na perspectiva da profissão acadêmica. Temos mais de 80% dos professores já doutorados. Alguns já começaram a sair para o pós-doutorado... E ele mudou muito esse perfil, ele sempre foi um perfil, assim, no início, mais jornalístico mesmo, aquele jornalista de raiz, como dizem, e passou por essa transição entre o jornalista e o acadêmico. Hoje, ele tem esse caráter mais acadêmico, pelo menos na graduação, certo?

Quer dizer, antes você tinha essa deficiência da postura mais acadêmica; hoje, você está tendo deficiência mais do jornalista de raiz, daquele que está presente na redação, que está acompanhando a redação. Então, você tem, hoje, poucos professores que têm uma vivência mais próxima do mercado, mas também porque tem que optar: ou mercado ou a academia, e isso é muito ruim, tanto para o profissional quanto para o jornalista, e para o professor, porque, se você se afasta do mercado, o mercado não... um mês é uma coisa; no outro mês é outra, ele tem uma dinâmica muito mais forte do que aquilo que a gente está nas academias. Então, você precisa estar acompanhando tudo, que é para poder ter essa troca com essas vivências com os alunos, né.

Então, hoje, como a tecnologia, ela é uma dinâmica muito rápida. Você tem dificuldade, na academia, acompanhar isso. Por exemplo, você tem o equipamento, tem a máquina, mas não tem o *software* certo, então, a universidade não compra o *software*, ainda quer trabalhar com o *software* livre, mas para jornalismo, você não tem isso, ninguém te dá. Então, aí a universidade não compra... Por exemplo, você precisa do *Corel*, você precisa do *Indesign*, que é para diagramar, você precisa de editor de texto para TV, tal...

Você tem laboratórios, aqui, que são, talvez, melhores do que muitas TVs, aqui, em Teresina, mas você “num” tem o programa para trabalhar com ele. Então, isso você vai perdendo. É aquela coisa, você vai perdendo muito esse contato com a realidade. Uma coisa é você lidar com essa realidade, você estar vivenciando-a; outra coisa é você lidar com uma reflexão da hipotética, sempre na base das hipóteses ou das conjecturas, que você forma uma opinião, mas o jornalismo não é só opinião.

E você precisa ter esse pé lá no mercado e um pé dentro da instituição. É a mesma coisa de um médico. O médico, se você botar ele todo tempo só na academia, ele vai desatualizar. Se ele não tiver a vivência lá com o paciente, com o hospital, é muito difícil ele estar atualizado, é difícil, ele praticar a medicina.

Então, o grande problema da gente, aqui, não é nem a questão do mercado, mas é porque a universidade, ela se burocratizou demais. É, assim, a relação do professor com a instituição, ela está muito mais burocratizada, e ele engessa muito essa produção que você pode ter sem a necessidade de você ter que apresentar um relatório burocrático de atividade disso, de atividade daquilo e tal, tal, tal... que é uma perda de tempo. E você termina sendo muito produtivista. Você produz demais, mas nem sempre com a mesma qualidade que você poderia produzir com menos artigo, menos pesquisa, menos burocracia.

Então, é uma coisa que, às vezes, assim, no jornalismo, você consegue ter essa visão, essa sensibilidade de perceber os vários campos. Você vai na Matemática, você vai na Química, você vai na Medicina, você vai no Direito, você vai na Engenharia, você vê as pessoas dizendo a mesma coisa.

Aí, você olha para o seu campo... rapaz, a gente não pode ser assim... Então, essa, assim, precarização do conhecimento, ela bateu em cheio no jornalismo, não é à toa, você tá vendo a crise do jornalismo, você não tem mais notícia, você só tem *fakes*, você só tem versões de notícia, então, o fato não é mais o fato em si, o fato é a versão que as pessoas contam sobre o fato mesmo, do acontecido, e isso tem, assim, contaminado muito a profissão jornalística, não só no mercado, mas também na própria academia.

Quer dizer, é uma coisa que a gente, no começo do curso, a gente já pensava mais ou menos essas coisas, mas se a gente virar uma instituição extremamente burocratizada, a gente vai cometer os mesmos erros que os jornalistas de redação, que eles diziam antes, estão cometendo, porque eles estão dentro de uma engenharia de produção em massa de informações, e a gente vai estar numa engenharia de produção em massa de conhecimento sobre aquela outra engenharia lá fora. Então, a gente está com isso... A realidade do jornalismo, hoje, é muito assim, muito, muito fluida, complicada mesmo, e complexa também.

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE EVANDRO ALBERTO DE SOUSA

Relação com o Curso de Jornalismo da Uespi/CPTN	Vice-reitor; reitor
Período	2018-2020; 2020-atual
Relação com o Curso de Jornalismo da Uespi/CPBA	Professor substituto; professor efetivo; coordenador; diretor de campus; vice-reitor; reitor
Período	2002-2007; 2012-atual; 2002-2007; 2018-2020; 2020-atual
Data da entrevista	22 de julho de 2020
Local	<i>On-line</i>
Formato	Audiovisual
Duração	57:25
Acesse a entrevista neste link.	

Implantação do curso

Primeiro, nós temos que atentar para o grande número de profissionais que havia na época sem o Curso de Jornalismo, já pessoas com bastante experiência, aqueles que nós chamamos jornalismo de batente. Então, para se ter uma ideia, naquela época, tínhamos Lia Raquel, Élide Sá, eu, ambos de Monsenhor Hipólito, e Edilene Ramos terminando o Curso de Jornalismo fora, em Pernambuco e na Paraíba.

E aqui, no batente, a gente tinha, trabalhando constantemente nessa área, Fábio Gonçalves, Jota Pereira, Erivan Lima, Odorico Carvalho, José Maria Barros, Evanilson, Jairton Sávio, Agostinho Hipólito, além de outros, que faziam já o jornalismo e, para ser justo aqui, com uma boa e grande dimensão, uma escrita muito boa. Mas não tinha ali o trato da academia, eles aprenderam no batente. Eram pessoas experientes que trabalhavam exercendo o jornalismo com muito afinco, um jornalismo bem dinâmico, quer seja ele policial, político...

Naqueles idos de 1998, 1999 e 2000, havia uma pujança muito grande do jornalismo, aqui, no estado do Piauí, incluindo o interior, por incrível que pareça, tanto no impresso quanto no radiojornalismo, até o início dos anos 2000, quando começaram a migrar para o jornalismo de *internet*. Então, essas pessoas passaram a discutir: “Com a dimensão e o tamanho de Picos, por que não trazer o Curso de Jornalismo para o município?”.

A cidade já tinha a Universidade Federal com alguns cursos de licenciatura, e estava chegando também a Universidade Estadual, muito forte na licenciatura, depois, introduzindo alguns bacharelados. E aí, eles tiveram uma ideia de discutir sobre a formulação do projeto. E

eu acho que toda essa turma, e lembro bem do Fábio Gonçalves e do Jota Pereira, principalmente, que eram ali bem assíduos nessa questão, passou a discutir...

Então, eles prepararam o projeto e se reuniram com o pessoal da Universidade Federal do Piauí. Mas conseguiram junto ao Jônathas Nunes que, naquela época, era o reitor da Universidade Estadual do Piauí, a implantação do curso. Naquele período, estava sendo implantado em Teresina e, logo em seguida, aproveitaram e conseguiram, dentro dessa articulação, que também fosse implantado em Picos. Contudo, não foi o projeto dos meninos, na realidade, foi o projeto de Teresina que foi replicado em Picos.

O curso começou em 2001, na cidade de Picos, com a oferta da primeira turma, no vestibular daquele ano, com ingresso no ano seguinte. E o projeto do Curso de Comunicação tinha três habilitações, era Comunicação com habilitação em Jornalismo, em Assessoria de Imprensa e em Relações Públicas. Agora, você imagine aí que nós tínhamos, no início, três habilitações. Você terminava o tempo integral ali, os quatro anos do Jornalismo, e fazia mais um ano, que você optaria entre Assessoria de Imprensa e Relações Públicas, e aí saíria com as duas habilitações.

Esse curso foi coordenado pela professora Lia Raquel Bezerra, nessa época. Eu já estava como professor substituto, desde a primeira turma. Depois, veio Edilene Ramos e, depois já de, me parece, que dois períodos de funcionamento, conseguimos trazer para cá, para se juntar ao grupo, a professora Sônia Maria e o professor Orlando Maurício de Carvalho Berti.

E aí, ficávamos convidando os professores de Teresina, aqueles que trabalhavam nos jornais, para vir dar aula aqui. Passou pela Uespi, a professora Elza, Socorro e outros tantos, que, agora, para lembrar de todos é difícil... O fato é que havia toda aquela conversa para que esses professores pudessem dar aula no curso, já que em Picos, no Curso de Jornalismo, professores da área, eram poucos, a princípio, eu e a Lia Raquel, basicamente.

Então, nós passamos a aproveitar professor de Língua Portuguesa para ministrar ali algumas disciplinas que eram correlatas ou afins; outro de Sociologia... nós sabemos que no início do curso tem um leque de disciplinas que permite que outros profissionais ministrem. Então, terminava eu acumulando ali várias disciplinas da parte específica, a Lia com outras, até que a gente pudesse contar aí com outros professores.

Se eu não tiver enganado, nós tivemos 42 alunos, foi a turma bem grande. Logo no início havia aquela demanda reprimida. Claro que, depois, foram desistindo alguns. É importante lembrar também que nós tínhamos um formato em que entrava as pessoas da comunidade e através das prefeituras. Fazia o vestibular e ofertava vagas para os dois formatos de entrada, um deles, através daquele convênio que existia com as prefeituras do interior.

As prefeituras tinham lá uma cota, me parece que eram 10% das vagas. E aí eles entravam nas vagas destinadas a esses municípios... Tivemos também profissionais, que já atuavam nessa área de comunicação, que ingressaram nesse período aí, entre eles, o próprio Sebastião Luz, que também já era um veterano do rádio.

Em 2003, eu assumi a coordenação do curso. Logo de cara, nós fizemos um grande seminário, em agosto de 2003, que foi o Primeiro Seminário de Jornalismo de Picos. Nós trouxemos o Roberto Cabrini, que era, naquele tempo... meu Deus do céu! Roberto Cabrini, em Picos! Então, nós trouxemos, deu um gás muito grande do curso, e isso estimulou demais as pessoas a procurarem.

Alguns percalços

Vivemos alguns percalços, porque a gente não tinha onde estagiar. A dificuldade de estagiar era muito grande. Laboratórios não se tinha, e ainda tinha uma resistência dos jornalistas de batente, que ainda não estavam na academia, em receber esses alunos... Tanto que em 2003, eu criei um portal de notícias em outra cidade e trouxe ele para Picos para poder servir de laboratório para os meninos estagiarem. Nós tivemos que pensar nessa questão de estrutura de portal aqui, e aí terminamos sendo pioneiros também nessa inovação de trabalhar com o portal.

Naquela época, eu levava os alunos de Rádio, que é uma disciplina cativa que eu sempre ministrei, para Monsenhor Hipólito. A gente alugava uma van, eu conseguia com a prefeitura a alimentação, e a gente ia para lá para fazer programas, produção, edição, na rádio comunitária. Também trabalhamos numa parceria com o bispo Dom Plínio, e ele, logo em seguida, cedeu a estrutura da rádio da Diocese de Picos, Rádio Cultura, para receber nossos alunos.

De forma que nós aproveitávamos o material produzido para veicular nesse portal e, também, para o rádio lá. Gravava com aquele gravadorzão grande e levava as fitas e editava e jogava lá na rádio comunitária, em Monsenhor Hipólito, e mostrava que estava produzindo... Os meninos supersatisfeitos, porque não havia entrada nas rádios convencionais e nem nos jornais convencionais, a dificuldade era muito grande.

Nós tínhamos uma grande dificuldade com aqueles que não estavam ainda fazendo o Curso de Jornalismo. Ficou assim um entendimento de que haveria meio que uma reserva de mercado. Ou seja, a gente sentia, de alguns profissionais do batente, uma certa rejeição... Por exemplo, se alguém escrevesse um texto e errasse uma palavra, e naquela época não tinha como jogar a culpa no corretor, então, o cara digitando, errou aí, teve lapso, no outro dia, a turma criticava, chamava de analfabetos... “Oh, os analfabetos lá, estão fazendo na academia...”.

É claro que houve essas resistências, mas eu entendo que era mais por uma questão de reserva de mercado, que existe muito nas profissões, né. Por outro lado, em decorrência das resistências, quem estava na academia também tinha uma resistência a quem estava fora, então, ficou por um longo tempo aí esses desencontros. Graças a Deus, com o tempo, alguns desses profissionais passaram a fazer o Jornalismo, e aí começou aquela abertura, começou a cair um pouco daquele preconceito.

Nós tivemos muitas dificuldades. Primeiro a sede, a gente estava ali, no *campus* da Samambaia, depois o *campus* da Samambaia foi interditado. Estivemos no *campus* do Junco, foi interditado. O pessoal olha, hoje, diz assim: “Eita, mas a Uespi não tem estrutura”. Aí, às vezes, a gente volta lá para trás e diz assim: “ah, se em 2002 até 2012, 2013, esse pessoal tivesse passado pela Universidade...”. Porque não se tinha...

Era só lembrar da estrutura: salas quentes com ventiladores empoeirados, não existia ar-condicionado, quadro de giz, às vezes, nem o giz tinha para escrever... Livros, a gente não tinha. Quando eu era coordenador e professor, eu comprava os livros, fazia a doação para a biblioteca, emprestava aos alunos... Não só eu, mas outros professores... Então, a gente não tinha.

Nós compramos alguns livros através desse seminário que eu falei, de Roberto Cabrini... Os títulos que a gente tinha lá eram esses que nós compramos com esse recurso do Seminário. Para você ter uma ideia, os trabalhos de fotografia, Orlando tinha a máquina dele, e eu tinha a minha máquina, então, a gente revezava, ficava emprestando.

Nós tivemos que montar um estúdio lá, com a mesa de som que eu comprei... Eu já gostava mesmo. Depois de um tempo, veio uma ajuda do deputado Nazareno Fonteles, e a gente conseguiu aí alguns equipamentozininhos. Mas nós passamos aí, os primeiros cinco anos do curso, numa dificuldade tremenda, sem livros, sem gravador...

Gravador, acho que você lembra, não era digital, o gravador era aquele gravador da fita cassete grande. E a gente tinha lá dois gravadores, mas comprado com recurso próprio. Então, fica escalando ali para emprestar. Naquela época também não tinha, nem que o cara quisesse comprar, não tinha por aqui, era de difícil acesso, então, era muita dificuldade. Fazer trabalho de fotografias, revelando de forma artesanal, ali, como foi feito algumas improvisações.

Nós não tínhamos uma *internet* para pesquisar, *internet* era uma coisa de alto padrão, era para quem tinha dinheiro, quem não tinha, ficava só na vontade. Era aquela *internet* discada, primeiro você tinha que ter uma linha telefônica para ter o acesso. Uma linha telefônica era o preço de um carro, então, a dificuldade era grande.

Então, era desestimulante. Mas, por outro lado, se percebia que aquele pessoal que estava lá, queria. Eles queriam mesmo estudar, não importava dificuldade! Às vezes, não tinha

transporte... você sabe que não tinha transporte para ir lá para a Samambaia, era uma dificuldade! Mas, mesmo assim, a turma ia, dava um jeito, ficava pegando carona e ia. Foi muita dificuldade mesmo. Mas, assim, isso não se refletiu na qualidade, porque o aluno queria, então, ele buscava, ele arranjava livro...

Então, mas isso não deixou com que eles ficassem abatidos, e os estudantes iam mesmo para cima. Os professores tinham aquela maior boa vontade, ficavam elaborando, digitando apostilas, com aquela maquinazinha de escrever ainda, e arrochando ali, fazendo a xerox dos livros...

Então, assim, teve muita dificuldade, mas teve muita superação, e eu lhe digo aqui, oh povo aguerrido! Tirou mesmo muito proveito, porque eles cresceram também com aquela situação de dificuldade, saíram profissionais prontos para enfrentar qualquer desafio. Primeiro, que eles não tiveram vida fácil, segundo, porque como a maioria dos nordestinos, eles eram mesmo valentes e guerreiros!

Reconhecimento do curso

Falando do aperfeiçoamento do projeto do curso para reconhecimento, aí já chegou a professora Sônia, o professor Orlando, e nós trabalhamos ali a formulação dos PPPs do curso, reformulamos o projeto. Lá em Teresina, o Daniel também era coordenador e ele trabalhou com a equipe de lá, de forma que nós ajustamos os PPPs. Eram PPPs bem integrados, desse ponto de vista.

Ficaram as duas habilitações, e nós não deixamos Assessoria de Imprensa, porque, naquele período, pelo menos em Picos, não tinha ninguém que tinha se formado em Assessoria de Imprensa, só disciplina, porque eu cursei na minha graduação, na Paraíba, eu acredito que os que estavam lá, da Federal, também tinham cursado.

Assim, ficava muito difícil você ofertar uma habilitação sem ter nenhum professor que tivesse essa habilitação. Então, foi meio que consensual, trabalhamos o reconhecimento do curso. Fomos bem avaliados no Enade. Lembro que foi uma loucura, a gente se preparando ali, porque a estrutura era muito deficitária, mas conseguimos a aprovação do curso, o reconhecimento. E aí, ele teve um reconhecimento lá por cinco anos.

Posso lhe dizer que foram momentos, assim, de muita luta, mas também de muita conquista, porque nós vimos florescer algo que era do sonho da comunidade que atuava aqui, no Jornalismo, e da nossa parte, de quem já vinha da academia, de poder ter ali o curso sendo ofertado em nível superior, que você já havia adquirido essa formação.

Professores

Nós ficamos na coordenação de 2003 até 2007, que foi quando terminou o contrato. Eu era professor substituto desde 2002. Foram quatro anos na coordenação, e um como professor, e aí eu estaria já completando cinco anos, já que eu entrei em 2002. Se passasse disso, daria direito àquela questão de pleitear o ingresso, porque a lei dizia que a pessoa só podia ficar dois e mais dois, aí depois passar um tempo afastado. Então, eu completei os cinco anos, fui demitido, inclusive de férias, porque quando viram lá, já estava passando desse limite aí.

E aí, chegou essa turma nova de professores e deram continuidade ao curso. E aí, com outros provisórios que se dedicaram bastante, a exemplo da professora Graciele Barroso, dentre outros... A gente citar nomes aqui, às vezes, é injusto, porque foram muitos que fizeram um excelente trabalho na nossa universidade.

Eu fiquei um tempo aí, desligado da Universidade Estadual, porque em 2006, fui convidado por Raimundo de Sá Urtiga para fazer um projeto do Curso de Comunicação Social da Faculdade R. Sá. Eles tinham contratado uma empresa lá de São Paulo para elaborar os projetos do curso. Quando chegou lá no Curso de Comunicação, eles me chamaram para fazer uma avaliação e eu disse: “olha, não tem a mínima condição, esse currículo para cá, para o Piauí”.

E aí, o Raimundo Filho: “Evandro, você topa fazer esse projeto e defender lá para o MEC?”. Eu digo: “já está topado”. Aí, pah, liguei para Orlando. “Orlando, rapaz, é o seguinte, tem um desafio aqui para a gente, que é elaborar o projeto do curso, eu já estou aqui bem encaminhado, já fiz algumas observações...”. Aí, ele disse: “Mais que topo”. Aí, liguei para Sônia. “Sônia, e aí?”. Ela: “Não, eu também topo”.

Então, a gente foi ali ajustando direitinho, e aí nós aprovamos o curso lá. E aí, passei a coordenar aquele curso. Daí, fiquei na Faculdade R. Sá até o período em que me assumi em dedicação exclusiva na Universidade Estadual do Piauí. Então, em 2011, eu fui aprovado, para o Curso de Comunicação da Uespi, era uma vaga, fui o primeiro colocado. Eu acho que entrou quatro nesse período aí: a professora Daiane, a professora Rosane e a professora Clarissa Carvalho.

Então, foram chamadas, e assumiram. Desses aí, retornaram para Teresina, a professora Clarissa, a professora Daiane Rufino, a professora Rosane. Tivemos também a professora Samara Jericó, que era do curso de Picos e transferiu, depois, para Teresina. O professor Orlando e a professora Sônia fizeram para cá, trabalharam por um tempo, mas, depois, fizeram um novo concurso e assumiram em Teresina.

Sobre a permanência, às vezes, até as pessoas colocam: “Ah, a administração superior transferiu... não sei quem transferiu...”. Os processos são públicos, eles passam em colegiado e em conselho. O que muitas vezes acontece é que alunos e professores fazem parte do colegiado e do conselho, aí passam, eles aprovam. Quando chega lá na administração superior, vai negar como? Se o próprio curso cedeu, permitiu.

Nós entendemos que acontece muito, que as transferências são, a grande maioria, do interior para a capital; no processo inverso é muito difícil, o cara da capital vir para o interior. Isso sempre vai existir nas instituições, em todas... Agora, é preciso regular, por exemplo, através de um edital... então, se abre vagas.

Têm os casos excepcionais, têm os casos de liminar, têm os casos que a lei garante a transferência, por exemplo, no caso das doenças crônicas de pessoas dependentes, transferência para acompanhar o cônjuge, a lei garante. Então, não é uma coisa por culpabilidade da universidade, mas um percurso natural, e o direito é de quem tem, então se, de fato, a pessoa tem esse direito, a lei garante, não tem o que fazer.

Agora, eu fico pensando é assim... “professores, vocês que são daqui, quando é que vocês vão fazer?”. Aí, muitas vezes, a pessoa não faz. “Não, eu não vou fazer, porque eu não tenho chance, porque não sei o que... vem o doutor que vai tirar a vaga, vem num sei quem que vai tirar a vaga...”. Às vezes, não acredita.

Então, nós lamentamos muito que os cursos percam os seus profissionais, eles continuarão na universidade, mas para o curso fica esse vácuo, fica esse vazio, e, na universidade vai ter concurso sempre? Não. Temos espaços. Agora, quando tem o concurso, se coloca novamente as vagas para aqueles lugares onde estão lá faltando professores.

A universidade é muito humana, muito acolhedora, e ela quer ver bem o seu professor, E a gente não sabe o que que o outro está passando, só sabe ele, a gente tem que se respeitar, respeitar a situação do outro e procurar compreender e onde a gente estiver, poder fazer o melhor pela nossa universidade e pelos nossos cursos.

Pesquisa e extensão

Primeiro, a gente tinha uma dificuldade muito grande, por conta, justamente de que aquelas pessoas, elas já tinham um campo de muita atuação na prática do jornalismo, então, era ali, poucos que despertavam para a pesquisa e para o próprio ensino. Eu tenho que fazer aqui um lembrete desse ponto de vista, de que o professor Orlando Berti foi uma das pessoas que mais incentivou na questão da pesquisa. Ele dizia: “Olha, gente, vocês têm que pesquisar, não

é só produzir, isso vocês já sabem, vocês querem um diploma. Não é só para você atuar, porque você já atua, então, além desse conhecimento, você tem que partir para a área científica”.

Então, ficava incentivando a participar de congressos, chamando a gente. Aí, nós passamos a participar de eventos, por exemplo, no Maranhão, no Rio Grande do Norte. A gente fazia cotinha, dava um jeito. Mas a gente ia, a gente ia. E aí começaram as publicações. Saía um artigo ali, saía outro artigo ali, de forma que depois, quando nós olhamos assim, já tinha muita gente publicando, fazendo artigos... E eu acho que isso aí despertou o incentivo aos colóquios, o incentivo às semanas científicas, à participação. E não só na questão da pesquisa, mas também da extensão.

Passou-se a trabalhar vários projetos de extensão. Nós mesmos trabalhamos um projeto de comunicação que teve uma dimensão muito grande no estado do Piauí, que era Comunicação Comunitária Popular do Sertão do Piauí. A gente tinha os alunos bolsistas, e aqueles trabalhos de extensão, pegávamos e revertíamos em artigos e terminávamos publicando.

E aí, veio chegando os professores novos, também incentivando seus alunos a pesquisarem, de forma que, depois, já estava todo mundo aí vivendo a pesquisa, vivendo a extensão. Mas não foi fácil, não, porque inicialmente era aquela cultura... “Não, vou pesquisar para quê?”. “Não, eu vou trabalhar é na TV, eu vou trabalhar é no rádio, eu vou trabalhar no jornal, na *Internet*, para que que eu preciso de pesquisa?”. “Não, eu quero ter meu diploma”.

Aí, veio aquela danada daquela pancada da não exigência do diploma, caiu a exigência, e aí começou a criar um certo pessimismo. As pessoas: “Ah, mas eu não vou mais fazer...”, aquela coisa toda. E aí, veio o lance da pesquisa. “Não, rapaz, mas você não vai ser só um portador do diploma lá, você não vai ter só diploma de Jornalismo, você vai ser um pesquisador, você vai ser professor, você vai atuar na academia”.

Então, de certa forma, aquele impacto negativo também contribuiu para que muitos migrassem para a pesquisa, porque eles passaram a ver que dentro do curso não só era a praticidade que o curso lhe propõe, mas também ele poderia lhe alçar a outros voos para que você pudesse ser um pesquisador, pudesse ser um professor, pudesse publicar um livro.

E passaram a desenvolver pesquisas, fazendo esse resgate de memória da nossa região, dos nossos artistas, do nosso povo, trabalhando temas específicos, bons trabalhos de pesquisas foram realizados na Universidade Estadual do Piauí. Vou lhe dizer, tem TCC aí que por si só dá um livro, TCCs belíssimos!

Então, houve essa efervescência e uma produção muito boa mesmo. Eu acho que teve essas dificuldades, mas teve muita superação desse ponto de vista. E olhando aqui, você é prova disso, porque você é fruto da Universidade Estadual do Piauí. A professora Ruthy Manuela de

Brito Costa, também fruto da Universidade Estadual do Piauí. Estão pesquisando, vocês estão atuando com pesquisa, então, vocês sabem o quanto isso vem fazendo diferença na vida de vocês.

E, assim, aqueles outros que também enveredaram para a pesquisa, estão bem, estão pesquisando, contribuindo com a sociedade, trazendo novos conhecimentos. Então, isso foi de grande valia, não só na pesquisa, mas na extensão. Nós temos trabalhos de muita relevância, trabalhos dignos de muito reconhecimento produzido com a orientação dos nossos professores e dos nossos alunos. Eu digo aqui para você, são muito bons! Então, nós temos um alunado muito bom, e nós temos professores bem dedicados fazendo essas orientações.

Hoje nós temos um quadro um pouco melhor

A universidade, ela nunca teve vida fácil! Nunca teve vida fácil! Hoje nós temos um quadro um pouco melhor em relação ao que era antes, porque nós temos salas climatizadas, carteiras novas, data-shows... Por exemplo, se você pegar o *campus* hoje de Picos, toda sala tem seu data-show, com seu quadro de correr, toda sala é climatizada.

Nós temos um laboratório de rádio aqui na Uespi de Picos, e tem lá em Teresina também. Lá tem um multimídia; aqui, nós temos o de assessoria de imprensa. Então, melhorou... TV, nós não temos estrutura de TV. Lá, em Teresina, os meninos têm. Hoje, nós temos um convênio entre a Uespi, o Governo do Estado e a Fundação Antares, e ela é TV e rádio escola da Universidade.

Isso foi feito para que a Fundação Antares, para que ela pudesse dispor das estruturas da TV para a utilização, então, como laboratório. Agora, assim, dentro da programação deles, da TV, dentro daquilo que eles também precisam. Eles precisam de produção, não precisam? Então, é assegurado o espaço para os nossos alunos estagiarem ou para que eles possam acompanhar a parte de produção... Os espaços estão reservados para a universidade ter programa. Então, está garantido para veicular documentários...

Então, melhorou muito! Mas nós precisamos de mais, nós precisamos ter o nosso laboratório próprio de TV. Hoje tudo é digital, aí já são outros formatos de laboratório e que hoje custa bem mais barato em relação aos laboratórios que você tinha antes. Por exemplo, uma ilha de edição... Antigamente, você tinha que montar uma sala com muitos equipamentos, hoje, você tem um programa, você tem uma mesa de som, um microfone e você faz todos os cortes e a edição. Com uma boa câmera, com *internet* boa, um *notebook*, monta e conta aí com os programas de edição.

Então, eu acho que falta pouco, né, para que a gente possa ter essa estrutura. Se perguntar: “Tem notebook na universidade?”. “Tem”. “Tem computador?”. “Tem”. Computador *Icore 5*, *Icore 3*, que são computadores que dão para fazer... Agora, é preciso, que a gente possa estar inovando, cada vez mais.

Então, assim, nessa questão de laboratórios para o Jornalismo, nós temos um laboratório lá com 30 computadores, eram computadores novos, eu não sei como é que está lá hoje, porque eu não estou trabalhando com essas disciplinas. Mas nós temos o de rádio, nós temos o de assessoria e, é claro, falta outros laboratórios, mas o que a gente precisa mesmo é dispor de equipamentos digitais... Alguns deles, nós vamos superar, porque nós temos agora uma emenda de R\$15 milhões, que nós estamos trabalhando para fazer a modernização tecnológica da universidade.

Por exemplo, há seis meses, fora Picos, os outros *campi* tinham quatro megas de *internet*, dois megas de *internet*, hoje nós temos 30 megas em todos os *campi*, o mínimo é 30 megas, certo, que ainda é pouco, mas para quem sai de dois para 30, foi um avanço enorme, né. Nós temos aí um trabalho desse aspecto de melhoria da *internet* em quatro *campus*. Picos também está contemplando, estou colocando aqui, porque tem o curso de Jornalismo em Picos. Nós vamos chegar aqui a 90 megas. Parnaíba já chegou. Teresina é um giga, porque lá é a estrutura da rede Poti, é bem maior.

Aí, nós vamos comprar equipamentos, dotar a universidade de estrutura. E, especificamente dentro daquele de comunicação, nós temos que trabalhar para comprar câmeras fotográficas para que se possam utilizar. Hoje se está usando, mas são essas novidades tecnológicas, então, nós temos que trabalhar nessa afinidade. Já melhorou muito, mas precisa melhorar ainda mais. Só que nós temos uma luta, e essa luta conjunta, é todos nós em busca dessas melhorias.

Egressos

Espetacular! O número de egressos que ocuparam o mercado é muito grande! Obviamente, que muitos empreenderam para o ramo autônomo, tendo o seu próprio veículo ou até trabalhando com outras atividades, mas de forma que a grande maioria dos egressos conseguiu se estabelecer. Uns atuam em Picos, outros em Teresina, e outros fora do estado do Piauí.

Então, o Curso de Jornalismo, da Universidade Estadual do Piauí, encaminhou bem os seus egressos. A gente encontra nos veículos, a gente encontra por aí, gente trabalhando em

várias instituições pelo Brasil, que foram oriundos do Curso de Jornalismo, do Curso de Comunicação...

Isso é até emocionante, viu, quando eu falo assim, eu fico todo arrepiado, não dá para descrever... Porque você vê, boa parte, foram nossos alunos, então, eles estão aí, comandando, eles estão... Isso não tem preço, sabe? Você olhar as sementes que foram plantadas e essas sementes estão aí, com flores, frondosas nesse sentido de que estão produzindo, estão trabalhando, estão se qualificando, estão melhorando a rotina, melhorando a rotina da universidade, do ensino, partilhando responsabilidades...

Olha, eu vou lhe dizer, vocês que entraram, claro, respeitando quem já entrou mais atrás também, foram chegando, foram se integrando, foram mostrando trabalho. E outra coisa, todos apaixonados pelo curso. Então, isso para mim, mudou muito a história da universidade, a contribuição que vocês trazem, porque vocês se dedicam, adotam ali o aluno, fazem de tudo para ele ter a melhor aula, né.

A universidade também, ela foi também propiciando e oportunizando essas melhorias, tanto em PPC, com a contribuição de vocês, quanto da própria estrutura, curso de formação, preparando para que vocês possam também para estarem ali aptos a atuarem com as novas tecnologias. E vocês tiveram papel fundamental, porque estão fazendo com que o Curso de Jornalismo, por mais barreiras, por mais dificuldades que passa, ele existe marcando posições, e posições firmes, pesquisando, publicando.

Então, vocês trazem aí, não só o sangue novo, mas uma grande contribuição para a universidade, principalmente vocês que saíram daqui da Universidade Estadual. Então, é a casa de vocês, desde o início da formação até agora. Eu vejo que vocês passam esse conhecimento com muito orgulho para o aluno, porque vocês estão para fazer carreira na universidade. A universidade não é um bico, não, não é passagem...

Então, o professor que quer se efetivar, que quer ser dedicação exclusiva, que quer crescer dentro da universidade, que diz assim: “Bom, aqui é o meu local de trabalho para o resto da minha vida”. Então, eu vejo muito isso no semblante de vocês, nas ações de vocês. Vocês estão de parabéns por terem assumido esse compromisso de maneira integral, esperando aí a oportunidade da efetivação, da dedicação exclusiva, para que vocês, que já enxergam muito a universidade, possam ter realmente esse mundo universidade manhã, tarde e noite. Vai dar certo! Vai dar certo!

Já trabalhei em várias instituições, mas eu lhe digo, aqui na Universidade Estadual é bom demais! É uma grande família formada por vocês. É claro que ninguém pensa igual, mas

quando se trata da Universidade, está todo mundo ali junto lutando por ela, então, isso é muito significativo.

Então, eu quero aqui deixar minhas palavras de agradecimento, dizer que a universidade é construída por muitas mãos, que o curso é feito por muitas mãos, e cada um ali vai colocando um ingredientezinho, vai colocando uma pitada de conhecimento, de uma nova técnica, de forma que nós vamos aperfeiçoando, todo mundo junto, num coletivo só, trabalhando em prol do Curso de Jornalismo da universidade.

Então, parabéns pela construção que vocês estão fazendo, vocês estão modelando o novo conhecimento, e aliado a essa nova tecnologia, eu tenho certeza de que o produto final vai ser de sucesso. E assim, eu espero que vocês possam continuar, seguir firme, amando a universidade, porque a universidade, ela transforma a vida das pessoas. A minha foi transformada, a de vocês serão transformadas ou já estão sendo transformadas, e vocês vão transformar a vida de muitas pessoas, muitas pessoas que passarão pelas mãos de vocês.

Que continuem trabalhando firme, com amor, com ética, ensinando sempre como se estivesse ensinando um filho, um irmão, o pai ou a mãe. Faça da universidade a sua casa, esse é o recado que eu deixo para todos vocês. Sejam bem acolhidas por todos nós, porque nós acolhemos vocês de coração, estaremos aqui juntos, fazendo o Jornalismo forte, fazendo a universidade cada vez mais forte ainda, com a mão de vocês. Tudo isso depende de vocês.

E vamos trabalhar juntos. Sabe, nós precisamos muito de vocês que estão chegando com esse pique todo, sabe, parece aquele alto-falante de “dezoitão”... bum bum bum... fazendo vibrar. Então, isso é muito importante.

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE FRANCISCO LAERTE JUVÊNCIO MAGALHÃES

Relação com o Curso de Jornalismo da UFPI	Professor efetivo
Período	1986-2020
Data da entrevista	4 de setembro de 2020
Local	<i>On-line</i>
Formato	Audiovisual
Duração	49:16
<u>Acesse a entrevista neste link.</u>	

Implantação do Curso de Comunicação Social da UFPI

O que eu sei é que o curso foi implantado em 1984, sob a gestão do reitor João Ribeiro. O curso foi criado pela professora Walda Neiva, do CCE, com o objetivo de formar um profissional que seria chamado, no currículo que foi aprovado, como... eu tenho dúvidas se é educador comunicativo popular ou se é comunicador educativo popular, mas é uma figura que tem a ver com educação, e não com a formação de jornalista.

E essa proposta de currículo era fundamentada por uma tese do professor e pesquisador Ruan Díaz Bordenave, que é uruguaio (*sic*), e que havia publicado um livro com essa proposição. Então, a professora Walda simpatizou com a tese do Bordenave e resolveu elaborar um projeto nesse sentido. E o projeto dela foi aprovado.

Mas, antes disso, havia, aqui em Teresina, um movimento de profissionais da área de jornalismo, da área de publicidade, da área de comunicação, que se reuniam no sentido de propor a fundação do Curso de Comunicação na UFPI. Entre esses profissionais, eu posso citar, por exemplo, o Marcos Peixoto, que já faleceu; o professor Roberto John, que na época militava como jornalista, aqui em Teresina, e é professor da UFPI, inclusive, no Departamento de Serviço Social; o Kenard Cruel, que hoje mora em Tutoia, no Maranhão, além de outras pessoas que eu não lembro aqui, agora. Se não me engano, Wilson Fernandes também, me parece que participava dessas reuniões.

Mas só que mesmo com esse movimento reivindicatório, o curso não foi iniciado com o objetivo de formar jornalistas, ele foi iniciado com o objetivo de formar esse profissional a quem me referi, salvo engano, é comunicador educativo popular. Só que em 1986, quando eu entrei nesse concurso, entrou também a professora Lavina Madeira Ribeiro. E, se não me engano, em 1986, a professora Lavina presidiu uma comissão de elaboração de currículo.

E nesse novo currículo, mudou o perfil do profissional formado pelo Curso de Comunicação, deixou de ser esse comunicador educativo popular e passou a ser jornalista. Então, era um Curso de Comunicação com habilitação em Jornalismo. Inclusive, agora, mudou novamente, agora, já não é mais o Curso de Comunicação, agora, é Curso de Jornalismo, pelas diretrizes que foram aprovadas pelo MEC. Então, não existe mais o Curso de Comunicação com habilitações específicas, existem cursos específicos: Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas etc.

Estrutura

E aí, o curso, ele funcionava precariamente em um daqueles prédios construídos para funcionar como Serviços Gerais, os chamados SGs, que têm ali próximo à reitoria. E a Coordenação e as salas de aula do Curso de Comunicação funcionavam no SG4, junto com o Centro de Ciências da Educação (CCE). Quando foi construído o prédio do atual CCE, ali próximo do CCHL, o SG4 quase todo ficou com o Curso de Comunicação. Algumas salas no final do prédio ficaram para o Curso de Informática, do CCN. E a gente ocupava ali a frente do prédio.

Antes, o curso funcionava parte no SG4 e parte em um módulo de engate, ali, se não me engano, onde hoje funciona a Diretoria de Recursos Humanos. Ali funcionava uma parte laboratorial do Curso de Comunicação: Fotografia, Redação e Planejamento Gráfico. Com a transferência do CCE para o prédio novo, como eu disse anteriormente, o curso ocupou as dependências do SG4 quase que por completo, então, esses laboratórios passaram a funcionar lá, desocuparam o módulo de engate.

Depois, quando o CCE desocupou o SG4, passaram a funcionar ali outros laboratórios: de TV, rádio, redação, planejamento gráfico, coordenação... porque na época a gente não tinha departamento, a gente só tinha coordenação, e nós éramos vinculados ao Departamento de Educação Artística, que, na época que eu ingressei, era dirigido pelo professor Ribeiro, não sei o outro nome dele, ele era conhecido como professor Ribeiro. Penso que só em 1995 o Curso de Comunicação conquistou o seu próprio Departamento, sob a administração da Profa. Luzia Moraes.

E o Departamento de Educação Artística funcionava ali naquele prédio onde hoje, se não me engano, funciona, eu não sei se é Odontologia ou é Farmácia.... ali naquela área perto do NTI. Ali funcionava o Departamento de Educação Artística, e a gente funcionava do outro lado, perto da biblioteca, no mesmo prédio do Banco do Brasil, no SG4.

E, não sei exatamente em que ano, se não me engano foi em 2002, quando eu retornei do doutorado, eu assumi a chefia do departamento. Nessa época, estava construindo aquele anexo com o CCE já com o objetivo de ser ocupado pelo Curso de Comunicação. Então, ali foi tudo planejado para abrigar o Curso de Comunicação. Então, a gente se transferiu para lá.

A estrutura é essa que eu descrevi para você já. A gente funcionava como uma coordenação vinculada ao Departamento de Educação Artística e se abrigava no SG4, ocupando aquelas primeiras salas da frente.

E lembro que uma época, a gente conseguiu uns equipamentos de som doados pela Fazenda, pela Receita Federal, que era resultado de apreensão de contrabando, os equipamentos de som serviram para o laboratório de Rádio. E esses equipamentos foram desviados para Floriano, porque o reitor da época tinha um interesse lá. Eu não vou dizer o nome, mas o reitor da época tinha interesse em Floriano, e desviou para lá os equipamentos que eram do Curso de Comunicação.

E isso deu rebuliço bastante grande. Depois ele readquiriu outros equipamentos, que não eram da mesma qualidade, mas, de qualquer forma, tinha alguma coisa, melhor do que ficar ministrando aula de TV e rádio na base do cuspe e do giz. Mas era uma situação muito precária, muito precária. Inclusive, esse mesmo reitor que fez isso, ele disse uma época lá para a gente que o Curso de Comunicação era uma herança maldita do reitor João Ribeiro.

Então, a gente funcionava desse modo, localizado no centro, como eu já falei, no CCE... Apesar que os diretores do CCE, os que eu conheci, sempre foram muito amáveis e muito dispostos a resolver os problemas do curso com a gente. Sempre que a gente encaminhava uma questão que eles tinham condição de resolver, eles resolviam, nunca houve nenhum problema quanto a isso. Agora, com esse reitor, houve uma má vontade muito grande. Também não foram todos, né, alguns, uns dois, eu acho. Uns dois reitores lá não tinham a menor boa vontade com a gente.

Mas, por exemplo, quando eu fui sair para me pós-graduar, não teve nenhum problema, não teve nenhuma dificuldade, o processo tramitou normal, fui liberado, viajei, passei o tempo lá que era necessário passar, nunca fui pressionado a retornar. Quer dizer, não posso reclamar disso, entendeu? Acho que as questões, assim, que eu poderia reclamar foram essas do desvio de equipamentos e, depois, essas declarações aí estapafúrdias. Mas, mesmo assim, o curso funcionava, e funcionava bem, na medida do possível, né.

Agora, também, todos nós tínhamos salas de professor, né, a gente tinha uma estrutura. Se não era excelente, também não era ruim. A maior deficiência mesmo era com relação aos laboratórios, laboratório de TV, por exemplo...

Nessa época que a gente ficou instalado no SG4, a gente funcionou na área de TV com equipamentos de VHS, que é um equipamento bastante precário, é amador, não tem nada de profissional. Nessa época, as televisões já trabalhavam com *U-matic*, e a gente trabalhava com VHS. Mas, do ponto de vista de linguagem, a gente conseguia tocar sem grandes dificuldades.

De coordenação a departamento

Uma outra informação também que eu posso lhe dar é que todo o processo de transformação do Curso de Comunicação, de coordenação para departamento, para se desvincular do DEA e criar o seu próprio departamento... Veio a comissão de fora, do MEC, para analisar se era possível ou não, para avaliar os professores etc. e tal... E esse processo todinho foi conduzido pela professora Luzia Moraes que, na época, era Coordenadora do Curso. Com a criação formal do Departamento, ela foi a primeira chefe.

Professores

Pois bem. Na época que eu entrei, que eu ingressei como concursado, eu ingressei exatamente na vaga da professora Walda Neiva. Ela havia falecido um ano antes, em um acidente automobilístico. Nessa época, entraram também a professora Lavina e o professor Paulo Vilhena – acho que ele também pode lhe dar muitas informações.

Um ano antes, tinha entrado a professora Edite Maria de Moraes Malaquias e o professor Marcos Luiz de Rezende Melo. E um ano depois, entrou o professor Magnus Martins Pinheiro. E foram, assim, ingressando, através de concursos e transferências, esses outros professores.

A professora a que eu me referi no telefone com você é a professora Ana Luísa Bucar Lobo, ela é anterior a todos nós, ela participou da elaboração do curso junto com a professora Walda Neiva. E, depois, a professora Ana Luísa saiu do curso, não sei se foi para se aposentar... Mas ela, hoje, penso eu, mora em Floriano, a família dela é de lá.

A gente tinha poucos professores, inclusive a professora Luzia Moraes, que veio a compor, depois, o nosso quadro de professores do Departamento, não era formada em Comunicação, ela é formada em Letras, ela veio lá para ministrar disciplinas relacionadas ao ensino da língua.

E a gente tinha alguns professores nessa condição. A gente tinha a professora Luzia, que era de Letras, a gente tinha a professora Graça Targino, que era de Biblioteconomia... quer dizer, era de um curso que a UFPI nem tinha, ou nem tem ainda. Ela é da Paraíba, também, ela fez o concurso... E, na verdade, a professora Graça Targino tinha formação superior, tinha qualificação para professora, mas ela não era sequer professora, ela era servidora. Durante todo

o tempo em que ela esteve na UFPI, ela nunca conseguiu a transferência dela do quadro de servidores para o quadro de professores. Mas, mesmo assim, pela capacitação que ela tinha e tem, o reconhecimento que ela tinha (e tem), ela ministrava aulas de Metodologia Científica para o Curso de Comunicação. Ela ministrava aulas nessa área, e ela ficou, até se aposentar, ensinando lá para o Curso de Comunicação. Antes, ela havia ministrado aulas no Departamento de Ciências Sociais.

E a própria professora Ana Luísa Bucar Lobo, se não me engano, ela também era de Letras, eu não estou certo, mas, se não me engano, ela também era de Letras, ela não era de Comunicação, ela não tinha formação em Comunicação.

Então, a gente tinha essas... como é que eu vou dizer? Essas soluções. A gente vivia com o curso de bacharelado em um Centro de Educação, de licenciatura... e, também, com um corpo de professores da área de jornalismo pequeno, complementado por professores das outras áreas, que se transferiram para lá, para o departamento, como professores do departamento. Mas o quadro de professores do Departamento de Comunicação foi sempre reduzido.

Outra coisa, outra característica também que eu acho que isso interessa à sua pesquisa, é que nós ingressamos, eu pelo menos ingressei no Curso de Comunicação apenas com a graduação, eu não tinha sequer especialização. Então, penso eu que a maioria dos professores dessa época tinha essa mesma condição. Depois é que a gente foi se preocupando em se qualificar.

Eu cursei uma especialização em Filosofia pela UFPI, se não me engano, em 1990, por aí assim, e depois, quando foi em 1995, eu fui para Fortaleza para cursar uma outra especialização, desta vez, em Teoria da Comunicação e da Imagem. E essa especialização, em Fortaleza, coordenada pelo professor Souto Paulino, era realizada em convênio com o Programa de Pós-Graduação da UFRJ. Então, nós tivemos aulas na UFC, com professores da UFRJ.

Foi aí, então, que eu conheci o professor Milton José Pinto e, na conversa com ele, pelo que ele me falou do que ele pesquisava, ele era um professor que ele trabalhava com a Análise de Discurso, baseado em Eliseu Verón, e, principalmente, discursos midiáticos... E aí, eu me interessei em cursar o mestrado na UFRJ.

Inclusive, nessa especialização já havia a proposição de que, no final de cada turma, fosse feito uma seleção com os membros da turma para ver quem tinha interesse em ir para a UFRJ para cursar mestrado. A seleção era feita em Fortaleza mesmo, a gente não iria ao Rio de Janeiro para fazer a seleção. Eu fiz, fui aprovado, isso no final de 1995. Em fevereiro de 1996, eu fui para o Rio de Janeiro para cursar o mestrado, tendo como orientador o professor Milton José Pinto.

Concluí o mestrado no tempo previsto, dois anos, comecei em 1996 e terminei em 1998, e em 1998 mesmo, eu fiz um acordo com a UFPI e a UFRJ para prosseguir com o doutorado sem fazer seleção, não houve seleção. Como concluí o mestrado lá e era professor de Universidade Federal, então, eles me deram o direito... assim comigo, com outras pessoas também, o professor Paulo Fernando... outras pessoas também que quiseram continuar com o doutorado, continuaram. Eu, por exemplo, continuei direto, não fiz nem intervalo. Em 1998 eu iniciei o curso de doutorado lá na UFRJ.

O professor Paulo Fernando, ele fez também assim, mas ele voltou para Teresina, passou um ano aqui, depois é que ele voltou para o Rio de Janeiro. Eu concluí antes dele. Ele começou primeiro que eu, quando eu fui para lá, ele já estava, mas eu terminei o mestrado, eu ingressei primeiro que ele.

Como disse, comecei em 1998, e quando foi em 2002, também dentro do tempo previsto, eu defendi a minha tese. Em 2002, eu fiquei até o meio do ano em Fortaleza, voltei para Fortaleza, fiquei até o meio do ano lá. Aí, estava encerrando o meu prazo para me apresentar na UFPI, então, eu retornei para cá e retomei as minhas atividades. Foi, então, que eu assumi a Chefia do Departamento e fiz essa mudança de local, como já falei.

A mim, a universidade deu condições para a formação continuada. Eu nunca tive nenhum vínculo político com nenhum administrador da universidade, eu sempre fui adversário dos reitores na época em que eu estive como professor, à exceção desse último, o Prof. Arimateia. Então, eu não tinha nenhum privilégio, as coisas que eram concedidas a todos os professores, também eu consegui algumas.

Sim! Uma outra coisa. É o seguinte: para o Rio de Janeiro, nessa especialização de Fortaleza, fui eu, o professor Paulo Fernando e, se não me engano, o professor Gustavo, eu não tenho certeza. Mas, ao mesmo tempo em que a gente cursava esse mestrado lá na UFRJ, lá no Rio de Janeiro, a UFRJ também fez um convênio com a Universidade Federal do Piauí e implantou o Mestrado Interinstitucional, um Minter, em acordo com a Capes, para que professores do Programa de Pós-Graduação da UFRJ ministrassem o curso em Teresina, nas dependências da UFPI, com certificação da UFRJ, tendo como clientela os professores da UFPI. Por conta desse Minter, quase todos os outros professores cursaram o mestrado aqui mesmo, em Teresina, só que com professores da UFRJ.

O professor Magnus foi assim, se não me engano, a professora Jacqueline Dourado foi assim, me parece que o professor Gustavo também foi assim. Eu disse que ele teria ido antes, mas, na verdade, acho que não, acho que ele também fez o Minter... Professor Eliezer participou

do Minter e o professor Paulo Vilhena. O Prof. Magnus, infelizmente, não concluiu, não defendeu a Dissertação dele, embora a tenha redigido.

O doutorado, quem cursou, cursou fora, por sua conta e risco. Só no início dos anos 2000 a UFPI ofereceu um doutorado Interinstitucional com a Unisinos.

Olha só, a partir desse Minter e dessa disponibilidade que nós tivemos... Eu entrei na UFRJ como mestrando em 1996, então, de 1995 para cá, houve uma disponibilidade, uma disposição dos professores se qualificarem. Então, hoje, o curso, ele tem mais doutores do que mestres. E acho que não tem mais nenhum especialista. Ou é mestre ou são doutores.

Olha só, tem uma coisa que eu gostaria de acrescentar, que também “num” é uma coisa do Curso de Comunicação, é uma coisa da universidade, salvo engano, da universidade brasileira, que é o seguinte: a universidade, de um tempo para cá... e aí já tem tempo, não desse governo agora, isso já vem sendo praticado há algum tempo, eu acho que desde o governo do Fernando Henrique Cardoso, é a questão do prof. substituto. Um recurso que deve ser repensado seriamente.

O número de professores é pequeno... de vez em quando um professor se afasta, ou uma professora se afasta para ter neném, ou alguém se afasta para se qualificar, ou, então, alguém é demitido, então, a vaga desses professores é ocupada por professor substituto, e a exigência para ser professor substituto é quase nenhuma, é só que tenha graduação. Você tendo graduação e fazendo uma boa prova, que tem uma prova de seleção, tendo um currículo razoável, você se torna professor substituto.

Acontece que esses professores substitutos, ou eles estão vindo do mercado profissional de jornalismo, são jornalistas, ou eles estão vindo da ociosidade. Quer dizer, são professores que terminaram o ensino universitário, se graduaram e depois disso não tiveram mais nenhuma atividade docente em nível superior. Ou então estão vindo também de faculdades particulares.

Então, em geral, esses professores, eles são muito verdes, não têm metodologia de ensino, eles não participam de projetos de pesquisa. Aí, o que é que acontece? Eles podem ficar, no máximo, dois anos como professor. Nesse caso, eles chegam verdes e quando eles estão adquirindo uma experiência como docente, eles não podem mais renovar o contrato. Então, entram novos professores, igualmente sem experiência alguma, e isso é muito ruim. Esse é o meu parecer.

Eu entendo que é muito ruim para o ensino de jornalismo, para qualquer ensino, porque você nunca tem um professor ou professora com a qualificação necessária para, de fato, ministrar uma boa disciplina, né. E não é culpa dos professores, nem das professoras, é culpa

mesmo do sistema, dessa irresponsabilidade que existe com a qualificação do ensino das instituições universitárias. Então, é isso.

Eu acho que na Estadual é até mais grave, porque, na Federal, pelo menos, esse fenômeno existe em número pequeno, o número de professores efetivos é bem maior. Na Estadual, me parece que é o contrário, o número de professores efetivos é bem menor que o número de professores substitutos. Eu acho que não é bom, em se tratando de uma Instituição Pública de Ensino Superior.

Extensão e pesquisa

Projetos de extensão existiam. Eu, inclusive, cheguei a participar do projeto de extensão com a professora Luzia Moraes. Mas pesquisa... Quer dizer, existiu essa pesquisa que eu fiz com a professora Graça Targino, mas era muito raro se ouvir falar em pesquisas, se ouvir falar em Pibic... Eu vim participar de Pibic já depois do doutorado... ((O áudio fica baixo e não é possível entender o trecho)) [...] também participava....

Eu acho que tem a ver com a formação dos professores, com o interesse dos professores, mas também com a política de estímulo que a universidade tinha. Quer dizer, não tinha estímulo nenhum, né. A própria professora Graça Targino, que ela era mais vinculada a essa questão da pesquisa, desde que ela entrou no Departamento de Comunicação, que ela falava para a gente: “Pessoal, vamos pesquisar, vamos procurar participar dos Pibics, aí”.

Mas a gente não tinha interesse, não tinha estímulo, não tinha a divulgação, não tinha... acho que acima de tudo, não tinha interesse pessoal, eu acho. Eu não culpo muito a universidade, apesar de que sinto que a universidade não estimulava, mas eu acho que era mais uma decisão pessoal de desinteresse mesmo.

Nós éramos todos, ou quase todos, graduados, e ministrávamos as nossas aulas baseadas no que a gente viu durante a graduação, nas disciplinas que a gente cursou, né. Então, cada um ia se encaixando. E, também, lógico, com as leituras que nós fazíamos, porque, é evidente que para ministrar uma disciplina, você tem que se preparar, tem que preparar aula, tem que preparar o curso, tem que ter bibliografia, tem que ter programa de disciplina, tudo isso a gente tinha, mas baseado nos conhecimentos da leitura naquele momento e, também, das disciplinas que a gente cursou na graduação.

Era uma situação realmente muito precária. E, inclusive, a gente não tinha equipamentos de laboratório, os primeiros equipamentos de laboratório que a gente adquiriu foram através de convênios criados com o MEC.

Mestrado em Comunicação

Tem o curso de mestrado funcionando desde 2011. Na época que o curso de mestrado iniciou, eu era professor do Mestrado em Letras, e me disseram que eu não poderia ficar nos dois cursos, eu acabei optando por Comunicação. Então, desde 2011 que funciona esse Mestrado em Comunicação, e tem tido importantes publicações... realizações de eventos...

Eu cheguei a coordenar duas edições de um evento nacional, que é o Endis. Esse ano vai ter a terceira edição, e essa terceira edição está sendo realizada em associação com o Programa de Letras. O professor Benvindo é quem está coordenando, mas eu estou como subcoordenador. E é um evento nacional, e esse ano, ele vai ser realizado *on-line*.

Estava programado para ser realizado em abril desse ano, mas aconteceu a pandemia, então, nós suspendemos e, depois, nós fizemos outra sondagem com os inscritos para saber se a gente poderia realizar *on-line* ou esperaríamos a pandemia terminar e realizarmos de modo presencial, e a maioria preferiu que a gente realizasse *on-line*. A gente vai realizar, agora em outubro, na última semana de outubro.

Então, esse evento, junto com outros eventos que têm sido realizados pelo Curso de Comunicação, eventos regionais, eventos nacionais, publicações de livros, publicações de artigos... tem havido uma produção acadêmica razoável bastante significativa! E tudo isso é muito importante para a formação dos alunos, dá outra qualidade à formação dos alunos.

Rádio universitária

Não, a rádio universitária também surgiu... Ela era um projeto que vinha sendo discutido, vinha sendo pleiteado dentro do curso, mas, na época que ela surgiu, ela não surgiu com a colaboração de todos os professores do curso, não. Ela surgiu como uma iniciativa do reitor. O reitor decidiu criar a rádio universitária, e mexeu lá com as influências dele e conseguiu fundar.

No segmento, quer dizer, prosseguindo aí com a rádio fundada... Aí alguns professores foram se engajando na rádio, foram sendo chamados a dirigir. O próprio professor Paulo Vilhena, durante uma época, dirigiu, acho que no início da rádio, ele a dirigiu. Hoje, quem dirige a rádio é o professor Paulo Fernando.

Com o tempo, os professores e os alunos foram sendo chamados a participar da produção, da própria programação, mas também, como eu nunca fui próximo da rádio universitária, eu não tenho muita coisa para dizer a respeito. Eu acho que você consegue mais informação, tanto com o professor Paulo Vilhena quanto com o professor Paulo Fernando.

Mas, por exemplo, na época que a rádio foi montada, quem era o professor que lidava com a disciplina de rádio era o professor Achylles Costa, e ele nunca foi solicitado a participar da... que eu saiba, nunca foi solicitado a participar da programação da rádio, foi, digamos assim, ignorado. Eu acho que se tem queixa, é dele, eu não tenho queixa nenhuma, porque nunca me envolvi com a rádio.

Egressos

Os alunos do Curso de Comunicação, eles começam a ser reivindicados pelo mercado para exercer a função de jornalista, mesmo antes de se formarem, visto até o caso de profissionais de jornalismo que hoje se dizem jornalistas, que nem sequer chegaram a concluir o curso, porque eles foram para o mercado, começaram a ganhar dinheiro, aí, não quiseram mais voltar para a sala de aula e acabaram se afastando... ficam exercendo a profissão de jornalistas e se afastando do curso, né. Foram jubilados, depois e tal.

Mas alguns desses profissionais que hoje estão no mercado são formados pelo Curso de Comunicação, não sei se são todos. Acho que não, porque já existia a turma de jornalistas que atuavam no mercado, sem ingressar no Curso de Comunicação, que continuaram praticando jornalismo, os chamados jornalistas “de batente”.

Mas, por exemplo, a Claudia Brandão... O Zózimo Tavares, ele cursou jornalismo agora, mais recentemente. Ele já era jornalista de batente e decidiu fazer o curso, mas Marcelo Rocha... a maioria desses jornalistas que estão aí, atuando, são formados pelo curso.

Inclusive, tem um livro que eu publiquei com a professora Graça Targino, que na época... se não me engano, foi nos anos 1990, por aí assim, que chama “Projetos Experimentais no Ensino de Comunicação”. E, nesse livro, a gente aborda esse conflito entre o interesse do aluno de ganhar dinheiro, as necessidades que ele tem de trabalhar e a necessidade que ele tem também de formação universitária, né.

Isso cria vários problemas, porque, como uma pessoa que ingressa no mercado de trabalho sem a formação jornalística, ingressa mais cedo e, digamos assim, aprendendo com quem não tem o curso universitário, só tem a prática, muitos deles acabam adquirindo os vícios desses profissionais que já estavam no mercado. Então, eles acabam criando aí, elaborando aí, um misto de formação universitária e formação de batente. Isso é um aspecto.

Um outro aspecto é isso que eu falei antes, quer dizer, alguns deles não voltam mais para a sala de aula e, depois, também esses profissionais passam, então, a constituir o próprio Sindicato de Jornalistas do Piauí, né, que hoje, é uma instituição praticamente esvaziada.

Mas tem muitos outros aspectos, tem muita coisa para se ver. Nesse livro, se você puder ter acesso a esse livro... eu tenho aqui, só não sei como é que eu posso lhe passar. Mas acho que, na biblioteca, você também encontra, que é “Projetos Experimentais no Ensino de Comunicação” ... Eu tenho aqui, mas se eu for lhe passar, eu não lhe vendo, não, porque é um livro que está... foi editado há bastante tempo, quer dizer, ele está... ele é importante para você, para sua pesquisa, porque ele história de uma época.

E, outra coisa, ele não é história apenas de Teresina, não, ele registra a história da formação do Curso de Comunicação, as condições de formação do País todo, entendeu? Porque a gente enviou cartas, na época, eram cartas, não era nem e-mail. A gente enviou cartas, ofícios para as diversas universidades, com o questionário. E, algumas dessas universidades responderam, e nós adotamos isso como material de pesquisa. Então, é resultado de uma pesquisa que a gente fez.

O curso hoje

Olha só, o Curso de Comunicação da UFPI, ele está sofrendo as mesmas consequências de todos os cursos universitários do País. Com essa gestão do Bolsonaro, que é antiuniversidade, é anticiência, que retira verbas da universidade, que asfixia a universidade, cassa bolsas, tira dinheiro etc. e tal.

Mas, do ponto de vista humano, do ponto de vista da mão de obra, da qualificação da mão de obra, é a melhor época que o curso vive é agora. Os professores todos, como eu falei, a maioria, não são todos, não, mas a maioria é de doutores, e tem uma quantidade de mestres ainda, mas é pequena, e não tem mais nenhum especialista, que eu saiba.

Cada Prof(a). Dr(a) tem disciplinas na graduação, coordena Núcleo de Pesquisa, a maioria tem disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação/PPGCOM, ou seja, tem projeto de pesquisa, tem produção e publicação bibliográfica (artigos, capítulos de livros e livros), tem orientação de TCC, Pibic e de Mestrado, participa e/ou realiza eventos científicos regionais, nacionais e, até, internacionais etc. Enfim, um rol de atividades que contribuem para a oferta de opções aos alunos para a sua formação crítica e profissional.

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE GENIVAL OLIVEIRA LIMA

Relação com o Curso de Jornalismo da UFPI	Estudante
Período	1984-1988
Data da entrevista	17 de julho de 2020
Local	<i>On-line</i>
Formato	Áudio
Duração	40:23
Acesse a entrevista neste link.	

Ingresso na universidade

Olha, eu comecei na universidade com Curso de Odontologia. Aí, veio o vestibular para Comunicação Social, foi o primeiro daqui, e eu resolvi fazer, porque eu já estava, assim, meio desgostoso com Odontologia, desencantado... Aí, passei nesse vestibular. Eram 40 vagas: 20 para o primeiro semestre, 20 para o segundo, e eu ingressei logo nos 20 do primeiro semestre. Foi em 1984, o primeiro semestre de 1984.

Eu praticamente era internado na UFPI, falo com alegria. Esses cursos da área de saúde, pelo menos da época, a gente tinha aula de manhã e de tarde, não tinha aula à noite. E aí, por lá, eu tomei conhecimento de que aconteceu o primeiro vestibular para o Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo – porque, quando começou só tinha essa habilitação em jornalismo.

Na época, eu não trabalhava em empresa de comunicação, não trabalhava, na verdade, de forma alguma, só estudava, fazia Odontologia. Até pelo fato de ser durante o dia, o curso meio que impossibilitava a gente trabalhar. E eu fiquei sabendo exatamente desse movimento lá na universidade mesmo, entendeu?

E eu já era, assim, uma pessoa muito interessada em jornalismo. Eu me lembro que, na época, eu só andava com a *Veja* debaixo do braço e tal, né, era meio que um crítico dos produtos jornalísticos que eram oferecidos aqui, sobretudo por televisão... Eu sempre fui encantado por televisão. E aí, quando eu soube, eu disse: “é, eu vou fazer esse vestibular”. Eu fiquei, assim, meio temeroso, porque fazia tempo que... eu já estava bem no terceiro período, quarto período de Odontologia... “Será que vou passar nisso?” E, aí, acabou que deu certo.

Demandas de criação do curso

Assim, exatamente como o curso nasceu... digo assim, internamente, administrativamente na Universidade, eu sei pouco, mas, eu percebo que as demandas eram

externas, da própria sociedade, porque, não tinha um Curso de Jornalismo ainda aqui no Piauí. Os profissionais que atuavam na área, na época, acredito que a esmagadora maioria, 99,9%, não tinha a formação acadêmica específica... E era um momento em que as empresas de comunicação, de um modo geral, já se movimentam nesse sentido de melhorar o conteúdo do próprio produto jornalístico. Havia essa demanda por profissionais técnicos com formação superior. Então, acho que isso foi muito, muito importante! Havia uma abertura de mercado muito significativa nessa época, então, isso influenciou muito.

E eu me lembro que tinha uma assessora de comunicação social da UFPI, na época, a professora Walda, que eu acho que ela é até de Picos, os familiares dela... Walda Eulálio. Ela foi uma peça muito importante, assim, na implantação desse curso, porque ajudou a elaborar projetos, e tudo mais.

Inclusive ela foi a primeira coordenadora do Curso de Comunicação Social, era uma pessoa incrível, assim, muito batalhadora e que se envolveu muito nesse processo todo. E que, infelizmente, morreu antes da gente se formar. Eu me lembro que um acidente indo para Picos visitar os familiares... ela morreu... Mas, assim, do que eu me lembre efetivamente é exatamente essa questão que eu te falei.

Um grande desafio

Foi um grande desafio! Chegamos lá, os primeiros 20 – porque os outros 20 só entrariam no segundo semestre – e a gente não encontrou absolutamente nada. Como ocorre com a maioria das universidades do Piauí e no Brasil, fica bem claro para a gente que se cria um curso, se pensa um curso, e depois é que vai se pensar na estrutura dele, na infraestrutura para ele.

Aí, a gente foi pagando, inicialmente, aquelas disciplinas básicas do começo do curso, e percebendo que não tinha laboratório de nada. Na época, não era computador, essas coisas assim... não tinha nenhuma máquina de datilografia à nossa disposição, entendeu? Não tinha um laboratório de jornal, não tinha um laboratório de absolutamente nada, não tinha uma rádio universitária na época, não tinha absolutamente nada... e nem professores específicos da área.

O curso, acho que ainda hoje, é da área de educação, aqui no Piauí. E aí, alguns professores do Departamento de Educação é que davam aula para nós nesse começo. Só algum tempo depois, se eu não me engano, um ano depois, foi que a universidade começou a fazer o concurso, começou a chamar alguns professores, assim, convidados do Ceará, do Maranhão para dar aula, até porque já estava entrando naquelas disciplinas mais específicas do curso.

E creio, pelo o que eu me lembro, que o curso todo era muito teórico! Muito, muito teórico! Era só com livros... E eu me lembro que a gente não encontrava na biblioteca... Eu

tinha uns amigos em Brasília e, às vezes, eu pedia alguns livros, que eles me enviassem, porque, nem livros na biblioteca não tinha, de comunicação, de jornalismo.

Então, assim, foi um grande desafio para nós. Todo mundo muito entusiasmado com aquilo e vendo o entusiasmo dos professores, sobretudo da professora Walda. Ela dava uma disciplina logo no começo, se não me engano era Introdução à Comunicação Gráfica, a disciplina dela. E ela, ali, com a gente, um grupo muito pequeno, todo mundo unido...

Criação do Centro Acadêmico

Aí, veio aquela história de criar o Centro Acadêmico. A gente tinha que batalhar por uma sala com ajuda da professora Walda, e a gente conseguiu. E conseguimos algumas máquinas de escrever e colocamos ali... Aí, “como é que vai ser a votação para escolher o presidente do Centro Acadêmico?”.

Na época, era muito mais atuante essa questão dos centros acadêmicos, dos diretórios... E aí, “todos seremos candidatos”, chegamos a esse consenso, “todos seremos candidatos e o que tiver mais voto, vai ter que assumir a presidência desse centro acadêmico”, que é uma demanda muito forte, cada curso tinha que ter o seu representante e havia uma expectativa com relação a jornalismo, jornalistas, essa coisa mais combativa, mais atuante, mais engajada, né.

E aí deu Genival Oliveira. Eu fiquei até meio surpreso, assim, porque eu era tímido, era do Curso de Odontologia, aquela coisa, assim, mais formal e tal, e era muito tímido, eu me achava muito tímido, na época. Minha história é antes do Curso de Jornalismo e depois, que foi quando eu fiquei muito mais comunicativo, passei acho que até ter muito mais empatia com as pessoas.

Bom, aí eu fui o primeiro presidente do Centro Acadêmico, e foi muito mais legal essa experiência, assim, uma coisa que não estava prevendo, não estava nos meus planos e tal... Mas, aquela coisa de participar de assembleias, de receber convites para dar palestras lá para os outros estudantes e tal...

Aí, foi muito bacana. Mas isso era uma coisa, assim, que eu não ficava muito confortável, até por conta da minha timidez. Daí, quando veio a segunda turma, eu dei graças a Deus. A gente fez uma nova eleição, agora já com 40, aí ganhou uma outra pessoa, e aí, eu passei o bastão.

Aí foi muito legal! Continuei ajudando, mas sem participar, sem estar incluído na diretoria. Mas fomos nós, os primeiros vinte, que montamos a sala direitinho, que organizamos tudo. Então, assim, além dessa experiência didática, dessas dificuldades didáticas, a gente tinha essa responsabilidade com centro acadêmico, sempre com a ajuda da professora Walda.

E foi muito legal! A gente tinha muito entusiasmo, assim, muita vontade de fazer a coisa, e fazer bem feito. Tipo assim, “ah, não temos laboratório, não temos livros, nem professores com a formação que gostaríamos que tivesse, específica... – eram excelentes professores, mas não eram professores da área de jornalismo e tal – mas, aí, vamos fazer”. E a gente foi em frente, e acho que deu muito certo. Ah, teve uma importância significativa, porque, eu acabava convocando todo mundo... Eram poucos, 20. A gente se reunia numa salinha. Aí, os professores designaram lá uma equipe para fazer aqueles primeiros projetos de criação de laboratório.

Eu me lembro que, na época, tinha um ministro da Educação que era daqui do Piauí, se eu não me engano, o Hugo Napoleão. E aí, disse: “Ah, vamos aproveitar isso e elaborar logo os projetos com esse objetivo de conseguir melhorar a infraestrutura do curso...” E o Centro Acadêmico participou, inclusive, da elaboração. Todo mundo deu uma colaboração ali com textos, com discussões, com tudo. Então, foi importante, foi um papel importante, né, dos alunos de um modo geral que, tendo à frente, lógico, o Centro Acadêmico.

Laboratórios e práticas

Olha, que eu me lembre, não conseguimos laboratórios enquanto estudávamos lá. Assim, não serviu para nós, mas criamos o embrião, plantamos a semente, ajudamos a construir. Eu me lembro que a gente fazia umas visitas às televisões, às empresas de televisões... a gente não tinha um microfone de TV no curso...

A gente, quando começou nessas disciplinas mais específicas, as aulas práticas eram isso, visitas às televisões, conhecer o processo todo, visitas aos jornais gráficos, às rádios. Aí, a gente tinha alguns programas de rádio que veiculavam em uma rádio, eu já nem me lembro qual, mas enfim, uma dessas rádios de Teresina... A gente fazia os trabalhos e a gente gravava e levava para a rádio. E a gente criou um jornalzinho, com ajuda do curso acadêmico. A gente fazia as matérias, os próprios alunos faziam as matérias e a gente rodava mesmo em gráfica, na gráfica da universidade, tal... Então, nós fizemos o nosso curso assim.

“Vamos fazer juntos”

Com o tempo, a partir do terceiro, quarto semestre, vieram os professores com formação. Aí, veio o primeiro concurso, professores muito competentes. Eu me lembro da minha professora orientadora Lavina, que veio de Brasília, uma pessoa muito competente, preparada...

E, enfim... a gente se uniu ali, aquele grupinho para fazer aquela coisa com o que a gente tinha, mas fazer bem feito, né... Eu acho que, assim, foi muito legal, foi uma experiência boa, desafiadora, e muito boa.

Bom, essa coisa inicial da criação do Centro Acadêmico, achei que isso foi, assim, superimportante, essa participação, esse engajamento dos 20 alunos colaborando para melhorar a infraestrutura do curso, né... Eu acho que isso foi muito legal.

Essa coisa de estar junto com os professores... O professor chegava e tinha algumas disciplinas, assim, na época... O currículo mudou muito, né, mas tinha uma coisa, assim, de Português I, Português II, Redação I, Redação II... essas coisas assim... O professor chegava e dizia: “Olha, eu não sou da área de Comunicação, eu sou de Educação e tal. Mas vamos fazer isso aqui juntos”. E essa coisa de a gente fazer junto é importante demais, essa coisa do coletivo, da gente se unir em torno de uma coisa e aprender juntos.

E acho que isso é muito importante, às vezes, até mais importante do que quando você dispõe de tudo, porque, aí você fica numa zona de conforto. Então, eu acho que isso foi o grande barato, assim, da gente se unir para fazer aquilo direito, dentro das condições que a gente tinha. Eu acho que isso foi mais marcante, né...

Aí, começaram a chegar os outros professores. Eu me lembro do professor Marcos, que veio do Ceará; a professora Pandora, que também veio de fora; a professora Edite, já professores com formação específica do curso. E aí, a gente foi tornando aquilo mais intenso e tal... E a gente estudou muito, muita teoria, mas a gente estudou muito. Acho que a gente se preparou bem, até, assim, para cobrir deficiências dessa questão técnica, prática, né...

Então, assim, as melhores lembranças que eu tenho são essas da gente se unir ali em torno de um projeto, de uma formação, e tentar fazer aquilo bem feito. Acho que isso foi o que mais me marcou, entendeu?

Havia muito envolvimento, assim, porque, como a turma era pequena, e era sempre aqueles alunos, daquelas disciplinas por bloco e tal, então, assim, a gente debatia muito, discutia muito as questões todas. A gente fazia roda, eu me lembro. Era uma coisa, assim, com muita dinâmica.

E foi aí que eu fui perdendo a minha timidez... Aquela coisa que você tem que falar... Como o grupo era tão pequeno, todo mundo acabava se expressando, acabava emitindo suas ideias, suas opiniões, havia, assim, eu creio que uma discussão. E em jornalismo tem muito isso. Mas eu acho que no nosso grupo era bem mais intenso, assim, bem mais forte, até por ser um grupo pequeno e coeso, e a gente estar muito envolvido ali pela carência dos equipamentos, de laboratórios e tal, né.

Então, eu tinha um professor que era o José Medeiros – ele é até político – de disciplina relacionada à Economia e tal, que a gente discutia e tudo aquilo. Depois, a gente colocava no papel as ideias da gente para já ir treinando essa questão do texto e tal. Então, era muito assim, essa coisa de discutir muitas questões, de ler muito e colocar no papel sempre escrevendo, treinando, né...

Eu me lembro que tinha uma professora que era da área de Educação, acho que agora ela está aposentada, a professora Luzia, que ela botava a gente muito para escrever, aquela coisa de treinar o texto enxuto, o texto coeso. Então, a gente escrevia bastante. Como era habilitação em jornalismo, jornalismo especificamente impresso, então a gente escrevia bastante.

Eu ficava meio surpreso, quando eu recebia os alunos para testes de todas as universidades, de um modo geral, e via a carência de texto, né... Como boa parte desses alunos estão na universidade e saem das universidades com essa proposta de ser um jornalista, um bom jornalista... e como boa parte deles escreve mal, não por culpa específica do aluno, mas acho que uma coisa estrutural da própria formação mesmo educacional, que começa no ensino fundamental, alguns vêm de escola pública, com essas deficiências todas que a gente conhece, e depois chega na universidade e, muitas vezes... talvez não tenha aquele mesmo empenho que nós tivemos nessa história desse curso, aqui... E o fato é que eu percebia, até com muita tristeza, “como é que alguém quer ser jornalista e escreve tão pouquinho, com tantas deficiências de escrita, de texto?”.

Então, acho que isso era bacana, essa troca com os professores, e depois essa coisa de pôr no papel as ideias, de escrever muito, de treinar muito, porque essencialmente, o jornalista tem que se expressar com as suas ideias e tem que saber focá-las no papel, coordenar bem suas ideias. E era o que a gente fazia, e fazia, e fazia... E eu sou muito grato a isso, eu acho que isso me tornou o profissional que eu fui, entendeu?

Uma pessoa mais comunicativa

Eu acho que assim, como pessoa, a importância dessa interação toda, dessa dinâmica toda de comunicação, me tornou uma pessoa mais comunicativa, uma pessoa mais aberta, uma pessoa mais predisposta a um diálogo, a compartilhar palavras. Eu acho que isso é bem bacana, me tirou da timidez, eu acho que isso, como pessoa, foi superimportante para mim, o Curso de Comunicação.

E foi bem marcante essa coisa que todos os professores, esse entrosamento com o professor, essa coisa de trocar ideias, de falar, de saber ouvir. Acho que isso foi muito bacana, entendeu? Aquela amizade que havia entre nós estudantes, por ser uma turma pequena e os

professores, que eram conhecedores, evidentemente, de todas as deficiências e tal... aquela vontade de fazer direito, de fazer bem. Então, eu acho que isso é uma coisa assim bem marcante, que foi muito importante.

Direto para o mercado de trabalho

E, depois que a gente se formou... nos formamos poucos, inicialmente. Se eu não me engano, eram seis apenas, os formandos. Porque, você sabe, começa uma turma, mas um desiste, outro segue outro caminho, outros se atrasam em função de trabalho, e tudo mais...

Eu sei que nos formamos seis, inicialmente, e esses seis foram direto para o mercado de trabalho. Foi engraçado... até em função dessa demanda que havia por profissionais com formação superior, formação técnica, e aquela coisa da gente ser os primeiros formados do Piauí na Universidade Federal do Piauí...

Então, a gente foi direto para o mercado de trabalho, dependendo da afinidade de cada um. Eu, por exemplo, queria muito televisão, né? E aí fui trabalhar, inicialmente, na TV estatal, que hoje é Fundação Antares. Na época, a gente chamava, simplesmente, de TV Educativa. Eu fiquei três meses lá, assim que me formei, e foi um laboratório. Eu fazia redação para os telejornais. Depois, eu fui para a reportagem.

Aí com três, quatro meses que eu estava lá, o meu chefe de reportagem de lá foi para a Antena 10, que na época era afiliada da Rede Manchete, né. E daí, ele me chamou para lá, e eu fui para lá. Era, assim, uma experiência nova como repórter numa TV comercial. E eu me lembro que eu fazia política, cobria Assembleia... E aí começou a história da minha carreira.

Mas assim, o que eu acho mais importante, ao observar isso, é: pessoas que se formaram nessas condições que eu lhe falei, sem laboratórios, sem ter um curso com uma infraestrutura que seria desejável, importante, e fomos para o mercado de trabalho e a gente deu conta do recado.

Eu acho que isso foi uma coisa muito importante. Eu acho que um foi grande desafio, que a gente abraçou e conseguiu fazer direito, conseguiu vencer na profissão. Eu acho que isso foi muito legal! A gente olhando para trás, no meu caso especificamente, eu olho para trás e, relembrando agora com você todas essas coisas e vendo como foi um desafio, um passo ousado, né...

E aí, eu fui um profissional de televisão. Estou aposentado, agora, mas trabalhei sempre em televisão, e consegui exercer todos os cargos que se pode exercer em uma redação. E me considero que fui um profissional extremamente realizado, feliz na minha profissão.

Olha o tamanho da ousadia

Eu acho que tinha uma coisa interessante... Assim, o meu trabalho final, eu decidi fazer um documentário de TV... olha o tamanho da ousadia... – de TV! – sobre a história do curso, aquela história pequena, quatro anos, quatro anos e meio. Eu me lembro que nós tivemos um semestre de greve, uma grande, forte e tudo, que a gente ficou sem aula. Então, a gente poderia ter saído em quatro anos, acabou sendo quatro anos e meio, porque foi um semestre perdido, né. Isso aí foi uma coisa interessante também, que marcou muito a época.

E daí, eu fiz o documentário em TV e vídeo sobre a história do curso, essa história recente, com muitos desses aspectos que estou lhe colocando aqui. Entrevista com professores, com alunos, contando a historinha lá... Só que a gente não tinha nem de equipamento... Depois, eu digo: “mas como é que eu fui me meter nisso?”. Não tinha nenhum equipamento, não tinha uma câmera de TV, não tinha um microfone sequer.

Aí, eu tive que alugar tudo isso, bancar tudo isso, entendeu? Contratei um cinegrafista que tinha o equipamento, e a gente saiu filmando. E, para você perceber, assim, o tamanho da dificuldade que a gente teve. E eu acabei, e fiz o documentário. Minha orientadora, como eu lhe falei, uma professora muito competente, muito preparada. Era um documentário em TV, mas eu li muito com ela, discutimos muito as questões teóricas da comunicação antes de partir para a prática. Então, quer dizer, foi muito legal.

Mas isso foi uma coisa que me marcou muito, essa ousadia de fazer um documentário sobre a história do curso, sem ter nem equipamento para isso. Aí, editei fora tudo. Aí, fui para defender. E foi algo, assim, muito interessante, a defesa, mostrei lá... Os professores ficaram meio que encantados da gente conseguir fazer aquilo com as dificuldades todas e tal. Aí, foi legal. Aí, consegui a nota máxima e tal... Fiquei muito feliz!

É provável que você tenha acesso ao documentário, né. Eu tinha ele. Naquela época, a gente guardava tudo em fitas VHS, e se não fossem bem acondicionadas, acabavam mofando, dando problema. Aí eu me lembro que eu fiquei com ele muito tempo, mas aí uma época, eu fui para passar um tempo em Brasília, e aí, nessas histórias de algumas mudanças e tal... acabei perdendo essa fita, né.

Eu não tenho ela, mas eu acho que você pode conseguir, eu acho que é até uma responsabilidade da universidade ter isso no acervo, num é isso? Lá no departamento, na coordenação. É interessante, se você tivesse acesso a isso, para você ver, assim, tudo tão incipiente, tudo tão... uma coisa muito mais à vontade, entendeu?

Ali, eu nem imaginaria que ia fazer uma carreira tão bonita em televisão no Piauí. Até porque, eu não tinha exatamente aquele perfil que se imaginava de TV na época, né... Eu sou negro, num tenho pinta de galã, não sou bonitão e tal... O mercado fechado na época, eram poucos negros em televisão. Eu me lembro bem da Glória Maria, do Heraldo Pereira, e num me lembro de mais ninguém negro na televisão.

Aí, até nisso, eu acho que eu fui ousado. Assim, “o que é que eu “tô” fazendo aqui?” Eu fui pedir emprego na TV Clube, a primeira vez, no meu primeiro estágio... não me deram. E aí, eu tive que ir lá para a Educativa... fui para a Manchete... Com um ano que eu estava lá na Antena 10, a Manchete, aí sim, deu certo ir para a Clube. Porque eu comecei a me destacar e, e aí fiz minha carreira toda na TV Clube.

Eu só saí de lá nesse período em que eu estive fora, mas também trabalhei em emissoras afiliadas à Globo, sempre trabalhei em emissoras afiliadas à Globo. E aí, com pouco tempo que eu estava na TV Clube e com muito pouco tempo de carreira, eu passei a ser o repórter da nacional, aqui, do Piauí. Então, assim, as matérias nacionais para o Jornal Hoje, para o Fantástico, para o Jornal da Globo, para o Jornal Nacional, foi eu que fiz durante um tempo bem significativo, desde quando eu entrei lá, se eu não me engano, entrei lá em 1990... não me lembro bem... 1991, por aí... e fiz as matérias até 1997, quando eu tive que dar um tempo do Piauí, né.

Então, em me lembro que, uma vez, eu fui fazer uma matéria para o Esporte Espetacular. E aí, eu conversando com o editor e tal, disse: “mas você não é o Genival, aquele que eu vi fazendo uma matéria de receita no Jornal Hoje? E você vai fazer esporte?” Eu digo: “olha, mas aqui não existe o repórter de editoria específica, aqui, a gente faz de tudo. E me passaram aqui essa responsabilidade de fazer uma pauta. Eu nunca fiz nem matéria de esporte, mas me passaram essa responsabilidade de fazer essa reportagem para vocês, e eu estou aqui fazendo... vou tentar”.

Aí, passamos uma semana na estrada acompanhando esse enduro, lembrando que foi o primeiro ano em que o enduro era do Piauí para o Ceará, chamava Piocará, mas foi o primeiro ano em que ele passou a ser o enduro ecológico, que passava por pontos bonitos do Piauí, do Ceará, natureza bonita, parques nacionais, praias, serras.

E a gente acabou conseguindo o maior tempo em rede nacional que o Piauí já teve até agora. Essa minha reportagem, ela tem uns 11 minutos, e foi anunciada no Jornal Nacional. Naquela época, eram só motos nesse enduro, elas passando sobre dunas e tudo... Foi muito, muito, muito, muito legal!

Eu me lembro que quando eu fui para a Globo editar... naquela época, a gente não tinha muitos recursos de edição nas TVs daqui, eu fui editar na Globo com um monte de fita embaixo do braço. Naquela época, era *U-matic*, não era um equipamento muito sofisticado.

Quando eu entrei nos corredores da Globo, estava passando uma matéria minha no Jornal Hoje, se eu não me engano, era até sobre mortalidade materna, que era um índice alto de mortalidade materna no Brasil, e no Piauí aquela época... E aí, nos corredores, eu ouvindo a minha voz e tal... Menino, foi muito emocionante essa história toda, né?! Essa história de ser da primeira turma do Curso de Jornalismo daqui... essa história toda dos desafios durante o curso, essa história da carreira, de construir uma carreira bonita, bacana... Foi muito, muito legal!

Aí, eu fui a Brasília, fui a Goiânia e voltei para o Piauí. Voltei, comecei a trabalhar como repórter de novo, daí me convidaram para ser o chefe de reportagem da TV Clube, eu topei, até porque já estava, assim, um pouco cansado mesmo dessa coisa de reportagem. E aí, depois, me chamaram para ser o chefe de redação e eu fiquei nessa função muito tempo... nove, dez anos até me aposentar.

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE IURY KILSON MOURA CAMPÊLO

Relação com o Curso de Jornalismo da Uespi/CPTN	Estudante
Período	2001-2005
Data da entrevista	11 de março de 2020
Local	Delegacia Geral de Teresina (local de trabalho do entrevistado)
Formato	Áudio
Duração	22:59
Acesse a entrevista neste link.	

Inauguração da vida na universidade

Eu tinha terminado o ensino médio e estava fazendo o pré-vestibular, no extinto Colégio Sapiens, e meu contato com o curso foi com o edital de vestibular de 2001. Era o ano 2000, há vinte anos, por volta de abril, maio, quando saiu o edital do vestibular... se não me engano, era por essa época. E tinha Jornalismo na Uespi. Eu queria Jornalismo.

E eu tinha uma pressão em casa para tentar também conciliar um Curso de Direito, aí eu decidi tentar o vestibular na Universidade Federal do Piauí para Direito. Eu me sentia mais confiante de passar no Curso de Jornalismo da Uespi, porque, na época do vestibular, era exigido História, Geografia, Português e Redação. Eu tinha afinidade, inclusive, passei, até entre os primeiros, para minha grata surpresa. Se eu não me engano, passei até em terceiro lugar. O meu contato com a implantação do curso foi esse, no começo, porque a universidade abriu o edital, eu concorri e fui aprovado.

A matrícula aconteceu uns 15 dias antes do início das aulas, pelo que eu lembro. E a primeira aula, para mim, foi a inauguração da minha vida na universidade. Eu lembro como se fosse hoje, foi no dia 6 de março de 2001. Foi a aula inaugural do Curso de Jornalismo, com uma palestra do professor Paulo José Cunha. A palestra iniciou às 14 horas, reuniu todos os alunos do curso e a coordenadora do curso, a professora Cínthia Lages. Ela era a única professora, que eu tinha conhecimento, naquele momento, que faria parte do corpo de professores.

A gente chegou a universidade por volta das duas horas da tarde. Havia uma pequena solenidade com o então reitor, professor Jônathas Nunes, e fomos levados da sala cinco, lá do setor de Comunicação Social até o auditório Pirajá, para a aula inaugural, com o professor Paulo José Cunha, um professor da UnB (Universidade de Brasília), que apresentava programa, se eu não me engano, na TV Senado, acho que ainda hoje apresenta, é funcionário de carreira do

Legislativo Federal. E foi quando o Curso de Comunicação Social da Uespi começou, no dia 6 de março de 2001, com essa palestra do professor Paulo José Cunha.

Várias dificuldades

Depois disso, a gente começou a sentir várias dificuldades, porque no dia seguinte, a gente foi surpreendido com uma placa, na realidade, não era uma placa, era uma folha de papel A4. Tinha escrito “Curso de Comunicação Social – Jornalismo e Assessoria de Imprensa”. Imediatamente, alguns alunos, eu lembro bem de mim e do aluno Orlando Maurício de Carvalho Berti, do aluno Audir Silva de Almeida Nunes, da aluna Leilane Shirley Nunes e da aluna Dórothi Barbosa Melo Amaral, a gente se entreolhando, assim, meio que surpreso e revoltado, porque alguém teve a atitude de mudar a nomenclatura do Curso de Jornalismo para Assessoria de Imprensa.

E a gente foi questionar da coordenadora porque é que aquele nome Assessoria de Imprensa estava no lugar do Curso de Jornalismo e Relações Públicas! Eu tinha mais interesse, depois de pesquisar sobre as carreiras, no Curso de Relações Públicas do que, enfim, no Curso de Jornalismo. Mas foi uma tentativa de aborto do Curso de Relações Públicas, que depois foi esclarecido, porque não tinha condições de um Curso de Relações Públicas funcionar no Piauí, sendo que aqui nem profissional de Relações Públicas tinha.

Mas, de certa forma, eu lembro que foi a primeira grande frustração da implementação do Curso de Comunicação Social na Uespi. Inclusive, durante umas duas semanas, a gente ficou até meio apavorado com essa modificação no nome, uma tentativa de modificação que sequer chegou a ser consumada. E eu tinha um pouco mais de maturidade do que os colegas para tentar entender o que é que estava acontecendo, nenhuma atitude da coordenação do curso poderia modificar o edital de vestibular. O Curso de Relações Públicas não poderia ser simplesmente suprimido por decisão de quem quer que seja, e foi isso que a gente argumentou. Depois, essa discussão foi encerrada...

O Curso de Relações Públicas foi implantado a duras penas, duríssimas penas! Inclusive para contratação de professores provisórios foi, acho que, quase um parto para a instituição, e a gente teve que acompanhar tudo com muita ansiedade e muita angústia, porque, desde o próprio curso em si, assim que as primeiras disciplinas práticas foram começando, a gente não tinha laboratório, a gente não tinha um único livro na biblioteca...

Salvo engano, os primeiros livros de Comunicação Social fui eu que doeï. Eu comprei três ou quatro livros, eu os li, enfim... Até brincando que eu fiz até uma pequena solenidade, eu fiz o termo de doação dos livros, três livros, não me lembro mais quais, mas doeï para a

biblioteca. A gente não tinha livro, absolutamente nenhum de Comunicação Social, nem de Jornalismo, nem absolutamente nada.

Quando as disciplinas práticas, como Fotojornalismo, Radiojornalismo, Telejornalismo começaram, a gente sabia que não ia ter tempo hábil para a universidade construir laboratórios, e a situação foi ficando ainda mais complicada sobre a existência, de fato, do curso, e se o curso seria aprovado pelo Conselho Estadual de Educação.

A gente teve que ficar enfrentando todo tipo de dificuldade e alguns desânimos foram acontecendo. Muita gente desistiu do curso, muita gente migrou, inclusive, para faculdades particulares, muita gente desistiu mesmo da carreira e foi prestar vestibular para outras áreas... Tem gente que saiu para o Curso de Direito... Mas eu fui dos que continuou.

Eu, talvez, tenha sido a pessoa que tenha vivido e tenha sofrido mais isso, não mais do que os outros, mas é porque eu vivia para aquilo. Eu vivia exatamente para tentar melhorar as minhas próprias condições. Infelizmente, a gente não pode alcançar tudo, mas é uma história bastante vitoriosa, porque as gerações que vieram depois da gente encontraram, pelo menos, uma parte do terreno construído, sedimentado.

Depois, eu vi que fizeram alguns outros laboratórios, de multimeios e tal... Mas a situação era crítica, precária e penosa. Eu não sei nem como, acho que por milagre, providência divina, a primeira turma teve e tem excelentes profissionais em suas áreas, inclusive fazendo grandes trabalhos em portais, em TVs e jornais... Tem Caroline Oliveira, recebeu algumas premiações, ganhou concurso de reportagem... e fora vários outros talentos.

O primeiro laboratório

O primeiro laboratório que a Uespi teve, eu inclusive era monitor e bolsista, porque eu tinha habilidade com equipamentos eletrônicos, na época, e eu tinha uma grande paixão por rádio, e foi o laboratório de rádio. Ele foi montado, literalmente montado pelo Curso de Comunicação. Na época, eu não sei qual foi a empresa que foi responsável por montar os cabos, montar a estrutura, sei que foi marcada a inauguração e ele não estava pronto.

Um professor de rádio muito apaixonado, foi lá, se meteu dentro do laboratório e foi soldar cabo e terminou de montar, porque a empresa parece que desistiu de montar ou não foi paga para montar, não lembro... Tinha a história de um transmissor que desapareceu... A gente só escutava as histórias que vinham da administração, a gente pouco participava.

Mas eu lembro que o professor Achylles Costa Junior tentando montar o laboratório de rádio – mas quando eu falo montar, eu falo montar do ponto de vista literal mesmo, de pegar

cabo e soldar – e eu fui ajudar junto. Eu fui o primeiro monitor e fui uma das primeiras pessoas a ver um laboratório da Uespi funcionando.

Não tivemos outros laboratórios. Eu lembro muito bem, como se fosse hoje, que a gente pedia, até implorava para a administração pública para comprar equipamentos fotográficos, máquinas fotográficas. A gente fez aulas rudimentares de fotografia com a excelente professora Margarete Leite, com a máquina emprestada do setor de assessoria de imprensa do Palácio do Pirajá, uma máquina, acho que um ponto oito megapixels. Na época, era uma máquina digital a disquete, acho que qualquer museu hoje em dia se interessaria por essa máquina, máquina digital, porque tinha que comprar disquete para tirar duas, três fotos.

A gente teve laboratório de rádio. Nossa estrutura de rádio era muito boa. Foi o único laboratório que a gente pôde usar e teve como usar. Televisão, a gente não teve nada.

Luta dos alunos

O que foi mais marcante foi a luta dos alunos. O Curso de Comunicação Social não existiria se a primeira turma não tivesse sido tão aguerrida, tão apaixonada pelo Curso de Comunicação da Uespi. Não só o Curso de Jornalismo. Eu lembro que assim que a gente terminou Jornalismo, a gente teve que tomar uma decisão, inclusive, política. O Audir Nunes, a Leilane e eu, o Ramiro, Márcia... e a Carol também... A gente teve que tomar uma decisão: ou a gente faz esse curso ou então o curso vai se acabar.

Para teres ideia, o edital de vestibular eram quarenta, vieram durante o curso alguns alunos de faculdades particulares, conseguiram transferência para a Uespi, o que também gerou uma outra polêmica na época, é a transferência de alunos de algumas faculdades particulares para dentro do Curso de Jornalismo, mas, o curso chegou a ter quarenta e quatro, quarenta e cinco alunos em sala de aula, e para fazer RP, no final, a gente tinha cinco, seis.

E a gente teve que tomar essa decisão. A gente vai fazer o Curso de Relações Públicas até para assegurar o direito as gerações futuras, porque tudo era extremamente incerto naquela época, até a conjuntura política foi ficando mais difícil por uma transição do governo Mão Santa para o governo Wellington Dias. A Uespi, os interesses políticos da Uespi, do governo Mão Santa, na época do reitor indicado Jônathas Nunes para a época de transição de Wellington Dias, a Uespi teve papéis distintos na história. E essa transição, ela foi e é, ainda hoje, bem sofrida, bem dura.

Eu cheguei a frequentar a universidade estadual, ela tinha milhares de alunos, a gente tropeçava nas pessoas, tinha fila para ir ao banheiro. Eu terminei um Curso de Direito em 2012, estava frequentando até ano passado um Curso de Letras Inglês na Uespi, me dava pena, porque

se transitava por uma universidade vazia, destrozada, esfacelada. Você não tem mais nenhum tipo de... de manifestação acadêmica como a gente via, por exemplo, as organizações de semanas de estudante, de Jornalismo, de História, Geografia... O pessoal do CCE que tinha a tradição de fazer grandes eventos na universidade.

Excelentes professores

As aulas eram 100% expositivas. Expositivas, intuitivas. Tivemos grandes, excelentes professores. Alguns professores mesmo, muito apaixonados. Vou citar Margarete Leite, eu cito uma professora, que era coordenadora também do curso, Nayara Melo, que fez tudo possível para que o curso existisse e funcionasse.

Outras professoras também, como a professora Fabi Adriana de Caldas Brito Vieira, uma entusiasta, professor Roberto... esqueci o sobrenome do professor Roberto, foi até coordenador do curso, era outra pessoa também que o Curso de Comunicação deve muito. O professor Achylles da Costa Junior, que hoje está na UFPI. Esse, literalmente, montou o laboratório, queimando os dedos junto comigo, com as próprias mãos. Há de se fazer justiça à professora Cínthia Lages, foi a primeira coordenadora do curso, tem sua grande contribuição também para a história da Uespi. Professor Daniel Solón esteve desde o começo também.

As primeiras disciplinas, que eram Filosofia, Sociologia, Língua Portuguesa, eram professores emprestados do CCE. E das outras disciplinas iam acontecendo no decorrer do curso. A gente tinha a professora Cínthia Lages e a professora Cristiane Sekeff, que acho que é até concursada, mas, se deu aula para mim foi um semestre, depois, ela ficou à disposição de outro órgão, eu acho até que ela se encontra ainda à disposição de outros órgãos.

Isso eu estou falando rapidamente, mas a primeira turma passou seis meses nas disciplinas de tronco comum com professores do CCE. No semestre seguinte, os mesmos professores: professora Cínthia Lages e professora Cristiane Sekeff. As duas eram substitutas. Inclusive, a coordenadora era a professora Cínthia Lages. E, também, acho que a professora Nayrana Melo também é dessa primeira fase.

Duas habilitações

O Curso de Jornalismo demorou quatro anos. Fiz as duas habilitações, porque o seguinte: o edital de vestibular de 2000 previa que o Curso de Comunicação Social teria duas habilitações. Uma das outras dificuldades, foi assim que a gente terminou o Jornalismo, se a gente recebia diploma de Jornalismo para depois receber o diploma de Relações Públicas.

É como uma frase do Gabriel Garcia Marques, quando eles estão procurando um lugar para se implantar numa aldeia, ele diz que tudo era tão novo que até pra você mencionar as coisas, como elas não tinham nome, você tinha que apontar com o dedo. Tudo era tão novo que a gente não sabia que diploma a gente ia receber, que tipo de diploma ia receber, se um diploma de Comunicação Social, se um diploma de Jornalismo, se um diploma de Jornalismo e Relações Públicas.

Mas depois de terminado o Curso de Jornalismo, a gente defendeu TCC, teve colação de grau e teve uma solenidade de formatura. Depois disso, cinco alunos, após concluir o Curso de Jornalismo, quiseram imediatamente começar o Curso de Relações Públicas. E foi a primeira turma de Relações Públicas do Piauí.

Os alunos eram Márcia Silva Nascimento, salvo engano, o sobrenome é Márcia Silva Nascimento, o nome jornalístico dela é Márcia Nascimento; Audir Silva de Almeida Nunes; Caroline Oliveira, que agora eu não me lembro o nome completo dela; a Leilane Shirley Nunes; Ramiro Leal, Ramiro é até procurador do município, terminou o Curso de Direito; e eu. Fomos... fomos a primeira turma e os concludentes do Curso de Relações Públicas, cinco anos depois de o curso ter iniciado, cinco anos e três meses depois.

Foram dez períodos.

Reconhecimento do curso

O próprio reconhecimento do Curso de Jornalismo foi uma grande vitória que a gente conseguiu, porque a gente teve que mergulhar dentro das discussões para que o curso fosse reconhecido. Chegou uma comissão, se eu não me engano, formada por professores da universidade federal, a pedido do Conselho Estadual de Educação, eu não sei, eu não me recordo, faz muito tempo... E a gente tinha medo de o curso não ser reconhecido. Só o fato de o curso ter sido reconhecido naquela época, com as condições que nós enfrentamos, foi uma grande vitória.

Eu coleí grau em maio de 2005. Isso deve ter sido pouco antes, depois que eu defendi TCC. Dezembro de 2004. Entre dezembro de 2004 e março de 2005. Por que é que eu lembro dessas datas? Porque eu já havia defendido e, inclusive, acho que o professor Paulo Fernando fez parte dessa banca de reconhecimento, ele disse em uma das reuniões que tinha pego o meu TCC na avaliação lá de desempenho do curso.

Parte afetuosa da minha vida

Acho que é uma parte que foi uma parte bem afetuosa da minha vida, a transição da infância para a adolescência. Eu entrei muito novo, eu era muito garoto, eu tinha 17 “pra” dezoito anos, mas era extremamente menino, e eu vivi aquilo dali com muita intensidade. É uma parte bem feliz. Eu tenho amigos que levo até hoje para a vida inteira.

A gente fez Semana de Comunicação, a gente fazia muito encontro em bar, muita luarada... Falo com saudosismo. Nossa turma não era muito unida, por sinal, nós brigávamos muito, tinham intrigas seríssimas. Eu fiz até parte de algumas delas, lembro rindo. Mas eu lembro de todo mundo com amor e um carinho irretocado.

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE JÔNATHAS DE BARROS NUNES

Relação com o Curso de Jornalismo da Uespi/CPTN	Reitor
Período	1995-2001
Relação com o Curso de Jornalismo da Uespi/CPBA	Reitor
Período	1995-2001
Data da entrevista	15 de agosto de 2020
Local	<i>On-line</i>
Formato	Audiovisual
Duração	1:09:33
Acesse a entrevista neste link.	

Interiorização da educação

Eu fui Reitor da Universidade Estadual do Piauí, de janeiro de 1995 a dezembro de 2001, durante sete anos. Então, o Curso de Comunicação da Uespi foi implantado já quase no final da minha administração, de 1999 para o ano 2000, num contexto em que a sociedade piauiense estava passando por um processo acelerado de desenvolvimento de suas potencialidades e avanço notável no processo educativo como um todo.

Praticamente, o ensino no Piauí era concentrado em Teresina, e em bem menor escala, na cidade de Parnaíba, um pouquinho em Floriano e em Picos. Quem conheceu aquele período, coincidente com a nossa gestão na Uespi, verificou que houve um verdadeiro processo de interiorização da educação nesse Estado, o que significava, entre outros pontos, a rápida qualificação de recursos humanos para atender ao desenvolvimento da sociedade interiorana.

O Piauí sempre teve como um dos seus propósitos romper o desnível de desenvolvimento comparado com os outros Estados do Nordeste. Esse grau diferente de desenvolvimento que se projetou na história do Piauí, basicamente, em virtude de, contrariando a época, ter levado o centro, a sua capital, para bem distante do litoral, isso há 200 anos, numa época em que, praticamente, o que se chamava de progresso era ao longo do litoral.

Não é à toa, não é mera coincidência o fato de todos os estados do Nordeste terem suas capitais no litoral. Mas o Piauí optou, à época, ou foi motivado, à época, a aceitar essa condição, terrível para ele, de ter a sua capital a 600 quilômetros do litoral, numa época em que não havia transporte terrestre de nada.

Tudo porque uma elitezinha colonial formada por fazendeiros, sobretudo de Pernambuco e da Bahia, com a ideia de avançar com as suas pastagens para o interior de Pernambuco e da Bahia, acabaram entrando no litoral do Piauí pelo Sul, e isso acabou pesando

nessa realidade histórica de um estado que precisava exportar, importar, vender, comprar, adquirir. Tudo tinha que ser pelo litoral, e a capital a 600 quilômetros, no interior.

Então, durante nossa gestão, a gente sentiu essa realidade... também devo dizer por força da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, me parece que de dezembro de 1995. Essa lei, ela, praticamente, no que interessa aqui ao que nós estamos falando, definia o seguinte: professor para educar, tem que ter formação universitária plena.

E aí, devido ao fato de a gente conhecer esse interior do Piauí de ponta a ponta, encontramos uma realidade no Estado, isso há 20, 25 anos: o professor que trabalhava no ginásio, no colégio de ensino médio, não tinha formação universitária e, quando tinha, era um curso, assim, digamos de curta duração, uma coisa de um ano e meio, dois anos, no máximo.

Então, quando assumi a Reitoria, senti que a Uespi precisava passar, de forma rápida, por um processo de interiorização muito forte! Muito forte! E esse processo aconteceu e aconteceu numa velocidade tão grande que acabou, assim, ultrapassando as fronteiras do Estado.

Depois dos primeiros anos de gestão na Uespi, recebi pedidos da Bahia, de Pernambuco, do Maranhão, do Pará para que a Uespi criasse um núcleo universitário em lugares do interior desses Estados. Tudo isso em nome desse Lei de que falei há pouco, da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que dizia: para ser um educador, precisa ter a formação universitária plena. Bom, então, essa foi a motivação.

Eu diria que esse foi um processo, assim, até certo ponto, também polêmico, porque acreditava-se que não se pode também expandir o ensino universitário sem a própria universidade ter recursos humanos qualificados, sem a própria Universidade ter o seu desenvolvimento interno para poder depois se expandir.

Houve muita incompreensão em torno disso, a começar por setores da própria universidade federal, não só da Universidade Federal do Piauí, mas das universidades lá da Bahia, por exemplo, quando eu recebi solicitação de cidades do oeste daquele Estado, do oeste de Pernambuco, de boa parte dessa região Leste aqui do Maranhão, até a cidade de Alto Parnaíba no Sul do Estado.

Aqui e ali, participei de inúmeras discussões. Estive no Maranhão, com prefeitos, e discutia-se: “Mas por que vocês, prefeitos, não pedem a colaboração da Universidade Estadual do Maranhão, da Universidade Federal do Maranhão?”. Eles respondiam quase todos: “Eles não querem ir. O contrato de trabalho deles, o emprego prevê que é só em São Luís ou, quando muito, uma cidade onde já está instalado um *Campus*, como é o caso de Caxias, por exemplo”.

Um dos cursos foi o de Comunicação

Foi, então, dentro dessa lógica, que a universidade entendeu que devia expandir seus cursos, e um dos cursos que ela entendeu de expandir foi o de Comunicação, até porque a Universidade Estadual do Piauí até então, não tinha cursos voltados para a formação de recursos humanos na área de Comunicação Social. Não tinha. Como se isso fosse uma área que a gente pudesse relegar. Alguns diziam: “Não, isso aí pode deixar para daqui há cinco, dez anos”.

Ora, por formação, tive, na origem, na minha formação profissional, o lado militar, e de fato aprendi muita coisa no Exército. A gente pode até, vamos dizer, fazer restrições em alguma área, na formação militar, mas tem outras áreas realmente muito interessantes.

Por exemplo, o Curso da Academia Militar das Agulhas Negras; a gente estuda uma disciplina lá chamada História Militar. E eu notei, já naquela época, nos meus 20 anos de idade, e posso aqui dizer que estudei a Segunda Guerra Mundial, sabe como? Pelos documentários feitos por aquelas pessoas que avançavam nas linhas de combate, mas na retaguarda. Não iam atirando, e sim anotando tudo. Jornalistas da comunicação em tempo de guerra.

Então, eu vi na história militar da Segunda Guerra Mundial, de tudo que é lado, tanto do lado da Alemanha, do lado dos aliados, dos fascistas, sei lá, do lado da Rússia, do lado do Japão também, essa iniciativa. Havia já aqueles batalhões de militares só para filmar tudo que podia nas linhas de combate. Então, já havia aquela ideia de comunicar o que houve, e não aquilo que a gente acha que houve.

Eu vou lhe dizer, quando eu criei o Curso de Jornalismo, quando autorizei a criação desse projeto do Curso de Jornalismo, Comunicação Social, eu me lembrei muito dessa época e, também, desde o início dos governos militares, discutia-se muito isso: a informação vai passar a ser uma mercadoria mais valiosa do que ouro.

Então, eu até acho que nesse particular aí, a gente foi um pouco, assim, forte, porque houve, aquela discussão, aquela polêmica em torno disso. “Esses cursos, por que não deixar isso para mais na frente?”.

Mas aí, eu senti que nós tínhamos que estender esses cursos universitários para além das áreas não exclusivamente de magistério, para outras áreas profissionalizantes como, por exemplo, Fisioterapia, cursos da área de ciências médicas e cursos na área de comunicação social. Esse foi o sentido, e essa era a ideia maior.

Então, o Curso de Comunicação Social foi implantado na Uespi, em Teresina e na região de Picos, dentro da ideia de que no campo educativo, a Universidade Federal do Piauí estava

muito concentrada nos cursos que ela oferecia em Teresina. Digo isso, muito à vontade, porque sou professor da Universidade Federal do Piauí, e adoro nossa UFPI, mas essa é a história.

A universidade, ao mesmo tempo em que foi criada, ela se expandiu de uma forma muito preguiçosa, talvez medindo os passos, uma certa prudência, ou excesso de prudência, e isso foi no início da década de 1970, e nós estamos falando do ano 2000, ou seja, 30 anos depois.

Então, quando se pensou em criar, na Universidade Estadual do Piauí, novas frentes de atuação na formação de determinadas categorias profissionais, como a área de saúde e a área de comunicação social, houve uma polêmica muito forte. Alguns pensavam que o Piauí é uma reserva de mercado para os profissionais formados na UFPI.

Aliás, você está me fazendo, agora, lembrar de uma entrevista conflituosa, na época, em que se questionava esse tipo de assunto. Um repórter chegou a perguntar a mim, na televisão, naquela época, 1998/1999, nesses termos: “Reitor, mas, o Senhor está querendo criar Curso de Medicina que nem o Maranhão tem ainda, que nem o Ceará tem ainda, Rio Grande do Norte, Paraíba, com uma única exceção em Pernambuco. O Senhor não acha demais?”. Aí, saiu dizendo, e eu lá escutando. Sabe qual foi a resposta que eu dei a ele? Eu disse, rindo: “rapaz, era só o que faltava, o Piauí, para criar um curso ter que primeiro pedir permissão aos outros estados do Nordeste.”. Vejam até onde estava indo nosso complexo de inferioridade! Não é por aí...

Então, o seguinte, o Piauí passou por um processo muito forte de luta contra o subdesenvolvimento, o PIB crescendo de forma razoável, acima dos estados do Nordeste. Então, pensou-se de forma muito forte na extensão de novos cursos profissionais no estado. E não foi fácil vencer essas barreiras.

Eu me lembro que, na criação do curso, na instalação do Curso de Comunicação Social na Uespi, nós trouxemos, de Brasília, para a aula inaugural, o jornalista Paulo José Cunha, não sei se você conhece. Ele é piauiense, esteve aqui, foi uma data memorável.

O processo de criação dos cursos de Comunicação

Olha, o processo de criação de curso na universidade passa pelo seguinte: é designada uma comissão para montar o projeto, e essa comissão... no caso, por exemplo do Curso de Comunicação Social, eu não me lembro se tinha alguma pessoa de fora, eu acho que tinha, mas não posso dizer assim de certeza. Por exemplo, no de Medicina, eu me lembro bem, nós chamamos um professor Titular da Universidade Federal do Paraná, ele foi o chefe da Comissão da implantação do Curso de Medicina. No caso de Comunicação Social, eu não me lembro a composição.

Mas o primeiro passo é esse, você designa uma comissão, essa comissão elabora as linhas gerais, elabora um projeto, definindo o número de vagas, a instalação etc. Nós criamos, inclusive, a rádio universitária, antes de eu sair da Uespi, no último ano, nós deixamos até um espaço, por sinal, muito bom para a rádio universitária. Eu não sei se ainda está funcionando isso lá hoje.

Bom, mas este projeto, ele tem um caminho a seguir na universidade. Após ser aprovado pelo Conselho de Centro, é submetido ao Conselho de Ensino e Pesquisa. Aprovado, com ou sem modificações, é encaminhado para o Conselho Universitário. O Conselho Universitário é o órgão que realmente define a criação de um curso. Mas o Conselho Universitário não tem poder para determinar, apenas autorizar o início de funcionamento do curso. Aí, não pode. Um outro órgão chamado Conselho Diretor da Fundação Universidade Estadual do Piauí (Fuespi), que movimenta as finanças da Universidade, dá a última palavra sobre a exequibilidade das condições materiais de funcionamento do curso.

Bom, então, passa por esse processo todo, sendo que o último deles é um Conselho Diretor, a criação do Curso de Comunicação Social, e, no caso, do de Medicina. Agora, depois que o Conselho Diretor aprova, vem um outro probleminha que é: inclui ou não inclui no vestibular? Porque, aí, tem outras variantes para saber se poderia ou não.

Então, no caso da Uespi, quando eu era Reitor, nós pudemos incluir o de Picos e o de Teresina.

Por que Picos?

Quando nós fomos criar esse Curso de Comunicação Social, o Conselho Diretor entendeu que poderia ser criado o curso daqui de Teresina e o curso de uma região como a de Picos. Picos é uma região impressionante, você olha para Picos, e não faz nem ideia do que é a cidade de Picos hoje.

Picos, em volta de Picos, num raio de 60 quilômetros, é uma população duas vezes maior do que a de Parnaíba, porque, Parnaíba, tudo bem, tem 200 mil habitantes, agora, só que em volta de Parnaíba, aí é meio rarefeita. Já Picos é um fenômeno, a cidade de Picos. O que tem de cidades em volta de Picos... são cerca de 28 cidades num raio de 60 quilômetros.

Então, Picos é uma região densamente povoada e extremamente carente de recursos humanos qualificados. Já havia um *campus* da Universidade Federal, mas esse *campus*, digamos assim, ficou muito tempo na dele, uns trinta anos. Eu me lembro, quando eu cheguei, em 1979, na Universidade Federal do Piauí, vindo de Brasília, estavam exatamente sendo criados os cursos lá no *campus* de Picos, da Universidade Federal.

E, quando assumi a Reitoria da Uespi, quer dizer, quase 20 anos depois, o *Campus* da UFPI em Picos era algo que se não recuava, tampouco avançava. O número de alunos muito pequeno, bem pequeno. Por outro lado, o *Campus* da Uespi em Picos tinha, me parece, menos de cinquenta alunos. Quando deixei a Uespi, já estava com mais de 2.000 alunos!

A ideia da expansão foi tão forte, que nós tínhamos alunos vindos de cidades do Ceará e cidades do Pernambuco. Foi tão grande o impacto que nós tivemos, nos anos seguintes, que criar Núcleos da Uespi no entorno da macrorregião de Picos. Em Picos, foi *campus* permanente, ainda hoje é. Mas nós criamos também um núcleo em Paulistana, outro em Simões e um outro Núcleo em Fronteiras, tal era a quantidade de gente interessada em busca do saber. Gente que nunca imaginou que fosse ainda um dia estudar. Então, foi um despertar educativo, como nunca talvez tenha havido antes no Piauí.

Pedidos do Curso de Comunicação em Picos

Eu tenho lembrança do pessoal me procurando, pedindo o curso, em Picos, é verdade. Isso acontecia sempre nas minhas idas àquela cidade. Pessoas, até que eu nem conhecia, me procuravam, não sei, se eram estudantes ou não da universidade, já perguntando da viabilidade. “Professor, eu acho que você devia pensar no Curso de Comunicação, Jornalismo. Na região, aqui, não tem”. Porque na Federal nunca teve, não tem, não, nunca foi criado.

Realmente você me lembrou, agora, uma coisa interessante. Inclusive também me fizeram o pedido de verificar a criação do curso também de Medicina, na área de saúde, lá, em Picos. Esse, eu achei que era um pouco cedo pelo seguinte, porque, sendo um curso pesado, pesado, caro, aí achei que devia ser depois. Agora, hoje já tem, parece que já tem Curso de Medicina lá em Picos, na Universidade Federal.

Mas eu me lembro que, algumas vezes, quando eu ia a Picos, recebia esses pedidos de criação do Curso de Jornalismo lá.

Quadro de professores

Não acompanhei a formatação do quadro de professores, sabe por quê? Porque quando criamos o Curso de Jornalismo em Picos, por exemplo, já foi no último ano. Lembro até que essa parte aí, chegaram a me falar essa coisa toda, eu disse: “bom, rapaz, essa parte aí precisa ser criada com cuidado”. Mas é que o processo da minha saída da universidade, da reitoria foi um processo traumático, né.

É o seguinte, o governador foi cassado lá em Brasília, uma coisa violenta. Ele foi cassado como hoje, e um mês depois, o governador que entrou, chamado até de interventor, que

era Hugo Napoleão, mandou solicitar, através de outro Reitor, que eu renunciasse. Respondi para a pessoa que ele mandou: “não, diga a ele que não renuncio, não. Tenho mandato. Ele que me demita”. Aí, pronto. Não pude acompanhar o Curso de Comunicação Social de Picos: os professores foram recrutados já na gestão seguinte, após minha saída.

Um bonde andando

Quando você pensa numa instituição, essa instituição se compara a um bonde andando, então, tudo vai sendo criado, mas nada parado, tudo andando. Essa era a ideia, realmente. Por exemplo, criar um Curso de Comunicação Social... Isso aí, eu verifiquei, inclusive.

Eu me lembro que eu cheguei a chamar algumas pessoas não só de Comunicação Social, mas dos outros cursos. Na área de magistério, não, por ser professor, já sabia como era. Aí, é o seguinte, eu cheguei a conversar com profissionais dessas áreas, desses cursos, e perguntava o seguinte: “no primeiro ano, o que vai precisar de parte experimental? No segundo? No terceiro e no quarto?”. Aí, fiz essa mesma pergunta para outras pessoas para chegar a um denominador comum.

Eu criei os cursos de Licenciatura Plena na Uespi em Física, em Química... Matemática, e Biologia já havia. Pois bem, esses, eu sei o que é que precisa no primeiro ano. Então, a gente criava as condições para adquirir aquele mínimo necessário para o funcionamento do primeiro ano.

Eu me lembro que faziam umas críticas, às vezes até na televisão, e diziam: “o Reitor criou o curso que não tem um laboratório!”. “Rapaz, você está dizendo uma meia verdade. Na verdade, o curso, é o seguinte, olha...”. Aí eu dizia: “olhe, por exemplo, o Curso de Jornalismo, o que é que precisa no primeiro ano? Precisa de um laboratório?”. “Precisa”. “Qual é o laboratório?”. “O laboratório é esse aqui”. Esse a gente lutava, tinha um dinheirinho na conta, a gente dava plenas condições para o funcionamento de cada curso ano após ano de funcionamento.

Por exemplo, eu me lembro que uma das coisas que me pediam: “Professor, precisa ter uma rádio”. Criar um Curso de Jornalismo, hoje, sem ter uma rádio universitária, não pode? Então criamos. É capaz de ir lá, hoje, na Uespi, tem até o local lá, acho que até hoje deve estar funcionando.

Pois bem, lembro que nessa discussão toda, eu notei o seguinte, que uma boa parte desse negócio partia de pessoas que eu conheço lá da Federal. Aí, uma vez, eu disse: “rapaz, oh, você está focalizando um problema interessante. Veja só, quando da criação do Curso de Medicina na Federal do Piauí, em 1971, você sabe que nos primeiros anos, o Curso de Medicina, como é

que era?”. Aí ele disse: “Não”. “Vinhão professores de Minas Gerais dar aula, no Curso de Medicina da Federal. No início, é assim, rapaz”.

Você tem que entrar de cabeça em tudo. Agora, claro, com essa noção de que, o mínimo, você tem que ir provendo, porque senão, você não cria nunca, porque há quem diga que o sujeito para criar não sei o que, aí tem que preparar a estrutura do curso todo?... Não, não é assim, não. É o ideal, né? Mas... Então, essa foi a ideia. E a gente ia montando à medida que o curso ia sendo necessário.

O segredo para alavancar todos esses cursos

E o fato é que, eu lhe digo mesmo, se voltasse atrás, no tempo, acho que faria de novo, exatamente o que foi feito. Exatamente. A criação do Curso de Odontologia em Parnaíba, o Curso de Fisioterapia, enfim... Agora, o que acontece é que foram passos dados, e havia o fator e a preocupação com os recursos materiais, recursos financeiros.

Aí, então, eu disse: “olha, vocês estão certos, quando se preocupam com isso. Realmente, nós não vamos poder pegar, aqui, a Uespi e criar esses custos todos, fazer esse movimento, assim, de “Entradas e Bandeiras” para o interior, sem ter o mínimo de recursos”. O Estado não tinha. Aí, qual foi? Eu disse: “bom, aí, é com a gente”.

Nós criamos uma ideia, que foi amplamente aceita pelas comunidades do interior, que era a parceria administrativo-financeira. Lembro que, aqui, tinha meses, quando a gente ia ver o que as prefeituras repassavam para a Uespi, na época, dava mais de R\$500 mil por mês, como se fosse, hoje, dois, três milhões. Era assim que a gente movimentava a Uespi.

Embora o ensino superior deva ser gratuito, como está na constituição, mas nas disposições transitórias, eu encontrei um artigo lá que dizia que o ensino não era obrigado a ser 100% gratuito. E, aí, nós partimos do princípio de que iria continuar sendo gratuito para aqueles que não tinham a condição de pagar nada.

Então, nós passamos a cobrar a matrícula, no início do ano, de quem podia pagar. Por exemplo, alunos já portadores de curso superior. Eu me lembro que nós estávamos cobrando R\$400 de matrícula. Claro, era uma vez por ano, mas eram R\$400. E, agora, quem não podia, a maioria não podia pagar nada, pagava R\$10.

É aquele velho ditado: “de grão em grão a galinha enche o papo”. Então, a Uespi começa a andar com esses recursos que a gente foi tirando daqui e dali. Outra alternativa: conseguimos, com o Governo do Estado, a realização de tudo que é concurso no Estado tinha que ser através da Uespi. Proteger a Uespi, propiciando-lhe recursos.

E, também, o seguinte, na época, lá, na reunião de Reitores, lá em Santa Catarina, deram a ideia, e aí, fui ver algo necessário para uma instituição universitária: todas as universidades públicas do Brasil devem ter suas fundações de apoio. Então, se a gente precisa de R\$200 rapidamente... “Não, o senhor tem que pedir para o Governo do Estado”. Não, pera aí, assim não dá. Eu consegui, na época, a compreensão do Governo do Estado para que a universidade tivesse suas contas próprias. Então, tudo isso se inseriu num quadro de qualificação de recursos humanos que o Piauí precisava.

Nesse processo de parceria administrativo-financeira com as prefeituras, toda a região de Picos acabou viabilizando também o Curso de Comunicação no interior dessa forma. O município de Picos é um dos municípios que ajudou.

Eu não sei como é que fecha hoje, mas, durante meu tempo de Reitoria e até depois, por algum tempo, todas as cidades do estado do Piauí, umas 60 a 80 cidades do Maranhão, algumas de Pernambuco, e da Bahia também, umas 20 e tantas cidades do oeste baiano formavam parceria com a Uespi... E, diga-se de passagem, escreveram para mim, pedindo que levasse um Núcleo da universidade para lá. Eram Núcleos provisórios, mantidos lá, enquanto houvesse curso sendo oferecido.

Pois bem, esses estados, esses municípios todos onde a Uespi atuava, todos eles participavam financeiramente da manutenção, mas essa ajuda material era vinculada aos cursos de formação de professores. Isso é muito interessante e importante, porque esse dinheiro só poderia ser usado realmente nos cursos de formação de professores.

E isso dava uma certa folga. Algum recurso do Estado, mesmo pequeno que fosse, a gente podia alocar para os cursos, como de Medicina, de Odontologia, de Fisioterapia, de Jornalismo, e assim, vários outros cursos nossos. Então, esse foi o segredo para a gente alavancar esses cursos todos.

Aí, tem mais um segredo nessa história: se não fosse isso a gente não teria conseguido chegar lá. Olhe, eu vou só lhe dar um exemplo. Uma vez, eu estava na Reitoria, aí chegou a prefeita do município de Uruçuí, extremo sul do Estado, a médica, Doutora Espírito Santo. Ela, voz firme, disse para mim: — “Reitor, eu vim aqui lhe falar um assunto”. Eu digo: — “Pode dizer, Espírito Santo”. — “Olhe, eu fui ver a conta da prefeitura e encontrei lá um recurso destinado à Uespi, mas não autorizado por mim. Como é que foi isso?”. Ora, pois, isso é o que se chama, “sinuca de bico”. Sem alterar a voz, eu disse: — “Espírito Santo, isso aí é o seguinte, com certeza, foi uma estratégia que a Uespi adotou, porque como são muitas as cidades, são 224 cidades do estado, além do Maranhão e da Bahia. Então, a Reitoria da Uespi teve reunião com a APPM, nós fizemos um convênio coletivo com a APPM, convênio esse foi assinado por

toda a Diretoria da APPM, e com o respaldo de todas as prefeituras do estado. Todas as prefeituras do estado tiveram direito às chamadas vagas próprias para o vestibular, o atendimento do vestibular voltado, no caso, para o seu município”.

Então, nós abrimos, vamos dizer, 20 vagas para formar professores lá em Uruçuí, e dessas 20 vagas, 10 vagas eram de candidatos que se inscreveram como professores do Quadro do Município de Uruçuí, com vagas direcionadas para eles, vagas específicas. É aquilo que a gente chama, hoje, por exemplo, cotas raciais de vagas, cotas de vagas para portadores de curso médio concluído em escola pública etc. Eu devo ter sido pioneiro no Brasil nesse tipo de coisa. Pois bem, mas o fato é que ela chegou lá e disse: — “Mas, eu não autorizei”. Eu disse: — “olha, naturalmente...”. Aí, você vê como são as coisas, viu. É o seguinte: a APPM e a Reitoria foram ao Banco Brasil, nós inscrevemos o contrato no Banco do Brasil, então, o repasse já era feito automaticamente do Fundeb, do fundo de participação da prefeitura, direto para a conta da Uespi.

Então, onde é que está o segredo? O segredo está aí. Se a gente tivesse ido, na época, fazer esse tipo de negociação com cada prefeitura, não tinha saído nunca! Nunca teria saído! Tinha saído tudo pela metade, tudo! Então, o fato é que ela acabou entendendo essa coisa toda. Disse ela: — “Eu estava querendo entender como era, porque realmente, eu não tinha sido esclarecida nesse ponto...”. Pois, olha, exatamente, o cumprimento de obrigação de todas as prefeituras do estado.

E, realmente, nós conseguimos isso. Dizem até que, quando a gente era Reitor, a Uespi nadava em dinheiro. É verdade! Nós não tínhamos problema financeiro na Uespi, nós não tínhamos! Por quê? A gente não pode imaginar uma universidade como sendo uma espécie de uma boca de lobo aberta à espera do dinheiro do Estado ir caindo todo mês. Não pode ser assim também. A Universidade pode e deve ser fonte de captação de recursos próprios.

Nesse ponto, nos Estados Unidos e na Europa é assim. Eu estive quatro anos na Inglaterra, e, lá, realmente, o sistema é esse. Por exemplo, dizem que as universidades de lá são públicas. De fato. O estado sustenta um monte de coisa, mas o aluno paga em pequena escala, participa do processo de manutenção e custeio da Universidade. Agora, não é muita coisa, não. Chego a dizer que é razoável, pelo menos para os padrões britânicos, sendo que não se via questionamento a respeito. Devo dizer que era assim, quando lá morei por quatro anos; não sei como exatamente está sendo hoje. Então, fixam uma participação modesta para o estudante. O grosso das despesas é da universidade, é o estado que banca.

Bom, então, esse foi o segredo. Se não tivéssemos adotado esse esquema de negociação coletiva, creio que não teríamos chegado a bom termo, não teríamos chegado.

A ideia da inovação

É uma coisa interessante, que eu vou lhe dizer agora – apesar de a ideia ser tão forte que permitiu criar em Teresina e criar no interior, enfim, o Curso de Comunicação Social, de Fisioterapia, de Medicina. Há quem diga, ainda hoje, que se esses cursos não tivessem sido criados, ainda hoje a Universidade não teria. Não teria.

Há muitas coisas na vida que é difícil começar e há muitas coisas que nunca são feitas, porque eles não começam. “Mas, o que é que adianta começar e não funcionar?”. Sim, há esse lado. Mas o curso, quando criado, no caso das universidades, ele adquire força interna própria. Os próprios prefeitos da região, a força política, o alunado, os professores, tudo isso compõe uma espécie de uma panela de pressão que faz com que o curso passe a funcionar.

Claro que os cursos, às vezes, em determinada época, passam por problemas que na verdade são mais de gestão. A Uespi, por exemplo, eu soube que passa por problemas de natureza financeira atualmente. Eu acredito que esses problemas vão ser solucionados, mas, é preciso que haja uma ideia, que, no meu entender, é subjacente a todo projeto. Se não houver essa ideia é difícil um projeto ir para frente. Qual é a ideia? É inovação. Se você não inova, se você cria uma coisa por criar...

Quando foi criado, por exemplo, o curso, de Medicina, na Uespi, no projeto havia uma ideia que era pioneira no mundo. Agora, isso devido a uma particularidade muito grande, que esse professor, que nós localizamos no Paraná, ele fazia parte de um grupo de trabalho, criado nos anos noventa, destinado a pesquisar como é que seriam os cursos de Medicina no século XXI, entendeu? Esse grupo foi criado a nível de mundo.

Eles estiveram aí visitando Canadá, Europa, tudo, dezenas de países. Então, essas ideias todas foram incorporadas no Curso de Medicina da Uespi. E isso foi uma coisa realmente muito boa, porque mostrou que a gente não estava criando por criar, ou criar apenas um curso a mais.

Agora, essa ideia de inovação, infelizmente, nem todo mundo, às vezes, passa de uma gestão para outra, aí, morre um pouco, depois, reaviva.

Candidato ao governo, não que eu quisesse

Eu acabei saindo candidato ao governo, em 2002; mas, saí por uma circunstância, quase que obrigado. Ainda assim fiquei em terceiro lugar na votação. O primeiro lugar foi o Wellington; o segundo foi o então governador e ex-governador Hugo Napoleão; na votação fiquei em terceiro lugar.

Mas, a expansão da Uespi, ela começou em 1995, eu nem imaginava... De 1995 para 2002 é tão longe, muitos entendiam e viam a expansão da Uespi sendo feita por motivação meramente política... não sabia das tensões pela frente. Porque o Piauí sempre, como em tudo que é lugar, sempre tem o lado político, aquela coisa toda. Mas a expansão da Uespi para o Maranhão, por exemplo, tinha motivações políticas? Eu não sei, porque, ah, o eleitor no Maranhão vota é no Maranhão mesmo, o da Bahia vota na Bahia, Pernambuco vota em Pernambuco, e então...?

Agora, eu tenho algo que me traz, desde o tempo de Exército. Eu fui militar, mas eu só servi no Exército até capitão. Na época da ditadura militar, houve um problema comigo, eu digo: “não...”. Aí, saí. Eu divergi. Se voltasse atrás, voltaria do mesmo jeito, mas é aquela história, ao longo da minha vida, eu criei um negócio em torno da minha pessoa: o seguinte, as pessoas que estão em volta de mim, acabam notando e espalhando o seguinte: “Rapaz, eu conheci o Jônathas, onde ele está alguma coisa acontece”.

Para você ter uma ideia, quando eu era tenente, ainda em 1960, novo, 25 anos, e eu estava no Rio de Janeiro, fui chamado e escolhido para ir por terra, no comando de uma tropa para a segurança e iluminação da Praça dos Três Poderes, em Brasília, na noite de 21 de abril, na inauguração de Brasília pelo Presidente Juscelino Kubitschek, e foi uma coisa tão desafiadora para mim, que, no retorno fui elogiado em Boletim do exército. Era um simples tenente.

Pois bem. Bom, mas daí para cá, por onde tenho passado, as coisas de uma forma ou de outra acontecem. Para você ter uma ideia, agora, recentemente, quando assumi a Academia de Ciências, esta não tinha um estatuto, não tinha registro, CNPJ, não tinha uma lei, não tinha um prédio, não tinha uma sede própria. Hoje a Academia de Ciências tem tudo isso, uma sede própria, está institucionalizada, e funciona ali onde era o auditório Herbert Parentes.

Então, eu sou assim, sempre procuro ver as coisas sob o prisma da inovação. Para mim, é isso, inovação é o seguinte: “você é um gestor? opa, tudo bem”. Chegou em dezembro, ele deve fazer uma análise, “se você não fez nada, rapaz, dê o lugar para outro”. Quem sabe... quem sabe se o outro não vai fazer alguma coisa melhor, entendeu?

Então, esse negócio que eu fiz na Uespi, foi exatamente procurar sempre fazer o melhor, e deixando a ideia forte de que por ali passou um Barros Nunes. Não com a ideia de ser candidato a governador.

O governador, que foi senador, Mão Santa, ele me chamou na semana da Convenção, e disse: “Jônathas, eu preciso que você saia candidato a governador”. Eu me lembro que eu até respondi pra ele: “mas, Governador, ... o senhor... o senhor já disse publicamente que se não

for o Firmino, o candidato ia ser o Marcelo Castro?”. Diz então Mão Santa: “Ah, esse sumiu, ninguém acha ele mais não”. Insisto: “O senhor não disse que se não for o Marcelo Castro, o candidato será Kleber Eulálio?”. “Esse é...”, disse até uma palavra, que eu não vou repetir aqui. Eu disse: “governador, então, eu agradeço aí ter sido chamado para ser Reitor da Uespi”. E foi assim que eu fui, não que eu quisesse, eu não estava querendo, não. Deixei uma eleição considerada certa de Deputado Federal para atender a um apelo do governador.

O poder da comunicação hoje

Agora, eu me lembrei, por exemplo, a comunicação, o comunicador, o profissional, na verdade, o que é que ele faz? Ele pega uma coisa que acontece aqui e espalha para 200 pessoas que nada sabem. Então, o poder da comunicação, hoje, é uma coisa assim, que vem de longe, mas, deve nascer de uma coisa básica, que é a informação.

Eu me lembro que, de 1964 para 1965, quando foi instalado o regime militar no País, dizia-se, naquela época, que a informação passou a ser uma mercadoria mais importante do que ouro, porque a informação é que vai permitir e presidir a natureza dos processos decisórios.

Depois, se descobriu aquele velho ditado, que já vinha dos avós da gente, que dizia assim, “o homem bem informado vale por dois, o homem mal informado erra por dez”. Então, se trata hoje de uma categoria profissional que se tornou tão importante ao longo do tempo, o comunicador social. Qual é a empresa, hoje, que se preza, e que não tem sua assessoria de comunicação?

E, mais. As guerras, hoje, guerras políticas, até as guerras entre as indústrias, o espírito de competição, é tudo atrás da informação e, às vezes, o jornalista é aquela pessoa que sabe que não é só pegar a informação aqui e botar ali, é ver como vai ser feito a forma, a hora, o porquê e para quem.

É fácil se constatar o peso que têm hoje as Assessorias de Comunicação junto a Órgãos de Governo, empresas públicas e privadas. Olha, isso aí, hoje, com o auge do desenvolvimento da indústria de tecnologia da informação e da comunicação, mundo virtual, o jornalista que não estiver bem empenhado nisso, ele fica para trás, não tenha dúvida, fica para trás.

Aí, você vê, por exemplo, aquele aglomerado de cidades que ficam na região de Picos. Rapaz, cada prefeitura daquela tem que ter um grupo de profissionais encarregados de burilar, organizar os processos de transmissão da informação, não só para os próprios munícipes, mas para fora também.

Você vê, hoje, as coisas mudam num tempo muito rápido. Eu não sei como é que os cursos de Jornalismo, hoje, como é que eles estão funcionando. Por exemplo, você vê a Rede

Globo, que atinge milhões de pessoas e são órgãos vitais da convivência em sociedade. Mas o mundo virtual permitiu você fazer a mesma coisa sem precisar da televisão. Você pega, por exemplo, uma mensagem bem-feita, que mexe com a cabeça das pessoas, você tem como hoje, em meia hora, em uma hora, você colocar essa mensagem ao alcance de vinte milhões de pessoas. As redes de WhatsApp manipuladas.

Eu conheço uma pessoa, em Teresina, pessoa humilde, de pouquíssimo estudo, trabalhou comigo. Eu notei, sabe o quê? Eu notei o seguinte, raramente, eu entro em contato, assim, com ele, mas, eu notei que a página dele, no *Facebook*, apesar de ser quase semianalfabeto, a página dele tem coisas fortes, bem-feitas e fortemente direcionadas. Não precisa ser inteligente para olhar aquilo e eu, como conheço, “isso não é dele, não...”. Ele hospeda, ele ganha um dinheirinho todo mês em hospedagem... as *fake News*. Podia até não ser *fake news*, podia até ser uma coisa boa para a sociedade, para aprimorar a educação, mas não. No caso dele, é tudo tela dirigida, agora, é bem-feito! Justiça seja feita, é criminoso, é, mas bem-feito, bem-feito! E ele ganha um dinheirinho por mês, coitado, e ainda fica na maior alegria do mundo, na maior alegria.

São milhões hoje. Aonde vai isso? Não sei, não tenho a menor ideia. Eu não sei onde vai parar. Essa confusão já está batendo na soleira do Supremo Tribunal. Tudo isso para mostrar, Mayara, que os cursos de Comunicação Social, eles estão, hoje, eu imagino, eu estou por fora, mas eu imagino que eles estão hoje na ordem do dia, por quê?

Eu já vi outro dia um tempo desse falando que o curso de tecnologia. Estão criando, eu não sei como é, os cursos de tecnologia da informação. Aí, já mistura com o Curso de Comunicação Social, vai ver o que é de um e o que é do outro. Mas, eu soube que estão querendo criar nessa área tecnológica, de Ciência da Computação, por exemplo, esse curso. Mas uma coisa é certa, é a ideia da inovação.

Eu, por exemplo lhe digo, ao imaginar e aprovar, na época, a extensão desses cursos para o interior, no caso de Picos, eu tinha a ideia exatamente, aquelas comunidades do interior, as prefeituras pudessem ter jornalista, rapaz. O cara, para sair daqui para ir para aqueles fins de mundo, o cara nem quer ir. Essa é a ideia.

A comunicação no Piauí

Olha, eu acho o seguinte, eu tenho notado o mundo da comunicação, no Piauí, se desenvolveu muito, porque, quando esses cursos foram criados na Uespi, é claro que eu senti que ia haver uma competição, mas uma competição salutar, porque, quando você tem dois médicos numa cidade, é claro que esses dois médicos tentam fazer o melhor, sem ideia de

peleja, sem ideia de desavença, nem nada, mas é claro que cada um tenta fazer o melhor, senão a população... “ah, eu preferia aquele médico...”.

Então, o que eu noto é o seguinte, hoje, aqui, ali, eu chego em lugares, e aí... Um tempo desse eu estava na reunião lá, na Academia de Ciências, eu era o presidente da Academia de Ciências até agora, mês de março, eu fui presidente lá também durante seis anos, e tinha lá um jornalista, e ele disse: “Professor, eu me formei na Uespi, uma oportunidade que eu tive”. Então, eu vejo como um avanço.

Nos últimos seis anos, eu tenho andado muito pouco pelo interior, mas a imagem que eu tenho, hoje, da sociedade, da comunicação no Piauí, hoje, seja nos jornais, nas rádios, melhorou muito até a linguagem, a transmissão do conhecimento, as manifestações, isso melhorou muito, muito, porque, eu conheço jornalistas que não tinham formação em nada. Lembro que, há vinte anos, a maioria dos jornalistas de Teresina tinha registro, mas nenhuma formação acadêmica.

Então, eu posso lhe dizer que me sinto recompensado por ver hoje o crescimento da comunicação social, aqui no Piauí, e não é só aqui não, aqui em Teresina, é em Picos, em Floriano e em todo esse interior piauiense. Rapaz, hoje, você liga para qualquer cidade interiorana, encontra jornalistas, e, inclusive, eles se comunicam, entram em contato com a gente. Acho que a sociedade nesse aspecto aí está bem favorecida. É o que eu acho.

Olha, eu queria agradecer a você a oportunidade de ter permitido manifestar meu pensamento sobre esses assuntos, manifestar a minha crença de que eu vejo a comunicação social no Piauí avançando, é visível a melhora, quando você compara como é hoje e como era há dez anos, é visível. Eu me comunico, mesmo sem sair daqui, desse escritório, me comunico com Corrente, com Bom Jesus, com Alvorada, a região de Picos, região Norte do estado...

Inclusive, eu fui deputado federal, eu fui secretário de Educação do Estado, fui secretário de Ciência e Tecnologia também do Estado, fui Presidente, como disse há pouco, da Academia de Ciências do Piauí, sou membro integrante vitalício da Academia de Piauiense de Letras. Então, eu tenho uma vivência muito grande no interior do Piauí, na capital, de todos esses ambientes.

E o que eu digo é o seguinte: é que a Uespi está de parabéns, e a sociedade piauiense, com o desenvolvimento desses cursos. O benefício que o Piauí conseguiu com a vinda, com a chegada desses cursos. E acho até que dentro de mais algum tempo deve haver uma nova expansão desses cursos, as novas áreas de conhecimento.

Ah, eu não sei como é que está hoje, a área de tecnologia da informação, a área de comunicação, a área de informática, de ciências da computação, a área de meteorologia... Então,

esses cursos todos, hoje, devem, naturalmente, nos próximos anos, ser objeto da segunda marcha, de um segundo movimento de “entradas de bandeiras” na vastidão desse Piauí interiorano.

**NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE JOSÉ PEREIRA DE SOUSA FILHO –
“JOTA PEREIRA”**

Relação com o Curso de Jornalismo da Uespi/CPBA	Estudante
Período	2002-2005
Data da entrevista	15 de outubro de 2019
Local	Universidade Estadual do Piauí
Formato	Audiovisual
Duração	34:19
<u>Acesse a entrevista neste link.</u>	

Mobilização em prol da instalação do primeiro Curso de Comunicação Social

Olha, inicialmente, eu gostaria de dizer que essa iniciativa, ela contribuiu de forma significativa para a existência do Curso de Comunicação Social no município de Picos. Eu lembro de uma pergunta que fiz ao jornalista Eduardo Faustino, por ocasião do primeiro seminário de jornalismo investigativo que participei, juntamente com uma outra colega, a Deyse Fernanda, egressa também da primeira turma de Comunicação Social da Uespi.

Nós participávamos desse seminário e o Eduardo era um dos conferencistas. E naquele intervalo, entre uma palestra e outra, eu perguntei para ele: Eduardo, o que te levou a fazer opção pelo Curso de Jornalismo? E aí, ele perguntou: “Qual o seu nome?”. “Meu nome é José, mas, sou conhecido como Jota Pereira”. Ele disse: “Então, Jota Pereira, deixa eu te falar uma coisa, nós não sabemos o que nos faz ter um grande amor na vida, nós não sabemos o que nos faz encontrar uma grande amizade, nem um grande trabalho. Algumas pessoas dizem que isso é obra do acaso, mas eu, particularmente, acredito que tudo isso é fruto da nossa atitude ou de algumas das nossas atitudes”. Eu nunca esqueci disso.

E então, eu digo para você assim, que essa mobilização em prol da instalação do primeiro Curso de Comunicação Social na Uespi foi fruto da atitude de pessoas vocacionadas, de aspirantes ao Curso de Jornalismo. Essas pessoas, algumas delas se projetaram de forma relevante no mercado de trabalho – Fábio Gonçalves, Evandro Alberto, Deyse Fernanda... – puderam dar uma contribuição significativa ao mercado.

Então, esse processo de mobilização, ele começou da seguinte forma: nós nos reuníamos, não só nas nossas residências, mas também em locais públicos, na própria universidade, discutindo estratégias de sensibilizar o reitor da Universidade Estadual do Piauí, na época Jônathas Nunes, isso em maio de 2002, no sentido de sensibilizá-lo a implantar ou autorizar a instalação do Curso de Comunicação Social.

E aí, o que era que a gente fazia? Nós agíamos em duas frentes. Nós saíamos para o aeroporto de Picos, o aeroporto municipal, e já sabíamos as agendas que o Jônathas, quando se deslocava de Teresina, vinha a Picos, e aí, nós chegávamos no aeroporto já munidos de faixas, de cartazes... Algumas delas, eu lembro que dizia assim: “Queremos o Curso de Comunicação Social”; “Jornalismo já!”; “Senhor, reitor, por que o senhor não implanta o Curso de Comunicação Social?”.

E nós ficávamos com aqueles cartazes direcionados ao Jônathas, de longe, e ele percebia isso, concedendo entrevista para os demais colegas, mas ele sempre visualizando e perguntando o que estava acontecendo, quem eram aquelas pessoas, o porquê da iniciativa. Essa era uma das estratégias, e não foi só uma vez, isso se repetiu por duas, três ou quatro vezes.

A outra frente era nós produzirmos pautas nos veículos com os quais trabalhávamos, isso de forma bem articulada, não só por mim, mas por Fábio Gonçalves, por Evandro Alberto, com o auxílio já, também, de Orlando Berti. Produzíamos pautas direcionadas à Uespi. E durante a produção desse material jornalístico, a gente reservava um espaço para uma entrevista com o reitor. Então, no momento da entrevista, nós perguntávamos para ele: “Quando é que o senhor vai implantar o Curso de Comunicação Social? Nós queremos o Curso de Comunicação”.

O fato é que, em determinado momento, ele se sensibilizou e nos convidou para uma reunião aqui em Picos, prometendo autorizar a instalação do Curso de Comunicação Social. E, naquele momento, foi uma alegria tremenda para todos os 40 profissionais que, direta ou indiretamente, estavam ligados e contribuindo para a instalação do curso. Uma reivindicação de mais de 20 anos, porque essa também havia sido solicitada a outros reitores, mas sem nenhum sucesso.

Toda essa movimentação foi praticamente um ano e envolvia não apenas os profissionais diretamente ligados à comunicação, porque nós não éramos qualificados, graduados, nós não tínhamos nível de graduação. Alguns colegas que participavam, eles tinham graduação, mas em outras áreas – Direito, Letras, Pedagogia – e, também, queriam fazer Comunicação. Então, foi uma iniciativa conjunta, que foi ganhando corpo com o apoio, inclusive, de alguns professores da época.

Alguns deles tinham formação. José Maria, por exemplo, é formado em Letras, mas ele atuava e continua atuando na área de comunicação. Professor João Bosco, que hoje não está no município de Picos, mora em outro estado, era filósofo, mas escrevia para jornais impressos; o professor Francisco Ferreira, que é facilitador do Sebrae; além do professor Francisco Ferreira, o João Benvindo, que hoje é doutor da Universidade Federal, mas na época também escrevia

artigos para jornais, todos eles tinham uma simpatia pela comunicação. E tantos outros que nesse momento, eu não me recordo, mas todos eles diretamente envolvidos.

Nem todos, infelizmente, nem todos tiveram essa oportunidade de prestar vestibular e fazer o curso, porque alguns tomaram outro rumo, foram residir em outros estados, foram fazer outros cursos, fizeram opção pelos cursos que estavam atuando naquele momento. Mas deixaram um legado para todos nós, e nós agradecemos.

Frente a outras iniciativas

Antes desse processo de mobilização junto à Universidade Estadual do Piauí, nós fizemos frente também a outras iniciativas junto à Universidade Federal e à Federação Nacional dos Jornalistas. A tentativa da Universidade Federal foi em 1998, salvo engano. E antes da universidade federal, a outra, foi praticamente seis meses antes, eu não me recordo, nesse momento, a data, mas, aproximadamente seis meses antes.

Junto à Universidade Federal, nós chegamos a nos reunir e preparamos uma proposta, solicitando do reitor Pedro Leopoldino que instalasse, no município de Picos, um curso, através de módulos, para que a gente pudesse ter uma graduação. Além do corpo a corpo, nós também enviamos um documento proposta, que vou te repassar, esse documento é assinado por alguns dos profissionais que fizeram parte da reunião, e foi encaminhado ao reitor. Só que infelizmente a proposta não avançou, não foi vista de forma efetiva pela Universidade Federal, e aí, nós terminamos desistindo dessa iniciativa.

Uma outra tentativa que aconteceu, essa já capitaneada pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas do Piauí da época, e escritor, Kenard Kruel. Então, nós entramos em contato com ele, pedindo que ele pudesse adotar uma iniciativa que viabilizasse a instalação do curso em Picos. E ele falou para a gente, nos prometeu, naquele momento, que seria possível essa iniciativa através da Fenaj, a Fenaj poderia facilitar isso, ou seja, a criação de um curso em módulos.

Só que nós preparamos esse documento, e, infelizmente, também essa proposta não prosperou. Depois, o Kernard chegou a ir, inclusive, à Fenaj, mas não foi aprovada, e nós ficamos aí, indignados em um determinado momento, mas, compreendemos a boa iniciativa do então presidente em ter, pelo menos, tentado, né? Só conseguimos efetivar mesmo junto à Universidade Estadual do Piauí, com o reitor Jônathas.

A ideia seria que nós pudéssemos fazer um curso em módulos. Nós não queríamos que o curso viesse de forma integral, digamos assim. A nossa sugestão era que ele pudesse chegar através de cadeiras. Por exemplo: em um determinado mês, nós pagaríamos fotojornalismo, em

outro mês, pagaríamos telejornalismo, no mês seguinte pagaríamos uma outra disciplina, e assim sucessivamente, em módulos, para aliviar a sobrecarga, e até mesmo desonerar algumas despesas que eventualmente tivesse junto à Universidade Federal. Mas essa proposta não vingou. Infelizmente.

Discussões muito calorosas

Olha, foi um momento de expectativa, porque, para quem era do batente e tinha uma noção grotesca da produção jornalística, era uma grande novidade. Nós nos apresentávamos, às vezes, nos distritos com a carteira de radialista, mas nós não dizíamos que éramos radialistas. O nosso grande prazer naquele momento era chegar e dizer: “eu sou jornalista”, mas, de fato, não éramos jornalistas. Era a vontade de obter a graduação em Jornalismo. Então, foi um momento significativo.

Na época, eu acho que não existia obrigatoriedade do diploma, o que existia era uma discriminação em relação a gente. Porque eles nos viam como radialistas, e nós éramos radialistas. Mas o que a gente queria mesmo era provar que nós éramos competentes e poderíamos ter uma graduação, naquele momento. Só que a gente já fazia um trabalho há muito tempo, há dez anos, outros há cinco anos... Esse, grosso modo, era esse o contato que nós tínhamos com as fontes.

Agora, o nosso desejo maior era entregar ao mercado de trabalho, porque já estava crescendo, profissionais qualificados, que soubessem realmente, com segurança, produzir um material jornalístico de qualidade. Então, esse era nosso desejo, isso era consenso entre todos que participavam dessa mobilização. Essas outras “coisitas” ficavam em plano secundário, a gente relevava e seguia em diante.

Fizemos as inscrições quando elas foram anunciadas, e alguns tiveram êxito; outros não tiveram êxito, mas de uma certa forma, nós conseguimos formar uma turma bem coesa, de pessoas abnegadas, determinadas, interessadas. Tivemos a oportunidade, naquele momento, de poder fazer um estágio, já lá no final do curso na primeira emissora de televisão, que é um projeto nosso, projeto meu, de Odorico e de Erivan.

E coincidentemente, naquela época, a TV Picos já estava sendo implantada e alguns egressos do curso, automaticamente, já começavam a fazer estágio lá, entre eles: eu, Valtânia, Gilciene... e outras pessoas que eu não me recordo no momento. E mulheres ocupando funções que, até então, eram ocupadas por homens, mulheres cinegrafistas. A Gilciene e a Valtânia, por exemplo, chegavam a coletar imagens, atuaram na condição de cinegrafistas. Então, foi um

momento importante. Quem decidiu fazer rádio, fazia o estágio na rádio Junco FM. Abriu-se o espaço para que essas pessoas pudessem estagiar na Junco FM.

Foi bem interessante, porque já que a gente trazia uma experiência de batente. Nós não tínhamos noção de técnica, nós não tínhamos muita noção da ética jornalística, nós tínhamos pouquíssimas noções da contextualização, interpretação, e tínhamos uma vaga noção também da criticidade jornalística diante do fato.

Então, até que a gente absorvesse isso, foram discussões muito acaloradas dentro do próprio curso, porque alguns dos colegas não compreendiam e a gente entrava em conflito, no bom conflito. E, de uma certa forma, isso contribuiu para o nosso amadurecimento. Foram debates, assim, bem calorosos!

Eu lembro, em um determinado dia, que um professor que iniciou com a gente as primeiras noções de telejornalismo, ele queria produzir material, um vídeo para exemplificar uma pequena noção de como produzir um material na área de tele, e a revolta da turma foi grande, porque ninguém queria participar, não era o momento, o momento não era aquele, nós só podíamos ver aquela disciplina na última cadeira, e foi uma confusão, quiseram tirar o professor, e foram até o coordenador, pediram a cabeça do professor, e foi uma confusão, um aquietar para lá, aquietar para cá, até que as coisas ficaram em consenso e foi bastante importante, foi interessante isso. Eu lembro com alegria dessas vivências.

Professores memoráveis

Nós tivemos professores muito importantes, realmente comprometidos com o dia a dia da universidade, com a grade de programação, com a grade que foi estabelecida do curso. Evandro Alberto, coordenador. Um coordenador determinado, preparado, altamente preocupado com a turma, mas, ao mesmo tempo, disciplinado.

Tudo o que nós precisávamos, se para a produção de um determinado material em uma disciplina, se não existia esse material, o Evandro dava um jeito de conseguir emprestado, conseguia uma câmera, conseguia uma máquina fotográfica. Nos mobilizamos lá, inclusive, para conseguir junto à universidade a instalação do primeiro laboratório experimental na área de fotojornalismo e, também, de práticas jornalísticas, produção de texto, na própria Universidade Estadual. Era um laboratório multimeios, não necessariamente só de TV, porque não tinha como você fazer opção, naquele momento, só por um material exclusivamente para TV ou para fotojornalismo. Então, mesclávamos muita coisa.

Tivemos o Orlando Berti, que foi uma grande novidade. Orlando, um professor altamente competente, que repassou ensinamentos que jamais nós vamos esquecer, na área dele

de fotojornalismo, e teve uma contribuição muito grande. Sônia Maria... Sonia Maria, sem comentários! Foi importantíssima nesse repasse de informações a respeito da ética jornalística... ah... de ouvir sempre todos os lados envolvidos numa questão. Então, nós tivemos professores memoráveis. Esses foram alguns dos que vêm à memória nesse momento.

Ao mesmo tempo, a principal crise que nós tivemos, e de fato ela existe até hoje, foi em relação à falta de professores para cumprir determinadas disciplinas. Porque alguns dos nossos professores vinham de Teresina e tinham uma certa dificuldade com hospedagem, essa coisa toda. Então, nós tivemos, naquele primeiro momento, essa dificuldade para preencher a grade. Mas as coisas foram se ajustando de uma certa forma que, depois, se normalizou.

Primeiro Seminário de Jornalismo de Picos

Aconteceu um momento que, para mim, foi inesquecível. Evandro Alberto pediu uma ideia que pudesse marcar o final do curso, qual evento nós poderíamos anunciar para projetar o Curso de Comunicação, já que era primeira turma e essa turma deixaria um legado para turmas posteriores, um incentivo aos demais aspirantes na área de jornalismo. E então, falei para ele: “vamos fazer um seminário?”. Ele falou: “Sim! Vamos fazer um seminário, claro! Mas, quem a gente pode trazer?”. E aí, eu falei para ele: “olha, eu posso entrar em contato com algumas pessoas, vou tentar, não sei se consigo”.

E aí, fui para casa, entrei na *internet*, consegui o contato com Roberto Cabrini e liguei para ele. Para minha surpresa, ele atendeu a ligação. E aí, eu me identifiquei: “olha, meu nome é José, eu sou estudante de Comunicação Social, da Universidade Estadual do Piauí, e nós vamos promover, aqui, um seminário, o Primeiro Seminário de Jornalismo, e gostaríamos de saber se o senhor poderia nos dar a honra da sua presença em uma palestra”. Ele falou: “Com todo prazer! Com todo prazer!”.

Olha, eu fiquei superfeliz! Quando falei para o Evandro, ele não acreditou. Eu disse: “é verdade! Ele vem!”. E aí, depois, Evandro ligou para ele e ele disse: “Olha, eu só preciso que vocês vejam a questão das passagens, porque é distante”. E nós já fizemos aí uma mobilização, conseguindo uma cota, para as passagens. E ele disse: “O veículo não precisa, deixa um veículo lá que eu mesmo venho dirigindo, adoro... adoro dirigir”. Queria vir de Teresina dirigindo. “Não, tudo bem, então, vai ter um veículo lá e aí, o senhor já automaticamente pode vir nesse veículo”.

Mas o Arimatéia Azevedo, que também tinha interesse que ele fosse para Teresina, já conseguiu lá um outro transporte e veio com ele de Teresina para cá, para o Primeiro Seminário

de Jornalismo. Então, esse momento, para mim, foi marcante, e abriu espaço, inclusive, para que, posteriormente, outros eventos acontecessem.

Nós deixamos um legado

Eu gostaria de dizer assim, que esse é um momento único. Certamente, nós deixamos um legado para essas novas gerações, um incentivo às pessoas que desejam e que aspiram fazer jornalismo. Nós vivemos em uma sociedade, onde nós temos uma multiplicidade de informações, não só de informações, mas de veículos de comunicação, e aí, incluindo as mídias sociais.

Então, a comunicação é vista hoje de forma bastante estratificada e o único profissional que consegue se sobressair no mercado, na minha opinião, o profissional competente, aquele profissional que absorveu os verdadeiros ensinamentos da academia. Então, para esse profissional, não existe variedade no mercado comunicacional, não existe multiplicidade, o que existe é a competência, se ele é competente, ele vai se inserir facilmente e conseguir levar sua mensagem dentro do mercado de trabalho.

Então, eu vejo dessa forma, porque, se nós analisarmos, hoje, o celular, por exemplo, ele é uma emissora de televisão na sua mão, é uma editoria de jornal. Mas o que é que ocorre? Nem todas as pessoas que têm um celular, elas têm a noção da técnica e do conteúdo jornalístico, do saber jornalístico, então, não adianta ter só um celular e fazer uma imagem, é preciso produzir um trabalho com competência. E só consegue produzir esse trabalho quem passa realmente pela universidade.

É por isso que eu defendo, eu sou a favor do diploma. Era um profissional do batente e procurei, de certa forma, me esforçar para chegar até a academia, porque eu acredito que a academia, ela te coloca em outro patamar, um patamar de ética, de respeito, de estudo... Algumas pessoas, inclusive, enveredando pela academia, com outros cursos, graduação, doutorado e assim por diante.

Além da contribuição que a comunicação, hoje, ela disponibiliza à sociedade. O objetivo é apresentar ao mercado de trabalho profissionais competentes, apresentar à sociedade um material altamente qualificado. Então, não existe governo, não existe monopólio que possa derrotar ou destruir a capacidade e a inteligência da comunicação e do jornalismo. Isso é ilusão, ninguém vai conseguir destruir isso.

Então, o que as pessoas, às vezes, precisam compreender é que a imprensa, ela presta um serviço à sociedade. E, aqui, o que eu estou falando não é da imprensa ideológica, que nós

sabemos que existe. Então, essa imprensa ideológica ela já ficou em um plano secundário, ela não existe diante dos profissionais competentes, ela sempre ficará em um plano muito inferior.

De uma certa forma, a implantação do curso fez a diferença nas práticas e no mercado local. De uma certa forma, não, fez muita diferença! Fez total diferença! Porque, naquela época, só para você ter uma ideia, nós tínhamos quatro emissoras de rádio – duas FMs, duas AMs e uma emissora comunitária...

Então, hoje, além das mídias sociais, nós temos aí uma TV, temos a perspectiva da chegada de uma outra TV local, temos aí os jornais impressos. Alguns comentaram que os jornais iriam passar por um retrocesso, iam morrer, mas ainda existem, sobrevivem; e temos aí o advento dos portais, muitos portais que revolucionaram, de uma certa forma, a comunicação.

Tive contato com alguns dos colegas também egressos do Curso de Comunicação, mas que já não moram mais com a gente. A Deyse Fernanda, que era da nossa turma e que nós tínhamos um contato mais direto, uma empatia maior, ela hoje mora em São Paulo, é doutora em Comunicação Social pela USP. Kelyane também conseguiu essa formação, essa graduação.

E outros continuam atuando, no caso do professor Evandro Alberto, que hoje se tornou reitor da Universidade Estadual! Ou seja, começou o movimento pela instalação do Curso de Comunicação, e hoje é o nosso reitor, é o reitor da Universidade Estadual. Isso é muito interessante e nos deixa felizes por vários motivos, pela competência e pela determinação que ele teve em conseguir se projetar dessa forma significativa.

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE MARIA EDILENE RAMOS DA LUZ

Relação com o Curso de Jornalismo da Uespi/CPBA	Professora substituta
Período	2003-2005
Data da entrevista	10 de agosto de 2020
Local	On-line
Formato	Audiovisual
Duração	28:58
Acesse a entrevista neste link.	

Jornalismo numa cidade do interior

Quando eu me formei em Jornalismo, eu não imaginava que eu pudesse fazer jornalismo numa cidade do interior. Nós não tínhamos acesso à *internet* como nós temos hoje, nós não tínhamos as facilidades que nós temos hoje. Então, eu terminei meu curso em 1991, em Recife, e comecei a trabalhar lá. Eu já fazia estágio, fiz alguns estágios em rádios e TVs, e continuei trabalhando lá.

Na época, tínhamos aquela construção familiar bem patriarcal, e meu pai era um pai superprotetor. Ele se preocupava, ele não queria que eu ficasse morando só em Recife. Recife, naquela época, já era uma cidade meio violenta, então, ele ficava inquieto com essa história de eu ficar morando só em Recife.

Minha irmã, que morava em Brasília, então, me convidou para morar com ela lá. E aí, eu mudei para Brasília, ainda no final de 1991, comecinho de 1992. E foi uma experiência maravilhosa, porque, na primeira semana que eu cheguei, eu já consegui começar a trabalhar, eu já fui trabalhar na Rádio Nacional e no Jornal de Brasília. E era muito bom assim...

E aí, depois dessa experiência, fui para o Rio de Janeiro. Tive a oportunidade de trabalhar com Alice Maria, que, na época, tinha acabado de sair da Globo, ela, por muitos anos, tinha sido editora-chefe da Globo, e tinha saído e tinha montado uma agência de publicidade. Então, eu comecei a fazer uma pós-graduação na Estácio de Sá e trabalhar com ela.

E, nesse período, também casei... E aí acabei voltando para Picos. Aí, quando cheguei em Picos, eu disse: “bom, já que a vida me trouxe para cá, eu dei tantas voltas para voltar para o meu torrão natal, eu vou, sim, fazer jornalismo, aqui, em Picos”. E aí, a rádio que eu tinha como referência na minha memória era o que? A Rádio Difusora. A Rádio Difusora, por muitos anos e até hoje, é escola. E aí, fui até a Rádio Difusora.

Quando chego lá, encontrei Carlos Luís, que estava assumindo a rádio, que, na época, era dirigida por doutor Zé Nunes, tio dele, e tinha passado a direção para ele. E Carlos Luís

superperdido... Então, eu cheguei lá e ele disse: “Meu Deus, uma jornalista aqui. Foi Deus que mandou”. E logo me entregou a direção de jornalismo das três emissoras: Difusora, Grande Picos FM e Grande Picos AM.

E eu fiquei responsável pelo jornalismo, para montar equipes, para organizar os jornais das três emissoras. E aí, nesse período que fui para o batente, eu me angustiava um pouco, porque todo mundo ali, trabalhando, mas... assim, claro que eu não ia chegar com estrelismo com ninguém, jamais! Claro que eu chamava todo mundo de colega, porque estava todo mundo ali no batente, no mesmo barco... Mas, eu pensei: “por que não um Curso de Jornalismo, se tem tanta gente aqui que gosta da área, que trabalha na área? Por que não um Curso de Jornalismo para a gente chamar os colegas de colegas, de fato e de direito?”

E, na época, tinha uma turma jovem, como Jota Pereira, por sinal muito bom, sempre foi um grande profissional; o Fábio Gonçalves, que hoje mora no Pará, um grande profissional também... E os meninos jovens, que tinham vontade de fazer o curso, não tinham oportunidade até então. Nós juntamos uma turma na época. Eu me lembro bem deles dois, mas tinha mais gente... Chaguinha, Toni Borges também ingressaram nesse projeto.

E nós conversamos com, na época, acho que era Zacarias, o diretor do Sebrae, que nos cedeu o auditório para que a gente fizesse as nossas reuniões lá, e montasse esse projeto. E, no fim, os outros que já estavam com a vida ganha foram saindo e nós ficamos para montar esse projeto. Montamos esse projeto.

Projeto montado, os meninos se encarregaram de trazer para Teresina para apresentar, na época, ao Pedro Leopoldino, que era o reitor da Universidade Federal. Porque, a gente nem pensou, a princípio, na Uespi, a gente pensava no *campus* da Federal. Só que os meninos vieram e, realmente, eles não tiveram muito boa aceitação com relação à implantação. Voltaram com o projeto, tristes.

“Edilene, tal...”. Aí, eu me lembrei: “mas tem a Uespi. Por que que a gente não leva, então, para o Jônathas?”. Porque, aí, já trabalhando na rádio, eu tinha um bom relacionamento com o Jônathas, que era tio de Carlos Luís, meu chefe. De vez em quando, ele passava lá pela rádio...

E dava para ver que o Jônathas tinha aquele espírito bem empreendedor, inovador, ele não tinha medo de correr riscos e de ousar. Tanto é que levou vários cursos e, na época, as pessoas achavam que ele era... “ah, mas é loucura”. E todos estão aí até hoje, graças a Deus, dando muito certo. E foi, assim, um pontapé para esse crescimento educacional em Picos e para Picos se tornar hoje esse polo educacional que é... E apresentamos o projeto para o Jônathas. De imediato, ele aceitou e já começou a trabalhar nos trâmites da implantação.

Só que aí, nesse ponto, eu deixei a cargo dos meninos e me distanciei um pouco, porque aí, foi a época que meus filhos começaram a chegar... filho pequeno, aquela coisa toda... E eu saí da rádio também, foi uma época que eu fiquei só na assessoria de imprensa da Prefeitura de Campo Grande, com meu irmão. E aí, acabei me distanciando da movimentação das coisas.

Mas, assim, eu acompanhava muito, de longe, e muito feliz. Por quê? Porque o que eu queria era isso, era que esse projeto saísse do papel, que esse projeto se tornasse realidade, que a gente pudesse ter o Curso de Jornalismo em Picos, que aqueles colegas que já estavam militando e que tinham vontade de se qualificarem mais, de fazerem o curso, tivessem essa oportunidade.

Então, aí, já quando entrou essa questão da funcionalidade mesmo do curso, eu já estava ausente, porque o objetivo, o meu sonho já tinha sido realizado, atingido, que era o curso implantado no campus de Picos. Aí já entra Lia Raquel, que, na época que a gente fez essa movimentação toda, Lia estudava fora ainda, ela estudava na Paraíba, tanto ela quanto o Evandro Alberto, eles são mais jovens que a gente, e estudavam fora. Depois, eles chegaram e entraram nesse cenário.

Aí, foi quando a Lia assumiu a primeira coordenação, depois o Evandro Alberto, e eu já retornei, quando o Evandro Alberto assumiu a coordenação, quando ele me convidou. Ele sabia um pouco dessa história, e aí pensou: “Mas cadê ela? Onde ela está?”. Então, vou chamar para vir aqui somar”. E aí, ele me chamou, e eu fiquei dois anos ainda aí, na Uespi, como professora.

Muito, muito difíceis

Muito difíceis! Muito difíceis. Muito, muito difíceis! Porque, na época, graças a Deus, a *internet* já tinha chegado, a gente já tinha como ingressar na *internet*, fazer contato com as pessoas. Mas, assim, a gente estava feliz! Por quê? Porque o Jônathas deu o sim e instalou o curso, mas o curso totalmente desestruturado, completamente desestruturado.

Aqueles professores, que eram de outras áreas, porque o básico engloba professores de outras áreas, professores de Letras, professores de outros campos, que já tinham a sua bagagem de outros cursos, ótimo. Mas quando chegava para o específico de jornalismo, aí, tudo muito sem estrutura mesmo.

Aí, eu vim aqui à Teresina várias vezes, eu mantive contato com Ana Regina, que é professora da UFPI até hoje, que havia sido minha amiga de infância, nós tínhamos estudado lá na infância, no IMH e tal... Ela me deu muitas dicas, me passou muito material bom da grade curricular da UFPI, aqui em Teresina. Com a Cristiane Sekeff... foi uma pessoa que me ajudou

demais! Demais mesmo! A Cristiane Sekeff, que era professora também lá, me passou muito material.

Então, eu fui montar a grade, a ementa dessas disciplinas, baseada no que eu peguei na Federal, aqui em Teresina, com a Cristiane Sekeff, com a Ana Regina, depois com a Eulália, que era professora também. E, assim, graças a Deus, elas me acolheram, me deram muitas dicas de livros e de ementa mesmo, para a gente poder levar para a sala de aula. Mas não era fácil!

Depois, entrou o Orlando Berti. O Orlando é uma pessoa que eu conheci, quando era estudante de Jornalismo. O Orlando Berti sempre muito inteligente, muito atuante. Quando chegava em Picos, nas férias, ele ia lá para a rádio estagiar... E aí, ele foi falar comigo, na época, eu diretora de jornalismo, eu adorava. “Venha, Orlando. Venha somar com a gente”. Ele gostava de estagiar nas férias, ele foi uma ou duas vezes estagiar com a gente lá, nas férias dele.

E aí, depois, ele já estava formado nessa época aqui, em Teresina, foi outra pessoa que me ajudou muito também, e que já era professor também, na época, e até depois foi para aí, foi ser professor de vocês e tudo. Então, assim, eu tive a ajuda dos colegas mesmo, porque a universidade não tinha, estava começando, não tinha estrutura.

As dificuldades eram da falta de estrutura, no sentido de ter alguém que orientasse, porque o Evandro era muito novinho também na época, o Evandro era recém-formado, ele tinha toda boa vontade do mundo, mas eu tinha mais experiência profissional do que ele, porque eu já vinha do batente. E experiência acadêmica. Cadê alguém que pudesse orientar a gente? Porque eu tinha a experiência do batente, eu sempre fui do batente, mas a experiência acadêmica é outra história, né...

Então, assim, para você ter noção, eu não tinha nenhuma especialização na área de educação, nenhuma, assim, sabe... nem o básico do básico para você chegar e se posicionar numa sala de aula, eu não tinha. A minha experiência era da correria, do batente, do dia a dia e, de repente, eu fui para a sala de aula. Foi um desafio imenso! Assim, muito, muito, muito grande!

Mas tudo é muito válido. Não foi fácil para mim, foi difícil, mas tudo é muito válido. Pela primeira vez, eu encarava uma sala de aula, com alunos sedentos de conhecimento, com toda razão, era novidade, eles queriam. E eu, pelo menos, não tinha experiência nenhuma, sabe, para corresponder toda aquela expectativa que eles tinham, na seara da docência.

Então, a gente tinha que se virar nos trinta mesmo para não decepcionar. E foi difícil, foi um desafio muito, muito grande! Mas foi muito válido, porque, a partir dali eu ganhei muita coisa, até para o batente. E é engraçado como até para o batente você leva e você consegue

desenrolar melhor seu trabalho, quando você passa por essa experiência. Tudo é acúmulo de experiência, né.

O professor tinha que se virar mesmo!

Eu dizia: “me dê disciplinas em que eu domino mais a prática, porque eu quero trabalhar muito a prática também”. E como a gente não tinha ainda a TV, que, depois, passou a ser uma extensão no sentido da escola enquanto prática, mas, na época, a gente não tinha, então, assim, foi muito bacana, porque eles me forçaram a aprender ser professora, a me posicionar na sala de aula.

Eu aprendi com muitos deles, que muitos deles eram professores, né, tinham... já exerciam outras atividades e eram professores. E foi bom, porque eu aprendi com eles, e eles aprenderam comigo a questão prática, porque eles tinham muita vontade, sabe, eles queriam correr, eles já queriam partir para a prática. “O que é que a gente faz?”, “como é que a gente faz?”.

Então, assim, foi muito bom a gente trabalhar essa questão de textos para rádio, textos para TV, mandar para a rua para produzir, fazer matéria... porque, aí, era a minha praia, e aí eu ficava muito à vontade de poder ensinar e opinar, porque era o que eu fazia no meu dia a dia, e eu tinha segurança, né.

Então, foi muito bom, a gente trocou muitas experiências nesse sentido nas disciplinas de TV. Eu incentivei a montar telejornais, a fazer série de reportagens... Disciplina de rádio, também. E aí, a gente teve essa troca de experiências, os que eram professores me ensinavam a ser professora em sala de aula, e eu ensinava a ser jornalista na prática.

O professor, naquela época, ele tinha que entender que muita coisa ia ter que sair do bolso dele. É, por exemplo, eu vinha a Teresina, eu comprava livros, eu conversava com pessoas, eu pegava ementas, eu montava apostilas e distribuía para os alunos. Isso tudo era do meu bolso, porque, realmente, a universidade não dispunha de recursos de nada para isso.

E aí, a questão da prática também, eu pagava do meu bolso editor para editar as matérias dos meninos, porque, eu chamava o Hermógenes, que, até hoje, é câmera, é responsável pelo departamento de edição da TV Picos, e, na época, eu já tinha trabalhado com o Hermógenes, pela TV Meio Norte, porque eu fui correspondente. Acho que a primeira correspondente da TV Meio Norte foi Fátima Miranda e, depois, fui eu, quando teve uma sucursal em Picos. Aí depois estava muito corrido para mim e eu indiquei o Jota Pereira, que foi quem ficou os últimos anos lá.

Mas eu já tinha trabalhado com o Hermógenes, ele era o cinegrafista de lá. Então, eu fiz um acordo com Hermógenes para ele cobrar menos para acompanhar os meninos para fazer as matérias, ser cinegrafista dos meninos e editar, porque ele já tinha ilha de edição na casa dele, porque ele já fazia aquele trabalho que ele faz, não sei se ele faz até hoje, mas fazia festa de aniversário, cobertura de eventos... Então, ele já tinha uma estrutura. E o Hermógenes fazia isso para mim, fazia edição dessas matérias e tudo.

E rádio era mais simples, porque a gente gravava, não tinha muita complicação para editar. Mas era assim, a gente pedindo... pedia ao colega da rádio para editar o trabalho dos meninos, quando a gente queria montar um jornal de rádio, por exemplo. Os meninos vão fazer as matérias, mas a gente precisa editar, montar o jornal. Mas aí, como eu tinha trabalhado, acho que seis anos, na rádio, eu já tinha saído, mas tinha um bom trâmite lá, então, o pessoal editava para mim. E a questão da TV era com Hermógenes.

O professor tinha que se virar mesmo! E tinha que pagar, muitas vezes, do próprio bolso. Por quê? Porque aquilo valia a pena, você queria... você não estava ali por acaso, você estava ali à título de contribuição mesmo, então, você queria fazer acontecer aquilo. Se você fosse cruzar os braços, “ah, porque a universidade não tem um estúdio, porque a universidade...”, aí nunca ia fazer.

Como era que eu ia ministrar uma disciplina de TV, uma disciplina de rádio, sem ter a parte prática? Então, não tinha estúdio disponível, não, eu tinha que contar com os amigos, que faziam precinho camarada, e eu pagava. Porque aí, era uma questão minha, a universidade não ia se responsabilizar por isso, era eu, enquanto professora, que queria fazer isso. Se eu quisesse cruzar os braços, a universidade também não ia me cobrar, porque ela não podia me cobrar, porque ela não estava oferecendo recursos para isso. Mas eu não queria cruzar os braços, eu queria dar o meu melhor, então, eu pagava do meu bolso.

O que marcou foi ter contribuído

O que realmente marcou foi ter contribuído para a qualificação daqueles colegas, porque os que estavam no batente, na época, não foi quem não quis. O Odorico foi fazer Jornalismo; o Erivan Lima acabou fazendo Jornalismo, ele não foi lá na Uespi, mas já fez; o Jota foi; o Fábio foi, e foram meus alunos, então, muita gente... O Edvan... Edvan, que já fazia comunicação lá em Jaicós, e veio fazer Jornalismo com a gente. Tem o João Erismar, que eu não sei se está mais na área, que é de Oeiras, veio.

Então, muita gente de cidades próximas, que já eram radialistas, que já militavam na imprensa, tiveram essa oportunidade de se qualificar, de ter uma nova visão, de ampliar seus

horizontes a partir do curso. E para mim, foi gratificante ver aquilo, porque eu pude sentir que, a partir dali, ia haver um crescimento muito grande, como de fato houve na comunicação em Picos!

Hoje nós temos uma comunicação que não deixa a desejar para ninguém! Os nossos profissionais aí em Picos, eles estão aptos a trabalharem em qualquer lugar, e não deixam a desejar mesmo! Acabou aquela comunicação incipiente, aquela comunicação de subserviência. Nós não temos mais isso. Hoje nós temos comunicadores que pensam, que têm opinião própria, que são formadores de opinião, que não obedecem ao cacique A, B, C, que não fazem aquele jornalismo que a gente via antes, décadas atrás.

Então, assim, o que me marcou muito e me gratifica muito com a chegada do curso é ter visto a evolução. Porque você é novinha, você chegou agora já na época da faculdade, você já terminou seu curso num contexto diferente, mas, eu que cheguei nos anos 1990, era muito diferente, o contexto, era muito diferente. Hoje é muito bom ver a conscientização das pessoas e o crescimento!

Eu quero lhe dizer que, o que eu diria que foi mais relevante foi, hoje, o que me emociona é ver, como eu te disse, o crescimento da nossa classe, porque quem é jornalista sabe que a gente é jornalista por amor, a gente é jornalista por paixão! A gente não visa dinheiro, não visa nada disso. É amor e é paixão! E quando você faz uma coisa por amor, você quer ver aquela coisa crescer e evoluir da melhor forma possível.

E eu sei a importância que aquele curso teve para, a partir dele, abrir espaço para outro curso, e, a partir dele, a gente ter hoje colegas. Todo dia chegando mais colegas no mercado de trabalho, com uma visão totalmente diferente, com uma qualificação muito maior, e colegas que não pararam no tempo. Você é um exemplo de uma aluna que saiu de lá e que hoje está aí já fazendo seu doutorado, olha que coisa linda, e você saiu de lá, você é cria de lá, da Uespi.

Então, é lindo ver isso, ver você, ver Ruthynha, ver Jailson... ver tanta gente...O próprio Evandro! O próprio Evandro, que quando chegou lá era um menino, um menino recém-formado, inexperiente ainda, e olha onde ele está hoje. E a gente, aqui, torcendo para vê-lo reitor, porque a gente quer ver sempre mais, né. Tem a Lana também, que eu estou me lembrando. Que menina que já evoluiu, que já cresceu também! Todos vocês, na verdade, todos vocês. A gente vê, assim, uma evolução muito grande, e eu fico aqui só aplaudindo e comemorando junto com vocês.

Então, assim, é muito gratificante olhar hoje a história da universidade, ver o quanto ela tem contribuído com o crescimento profissional das pessoas, muita gente que não teria como sair dali... porque vocês que são jovens, não, mas aqueles que já tinham uma vida construída,

que eram casados, que já não teriam como sair para ir fazer o Curso de Jornalismo, por exemplo, em outra cidade.

E a oportunidade chegou, chegou na porta de casa, e eles puderam se qualificar e estar hoje no batente, continuar no batente, mas de fato e de direito. Eu creio que se sentindo mais orgulhosos até, por estarem, né, vindo da academia. Então, o que me emociona muito é saber que lá atrás, eu dei uma “contribuiçaozinha” para esse resultado lindo que a gente está vendo hoje.

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE ORLANDO MAURÍCIO DE CARVALHO BERTI

Relação com o Curso de Jornalismo da UFPI	Estudante; professor substituto
Período	1997-2011; 2003-2004 e 2008-2010
Relação com o Curso de Jornalismo da Uespi/CPTN	Estudante; professor efetivo; coordenador de curso
Período	2001; 2006-atual; 2017-2018
Relação com o Curso de Jornalismo da Uespi/CPBA	Professor efetivo; professor colaborador, pesquisador e extensionista
Período	2003-2006; 2014-atual
Data da entrevista	6 de novembro de 2019
Local	Universidade Estadual do Piauí
Formato	Audiovisual
Duração	26:15
Acesse a entrevista neste link.	

Lembranças da UFPI

Eu tenho lembranças incríveis, porque é a minha casa, né... Hoje, eu amo a Uespi, mas eu não posso negar o quanto a UFPI foi importante na minha vida. Importante em que sentido? Ela é o local onde eu me formei, é o local onde eu fiz duas das minhas três especializações, é o local onde eu tive a honra de ser colega de boa parte dos professores, das pessoas que se foram incríveis na minha formação, e tudo. Hoje é um amor que eu continuo tendo, mas o meu amor principal é a Uespi. Eu tenho alguns alunos com essa proposta, e queria convidar um ex-aluno que colabore com essa compreensão.

Na época, as lembranças da UFPI foram boas, foram bons momentos. O principal desses momentos foi quando nós ganhamos o terceiro lugar nacional de melhor jornal-laboratório do País, com o jornal Calandragem. São bons momentos... Quando nós fomos finalistas na Expocom do melhor *site* universitário do País, quando a Elinária, que hoje está terminando o doutorado lá no PPG, ganhou o Prêmio Itaú Cultural, um prêmio nacional... Então, essas foram boas lembranças dos trabalhos e, principalmente, dos colegas que lá continuam como docentes, e dos colegas que hoje são professores, são pesquisadores que estão Brasil afora brilhando.

Então, esses são os amores da Federal. Mas, assim, a minha história com a Federal é muito menor do que a história da Uespi. Eu estive lá como professor substituto duas vezes, mas, como você bem sabe, professor substituto, ele é considerado um ser de quinta categoria, então, geralmente, ele não participa dos órgãos colegiados, quando ele participa, é apenas como ouvinte, ele tem poder, algumas vezes, de voz, mas não de voto, geralmente ele não é consultado

sobre as disciplinas, chega disciplinas lá, “toma que a disciplina é tua”. Então, assim, foi muito mais tecnicista. E as próprias disciplinas da Federal foram as disciplinas tecnicistas, e porque foram naquela época que eu estava muito mais tecnicista, não na época do Orlando mais pensador, mas do Orlando mais tecnicista.

Na Federal, estive de 2003 a 2005 e de 2008 ao início de 2009, foi quando eu fui para o doutorado, então, eu deixei... Eu tive um período de dois anos, aí encerrou o contrato. E tive um período de um ano e alguns meses, que aí, eu tive que encerrar o contrato, porque eu tinha passado no doutorado.

Como professor substituto. Passei em dois concursos. Eu passei em três concursos aqui na Uespi, um como professor substituto, em 2003, aqui para Picos; como professor efetivo em 2004, aqui; e como professor efetivo, em Teresina, no concurso de 2005, e assumi em 2006. Então, sempre foram concursos. Nas duas instituições, eu passei em cinco concursos, três como substituto, dois como professor efetivo.

Lembranças dos dois cursos da Uespi

Tenho lembrança dos dois cursos da Uespi, porque, em Teresina, eu sou aluno da primeira turma, eu passei no primeiro vestibular para Teresina, no final do ano 2000, para entrar na turma de 2001; e, em Picos, eu tenho excelentes lembranças, porque eu sou professor também da primeira turma. Eu não entrei como professor aqui da primeira turma.

Então, vamos começar por Teresina. Teresina, no final do ano 2000, eu faço o vestibular, porque é lançado o edital para o Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo e Relações Públicas. Para minha surpresa, quando nós passamos no vestibular, nós adentramos na universidade dia 6 de março de 2001. A gente descobriu que ele era um curso três em um, um curso com habilitação em Jornalismo, Relações Públicas e Assessoria de Imprensa. Ou seja, que curso doido era esse de habilitação três em um?

E como eu estava me formando em um curso com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal do Piauí, minha intenção era fazer Relações Públicas, ou seja, uma segunda habilitação. Eu já conhecia um pouco a estrutura dos cursos de Comunicação, porque eu vinha do movimento estudantil, vinha da executiva nacional dos estudantes em comunicação social, e eu sabia já das habilitações.

E aí, para minha decepção, eu teria que fazer o Curso de Jornalismo de novo, para fazer o Curso de Relações Públicas. Aí, eu terminei? Não. “Vou me formar em Jornalismo, vou fazer uma especialização e vou ver o que é que a vida segue”. E a vida seguiu para coincidir da questão da docência.

História dos professores efetivos da Uespi

E foi aí que eu fiz o meu primeiro concurso, em agosto de 2003, aqui, para a Uespi de Picos, como substituto, para a área de texto. Passei e fui o quarto professor de Comunicação Social aqui do *campus*. Semanas depois, foi aberto o segundo concurso, entrou a professora Sônia.

Aproximadamente um ano depois, a universidade abriu um concurso, no ano de 2004, para professor efetivo, e eu passei em primeiro lugar e a professora Sônia Maria dos Santos Carvalho, que é daqui de Picos, passou em segundo lugar para professor efetivo. Então, nós ficamos aqui do 2004.1 e 2004.2.

No meio de 2004.2, a universidade lança um concurso para Teresina. E quando foi, acho que em 2004.2, o concurso foi feito... Nós ficamos como professores efetivos em 2004.2 e 2005.1. Em 2005.2, nós ficamos também. E no início de 2006, a universidade lança um concurso para Teresina com quatro vagas para professores efetivos de Jornalismo, e eu e a Sônia, a gente faz e passa. Eu passei em terceiro e a professora Sônia passou em quarto, então nós fomos. Nesse mesmo, foi aberta uma vaga para cá, para professor efetivo.

Então, quem foram os dois primeiros professores efetivos daqui? Eu e a Sônia, nós passamos aproximadamente três períodos como professores efetivos aqui no *campus*. Depois disso, é feito o concurso concomitantemente com quatro vagas para Teresina e uma vaga aqui para Picos. As vagas de Teresina são preenchidas, em ordem de classificação, pela professora Cristiane Sekeff, pela professora Samária Andrade, por mim, pela professora Sônia. E, aqui, foi preenchida pela professora Jaqueline Torres, que preencheu essa vaga. Como eu e Sônia tínhamos saído para Teresina, a universidade chamou a classificada, que foi a professora Sammara Jericó.

Aí, depois disso o curso ficou com duas professoras efetivas, que durante esse tempo de 2006 até o concurso que o professor Evandro entrou... Era uma vaga, mas terminaram chamando quatro professores, aí entrou o professor Evandro em primeiro, a professora Daiane em segundo, a professora Rosane em terceiro e a professora Clarissa em quarto, e essas pessoas completaram aqui, em Picos. Depois foi feito um novo concurso, onde entrou a professora Lana Krisna, professora Mayara Ferreira, professora Thamyres Oliveira e, esperemos, a professora Ruthy Costa. Então, essa é a história aqui de Picos, dos professores efetivos.

Em Teresina, como funcionou a história dos professores efetivos? O primeiro concurso, nós tivemos dois professores aprovados: a professora Cristiane Sekeff e o professor Achylles Costa. A professora Cristiane Sekeff terminou pedindo exoneração, porque foi fazer o mestrado

na Universidade do Vale Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, e o professor Achylles Costa, tempos depois, pediu demissão, porque foi aprovado no concurso para professor da Universidade Federal.

Foi feito em 2004, esse mesmo concurso que eu e Sônia passamos aqui, foram abertas duas vagas para Teresina, e dessas duas vagas, só uma foi preenchida, que foi o professor Daniel Vasconcelos Solon. Então, aqui em Picos, os dois primeiros professores efetivos foi eu e a professora Sônia; e em Teresina, o primeiro professor efetivo foi o professor Daniel Solon. Em atividade, hoje, os professores mais antigos da Uespi, como efetivos, somos nós três; e em atividade, os professores mais antigos em ordem de tempo de Uespi, em atividades ininterruptas: eu, professora Sônia, e depois o professor Daniel Solon.

Aí fizeram o concurso para professor efetivo de 2006, e nós ganhamos quatro professores para Jornalismo que são: a professora Sekeff, a professora Samária Andrade, eu e a professora Sônia, e dois professores de Relações Públicas, que até hoje são os únicos dois professores concursados de RP na instituição, que são a professora Edite Malaquias e o professor José Barroso.

Então, essa é a história dos professores efetivos da instituição, dos dois *campi*. Eu tenho o maior prazer de dizer que atuei nos dois. Só eu e a professora Sônia atuamos nas duas unidades e começamos nas duas unidades. E eu comecei como aluno na unidade Teresina. Desisti no primeiro período.

Porque foi no mesmo período, 2001, que eu estava me formando em Jornalismo na Federal, e aí, eu descobrir que teria que fazer... porque eu queria fazer o Curso de Relações Públicas, eu não queria fazer o de Jornalismo, porque o de Jornalismo, eu já fazia. Mas há males que vêm para bem, isso foi um mal bom, porque eu me aproximei da Uespi, e, dessa vez, como professor, não mais como discente.

Implantação dos cursos da Uespi

Acompanhei a implantação, principalmente, aqui em Picos. O curso daqui começou em março de 2002, e em Teresina começou em março de 2001. Na época, existia uma expansão da Universidade Estadual do Piauí. Era nítido que o professor Jônathas Nunes, que era reitor na época do governo Mão Santa, tinha um afã expansionista da instituição e, principalmente, um afã da instalação dos bacharelados, apesar da vocação inicial da universidade não ser uma universidade de bacharelado. A Uespi tem uma vocação de formação de professores.

Mas era nítido que o professor Jônathas seria o candidato, no mínimo, a deputado federal ou a governador depois do segundo mandato do governador Mão Santa. Todos esses planos são

interrompidos, por conta da cassação do governador Mão Santa. Mas a universidade ganhou essa expansão, principalmente, nos anos 2000, 2001 e 2002, com a implantação desses cursos.

Então, em Teresina, da minha visão, não houve uma luta gigantesca, foi mais um empenho e interesse pessoal do professor ter um curso de formação de jornalistas, principalmente gerado pelo ano 2001, o Congresso Piauiense de Jornalistas, que foi organizado pela professora Edileusa. Então, o professor viu a importância... Veio o jornalista Roberto Cabrini aqui, vários jornalistas internacionais vieram, várias pessoas vieram, veio muita gente. Foi no Rio Poti Hotel, esse congresso.

E o professor Jônathas disse: “Eu quero fazer esse Curso de Jornalismo”. Então, foi implantado, em Teresina, um curso. Inclusive, a primeira coordenadora foi a professora Cinthia Lages, que é uma jornalista de campo, que não tinha experiência acadêmica direta, mas era uma pessoa do mercado, então, uma pessoa que traria perspectivas para vender positivamente esse curso, porque a Uespi tinha essa venda da imagem.

Em Picos, nós já tínhamos uma série de jornalistas atuando, inclusive jornalistas registrados, e eles viram que se a Uespi montou em Teresina, eles poderiam montar também aqui em Picos. Eu cito principalmente dois jornalistas, e um deles principalmente, foi o Fábio Gonçalves Ferreira. Ele, na minha opinião, foi crucial nesse processo da instalação aqui.

O Fábio foi crucial em que sentido? Mobilizando jornalistas daqui, mostrando que, inclusive que politicamente, de uma maneira bem astuta de chamar o professor Jônathas, vamos dizer... “professor Jônathas Nunes, você tem aspirações políticas, então, vamos montar esse curso em Picos”. “Mas, meu Deus, como é que é?”. E o Fábio foi atrás de vários coordenadores da Federal, do Ceut, da Faculdade Santo Agostinho para montar esse projeto pedagógico, para ir atrás.

Cotas de prefeituras municipais

E, principalmente, qual foi o pulo do gato? Naquela época, a universidade tinha convênios com prefeituras, e metade das vagas oferecidas naquela época, salvo engano, ou eram trinta ou eram quarenta, essas vagas, metade foi destinada a prefeituras, que pagavam para a Uespi.

Metade da primeira turma de Comunicação da Uespi de Picos foi por cotas, não por cotas raciais, nem por cotas sociais, mas foram para cotas de prefeituras municipais. Então, boa parte dos jornalistas, que, por sinal, conseguiram se formar, entraram nessas cotas. Essa primeira turma foi metade ampla concorrência e metade cotas de prefeituras, porque era a forma de as prefeituras, que tinham interesse em formar assessores de comunicação também, terem

uma forma de contribuir financeiramente com a universidade. Eu não sei em que pé ficou esse convênio depois que esses alunos viraram colegas, mas boa parte desses cotistas se formou na primeira turma. As cotas realmente funcionaram, e essas pessoas foram atuar nesses municípios de origem.

As maiores virtudes

O de Picos foi colocar uma perspectiva da cientificidade, da importância de a gente sair do rabulismo, da prática propriamente dita, para você trazer pensadoras e pensadores. O *campus* de Picos formou mais doutores do que o *campus* de Teresina. O *campus* de Picos tem mais egressos doutorandos do que o *campus* de Teresina. O *campus* de Picos tem quase a mesma quantidade de mestres que tem o *campus* de Teresina. Então, assim, essa formação científica de pessoas que pensaram... não só pensamento acadêmico, mas pensar de melhorar a mídia, de melhorar a sociedade, foi o grande “que” daqui.

E de Teresina, principalmente, para oferecer a mão de obra diferente da nossa coirmã Federal, e das nossas coirmãs Santo Agostinho, que hoje o curso nem existe mais, da coirmã, agora, Estácio Ceut. Então, o aluno da Uespi, hoje ele tem uma formação diferenciada de Teresina.

Eu não posso falar de Picos, porque a minha vivência, hoje, acadêmica de Picos, é um pouco menor. Eu tenho uma formação mais de pesquisa aqui no *campus*. Mas a formação profissional do acadêmico de Teresina é disputada pelo mercado, com certeza, muito mais que os colegas da Federal, do que os colegas das privadas.

Eu não sei se é a formação, no caso do Curso de Comunicação que está morrendo, de cinco anos e meio, que você tem uma formação mais holística, ou não sei se há um padrão do aluno da Uespi por, geralmente, ser mais pobre, eles e elas agarrarem essa oportunidade com mais unhas e dentes... É o que eu vejo.

São as duas maiores virtudes. Picos, a virtude de pensamento científico; e Teresina, o pensamento de uma interferência do mercado. E se a gente for pensar, as consequências mercadológicas do curso de Teresina, hoje, quase todos os concursos, que têm vagas para jornalistas, tem aluno da Uespi.

Hoje nós temos alunos egressos de Teresina sendo relações públicas e jornalistas em dezenas de órgãos públicos Brasil afora. A gente tem repórter da TV Senado, a gente tem chefes de assessoria de comunicação de quase duas dezenas de universidades públicas, formadas pela instituição. E jornalistas que estão no mercado também fazendo acontecer.

A gente tem problemas? Tem. Mas, talvez pela Uespi sempre ter sido uma universidade mais humilde, mais tímida, o maior patrimônio dela é o patrimônio do alunado, é o que ela forma, quem ela forma, e como essas pessoas têm atuado, porque, geralmente, são pessoas bem simples e humildes. É a minha visão como docente, como a pessoa que está, há dezesseis anos, nessa instituição.

As maiores dificuldades

Eu diria que o período de mais dificuldade tem sido este ano, paradoxalmente. É o período de maior dificuldade, porque, por exemplo, fazia muito tempo, o *campus* de Teresina, a gente não ficava sem professores, disciplinas descobertas, né. Então, hoje a gente tem disciplinas descobertas.

No tempo, eu já não estava mais aqui, mas do período que eu não estive aqui, em Picos, eu diria que o maior ponto nevrálgico daqui era o período que não tinha onde estudar, que desabou a unidade do Junco. E a maior virtude no sentido de conquistas foi essa unidade, que é a unidade mais moderna da Uespi, é aqui, o *campus* próximo à comunidade Três Potes, aqui na região, o atual *campus* da instituição.

Na minha época, as maiores dificuldades eram as relações com a direção, porque, assim, o curso era novo e não tinha muita identidade na instituição, por exemplo, a própria sociedade não sabia direito que existia esse curso, porque a gente lutou justamente para formação dessa primeira turma e na formação da segunda turma. Então, era a forma de identidade.

Em Teresina, as maiores dificuldades foram, principalmente, laboratoriais e no sentido de implantar a perspectiva de uma vivência científica lá, porque quase todos os professores efetivos que entraram em Teresina, com exceção da professora Cristiane Sekeff e da professora Edite Malaquias, todos nós entramos como especialistas.

Então, nós tivemos conquistas laboratoriais gigantescas, nós tivemos conquistas salariais boas, que a gente também tinha entrado com salário ruim, mas as lutas... E o curso foi muito útil, principalmente, o Centro Acadêmico. Nós tivemos Centro Acadêmico com gestões extremamente atuantes lá na capital, que ajudaram essa questão da identidade do curso. Hoje todo mundo sabe que existe esse curso lá e, principalmente, no sentido dessa evolução.

Mas eu diria que o ano mais nevrálgico desses meus dezesseis anos de Uespi, de 2003 para cá, é o ano de 2019, por conta dessa crise econômica, dos contingenciamentos de verbas... tudo. É o ano mais complicado, infelizmente, esse último ano.

As disciplinas que estão sem professor continuam sem professores. Nós não ofereceremos no PEC, a gente não vai oferecer no PEC, foi uma decisão de Colegiado, não é

decisão monocrática da coordenação. Mas a decisão no sentido de que o alunado não pode ser prejudicado. A gente não vai oferecer no PEC, porque o PEC tem o período reduzido.

E a gente está esperando agora... está voltando uma professora de doutorado. E eu soube, hoje, que foi transferida uma professora daqui para lá. E a gente está esperando para, justamente, essas docentes suprirem essas lacunas. A gente está esperando o professor Cláudio, que está voltando do doutorado em 2021. Não sei se a professora Sekeff, que hoje está afastada, se ela voltar também supre... E, aí, nós temos mais o professor Daniel Solon, que está afastado para doutorado, e a professora Clarissa Carvalho, que hoje está sendo professora visitante na universidade americana.

Ensino e aprendizagem

Teve uma evolução gigantesca. Assim, primeiro, quando eu entrei aqui, era um professor neófito. Eu comecei minha docência no mesmo ano que eu entrei aqui, não foi o meu primeiro emprego como docente, meu primeiro emprego como docente foi em 2003 também, no concurso que eu tinha feito em 2002, na Universidade Federal do Piauí, mas, aqui, foi o meu segundo emprego docente, então, assim, eu tinha uma visão menos holística, eu tinha uma visão mais que a área era mais prática, que jornalismo tinha que ser prática. Principalmente, por dois motivos: pelo meu não conhecimento científico da área. Ou seja, eu era um professor especialista que vinha do mercado, que entendia o mercado como a solução dos problemas e que o curso, ele tinha que ter uma formação muito mais tecnicista.

Para minha sorte, e eu diria para minha sorte como pessoa, para minha honra como profissional e, principalmente, para uma evolução tanto pessoal quanto dos nossos alunos e das nossas alunas, foram as pós-graduações – o mestrado, o doutorado – e o pós-doutorado, que foram plenamente apoiados pela instituição, reconheço. Eu tive um ano de licença para cursar o meu mestrado, eu tive quatro anos de licença para cursar o meu doutorado, por sinal, seis meses feitos fora do País, com bolsa da Capes.

Então, assim, eu tive a oportunidade de estudar no local onde eu queria, de pensar o que queria e de tentar dar essa reverberação, hoje, para a Uespi, dessa formação que ela me proporcionou. Hoje, claro, eu não me considero um superprofessor, mas eu me considero um professor, pelo menos, um pouco melhor do que quando eu entrei aqui na instituição.

E é um mantra diário quando eu adentro o *campus* aqui de Picos, quando eu adentro o *campus* de Teresina e as unidades da Uespi, sempre entrar como uma pessoa melhor do que da última vez que eu estive. Então, assim, é um mantra... de sempre um desafio de entender essa geração, porque nós formamos gerações, né. A geração de 2013 era muito diferente do que a

geração de 2010, que é muito diferente do que a geração de 2019, e que espero que seja diferente das gerações que estejam por vir. Mas uma diferença positiva.

Mas muitas vezes, a gente vê uma universidade mais inclusiva. Mas nós gozamos das perspectivas positivas, e também negativas, dessa inclusão, porque a gente recebe pessoas que talvez há dez anos, nós não recebêssemos no sentido dessa inclusão, mas elas chegam de qualquer jeito...

Então, a universidade deveria pensar mais holisticamente. Talvez uma das soluções seria a gente adotar uma espécie de Protocolo de Bolonha, como existe na Europa, de que os alunos, eles fazem ciclos. Por exemplo, nós de ciências sociais aplicadas, ninguém entraria para Jornalismo, para Relações Públicas, para Pedagogia, para Sociologia, mas você entraria num ciclo de formação humanística, mas você só decidiria a tua área no segundo, terceiro ou quarto ano, que é o que é feito nos Estados Unidos, é feito nos países mais evoluídos pedagogicamente da Europa.

Talvez seja um dos desafios, e talvez para a gente repensar... E talvez, os cursos de Comunicação, de Jornalismo possam ser pilotos nisso, pelo menos para a formação de relações públicas e de jornalistas. A gente já está tendo uma discussão nesse sentido lá no *campus* de Teresina.

Pesquisa e extensão

Hoje a pesquisa é feita. A gente tem um grupo de pesquisa ativo, registrado no CNPQ e na Capes, que é um grupo que a gente trabalha, principalmente, comunicação popular, alternativa, comunitária e tecnologias atuais. Hoje eu estou com dois projetos de pesquisa ativos, um sobre inteligência artificial, que é a área que eu quero levar para o meu segundo pós-doutorado, e um outro, a gente fazendo um apanhado de uma etnografia das redações, que é um projeto que eu tinha em 2016, que a gente está retomando agora.

O que é etnografia das redações? É trabalhar novas linguagens jornalísticas no projeto Gente do Piauí. É um projeto que a gente está em fase de registro ético agora, que a gente tem que passar pelo Comitê de Ética, mas é um projeto que já está aprovado nos órgãos colegiados. E, depois dessa aprovação, a gente vai trabalhar linguagens jornalísticas diferenciais, num *site* chamado Gente do Piauí. O *site* já está registrado, as redes sociais já estão registradas... Trabalhando pessoas, trabalhando perfis, trabalhando linguagens diferenciais de fazer um jornalismo, que a gente acredita, que a gente tem... acha que é o futuro, ou seja, é um projeto de experimentação.

A extensão, ela é feita através de dois programas de extensão que a gente tem registrado. Um é sobre a questão de preparatório para mestrados, que já virou um livro. E o outro, a gente chama Café Internacional, que é um projeto de um órgão que eu faço parte, a Diretoria de Relações Internacionais da universidade.

Da união e dos desafios

Na crise, nós crescemos. Acredito muito nisso. Nós temos uma sororidade acadêmica muito grande, assim, mesmo nós tendo diferenças, a Uespi, claro, nossos cursos não são perfeitos, mas acredito muito na questão da união e dos desafios. Hoje eu vejo, principalmente aqui no *campus* de Picos, talvez pelas crises maiores, uma união e um interesse maior dos alunos. Aqui, hoje nós temos uma formação de entendimento científico maior. Isso me deixa muito orgulhoso, porque quando a gente começou falar de artigo científico, falar de TCC, era novidade, inclusive, para nós docentes.

Hoje não. Hoje você está com aluno em segundo, terceiro período e pensando em artigo, aluno publicando, aluno publicando em revista. Por exemplo, aqui, a gente está mexendo com uma disciplina, a gente vai lançar um livro, e espero que mais outro, que mais outro, que mais outro, publicando nesse sentido. Então, assim, uma evolução gigantesca!

NARRATIVAS MEMORIALÍSTICAS DE RUTHY MANUELLA DE BRITO COSTA

Relação com o Curso de Jornalismo da Uespi/CPBA	Estudante; professora substituta; coordenadora de curso; professora efetiva
Período	2003-2007; 2009-2011 e 2014-2018; 2010-2011; 2021-atual
Data da entrevista	20 de outubro de 2019
Local	Residência da entrevistada
Formato	Audiovisual
Duração	48:49

[Acesse a entrevista neste link.](#)

Lembranças do início do curso

Em relação à implantação, as lembranças que eu tenho, do início do curso, são de quando eu comecei, que a gente ouvia as histórias de como começou, de onde partiram as ideias, de quem foi buscar a implantação do curso para cá. E, quando eu fiz o meu TCC, era sobre a Uespi, então, eu fiz a pesquisa também em relação a isso, de entender como a instituição tinha começado e, também, automaticamente, como tinham começado os cursos.

E o Curso de Jornalismo, a informação que eu tinha era de que tinha partido da necessidade de algumas pessoas que já tinham essa inserção no mercado de trabalho como jornalistas e que queriam ter a formação, de não serem só os jornalistas do batente, mas tinham esse interesse de ter a formação acadêmica. E de que um grupo se reuniu para ir a Teresina buscar a implantação do curso em Picos, para ter essa formação. É tanto que a primeira turma (eu sou da segunda) foi formada por essas pessoas que tinham esse interesse e a necessidade da formação acadêmica.

Eu entrei em 2003, sou da segunda turma; a primeira turma é de 2002. Quando eu comecei o curso naquele interesse de saber como era, de como ia começar, do que ia estudar, de quais eram as disciplinas que a gente ia estudar... O primeiro momento da entrada do curso foi aquela magia, aquela coisa de começar um curso superior, de ser um curso que eu queria realmente fazer, que eu tinha o interesse em fazer; não era aquela coisa: “ah, você fez o curso por que?”, “não, porque é o que deu”. Não, é porque eu queria realmente fazer o curso. Então, realmente, a acolhida de quem já fazia parte do curso e da turma que entrou comigo foi muito boa, todo mundo na minha turma tinha esse interesse, queria realmente fazer aquele curso. O início foi muito bom.

Eu sempre fui uma criança que assistia ao jornal, sentava para assistir ao jornal. O meu pai trabalhava no escritório do Dnocs, e ele, o escritório tinha assinatura dos jornais da capital,

então, ele sempre levava o jornal do dia anterior para mim. E eu lia o jornal de cabo a rabo, até o classificado eu lia, até os classificados... até os classificados eu gostava de ler. E era aquela criança que sentava para assistir ao jornal, e perguntava: “pai, mãe e o que é isso? Por que isso?” e não sei o que... Então, a gente comentava aquilo que o jornal dizia... O meu contato com o jornalismo era esse, da curiosidade realmente, de achar aquilo muito interessante.

E até o momento de fazer o vestibular, eu ainda tinha aquelas dúvidas, “ah, eu quero ser veterinária, eu quero ser arquiteta, eu quero ser...”. E no ano do vestibular, eu disse assim: “eu vou fazer Jornalismo. É uma coisa que eu admiro tanto, é uma coisa que eu gosto tanto, que eu acompanho”. Eu olhei ali e disse: “tem tudo a ver comigo, eu vou fazer Jornalismo”. E vim para Picos. Até então, não sabia nem onde era Picos, nunca nem tinha olhado no mapa para saber onde era.

E aí, eu olhei e disse: “vou fazer. Tem para onde?”. “Tem para Teresina e tem para Picos”. “Ah, vou fazer para Picos”. Na época, eu morava em Floriano, eu não tinha nenhum contato prévio, não era aquela coisa como a primeira turma, que já tinha esses profissionais da área, mas que queriam uma formação.

Na minha turma, segunda turma, não, eram mesmo jovens que queriam aquela formação. E meu contato com jornalismo foi realmente no curso, foi aquele processo de aprendizado e de internalizar aquilo para mim, de dizer: “eu nasci para isso aqui, e foi a escolha certa”. Eu dizia: “já pensou eu sendo arquiteta? Nam!”.

E, assim, em relação à instituição mesmo. Você chega pensando que é outra coisa e quando você começa, vai entendendo como é que funciona, o que é a instituição, claro, com todas as suas carências, com todas as suas necessidades. A gente tinha as dificuldades, mas também procurava alternativas para solucionar aquelas dificuldades e carências estruturais, por exemplo, em relação ao próprio funcionamento em si do curso. Os estudantes e os professores da época iam buscando alternativas de como sanar cada uma daquelas dificuldades para que o curso e o aprendizado não fossem, de fato, prejudicados.

União entre os estudantes e os professores

O que me marca mais, enquanto aluna e, depois, enquanto professora, é justamente essa união entre os estudantes, entre os professores que fazem o curso, porque era a forma que a gente tinha, e que se tem até hoje, de ir ultrapassando essas barreiras. Então, é aquela coisa: “tem problema?”. “Tem!”. “Vamos procurar solução, todo mundo junto, e resolver”.

Eu lembro que, ainda enquanto estudante, os problemas estruturais mesmo da universidade, de não ter sala, de não ter uma biblioteca com um acervo adequado e atualizado,

de não ter equipamentos, como câmeras e gravadores, já que é um Curso de Jornalismo... Isso, a gente tinha que ir buscar em outros locais para poder utilizar. Mas a gente ia buscar, não ficava naquela coisa: “ah, não tenho, não vou fazer”. Não, a gente sempre buscava.

A questão mesmo de sala de aula. Eu tive aula na salinha que era, na época, a sala dos professores, mas que era bem pequenininha. E a gente assistiu aula lá, um dia, sentados no sofá, porque não tinham outras salas disponíveis... Essa questão estrutural era algo que realmente batia muito, mas que a gente ia atrás.

Outras situações de laboratório, por exemplo, já que a gente não tinha. Como era que a gente ia fazer, se dependia de laboratório? A gente assistiu aula, muitas vezes, em laboratórios das escolas de ensino médio aqui da cidade. O laboratório de informática que, na época, a gente não tinha, e precisava de computadores e de acesso à *internet*, a gente ia, muitas vezes, para as escolas de ensino médio que tinham um laboratório de informática.

Laboratório de rádio. Como a gente também não tinha equipamento nenhum de rádio, a gente ia para as emissoras de rádio locais. Na época, Odorico Carvalho era da minha turma e, também, foi um desses que buscou a implantação do curso para cá... A gente tinha aquela ideia de que Odorico tinha uma estação de rádio em casa. Então, ele, enquanto aluno da instituição, cedia o espaço da casa dele, a estrutura que ele tinha de acesso à *internet* e à rádio para a gente fazer as gravações e edições de rádio, para poder sanar essas dificuldades que a gente tinha.

Então, uma das minhas lembranças mais é disso mesmo, de faltar a estrutura, mas de sempre ter alguém para buscar, de ter onde a gente fazer essas práticas, que a estrutura da instituição não permitia. Em relação a essas dificuldades, era mais ou menos isso mesmo... Eu lembro que a gente tinha a disciplina de Fotojornalismo, mas nós não tínhamos nenhuma câmera na Uespi. E não era como hoje, que se tem a facilidade do próprio celular, que você tem para fazer tudo. No nosso tempo não tinha essa facilidade, o celular era só para ligar e mandar mensagem.

E aí, na época, eu lembro que Orlando, que era o professor da disciplina, chegou com alguns equipamentos fotográficos, de Teresina. Ele trouxe emprestado! Ele pegou emprestado de algumas pessoas, e de outras instituições para que a gente tivesse o contato com uma câmera profissional, pudesse entender como ela funcionava, saber o que era aquele equipamento e como utilizar aquele equipamento.

Dos professores

Nós não tínhamos uma quantidade de professores da área que realmente dessem conta de atender todas as disciplinas. Então, nós tínhamos professores de todas as outras áreas, dando

aula de Jornalismo. E aí, claro, muitos querendo e tentando contribuir de alguma forma, e outros: “Ah, num é da minha área mesmo, então, não vou me esforçar”.

E a gente teve muitas dificuldades em relação a professores. A gente teve momentos de briga com a própria coordenação. Na época, o coordenador era Evandro Alberto. E a gente chegou para ele e disse: “Olha, pra ter a disciplina desse jeito, a gente prefere não ter; a gente prefere esperar para um momento em que a gente tenha um professor adequado para a disciplina”. Com o passar dos anos, com o caminhar do curso, isso foi melhorando, mas na nossa época, a gente teve muitos professores de outras áreas.

A gente pagou Teoria da Comunicação com uma dentista, ela era da Odontologia e estava dando uma das disciplinas-base para todas as outras disciplinas que a gente vai cursar, e a gente viu por cima. Então, a gente teve muita dificuldade em relação ao próprio ensino, o próprio professor, de não ser um professor da área, que a gente sentia o impacto.

A maioria dos professores era de Teresina. A gente só tinha daqui mesmo Evandro, que era professor e coordenador, era o “tudo” do curso, o multiuso do curso. E tínhamos a maioria dos professores vindos de Teresina, principalmente dessas disciplinas, que eram disciplinas mais técnicas. Quando a gente passava a pagar as disciplinas mais técnicas, como Telejornalismo, Fotojornalismo, Produção Textual... E aí, vinham os professores de Teresina, que já tinham contato com a região ou eram da região, mas moravam em Teresina.

A professora Sônia Maria Carvalho, o professor Orlando Berti, a professora Sammara Jericó moravam em Teresina e vinham para dar as aulas. Mas a gente tinha pouquíssimos professores daqui. Geralmente, os professores daqui eram aqueles das disciplinas mais básicas, mais gerais. Mas os professores específicos mesmo vinham de Teresina.

Do ensino, da pesquisa e da extensão

A minha era a segunda turma, mas a gente não tinha aquela estrutura de ensino como nós temos hoje, basicamente. Por quê? Essa questão do ensino, da pesquisa e da extensão, que a gente entra na universidade e é sempre essa ideia que a gente tem: “Ah, a base da universidade é o ensino, a pesquisa e a extensão”. Eu, basicamente, enquanto estudante, não tive pesquisa, eu não tive de forma nenhuma, como a gente tem hoje, quando você entra na universidade, de produzir artigo desde o primeiro período, de participar de eventos para apresentar trabalhos. Não, a minha pesquisa foi no TCC, eu não fiz nenhum artigo durante a minha graduação.

A gente teve a disciplina de Metodologia – isso é uma coisa que eu sempre conto, porque teve um erro de oferta de disciplinas e a disciplina de Metodologia tinha que ser ofertada naquele período. Eu me lembro que era o primeiro semestre, e quando a gente estava mais ou

menos em maio para junho, descobriram que tinha tido esse erro, e a disciplina de Metodologia não tinha sido ofertada.

E aí, Teresina disse: “Não, ela tem que ser paga agora. Ela tem que ser concluída agora, porque ela não vai ser ofertada depois”. E a gente pagou a disciplina de Metodologia em quinze dias. Então, foi aquela coisa de fazer trabalho, mas de fazer trabalho sobre metodologia, e não produzir material que usasse a metodologia.

Então, a gente teve essa falha muito, muito grande. Como eu fazia outro curso de graduação, e que era uma licenciatura, eu não tive tanta dificuldade por ter tido essa base no outro curso, mas no nosso Curso de Comunicação, especificamente, a gente não teve isso. A pesquisa, a gente não teve. A extensão, acho que um projeto ou outro de extensão, mas não organizado, estruturado, como a gente tem hoje.

Nossos índices eram bons

E a gente via isso, mesmo a gente tendo dificuldades de estrutura, de funcionamento, os nossos índices eram bons. Na época, a minha turma fez Enade. A gente nem sabia o que era Enade, não sabia nem o que era aquilo ali. Simplesmente, Evandro chegou e disse: “Vocês vão fazer o Enade”. “E o que é isso? Para que é isso?”. E aí, ele explicou o que era, e a gente: “Ah, está bom, a gente vai lá e faz”.

Não sabíamos mesmo a dimensão que tinha, o que era o Enade. E a nossa turma tirou uma nota excelente. Na época, eu lembro que por conta da nossa avaliação o curso ficou com uma nota muito boa, por ser um curso recente... E aí a gente: “Ah, é para isso que serve o Enade...”.

Eu entrei em 2003, se eu não me engano, o Enade foi em 2004, porque eu lembro que a outra turma já estava próxima de concluir, e a nossa turma era recém-chegada, tinha um ano, um ano e pouco de curso. E a gente até ficou pensando: “Como é que a gente vai fazer essa prova, se a gente acabou de entrar?”. Hoje mudaram as regras do Enade em relação a quem faz a prova, mas, na época, tinha que fazer, a turma que estava mais adiantada e a turma que estava chegando. E aí, a gente... “Como é que a gente vai fazer prova de uma coisa que nem estudou ainda?”. Mas deu certo!

Eu lembro também que a gente teve uma avaliação. Como o curso era recente, então, só era autorizado. Aí, quando se formou a primeira turma, veio a comissão do MEC para o reconhecimento do curso, e era justamente com a minha turma. E eles perguntavam cada coisa, e a gente ali com a resposta na ponta da língua, para poder ter esse retorno positivo de dizer: “A gente vai contribuir, nós vamos ter uma boa avaliação”.

O curso foi bem avaliado. Eles ficaram até surpresos com a avaliação que o curso teve, e não foi aquela coisa: “Ah, vamos falar bem, porque a gente quer ter uma boa nota”. A gente nem tinha noção disso. Mas a gente foi sincero em mostrar... Quando eles perguntavam das dificuldades, a gente dizia que tinha, apontava essas dificuldades, mas ao mesmo tempo dizia: “A gente não tem aqui, mas ali a gente faz. Então, a gente não fica sem ter essas práticas ou sem ter esse conhecimento”.

Primeiro Seminário de Jornalismo de Picos

Quando aconteceu o I Seminário de Jornalismo de Picos, o Sejopi, a gente estava, acho que no segundo ano de curso. E foi realmente a turma de Jota Pereira, Valtânia... que organizou. Partiu da turma deles a organização do primeiro seminário, que foi realmente um evento marcante até hoje. Veio o Roberto Cabrini, e aconteceu lá na Associação Comercial.

E foi um evento realmente marcante para o curso, porque a gente teve aquele contato com um profissional renomado da área, aquela pessoa que a gente só via na TV e que trouxe as experiências dele. Foi um momento de reunir aqueles estudantes, aquelas pessoas que já trabalhavam na área formados ou não, mas para falar sobre o que é o jornalismo, de como são as práticas jornalísticas, de entender esse funcionamento. E realmente o primeiro seminário tem esse marco histórico.

De aluna a professora

Eu entrei em 2003, me formei. O nosso curso tinha as habilitações de Jornalismo e de Relações Públicas. A primeira turma não cursou, não optou pela habilitação de RP, a minha turma foi a primeira que optou por fazer a habilitação, porque era optativo, você chegava aos quatro anos de curso e concluía Jornalismo, e tinha a opção de continuar no curso para a habilitação de Relações Públicas.

Na primeira turma, ninguém optou por cursar. E, na minha turma, foram só três que optaram por fazer a habilitação de RP: eu Richardy e Simoni. Então, esses três foram os primeiros a concluírem o curso com as duas habilitações e a instituição ofertou, realmente, a habilitação de RP para esses três. A gente terminou Jornalismo em 2006, e lá no final de 2007 é que a gente concluiu com a habilitação de RP.

E logo, 2009, abriu um edital do processo seletivo para professor substituto da Uespi. Na época, eu e Simoni dissemos assim: “Ah, vamos fazer?”. E, durante o curso eu tinha começado uma pós, não era especificamente na área de Jornalismo, mas tinha algo a ver com a

área de Relações Públicas, porque era na área de gestão de recursos humanos. Então, eu fiz, porque tinha alguma coisa com RP.

E aí, a gente disse: “Vamos fazer!”. Aí, quando abriu o edital, que a gente foi ver como era a seleção, os critérios... No meio, eu disse assim: “ah, não vou fazer isso, não”. Quando abriu a inscrição, que eu vi o nível, eu disse: “não, não estou pronta pra isso, não”. E aí, eu lembro que conversei com uma ex-professora na época, Samara Jericó, falei que estava pensando, mas depois tinha desistido. Ela disse assim: “Façam! Vocês têm que fazer, porque vocês têm realmente capacidade pra assumir uma disciplina. Façam! Tentem! Vocês vão entender como é o processo”. E aí, eu disse: “então, vamos fazer”.

E aí, quando abriram as inscrições que saiu aquela primeira etapa, que é do currículo, a gente não tinha currículo de nada para nada. Eu lembro que, na época, tinha um mestre ou era uma professora mestre concorrendo. Quando eu vi, eu digo: “acabou, né? Agora, já era”. Aí a professora disse assim: “Não, faz a prova didática, vai dar a aula pra ter a experiência completa”.

E aí eu fui para a didática. E, na prova de currículo, o currículo dela, lógico, lá em cima, então, a nota da gente ficou lá embaixo; a minha ficou baixíssima, por conta da dela, que era a nota padrão; e na prova didática, eu tirei dez, e ela zerou. Né? Eu fiquei assim, realmente chocada com aquilo, e eu disse assim: “como? Como é que alguém vem... e é mestre?”. E eu recém-graduada... E eu disse assim: “gente, então, agora, dá pra ir”.

E aí, comecei na Uespi, em 2009, como professora recém-formada, uma menina, uma pivete, que estava ali... E até as pessoas entenderem que eu era professora... Sempre teve aquela coisa que alguém entrava na sala: “Cadê o professor?”. E eu dizia: “sou eu, eu sou a professora”, lembro rindo.

E assim, eu comecei a dar aula, justamente, em RP. Na época, era a turma do Renan, do Jonas... E aí, eu comecei a dar aula para eles. Até bem pouco tempo, a gente era colega de curso, porque eles eram de uma turma posterior a minha, e cheguei lá para dar aula, e logo em RP, que realmente é uma área que gosto muito. Fiz o Curso de Jornalismo, mas já de olho na habilitação de RP.

Era uma turma pequena também, mas comparada à minha, que eram só três fazendo a habilitação de RP, essa turma, se não me engano, tinha oito alunos. E aí, comecei com essas turmas de RP, e enfrentando aquelas mesmas dificuldades que a gente tinha enquanto aluna. Mas, agora, eu vendo aquelas mesmas dificuldades enquanto professora, de estrutura, de você querer mostrar um vídeo e não ter como... Data-show? Hoje, é riqueza para a gente que tem

data-show à disposição. O próprio computador... Era coisa de usar o quadro mesmo, levar um “roteirozinho”, colocar no quadro, seguir... Era a realidade de não ter livros para esses alunos.

Quando eu era estudante, eu acho que eu comprei, realmente, para mim, eu acho que um ou dois livros. E eu sempre fui aficcionada em livros, eu queria ter os meus livros. É tanto que quando a gente foi começar as aulas de RP, eu enquanto aluna, já tinha lido tudo. A gente teve um negócio de uma greve em Teresina, e que aqui acabou acompanhando, mexeu no calendário, e a gente começou atrasado.

Eu lembro que na biblioteca da Uespi tinham três livros de RP. Quando a gente começou as aulas, eu tinha lido os três. Quando a professora entrou na sala, eu tinha fichado todos os livros, e eu fui para a sala de aula com os fichamentos dos três livros. Então, quando ela falava uma coisa... “ah! É porque eu li lá no livro do Fulano de Tal isso aqui e isso aqui...”. É engraçado, porque eu acho que meio que eu assustei a professora.

E aí, quando eu comecei a dar aula, eu tinha essa coisa: “não, eu vou comprar meus livros, porque eu tendo livro, o meu aluno também vai poder ter, porque eu posso emprestar, eles podem tirar cópia, eles podem ler os meus livros”. E eu comecei a comprar os meus livros para poder dar aula, já que na faculdade não tinha, e os poucos que tinham também já estavam desatualizados, eram livros mais antigos.

Comecei a dar aula para essa turma de RP. Eles concluíram a habilitação de RP, praticamente toda comigo. E aí, depois, eu fui para as outras turmas já na habilitação de Jornalismo. E de 2009 para cá, eu só fiquei fora da instituição como professora por dois anos, porque eu fiquei 2009 e 2010. Aí, como eu era substituta, tinha aquele período que precisava ficar afastado para poder fazer o seletivo de novo. E eu fiquei afastada em 2010 e 2011.

De 2012 para 2013, teve o seletivo de novo, e eu voltei como professora substituta e fiquei até o ano passado, ininterruptamente, sem ter que me afastar. Era aquela coisa de o contrato ser de um ano, e aí ia renovando, chegava o final do ano renovava de novo. Fiquei até o começo de 2018, como professora substituta, passando por todas as turmas, passando pelas duas habilitações, tanto Jornalismo como Relações Públicas.

Teve um momento que, da habilitação de RP, só tinha eu como professora, e aí eu tive que pegar todas as disciplinas de RP e não pegar disciplina na habilitação de Jornalismo, porque não tinha outro professor de RP. Simoni ainda ficou como professora também por alguns anos, Richardy, acho que deu aula em um semestre ou foram dois, mas ele é da História mesmo, e disse que não queria continuar no Jornalismo. Simoní ficou alguns semestres e saiu. E na habilitação de RP ficou, basicamente, eu.

E no Jornalismo, eu já voltei para dar aula já recente, pegando uma ou outra disciplina. Mas as disciplinas de RP eram sempre minhas, porque não tinha outro professor com habilitação em RP. Mesmo os professores que eram daqui ou que vinham de Teresina, mas todos eram professores do Jornalismo, e não queriam pegar as disciplinas de RP. Então, basicamente era eu, todo dia, com uma disciplina diferente, mas de RP. Então, se eu queria fazer alguma atividade interdisciplinar, era eu comigo, a interdisciplinaridade era da minha disciplina com a minha disciplina, então, eu não tinha muito como variar essas coisas.

Mas, assim, nesse percurso é um aprendizado muito grande. Eu sou outra pessoa em relação àquela pessoa que se formou, que era fominha, que chegava na sala e já tinha lido o livro da disciplina inteira, e antes do professor dizer... eu: “ah, eu já vi, eu já li, eu já... eu já sei isso aí”.

E como professora eu queria isso, dar para o meu aluno aquilo que eu não tive. Além da falta de estrutura, muitas das vezes, os professores com um desinteresse total naquilo ali. E eu dizia assim: “eu não sei que professora eu vou ser, mas eu sei a professora que eu não quero ser”, por conta das referências negativas.

E aí, óbvio, tinham as referências positivas, pessoas em quem eu me inspirava e que me inspiram até hoje. Eu digo para cada um deles: “olha, eu vim para esse caminho tentando fazer o melhor e não ser aquele professor que chega e não dá a aula, que chega e não sabe nem qual era o tema que do dia”. Eu sempre buscava realmente me melhorar enquanto professora, porque estava vindo justamente daquela experiência como aluna, daquela instituição.

E enquanto aluna, quando a gente foi para escolha do TCC de RP, eu disse: “eu vou fazer meu trabalho sobre a Uespi, eu vou fazer meu trabalho para a Uespi”. E, na época, eu fiz um planejamento de comunicação para a instituição e quando me perguntaram: “por que você vai fazer sobre a Uespi?”. Eu disse: “é porque é uma devolução daquilo que eu tive e daquilo que eu percebo como necessidade da instituição, eu vou propor soluções para esses problemas, para essas carências que a instituição tem”.

E eu fiz o meu planejamento. Na época, eu fiz pesquisa com aluno, com professor e com funcionários do administrativo. Eu apliquei mais de 1200 questionários só com alunos; consegui, acho que com 95% dos professores; e 100% com o administrativo. E na época, a instituição tinha os dois prédios, era aquele lá de cima, no bairro Samambaia, e o do bairro Junco. E eu ficava correndo de um para o outro para poder fazer essa pesquisa.

E quando chegou na apresentação, na minha banca, a professora Jaqueline disse assim: “Você é louca! Você pesquisou esse tanto de gente?! Por que não escolheu só o grupo de professores ou o de alunos ou de funcionários?”. Eu disse: “mas eu queria tudo”, porque, assim,

eu percebia essa necessidade em todos, então, eu queria propor soluções para tudo. E fiz o meu trabalho, tive a nota máxima. A instituição passou a usar meu trabalho como uma ferramenta. Muitas das coisas que eu coloquei como ações foram executadas realmente pela universidade. E aí, eu tive aquela coisa assim: “eu posso contribuir!”.

E quando eu voltei como professora, eu tinha realmente esse sentido: “eu posso contribuir, porque eu sou daqui, sou cria daqui”. Então, ninguém melhor do que quem saiu daqui, do que quem se formou aqui para voltar e ter essa contribuição, de ter esse retorno. Eu sempre digo assim: “eu posso falar mal da Uespi, quem é da Uespi pode falar mal da Uespi, pode brigar, pode reclamar, mas quem é de fora não pode dizer um A”, porque a gente vai lá e diz: “epa! não é assim não!”.

Então, essa trajetória de aluna a professora foi muito boa, foi um aprendizado gigantesco. E eu digo assim, a aula que eu dou hoje... quando eu me lembro como professora naquele primeiro dia de aula, com aqueles alunos que até outro dia eram os meus colegas de sala de lado, eu digo: “meu Deus, como é que eu vou fazer isso?”.

Me matava de estudar e lia os livros de cabeça, de uma ponta a outra, e fichava todos os livros e preparava aula de todos os capítulos, mesmo daqueles que eu dizia: “nam, esse aqui nem está no meu plano, mas eu vou preparar, porque eu vou precisar em algum momento”. Então, é um salto gigantesco. E ver também como a instituição cresceu junto, amadureceu também. Enquanto eu amadureci como pessoa, como professora, como profissional, vejo que a instituição foi amadurecendo.

Acima de tudo, formar pessoas

Eu vejo de forma muito positiva, como nós estamos hoje, como o curso está hoje. Mesmo não estando lá o ano passado, e este ano, como professora, mas estou sempre acompanhando, sempre participando das atividades. Eu vejo o curso como aquilo que deu certo, que realmente vem cumprindo o seu propósito de formar jornalistas, mas acima de tudo de formar pessoas. No Curso de Jornalismo a gente tem muito isso, a gente não está formando técnicos, para serem jornalistas técnicos, a gente está formando profissionais, pessoas na sua completude. E de realmente ter esse engajamento com o próprio curso, com a própria instituição.

Hoje a gente vê que existem muitos projetos que são desenvolvidos dentro da instituição, que são desenvolvidos pelo Curso de Jornalismo, como esses projetos têm um efeito extremamente positivo nas comunidades em que eles são desenvolvidos. Então, eu vejo que há

aquela quebra de murros, de dizer assim: “O curso está aqui na Uespi, mas ele não é um curso da Uespi para a Uespi, ele é um curso da Uespi para a comunidade, para a sociedade”.

Então, sempre buscando ter essa interação de envolver a comunidade, de ter esse retorno social. E aí, eu vejo o curso hoje como uma mola propulsora realmente, que dá esse engajamento, que dá essa visibilidade para a instituição como um todo e que dá uma visibilidade para o curso, né.

Antes a gente tinha aquela ideia... hoje ainda se tem, mas não tanto, de dizer assim: “Ah, vai fazer jornalismo?”. Virava para o pai, para a mãe e dizia assim: “Tu vais deixar, esse menino, essa menina fazer jornalismo?”. Aquela coisa de dizer: “Ah, não dá dinheiro”. Porque se tem hoje muito essa preocupação. “Você tem que se formar naquilo que vai lhe dá dinheiro”, né... E não!

O jornalismo vem aí para dizer assim: “Dá para viver, dá para viver bem”. Você tem como ser um excelente profissional, num excelente local de trabalho, de ser reconhecido e de quebrar aquele estereótipo de dizer assim: “não, fez Jornalismo porque não conseguiu passar em outra coisa”. “Não, fiz Jornalismo porque eu quis, realmente! E sou muito satisfeita enquanto jornalista, enquanto profissional do jornalismo, enquanto professora de Jornalismo que eu escolhi ser”.

Então, eu vejo que o curso, hoje, veio e disse assim: “Estou aqui e eu vim para ficar! E eu tenho o compromisso de dar esse retorno para a comunidade, para a sociedade”. E nós vemos realmente hoje os nossos alunos, os nossos egressos por aí... Eu sempre digo assim, quando eu vejo alunos e ex-alunos ocupando os seus espaços, se mostrando enquanto bons profissionais: “cara, deu certo, né?! Está dando certo!”. Então, hoje, eu olho para o curso com essa sensação de que ele tem um propósito e que ele vem cumprindo com esse propósito, que é de formar pessoas e de a gente vê essas pessoas aí, a gente vê que esse retorno existe, realmente.

Eu cresci e vejo o crescimento da Uespi

Eu lembro que quando a Uespi inaugurou o prédio novo, eu já formada há uns 200 anos, e professora, eu cheguei lá na Uespi e eu olhava assim e eu dizia: “meu Deus, a gente tem um prédio!”. E ficava assim, aquela coisa... “A gente tem sala! A gente tem ar-condicionado na sala!”. É engraçado e emocionante, ao mesmo tempo.

Hoje, eu sempre digo para os meus alunos: “olha, a gente não teve isso, a gente não teve uma câmera, um livro e eles tem”, falo sobre isso com a voz embargada e os olhos lacrimejando. Ok, pode não estar ainda tão bom quanto gostaríamos, ainda não é suficiente, nunca está, a

gente sempre quer mais, mas comparado ao que a gente não teve...”. Toda vez que eu passo na Uespi, eu olho e digo: “gente, olha que linda!”.

Ninguém pode falar mal: “a Uespi é feia”. Outro dia, alguém passou e disse assim: “ah, eu achei o prédio da Uespi tão assim...”. Eu disse: “assim como?”, já fui logo... “não, eu achei assim, pequeno, não sei o que...”. Eu disse: “o prédio é lindo! Ele é perfeito! Ele... ele é um prédio! A gente tem um prédio! A gente tem uma estrutura!”.

Então, eu vejo que assim... eu cresci e vejo esse crescimento da Uespi, vejo hoje os professores que estão lá, que realmente têm o compromisso de dizer assim: “não, eu quero dar aula, eu vou dar aula, eu tenho um compromisso com esses alunos”. E não é criticando aqueles que nós tivemos e não tiveram esse compromisso... Eles também, sei lá, caíram ali de paraquedas... Mas, aqueles que tiveram compromisso e que carregam até hoje também contribuíram para esse engrandecimento que a instituição tem hoje.

Eu olho para a Uespi hoje... A gente tem realmente o ensino, a pesquisa e a extensão. A gente vê esses meninos no primeiro e segundo período com artigos bem-feitos, se destacando nos eventos, indo para os eventos com artigos prontos. Não é aquela coisa: “Ah, eu vou participar”. Não! “Eu vou apresentar trabalho!”.

E eu fico muito orgulhosa de ver isso, de ver que tem esse engrandecimento da instituição, e realmente contemplando os três pilares do ensino, da pesquisa e da extensão, para que eles realmente tenham essa amplitude na formação e não se formem apenas técnicos para operar uma câmera, para fazer uma matéria, para produzir um conteúdo. Não, eles realmente começam a se formar com essa completude de saber... “Não, não é só isso, não só ir para a frente de uma câmera e gravar uma entrevista com alguém. Não só produzir um texto para o rádio, para a TV, para a internet...”.

Existe uma amplitude maior, eu posso ser professor, eu posso ser um pesquisador da área... Na minha época, a gente não tinha a mínima noção. “Não, a gente vai se formar, a gente vai arrumar um emprego na rádio”, porque era aquela cultura... Nós ainda temos uma cultura muito forte do rádio, aqui em Picos, né. Na época, a TV Picos também nos foi útil. A fundação da TV Picos foi ainda durante o nosso curso, e a gente teve essa experiência também de usar a TV como laboratório, de estagiar na TV Picos. E, hoje, a gente vê que não é só um caminho, são vários caminhos pós-formação acadêmica.

As lembranças mais recentes, já como professora são sobre a questão do prédio como eu falei, essa mudança do prédio, de ter laboratórios para poder dar aula, levar esses alunos para os laboratórios. É inevitável a gente fazer a comparação do que era a Uespi, de como era a Uespi, e de como é que ela está hoje.

E, assim, eu como professora, eu sempre me pego parada fazendo essas comparações. “Gente, como a gente era e como está agora...”. Em relação mesmo ao curso, de avançar nessa questão estrutural, mas também dos próprios professores... E eu vejo também os alunos de hoje com uma maturidade maior, com um compromisso maior, com um comprometimento maior.

E isso junto com o comprometimento dos professores, se tem um resultado satisfatório. É tanto que a gente vê que, hoje, a Uespi sempre sair na frente em resultados, em avaliações, nos Enades da vida... Até os outros cursos, por exemplo, o Curso de Direito, em relação à OAB, eles sempre têm um índice de aprovação gigantesco.

E as lembranças mais recentes são essas, de ver realmente o engrandecimento enquanto instituição mesmo, enquanto instituição no todo, o aluno, o professor, o funcionário do administrativo, de como os processos acontecem, de como esses processos realmente têm uma ligação, são engrenagens funcionando e fazendo com que a instituição cresça ainda mais.

Orgulho gigantesco

Por fim, quero só dizer assim da satisfação que eu tenho de ser cria da Uespi, de ter me formado na Uespi, de ter voltado como professora da Uespi. Para mim, é um orgulho! Eu me sinto muito orgulhosa de ser realmente fruto da Uespi e de dizer assim: “eu me formei na Uespi!”. Tenho orgulho em dizer isso, “me formei na Uespi, sou professora, voltei como professora para a Uespi para contribuir com esse curso que eu acredito, que eu confio e que, para mim, eu tenho orgulho gigantesco”.

Quando eu falo na Uespi, eu falo assim, rindo... Aquela coisa: “se formou onde?”. “Na Uespi! Eu me formei na Uespi!”. Hoje, eu estou na Universidade Federal, mas quando alguém pergunta: “você veio de onde?”. “Sou da Uespi!”. E eu tenho orgulho de dizer, “sou da Uespi!”. Amo a Uespi! Amo, assim, de paixão! E eu posso falar, ninguém pode.

Só pode falar mal da Uespi quem é de lá, quem vivencia e quem está contribuindo para que ela melhore, não é só jogar pedra e dizer: “Ah, está ruim, está errado, está isso, está aquilo...”. Não! Mas é procurar as soluções, como a gente fez a vida toda e quem está hoje faz do mesmo jeito, encontra o problema e diz: “Não, mas aqui tem a solução e a gente vai conseguir sanar essa falha”.

PARTE 2
HISTÓRIA ORAL DE VIDA:
NARRATIVAS DE VIDA DE PROFESSORES DE JORNALISMO DO PIAUÍ

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE DANIEL VASCONCELOS SOLON

Entrevistado	Daniel Vasconcelos Solon
Ano de ingresso na docência da Uespi	2004
Tempo de docência	18 anos
Formação	Doutorando em História (ULisboa) Graduado em Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo (UFPI)
Data da entrevista	11 de fevereiro de 2021
Local	On-line
Formato	Audiovisual
Duração	01:01:02
<u>Acesse a entrevista neste link.</u>	

Vontade de ser jornalista

Meu nome é Daniel Vasconcelos Solon, sou filho de dois funcionários públicos, minha mãe é enfermeira, o meu pai era técnico do INSS e, também, professor da Universidade Estadual do Ceará, no Vale do Acaraú, em Sobral. Eu sou de Sobral. E passei minha infância toda também em Sobral, a adolescência também... Aos dezoito anos foi que eu tive que sair da cidade para fazer universidade. No caso, eu escolhi fazer o vestibular na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Eu estudava no Colégio Geo Sobralense, no Ceará, que se tornou uma rede de escolas e se expandiu para outras cidades, outros estados, inclusive, tinha uma filial em Parnaíba, no Piauí. E, nesse sentido, na época do vestibular, a escola estimulava a gente a fazer o vestibular também em outros estados, dando essa estrutura para quem quisesse fazer vestibular no Piauí, que teria moradia e tal...

Na escola, eu gostava mais da parte das disciplinas de humanas e ficava muito agoniado com as disciplinas de exatas. Sempre gostei de história, de literatura, sociologia, geografia, essas coisas assim... Desde cedo, como eu gostava dessas disciplinas de humanas, também gostava de discutir política e estava vivendo o final da ditadura militar. Nasci em 1975, mas, quando eu estava, de fato, com alguma consciência política, ainda era muito recente a queda do regime militar. E aquilo despertou em mim muita curiosidade política. Passei a participar do movimento estudantil já naquela época.

No início, tinham questões mais também urgentes na escola, uma escola particular que tinha vários problemas e que a gente se mobilizava lá para resolvê-los. Além disso, acompanhei o Fora Collor. Teve um grande movimento nacional da derrubada do Collor de Melo, e a gente,

enquanto estudante secundarista, também participou desse processo da derrubada do presidente Fernando Collor de Melo.

E, naquela época do meu ensino médio, na escola, eu já tinha uma vontade de ser jornalista. Eu e outro colega tínhamos um jornalzinho, um jornal-mural, que causava sempre alguma polêmica dentro da escola, porque tocava em assuntos políticos e problemas da própria escola e isso, certamente, não agradava a direção. A gente sofreu alguma censura...

Isso foi no primeiro ano científico. Com essa experiência do jornal, eu percebi que iria fazer Jornalismo. E, naquela época, em Sobral, uma das cidades mais desenvolvidas do Ceará, mas, do ponto de vista do jornalismo era bem atrasado. Isso causou algumas dores nos meus pais, que tinham a preocupação de como é que eu iria sobreviver, depois de formado, porque de jornalismo não daria para sobreviver...

Até que meu pai, uma vez, me chamou, depois que passei no vestibular, e disse: "E aí, você vai fazer esse curso mesmo?". "Sim". E ele dizia: "Olha, porque eu não conheço nenhum jornalista que é só jornalista. É jornalista que é padre, é o jornalista que é advogado, jornalista que é professor, é jornalista que é isso e aquilo outro. Mas eu não conheço nenhum jornalista aqui em Sobral, que seja só jornalista". Era, de fato, uma visão que ele trazia e que era correta, dentro dessa profissão, numa cidade não tão desenvolvida naquele momento dentro da comunicação.

Saindo de Sobral para Teresina, a gente foi, então, iniciar aí o Curso de Jornalismo, numa cidade que eu não conhecia ninguém, que eu não tinha parentes, que eu tinha apenas amigos muito distantes do meu pai.

De estudante engajado a jornalista e professor politizado

O meu pai era professor do curso, se eu não me engano de Letras Inglês, na Universidade Estadual do Ceará, em Sobral, e eu também eu tinha esse orgulho do meu pai por ser educador. Certamente, isso também pode ter me influenciado nesse sentido.

Quando eu, de fato, despertei para isso foi exatamente dentro da universidade, concomitante à defesa que a gente fazia na luta pela melhoria da universidade, fazendo parte do movimento estudantil. Fiz parte de chapas para Centro Acadêmico, participei do momento de reorganização do movimento estudantil na UFPI, participando de uma gestão do DCE (Diretório Central de Estudantes).

Nesse momento, a gente estava bem engajado na luta contra a privatização da universidade. Havia um projeto de emenda constitucional tramitando no Congresso, e uma das coisas previa, inclusive, cobrança de mensalidade. A gente foi à fundo nessa luta contra esse

projeto, a gente fez toda uma discussão sobre a questão da qualidade da universidade, a qualidade do ensino, da pesquisa, da extensão, da estrutura...

E isso me despertou para pensar também a universidade, como é que ela poderia ser, como é que o Curso de Comunicação poderia ser. Foi um despertar para questões, por exemplo, que eu não tinha, que era estrutura, que era incentivo para o ensino, para a pesquisa, para a extensão. E como eu me apaixonei por aquilo, por essa luta em defesa da universidade e via também alguns professores engajados nessa luta, acabei tendo também como referência esses modelos, essa luta para fazer parte também da universidade.

É basicamente um sonho que passa na nossa cabeça. E ao ver a universidade e possibilidades de atuação enquanto profissional, a gente vislumbra também essa possibilidade de atuar enquanto jornalista, mas não somente no que queria, que era, de imediato, o jornalismo impresso, mas também na docência. Foi aí, mais ou menos, que eu senti que poderia caminhar nesse sentido, caminhar na docência.

Só que as coisas nem sempre acontecem do jeito que a gente quer, né... Tão logo eu acabei o curso, eu também tive que me dedicar muito ao trabalho. Um trabalho muito, digamos, difícil de você conseguir sobreviver apenas de um, dentro do jornalismo. Então, eu acabei me esforçando para trabalhar também com assessoria de imprensa, prestar serviços para sindicatos, para fazer jornal de sindicatos, entidades... E isso acabou me afastando de imediato dessa vontade que eu tinha, que era de ter essa experiência com docência.

Mas mesmo com essa dificuldade, que era ter essa disponibilidade para fazer um curso, pensar, inclusive, em sair para outro estado e fazer um mestrado, doutorado, a gente mantinha aquela ideia de quem sabe, se surgisse oportunidade, a gente, então, poder também lecionar no Curso de Jornalismo.

Basicamente, a minha formação, depois da graduação foi depois de ver que poderia conciliar trabalho e estudo, foi fazer a especialização em Comunicação Institucional, na UFPI. A primeira especialização que a UFPI tinha oferecido foi em Comunicação e Publicidade, inclusive, essa eu até tive bem mais interesse de fazer, mas acabei não passando no processo seletivo, que não estava muito atrativo, na hora da avaliação. Acabei esperando, então, outra oportunidade, que foi essa de Comunicação Institucional.

Depois desse título é que eu pude fazer o concurso da Uespi (Universidade Estadual do Piauí, porque a Uespi tinha aberto um edital, se eu não me engano, tinham três vagas, e estabelecia lá que a prioridade na inscrição, durante um determinado prazo, era para professores doutores e mestres e que só iria abrir inscrição para especialistas se não houvesse procura muito

grande, um número “x”, que eu não estou lembrado qual era. O fato é que acabou abrindo a inscrição para especialistas, e deu a sorte de eu, nesse processo, passar.

Para passar, eu me lembro que tive que sair do emprego para estudar... Fiz uma aposta, na verdade. Trabalhava no jornal *Diário do Povo*, e, quando abriu a inscrição para o concurso, eu pensei: "bom, essa vai ser minha chance de entrar na universidade, de voltar para o âmbito acadêmico da comunicação", que era uma coisa que eu pretendia desde o início. E vi que para ter essa chance, eu tinha que mergulhar nos estudos, cair nos livros, na bibliografia que ofertaram e ir para a disputa. Por isso que eu fiz.

Na época, a minha companheira, também jornalista, segurou as pontas, continuou trabalhando com assessoria de imprensa, enfim... Eu também fazia alguma coisa com ela, mas eu estava mais dedicado nesse último mês apenas para fazer o concurso. E, felizmente, caiu um tema que eu gostava, que era teoria, e na prova escrita, eu tive uma boa prova, fiz uma boa nota.

Formação para ser professor

A gente tinha um sonho de ser professor, eu tinha esse sonho de ser professor, mas também eu era muito crítico, até hoje eu carrego esse defeito comigo mesmo de duvidar um pouco como é que eu poderia ser capaz de lecionar, sem ter tido, por exemplo, uma formação específica para docência. Eu achava muito bonito alguns professores que faziam aulas maravilhosas! Isso, eu sabia que também não era para todo mundo.

Eu achava assim, "não, esse cabra deve ter um dom, aí, alguma coisa que faz com que ele dê essa aula maravilhosa". E aí, eu achava também que esse professor talvez tivesse investido nisso, em formação dele enquanto profissional. Depois, eu fui ver que não era bem assim. A formação deles também tinha sido com muita dificuldade.

E a minha também foi, por conta dos problemas estruturais da universidade, do Curso de Comunicação, da falta de professores, mas também pela questão que é de não ter dentro do Curso de Comunicação, na graduação, um incentivo para essa visualização de que também você poderia também ser professor e, com isso, uma das coisas do trabalho docente, que é a questão de lecionar. As monitorias eram pouco estimuladas, tinha pouca monitoria... A pesquisa também não era tão estimulada, nem a extensão. E isso acabou também fazendo com que esse aspecto de formação para docência não fosse positivo.

O contato que eu tive de formação para a docência foi com uma disciplina do curso dessa especialização em Comunicação Institucional, que falava especificamente nisso, de docência no ensino superior. Se eu não me engano era essa era a disciplina do curso. E a outra formação que a gente teve foi mais no sentido de, digamos, acolhida. Foi quando o Centro de

Ciências da Educação ofereceu uma oficina, um minicurso aos professores que passaram no concurso da Uespi, ligados a esse centro, como é o caso do Curso de Comunicação, participaram.

A gente teve, ali, acesso a algumas leituras sobre docência, planejamento de aula, divisão de tempo da disciplina, formas de avaliação, enfim... Coisas que, de fato, são básicas para quem é docente. E a gente aprendeu ali, digamos assim, meio que na prática mesmo, na marra, com muita dificuldade.

E eu acho que a formação que eu tive, enquanto docente, foi mais nesse sentido também individual. E a universidade não tinha e não tem ainda uma política apropriada para pensar na formação desses profissionais que estão chegando ali. E isso melhorou alguma coisa nos últimos anos, mas, do ponto de vista da formação docente, ainda continua muito ali no improvisado, os professores é que correm atrás das suas formações.

E, às vezes, de forma individual, sem pensar coletivamente com o curso qual poderia ser a melhor formação para atender à situação específica do curso naquele momento. Então, o professor é que acaba tendo essa iniciativa individual de escolher o curso, e onde é que vai fazer o curso, enfim, não é uma política da universidade pensar junto com o professor qual poderia ser a melhor formação, como e onde.

Eu sempre fui muito feliz do ponto de vista de ter conseguido entrar na universidade, fazer o que eu queria, que era essa questão da docência, apesar dessas minhas fragilidades do ponto de vista da didática, por exemplo. Eu só fui saber que tinha que dividir o quadro para você escrever a aula, colocar o nome do professor, da disciplina, aquela coisa bem básica lá, que você faz na hora de abrir uma aula, dois dias antes da prova didática, do concurso da universidade. Aprendi isso com um amigo meu, dois dias antes do concurso.

Eu fazia autocrítica. Eu sabia que para ser um bom professor, eu teria que tentar melhorar muito nesse aspecto. Mas uma coisa que eu tinha segurança nessa questão de assumir uma sala de aula era exatamente minha característica de gostar de estudar, porque isso ajuda. Quando você gosta de estudar, você vai aprender, buscar melhorar.

Além disso, a minha experiência prática. Como eu tive experiência em assessoria de imprensa, em jornalismo impresso, em jornalismo sindical, e com os movimentos sociais, comunicação popular, então, eu achava que, pelo menos nessas áreas, se eu pegasse disciplinas dessas áreas, eu poderia dar com bastante tranquilidade.

Tinha que melhorar obviamente a questão da organização da aula, de como é que seria uma aula, planejamento da disciplina, mas isso eu sabia que poderia fazer e aprender na caminhada. Mas eu só tive essa coragem mesmo de fazer o concurso para professor, porque,

por causa da formação que eu tive na universidade, digamos assim técnica e, também, da do próprio exercício da profissão.

Eu poderia contribuir em algumas disciplinas que eu me interessava, que era exatamente a prática do jornalismo impresso, redação de jornalismo, rádio e, também, em disciplinas mais teóricas, que eu gostava, inclusive ética e tal... Então, eu sabia, que nesse aspecto, se eu passasse no concurso, eu poderia assumir tranquilamente essas disciplinas, mas, sabendo, desde o início, que eu deveria me esforçar para aprender como é que era ser, de fato, professor.

A minha formação também foi bastante humana, e isso foi positivo. Tem a ver com, desde cedo, me envolver com os movimentos sociais. Eu sabia que se eu fosse entrar em sala de aula, eu também teria que colocar em prática, inclusive o que eu defendia, enquanto estudante, que era um ambiente mais democrático possível em sala de aula, onde eu pudesse respeitar a individualidade de cada estudante, as dificuldades que eles tinham, os problemas também que eles traziam desde sua questão social, as dúvidas que eles tinha com relação ao curso, se seria aquele mesmo, enfim... Tudo isso que eu vivi enquanto estudante, de visualizar, inclusive, futuro da profissão, sobrevivência...

Quando eu entrei em sala de aula como professor, a minha primeira preocupação foi essa, de certa forma pensar, como é que eu, enquanto estudante, gostaria que fosse o professor, do ponto de vista da responsabilidade, do ponto de vista da sensibilidade com as realidades específicas de cada um, enfim... E foi isso que eu tentei fazer, no início, quando entrei no Curso de Comunicação.

Questão de sobrevivência

Agora, se o Curso de Comunicação foi o início dessa viragem, dessa mudança de atuação profissional, naquele momento, o curso também me possibilitou pensar em fazer outras coisas. E foi assim, por exemplo, que durante o mestrado, eu também via outra oportunidade de atuar com jornalismo. Foi quando surgiu o concurso do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) para assessoria de imprensa.

Como para dar aula tem que estudar, eu acabei estudando para o concurso do Incra, mesmo sem querer, querendo. E aí, mesmo sem fazer nenhuma formação para outras disciplinas lá do concurso, acabou que as disciplinas teóricas me ajudaram a fazer aí essa preparação para o concurso do Incra.

O que acabou também melhorando a situação de sobrevivência que a gente tinha, do ponto de vista financeiro e familiar. Agora, por que que eu estou falando isso? O que é que isso tem a ver com a Uespi? Porque, obviamente, se a universidade tivesse uma política de incentivo

ao professor, incentivo a que ele se qualifique, e valorizasse esse professor para que ele possa ter condições de lecionar e de sobreviver dignamente, obviamente, eu não teria saído à procura de outro concurso.

Então, quando eu fiz essa escolha, também para tentar melhorar o orçamento em casa, e passei no curso, obviamente isso também me tirou de foco a universidade. Eu não tinha como, naquela situação, naquele momento, ser professor da Uespi em dedicação exclusiva, porque as condições salariais não ajudavam a me manter, ali apenas na Uespi.

Então, quando você não tem esse foco para uma coisa, acaba que você tem que administrar seu tempo, às vezes, precariamente, para dar conta de dois empregos. Vai além de questão de deslocamento, de uma local para outro da cidade, é também a questão de você ter mais tempo para se dedicar às leituras, aos trabalhos, ao planejamento de aula, enfim, tudo isso que vai afetar a nossa convivência também enquanto profissional.

A lei permite, no caso do professor, ter outro trabalho técnico, quando dá para conciliar. No caso do Incra, são 25 horas semanais. Quando fiz o concurso, e até hoje é assim na realidade, no lugar onde eu trabalho, menos do ponto de vista do esforço intelectual e, também, do ponto de vista da carga horária, é o local que me paga mais, é o que salarialmente mais compensa.

Quando eu pensei em fazer o doutorado é exatamente para que tivesse a possibilidade de escolha. De, com o curso de doutorado, você ter como se planejar do ponto de vista profissional para decidir se você vai continuar nesse ritmo alucinante, louco, dois empregos, ou se dedicar apenas a um. E esse é meu plano. A idade está chegando... Daqui a pouco, eu não estou com esse pique todo. E, certamente, é qualidade de vida também se esforçar e se dedicar a apenas um emprego. Essa é minha vontade.

Dificuldades, afetações, aprendizados e agradecimentos de um jornalista e professor

Penso que eu tive muita sorte de ter feito as escolhas certas, no momento certo, do ponto de vista profissional. Se eu não tivesse essa consciência, enquanto jornalista de redação, de que eu poderia fazer algo que desse mais prazer e mais liberdade para atuar enquanto jornalista e jornalista docente, eu estaria assim com o futuro profissional bem difícil de lidar nas redações, diante da realidade do mercado no Piauí, tanto pela questão do trabalho precarizado do jornalista mesmo, dos salários, que são muito baixos, que obrigam você a ter a dupla função, inclusive, é uma questão que o código de ética não condena, mas apenas dá orientações de como é que pode ser feito esse trabalho de jornalista e assessor de imprensa.

Então, essa minha visão, naquele momento lá, da precarização do trabalho do jornalista, das dificuldades de você sobreviver com o salário e, também, das dificuldades de você pensar

a longo prazo a sua profissão e saber que, do ponto de vista político, tinha essa questão de ter o máximo de independência possível dos governos, de ser crítico aos governos, isso poderia acabar, em um dia ou outro, resultando em uma demissão e fechamento de portas no jornalismo.

Eu visualizei o Curso de Jornalismo, nesse sentido, algo que me estimulasse intelectualmente a desenvolver um trabalho que fosse atrativo e que atendesse essa minha expectativa enquanto pessoa também, e ao mesmo tempo, uma carreira em que eu pudesse crescer e ter um pouco de estabilidade e liberdade para pensar e para atuar. Essa era a minha visão, naquele momento.

E foi assim que eu me encontrei entre jornalista profissional da prática, das redações para visualizar um outro profissional que seria dedicado a fazer as coisas que poderiam ser mais interessantes, problematizar o mundo e o próprio jornalismo. Então, foi isso que me fez também pensar na carreira de professor na Uespi, no caso, professor de Jornalismo.

Preciso dizer que eu não sou professor exemplar, não sou o melhor professor! Tenho muitas falhas, ainda hoje, enquanto professor. Mas, humildemente, eu sei que posso melhorar e posso contribuir com a formação dessas pessoas que procuram o Curso de Jornalismo. Teve momentos que eu achava que poderiam ser melhores, ser diferentes, mas eu percebo também que essas dificuldades que tive e que, muitas não são só minhas, são dificuldades que afetam muita gente, porque a universidade, a educação não é algo individual, é algo coletivo, eu sei que muitos desses problemas foram ocasionados, exatamente, por conta dessas dificuldades que a gente vive na sala de aula, na realidade, na sociedade como a gente vive hoje.

Eu fiz um desabafo, no *Facebook*, uma vez sobre dramas que eu vivi em sala de aula, da experiência que eu tive de ter que assumir uma disciplina que eu sabia que eu não poderia ter assumido, e acabei tendo um trauma com relação a essa disciplina. E que me afetou bastante do ponto de vista da saúde mental mesmo. De você ter que aturar uma disciplina que você sabia que não estava rendendo, não era legal. E tive até um início daquela síndrome de *Burnout*, que era de você chegar no dia daquela disciplina e fazer tudo, menos ir para a universidade. Ou seja, são coisas que afetam a vida de pessoas que se sensibilizam com o mundo, com os problemas que o rodeiam, enfim, e que acabam também refletindo na sua vida profissional.

Depois de tantos tempos enquanto professor, eu tenho muito a agradecer aos alunos pelo que eu aprendi com eles, a experiência que eu tive... Eu tenho muito mais a agradecer aos alunos do que os alunos têm a me agradecer. Agora, o que me deixa feliz nessa profissão é que muitos dos alunos e alunas que eu tive contato, eu tenho um carinho muito grande por eles, muitos deles são amigos hoje, e são excelentes profissionais, excelentes pessoas... E a gente acaba ficando bem feliz, quando alguns deles chegam e comentam como foi legal alguma experiência

na universidade, do ponto de vista da formação técnica, como também do contato humano, das discussões políticas, da luta em conjunto pelas melhorias da universidade, enfim... E eu acho que é importante também.

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE FRANCISCO LAERTE JUVÊNCIO MAGALHÃES

Entrevistado	Francisco Laerte Juvêncio Magalhães
Ano de ingresso na UFPI	1986
Tempo de docência	36 anos
Formação	Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ) Graduado em Bacharelado em Comunicação Social (UFC)
Data da entrevista	10 de fevereiro de 2021
Local	<i>On-line</i>
Formato	Audiovisual
Duração	51:14
Acesse a entrevista neste link.	

Do Ceará ao Piauí

Eu sou de origem cearense, nasci no município de Paracuru, mas fui registrado no município de São Gonçalo Amarante, no Ceará, em 1952, século passado, então, eu tenho 68 anos. Enquanto morei em Itapipoca, estudei em escola pública até por volta dos anos 1970. Daí, me mudei para Fortaleza, nessa época, e aí eu retomei os meus estudos no colégio particular, Colégio São Francisco.

Por ser um colégio particular e como eu não tinha dinheiro para pagar as mensalidades, eu passei a prestar serviços de programação visual no colégio. Fazia cartazes, mensagens, faixas, essas coisas... E, assim, eu passei boa parte do meu segundo grau, estudando nesse colégio.

Depois, eu transferi para um colégio público, Colégio Joaquim Nogueira, onde eu concluí o nível médio. Ao mesmo tempo em que cursava o segundo grau no Colégio Joaquim Nogueira, eu comecei a trabalhar no comércio, em lojas... Quando foi em 1979, eu prestei vestibular para Comunicação Social, na Universidade Federal do Ceará, e fui aprovado. Então, eu fiz o vestibular em 1979, e iniciei o curso em 1980.

Quando foi em 1983, 1984, por aí, eu concluí o curso e comecei a trabalhar. O meu Curso de Comunicação era polivalente, ele não tinha habilitação específica, como hoje tem de Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, essas áreas... Eu estagiei na área de publicidade e propaganda e fui trabalhar profissionalmente nessa área.

Quando foi em 1985, eu recebi um convite para vir fazer um trabalho como *freelancer*, aqui em Teresina, numa agência de publicidade, chamada Marka na época, não sei nem se ainda

existe. E aí, dessa agência, eu me transferi para a agência do Grupo Claudino, a Sucesso, também como redator de publicidade e como produtor de rádio, TV e cinema.

Aí, fiquei na Sucesso até 1986, quando eu prestei concurso para a Universidade Federal do Piauí, para ser professor na vaga da professora Walda Neiva, que havia morrido em um acidente automobilístico, em Picos. E a professora Walda Neiva, ela era professora do Centro de Ciências da Educação, era a professora que, na verdade, fundou o Curso de Comunicação na Universidade Federal do Piauí.

Inclusive, o Curso de Comunicação, aqui na UFPI, tem essa particularidade, que é ser vinculado a um Centro de Ciências da Educação. Em geral, os cursos de Comunicação são vinculados aos centros de ciências humanas e letras. Mas, aqui no Piauí, é vinculado ao Centro de Ciências da Educação, exatamente por isso, porque ele foi fundado por uma professora de Educação, e tinha uma proposta, na verdade, que era uma proposta de educação.

Esse curso não foi criado para formar jornalistas, ele foi criado para formar um profissional que seria chamado de comunicador educativo popular, com um perfil profissional que estava proposto numa publicação, se eu não me engano, era a tese de um pesquisador uruguaio chamado Ruan Dias Bordenave. Ele tinha um livro publicado com essa proposta da criação do comunicador educativo popular, e a professora Walda elaborou o projeto do Curso de Comunicação com essa perspectiva.

Aí, quando foi em 1988, a professora do Curso de Comunicação, Lavina Madeira Ribeiro, que depois, ela se transferiu para o Curso de Comunicação da Universidade de Brasília, de Brasília, na época, fez uma proposta curricular que mudava o perfil do Curso de Comunicação para a formação de jornalistas profissionais. E aí, esse currículo foi aprovado e, desde então, o Curso de Comunicação do Piauí passou a ter o profissional com esse objetivo. E já a primeira turma, que entrou em 1984, já saiu como jornalista.

Do fascínio pelo ambiente acadêmico

Quando eu ingressei como estudante de Comunicação, em 1979, 1980, na Universidade Federal do Ceará, foi diferente. Até então, eu sempre tive atividades profissionais na área do comércio, então, eu tinha uma cabeça de comerciante. Quando eu ingressei na universidade, o universo de liberdade se alargou tanto para mim que eu fiquei, assim, fascinado com o ambiente acadêmico. Eu pedi grupo de publicação, espaço de revistas literárias, eu participava de centro acadêmico...

Eu saía de casa de manhã, tipo sete horas da manhã para fazer educação física e ficava no espaço da universidade, às vezes, até meia-noite, às vezes, até mais, até de madrugada. E

voltava para casa. No dia seguinte, continuava do mesmo jeito. Quer dizer, eu vivi! Participava de eventos, de congressos, encontros em outros estados, representando os estudantes do meu curso... Então, vivenciei, experienciei a vida acadêmica de um modo muito intenso. Foi uma guinada que aconteceu em minha vida. Então, eu fiquei com essa sensação de que aquele era o lugar, o espaço que eu desejaria ocupar como profissional.

Ocorre que, como eu me formei em Comunicação e comecei estagiar com publicidade, e teve esse convite aqui de uma agência de Teresina para eu vir para cá trabalhar com publicidade, então, eu me dediquei a isso. Mas antes de eu fazer concurso na UFPI, eu prestei um concurso na UFC, porque eu queria voltar para o espaço acadêmico.

Outra coisa. Naquele colégio particular que eu estudei em Fortaleza, no início do ensino médio, que eu pagava com os meus serviços artísticos, digamos assim, produzindo peças de comunicação para o colégio, mas um serviço que eu também prestei, foi na área de magistério. Eu fui professor de educação artística, no ensino médio desse colégio. Então, eu tinha já uma experiência como professor e gostava de ser professor.

Quando eu cheguei aqui em Teresina, que prestei concurso para a UFPI e fui aprovado, para mim foi uma gratificação imensa, não só de ser aprovado, mas também de voltar para o ambiente acadêmico. Então, eu fui ministrar uma disciplina de Introdução à Fotografia, também a disciplina de Fotojornalismo e uma disciplina de Planejamento Gráfico. Eram três disciplinas que eu tinha a responsabilidade de ministrar no meu início, aqui na Universidade Federal do Piauí. E nessa época eu era só graduado, eu não tinha nem especialização.

Das experiências de pesquisa e de formação continuada no Ceará e Rio de Janeiro

Acho que em 1990, 1991, por aí, eu não lembro agora o período, mas eu cursei uma especialização em Filosofia Contemporânea, num curso que o Departamento de Filosofia da UFPI ofereceu, trazendo professores de fora. Só depois, em 1995, foi que eu fui cursar a outra especialização em Teoria da Comunicação e da Imagem, em Fortaleza.

Quando foi em 1989, na primeira eleição direta, eleição para presidente da República, depois da ditadura, passaram para o segundo turno, os candidatos Collor de Melo e Lula. Um dia, eu fui lancha no bloco vizinho ao nosso, onde tinha uma lanchonete, que ainda hoje deve ter, e uma banca de revista em frente, e lá eu me deparei com a capa da revista *Isto é*, ao lado da capa da revista *Veja*... E essas capas traziam a imagem do Collor e do Lula de perfil, um olhando para o outro, como se enfrentassem. Então, a capa reproduzia a disputa eleitoral do segundo turno que estava havendo naquele momento. Eu achei aquilo muito interessante. E aí,

eu comecei a me interessar em estudar esse fenômeno dessa disputa editorial simulando a disputa eleitoral...

Quando foi em 1995, eu fui para Fortaleza cursar uma especialização em Comunicação e Imagem, na Universidade Federal do Ceará (UFC), em convênio com a UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Aí, eu conheci o professor Milton José Pinto, que veio ministrar uma disciplina. Ele era pesquisador da área de Estudos de Linguagem, e utilizava exatamente o método comparativo, que batia um discurso com o outro para fazer ressaltar as diferenças.

E aí, deu certinho com aquela minha intenção de pesquisar o fenômeno da disputa editorial como simulacro das disputas políticas, quer dizer, comparar o discurso da revista *Isto é*, com o discurso da revista *Veja* a respeito da eleição presidencial de 1989. Então, fechou uma coisa com a outra...

No final do curso, havia a possibilidade de a gente fazer uma seleção lá mesmo, em Fortaleza, e, se aprovado, cursar mestrado na UFRJ, no Rio de Janeiro. Então, eu fiz seleção, fui aprovado. Quando foi em fevereiro de 1996, eu fui para o Rio de Janeiro, para a UFRJ, e cursei o mestrado até 1998.

Só que quando foi em junho de 1996, exatamente o ano em que eu estava lá, eu mudei de objeto, abandonei aquela ideia de pesquisar a eleição 1989 e passei a pesquisar a cobertura jornalística dessas duas revistas a que eu me referi, *Veja* e *Isto é*, sobre as mortes de Paulo César Farias e Suzana Marcolino. Então, o meu objeto de pesquisa passou a ser esse.

Paulo César Farias foi uma pessoa muito controversa. As mortes de Paulo César Farias e da Suzana Marcolino aconteceram em 1996, e nessa época, o Collor de Melo, que havia sido presidente da República, já havia sido impeachmentado, já estava fora do poder, mas o Paulo César Farias continuava como uma sombra ao redor dele...

E tinham umas lendas aí, umas histórias que contavam que ele viajava num avião supersônico, um avião chamado Morcego Negro, que tinha um dispositivo de despistar radares... tinha uma série de onda aí... E que ele continuaria arrecadando dinheiro para seguir o projeto de reeleição... numa outra eleição de Collor de Melo. Porque, inicialmente, quando Collor foi impeachmentado, em 1992, havia interrompido o projeto que eles tinham de passar 20 anos no poder.

Então, o Paulo César ia prestar depoimento para o STF (Supremo Tribunal Federal), mas foi morto uma semana antes de ele depor. É uma história muito longa, eu não vou entrar em detalhes, é uma história muito cheia de momentos inexplicáveis. Por exemplo, a mãe de Paulo César Farias apareceu morta, na cama, de manhã, e ninguém sabe as circunstâncias da

morte dela. Aparentemente, uma morte súbita, mas como ela estava envolvida com Paulo César Farias, que tinha muitos mistérios...

Outra coisa, Paulo César Farias, antes de ser preso, fugiu para a Europa. Ninguém sabia o paradeiro dele... Depois, foi descoberto que ele estava na Tailândia, e ele foi preso pela Interpol, e a Polícia Federal o trouxe de volta para o Brasil. Então, quando ele foi morto, em 1996, quando ele estava solto, não sei qual era a condição da soltura dele, uma liberdade provisória... E ele foi morto junto com a namorada, a Suzana Marcolino, numa casa de praia em Guaxuma, Alagoas, que era o estado de origem dele.

Eu vou citar só um fato para encerrar essa história aí. Sobre a morte dele, tinham duas versões. Uma versão era defendida pela *Isto é*, e a outra versão era defendida pela revista *Veja*. A versão defendida pela revista *Isto é* era de que a morte dele teria sido um duplo homicídio, alguém teria pago a uma pessoa para matá-lo. Então, não se sabia quem os havia morto, e quem era o mandante. Então, essa era uma versão muito complexa, porque teria um universo para pesquisar...

A outra versão, não, era uma versão que acabava em si mesma, era a versão defendida pela revista *Veja* de que, na verdade, ele teria sido morto pela Suzana Marcolino, que, em seguida, teria se suicidado. Então, era um homicídio seguido de suicídio. Nesse caso, encerra aí, porque quem matou, morreu... E essa versão do homicídio seguido de suicídio era a versão defendida pela polícia de Alagoas e pela chamada “grande mídia”, a revista *Veja*, *Folha de São Paulo*, *Globo*.... A outra versão era defendida, que eu lembre, pela revista *Isto é*.

E, para cada uma dessas versões, havia um perito que justificava a sua veracidade. No caso da *Veja*, o perito era um médico da Universidade de Campinas chamado Badan Palhares. E a versão da *Isto é* era sustentada por um perito chamado Júlio Sangue Neto, e era médico, perito criminal vinculado à Universidade Federal de Alagoas. Então, a história é essa... E aí deu uma cobertura, cada uma das revistas apresentava um discurso diferente, e esse foi meu objeto de pesquisa de mestrado.

Quando eu concluí o mestrado, em 1998, dois anos depois que eu comecei na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de imediato, eu entrei num processo, numa solicitação de continuidade dos meus estudos, pleiteando o doutorado. Então, meu pleito foi aceito, tanto pela Universidade Federal do Rio de Janeiro quanto pela UFPI, e eu fui aprovado na seleção do doutorado. Estiquei lá, continuei o doutorado com outro viés de pesquisa.

Na minha pesquisa de mestrado, eu usei um conceito, por exemplo, conceito denominado contrato de leitura. O contrato de leitura é um acordo estabelecido pelos meios de comunicação e sua audiência, e seus leitores, principalmente meios impressos, mas ele pode ser

metaforizado para meios eletrônicos também. No caso, eu estava estudando meios impressos, então, eu usei com mais propriedade essa ideia de leitura vinculada aos meios impressos. Fui pesquisar a *Isto é*. E o contrato de leitura, ele pressupõe a expectativa que a editora tem a respeito do que a leitura deseja alcançar, e a expectativa que o leitor tem em relação ao veículo que ao informativo, ao periódico que ele costuma ler, seja jornal, seja revista. Então existe uma expectativa de um lado e do outro.

E como eu tinha pesquisado no meu mestrado, a revista como uma produtora de discurso, uma mediadora, eu fui pesquisar o outro lado, o leitor. Então, pretendia fazer uma pesquisa de recepção, considerando a questão da leitura, quer dizer, a leitura como um processo de recepção.

E aí eu fiz uma pesquisa, elaborei um questionário e contratei uma pessoa em Teresina para aplicar esse questionário com leitores das revistas *Veja* e *Isto é*, e uma pessoa no Rio de Janeiro para aplicar na cidade de São Gonçalo e na cidade de Niterói. Eu não quis pesquisar a capital, porque, como Teresina, embora seja capital, ela tem um perfil de cidade menor do que o Rio de Janeiro, tanto do ponto de vista da densidade populacional, quanto do desenvolvimento tecnológico, em nível de mercado de trabalho, então, eu resolvi pesquisar duas cidades do Rio de Janeiro, que tinham perfil mais ou menos próximo de Teresina, seria a cidade de Niterói e São Gonçalo.

Eu fiz essa pesquisa e transformei esse material no meu objeto de tese. Defendi essa tese em 2002. De 1998 a 2002, quatro anos, exatamente o período que a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) me dá para realizar o doutorado. Então, em 2020 ainda eu voltei, mas não direto para Teresina, porque tinha sobrado um tempo aí de um semestre, mais ou menos, e aí eu fui para Fortaleza. E fiquei morando em Fortaleza um ano, mas com seis meses, eu vim para Teresina para retomar na minha ocupação como professor. E, eu ficava indo para Fortaleza, onde minha família estava, nos finais de semana. Então, quando foi em 2003, eu trouxe a família de volta para Teresina e retomei as atividades na Universidade Federal do Piauí.

Do retorno e da preocupação com a continuidade das pesquisas

Quando eu retornei, eu tinha uma preocupação que era o seguinte: “ora, eu fiz mestrado e doutorado direto, um ligado no outro, foi uma oportunidade que eu tive de ingresso para alcançar um volume e diversidade de conhecimento bastante ampla em todos os sentidos, tanto do ponto de vista dos estudos, da vida, da minha experiência de vida como morador do Rio de

Janeiro, e voltei...”. Eu fiquei preocupado com quem que eu iria dialogar, em Teresina, porque eu não conhecia ninguém que tivesse interesse nessa área que eu havia pesquisado, nessa metodologia que eu havia utilizado, que era análise de discurso, nos dois textos...

E aí foi quando eu comecei a perceber que tinha uns espaços interessantes, por exemplo, formação de um grupo de pesquisa, com alunos de graduação, com colegas professores, onde a gente discutia sistematicamente a questão da pesquisa científica, assunto ligado à mídia... E aí, eu adotei como centro desde interesse da minha pesquisa mídia, discurso e poder ou discurso, mídia e poder. Comecei a dar cursos de extensão com essa metodologia, ministrei alguns cursos aqui em Teresina.

Eu voltei em 2003, quando foi em 2004, alguns colegas do Departamento de Letras – professor Sebastião foi quem fez o convite junto da professora Auxiliadora... – eles estavam tentando criar um mestrado em Letras, com duas linhas de pesquisa: uma, Linguagem, e a outra, Literatura... E me convidaram para que eu me juntasse a eles, porque era um professor com doutorado a mais, e eu aceitei. E o curso foi aprovado na Capes. Então, de 2004 a 2011, eu ministrei disciplinas nessa área de análise de discurso nesse mestrado de Letras, da UFPI.

E fui continuando com minhas pesquisas, com as atividades lá de Letras e, também, como professor de graduação no Curso de Comunicação. E aí, você sabe que tanto a graduação quanto a pós-graduação têm atividade de orientação de produção de artigos... é até exigência, inclusive da Capes, para que o professor seja membro de um curso de pós-graduação, tenha publicações, pesquisa... Então, todas essas atividades me deram a oportunidade de colocar em prática e me dava uma resposta àquela minha ansiedade de ter interlocução em Teresina para continuar curtindo, pesquisando e mantendo vivos os conhecimentos que eu adquiri na área acadêmica, com o mestrado e o doutorado.

Quando foi em 2011, os colegas do Departamento de Comunicação fizeram uma proposta de criação do curso de mestrado, e me convidaram para participar. Foi dito que eu teria que escolher, ou eu continuaria como professor do programa de Letras ou do programa de Comunicação. Como eu era vinculado ao Departamento de Comunicação, eu escolhi ficar no de Comunicação, e saí do programa de Letras.

Então, de 2011 até 2020, eu continuei como professor do curso de graduação, como também do mestrado de comunicação. Ano passado, me aposentei, mas continuei no programa de comunicação como servidor voluntário, deixei só a graduação. Eu me voluntariei para continuar como professor, e estou até hoje. O meu interesse é que neste ano de 2021, eu me desligue do programa de comunicação. Já comuniquei lá que vou fazer isso. E só me mantenho

ligado até hoje, porque eu tenho uma orientanda, então, eu preciso que ela defenda, para eu poder me desvincular do programa.

Dos pontos de virada

Para mim, na minha vida, não só pensando nessa questão do magistério, tem três momentos que são mais marcantes, que foi o meu ingresso para cursar Comunicação na universidade federal, a minha experiência de conhecer a vida acadêmica, a liberdade que se tem de ser produtivo, de experimentar a vida de uma maneira plena.

E, também, a minha aprovação para professor da UFPI me trouxe de volta para a vida acadêmica e para um espaço que eu desejava como profissional e, também, um espaço de vida futura. E, depois, a minha ida para o Rio de Janeiro para cursar o mestrado e, depois, para cursar o doutorado. Passei lá seis anos, vivendo intensamente a UFRJ, vivendo intensamente a vida da cidade, conhecendo... Foi, de fato, uma reviravolta, uma ampliação de horizontes, esses três momentos.

Da formação constante e sempre em déficit

Quando eu ingressei na universidade, eu vi que a vida acadêmica era o que eu queria como futuro. Mas eu nunca fiz de proposito, planejei... tipo assim: “não, eu vou para Teresina e lá vou prestar concurso pra universidade”. Não pensei nisso. As coisas aconteciam meio que por acaso... É lógico que, quando eu presto concurso, eu tenho que estudar para aquele concurso e tal... então, tem um investimento de tempo, de dedicação, de escolha de bibliografia, de acordo com o edital etc. e tal... Mas, assim, planejamento mesmo, anterior, eu nunca fiz. Nem fiz para o Colégio São Francisco, lá em Fortaleza, e nem fiz para ingressar na UFPI.

Agora, existe investimento em outro sentido. Assim, eu sabia que além dos estudos que eu fazia para me preparar para fazer o concurso, eu teria também como professor, depois de aprovado, que me manter atualizado, porque esse é um aspecto da vida acadêmica, que ninguém fala, mas é impositivo.

Até um trabalho acadêmico que eu vou escrever, eu tenho que saber quais as obras que eu estou citando, que eu vou citar, se são obras atualizadas ou se são obras com certo tempo. Essas obras não muito atualizadas, digamos assim, do ponto de vista da publicação, elas são muito bem aceitas, quando elas são obras clássicas. Se eu tenho que ler algum livro de Platão ou de um autor clássico, do McLuhan, por exemplo, da comunicação, então, não interessa muito o ano de publicação, porque, como ele já morreu, a obra dele foi atualizada, no máximo, até o ano em que ele faleceu. Então, não tem muita importância pegar um livro, em que ele foi

publicado ontem, ou se ele foi publicado no século passado, porque é o mesmo texto. Mas livros de autores que estão vivos, é necessário, pelas exigências da academia, que eles sejam as últimas publicações, as mais atuais. Eu tenho que procurar autores mais atualizados para me manter em dia com a academia.

Então, nesse tempo, eu fiz um investimento financeiro na aquisição de obras. Fiz e faço até hoje, porque isso é para eu me manter atualizado. A televisão, por exemplo. Esse projeto da TV digital é um projeto muito novo, que não está nem concluído ainda, então, todo mês, todo dia, surge uma obra nova tratando dessa questão da TV digital no Brasil. Eu tenho que me manter atualizado em relação a isso. E, assim, com outros temas. E aí, eu fiz esse investimento, na realidade, financeiro, mas também, intelectual.

A minha formação não se deu apenas com os cursos de que eu participei, de graduação, de especialização, de mestrado, de doutorado... Mas também com as disciplinas. O que eu tenho que ler para ministrar as minhas disciplinas, o que eu tenho que ler para participar de grupos de pesquisa... Agora mesmo, no grupo de pesquisa que eu coordeno na UFPI, que é o Nepec, três alunos que pertencem ao grupo de pesquisa foram aprovados no mestrado. Quer dizer, isso é uma prova de que o núcleo de pesquisa tem um papel importante, né...

Outra coisa, nós estamos iniciando a leitura do conceito de gênero com relação a masculino e feminino e à transgeneridade... E é um tema que eu nunca tinha me detido a prestar atenção... Quer dizer, eu aprendo também, como coordenador do núcleo, eu também tenho que ler os textos, discutir, para poder dar a minha percepção...

Então, a formação ela é constante e está sempre em déficit. Se não se preocupar em atualizar e, também, em adquirir e olhar para outros lugares, a gente fica bitolado, fica ultrapassado rapidinho.

Das interseccionalidades com outras histórias

Eu tenho momentos de gratificação bastante interessantes. Eu já tenho a experiência de pessoas orientadas por mim, que, hoje, são professoras de universidade, porque já têm doutorado. Isso é uma das coisas que mais me gratificam, perceber que eu contribuí, em algum momento, com a carreira intelectual e profissional de várias pessoas. Não é uma, nem são duas! São várias pessoas que, se não são doutores, são mestres, estão na vida profissional como professores, o que também me dá a sensação de que esse conhecimento que a gente consegue orientar os alunos de pós-graduação em sala de aula, ele é prolongado nas experiências desses alunos nas suas salas de aula também...

Também não foi um, nem foram duas ex-alunas que já chegaram para mim e que dizem que, graças ao que nós expusemos, que nós mostramos, que nós apresentamos em sala de aula, essas pessoas, hoje, dedicam a sua vida a ensinar, a ler, a estudar a análise de discurso como compreensão do mundo, leitura do mundo. Então, para a gente, isso é muito gratificante. Ter essa sensação de que as pessoas seguem dando prosseguimento àquilo que obtiveram com você...

Além de ver ex-alunos concluindo cursos de doutorado, sendo aprovados em seleção de mestrado nessa área mais acadêmica mesmo, mais da pesquisa, quantos alunos, ex-alunos que passaram por salas de aulas minhas, hoje estão trabalhando como jornalistas no mercado? Né... São vários! Inclusive, com sucesso, alguns deles, com sucesso. Então, é a minha história, principalmente, como professor, interseccionando a história da comunicação em Teresina, no Piauí e no Brasil.

Hoje a professora Michelly Carvalho, que é professora da Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz, é uma ex-orientanda minha de Pibic, que depois foi para Portugal, cursou mestrado e doutorado lá e voltou para o Brasil, fez concurso, foi aprovada... E no doutorado dela, eu fui co-orientador, quer dizer, a gente tem uma história de participação e bastante proximidade.

O  professor João Benvindo, que também é professor do Departamento de Letras e professor também do Programa de Pós-Graduação em Letras, inclusive de mestrado e doutorado, também foi meu orientando de mestrado. E, assim, tem outros. Tem Vinícius, que não foi meu orientando, mas foi meu aluno, que também esteve no meu grupo de pesquisa, e hoje, está cursando doutorado no Rio de Janeiro. A Ana Carolina, que está cursando doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal... Então, tem gente no Brasil inteiro, que passou pela minha sala de aula ou que foi meu orientando ou aluno. É essa interconexão, essa interseccionalidade... Existe essa interseção da minha história, como professor, com a história da comunicação: Teresina, Piauí e Brasil.

Acho que eu tenho um certo orgulho de ter feito esse percurso e de ter percorrido esse trajeto da maneira que eu percorri. Evidentemente que não são só vitórias, existem também momentos de fracassos, digamos assim, existem também momentos de erros, de ter que corrigir. Mas, assim, avaliando de um modo geral, eu penso que foi muito mais positivo, eu tenho muito mais a comemorar, o que agradecer, do que o que lamentar.

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE JACQUELINE LIMA DOURADO

Entrevistado	Jacqueline Lima Dourado
Ano de ingresso na docência da UFPI	1991
Tempo de docência	31 anos
Formação	Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos) Mestra em Comunicação (UFRJ) Graduada em Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo (UFPI)
Data da entrevista	25 de fevereiro de 2021
Local	<i>On-line</i>
Formato	Audiovisual
Duração	51:26
Acesse a entrevista neste link.	

O começo é isso

Eu nasci num bairro bem pobre de Teresina, na Piçarra, na antiga Rua Nossa Senhora de Fátima, que hoje é Mestre Estevão. Eu sou uma pessoa caçula de cinco irmãos homens, duas irmãs mulheres, uma irmã de sangue, a outra, adotiva, e depois, adotamos mais uma que veio depois de mim. Quando nasci, eu fui bastante esperada. Minha mãe queria ter filhas mulheres, e só tinha filhos homens...

E eu nasci com o lábio leporino, o que causou muita comoção na família. Meu pai desesperados, e tudo, mas muito carinhosos. Minha mãe não tinha recursos, meu pai não tinha recurso nenhum, mas eu tinha tios que já moravam no Rio de Janeiro e tal, e minha mãe escrevia cartas, ela tinha a facilidade de escrever, embora tivesse pouco estudo. Meu pai tinha o primário, e minha mãe tinha até a sexta série.

Mas minha mãe soube por uma tia minha, eu acho, que tinha um cirurgião no Rio, que estava fazendo cirurgias e tinha sido responsável pela recuperação de muitos pacientes em um grande incêndio que houve num circo, no Rio de Janeiro. Essa história, inclusive, é contada em livro, no incêndio, a lona caiu sobre as pessoas e o fogo derretia as peles... Era um jovem chamado Ivo Pitanguy. E a minha mãe me levou para lá.

A minha primeira parte de tratamento foi com Ivo Pitanguy. Depois, quando cresci mais, eu fui fazendo outras cirurgias até os 13 anos. Então, minha infância foi marcada por viagens, por contatos, por curiosidade – eu sempre fui uma pessoa muito curiosa – e por muita luta... Minha mãe não deixava sequer eu dizer que tinha trauma, ela não admitia.

O começo é isso. Estudei em escola pública, à exceção de três anos, que estudei com bolsa no Colégio das Irmãs. Tive muita dificuldade em matemática, química e física, e isso impediu que eu fizesse até outros cursos, embora, gostasse de jornalismo e sociologia. E eu queria escrever poesia, queria ser historiadora, mas eu queria ser médica. Ainda hoje, eu acho que eu vou fazer Medicina. Eu sou uma pessoa que, nas horas vagas, eu fico vendo cirurgia, assistindo cirurgia, discutindo medicação e tudo... Assim, a minha curiosidade, minha vontade de fazer as coisas estão sempre aqui... eu nunca parei.

Quando eu tinha acabado de fazer dez anos, eu perdi meu pai, o que foi muito doloroso! Meu pai morreu de câncer provocado pelo cigarro. Meu pai fumava, não bebia. Ele teve um câncer no fígado. Eu não lembro, mas, depois, minha mãe dizia que, à época, a gente não encontrava nem pessoas para ajudar, porque o câncer ainda era considerado, para muita gente, contagioso.

Então, minha mãe teve que pedir ajuda a pessoas que vinham do interior do Maranhão, onde morava a irmã do meu pai, para que pudesse ajudar a lavar uma roupa, fazer comida... Porque minha mãe ficou direto com meu pai. Quando o meu pai foi diagnosticado, ele tinha sete meses de vida, e o médico acertou como quem acerta na loteria. Então, eu perdi meu pai, perdi essa referência... E foi algo bem doloroso!

E em seguida, após a puberdade, já na adolescência, entre os 17, 18, 19 anos, eu me descubro homossexual. E isso foi... Meu Deus! Para a família era o indizível, eu era o persecutório... Isso foi muito traumático! Depois, para o final dos anos 2003, 2004, foi a morte da minha mãe. A minha mãe teve Parkinson e foi uma morte lenta, sofrida e dolorosa.

Universidade e liberdade

A universidade foi uma alegria! Primeiro, porque era aquela libertação de você não ser vigiado para estudar. Os pais da gente, eles tinham aquela dinâmica: “Vai estudar! Vai estudar!”. Eu queria estudar poesia, eu queria estudar literatura, eu não queria estudar matemática. Eu tinha livro de poesia... Eu lembro de ter a obra do Manoel Bandeira dentro do meu livro. Uma época, eu levava para o Colégio das Irmãs, e eu botava um livro dentro do outro... Eu sempre gostei de ter um canto para estudar, de montar... Então, eu botava ali livros por baixo... Eu sempre estudei com dicionário. Eu gostava de ler o dicionário, entender que palavra era aquela...

A entrada na universidade, ela te liberta! É como se os pais dissessem: “Agora, é com você”. Então, quando eu soube que tinha passado no vestibular, eu estava em Fortaleza. E,

cheguei em Teresina, teve festa, teve tudo. Eu já estava com a namoradinha, mas a família... ninguém sabia nada, aquela coisa... aquele segredo... E fui para a universidade.

E lá, na universidade, você começa a ter contato com liberdade, com coisas mais libertárias, discussões... Eu lembro que a minha primeira aula foi logo uma discussão política. Veio uma determinada pessoa falar de um sindicato de uma forma que eu não concordava, e eu parti para cima. Eu digo: “olha, aqui ninguém...” hoje em dia, eu diria: “ninguém é gado”. Então, assim, eu já cheguei, marquei um certo terreno, porque eu não admitia que algumas pessoas fossem levadas.

Revi uns amigos, comecei a fazer outros... E você começa a estabelecer um determinado grupo de pessoas que pensam comum, que eu trago até hoje, que é a Samária Andrade, que é a Ângela Ferri, que é a Leila, que é professora no Rio Grande do Sul, Marcelo Rocha, a Mônica, que faleceu... Então, esse grupo, ele vai comigo até o dia que eu me formo.

Ainda estudante, eu gostava de participar de eventos, de trabalhar com autores. Eu sempre fui de comprar livros. Eu já fiz doação para quatro bibliotecas. Eu tenho aqui uma biblioteca gigantesca, que eu pretendo doar quase tudo para estudante. Às vezes, professores não tinham os livros que eu tinha. Eu sempre trabalhei, sempre trabalhei, e eu comprava determinados livros.

Eu lembro que a professora Lavina Madeira chegou um dia com o livro do Habermas, “Mudança estrutural da esfera pública”. Eu fui atrás desse livro para ler. Eu lembro que era época que aquele pesquisador canadense não era querido, ele era considerado engajado, nos Estados Unidos, ligado ao esquema... E eu comprei o livro dele para ler. Eu lia o “A” e lia o “B”. Eu sempre lia os dois lados.

E eu sempre tive professores inspiradores. Tem um professor, que é da Arquitetura, mas que esteve na Comunicação, que é o professor Paulo Vasconcelos. O Paulo Vasconcelos foi um divisor de águas! Ele foi professor inspirador. Ele fazia com que a gente quisesse estar lá o tempo todo, avançasse com projeto de extensão... Eu tive a professora Suely Mor, que hoje está na Paraíba, professor Severino... foram professores inspiradores.

A gente queria mais, a gente puxava. E o grupo da gente... e eu estava lembrando outro dia, dizendo assim... Nós éramos farristas de primeira, mas a gente sentava para discutir uma notícia. A *Folha de São Paulo* sempre foi um jornal safado, mas a gente comprava para ler. A gente não podia comprar todos os dias, mas a *Folha* de domingo... A gente ia para o caranguejo, algum lugar, com a *Folha*, para discutir a *Folha*.

Eu tinha pouca revista alternativa que circulava, mas eu lia no meu irmão. Eu lembro que um dia eu olhei no guarda-roupa dele, aí tinha “Rede Globo...”, aí, eu li errado, eu li “o pio

do povo”, era “o ópio do povo”. Fui ler aquilo. É tanto que o tema da minha tese é “Rede Globo: mercado ou cidadania?” Sempre me fez refletir. Isso foi bem antes de universidade até.

Assim, minha vida acadêmica era uma vida rica. Nós não tínhamos laboratórios, nós inventávamos, nós não tínhamos equipamentos, faltavam professores, nós tínhamos mil problemas! Mil problemas! Mas nós tínhamos muita vontade! Vontade de conversar, vontade de estudar, de fazer trabalho, de ser irônico... Ironia permeava muito o ensino da gente.

Teve uma ocasião que a gente... – eu rio, quando lembro. Nos colocaram numa turma de Psicologia e tinha um pessoal muito retrógrado, uns alunos lá da Pedagogia que não gostava da Comunicação. Era bem interessante... Aí, saiu uma história que a gente estava bebendo no Centro Acadêmico, porque a gente comprava a garrafa de Fanta ou Coca-Cola e aí nós fingíamos que estávamos bêbados, botávamos música...

E aí, nós fomos pagar uma disciplina juntos, até com a professora Silvinha, que era um doce de pessoa. E aí, a Silvinha disse: “O nome das equipes?”. A gente se entreolhou e eu disse: “Chapeuzinho Vermelho”. Aí, eles acharam... e disseram: “Esse pessoal...”. Chamaram a gente de debiloides, alguma coisa assim. Aí, a gente passou a ter um comportamento como eles estavam nos vendo. E, na hora da apresentação, antes de nós apresentarmos o trabalho, de fato, nós cantamos a música “Pela estrada afora”. Saíram indignados!

Mas o que que era aquilo? Era uma provocação para as pessoas entenderem que a gente estava ali, e essa brincadeira era para dizer que não estávamos de brincadeira. Entendeu? Era uma forma que a gente tinha de trabalhar a ironia também. Teve problemas com professores, teve tudo isso, algumas situações meio complexas. Mas fomos vivendo.

E acho que minha história cruza com a história do Curso de Jornalismo, porque, eu fui da quarta turma, e, entendendo que antes eram dois semestres, então, significa que eu fui do segundo ano, quarta turma, segundo ano. Então, ela começa a se confundir, porque eu já estava no jornal, eu já fazia jornalismo. E eu lembro que uma das coisas de aceitação dentro do curso foram fotografias que foram para capa de jornal. E as minhas fotografias já foram fotografias políticas. Eu fotografei um mendigo sendo preso, porque estava andando ao lado de uma manifestação. Então, a pessoa que levou a porrada dos policiais foi ele.

E ainda bem que, nessa época, eu era bem magra e corria como ninguém, porque eu tive uma arma apontada para mim, e um policial correu atrás de mim. O que é que aquele cara ia fazer com a arma apontada para mim? Ia me matar porque eu fiz a foto? E essa foto eu consegui, mesmo com o regime que ainda se vivia, colocar na capa do *O Dia*.

Quando eu cheguei na universidade, já era outra pessoa, já davam tapinha nas minhas costas. A outra foto... veja como é que criança era tratada... não é que tratem bem hoje... Assim,

a minha preocupação sempre foi política e social... Tinha um Fiat 147, e botaram uma criança de seis, sete anos dentro... botaram uma criança... A polícia prendeu uma criança de seis, sete anos, porque ela foi pedir autografo àqueles garotos que dançavam “não se reprima, não se reprima”, coisa assim, *talk-show*... Ele foi pedir o autógrafo, ele foi preso... Eu lembro, eu fiz a foto dele com o bloquinho e a caneta... E eu fiz uma confusão tão grande com a foto, que a polícia teve que tirar o menino de dentro do carro.

Ela se confunde, porque a gente já começava a fazer jornalismo. Meus colegas já faziam jornalismo. Osório Junior, Cláudia Brandão, Cantídio... todo mundo já fazia jornalismo, e tinha um conceito político muito forte. Então, essa questão, ela passa a se confundir com isso, porque mesmo que não tivéssemos laboratório, o nosso laboratório era a rua.

Da minha turma, formou eu, o professor Eliezer e mais uma pessoa. Era a época que a gente formava a conta-gotas. Era tanta dificuldade no curso, que formava um ou outro. E eu terminei formando antes das meninas, porque eu consegui pagar dez disciplinas para me formar logo, eu queria me formar.

A volta para a universidade

No outro dia depois que eu me formei, eu voltei para a universidade, porque me deu saudade. E eu fiquei na universidade dias e dias a fio, quando eu saía do jornal O Dia, na época, eu era editora-chefe, e ficava sentadinha no banco, onde é hoje o SG3, ficava esperando as meninas saírem da aula para poder ficar lá... Eu queria, inclusive, até assistir aula.

E aquilo me deprimiu, porque eu queria voltar para a universidade a qualquer custo. E eu fiquei esperando o concurso. Eu fiquei esperando o concurso, eu comecei a estudar para o concurso, antes dele. Quando abriu o certame, a minha inscrição foi a primeira. Quando eu soube que abriu, eu fui direto para lá... Eu lembro que a professora Edite, disse assim: “Mas eu não tenho nem os papéis aqui...”. Digo: “eu quero me inscrever”.

Assim, o mundo da universidade, ele é um mundo que te liberta, ele é um mundo que te prende também, entendeu? Ele te angustia. Hoje nós estamos angustiados, essa angústia é parte do que a universidade não pode fazer com os seus movimentos, e é parte do que está acontecendo também com a pandemia e com o estado de coisas que nós estamos vivendo...

Nós estamos entrando numa ditadura... Não!!! Nós estamos numa ditadura! Só que ela agora está nos seus períodos. A ditadura militar, quando começou, não começou... “estamos numa ditadura”. Ela começou com uma dita branda. Na minha lógica... Por que não vem vacina logo? Porque, talvez, a gente vá às ruas, como a gente foi. Eu participei das “Diretas Já”, e era um outro tipo de movimento, era mais estudante mesmo, sem violência, querendo as coisas.

Mas o concurso, fez eu, fez Mônica, Eliezer, Mona, Cantídio... a primeira leva... Não lembro dos outros candidatos, mas na minha vaga foram 18 pessoas na concorrência. Foram várias vagas. Foi vaga para Teoria da Comunicação, vaga para Fotografia... Entrou essa geração que está agora quase pedindo para sair da universidade... É engraçado...

Investimentos em formação, adoecimento, afetividade e recomeços

Eu gostava de fazer cursos fora. Durante uma greve da UFPI, eu fui para Brasília, e fui fazer um curso de fotografia no Ceub (Centro de Ensino Unificado de Brasília). Esse curso de fotografia, ele foi mais de 300 horas. Foi um investimento em dólar. Eu juntei tudo que eu tinha! Eu ganhava meio salário-mínimo, mas eu juntava aquele dinheiro, e fui para Brasília, tinha um irmão lá, e fiz um curso equivalente a três ou quatro semestres de fotografia. Isso foi muito bom para mim!

Trabalhei com Curso de Jornalismo Avançado, com o professor José Marques de Melo, em São Paulo, na Unicamp (Universidade de Campinas). A primeira turma do Labjor da Unicamp. Eu trabalhei também na IDM, quando a IDM estava lançando a noção de câmera digital. Imagina explicar para uma pessoa analógica que você vai fazer uma foto com aquele aparelho, e ela vai aparecer numa coisa chamada tela. Era o executivo Jacobs, que trabalhou, mostrou para a gente a primeira câmera digital. Eu estava presente, e eu fiquei: “meu Deus, o que é isso?”. O cartão de memória devia caber uma foto. E tinha todos esses congressos, com estudantes.

E na docência, eu fui aproveitando todos os eventos ligados à pesquisa. Eu sempre procurei investir neles. Muitas vezes, fui, ainda não como pesquisadora, como assistente. Eu não produzia artigo, eu escrevia muito para jornal, mas sempre tentando produzir, tentando assistir, tentando conhecer...

Como aluna já do mestrado, eu lembro que eu paguei um dos eventos mais caros que tinha... Participavam Baudrillard, Pierre Levy, Cândido Mendes... Eu lembro que eu assisti até com a Ana Regina, nós estávamos no Rio de Janeiro, tinha mais ou menos assim uns 20 pensadores do nível do Pierre Levy. Eu nunca tive pena de investir na minha formação. Nunca! Se eu estivesse precisando de um livro, comprava para estudar, para preparar.

Eu fiz especialização em Fortaleza, em Teoria da Comunicação e da Imagem. Fui eu e Eliezer. Já tinha ido Paulo Fernando e professor Laerte. Em seguida, eu fui fazer o mestrado. O mestrado eu fiz no programa de Minter (Mestrado Interinstitucional), com a UFPI e UFRJ, que foi uma turma ampliada. Eu, Ana Regina, Eliezer, Gustavo, Laerte, Achilles, Mona... não lembro dos outros nomes...

Quando eu já estava terminando o Minter, eu já tinha chegado até do Rio, eu fui procurada pelo professor Fausto Neto para fazer o doutorado na Unisinos. Então, em 2.000, eu parti para o doutorado na Unisinos. Primeiro ano foi bom. O segundo, eu entrei em depressão, a ponto de no terceiro ano ter sido afastada do programa. Isso foi uma dor imensa! Imensa! Porque, minha mãe estava com Parkinson, eu, em depressão. E você imagina tudo o que você fez a vida toda desmoronar, e você ser apontada no seu local de trabalho como uma pessoa que foi afastada do doutorado... Você ser humilhada, processada... As pessoas fazerem mil fofocas com você...

Mas eu voltei para Teresina, voltei para sala de aula... cabeça baixa, como se diz... Lembro com pesar... Nesse momento, eu disse que não queria mais nenhum contato. Isso foi dolorido. E aí, conversando com o professor José Marques de Melo, que é um amigo meu pessoal, ele leu meu trabalho, ele disse: “Se eu fosse você, eu publicava como livro, teu trabalho até aqui, mas partia para outra coisa”. Então, eu dei um tempo.

Pesquisei folkcomunicação, publiquei muito na área de folkcomunicação! Mas eu não queria ouvir falar em Unisinos, ouvir falar em nada. Mas, sabe quando você tem anjos na sua vida? E disse assim: Jacqueline, me autoriza a escrever uma carta de pedido de reentrada, você lê, se você aprovar, você assina. Só um pedido formal, um ofício”. E eu: “mas eu não quero. Mas deixo”.

E aí, eu deixei, botei todos os meus contatos, assinei a carta e fui para um evento. Estava num evento no ano novo, em Laranjeiras, em Sergipe, Dia de Reis, era um evento da Falha de Folk, que eu tinha que apresentar no congresso. Quando eu chego no hotel, tem uma ligação da professora Ione Mendes, coordenadora do PPG. “Jacqueline, você pode estar aqui dia 22 de fevereiro para apresentar o seu trabalho?”.

“Que é isso?”. Ela disse: “olha, nós vamos assistir você para saber se você tem condições do reingresso”.

Fiquei... Eu não sabia se ria, se chorava, se ficava com muito ódio... Não... Eu não sabia o que fazer. Aí, liguei para minha companheira, e disse: “olha...”. Ela: “estou comprando sua passagem agora”. Eu digo... “Não. Tchau, tchau, estou comprando sua passagem agora. Vá para Laranjeiras”.

E aí fui. Cheguei dia 20 de fevereiro. A Unisinos tem uma área linda, com capela, tem um piano-bar... É uma instituição jesuíta lá... É lotada de parques... e... essa história me emociona muito... e tem uma capela jesuíta linda, toda moderna, mas muito linda, e aí, eu sou católica, não sou misseira, mas sou católica... E aí, eu sentei, eu pedi uma inspiração. Eu olhei para o Divino Espírito Santo, disse: “olha, eu preciso de um sinal, de uma luz, alguma... eu

estou sem norte...”. Eu levei o meu trabalho e tudo... Digo: “eu estou sem norte, me diga alguma coisa”.

Rezei e saí. Fui para livraria, até porque eu tinha deixado livros meus lá para vender. E aí, quando eu olho, livro “Rede Globo”. Um livro sobre a Rede Globo... Aí, eu olho... “Valério Cruz Brittos”. “Nunca ouvi falar nesse pesquisador”. Aí, olho, “professor da Unisinos, tal, tal, tal, tal...”. Comprei o livro, fui para o hotel. Passei a noite lendo.

Digo... digo: “não era aquilo que eu queria, é isso que eu quero!”. Porque, o meu raciocínio é que tinha algo mais, não entendia como mercado, que não é aquilo bonitinho de sentido... O professor Fausto é um pesquisador admirável, mas a gente não conseguia encontrar onde ia ser a musculatura do meu trabalho. E aqui... Eu comecei a ver indício, quando ele trabalha 40 anos de hegemonia, tal... a Globo tinha 40 anos...

E aí, eu apresento o trabalho, mas apresento o trabalho dando indícios do que eu queria. E aí, eu lembro que a banca disse: “é, isso não está aqui”. Eu digo: “não. Isso é a partir já do que eu li agora do professor Valério”. Ela disse: “tu conheces o Valério?”. Eu disse: “não, não conheço. Se vocês autorizarem, eu queria muito que ele fosse o meu orientador”. Aí, ela disse: “tu vais ter que convencer ele”. Ela era a professora Christa Berger e ela bem firme: “guria, tu terás que convencer o Valério a aceitar teu trabalho”. “Tá”. Ela: “eu vou marcar uma reunião amanhã com ele e ele vai te informar a hora”.

Chego no hotel... Encerrei lá, me cumprimentaram, tudo... “Tu vais ser reintegrada ao programa”. Digo: “meu Deus do céu!”. Mas não tinha orientador. Tinha até o professor, que foi professor aqui no Dinter, se ofereceu, por conta de uma análise que eu fiz de um programa que tinha sobre crimes, na Globo, o Linha Direta, ele gostou de um trabalho que eu fiz... Disse: “é... se você só quiser o Linha Direta, eu te oriento”. Mas não era isso que eu queria.

E aí, marquei a agenda com Valério Brittos. Valério Brittos já mandou um e-mail bem metódico. Ele marcou para às 13 horas. “Não se atrase”. Como eu sou uma pessoa muito chata com horário, eu cheguei, faltando 15 minutos. Já sentei lá na cadeira. Sentei. Aí, ele olhou e disse: “Jacqueline?”. “Pois não, professor”. “Lhe atendo às 13 horas”. Aí, foi trabalhar. Ele já tinha recebido meu material, porque eu estava direto, eu tinha que voltar para Teresina...

Ele pegou meu trabalho, tinha umas 500 páginas já. Ele disse assim: “eu não quero isso aqui. Eu não quero nada disso”. Aí, eu olhei para ele, disse assim: “você me deixa muito feliz...”. “Eu não quero nada disso...”. Disse: “tu vais começar do começo. Eu vou querer as 15 primeiras páginas, 18 primeiras páginas do anteprojeto”. E daí, começamos.

Eu digo: “antes de qualquer coisa, eu preciso lhe dizer. Olha, eu sofri aqui dentro preconceito por ser nordestina, por ser homossexual...”. Ele disse: “eu não estou interessado

nisso. Tu podes saber, eu sou uma pessoa cristã...”. Ele era meio franciscano, Valério era para ter sido padre... E aí, a nossa relação começou.

Você imagina uma pessoa que te orienta com hora marcada, que recebe o teu trabalho, que devolve marcado. Sempre que eu ia ser orientada por ele... e eu uso isso, eu recebo do aluno, aí eu analiso, risco, aí, entrego, ele traz o novo e o anterior, sempre nessa produção. E aí o Valério me ensinou a fazer um bom artigo. Ele me ensinou muita coisa! E eu ensinei algo ao Valério.

O Valério dizia, quando eu ia lá: “Jacque, venha um dia antes para você dar aula”. Eu não era obrigada a dar aula, porque eu estava pagando, nessa época. E aí, eu ensinei a ele a manter os alunos em silêncio, lembro disso e rio. Disse: “como é que tu consegues? Eu não consigo”. Eu digo: “olha, basta que você cale a boca. Nunca fale, quando aluno estiver falando. Olhe para ele”. Aí, ele chamou os bolsistas que davam aula, aí eles ficavam assistindo... Disse: “olha, ela hipnotiza eles e tal...”. Era engraçado.

E, assim, foi uma relação linda. Eu trouxe ele três ou quatro vezes a Teresina. Estávamos em eventos, ele me ensinou a montar meu grupo de pesquisa... Nós nos falávamos o dia todo, porque o Valério não usava o celular. Então, às vezes era: “Jacque, mandei isso”. Então, o dia todo... E estávamos fazendo o primeiro evento internacional na área de economia política do jornalismo, que era uma linha que ele queria que eu inaugurasse, minha.

Quando eu estou vindo de Parnaíba, na primeira campanha do professor Arimateia, o telefone toca, e era um telefone que eu não conhecia, mas era do Rio Grande do Sul... Nessa época, não tinha esse bando de gente que te liga de banco... E era aquela voz bêbada, aquela voz embolada... e... “Jacque, é Valério...”. “Professor, você está bem? O que foi que houve com a sua voz?”. Disse: “Não, é porque eu estou com um problema na fala... Mas é para te dizer que eu não vou poder ir para o evento. Eu estou com problema, mas vai ser logo resolvido...”. “Professor, eu estou na estrada. Agora, estou preocupada com você”. Disse: “Não, chegar em Teresina, a gente se fala. Eu vou escrever para ti e tal...”. Eu digo: “aquilo ali, se ele não estiver...”, ele não bebia, né... “se ele não estiver bêbado, ele está com um problema grave!”. E foi grave. Isso foi... Eu não lembro, quando foi esse evento. Só sei que em julho, ele morreu.

Estive com ele na Argentina ainda... Eu tive meu evento, e aí ele me chamou para um evento fechado de pesquisadores. Eram dez pesquisadores somente, nesse evento. Muito bom! Eu fui uma das palestrantes, porque a gente trabalhava sempre com microeventos de pesquisa. E aí, a gente estava se preparando para ir para a França. Inclusive, ele queria que eu fizesse o meu pós-doutorado na França, eu fiz em Portugal mais recente. Mas ele queria. Ele queria que

a gente começasse a trabalhar uma rede na França... E aí, eu perdi o Valério... Estive com ele uma semana na Argentina. Eu perdi uma semana depois de estar com ele...

Eu digo “perdi”, porque a minha relação com o Valério era uma relação de irmã, de mãe e filho, de pai e filha. Me dava muito bem com a esposa dele... Ficamos juntos ele, com a esposa, eu e minha companheira, em Buenos Aires. Quando ele estava em Buenos Aires que ele me viu, ela disse que ele melhorou, porque ele estava sem comer e resolveu comer para me acompanhar... E aí, a gente carregava a cadeira de rodas dele para subir nas... não, imagina... Buenos Aires é uma cidade que não é pronta para cadeira de rodas... E aí, a gente ia, ajudava...

Da pessoa que eu tinha visto em março, numa banca de doutorado com ele, em abril, ele deu a notícia, em maio para junho, nós estivemos em Buenos Aires... Estava muito frio, estava congelante na Argentina. E aí, ele deu uma pneumonia que foi oculta por causa dos corticoides que ele tomava para o câncer no cérebro... E... ele morre... ele morre em junho.

Práticas

Eu sempre gosto de observar e aprender alguma coisa com os outros, que eu acho relevante, e na minha prática do dia a dia, na observação... Eu agora tenho estudado muito a capacidade de poder prender as pessoas na tela. E me preocupa, dentro dessas práticas, eu queria tentar resolver, quando eu vejo do outro lado, os meninos, com condições ruins de luz, condições ruins de *internet*, onde eles estão tendo aula...

Então, para dar uma aula, para dar uma entrevista aqui, eu tenho uma fonte de luz aqui, uma fonte de luz aqui... E aí, eu vejo que algumas aulas de fotografia não serviram para os alunos entenderem a luz, entenderem o ângulo... São coisas que deveriam estar introjetadas nessas práticas.

Eu tentei questioná-los para poder orientar, mas eu notei um constrangimento. E a parte econômica tem prejudicado muito. Eu queria muito poder fazer alguma coisa. E dentro desse aprendizado também, eu quero poder... não sei se vai dar tempo, fazer um laboratório, um Labjor, um laboratório multimídia que possa trabalhar reportagens nesse novo modelo jornalístico da tela.

Poderia ter feito mais? Poderia ter tido a chance? Poderia. Mas, eu acho que o que a gente faz, a gente faz com uma determinação. Eu acho que eu puxei isso da minha mãe, eu sempre fui muito determinada. Eu não tive dúvidas do que eu queria... eu não tive medo de errar...

Eu acredito que hoje, eu mudei muito a minha prática! Eu mudei muito a minha prática de aula! Quando eu comecei, eu era muito dura, eu era “coronela”, general... E hoje em dia, eu

sou mais “Jacque Paz e Amor”. Eu tenho dado a chance de o meu estudante se autoavaliar, embora isso tenha uma fronteira tão tênue. Mas eu acho que a gente precisa evoluir para menos dureza. Eu já fui muito dura, já fui muito dura e, às vezes, quando é preciso, eu sou dura, mas muito menos. Eu tenho acreditado mais nessa aprendizagem...

Eu tenho aluno que diz: “Não, professora, mas nós estamos com uma carga grande”. Eu digo: “você quer a questão da prova? Eu lhe dou”. Aí, a princípio, eles pensam que eu estou ironizando. “Não... É porque eu quero só que você desenvolva o raciocínio”. Eu nunca fiz uma prova, na minha vida, de marcar. Nunca! Eu sempre fiz uma pergunta para ser dissertada, me interessa o teu texto, a tua produção. Eu sempre gostei de textos dissertativos.

E a minha pergunta base de abertura de qualquer semestre é: “por que eu quero ser jornalista?”. “Por que eu quero ser jornalista?”. Ela vai te dar diagnóstico de qualquer estudante! É básica, repetitiva. Já cheguei a dizer em turmas: “a questão vai ser essa e tal”. “Você quer usar o livro? Use. Mas a partir do livro, a partir do que você leu, desenvolva alguma coisa, traga alguma coisa”. Mas já fui aquela pessoa que fiscalizava para pesca, para coisa assim... Isso vai fazendo a gente mudar, porque não é isso que a gente quer. É isso.

Eu não dou aula mais formal, no mestrado, eu dou aula como no doutorado. Às vezes, alguns alunos: “Ah...”. Porque tem professores que dão quatro, cinco horas de aula. “Me traga. Tira dúvida, traga para mim, assim: olha, eu preciso disso aqui”. Porque eu já cheguei a ter professores, e aí onde eu aprendo com eles, que eu cheguei e disse: “olha, tem isso aqui que eu não entendo do Habermas. Eu li, eu preciso que você me dê uma aula sobre isso aqui”. Aí, “o que que você entendeu? Me explique”. Aí, ia...

Eu acho que o que falta hoje é curiosidade... a curiosidade, a pergunta faz com que a gente se torne um grande pesquisador, um grande jornalista. Eu estou indignada, agora, com esse crime do João Paulo. João Paulo foi egresso nosso. Eu tenho recado do João Paulo aqui. “Não, não, ele é o criminoso”. “Baseado em que?”. “Não, foi o delegado que disse”. “Baseado em que?”. “Tem um bilhete ameaçador”. Disse: “leia o bilhete. O bilhete é ameaçador?”. Então, assim, falta, falta a curiosidade.

Estendendo os laços

Quando comecei a orientar aqui, a ser supervisora de pós-doutorado... porque aí, nós fizemos uma ponte com Portugal e a minha supervisionada, não sei se o termo é esse, a professora Juliane, eu supervisionei e, depois, fui fazer o pós-doc em Portugal. Tudo foi muito bom, porque eu fiz em Comunicação e Cultura.

E analisei a partir do conceito estabelecido pelo Valério e por Anders Kalivosk da estética, do padrão técnico-estético alternativo. Eu estabeleci analisando filmes populares, como do Franklin Pires, o padrão técnico-estético alternativo desses filmes. E isso foi muito bom, porque Portugal, ele vai oferecer em plena Covilhã, fronteira com a Espanha, uma universidade que te oferece isso.

E aí, isso facilita, porque eu tenho colegas que foram para Covilhã a partir de mim, colegas que foram para Coimbra a partir de mim. Então, assim, esses laços vão se estendendo. Eu, hoje, praticamente, não vou aos eventos, os mestrados vão. Eles vão, eles apresentam, eles assinam, representam o grupo de pesquisa.

Eu enfrentei, com a minha companheira, um câncer dela, e eu tive que ficar sem sair. Tive que ficar. Então, eles foram, me representam bem. E quando o Comum chega nos eventos de economia política da comunicação, o pessoal diz: “A turma do Piauí chegou”. Porque, assim, eles inscrevem de oito a dez trabalhos. Isso, para mim, é fundamental. De certa forma, é um legado para a educação como um todo, para a formação, qualificação de pessoas.

O Programa de Pós-Graduação em Comunicação, nosso mestrado, ele vem qualificando pessoas, e isso é importantíssimo. É deixar esse legado bom de tantas lutas, de tantas coisas que são negligenciadas na área de humanas e de ciência sociais.

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE JAQUELINE TORRES DA SILVA CARDOSO

Entrevistada	Jaqueline Torres da Silva Cardoso
Ano de ingresso na docência da Uespi	2006
Tempo de docência	16 anos
Formação	Doutora em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale) Graduada em Bacharelado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (Ceut)
Data da entrevista	17 de fevereiro de 2021
Local	<i>On-line</i>
Formato	Áudio
Duração	43:43

Acesse a entrevista neste link.

“O que vai ser quando crescer?”

Quando eu era criança, sempre tinha aquela pergunta “o que você vai ser quando crescer?”, e sempre eu falava que eu queria ser professora. Mas isso nunca foi um foco na minha trajetória, depois, quando eu cresci. Eu sempre fui uma aluna muito estudiosa, muito aplicada... aquela história de não dá trabalho aos pais. Eu sempre fui muito assim.

Portanto, minha vida escolar foi bastante tranquila. Eu nasci em São Paulo, então, com sete anos, eu vim para cá, para o Piauí. Meu pai trabalhava como supervisor numa fábrica de sorvete; a minha mãe sempre ficou em casa, cuidando da gente. E teve um ano que assaltaram a nossa casa, roubaram tudo, tudo, tudo! Minha mãe ficou desesperada, falou que queria voltar para o Piauí. A gente voltou. Aí, meu pai montou a fábrica de velas aqui.

Então, até os sete anos, eu estudei lá em São Paulo. Pelo que eu me lembro, eu passei por duas escolas lá. Aí, quando eu vim para cá, aos sete anos, já entrando na alfabetização, que hoje não tem mais, eu tive dificuldades, porque a gente falava muito “porta”, puxando o “R” mesmo... “dê”, com o “E” mais nasalado. O pessoal ainda fala assim... E a minha escrita, às vezes, refletia isso. O pessoal falava: “De não sei o que...”, e é um “de”, ou seja, “D” “E”, e eu, na escrita, pensava que era “D” “I”, então, eu escrevia “D” “I”, “di”. Na alfabetização, isso me prejudicou bastante, muito mesmo.

Quando eu vim para cá, eu fui para o Inec (Instituto Educacional), que agora vai ser um colégio militar, e fiquei, acho que da alfabetização até a 5ª série lá. Quando fomos fazer a matrícula, fizeram o teste comigo, aí falaram que eu não podia ir para a alfabetização por conta dessa diferença cultural, não sei... Só que aí, a minha mãe insistiu, minhas tias levaram as cartas

que eu fazia para elas para mostrar que eu era inteligente, que eu tinha capacidade de acompanhar, tudo... E aí, eu fui, entrei na alfabetização.

Isso me marcou bastante. Quando eu lembro, eu... não de forma negativa, mas é interessante você perceber essas diferenças e como elas vão influenciar, vão interferir no processo educativo.

Eu fui de mudar pouco de escola. De lá, eu fui para o Anglo, do Anglo para o Sinopse. Depois, os professores do Sinopse construíram uma escola, e eu migrei, porque eu gostava dos professores. E pronto. Aí, fiz um curso pré-vestibular, que foi o período que eu não passei em Direito, fiz o pré e entrei. Mas foi muito tranquilo para mim. Estudar sempre foi muito tranquilo, muito gostoso! Foi um período que eu me recordo com bastante carinho.

Antes de entrar na graduação de Publicidade e Propaganda, no Ceut (Centro de Ensino Unificado de Teresina), eu fiz, duas vezes, o vestibular para Direito, por solicitação dos meus pais, principalmente, meu pai queria muito que eu fizesse minha graduação em Direito. Naquele tempo, a gente podia fazer vestibular em todo canto, então eu fiz em João Pessoa, na Paraíba e em Recife, Pernambuco, que eram duas fases, aí eu passei na primeira e fiquei na segunda.

Mas, aí, fiz só para agradar os pais, não era meu foco, nem meu interesse. Eu acho que tinha aquele negócio da primeira e segunda opção. Se eu não me engano, eu tinha ficado em João Pessoa na segunda opção para Jornalismo, só que eu não fui, porque era muito dispendioso e tudo.

Quando surgiu a oportunidade de ingressar na primeira turma do Curso de Publicidade e Propaganda, eu fiz o vestibular, fiquei bem classificada, escolhi no turno da tarde. Mas eu nunca tive o interesse de entrar em Publicidade, eu queria entrar em Jornalismo, só que eu não tinha feito, porque o meu pai queria que eu fizesse Direito. Aí, quando eu entrei em Publicidade, eu me encontrei, eu falei: “bem, é isso que eu quero”.

Na área da publicidade, eu nunca fui de trabalhar com criação, com o planejamento gráfico, na época, a gente chamava assim. Mas, eu gostava muito de mexer com os números de pesquisa e com fotografia. Então, a minha trajetória, principalmente acadêmica, seguiu muito por esse sentido.

A família olhava muito a contragosto; não, meus pais, mas os agregados, os tios... Porque eu fui a primeira da família a entrar numa faculdade particular, então, todos os que vieram antes de mim entraram na faculdade pública. E meus pais não tinham muita condição de pagar... Na época, eu acho que a faculdade era R\$450,00, se eu não me engano. O meu pai estava passando por certa dificuldade financeira, porque ele tinha uma fábrica de velas e a fábrica não estava indo muito bem. Mas aí, o meu pai sabia que era o que eu queria, então, ele

falou: “Não, se é isso que você quer...”. Eu passei em 8º lugar e, assim, e a família meio que não comemorou muito, mas... mas... mas é assim mesmo.

Eu gostei do meu curso, eu sou apaixonada pelo Curso de Publicidade ainda hoje. Eu leio um pouco, não tanto quanto eu gostaria, mas eu leio bastante sobre a área de publicidade, porque me encanta muito, é um curso muito encantador. Então, meus quatro anos foram quatro anos de graduação ma-ra-vi-lho-sos!

Eu entrei em 1998, na minha graduação. Terminei em 2002, quatro anos de graduação. Em 2000, eu entrei no estágio da Credshop, e mais ou menos nesse mesmo período, eu entrei em outro estágio na agência de publicidade Nova Comunicação, ela ainda hoje existe. É uma agência muito querida para mim, porque foi a primeira agência que me deu uma oportunidade de ouro.

Eu sempre tive muito boa relação com meus professores, que sempre me indicavam trabalhos, *freelas*. Eu trabalhei no Diário do Povo como fotógrafa, passei poucos dias, mas foram dias bem interessantes... Só que o salário não era tão atrativo, e trabalhava muito. Eu senti que ia prejudicar meus estudos, aí eu saí. Mas, sempre, os trabalhos que eu conseguia era por indicação de professores, porque eu sempre fui uma menina muito aplicada, gostava de estudar, prestar atenção e corria atrás dos professores, eles viam o meu interesse, então, me davam as oportunidades.

Eu estudava à tarde, eu consegui um estágio na administradora de cartões de crédito do Grupo Claudino, a CredShop. Aí, eu vi que era ali. Eu comecei trabalhando na parte de crédito, quando a pessoa solicitava. E, depois, quando eu terminei o curso de graduação, eles quiseram me efetivar na área de marketing. Só que eu falei que não, que não queria, porque eu queria fazer especialização.

Aí como, em Teresina, ainda não tinha tanta especialização assim, eu fui para o Rio de Janeiro fazer minha especialização. Aí, eu fiz a minha especialização em Marketing, que era a área que eu tinha interesse para voltar para atuar, e voltei para cá.

Oportunidade de ser professora

Quando falava: “Ah, o que você quer ser quando crescer?”. Eu falava: “professora”. Mas, quando eu entrei na minha graduação, eu não tive nenhum interesse na docência, tanto que a minha graduação toda, eu me preparei para o mercado. Então, eu fui fazer especialização para o mercado, eu fui de estágio para o mercado.

Eu nunca fui bolsista de iniciação científica, eu nunca trabalhei a questão de elaboração de artigo, grupo de pesquisa, como a gente vê hoje, porque a própria instituição não se voltava tanto a isso. Como era a primeira turma do Curso de Publicidade, era muito mercadológico.

A grade curricular, os professores incentivavam você, mas para o mercado. Eu participei da agência júnior lá do Ceut, meus amigos participaram... Então, a gente estava muito envolvido nessa questão do mercado. Eu não tive nenhum interesse, pelo menos a princípio, com a docência.

O que aconteceu? Quando eu fui para o Rio de Janeiro para fazer especialização, que eu voltei, surgiu a oportunidade do concurso para professora. E esse concurso na Uespi (Universidade Estadual do Piauí), que foi no final de 2005 para 2006, colocava vaga de 40 horas para Comunicação Social e não fechava a habilitação, Jornalismo. Em Teresina teve vaga, mas fechou a habilitação em Jornalismo. Aí, como não tinha fechado, eu via a oportunidade. “Ah, eu sou da Publicidade, só que está falando é a Comunicação Social sem fechar habilitação. Eu vou concorrer”.

Só que, assim, foi por incentivo do meu pai. Meu pai que foi fazer a inscrição. Tinha que pagar a inscrição, se eu não me engano, no Banco do Brasil. Meu pai fez minha inscrição e eu fui fazer o concurso. Meu pai... Porque eu não estava com tanto interesse em fazer. E ainda hoje ele fala isso... lembro rindo.

E, nesse concurso, de 2005, se eu não me engano, eram três concorrentes, eu não tenho certeza. Só que aí, eu e a Sammara Jericó entramos. A Sammara ficou em primeiro lugar, e eu fiquei classificada. Mas assim, se a gente for trabalhar a questão do currículo, a parte acadêmica, eu não tinha nada, nada, nada de artigo, de publicação...

Aí é que é a questão de você correr atrás do prejuízo, depois que você entra. Quando me chamaram, foi que eu comecei a ver a docência com outros olhos e perceber o quanto que eu tinha que correr atrás para trabalhar essa parte de produção científica, a parte da pesquisa, da extensão...

O mestrado, o desapego, a doença e os retornos

Quando eu entrei na Uespi e vi o quanto eu ainda estava aquém do que um professor de graduação precisa ser e ter, eu passei dois anos, aí consegui entrar no mestrado. Eu ainda estava no estágio probatório, mas instituição me liberou. Eu consegui uma bolsa da Fapepi (Fundação de Amparo à Pesquisa do Piauí), na época.

Então, eu fui para o Rio Grande do Sul, a minha faculdade era a Unisinos, eu fui fazer o mestrado em Ciências da Comunicação. Aí, ali foi um mundo de descoberta, que até então

era totalmente desconhecido para mim. E é interessante, porque, lá, como no doutorado também, todo mundo sabe que você é professora, então, sabia que eu era professora, aí sempre falava: “ai, Jaqueline...” – principalmente meus professores – “guardar esse material pra você levar pros seus alunos”.

Então, indicavam livro, indicavam material, indicavam revista, sites, tudo isso, assim, para me recheiar, para me dar suporte para eu trazer para cá. Eles tinham essa preocupação comigo. E eu acho que era uma preocupação muito bonita pela forma como eles falavam, o cuidado que eles tinham para que eu pudesse ter material suficiente para retornar um pouco melhor do que eu tinha saído.

Então, o investimento financeiro foi assim... eu tive a bolsa, era uma faculdade paga, eu tive bolsa, mas lá tem muita despesa! tem muita despesa! Aqui, eu me desfiz de casa... Mas eu sempre fui muito desapegada a isso, eu e meu marido. O Tairone sempre foi muito desapegado a essas coisas. Então, “passei no mestrado”. “Passou”. “Então, vende tudo”. Ele vendeu tudo. Fomos mesmo só com a roupa do corpo, a mala com as roupas, alguns livros que eu levei e pronto. Você desapegar, sair, começar do zero, aí, você volta de novo... Assim, tem que ter muita força de vontade. Eu acho que a gente tem. Essa parceria é muito legal. Essa força de sempre recomeçar, a gente tem.

Só que no mestrado, quando eu estava lá em Porto Alegre, eu entrei em 2008, e no final de 2009, eu descobri que eu estava com câncer de tireoide. Então, assim... Foi um baque muito grande, porque, até então, você não sabe qual é o tipo de câncer que você tem, só sabe que é um câncer e que você não sabe qual é o grau de afetação que vai interferir.

Todo o ano de 2008, no mestrado, eu me sentia muito cansada, muito cansada. Eu não estudava, eu só dormia. E eu sempre tomei reposição hormonal, eu tive problema sempre de tireoide, e todo ano tinha que fazer os exames. Aí, nesse ano de 2008, eu sempre falava para minha mãe, para meu pai, para o Tairone também, “eu estou me sentindo muito cansada, eu estou com muito sono...”. Eles falavam: “ah, é porque você tá estudando demais, não sei o que...”. Só que eu não estava estudando, eu tinha consciência. Falei: “gente, eu não estou estudando. Alguma coisa tá acontecendo”.

Aí, quando foi no final de 2008, eu vim para Teresina, fiz os exames, aí foi detectado, um tumor. Fizeram uma biópsia, no Hospital São Marcos... Só que quando fizeram a biópsia, eu já tinha voltado para Porto Alegre. Aí, no dia que eu voltei para Porto Alegre, meu pai liga e fala: “Volta pra Teresina, porque é um câncer e vai ter que fazer a cirurgia agora”. Aí, pronto, depois disso... Tairone ficou em Porto Alegre, e foram três meses que eu fiquei em Teresina, porque tive que tomar a radiação, iodoterapia, ficar isolada no quarto... teve tudo isso...

Aí, tranquei a matrícula no mestrado, avisei os professores, tranquei a matrícula, fiquei com medo de perder a bolsa da Fapepi, mas expliquei e a Fapepi continuou pagando a minha bolsa. No regimento, se você está com a matrícula trancada, a bolsa é suspensa, então, eu tive que levar toda a documentação da doença, eles não suspenderam a minha bolsa, continuaram pagando, até porque trancou, mas eu continuei pagando a mensalidade para não interferir... Isso me atrasou seis meses, o mestrado. Então, ao invés de eu defender em dois anos, dezembro de 2010, eu fui defender em julho de 2011.

Isso também me abalou bastante... assim, muito mesmo! A minha orientadora falava: “Ai, tenta ler alguma coisa pra você não ficar tão atrasada”. Mas, no período de três meses, eu não consegui nada, porque, mesmo sendo um câncer que foi relativamente leve, que foi resolvido logo, é muito desgastante emocionalmente, é muito cansativo. Então, você estar fazendo as seções de iodoterapia, você ficar isolada, você não poder... né... Um corte na garganta, a alimentação que tem que ser diferenciada... Tudo isso pesou muito, então, eu atrasei.

Mas, assim, foi basicamente isso a parte do mestrado. O investimento, o retorno que eu tive depois que eu voltei, e não falo só financeiro, mas o retorno acadêmico, o retorno intelectual pagou tudo! Pagou a doença, paga o desapego que você tem à sua moradia, à sua casa, ao seu lar, paga também a distância, porque você passar dois anos longe da família é muito complicado também. Tem tudo isso, né... Mas valeu! Sempre vale a pena!

Doutorado, só depois dos filhos

Quando eu voltei do mestrado... antes de voltar, todo mundo: “Ah, emenda”, tem aquela história: “emenda o mestrado com o doutorado”. Eu ainda não tinha filhos... Só que eu estava muito abalada emocionalmente e... financeiramente. Eu estava muito abalada financeiramente também, porque, assim, a Fapepi atrasou as parcelas das mensalidades... ela pagou tudo, mas atrasava muito. Então, eu tinha que recorrer a empréstimo, a pegar alguma coisa de onde eu não tinha para pagar, para fazer a matrícula novamente para poder continuar o mestrado, porque se você está com mensalidades atrasadas, você não faz a matrícula, o que acontece é isso.

Então, eu estava muito abalada nesses dois sentidos. Então, eu falei que não. Não, não, não, não queria, não queria. Voltamos. Quando a gente voltou, eu falei: “vou fazer doutorado, agora, só depois que eu tiver um filho”. Aí, eu demorei muito para voltar para o doutorado por isso, porque eu queria ter os meus filhos para, depois dos filhos, ingressar no doutorado.

E no processo do ensino da graduação, na Uespi, eu me enveredei muito para a questão de análise de conteúdo, direcionar um pouco para a análise de discurso... Então, o meu trabalho

sempre foi muito isso, minhas pesquisas foram voltadas para essa linha de pesquisa de narrativa, de discurso, de análise.

E, depois de um tempo, eu senti outras necessidades. Eu já até comentei em alguns outros momentos, que eu senti necessidade de buscar outras perspectivas de pesquisas, outras possibilidades de analisar alguma coisa que não só fosse conteúdo jornalístico, conteúdo midiático.

Então, paralelo a isso, vieram os meus filhos e o amadurecimento em direcionar minha pesquisa para as outras áreas. Então, quando surgiu a oportunidade do doutorado, eu fui fazendo uma pesquisa no *site* da Capes para saber qual tipo de doutorado eu me interessaria, porque eu já sabia que queria trabalhar com comunidades quilombolas, mas eu não sabia onde poderia encaixar isso, então, queria ver qual era o PPG (Programa de Pós-Graduação) que me daria essa possibilidade.

Aí, eu vi o PPG da Feevale, e era em Processos e Manifestações Culturais. Eu falei: “pois é aqui que eu vou entrar”. Então, quando eu entrei no doutorado, o discurso foi esse que eu queria sair dessa minha zona de conforto, eu queria buscar outras possibilidades de pesquisa. Porque, na graduação, eu já tinha batido muito com meus alunos isso. “Ah, é análise de conteúdo, é análise de discurso, conteúdo, narrativa, análise, frequência...”.

Aí, eu falei: “pronto, eu parei... pra onde é que eu vou agora? Qual direcionamento eu vou tomar? Não, eu vou ter que me qualificar mais um pouquinho, vou ter que me qualificar pra poder trazer outras novidades pros meus alunos”. Então, foi isso que eu fiz e que eu estou fazendo, buscando “n” possibilidades, técnicas de pesquisa, como fazer essas técnicas de pesquisa, aprendendo, conhecendo, aplicando para poder trazer para os alunos novas possibilidades de pesquisa.

Preocupações com o ensino

A minha formação, ao longo do tempo, tem contribuído com o desenvolvimento das minhas práticas como professora... Mas, primeiro, assim... deixa eu só fazer um adento... Quando eu entrei, eu senti muita falta de algumas coisas: como fazer um planejamento de aula? Como fazer uma preparação? Como avaliar? Como fazer uma avaliação? Como trabalhar algumas técnicas de aula, algumas dinâmicas de grupo, grupos de leitura, grupos de discussões? Isso aí, a gente não aprende, a gente vai aprendendo na prática... Isso, eu senti falta.

No mestrado, a gente tem uma disciplina nesse sentido, que me ajudou um pouco. No doutorado, a gente não tem nada. Só quem é bolsista Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) é que tem que fazer o estágio de docência, mas aí você já tem as

ferramentas necessárias. Então, essa fala é só para lembrar da dificuldade que a gente tem, e que eu tive nesse processo de ensino.

Agora, vamos lá, deixa eu ver se eu consigo reformular aqui. Eu acho que a minha formação contribui, quando eu consigo compartilhar o que eu aprendo, porque, tudo o que eu estudo, eu sempre levo para o meu aluno. Eu sempre penso assim: “como eu vou conseguir aplicar isso com os meus alunos? Como eu vou conseguir aplicar? Como eu vou adequar?”.

Então, se eu estudo uma metodologia ou alguma técnica de pesquisa, eu sempre penso: “como eu vou trabalhar isso com os alunos de Comunicação?”, porque eu estou em outra área, eu estou numa área interdisciplinar, no doutorado. A metodologia... eu sempre penso, quando eu estou estudando, como eu vou adequar essa metodologia. A leitura dos textos, a mesma coisa...

Eu sempre faço uma autoavaliação de como eu estou me comportando, de como eu estou me saindo, eu me autoavalio. Eu sei que os alunos trabalham a questão da avaliação docente, mas eu sei que é necessário a gente se autoavaliar. “Como é que eu estou? Como eu fui nessa aula? Como eu estou nesse texto? Como eu consegui trabalhar esse texto? O que que eu poderia trazer de melhor? Esse texto pode ser substituído?”. Às vezes, questões que a gente pensa que vão ser levantadas pelo grupo, e não são levantadas, a gente pensa uma coisa, e o grupo levanta outra completamente diferente. Aí, você vai pensar e vai reformular aquelas questões...

Professora além da instituição

Todo dia, a gente consegue perceber momentos marcantes, porque como eu entrei na docência e fui amadurecendo e eu sou uma peça que posso trazer transformação para os meus alunos, aí a gente começa a perceber: “poxa, então, a transformação da minha trajetória é essa, é de todo dia, quando eu preparo minhas aulas, quando eu preparava minhas aulas era buscar textos que possam trazer criticidade aos alunos, sabe...”. “Ah, gente, vamos ser mais críticos, não vamos ficar na superficialidade, vamos procurar questionar...”.

Eu acho que é isso que a gente buscar trazer, é formar cidadãos mesmo. Então, isso eu aprendi... minha formação foi muito mercadológica, mas, no Ceut, eu aprendi isso, a ser uma cidadã, uma profissional cidadã, crítica, que questiona os padrões que estão aí... Tanto que na agência, a gente trabalhava muito isso, a questão do social...

Eu sempre sou muito de me dedicar aos meus alunos, eu sempre tenho uma preocupação muito grande com meus alunos. Então, não só dentro da instituição, porque o que acontece muito é que aluno é só aluno é só dentro da instituição, fora... Você não sabe se o aluno está passando dificuldade... Porque a gente é uma instituição que recebe aluno do interior que você

não sabe qual é a dificuldade que aquele aluno está passando para chegar aqui, alugar uma casa, dividir um quarto. Você não sabe se aquele aluno está se alimentando bem, se ele não tem... se ele tem R\$0,50 centavos para pagar de xerox, você não sabe de nada... A instituição é muito isso...

Eu me preocupo com os meus alunos, eu me preocupo com os meus. Eu sei que não dá para a gente conseguir cuidar, porque eu acho que é bem essa palavra mesmo, cuidar de todos os nossos alunos, mas a gente tenta fazer o melhor. Então, eu acho que momentos que marcam, essa minha trajetória são momentos quando eu vejo os meus alunos passarem no mestrado, quando os meus alunos passam no doutorado, quando os meus alunos apresentam trabalhos de iniciação científica nos eventos...

Acho que um dos momentos mais interessantes é quando os meus alunos vão comigo, foram comigo a primeira vez participar de evento apresentando trabalho... Então, são coisas, assim, impagáveis... Eu não sou muito de trabalhar a questão de eventos, de extensão, mas eu me dedico muito à questão da pesquisa. Então, “você quer trabalhar pesquisa comigo?”. Os alunos: “Quero”. Eu pego na mão... “então, vamos, vamos juntos”. Eu acho que esses momentos me marcam bastante.

Um outro momento que... ah, eu já vou começar a chorar...

Outro momento que me marcou bastante foi quando os meninos colocaram meu nome como nome da turma.... Eu lembro e choro muito... Vou parar um pouco....

...

É porque você vê aí já o reconhecimento. E a gente... eu, pelo menos, falo: “meu Deus, faço tão pouco... a gente faz tão pouco...” que dá para fazer mais, dá para fazer mais. Eu acho que é por isso que eu estou aqui fazendo esse doutorado. A gente deixa a família de lado, deixa tudo de lado para trazer um pouco mais para os alunos... Se qualificar, não chegar lá tão imatura, tão verde, tão... tão despreparada profissionalmente. Digo isso ainda emocionada, sim...

Então, tem momentos assim: “meu Deus do céu!...”

A gente tem amor... Não é gostar! É amor! É amor pelos alunos! Eu vou parar um pouco, se não, eu não vou conseguir falar...

...

A minha trajetória é muito bonita, eu sempre fui muito querida pelos alunos, porque eu quero é passar amor. Eu quero é passar amor, eu quero passar carinho, eu quero passar amparo, eu quero passar dedicação, eu quero passar para eles tudo o que eu recebi na minha graduação.

Na minha graduação, eu recebi isso... Sabe, dos meus professores me indicarem para trabalho, de eu ter que recusar trabalho, porque eu estava lotada... eu trabalhava de manhã, ia

para a faculdade à tarde e trabalhava à noite. Acontecia de o meu professor chamar para eu fazer pesquisa e eu ter que fazer pesquisa final de semana, porque eu não queria decepcionar eles... Então, é bem isso. Eu consegui oportunidades, todas as oportunidades que eu consegui foi por conta dos meus professores.

Eu tenho um professor, o professor Ricardo Verniere, que ele é professor da Uespi, do Curso de Administração, foi meu professor no Ceut, que ainda hoje somos amigos e trocamos figurinhas. Foi ele quem me incentivou no doutorado, quando eu fui fazer minha primeira seleção lá no Sul, ele que me recebeu. Então, ele que conseguiu trabalho para mim no jornal O Dia, numa época, para fazer pesquisa... Então, o amparo que eu recebi dos meus professores, é esse amparo que eu quero passar para os meus alunos...

A minha trajetória, eu classifico como uma trajetória muito bonita, cheia de vitórias, porque esses momentos, de aluno, de iniciação científica, de você pegar o aluno, levar ele para participar de eventos e que depois desses eventos você vê que eles entraram no mestrado, então, é impagável, não tem nada no mundo que pague. E você receber e fala assim: “Ah, muito obrigado...”. Ah...

De seus ex-alunos ainda te procurarem para pedir orientação de indicação de livro ou para você ler o projeto, ou para você ler o trabalho e confiar no seu trabalho ainda hoje, mesmo conhecendo outras pessoas, eu acho que esses momentos me marcam demais, me marcam demais, demais, demais! Eu acho que é isso.

Eu não esperava me emocionar tanto. Eu vi o roteiro, mas eu nunca pensei... Toda a minha trajetória é muito marcante, eu gosto muito, me orgulho muito. Eu me orgulho muito do trabalho que eu fiz, do trabalho que eu faço e do trabalho que eu vou fazer. Assim, não tem nada que eu não me orgulhe nessa trajetória. Eu fui me lembrando: “ai, tem as meninas, tem pesquisa...”, que a gente ajuda, que a gente incentiva, que a gente procura... o pessoal que procura a gente...

Aí, eu me lembrei que o que mais me emocionou foi a questão do nome, porque eu acho que é o reconhecimento máximo do seu trabalho. Poxa, uma turma inteira falar assim: “professora, você vai ser a professora homenageada e nós vamos colocar como o nome da turma o seu nome”, porque é uma coisa que é para sempre, é uma coisa para sempre... Eu acho que isso foi o que me marcou, é um dos momentos assim mais lindos da minha trajetória.

Eu vi o curso crescer... e cresci junto com o curso

Vou focar mais em Picos, porque eu acho que Piauí, eu não consigo dimensionar. Mas, assim, eu, quando eu cheguei aqui, em 2006, eu acho que a primeira turma de Jornalismo de

Picos estava perto de se formar. Eu sou muito ruim com anos, com datas, mas eu acho que a primeira turma formada de Jornalismo foi 2006, e eu peguei essa primeira turma.

O Curso de Jornalismo de Picos não tinha nenhum professor efetivo, os professores eram todos substitutos, então, eu e a Sammara, nós fomos as primeiras professoras efetivas do Curso de Comunicação, as duas primeiras professoras efetivas. E é muito interessante, porque eu vi o curso crescer.

O professor Evandro Alberto era o coordenador do curso, quando eu entrei, só que ele já estava estruturando o curso da R. Sá, então, ele teve que sair, depois, porque ele assumiu a coordenação da Faculdade R. Sá, então, ele saiu, e eu assumi a coordenação. Mas quando eu entrei, eu não sabia de nada, eu não sabia como era os procedimentos...

Uma vez até, quando teve um evento, o Orlando chegou para mim, sabendo que o Evandro ia sair, e falou assim: “Parabéns, você vai ser a próxima coordenadora de Jornalismo”. E eu: “mas como assim?”. Eu não sabia como era, como aconteciam as coisas, como ocorria tudo isso. E foi bem isso, porque, nós éramos efetivas, então, nós tínhamos meio que a obrigação de receber a coordenação.

Como a professora Sammara morava em Teresina e eu morava aqui em Picos... Porque eu vim mesmo para cá nessa intenção. “Eu sou professora de Picos, então vou continuar em Picos, vou morar em Picos”. Então, eu vim para morar. Mesmo sendo 40 horas, o salário ainda era muito baixo, mas eu vim para morar.

Aí, eu assumi a coordenação, então, eu vi o curso, eu acompanhei todo o crescimento do curso. O professor Evandro Alberto tinha elaborado um projeto para o laboratório, então, assim que ele saiu, o recurso chegou e o laboratório foi implementado. Eu já estava na coordenação, mas o projeto todo foi dele. Então, eu vi o laboratório ser construído, eu vi o laboratório sendo desfeito, porque era na Uespi do bairro Junco, a Uespi do Junco foi desativada, a gente começou a mudar...

Eu vi todo esse crescimento... eu vi as reivindicações, eu acompanhei as reivindicações dos alunos por melhorias e consegui chegar num alcance que hoje a gente está num espaço legal, com alguns recursos de laboratório, alguns equipamentos, poucos, mas alguma coisa... Coisa que aconteceu o que? Em 2006... nós estamos em 2021... então, 14 anos, né... É claro que precisa de muita coisa para melhorar, mas 14 anos atrás, a gente não tinha nada.

Eu acho interessante porque, da mesma forma que o Curso de Jornalismo da Uespi evoluiu, eu também tive que me evoluir, eu tive que buscar. Então, o curso foi melhorando, o curso foi se qualificando, os alunos já estão entrando... eles entram se tornando muito mais críticos, porque as novas tecnologias estão aí...

Então, paralelo a isso, eu também tive que me formar. Então, eu acho interessante, eu acho que meu crescimento se iguala ao crescimento do Curso de Jornalismo. Antes era Comunicação habilitação em Jornalismo e Relações Públicas, hoje, é só Jornalismo. Então, eu acho que a minha trajetória se iguala muito com a trajetória do curso, eu cresci junto com o curso e eu acho também que o curso cresceu um pouco junto comigo também...

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE SÔNIA MARIA DOS SANTOS CARVALHO

Entrevistada	Sônia Maria dos Santos Carvalho
Ano de ingresso na docência da Uespi	2003
Tempo de docência	19 anos
Formação	Mestrado em História (UFPI) Graduada em Bacharelado em Comunicação Social - Jornalismo (UFPI)
Data da entrevista	31 de janeiro de 2021
Local	On-line
Formato	Audiovisual
Duração	1:37:54
<u>Acesse a entrevista neste link.</u>	

Questionadora de si

Eu sou uma picoense. Nasci no dia 8 de julho de 1977, uma sexta-feira, às 19h30min, no meio de um temporal, no Hospital Doutor Oscar. Faltou energia, minha mãe estava no meio de uma cesariana e teve que ser costurada e ter os “finalmentes” feitos à luz de velas, na cirurgia conduzida por doutor Fabiano, que era um vizinho que morava na frente da nossa casa.

E, ao descobrir isso, numa tarefa escolar, sobre como foi o dia do meu nascimento, eu fiquei bastante triste ao saber que, perto de eu nascer, tinha caído um temporal e tinha apagado todas as luzes da cidade. Depois de minha mãe me contar isso e eu relatar na tarefa escolar, no Colégio das Irmãs, onde eu estudava, fiquei muito triste com aquilo.

Cruzei a rua para conversar com o meu professor, o meu melhor amigo da época, que foi o meu avô, um senhor que viveu até os 99 anos de idade, foi o senhor que me pegou logo depois que eu saí da sala de cirurgia... Eu fui conversar com ele, um lavrador que não tinha nem até a segunda série, não chegou a estudar.

Eu cheguei para ele e falei: “sério, vô, foi assim que eu nasci? Essa é a minha história? Cheguei desse jeito ao mundo?”, já muito triste... Ele disse: “Larga de ser boba! Ó... quando perto de você nascer, caiu mesmo uma super chuva daquelas e faltou energia, sim, mas é porque ela é fraca mesmo, ela fraqueja. A energia que os homens construíram em Picos era muito ruim. E sabe o que aconteceu, depois que eu peguei você lá na sala de parto, na sala de cirurgia e dei a seu pai? Eu saí do hospital, fui para a calçada, quando a chuva passou e estava todo mundo olhando para o céu. Larga de ser boba, faltou energia para todo mundo olhar para o céu”.

Por que que eu acho importante contar essa história para você? Porque essa capacidade inventiva, sensitiva, afetiva marcou toda a minha primeira infância e marca muitas das escolhas

que faço até hoje. Meu avô é capaz de perceber as circunstâncias de uma forma mais ampla. Eu digo perceber, porque eu não consigo falar do meu avô no passado, embora ele já tenha desencarnado.

E, ao longo de toda a minha infância, a minha casa era muito próxima da dele, e ele e a minha avó criaram à moda antiga. Não existiam super videogames, na época, não existiam muitas outras distrações eletrônicas para as crianças, isso no final da década de 1980. Mas o meu avô e minha avó produziam um encantamento enorme em mim e nos meus outros primos que moravam perto, ao contarem histórias de antigas pessoas que moravam na cidade, histórias de contos de carochinha... Eles faziam jogos entre eles, numa cumplicidade de casal, que era a coisa mais fofa do mundo... E aquilo foi despertando em mim o fascínio pelas histórias, o fascínio por contar, por narrar, por tentar entender, por explicar.

Eles faziam jogos e, para nós, netos, parecia mágica, mas não era mágica, tinha uma explicação por trás. Depois, eles iam explicar qual era a grande mágica, que não era mágica, era um truque qualquer de ilusão, coisa assim... E, assim, fui sendo uma criança que cresceu ligada às descobertas, ligada a entender os porquês.

Isso foi marcante muito na minha infância e, depois, me desaguou na adolescência esquisita, porque eu me via num contexto em Picos, que no meu entorno... Eu estudava na escola de maior renome da cidade, de pessoas de maior nome, melhor situação financeira... Eu vivi numa família, que hoje não tem o mesmo poder econômico, mas, na época, tinha poderio econômico significativo, mas era uma família socialmente inadequada, nós não tínhamos os mesmos valores que as demais que tinham o mesmo poderio econômico. E por quê? Porque os meus pais vieram de uma origem diferente das origens dos demais pais. Isso fazia com que eles valorizassem, eles focassem em outros tipos de procedimentos, de cuidado com as filhas, eram só três filhas, eles focavam para outros valores.

Então, eu cheguei na adolescência, num colégio como aquele, no Instituto Monsenhor Hipólito, cercada de gente com muito dinheiro e gente que tinha suas aspirações, mas eu não compartilhava nada ou quase nada. Muitas vezes, eu cheguei na minha casa, e disse: “mãe, eu nasci aqui? Eu sou daqui, de Picos? Eu sou mesmo daqui? Eu nasci mesmo da senhora? Eu não vim de outra pessoa? Eu não vim de outro lugar?”.

Então, eu já fui uma adolescente questionadora de si muito cedo. Eu tinha amigas e a gente se dava muito bem, a gente tinha uma amizade realmente sólida. Fiz amizades em Picos que carrego na vida até hoje, isso já vai pouco mais de 30 anos. Não são amizades fracas, que se flexionam a qualquer coisa, são amizades fortes, sinceras. Mas nós tínhamos diversas divisões muito diferentes da vida. Então, eu tinha umas aspirações... Aos 12 anos, já chegava a

dizer: “não, eu quero estudar, eu quero me formar, eu quero me graduar, eu não quero me casar, ter filho agora e tatatá... Não”. O meu roteiro e as minhas aspirações eram diferentes.

“Já pensou em fazer Jornalismo?”

Como só tinha até o ensino fundamental, até o 8º ano – naquela época se chamava ginásio – os meus pais resolveram transferir a gente para Teresina. E isso era 1992. Em 1990, vieram as minhas duas irmãs mais velhas, elas têm diferença de idade de dois e quatro anos a mais que eu, e vieram morar nessa casa em que eu moro até hoje. Em 1992 para 1993, eu terminei a 8ª série e vim fazer ensino médio em Teresina. E fui ficando. E, aqui, foi libertador para mim em alguns aspectos, principalmente no que diz respeito a encontrar mais pessoas que tivessem aspirações semelhantes às minhas.

Mas o choque de ir para uma cidade bem maior, o choque de estar longe dos pais... Choque com os danos controlados, porque, era o seguinte, desde a minha mais tenra infância, eu escutava da minha mãe... – é preciso eu dizer para você entender por que meus pais tinham valores diferentes dos demais de Picos, hoje eu compreendo assim – ela batia no ombro e dizia assim: “Não chora por qualquer coisa, não fraqueja por qualquer coisa. Você vai morar sozinha e vai tomar conta da sua vida muito cedo, sem pai, sem mãe perto para resolver problemas pequenos. Então, se responsabiliza por tuas escolhas. Calma, respira fundo, não espera aplauso de ninguém. Bora, bola para frente. Nada de chorar por qualquer coisa, nada de cair por qualquer coisa, nada de se vitimizar por qualquer coisa. Você recebeu uma bagagem de educação e de cultura muito grande, não é qualquer pessoa que pode se aproximar de você, você precisa se valorizar como mulher, você precisa se...”.

Hoje eu percebo a construção desse discurso de empoderamento feminino como minha mãe já fazia isso na década de 1980 para uma criança, nem sei se eu era capaz de receber toda aquela carga de informação, mas foi assim que fui criada. Hoje, minha mãe e meu pai, se fizessem o que fizeram, seriam presos. Mas eles colocaram aqui, em Teresina, uma funcionária doméstica nesta casa e trouxeram as três filhas no início dos anos 1990 para fazer ensino médio.

Um dia, eu estava no 2º ano do ensino médio, no Colégio Anglo, quando Gustavo Said, que era professor de Redação, pediu uma redação “x”. E era livre o tema da redação. E foi o ano que eu perdi minha avó. E aí escrevi um ensaio. Eu não sabia que o nome daquilo era ensaio, mas eu escrevi um ensaio sobre a morte naquela idade lá. E aí, ele escolheu algumas redações para ler, e leu a minha. Eu fiquei muito assustada, porque eu não sabia que ele ia escolher a minha... No final da aula, ele disse assim: “Você já pensou em fazer Jornalismo?”. Eu disse: “não”. Minha cabeça estava em Fisioterapia, no Ceará, nada de Jornalismo ou

Psicologia, alguma coisa desse tipo. Ele disse: “Pois eu acho que você devia pensar nisso”. E eu comecei a pensar nisso. Foi um professor que chegou a identificar isso... Eu disse assim: “está bom”.

Quando chegou o 3º ano do ensino médio, um colega de sala tinha o pai trabalhando no jornal Meio Norte, viu meu ensaio sobre a morte e disse: “Sônia, me dá esse teu ensaio”. E levou para casa. E num domingo qualquer, ele publicou, sem eu saber, e na segunda-feira ele chegou com o jornal com o ensaio sobre a morte. Tão bobinho, tão infantil, sabe? Mas ele chegou com isso e eu fiquei assim muito espantada. Mas os meus pais e o meu avô, em Picos, ficaram muito assustados com aquilo, acharam aquilo, assim, o máximo... E, para mim, era só... meio que... era uma escrita.

Eu sei que fiz vestibular para Jornalismo. Ingressei. Foi no ano conturbado de 1995, em que a Copeve, lançou o primeiro resultado, só que estava errado, eles esqueceram de computar a nota da redação. Aí, foi uma confusão imensa, na época, porque tiveram que lançar uma segunda lista de resultado, depois que todo mundo já tinha feito churrasco, todo mundo já tinha comprado tudo, todo mundo já tinha escutado no rádio, com aquela musiquinha do Pinduca, “alô, papai, alô, mamãe...”. E aí, disse: “pera aí, esquecemos de computar”. Então, muita gente que tinha zerado a redação ou tirado nota muito baixa na redação ficou de fora, né...

Nessa época que saiu o resultado, eu estava só com meu pai, em Picos, minha mãe estava em Teresina, com minhas irmãs. Então, saiu a segunda relação no jornal, e eu só fui ver no dia seguinte. Eu estava de novo aprovada, até numa colocação melhor... E me espantei muito com aquilo. Mas fiquei triste, porque minha mãe não estava, minhas irmãs não estavam.... Meu pai olhou para o resultado e disse: “Ah, bom, é isso mesmo”.

Isso é uma coisa que também carrego da minha família. Todos apostam que eu vou acertar sempre, que eu vou ser bem-sucedida em tudo... Então, eles meio que acham tudo o que eu conquisto muito normal, sabe, muito natural. É uma coisa que é engraçada na minha família, porque isso é uma coisa que não acontece sempre, ninguém acerta sempre, ninguém consegue tudo sempre. Mas, enfim...

Eu estava triste, porque não tinha ninguém lá para comemorar comigo, e aí, eu liguei para minha mãe... “Ó, estou triste. Ninguém está aqui para comemorar o vestibular comigo”. Aí, ela disse, mais uma vez: “Deixa de bobagem! Deixa de bobagem! Você precisa ser feliz e ficar satisfeita com os resultados que você alcançar, estando sozinha, estando acompanhada...”. É aquele velho discurso do “você precisa entender que, às vezes, a gente só conta com a gente mesmo”. E foi assim.

Experiências em jornalismo

Eu ingressei em Jornalismo, na Universidade Federal do Piauí, em 1996, no primeiro período. Naquele tempo, tinham duas entradas, entrei na primeira turma. Eu tinha feito no Maranhão, antes, porque o vestibular de lá era antes do da Federal daqui. Fiz Jornalismo e, também, fui aprovada lá. Mas como fui aprovada aqui, eu optei por aqui. Também nesse mesmo ano, fui aprovada em Letras Português, na Universidade Estadual do Piauí. Tentei até cursar os dois ao mesmo tempo, mas aí chocavam algumas disciplinas, o que me fez sair do que a gente chamava de grade do período lá da Federal.

Com isso, meu curso foi ficando atrasado um pouquinho, porque o sistema entendia que se você saía do bloco, era porque você não estava priorizando aquele curso ali da Federal, então, eles davam as vagas das disciplinas para quem estava no bloco, priorizava quem estava no bloco. E eu acabei atrasando um ano a minha formatura por causa disso, porque eu saí do bloco para tentar fazer Letras Português na Estadual, que acabei tendo que abandonar, porque eu vi que ia chocar sempre, sempre, então, o curso ia demorar muito mais para terminar do que se eu tivesse ficado só com Jornalismo.

Eu continuei o curso, sempre com notas muito boas, muito altas, e com aquela postura meio assim de... eu não era uma aluna que caía na farra, por a educação que recebi da minha mãe de dizer: “Não precisa tudo ser para hoje. Não precisa festa beber tudo hoje. Não precisa acabar tudo hoje...”.

Como aquelas pessoas que costumam fazer as boas descobertas da vida universitária, eu era aquele ser esquisito. Também pela condição financeira da minha família que destoava um pouco. Eu já tinha meu carro próprio, eu ia para a universidade com carro próprio. Um “Fiatzinho” que meu pai me deu.

E, depois, eu fui melhorando de carro. As pessoas não sabiam, mas eu era assim: eu estagiava e custeava uma parte do carro e meu pai custeava a outra. Aos poucos, eu fui ingressando no jornalismo, nas redações, e ganhando mais, e meu pai chegava e dizia assim: “E, agora, quanto é que você ganha?”. Eu dizia: “é tanto”. “Pois agora, você vai pagar isso e isso e isso”. Tipo assim, na metade do curso, quando eu me vi, eu estava me pagando, estava me sustentando.

Embora minha família tivesse dinheiro, tinham esses outros valores aí, que eu acho que eram muito bacanas e me fizeram ir para o autossustento financeiro muito cedo, mesmo que do lado, viesse a ideia de: “será que meu pai está querendo se livrar de mim? Meu pai está querendo se livrar de mim?”. Mas foi assim que foi.

Então, quando eu estava na universidade, eu era uma criatura também meio esquisita. Eu era extremamente devotada demais para o trabalho, eu era pouco devotada para essa parte de socialização de festas e tudo mais. Eu também não me identificava muito com o movimento estudantil, porque eu achava que tinham alguns exageros ali...

Eu fui ingressando nas redações, a partir de 1998. Eu entrei na redação e fiz uma escolha assim: “eu quero estagiar na pior redação que tem. Eu quero começar aí. Eu quero testar minha vocação de jornalista ali. E aí, eu fui para a redação do jornal Correio do Piauí. Os computadores tinham chegado há um mês. Até 1998, era na máquina de datilografia. O senhor que estava duas cadeiras ao meu lado, fumava maconha, perto de mim, enquanto ele estava redigindo, assim, em plena redação. E era um prédio horrível, não tinha carro, o salário atrasava, era o cenário das piores condições de trabalho possíveis... Mas eu fiquei mais de ano lá, testando minha vocação. Encontrei muita gente boa! Muita gente boa mesmo! encontrei muita gente que me ensinou várias coisas sobre jornalismo que eu não tinha aprendido na faculdade!

Depois, uma das pessoas com quem eu tinha trabalhado lá, jornalista Marcele Aragão, foi para o jornal Meio Norte e me levou para o Meio Norte. Primeiro, para trabalhar no jornal sensacionalista chamado Agora. Eu trabalhei no jornal sensacionalista. Eu saí do jornal menos estruturado que existia, no Piauí, para o jornal mais estruturado que existia no Piauí. Dali, eu queria sair do jornal sensacionalista e popularesco. Cheguei, um dia, abri a porta do diretor do jornal, e disse: “olha, seu Zé Osmando, quando tiver uma vaga no Meio Norte, eu quero ir para lá, porque eu tenho outras aspirações e tudo e eu quero ir para lá”.

Eu tinha feito uma matéria, que era para ser publicada no Meio Norte e o jornalista de Economia do Meio Norte faltou. Aí, eu publiquei essa matéria para a capa do jornal. O chefe de reportagem olhou para mim e disse assim, eu nunca esqueci: “Eu pensei que você só fazia cobertura de buraco”. “Não, eu posso fazer outras coisas”. E porque também minhas fontes eram dois norte-americanos. E aí, perguntaram quem é que estava na redação que podia falar inglês com eles. Eu disse: “eu posso”. Eu fui e fui fazer a matéria. Então, quando surgiu a vaga, eu fui para lá.

Depois, eu fui trabalhar em São Paulo. Entrei em assessoria de comunicação também... Trabalhei um mês em Recife, num intercâmbio com a empresa que eu trabalhava aqui... Assim que abriu o 180 Graus, eu fui chamada, aceitei o convite do Helder Eugênio por ter tido a oportunidade de criar a equipe de jornalistas que iriam fazer, de fato, pela primeira vez no Piauí, a cobertura *on-line*. Porque naquela época, a gente já tinha o Portal AZ, mas eles faziam transposição de informações do universo impresso para o universo digital, mas não coberturas

online. E aí, eu comecei com uma equipe, inclusive o Orlando Berti era um dos meus repórteres, fazendo as primeiras coberturas *on-line*.

Também na minha graduação, meu TCC foi sobre qual era o perfil profissional e as condições de trabalho do webjornalista do Piauí. O webjornalismo começava a nascer, já tinham sites estruturados, começou a Política.com, o próprio Portal AZ... Mas eu estava encerrando uma etapa de vida na graduação, e não passei por uma disciplina que fazia alusão ao webjornalismo! O webjornalismo, aqui no Brasil, já era uma realidade, com o Jornal do Brasil, saindo da TV aberta e indo exclusivamente para o universo *on-line*, no Portal Terra... Mas, minha turma passou incólume na graduação inteira. A universidade não se mobilizou para a oferta de nenhuma disciplina a respeito.

Era um outro corpo de professores, alguns ainda persistem, mas era uma outra realidade. Poucos dos nossos próprios professores tinham mestrado, poucos desenvolviam pesquisa, inclusive, nem nos estimularam a fazer pesquisa. Nós passamos por esse momento em que o curso da Federal estava tentando entender qual era o seu lugar dentro da pesquisa em comunicação no Nordeste, e no País. Então isso fez com que se refletisse dentro da nossa graduação, e só depois, quando parti para minha primeira pós-graduação, é que eu fui despertar mais para o lado da pesquisa.

Então, foi assim, eu fui trabalhar no 180 Graus e, depois, continuei também na Ícone Comunicação, e fui terminando o meu curso. Em 2001, eu terminei o meu curso. No dia 11 de agosto de 2001, eu estava, à noite, no auditório da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) para fazer minha cerimônia de colação de grau. Nesse mesmo dia, de manhã, eu tinha sido demitida do Meio Norte. Meio Norte pegou uma galera que estava se formando naquele dia, e, sem muita justificativa, porque não podia dizer nem que era por conta da formatura, nem por outros motivos... no meu caso, não foi por conta da formatura, foi outros motivos, que eu não queria nem contar aqui, mas, enfim... o diretor disse: “Sônia, você sabe...”. Eu digo: “sei, sei exatamente por que. Não precisa nem tentar mais justificar”. Mas, foi super libertador sair de lá, porque eu fui me dedicar ao projeto do 180 Graus, ao projeto da Ícone, assessoria de comunicação...

Aluna de excelentes professores

No segundo período do Curso de Jornalismo, logo em 1996, eu cursei Teoria da Comunicação I, com o professor Paulo Fernando. E o professor Paulo Fernando dava aulas muito difíceis. Foi bem no período pré-saída dele para o mestrado, depois para o doutorado, na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Ele fazia provas muito difíceis. Ele distorcia

completamente aquela nossa forma de estudar e de raciocinar que vinha do ensino médio, construída em toda uma vida escolar baseada em decoração de fórmulas, em aplicação de fórmulas e de pouco desafio mental, intelectual para os estudantes além disso. Então, ele fazia uma torção ali na gente, e foi difícil a gente entender que existiam outras formas de percepção das coisas.

As atividades que ele passava eram completamente fora da curva do que a gente já tinha feito. Um belo dia, ele passou um filme, coisa que para os tempos de hoje seria absolutamente normal, mas para aquela época, uma prática completamente diferente. Ele nos passou um livro do Mauro Wolf, clássico, de Teorias da Comunicação, e pediu para a gente estudar determinado trecho. Depois, passou para a gente um filme, que a gente tinha que alugar numa locadora qualquer... Alugamos, assistimos. E no dia da prova, ele entregou para a gente uma folha em branco e disse: “Agora, relacione o filme a essa teoria aí que foi estudada por vocês”.

A turma estranhou bastante, mas eu comecei, fiz o trabalho todo. Quando eu recebi a nota... Da turma toda, só duas pessoas tiraram nota alta, ou melhor, notas acima de sete, e a minha foi 10. Eu tenho até hoje essa prova. Ele me parabenizou e disse que sentia que um dia eu seria professora de Jornalismo. Até então, eu não tinha ideia... eu achava que ia trabalhar numa redação de jornal. Eu não tinha estagiado ainda, estava no segundo bloco, mas, ele disse isso. E aí eu disse: “ah, esse professor está viajando. Eu quero redação, eu não quero negócio de professora, eu não nasci para isso, vou fazer outra coisa na vida”.

Mas eu considero meu primeiro encontro com a docência em Jornalismo foi quando eu fui aluna. Eu fui aluna de excelentes professores, de professores extremamente comprometidos! Eu me identificava com o compromisso e a seriedade, com que, por exemplo, Gustavo Said conduzia a disciplina dele de História da Educação.

Eu me lembro que ele teve um problema num jogo de futebol, o joelho dele teve que ser operado. A cirurgia ia ser às dez horas da manhã da quarta-feira. Ele dava aula para a gente, segundas e quartas, de 8 horas da manhã às 10 horas. Pois acredite, ele só entrou na sala de cirurgia depois que a aula de quarta-feira acabou, lembro rindo... Então, aquilo me admirou demais.

Pessoas, como Paulo Fernando, me admiraram muito, pelo compromisso que eles guardavam, que eles abraçavam com o jornalismo, com aquela vaga de professor, com aquela função ali de professor. Eu fui muito mais amiga dos professores do que dos meus colegas de sala. Então, o meu primeiro encontro com a docência foi aí, foi admirando e observando os professores que me guiaram.

E, ao mesmo tempo, essa percepção e essa observação me permitia ver os outros professores que levavam a docência de uma forma bem diversa. Professores que não apareciam tanto, professores que não apareciam de jeito nenhum, professores que apareciam até pouco, mas quando apareciam davam um show que valia pelo semestre inteiro!

Isso me fez perceber o quanto que a docência era diversa, o quanto que a docência é encantadora e o quanto que a docência é desafiadora, porque, todos nós, no final das contas, temos nossos limites, mas, uma vez estando lá, naquela sala de aula, ou naquele local de aprendizagem, porque às vezes, não é uma sala de aula especificamente, mas uma redação, uma visita guiada ou fora da sala, no auditório... Aqueles professores faziam o máximo, davam o máximo de si para tornar aquela experiência significativa, aquele encontro, aquele momento significativo.

Então, minha primeira experiência como docente, eu acho que nasceu daí como sendo aluna, observando professores e observando o quanto que a docência era diversificada. É claro que a experiência vivida com o professor Paulo Fernando, lá na disciplina de Teoria da Comunicação I, me fez tanto gostar das disciplinas de teoria, que já era um contraste em relação aos demais alunos que sempre falavam do encantamento da prática, dos blocos de rádio, dos blocos de tele, dos blocos de jornal impresso. Então, eu já via que eu estava num percurso um pouco diferente mesmo, porque eu gostava mais das disciplinas e da parte mais teórica. E não achava que a teoria era oposta à prática, o que também não era um pensamento muito corrente na cabeça dos alunos ali da época.

Então, o meu encontro veio dessa experiência significativa também junto da teoria, da disciplina de Teoria da Comunicação, o professor Paulo Fernando me levando a pensar isso. Ali, ele plantou uma semente. Foi naquele contexto de gostar de Teoria da Comunicação e isso me diferenciar dos demais, foi que eu percebi o que eu gostava e, dentro do jornalismo, qual era o universo que também me atraía.

Agora, como nosso curso é espectral, para uma série de atividades, eu tinha por princípio, o seguinte: “eu vou saber um pouquinho de cada coisa”. Comunicação organizacional, eu quero saber um pouco; rádio, eu quero saber um pouco; TV, eu quero saber um pouco, até para ampliar as minhas possibilidades de mercado, de colocação no mercado.

Eu entrei também muito cedo com a mentalidade de que queria aproveitar ao máximo tudo o que estava me sendo oferecido naquele espectro para que eu não ficasse desempregada. Então, eu tinha um plano na minha cabeça de não ficar desempregada, esse era o primeiro aspecto ali. Mas a partir daquele momento em que o professor Paulo Fernando escreveu aquilo, eu coloquei a docência nesse espectro, que até então, eu não tinha colocado.

Então, eu pensei que mesmo para ser essa docente, se um dia fosse e se eu tivesse a oportunidade de ser, eu não posso, na minha opinião, entrar em sala de aula, falando de algo que eu não vivi, que eu senti na pele. Então, eu quero, sim, passar pela reportagem, sentir as agruras da reportagem, eu quero passar pela editoria, eu quero passar, se eu puder, pelo rádio, e eu quero ter uma experiência mais ampla possível para saber do que eu estou falando, quando eu estiver em sala de aula.

Os meus professores falam muito e criticam muito, às vezes, os meios, mas, quando a gente pergunta sobre as experiências deles nesses veículos, foi pouco significativa para eles, e por isso que parte esse tipo de posicionamento. Eu quero fazer algo diferente, e gostaria de dizer para os meus alunos: “não caiam em determinadas ciladas”. Mas eu só podia dizer isso, se eu tivesse passado por essas ciladas. Então, eu dava muito valor a essa figura de docente. Eu imaginei uma figura de docente, eu projetei... Se for para ser docente, eu quero ser uma docente que sabe e que passou pelas agruras todas, ou parte, né, das agruras que a profissão nos dá.

Então, quando eles percebessem que eu era uma pessoa que estava na redação também, assim como boa parte deles estava, nosso diálogo fluiria, ficaria mais fácil todas as outras atividades que eu pudesse propor na parte pedagógica... E uma coisa que me incomodava muito e me incomoda até hoje é que desde aquela época, o Sindicato dos Jornalistas não reconhece nós, professores, como profissionais de jornalismo que estão no mercado. Quando é feita a contabilidade anual, quantos jornalistas estão formados, quantos estão empregados, nós não entramos, nós, docentes, não entramos.

E um dia, até num debate há mais de dez anos, eu questionei o antigo presidente do sindicato... “E por que isso? Eu me sinto no mercado, sim, e me sinto numa parte extremamente importante nessa fatia de mercado, que é preparar os próximos jornalistas que vão ingressar no mercado”. Então, o contexto do meu encontro com a docência foi esse, eu não entrei por falta de oportunidade de trabalho, eu tinha oportunidade de trabalho, eu entrei porque eu queria!

Eu, depois de passar por assessoria de comunicação, jornalismo de redação de jornais, de portais, eu sempre sentia que tudo o que eu planejava para o jornalismo não saía exatamente como eu queria, porque a cadeia, a hierarquia profissional dos veículos fazia com que esse produto final não chegasse tal qual o que eu planejei, eu desejei.

Quando eu me vi na oportunidade de fazer um concurso e ser docente, eu vi também a chance de conseguir fazer as minhas atividades, os meus projetos, os meus planos com maior autonomia, e assim, talvez, eu conseguisse ver os resultados ali alcançados mais semelhantes ao que eu pensava antes, ao que eu planejei, coisa que eu não conseguia direito dentro das redações, porque, sabe como é, a gente começa, propõe, faz uma matéria, quando a gente vai

ver... o processo mesmo de funcionamento das redações, ocorre que a sua matéria sai, às vezes, diferente da forma que você pensou ou que você planejou. E aquilo me incomodava demais! Me incomodava muito! Não era aquilo o que eu queria dizer ao mundo!

Então, eu queria uma função, eu queria um ofício dentro do jornalismo, onde eu pudesse dizer ao mundo o que eu queria dizer, fazer a diferença no mundo, com a maior autonomia e legitimidade, sensibilizar esses alunos para os novos passos que eles vão seguir, e assim, melhorar o mundo. Eu era muito romântica, e até sou nesse ponto. Até hoje, eu sou. Eu acho que eu o jornalismo melhora o mundo! Então, como eu posso fazer para melhorar o mundo, sendo jornalista? No meu caso, é sendo professora. Pelo menos é o que eu sinto até hoje.

Professora efetiva da Uespi

Formei-me em 11 de agosto de 2001, quando foi em outubro de 2001, eu ingressei na primeira especialização lá da UFPI, que foi a especialização em Comunicação Organizacional. Essa especialização começou em outubro de 2001 e só terminou no início de 2003. E, no início de 2003, a Uespi lançou um concurso para professor efetivo. Tinham vagas para Teresina e vagas para Picos.

E aí, como eu sou de Picos, nasci em Picos e tinha uma vontade de voltar para cooperar com o desenvolvimento da minha cidade, eu disse: “eu não vou fazer para Teresina primeiro, eu vou fazer para Picos”. Eu lembro dessa frase, e ela é curiosa, porque eu não imaginava que ia ter outro concurso tão cedo, mas eu não sei por que eu falei isso. Eu disse: “eu vou fazer para Picos primeiro”.

Foi nesse contexto aí, de 2003, em que a gente estava vivendo a ascensão do governo Lula chegando aí, do governo de PT se tornando realidade para a gente... Se tornando, não, era uma realidade para a gente. O concurso já foi feito no governo de Wellington Dias, que eu ingressei na docência, pensando, planejando, mas, tentando fazer agora com que minha sala de aula fosse uma sala de aula onde eu, professora, criasse uma proximidade com meus alunos, a partir das experiências vividas, eu não queria ter distâncias tão grandes em relação a eles.

E assim, no concurso de 2002 para 2003, eu passei. Em 2003, eu assumi aí em Picos, e fiquei até o ano em que eu me casei, que foi 2006. Começou a ficar difícil viajar toda semana de Teresina para Picos, porque eu tinha uma empresa com meu marido aqui, na época, e aí isso ficava bem complicado, ficar toda hora viajando, me afastando da empresa aqui. Mas, enfim...

Fiquei em Picos de 2003 a 2006, porque em 2005 foi lançado um concurso de novo, e, dessa vez, com vagas para Picos, de novo, e para Teresina. Só que eu disse: “bom, estou casada, estou com uma empresa aqui em Teresina, agora, eu vou tentar fazer me concursar novamente

e obter esta vaga”. Como é que foi essa coisa? “Você poderia, Sônia, ter feito uma transferência?”. De modo legal, regimental, não, porque havia tanta carência de professores no interior e como eu não tinha nenhuma previsão legal, não me enquadrava em nenhum dos requisitos ou nenhuma das circunstâncias nas quais a transferência era justificada...

E, mais uma vez, aquele aspecto do meu avô, da minha mãe, da educação que recebi falando sempre mais alto nas minhas escolhas, em que eu não ia pedir a político nenhum para fazer isso... Eu não parto do julgamento de quem faça, mas não é o que eu quero para mim. Eu não sei viver com troca de favor, eu não sei estar numa coisa séria, como um posto de trabalho, a partir de trocas determinadas... Não, eu conquisto as coisas, eu vou lá e tento conquistar as coisas, porque só assim, eu me respeito mais e tenho até mais respeito pelo que eu conquisto, quando eu faço dessa forma.

Então, eu vi, eu revi o regimento, vi que isso não era possível, e decidi fazer o concurso, mais uma vez, sendo mesmo a professora mais inexperiente, a candidata mais inexperiente, sem mestrado, sem doutorado. Eu entrei numa concorrência bem cruel, com doutores, com mestres, num concurso que tinha cinco etapas...

O Orlando Berti, de novo, se tornou meu colega concorrente. E eu me lembro demais, sentada do lado dele na hora da prova de didática... Olha quem estava na banca, o Paulo Fernando, a Samanta Castelo Branco e o Achilles Costa, que tinha sido o meu técnico na disciplina de Rádio, na Federal, depois, se tornou professor.

Para minha aula didática, sorteei, foi história do jornalismo no Piauí. E aí, eu fui... Peguei textos, uns artigos do professor Alcides Nascimento... – estava tudo costurado, o Alcides Nascimento foi um grande professor meu no mestrado em História, depois – eu peguei e levei um rádio de 1972, que a minha família tinha. Ele levava dez pilhas daquelas enormes, assim, para ele funcionar.

E cheguei, e sentei lá fora, no degrauzinho da calçada, com o meu radiozinho do lado e Orlando chegou e, claro, querendo intimidar os concorrentes, como todo mundo sabe, disse: “E aí, está preparada?”. Bom, eu estava com uma roupa de manga comprida e calça para que os professores não percebessem o meu corpo tremendo, porque estava nervosa, tão nervosa que meu corpo tremia. “Eu vou vestir a blusa de manga comprida e vou de calça comprida, porque eles não vão ver o meu corpo tremer. Da pele para fora, minha voz vai estar ótima. É assim que eu vou fazer”.

E aí, vem Orlando e diz isso: “E aí, tá preparada ou vai perder também agora essa etapa, aqui?”. Aí, eu virei para ele e disse: “é melhor você se preocupar, não eu, porque que eu sou a menos titulada, assim, vai ser feio você perder para uma amadora feito eu”. Ele ficou meio...

“eita”, ele pegou e saiu. E eu fiz a aula e tudo, foi bem bacana. Aí, por isso que ingressei em 2006 no Campus Torquato Neto. Foi assim que eu cheguei. E isso, então, me coloca na Uespi há 17 anos, estou como professora há 17 anos.

Eu, agora, depois de 17 anos na Uespi, é que eu vim passar pela fase de assumir algum cargo na administração levada pela insistência ali do professor Evandro Alberto, que foi o primeiro coordenador que tive aí, em Picos, meu primeiro coordenador na vida, de Comunicação, Jornalismo. E, depois de muita insistência dele, muita, muita, muita, eu disse: “está bom, eu vou lá”.

E aí, vim assumindo, em 2019 a Assessoria Especial da vice-reitoria, ele era vice-reitor. E, depois que ele passou a ser reitor, este ano de 2021, ele me convidou para ser chefe de gabinete. E aí, desde janeiro, eu estou aqui me inteirando ainda de tudo que demanda esse cargo. Como ele é difícil, o cargo de Chefia de Gabinete! Eu não tinha noção do que fazia... Eu tenho certeza que a maior parte das pessoas não tem noção do que essa pessoa faz, aquele ser que está ali dentro daquela Chefia faz, é um trabalho bem complicado.

Investimentos na docência

Foram muitos investimentos! Você vai achar esquisito o que eu vou dizer que, inclusive, me afastar dos caminhos tradicionalmente traçados para professores foi um dos investimentos, me tornou uma professora melhor. Olha que coisa contraditória, e eu vou já explicar.

Eu investi muitas horas de estudo! Muitas horas de estudo e muitas horas de exercício de autoconhecimento, muito dinheiro para compra de livros. Eu tenho uma biblioteca, que eu me lembro que um dia, em 2008, eu trouxe meus alunos para cá. “Peguem o livro que vocês querem aí para vocês tentarem fazer o TCC de vocês”. Eles se espantaram com o tamanho da biblioteca. “Mais ou menos... Não tanto como eu queria, mas é um pouquinho grande”, falei rindo.

Eu investi muito dinheiro! Eu realmente vou na livraria, começa a dar formigão na mão assim, igual... Eu brinco muito dizendo: “tem mulher que sente isso com sapato, né, eu sinto com livros”. E eu vou para todas as prateleiras! Não adianta, eu vou para todas! Eu não vou para a prateleira de jornalismo, eu vou para todas! E, de repente, eu estou com livro de decoração, de sorologia de não sei o quê, de obstetrícia, de não sei mais o que diabos, sabe? De veterinária, de não sei o quê... E aí, eu estou com umas quatro, cinco, sei lá, daquelas daquelas cestinhas... E lá, no caixa, é que eu faço uma triagem, assim: “Gente, eu não preciso levar sobre arquitetura... artedecor dos anos... não, pera aí, também... vamos lá...”. E aí, eu tenho que fazer uma triagem...

Mas era muito comum eu levar, assim, R\$ 2 mil reais de livros de uma vez, sabe? Era assim. E era livros da área de jornalismo, das áreas em que eu estudava, que eu lecionava, e das áreas que eu não lecionava. Mas era a minha curiosidade e o meu desejo de ter ao alcance um conhecimento do qual eu pudesse lançar mão se ali fosse necessário para o meu aluno, se ele tivesse estudando “as tirinhas da Mafalda”, eu tinha aquele livro da tirinha da Mafalda. Se ele tivesse... e se eu precisasse agora de estudar um pouco sobre O Pasquim, eu tinha ali... Então, eu tinha e tenho esse material até hoje.

Eu tenho a entrevista clássica da Leila Diniz lá no Pasquim, um livro maravilhoso, A arte da entrevista, que eu comprei em São Paulo, que veio desses investimentos. Investi muito tempo nas livrarias olhando vários livros, enquanto elas eram físicas e, também, virtuais, eu faço isso muito, até hoje, invisto muito dinheiro nisso também...

Foi investimento emocional muito grande! Não sou uma professora que acha que arrasa, eu não sou uma professora que acha que nasci para isso, que estou pronta, que sou uma professora amadurecida... Eu não acho que eu sou a melhor do mundo, muito pelo contrário, eu sou uma professora muito angustiada! Eu sempre acho que ainda tenho que mudar tanto, subir tantos degraus para ser uma boa professora, ser uma professora melhor, que eu não paro.

Sempre entro numa sala com muitas angústias. Sempre estou preparando aulas com muitas angústias, entrevistando pessoas, conversando com meus alunos, fazendo projetos, propondo ideias, então, sempre com angústia aqui paira sobre mim, pensando: “esse é o melhor que eu devo fazer agora? É pertinente para o momento? Essa proposta é adequada para esse grupo de alunos?”.

Muito investimento emocional, sabe, para saber se aquela proposta, aquela ideia é pertinente, boa para o momento e para aquele determinado aluno, se eu estou respeitando as condições dele, de aprendizagem dele e as condições cognitivas dele... Eu não posso perder de vista que sou professora, antes de qualquer coisa, e ser professora, antes de qualquer coisa, é perceber o aluno na sua complexidade, as suas capacidades e limitações, porque sem isso, a gente não o faz avançar.

O ser professora de jornalismo não é só ensinar o pertinente ao jornalismo. De nada vai valer o que pertence ao jornalismo sendo lançado ali naquela mente, se você não perceber antes em que condições está aquele aluno. Então, eu avanço no estudo de jornalismo, se eu não perceber o aluno antes como aluno. Isso que penso.

Invisto muito nisso! Investi em livros, investi na percepção como professora, tentei estudar muito sobre docência e aprendizagem e investi muito! Aí, como eu disse, das coisas que eu precisei me afastar do tradicional... Eu terminei meu mestrado e disse: “está na hora de

formar minha família”. Então, eu não fui para o caminho tradicional, de: pega o mestrado, cai no doutorado. É o que a maior parte das pessoas costuma fazer. As trajetórias são meio diferentes.

Quanto aos investimentos em formação institucionalizada, eu vou dizer. Eu me graduei em Jornalismo, na verdade, em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, e preciso dizer isso hoje, porque, nas nossas habilitações foram renomeadas, ressignificadas, de 2014 para cá... Então, eu me graduei em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, lá na Universidade Federal do Piauí. Na Universidade Federal do Piauí, um mês e meio depois da minha graduação, da minha colação de grau, eu ingressei na especialização, então, pós-graduação *lato sensu*, em Comunicação Organizacional.

Acabou essa, começou um Curso de Fundamentos Científicos da Comunicação também lá na Federal, organizado pelo professor Gustavo Said. Nesse curso, a gente pode aprender a epistemologia da comunicação, fundamentos semióticos da comunicação... Foi muito bom essa parte de ampliar a nossa solidez teórica, na sala de aula! Foi muito bom! Inclusive, foi nessa oportunidade que fui aluna do saudoso Ciro Marcondes Filho, que nos deixou recentemente...

E logo depois que acabou esse Curso de Fundamentos Científicos, foi-se abrindo uma outra especialização, que foi a especialização em Comunicação e Linguagens, que ingressei, justamente por ser um campo da comunicação em que eu pouco sabia. E eu tenho essa história de “não sei? Vou lá tentar aprender”, falo rindo mesmo... “É no que eu sou fraca? Então, vou lá tentar aprender”. Inclusive, eu estive agora no Endis, com o Airton Cerqueira num minicurso dele... Olha só, gente... eu estudar discurso, olha que caso... Então, eu fui lá e disse: “eu estou aqui, porque eu não sei nada”. Então, resumindo... Disse: “Sônia, qual o teu interesse no curso?”. “Porque eu não sei nada. Então, prazer, estou aqui para aprender”.

Então, fiz a especialização em Comunicação e Linguagens, onde vi muito de análise de discurso das mais diferentes vertentes. A russa, análise de discurso francesa... enfim... Semiótica, Semiologia... foi muito do que a gente estudou, durante mais de um ano e pouco. Eu estava terminando essa especialização, quando fui aprovada no mestrado, também na Federal. Então, tive que optar, não dava para fazer os dois, obviamente. Entrei no de História do Brasil, fiquei lá até 2010. Então, publiquei os livros a partir dali, continuei as histórias... minhas pesquisas em história do jornalismo até onde deu... Esses foram os investimentos institucionais. E, agora, eu sigo, tentando a seleção no doutorado.

Uma coisa que foi muito importante para minha formação, é importante para minha formação, acredite, não, de nenhuma instituição *stricto sensu*, *lato sensu*, que eu já passei, foi quando eu fui chamada como professora para está numa escola, aqui do Estado, aqui em

Teresina, e uma menina chamada Camila me ouviu falar sobre o que é ser jornalista, o que precisava, quanto ganhava, aquela coisa toda... e como eu vi outras pessoas, outros profissionais... médico, dentista... tinha até uma motorista de ônibus, tinha todo mundo, foi bem rica essa experiência... Ela ouviu todo mundo e, no final, virou para mim, pegou o microfone e virou para mim e disse: “Eu quero que todo mundo fale, mas eu quero começar por você, professora Sônia, por você. Me diga, sinceramente, o que é que o jornalismo melhora o mundo? A senhora que diz que é formada em Jornalismo e que é professora de jornalismo... Jornalismo melhora o mundo em que?”.

Eu esperei, assim, cinco segundos, e comecei a bater palmas para essa menina, que aos 15 anos, estava com uma pergunta certa na cabeça, antes de escolher uma profissão, que é em que que esse profissional pode melhorar o mundo, não era de dinheiro... e a gente aqui na mesa falando de dinheiro, sabe, o que é que esse profissional... o que é que faz, mas ela estava pensando em algo maior que é melhorar o mundo. Então, essa pergunta que Camila me fez há mais de seis anos atrás, ela nunca saiu da minha cabeça.

E, lhe digo, passei por graduação, passei por três pós-graduações *lato sensu*, passei por uma pós-graduação *stricto sensu*, e nunca, em momento nenhum, uma pessoa tinha me perguntado isso. Foi uma menina de 16 anos, que me perguntou isso. Mas acho que todo professor podia receber uma pergunta de uma Camila dessa cada vez que ele vai planejar o semestre seguinte, cada vez que ele vai pensar num artigo. “Isso aqui vai melhorar o mundo em que? Isso aqui vai melhorar o meu aluno em que, se eu apresentar esse conteúdo programático, se eu trazer essa bibliografia complementar ou obrigatória, se eu trazer esse livro, se eu trazer essa poesia, se eu colocar isso ou aquilo? A minha conduta, a minha prática pedagógica, ela vai melhorar em que, se eu fizer isso, vai melhorar o mundo em que?”.

Essa pergunta é uma pergunta que hoje faz parte da minha formação, sim, e que está constantemente buzinando no meu ouvido e não veio de uma instituição, mas eu acho ela extremamente pertinente.

Uma professora completamente diferente

Quando eu passei no mestrado de História do Brasil, eu passei no mestrado de Educação, ao mesmo tempo, eu fiz os dois ao mesmo tempo, passei nos dois ao mesmo tempo, inclusive o de Educação, eu passei em primeiro lugar, e o de Educação, eu ia fazer na área de história do jornalismo também, inclusive a entrevista foi feita pela Amparo Ferro... Ela ficou super curiosa

com o projeto que eu lancei, mas eu acabei desenvolvendo esse projeto lá no Curso de História mesmo.

Então, eu acabei em 2010. O meu primeiro casamento tinha se encerrado, estava em outro relacionamento, e disse: “tá na hora de formar uma família”. Enfim, fui formar minha família e muito rapidamente, sem muito esperar, acabei engravidando. Aí, eu tive que dar aquele tempo, e disse: “não vou me submeter ao processo de exame de doutorado grávida. Deixa ter a bebê que passa. Levar uma gravidez, a primeira gravidez já é nervosa, e levar com o peso de uma seleção, vai ser muito para a bebê... Acho que vai ser muito estressante, vou deixar passar”.

E aí, passei a gravidez, tivemos a Nina. A Nina Eduarda hoje vai fazer nove anos... E, quando ela fez um ano, eu disse: “vou respirar aqui, e vou para minha seleção de doutorado”. Aí, vem a vida e ó, faz “pah” com você, né... Então, a vida veio e me entregou uma menina autista, que, há nove anos, já se sabia muito, mas nem de longe sabia o que se sabe hoje. O autismo... Então, foi um choque, você receber uma pessoa... Você que fala muito, que se comunica muito, que vive disso, você receber uma filha que não fala, cujo maior traço e característica é justamente a dificuldade de interação social e a dificuldade de comunicação verbal.

E aí, eu fui parar para cuidar de mim, porque sem cuidar de mim e do meu marido para a gente segurar a barra, não cuidaria dela. Precisou de alguns anos para eu ressignificar, entender o que era o autismo e, principalmente, entender tudo o que essa menina estava tentando me ensinar. O que é que essa menina, essa trajetória de vida atravessando a minha trajetória veio para me mostrar.

Hoje 100% dos meus alunos dizem que eu sou uma pessoa, uma professora com-ple-tamente diferente, justamente, porque me afastei das trajetórias tradicionais que envolvem a formação de um professor. Fui entender um pouco mais de ser humano, de gente, e passei a questionar, depois da Nina, as trajetórias perfeitas, o tanto que se coloca socialmente, se impõe socialmente determinadas trajetórias fixas com ideias de docência bem-sucedida, e que quem não vai por essas trajetórias, é um docente mal-sucedido, é um docente não confiável, é um docente não tão legal, melhor você procurar outras fontes a ele...

Eu passei por tudo isso! Eu passei por tudo isso, pelo questionamento de todas essas ideias das ditas trajetórias bem-sucedidas de professores do ensino superior. Porque a Nina veio para me mostrar o que era um conceito diferente de felicidade, um conceito diferente de sucesso. Veio me mostrar que a máxima frase usada demais, como “falar é fácil”, não é! não é tão fácil! Falar é a atividade cerebral humana mais difícil que existe.

Passei a dar valor, inclusive às trajetórias acidentadas de professores e professoras que precisam passar por toda sorte de problemas na vida para conseguir se manter sendo professores, sendo professoras. Então, a Nina veio me mostrar que a gente, às vezes, precisa.... às vezes, não! Sempre, precisa se desenvolver como pessoa melhor para ser uma professora melhor, para ser um professor melhor.

Você precisa relativizar esses conceitos de sucesso e de felicidade... Existem professores que acreditam que todos os seus alunos precisam fazer mestrado e doutorado, precisam seguir nesse caminho para serem chamados de jornalistas bem-sucedidos. Quando a Nina chegou nas minhas mãos, eu percebi que não podemos fixar sucessos, conceitos de sucesso nas trajetórias de vida, nem mesmo nas nossas.

Eu percebi, nós, professores, muitas vezes, sendo encaixotados por um sofrimento acadêmico, por essas certezas colocadas e construídas por nossos pares, como se fosse a única forma de ser feliz e ser um bom professor. E não é! Então, a minha formação é muita questionada pela minha Nina, pela existência da minha Nina.

Em 2017, eu engravidei novamente, quando eu também estava preparando para retomar as turbinas... “Agora, eu vou fazer a seleção, porque agora a gente entende o que é TEA, já criamos um esquema para lidar com isso, vamos lá”. “Tá”. Engravidado. Aí, o que acontece? Três, quatro semanas depois... seis semanas depois da descoberta da gravidez, eu perdi o bebê... Dia 13 de junho de 2017, perdi o bebê.

Quando perdi o bebê, passei seis meses meio tentando entender um pouco tudo aquilo. Quando me preparava para..., “não, agora, vou... 2018, vou passar a me dedicar para o meu doutorado”. O que acontece? Engravidado de novo! Conto e riu. Descubro que estou grávida de novo. Eu disse: “meu Deus, mas o que acontece? Toda vez que eu tento sentar aqui, agora vou me dedicar a isso, acontece uma coisa dessa”.

Aí, no dia 13 de junho de 2018, um ano depois que eu perdi o bebê, estava na mesma sala de parto, no mesmo hospital, na mesma cidade, com a mesma equipe, dessa vez não para tirar um bebê morto, mas para parir um bebê vivo, o Benjamim... E aí, eu disse: “pronto, passou seis meses, nasceu o Benjamim, agora eu vou engatar no doutorado”.

E aí, o que acontece? A neuropediatra da Nina e a equipe toda chama e diz: “Calma. Irmão de um autista tem 50% de chance a mais de ter TEA e você precisa esperar, no mínimo, dois anos e meio para fechar o protocolo dele para você saber se dá para ir, se não dá... porque, ele não tem nenhum sinal até agora, mas é a obrigação nossa”. No Brasil, na verdade, eles costumam fechar os protocolos até mais tarde, é porque a minha equipe e a equipe que atende

a Nina aplicam os protocolos norte-americanos, que começam com seis meses e terminam com dois anos e seis meses.

Então, tentando contrariar tudo isso, eu fui me preparando para voltar para os estudos doutorais, me coloquei na seleção de História, do doutorado esse ano, do ano passado para cá, contrariando mesmo já a equipe, e fui aprovada. Não passei entre os dez, não consegui uma vaga, mas cheguei a ser aprovada. Eu já achei, assim, incrível, porque diante de tudo isso... Então, mesmo com esses percalços, que foram as gravidezes, não vou nem chamar de percalço, porque todo tempo que eu investi para a Nina, não me arrependo nem um pouco, porque eu me tornei uma pessoa melhor, uma professora melhor, conseqüentemente.

E, depois do nascimento do Benjamim, que foi tentar entender o que é ser mãe de uma criatura que não tem TEA, e que, portanto, tem outras possibilidades de aprendizagem, me tornou uma pessoa melhor e me encorajou a fazer essa seleção... Impressionante! Eu fiquei impressionada, porque passei, sabe, ainda consegui passar, fiquei muito impressionada! E aí, agora, sim, com dois anos e sete meses, a gente vai fechar o protocolo esse mês, e aí, este ano, eu vou ver se eu consigo retomar.

Então, é um investimento pessoal, é um investimento de autoconhecimento, é um investimento financeiro, é um investimento de tempo, é um investimento emocional. Emocional, porque a responsabilidade dentro da sala de aula como professor, ela não é só uma responsabilidade pequena, você precisa ir além desses discursos que dizem que ensinamos o mundo, que aprendemos muito com nossos alunos, porque, geralmente, esse discurso para aí.

Quantas vezes nós escutamos dos nossos professores ou colegas de sala, colegas de docência dizendo assim: “Aprendo muito com os meus alunos”? Escutamos muito, mas quantas dizem, de fato, o que aprendeu? O que aprendeu? Você aprende muito com seu aluno? Perfeito. Mas o que aprendeu?

Quantas vezes nós questionamos essas certezas e essas fórmulas bem definidinhas de sucesso docente? Quantas vezes nós questionamos, quantas vezes nós sofremos sozinhos esse adoecimento acadêmico, e não compartilhamos com nossos colegas docentes, com medo de parecer fraco ou com medo de nossa pequenez diante de um sistema que cobra, que cobra publicação, cobra, cobra, cobra insanamente, não importa se você faz coisas éticas ou não, troca o título de um artigo e publica de novo... Quantas vezes nós questionamos isso? Pouquíssimas vezes, porque muitas vezes nos sentimos fracos e desolados para isso...

Nós não questionamos e nem discutimos a respeito de todo sofrimento acadêmico que vem junto com a docência. Mas eu acho que está na hora da gente admitir que é preciso solapar essas certezas, é preciso despertar trajetórias diferenciadas de vida, porque essas trajetórias, elas

não necessariamente significam fracassos, mas, muitas vezes, ressignificações do ofício docente, e exercer jornalismo na docência.

O que é que é exercer jornalismo na docência? É diferente. É diferente do que era a dez anos atrás. É preciso a gente pensar... e quando eu penso em formação, eu sempre venho também com uma ideia na cabeça... É preciso ouvir seu aluno e, na fala e no olhar do seu aluno a seu respeito, você descobrir o docente que você é. Você vai descobrir o docente que você é na fala do seu aluno, não na fala do seu colega, que muitas vezes te vê só como um concorrente, mas na fala do seu aluno, no olhar do seu aluno, ao dizer o que ele quer aprender, o que ele quer estudar, o que ele não entendeu, como é que é a vida dele... Naquela fala daquele aluno está muito do que você precisa fazer e investir na sua formação docente. Então, se permitir isso, se conhecer como docente a partir do olhar do seu aluno.

Fiquei na docência e dividindo esses dramas familiares aí, que vieram depois da gravidez, com a Nina e tudo mais, e vim desenvolvendo pesquisas... Eu desenvolvo pesquisas na área de história do jornalismo, história e gênero... E a gente vem desenvolvendo Pibic dessa forma, e publicando sempre que dá...

Agora mesmo eu vou publicar com as meninas do terceiro bloco um livro na área de história do jornalismo, que foram perfis profissionais que a gente fez com jornalistas vivos... E aí, a gente reunindo para fazer esse livro, eu estava tentando com quem eles significassem o que eles estavam fazendo, e eles disseram: “Ah, é um livro, vai ser bom porque é um livro”. E eu disse: “não é só um livro. Vocês estão trazendo perfis de jornalistas vivos que significa algo estranho a nossa profissão, que é olhar o outro vivo e valorizar o trabalho do outro enquanto ele está vivo. Vocês notam que a nossa classe é muito desunida? E nossa classe ainda não se reconhece ainda em vida, infelizmente? Então, esse é um exercício que eu estou fazendo com vocês de torção de comportamento, de uma quebra de comportamento...”, um péssimo comportamento, né, vou dizer que eu acho. E aí, eles entrevistaram uma professora, eles entrevistaram um radialista, eles entrevistaram um jornalista esportivo, enfim... E aí, a gente vai publicar livros assim.

Eu sou apaixonada por essa área da história do jornalismo, de história em geral... Mas também faço coisas em outras áreas, o que me leva a pecha, viu – recebi do professor Orlando essa pecha de “professora holística”. “Tem nada, não. Perfeito”, riu. O trabalho que apresentei lá na Semana de Comunicação de Picos é dessa parte que o Orlando me chama de holística. Disse: “tem problema, não”.

O que eu acho importante para a minha formação também é me permitir atuar numa determinada área de pesquisa ou do jornalismo, que me acho capaz de melhorar. Então, é na

área do jornalismo é minha preferência? Sim. Nesse momento aqui, acho que meu olhar pesquisando sobre a série “Um vírus e duas guerras”, como foi o caso, num trabalho que apresentei com a Vitória Pilar, na área de gênero, tecnologia, mídia independente, inovação da linguagem jornalística, no caso da mídia independente... Posso fazer algo, posso trazer um olhar que vai contribuir com alguma coisa? Não me furto.

Essa é uma outra rebeldia acadêmica ou docente da Sônia. E acho que é importante para minha formação. Isso traz uma multiplicidade de olhar para mim e mostra como posso... e me leva ao caminho de que ser jornalista é fazer mesmo vários caminhos, se for o caso, se eu achar que isso melhora alguma coisa para alguém, eu não me furto disso. E acho isso muito importante para minha formação.

Eu não quero colocar esteiras ao lado dos meus olhos, como professora. Eu quero estar sensível e atenta aos temas que estão palpitando para os demais, porque serei professora de muitos! Se Deus quiser, serei professora de muitos ainda! Muitos, com muitos desejos, com muitas curiosidades diferentes, com muitos olhares diferentes... Então, eu não me fecho para as coisas.

Mas, às vezes, acho que o Orlando tem razão ao ponto de dizer assim: “calma, tenta focar aqui um pouquinho mais para não poder...”. Mas é o meu desejo e o meu compromisso de ser uma docente mais múltipla possível, que me faz levar a adotar esse comportamento de holística, pondero rindo.

Eu consigo perceber, hoje, que eu consigo inspirar os alunos para a prática da pesquisa, coisa que não existia na minha época de graduação, os professores não traziam para a sala de aula essa realidade a ponto de inspirar o aluno para que ele também fizesse. E eu não sabia quando tinha Pibic dentro da UFPI, quando estava aberto um edital... a gente nem sabia disso, como cadastrar um projeto de pesquisa, que a gente podia publicar com um professor, que a gente podia publicar em algum jornal, alguma revista, alguma coisa desse tipo...

Então, essas formações todas, elas, hoje, institucionalizadas ou não, elas hoje contribuem na minha prática, porque hoje eu levo nas minhas falas, eu levo nos desafios que coloco dentro dos planos de disciplina mesmo, no conteúdo programático, eu coloco a pesquisa, eu coloco a extensão, eu coloco a aprendizagem... o consumo de livros, não só o consumo tradicional, mas um consumo bem dialogado com o material que eu levo como inspiração para que esses alunos produzam em extensão, produzam em pesquisa, produzam nas suas disciplinas... Vamos lá! Vamos passar na cidade, adquirir a competência.

Então, essas formações todas, institucionais ou não, na minha opinião, elas contribuíram muito para que eu pudesse ser uma professora que percebesse o aluno não só como um

consumidor de uma disciplina que ele vai passar para botar um tijolinho naquele muro e depois conseguir a graduação dele.

Foram formações que me indicaram que eu preciso ver o ser humano e que, quando eu proponho alguma coisa numa disciplina, por exemplo, eu proponho tendo que antes, que no momento da proposta, perceber esse aluno nas condições de fazer aquilo. Ele tem condições de fazer aquilo? Eu terei que adaptar essas propostas?

Deixa te dar um exemplo prático de como essas formações influenciam no meu fazer... Eu ministrei recentemente uma disciplina chamada História do Jornalismo. É uma disciplina que ministrei antes da pandemia, então, recentemente, não é nem do ponto de vista cronológico, do ponto de vista pedagógico do nosso calendário. Essa disciplina, eu coloquei prova escrita e essa prova escrita eu imprimi, apresentei para eles no formato de um jornal oitocentista. E eles tinham que escrever cerca de duas páginas, ou seja, uma prática completamente fora do que eles estavam programados ou acostumados. Eles estão acostumados a digitar. Eles não tinham uma relação com a escrita de punho, que é um investimento intelectual diferente, do que quando a gente faz investimento de escrita e de narração no computador. É completamente diferente. Então, eu já os desconfortei aí.

Depois, eu fiz um conteúdo programático que incluía a divisão de grupos para produção de perfis, entrevistas de perfis que depois virariam o livro. Antes disso, eles foram desafiados a fazer radionovela, uns vídeos sobre a história da revista no Brasil, outros tinham que fazer uma revista impressa sobre isso e aquilo... aspectos de censura do jornalismo... e eu fui pedindo para serem abordados de forma diferente. Pequenos filmes sobre a história do cinema, pequenos filmes sobre a história do jornal...

E aí, o que acontece é que eu usei essas linguagens às quais eles estão acostumados e algumas que eles não estão acostumados para alternarem entre zona de conforto e zona de desconforto no desenvolvimento de competências diferenciadas. Quem lia meu plano, inclusive uma aluna, que é filha de um professor, que leu e disse assim: “gente, quanta coisa para fazer nessa disciplina! Essa professora, ou ela é muito doida ou ela sabe muito bem o que ela está fazendo, porque dar conta disso aqui, numa turma de 43 alunos... eita!”.

Mas o que foi que eu fiz para poder conseguir isso? Eu fui pesquisar com os meus outros colegas docentes que tipo de turma era aquela, qual era o perfil dessa turma, de onde os alunos tinham vindo, se trabalhavam, se não trabalhavam, quais eram suas capacidades apresentadas até o momento, o que não significam que eles não terão outras capacidades, quais eram as limitações que eles tinham até o momento, que não significa que não sejam limitações possíveis de se romper...

Isso é algo que o professor precisa sempre está lembrando e nunca esquecer que isso faz parte do aspecto de formação: não podemos criar julgamentos cristalizados em cima de nossos alunos. O que eles apresentaram de potencial até aqui não significam que é o seu máximo, sempre é possível avançar mais. E as limitações apresentadas podem sempre ser superadas, mas precisam ser conhecidas previamente, tanto uma coisa quanto outra. Então, não são sentenças que estabilizam o aluno em determinados enquadramentos. Ponto. Faça seu aluno romper essas limitações, conhecendo um pouco deles.

Então, eu coloquei, sem medo nenhum, esse tipo de plano de aula, com conteúdo programático extremamente extenso! Enorme! Envolveria, inclusive, conhecimento um pouco da história do jornalismo no Piauí, por isso a entrevista com perfis. Eram sempre jornalistas que tinham, pelo menos, 30 anos de carreira, mas estavam vivos, lúcidos, capazes de fazer aquelas entrevistas e responder a esses alunos, que estavam ingressando agora, o que era ser jornalista naquele momento, naquele contexto histórico e social. Esse foi o objetivo ali do livro.

Então, não tinha como alcançar... imagina se eu fosse alcançar uma geração de 140 caracteres... e as pessoas acham que isso é ruim, quando dizem assim: “meus alunos são os alunos da geração 140 caracteres”. E precisa ser necessariamente tão ruim assim, gente? Não precisa ser! Mas eu tive que pensar: “como é que eu vou trabalhar com uma turma de 44 alunos, todos nativos digitais – eu não sou, né, tenho 43 anos – com um conteúdo extremamente vasto para ele não ser chato e conseguir dar conta? Se ele não conseguir dar conta, a disciplina não alcança o objetivo, e eles não vão conseguir alcançar a competência necessária.

E aí foi essa foi a proposta. Eles foram para o Arquivo Público, eles pesquisaram alguns fatos memoráveis, e eu só dava a data e dizia: “o que que tem na primeira página do jornal, que você vai encontrar no arquivo público com essa data aqui?”. E eles conheceram o que era arquivo público, eles não sabiam o que era arquivo público, eles não sabiam, por exemplo, que o jornal de 1950 era com uma configuração na margem de impressão completamente diferente da de hoje. Se não fosse uma prática como essa...

Então, essas formações todas que eu citei, me ajudaram a pensar que disciplinas complexas como essa precisam ser muito bem planejadas para que elas alcancem o objetivo, que é tornar aquele conhecimento significativo para aquele aluno, por mais diferente que ele seja, por mais complicado que ele esteja. Entender qual é a situação que está a turma, quem são essas pessoas previamente, se você puder, no caso, eu pude, e propor algo que seja desafiador, mas algo que seja possível, porque se ali for impossível para você, imagina para o restante do curso... Essas formações me ensinaram isso, a como estudar o meu aluno, como perceber o

momento em que estou, com quem eu estou e o que eu posso desenvolver com ele. É assim que eu acho que eu posso fazer meu melhor.

Duas histórias se encontram

A minha história se encontra com a minha história de professora de jornalismo se encontra com a história do jornalismo aqui no Piauí, em geral, eu acredito, no momento que o Piauí..., não, eu vou falar Picos e Teresina, porque tenho essas duas experiências ricas, eu não quero deixar nenhuma delas de fora... em que a Uespi tentava se firmar como uma instituição de ensino superior provedora de um curso superior de Jornalismo que pudesse fazer diferença, que pudesse ser respeitado.

Minha trajetória entra numa época em que nós estávamos formando o quadro docente que era totalmente qualificado em jornalismo, o que na Uespi isso não acontecia. Ainda em 2006, eu vi ingressar aqui, uma turma falando de algumas disciplinas que cursaram com professores de áreas absolutamente estranhas. Em Picos, isso também aconteceu, por simples falta de professor. Então, a minha história ela se encontra com a história do ensino de jornalismo lá na Estadual, numa época em que a Estadual se transformava, se modificava e empreendia reforços nesse sentido de criar corpo de professores que fossem qualificados em jornalismo.

E recebendo esses professores graduados em Jornalismo, especializados em jornalismo, pudesse permitir que esses professores se qualificassem ainda mais em formações *stricto sensu*. Então, é bem aí que nós dois, essas duas histórias se encontram e se casaram mesmo, porque era um desejo meu e dos outros colegas também que entraram, como se provou a partir daí.

Dezessete anos depois é o que a história comprovou, era a gente com vontade de fazer um Curso de Jornalismo, mesmo com todas as dificuldades possíveis, mas a gente entrando com vontade de compor um quadro que tivesse formação em jornalismo e que partisse para uma formação cada vez melhor, porque isso iria, com certeza, refletir na qualidade de ensino que nós estávamos ofertando, e na melhoria de nós mesmos, na melhoria de nós mesmos, na qualidade do jornalismo que a gente oferece para a sociedade.

Nós estávamos buscando a nossa identidade. Todos, a maior parte, formados ali na UFPI, mas buscando construir uma identidade uespiana. Qual a identidade da Uespi, do Curso de Jornalismo? Embora muita gente diga que até hoje, nós não tenhamos uma identidade ainda, eu digo a você que, sobre essa questão identitária, na verdade, eu vejo uma enorme vantagem: a possibilidade de construir a identidade que a gente desejar.

Eu me encontro ainda, minha história se encontra nessa época em que o curso, em que a instituição estava desejosa de formar jornalistas, sim, um curso respeitado e respeitado a partir

da congregação de docentes formados em Jornalismo, que tivesse formação em Jornalismo, e dispostos a ampliar sua formação, qualificar-se a partir dali. E foi o que de fato aconteceu. Então, muitos ingressaram ali, com títulos de especialistas, alguns sem experiência de ensino superior ainda, mas, no nosso curso, cem por cento dos professores já não estão como estavam quando entraram.

Então, a formação foi algo extremamente importante colocado ali, que atravessou a minha trajetória, atravessou a trajetória de professores colocados ali. Posso dizer que se casou, as duas trajetórias, as duas coisas, a minha vida como professora, como docente, e o curso.

A minha história é uma história, que eu gosto de dizer, baseada em critérios muito, muito pessoais. Eu não sei, até porque é uma coisa que a gente não discute entre nós, é uma coisa que eu me recinto – eu não sei se os sentimentos que eu tenho são apenas meus, porque a gente não discute muito...

Precisamos nos acolher

Então, algumas coisas que penso a respeito da formação de professores de jornalismo, da história do Curso de Jornalismo é que nós, professores, poderíamos discutir mais sobre docência, sobre o fazer docente em jornalismo! São duas coisas importantíssimas! E nem sempre elas se sobrepõem.

Às vezes, a gente quer tanto ensinar jornalismo, jornalismo, jornalismo, que a gente esquece que para ensinar jornalismo é preciso a gente refletir sobre o ensinar e o aprender, antes de qualquer coisa. E aí fica um investimento não só nos estudos, nas pesquisas e produção de saber e de conhecimento troca de ideias sobre o que está fazendo aí, o que está vivendo e sofrendo em jornalismo. Mas inclui o tentar entender a situação que os outros colegas estão passando, inclui discutir docência, inclui discutir os sofrimentos acadêmicos, inclui discutir ideias cristalizadas de sucesso, inclui respeito às trajetórias diferenciadas, inclui conhecer o que o outro está fazendo.

Desculpa a crítica, mas eu coloco aqui. Muitos de nós não sabemos o que o colega do lado está fazendo. E, muitas vezes, a falta de respeito vem daí. Eu não respeito o que eu não conheço. Muitas vezes, nós recebemos muito respeito dos nossos alunos, porque nossos alunos sabem o que estamos fazendo. Mas nós nos fechamos em casinhas acadêmicas, em gavetas acadêmicas, e no Curso de Jornalismo, cuja base é a comunicação social, nós não nos comunicamos.

Muitas vezes, nós até produzimos muito! Muita pesquisa! Fazemos muita extensão! Levamos a níveis outros, aquelas pesquisas já realizadas sobre isso, sobre isso e sobre aquilo.

Produzimos uma proeminência nacional digna de nota. No entanto, nós não dividimos com o colega do lado, ou nós não nos interessamos pelo colega do lado, e muito menos sabemos nos comunicar todo esse saber científico que a gente construiu. Não sabemos. Muitas vezes, nos fechamos mesmo. Não sabemos como produzir ou como comunicar aquilo que aprendemos para nossa sala do lado.

Veja só, eu tenho muita vontade de fazer projeto de extensão, por exemplo, com as três professoras que estão retornando agora do doutorado para dizer assim: “mostre para os alunos, mostre pra comunidade tal o que foi que você construiu no doutorado”. Nós não falamos... Às vezes, não retornamos nem para o nosso aluno também.

Então, o que me incomoda, às vezes, é essa solidão acadêmica. Há uma solidão acadêmica, há um sofrimento acadêmico, há uma competição insana, há um estabelecimento de conceitos de felicidade e de sucesso acadêmico, que, se você for observar, só respaldam ainda mais a questão da solidão e do sofrimento acadêmico... E acho que a gente poderia crescer se a gente discutisse isso mais.

E acho que a nossa formação precisa ser vista bem além dos parâmetros institucionais, mas é uma formação humanística. Nosso curso é um curso humanista, nossa vida e nossa formação como professor é baseada na máxima de que nos acreditamos no ser humano, nós investimos no ser humano, se não nós não seríamos professores. Se nós professores não investíssemos em nós mesmos, como é que a gente vai investir no ser humano, nos outros que são nossos alunos? Ensinar uma coisa aos nossos alunos que você não pratica com o seu colega do lado.

Então, nós, docentes, precisamos mesmo nos acolher, não é só nos unir, mas nos acolher, não só unir discursos, mas nos acolher, acolher nas nossas dificuldades, acolher nas nossas necessidades, acolher nas nossas súplicas, nas nossas solidões, nas nossas fraquezas, nas nossas limitações... Aprender é passar por isso, e ensinar também é passar por isso, é por acolher.

Como eu sou professora das disciplinas de pesquisa, então... por exemplo, na nossa última defesa, eu passei um e-mail para o curso de Picos convidando que fosse colocada na ata do colegiado de vocês esse convite expresso para participar, porque a gente já estava fazendo, muito antes da pandemia acontecer, defesas remotas.

Então, a professora doutora do Curso de Letras Cristiane Pinheiro foi convidada para o trabalho da Geyse. Era um livro-reportagem sobre a questão do suicídio na Assembleia de Deus, porque ela é assembleiana, e aconteceu, assim, tipo, três suicídios num espaço de menos de um ano, e aquilo chamou atenção e ela foi fazer um livro-reportagem sobre. E aí, a professora

participou e eu fiquei, entre aspas, um pouco triste, porque uma professora da UFPI nos responde, e fica essa lacuna com o curso de Picos.

Porque eu vim daí, eu sinto muita vontade, muita vontade, de a gente fazer projeto de extensão junto, da gente participar das defesas uns dos outros, sabe, em TCC-JOR, vem TCC-JOR I, agora, e vem TCC-JOR II, mas TCC-JOR I já tem a possibilidade das bancas de qualificação, coisa que, por mim, já traria vocês logo para cá. Nós somos a mesma instituição, os cursos têm as suas especificidades, mas a gente só teria a crescer, a crescer mesmo, se a gente unir forças, inclusive em projetos.

Eu só vi até agora Orlando conseguir romper isso, porque ele teve a oportunidade de lecionar de novo aí, e eu, não, né, mas eu sempre sou... E agora, vou confessar a você que, muitas vezes, o silêncio... – e eu não estou falando que o silêncio foi só de Picos, não, o silêncio é aqui também. Olha, quando eu coloco isso na reunião de Colegiado, que aí, eu vejo cabeças balançando, hum rum, e a coisa para aí, isso me dói, me dói, porque as pessoas estão se lançando num espaço de solidão por conta própria, sem saber que o olhar do outro é muito importante.

Vamos parar de botar essas coisas só nos discursos, vamos fazer. É difícil? É! A gente esbarra, muitas vezes, na falta de crença, não é nem na falta de vontade, na falta de crença de que isso vai trazer alguma coisa positiva, mas vai...